

CARLOS ALBERTO MARTINS DE OLIVEIRA

**ATITUDES E COMPORTAMENTOS RELIGIOSOS DOS PORTUGUESES
NA ACTUALIDADE**

VOLUME 2

**Dissertação de doutoramento
em Sociologia (Sociologia da Religião)**

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de Sociologia**

1995

**ATITUDES E COMPORTAMENTOS RELIGIOSOS DOS PORTUGUESES
NA ACTUALIDADE**

VOLUME 2



78042

**Dissertação de doutoramento
em Sociologia (Sociologia da Religião)**

II PARTE

O CONTEXTO SOCIAL DA RELIGIÃO

1. As variáveis do contexto social da religião

As variáveis consideradas indicadores de base do tecido social em que a religião — tema e objecto global do estudo — se desenvolve, abrangem aspectos diversos, relacionados, uns mais com as características dos indivíduos, outros, com a sua participação em algumas colectividade em que a vida decorre.¹ Tais variáveis podem, *a priori*, classificar-se do seguinte modo:

- sócio-demográficas: sexo, idade, estado civil;
- sócio-culturais: grau de instrução;
- sócio-familiares: situação no lar, dimensão do lar e status sócio-económico familiar;²
- sócio-económicas e profissionais: sector de actividade económica;³
- sócio-políticas: preferência político-partidária;
- sócio-geográficas ou ecológicas: região⁴ e dimensão do habitat.

1 As variáveis (sexo, idade, região e dimensão do habitat) serviram também de critério para a selecção da amostra. A fonte de todas é o Inquérito realizado à população do território continental português (cf. Anexo 1 - *Notas sobre a Sondagem de Opinião*, p. 11-17).

2 O status sócio-económico familiar foi medido pela profissão e grau de instrução do chefe de família dos respondentes, segundo o critério utilizado pela empresa que se encarregou da realização das entrevistas e gravação dos dados. As profissões foram agrupadas em 5 conjuntos: 1 - Quadros superiores da administração pública e privada; 2 - Quadros médios da administração pública e privada; 3 - Empregados do sector público e privado; 4 - Operários especializados e semi-especializados; 5 - Trabalhadores não qualificados. Aos não activos foi-lhes atribuída, para medir o status, o código da última profissão exercida. A instrução foi medida na seguinte escala: 1 - Licenciatura e Curso Médio; 2 - 12º ano (antigo 7º ano); 3 - 9º ano (antigo 5º ano); 4 - Escolaridade obrigatória completa; 5 - Escolaridade obrigatória incompleta ou nula. Para determinar o status somaram-se os códigos da profissão e instrução, sendo considerado alto, médio alto, médio superior, médio inferior e baixo, conforme a pontuação era respectivamente 2, 3 ou 4, 5 ou 6, 7 ou 8, 9 ou 10.

3 A partir do registo das profissões da variável original (VC6), classificámos os indivíduos conforme a sua actividade nos sectores de actividade económica, optando por especificar os não-activos em categorias sociais com características homogéneas: estudantes; domésticas; reformados; desempregados.

4 A variável região tem por base a divisão de Portugal continental em agrupamentos de dioceses. Estes agrupamentos foram estabelecido conforme a proximidade geográfica e comportamento distinto do ponto de vista da prática religiosa que estudos anteriores revelaram, conforme é descrito no Anexo I, em "*Notas sobre a Sondagem de Opinião*", p. 13-15. Nesta análise e nas subsequentes, porém, dada a contiguidade geográfica, a Diocese de Leiria-Fátima foi integrada na região Centro-Litoral.

De forma mais sintética, dir-se-á que as diversas variáveis são indicadores dos ambientes sociais gerais (região e dimensão do habitat); dos meios familiares e do seu posicionamento na escala social (situação no lar, dimensão do lar e status sócio-económico familiar); dos meios económico-profissionais; dos indivíduos (sexo, idade, estado civil, grau de instrução e preferência partidária). Estas últimas servem simultaneamente para, no seu todo, caracterizar os diversos meios sociais, de que são, ao mesmo tempo, causa e efeito. No presente estudo, denominaremos este conjunto de variáveis como 'Contexto Social da Religião' ou, simplesmente, 'contexto'.

O problema está em saber como se articulam todas as características ou modalidades das variáveis e procurar ver se, subjacente, não existirá um certo número de factores que revelem uma estrutura básica em que aquelas estão relacionadas. Se tal acontecer, poder-se-á afirmar que se deu uma simplificação dos dados, mas se conseguiu também uma melhor visão da realidade social, já que os factos sociais, só por razões analíticas, são separáveis uns dos outros. Embora se perca em informação mais detalhada e parcelar, ganha-se em interpretação e mais facilmente nos podemos situar numa perspectiva holística.

A classificação subsequente fará luz sobre a realidade, clarificando-a e permitindo encontrar diversos grupos de indivíduos ou, numa linguagem mais precisa, categorias sociais, ou seja, conjuntos de indivíduos cujas características semelhantes os aproximam e são importantes do ponto de vista social. Ver-se-á como tais categorias se posicionam face à religião, sabendo que, fundadas na observação da realidade, constituem também o que Weber designa por 'tipos ideais'.

Dado o nível de medição das variáveis (todas qualitativas) e a matriz de dados de partida, os métodos estatísticos mais adequados aos objectivos propostos parecem ser a análise de correspondências múltiplas e a classificação automática.⁵

O peso (frequências absolutas), não ponderado⁶, das variáveis activas e de cada uma das suas modalidades⁷ é o que se observa⁸ no Quadro 1 do Anexo II (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 31-32).

2. Análise de Correspondências Múltiplas

Primeiro apresentamos os resultados globais, depois definiremos cada factor e analisaremos os planos factoriais mais importantes.⁹ Procederemos da mesma forma, em todos os capítulos em que utilizamos esta técnica.

5 A exposição das técnicas e da terminologia utilizada é apresentada no Anexo II, em "Notas sobre a Análise de Dados", p. 2-30.

6 Os valores ponderados por sexo, idade, região e dimensão do habitat, uma vez que a amostra foi proporcional a tais variáveis, não revelaram distorções significativas que justificassem a ponderação na Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). Cf. Anexo I em "Estatísticas básicas dos resultados da sondagem (valores ponderados)".

7 Após diversas tentativas, optámos pela utilização das profissões apenas segundo o sector de actividade económica, dada a classificação inicial das profissões que nos foi fornecida. Considerámos como variável suplementar a 'Preferência político-partidária', uma vez que uma percentagem elevada de respondentes se recusou a mencionar, de forma explícita, a sua preferência. Como noutros estudos este indicador se tem revelado importante para o estudo da relação entre política e religião, tentaremos, noutra situação, aproveitar a informação recolhida para compreender essa relação. Por razões de homogeneidade procedemos também a uma recodificação da informação inicial, nomeadamente quanto às variáveis 'dimensão do lar' e 'dimensão do habitat', reduzindo o seu número de modalidades ou categorias.

8 O facto de indicarmos toda a informação, quer no texto, quer em anexo, deve-se ao facto de se tratar de um trabalho académico e, como tal, quem o analisa poder dispor facilmente dos elementos que lhe proporcionem a confirmação da leitura interpretativa que fazemos da informação assim tratada.

9 Procedimentos do SPAD-N: CORMU - Para as 10 variáveis activas (de 78 a 87) de contexto (ou de estatuto) e 1 ilustrativa (Preferência político-partidária - 89), foram calculados todos os eixos, de que se editaram 10 (NAXED=10), gravados no ficheiro 'ngus'. A ventilação foi de 1.2% (PCMIN=1.2), para que pudessem ser tidas em conta todas as modalidades, já que algumas têm uma pequena frequência. DEFAC - Para os 15 primeiros eixos, foi editada a ordenação por valores-teste (LTRI=2), para uma saída de 20% (SEUIL=20.0), superiores a 2 desvios-padrão (VTMIN=2.0).

2.1. Resultados globais

Os primeiros vinte valores próprios¹⁰, percentagem de inércia e histograma são os que se observam no quadro 11.

Quadro 11 - Valores próprios, percentagem de inércia e histograma do 'contexto'

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT. INÉRCIA	PERCENT. ACUMULADA
1	0.3541	9.57	9.57
2	0.2450	6.62	16.19
3	0.2340	6.32	22.52
4	0.2070	5.60	28.11
5	0.1584	4.28	32.39
6	0.1401	3.79	36.18
7	0.1363	3.68	39.87
8	0.1328	3.59	43.46
9	0.1278	3.45	46.91
10	0.1230	3.32	50.23
11	0.1173	3.17	53.40
12	0.1110	3.00	56.40
13	0.1041	2.81	59.22
14	0.1022	2.76	61.98
15	0.0999	2.70	64.68
16	0.0948	2.56	67.24
17	0.0939	2.54	69.78
18	0.0915	2.47	72.25
19	0.0893	2.41	74.66
20	0.0859	2.32	76.98

Para uma soma total de 3.7, há 14 factores cujo valor próprio está acima da média 0.1 e que, portanto, teoricamente, seriam de considerar.

O valor próprio do 1º factor (.3541) revela, segundo a tabela de Cibois¹¹, que há uma boa ligação entre as questões.

Da observação dos valores próprios e do desenho do histograma pode concluir-se que os primeiros 5 eixos são os mais importantes, não sendo de excluir a hipótese de especificações fornecidas por outros

Os valores das coordenadas, contribuições absolutas e relativas das variáveis dos primeiros cinco eixos, para fundamentar a definição dos factores e a utilização que deles faremos são os que transcrevem no Quadro 2 do Anexo II (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*), p 32-33.¹²

¹⁰ Para o conjunto de 10 variáveis activas com 47 modalidades o número total de factores é de 37.

¹¹ Cf. Philippe CIBOIS, *L'Analyse des données en sociologie*, Paris, P.U.F., 1984, p. 121. Cf. também a sua transcrição no Anexo II - *Notas sobre a Análise de Dados*, p.20.

¹² Do eixo 6 que tentaremos definir apresentaremos apenas um resumo.

O valor médio das ca¹³ das variáveis é de 10.0, e o de cada uma das suas modalidades de 2.1. Numa análise muito genérica, pode afirmar-se que, consideradas apenas as ca das variáveis, a estrutura da população assenta mais em características de ordem sócio-individual e económica do que numa matriz geográfica e demograficamente distinta, a não ser em aspectos parcelares. Não é de estranhar que tal aconteça uma vez que, no modelo, não consideramos outras variáveis dessa natureza. De qualquer modo, pode inferir-se que os fenómenos de ordem geracional (idade e estado civil), mas também os culturais (grau de instrução) e económicos (sector de actividade e status sócio-económico familiar) têm uma influência mais forte.

Concluiremos, portanto, que os colectivos sociais são mais relevantes do ponto de vista das características intrínsecas dos seus elementos do que do espaço geográfico em que se inserem e que os contextualizam. Por outras palavras, diremos que a heterogeneidade regional é um fenómeno mais secundário, face ao tecido sócio-cultural global que a harmoniza. Conhecidas que são, do ponto de vista religioso, diferenças regionais, levanta-se a hipótese de, verificando-se tais diferenças também no estudo que fazemos, se poderem compreender melhor numa perspectiva diacrónica do que sincrónica. Assim, não bastará para a explicação apenas um código de leitura estático. Este terá que ser completado pelo enquadramento histórico.

13 ca = contribuição absoluta.

2.2. Caracterização e definição dos factores¹⁴

2.2.1. Factor 1

As variáveis que definem o primeiro factor são: idade, grau de instrução, situação no lar, estado civil e sector de actividade, cuja soma das *ca* é de 86.5% conforme se observa no Quadro 3 e Gráfico 2 do Anexo II (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p.34-35), perfazendo as modalidades, com *ca* acima da média, 86.5% da variância do factor.

A idade opõe as gerações mais jovens (até aos 39 anos) às mais velhas (com mais de 40 anos), sobretudo, a dicotomia jovens/terceira idade. Tal oposição é acompanhada pela distinção entre solteiros e casados (mas, sobretudo, viúvos), isto é, pela oposição entre os que ainda não fizeram a experiência da constituição de um lar (são filhos/filhas) dos que a têm. Interessante é notar o que as modalidades das variáveis instrução e sector de actividade vêm indiciar. A um grau de instrução mais elevado opõe-se a ausência (analfabetos) ou um tempo reduzido de permanência no sistema escolar (instrução primária). Este fenómeno que, em Portugal como noutros países, é hoje, porventura, apenas conjuntural, pelo menos na forma como se verifica, é acompanhado, globalmente, por uma posição na estrutura económica que, pondo em relevo a oposição entre estudantes e donas de

14 Para cada eixo transcreve-se um quadro com os valores-teste. Esta medida ordena as modalidades mais 'significativas', isto é, as que têm um desvio-padrão mais elevado relativamente à média da variável normalizada. Os valores-teste (cf. p. 19 do Anexo II - *Notas sobre a Análise de Dados*) seguem a ordenação das contribuições relativas (*cr*) das modalidades, independentemente das variáveis a que pertençam, indicando quanto um eixo se dá conta dessas modalidades ou, por outras palavras, a qualidade de representação. No entanto, não deixam de reflectir de algum modo, a partir, deste primeiro valor de ordenação, o das *ca* de cada modalidade. A zona central do quadro separa as modalidades com maior relevância em cada extremidade de um eixo. Nos gráficos ficam indicadas e ordenadas as modalidades segundo o critério das *ca*.

casa, coloca, no lado dos primeiros, ainda que de forma algo esbatida, os sectores da economia menos tradicionais e activos (secundário e terciário) e, dos segundos, os menos activos (reformados) e mais tradicionais (sector primário).

Assim sendo, poder-se-á dizer que o primeiro eixo evidencia as características dos indivíduos. Estrutura-as em duas etapas em que o casamento é o fenómeno marcante, mas, simultaneamente, coloca-as também num quadro de gerações distintas pelo grau de instrução e por, em certa medida, ser indicador das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade portuguesa na transição para uma sociedade de tipo mais moderno.

Concluiremos que este primeiro e mais relevante factor reflecte o ciclo de vida individual e familiar, revestido das formas sócio-culturais que caracterizam as gerações, e que, como já dissemos anteriormente, é comum a toda a sociedade. Deste modo, denominamos o 1º factor como o do ciclo da vida sócio-individual e das gerações.

2.2.2. Factor 2

Com excepção do sexo, que também não contribui para definir o primeiro factor, todas as restantes variáveis têm parte na definição do segundo. O gráfico ilustra as ca das modalidades acima da média cujo total é 88.9%. Cf. Quadro 4 e Gráfico 3 do Anexo II (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 35-36).

O segundo factor coloca a ênfase na participação económica, opondo, genericamente, as profissões relacionadas com o sector terciário contra as do sector

primário e secundário, bem como os não activos. A idade enquadra essa participação, tal como o estado civil e situação no lar. Em parte, o mesmo acontece quanto ao grau de instrução. Com efeito, a participação no sector terciário sublinha, neste eixo, uma relação mais estreita com as idades activas, sobretudo entre os 40 e 54 anos. Daí não ser de estranhar que se relacione também com o ser-se casado e chefe de família. As outras formas de participação económica, principalmente no sector primário, ou de não participação activa, relacionam-se, respectivamente, com os idosos e viúvos, os mais jovens e solteiros. Considerando estes aspectos, poderá dizer-se que o percurso da vida dos indivíduos é balizado pela participação activa ou não na vida económica, com dois ciclos a que se associam, respectivamente, o tempo da vida adulta, e as idades extremas: os jovens e idosos.

Mas, para a definição deste eixo, contribuem ainda as variáveis região e dimensão do habitat que opõem a região de Lisboa e Santarém e os habitats de grande volume demográfico, às restantes regiões, especialmente ao Norte interior e aos habitats mais pequenos (sobretudo os de menos de 500 habitantes), tal como a variável status sócio-económico familiar, contrapõe os estratos mais elevados aos mais baixos.

Relacionando todas estas modalidades, o segundo factor revela uma estrutura que contrasta um polo 'moderno', 'desenvolvido' e 'urbano' a outro mais 'tradicional', menos 'desenvolvido' e 'rural' de que é indicador o sector de actividade económica e a que se associam, de modo genérico, graus diversos de acesso à cultura através da instrução e um status familiar mais ou menos privilegiado. Diremos, assim, que o segundo factor fornece um enquadramento sócio-ecológico ao ciclo de vida individual.

Concluindo, podemos afirmar que o 2º factor revela uma estrutura de meios sócio-culturais e ecológicos, expressando um *continuum* que vai do mais 'moderno' ao mais 'tradicional', isto é, de quadros sócio-culturais ou padrões de vida conforme o ciclo de vida dos indivíduos. Se tal ciclo, no primeiro factor, tinha como fronteira o casamento, neste é polarizado pela participação activa na vida económica, sobretudo no sector terciário.

2.2.3. Factor 3

Neste, como aliás acontecia nos factores anteriores, o sexo tem uma contribuição nula. Quer isto significar que, genericamente, o ser homem ou mulher não diferencia o ciclo de vida e das gerações, nem os quadros sócio-culturais em que aquele decorre. As outras variáveis do 'contexto', porém, contribuem todas, umas mais do que outras, conforme se pode confirmar pelas ca. Com efeito, as modalidades mais relevantes (cf. Quadro 5 e Gráfico 4, Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 36-37) relacionam-se com as características dos indivíduos e a sua situação familiar interligadas a contextos geo-demográficos diversificados. As variáveis com ca acima da média perfazem 75.8% da variação do eixo e as modalidades 81.8%.

Fica evidenciado um ciclo de vida marcado, sobretudo, pela velhice (70 e mais anos), mas cuja fronteira se antecipa, ainda que de forma menos clara, para o conjunto etário anterior (55-69 anos). Esta etapa da vida caracteriza-se pelo isolamento familiar (viúvo, lar de 1 pessoa) e pela inactividade económica

(reformado), mais típica dos grandes centros urbanos e das regiões a sul do Tejo (sobretudo Lisboa e Santarém). O polo oposto desta estrutura realça a integração familiar (casado, dona de casa) que ocorre num meio sócio-demográfico de dimensões reduzidas e entre os estratos sociais mais desfavorecidos.

Dir-se-á, sendo assim, que há, na população, uma outra estrutura, posto que menos diferenciadora e abrangente que a verificada nos eixos anteriores, indicadora de uma escala de isolamento/integração social cujos pólos são característicos de dois momentos da vida e de contextos de maior ou menor densidade demográfica, contrastando o anonimato, próprio de um estilo de vida mais urbano, com o interconhecimento próximo, mais típico dos meios rurais e dos estratos baixos. Estes dois estilos de vida servem de enquadramento ao percurso temporal da vida dos indivíduos.

Neste sentido, o terceiro factor revela uma estrutura baseada em duas etapas da vida (a vida adulta e a velhice) marcada por estilos de vida caracterizados por relações sociais mais ou menos intensas, isto é, por uma maior ou menor integração na vida social em geral e na familiar em particular.

2.2.4. Factor 4

Três variáveis são suficientes para definir o factor 4: sexo, situação no lar e sector de actividade económica, sendo o somatório das suas ca de 83.9%, embora algumas modalidades de outras variáveis contribuam também para a sua definição, numa percentagem de 87.2, as que têm uma contribuição igual ou superior à média (cf. Quadro 6 e Gráfico 5 Anexo II - *Resultados de Base da Análise de*

Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião, p. 37-38).

O quarto factor estrutura dois modelos: o ser homem e o ser mulher, na vida familiar e na actividade económica. O homem é chefe de família e tem um papel economicamente activo; a mulher é dona de casa e o seu papel na economia é mais passivo. Estes dois modelos são fundamentalmente típicos, respectivamente, dos pequenos meios rurais e das famílias dos estratos sociais mais elevados. Pode daqui inferir-se que a estrutura de base e mais comum da sociedade portuguesa, quanto à relação homem/mulher, assenta num modelo tradicional, o que não exclui que, para lá desta relação modal, não possa haver outras.

Atendendo à ordem dos factores, pode afirmar-se ainda que esta estrutura tem uma influência menor, ou seja, é menos discriminante que as anteriores.

Concluindo, diremos que o quarto factor é um índice da relação homem/mulher, principalmente, no seio da família, mas também no aspecto profissional.

Sendo certo que a mulher portuguesa, regra geral, desempenha, no lar, um papel diferente do homem¹⁵ e verificando-se a importância da socialização religiosa familiar, esta terá que ser, de algum modo, condicionada por ele e, simultaneamente, condicionante dos comportamentos religiosos.

¹⁵ Se a informação, tal como a recolhemos, nos força a esta conclusão, ela não parece ser abusiva do que acontece pela observação que se faz da realidade das famílias portuguesas onde a mulher casada, tradicionalmente, desempenha um papel subalterno face ao homem.

2.2.5. Factor 5

O eixo 5 é definido, sobretudo, por duas variáveis: instrução e status sócio-económico familiar, cuja soma das ca é de 75.8%, o que nos leva a concluir que as outras variáveis são pouco relevantes e que o factor é independente delas.

Como se pode observar no Quadro 7 e Gráfico 6 do Anexo II (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 38-39), este factor opõe os que têm uma instrução superior e pertencem a famílias do estrato alto/médio alto, aos que têm um grau médio de instrução (9º ano de escolaridade ou antigo 5º ano liceal) e cujo estrato familiar é o médio/superior. Tendo em conta que o status foi medido, relativamente ao chefe de família, pelo seu grau de instrução e profissão, e que o grau de instrução a que nos referimos é o do respondente, pode concluir-se que, nos estratos referidos, os filhos têm, regra geral, o mesmo nível de instrução dos pais.

A distinção entre estes dois pólos faz-se também pela dimensão familiar mais numerosa (5 e mais pessoas) ou nuclear em sentido estrito (3 pessoas). Estamos em presença de dois tipos de famílias, sendo o primeiro mais característico da região Norte interior e dos que estão ligados ao sector primário, também distintos em dois meios sócio-demográficos de pequena dimensão (menos de 500 e entre 2000 e 9999 habitantes).

Especificação de padrões culturais e familiares próprios de subcontextos ecológicos, o quinto factor tem uma relevância menor relativamente aos anteriores e assume um carácter restrito a uma franja da população.

Poder-se-á defini-lo como o que um índice de posicionamento sócio-cultural dos estratos mais favorecidos da população (alto e médio superior).

2.2.6. Factor 6

O eixo 6 é definido, globalmente, não por variáveis que medem características individuais, mas, principalmente, colectivas: status sócio-económico familiar, dimensão do lar, região, dimensão do habitat, sector de actividade. A somas dos valores das *ca* das variáveis é de 85% e das modalidades mais relevantes de 80.2%. (Cf. Quadro 8 e Gráfico 7 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 39-40).

O factor 6 opõe as famílias dos estratos médio superior e baixo que se caracterizam, respectivamente, por uma maior ou menor dimensão familiar (5 pessoas vs 2 pessoas) e cujos membros se dedicam a actividades relacionadas mais com a agricultura ou a pequena indústria. O contexto ecológico desta estrutura é mais típico do Norte demograficamente rarefeito e do sul das localidades pequenas.

Tal como no eixo anterior trata-se de uma sub-estrutura que distingue dois meios sociais restritos: o Norte mais abastado e o sul mais pobre; o rural e o urbano de pequena dimensão.

O sexto factor define um índice de posicionamento social e cultural que distingue dois estratos sociais: o médio superior e baixo, em meios geograficamente distintos.

Tal como o eixo anterior, o eixo 6 capta uma sub-estrutura e, portanto, é uma especificação de subconjunto mais restrito da população.

2.3. Os planos factoriais

Após termos definido seis eixos, a leitura dos planos factoriais, tendo por base a visualização gráfica da relação entre as modalidades, permite-nos completar o que já deixámos dito.

2.3.1. Plano 1/2

Mais importante que todos os outros, o primeiro plano factorial relaciona, principalmente, duas dimensões: o tempo e o espaço, o percurso de vida dos indivíduos e das gerações contextualizado pelos meios sócio-económico e sócio-ecológico.

Conforme se pode observar no gráfico 3, três variáveis — idade, estado civil e situação no lar - agrupam-se na forma como se posicionam em paralelo no eixo 1, sugerindo um percurso comum à vida individual: em novo é-se solteiro e vive-se na dependência paterna; na idade adulta, exerce-se uma profissão, constitui-se família e assume-se a responsabilidade de um lar; na velhice, a própria vida familiar se vai desfazendo. Mas, a estas variáveis, junta-se, em certa medida, o grau de instrução e a participação no ciclo económico, caracterizando não só a vida dos indivíduos, mas também as gerações.

Ao longo do eixo 2, posicionam-se as três formas de participação activa na vida económica, o status familiar e, em certa medida, a divisão regional e modos de

vida mais urbanos ou rurais de que é indicador a dimensão do habitat. Acresce ainda a distinção entre os 'muito' e os 'nada' instruídos'. Tal sugere que o segundo factor é revelador de um tecido social diversificado por quadros sócio-culturais de intensidade diversa de oposição entre o 'moderno' e o 'tradicional', o mais 'urbano' e o mais 'rural'.

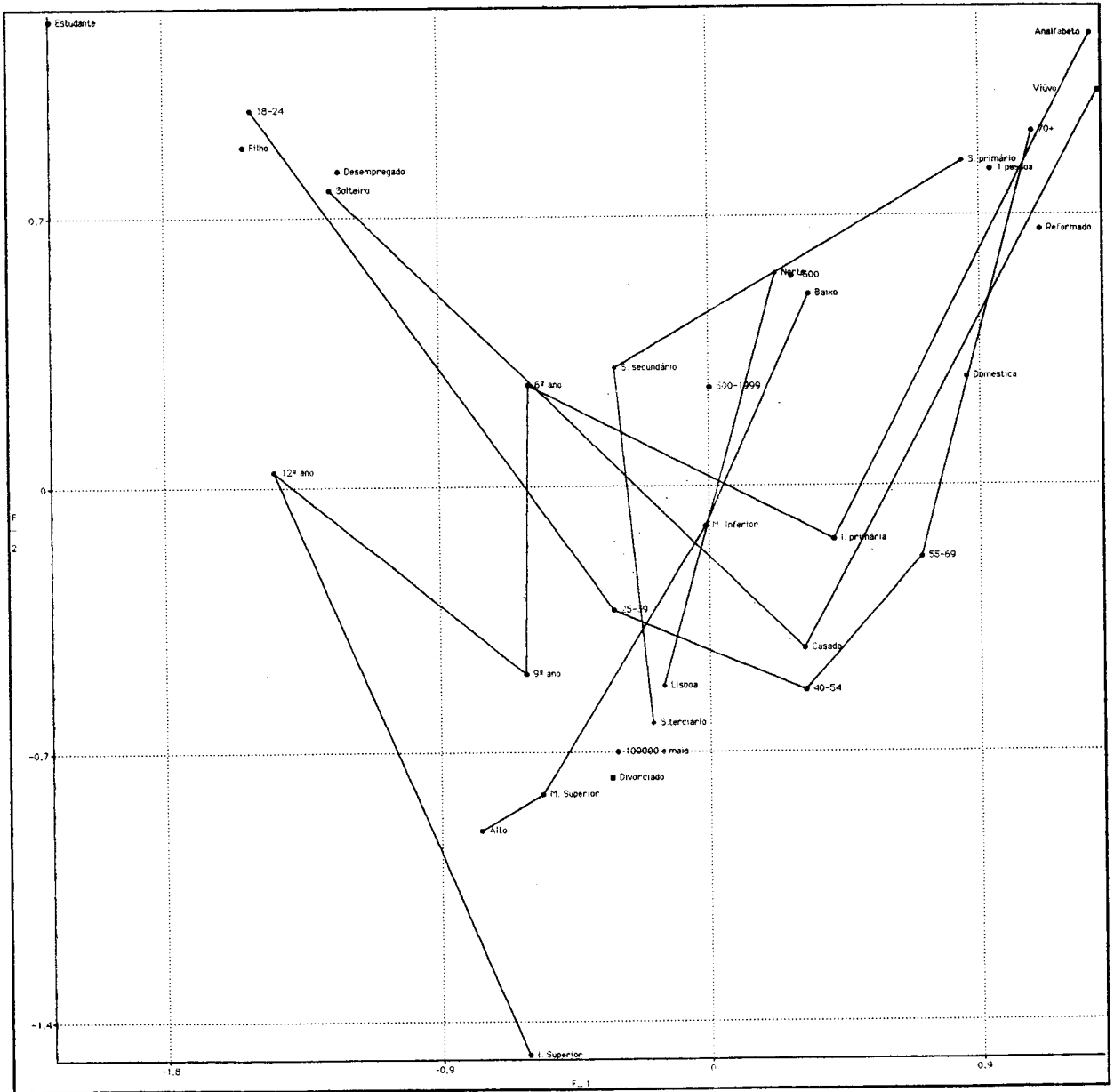
O quadrante superior esquerdo do gráfico distingue os jovens como categoria social específica das demais, oposta, principalmente, à dos velhos, no quadrante superior direito, ainda que similar quanto à não participação activa na vida económica. Os jovens, globalmente, constituem uma categoria distinta, com padrões de vida próprios, independentes do meio social e regional em que se situem ou do estrato social a que pertençam. Por outro lado, com a geração mais velha, 'nada' ou 'pouco' instruída, é símbolo de uma ligação mais próxima ao viver tradicional: tende a viver em localidades de muito pequena dimensão e estar ligada ao sector primário, sobretudo, no Norte do país.

Atendendo à parte inferior do gráfico, dir-se-á que ela reflecte a tendência para modelos de vida menos tradicionais, que passam pela participação em actividades económicas ligadas ao sector terciário e por um contexto de vida de maior densidade demográfica. Em maior ou menor grau, a vida adulta tem este enquadramento.

Concluindo, diremos que o primeiro plano relacionando o tempo e o espaço, põe em evidência que os modelos de vida são mais condicionados por fenómenos geracionais do que pelas estruturas sócio-ecológicas. Isto mesmo é confirmado, considerando as contribuições relativas das modalidades mais características deste plano (cf. Quadro 2, Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências*

Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião, p. 33-34). O que o plano melhor explica são, de facto, as modalidades que opõem os mais novos aos mais velhos.

Gráfico 3 - Plano 1/2 - 'contexto'

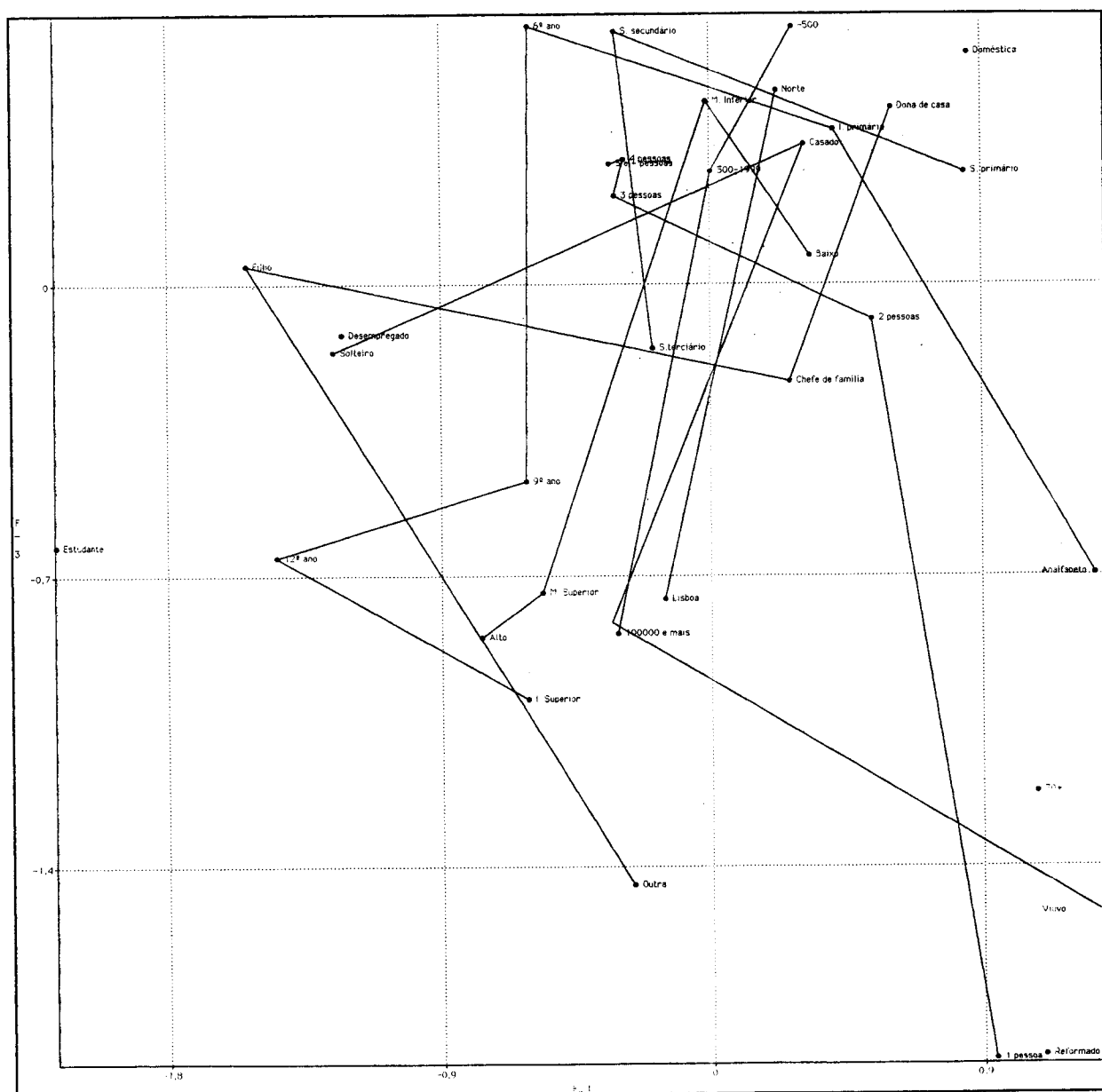


2.3.2. Plano 1/3

O plano 1/3, permite comparar o ciclo das gerações (factor 1) com o fenómeno da integração/desintegração social (factor 3), conforme se pode observar no gráfico

4.

Gráfico 4 - Plano 1/3 - 'contexto'



Com efeito, o quadrante inferior direito do gráfico, evidencia como os mais idosos, viúvos, reformados, vivendo em lares de uma única pessoa, tipificam uma situação de desintegração sócio-familiar. É clara também a oposição entre 'outra situação no lar' e o ser 'doméstica', e mais esbatida a dos grandes centros urbanos aos pequenos. Pelo contrário, a parte superior do gráfico, evidencia as modalidades da integração familiar e um meio social em que as relações sociais são mais próximas, situando-se aí as gerações adultas (25-54 anos). Os mais novos parecem escapar a esta estrutura.

Poder-se-á dizer, sendo assim, que, entre os adultos, há uma primeira fase polarizada pela família e uma segunda pela desagregação desta. Simultaneamente, meios ecológicos e culturais diversos, acompanham indiciam graus diversos de formas de relação social mais próximas ou mais afastadas.

As contribuições relativas das modalidades (cf. Quadro 2, Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 33-34). mostram como o plano reflecte melhor o fenómeno que designamos por desintegração social.

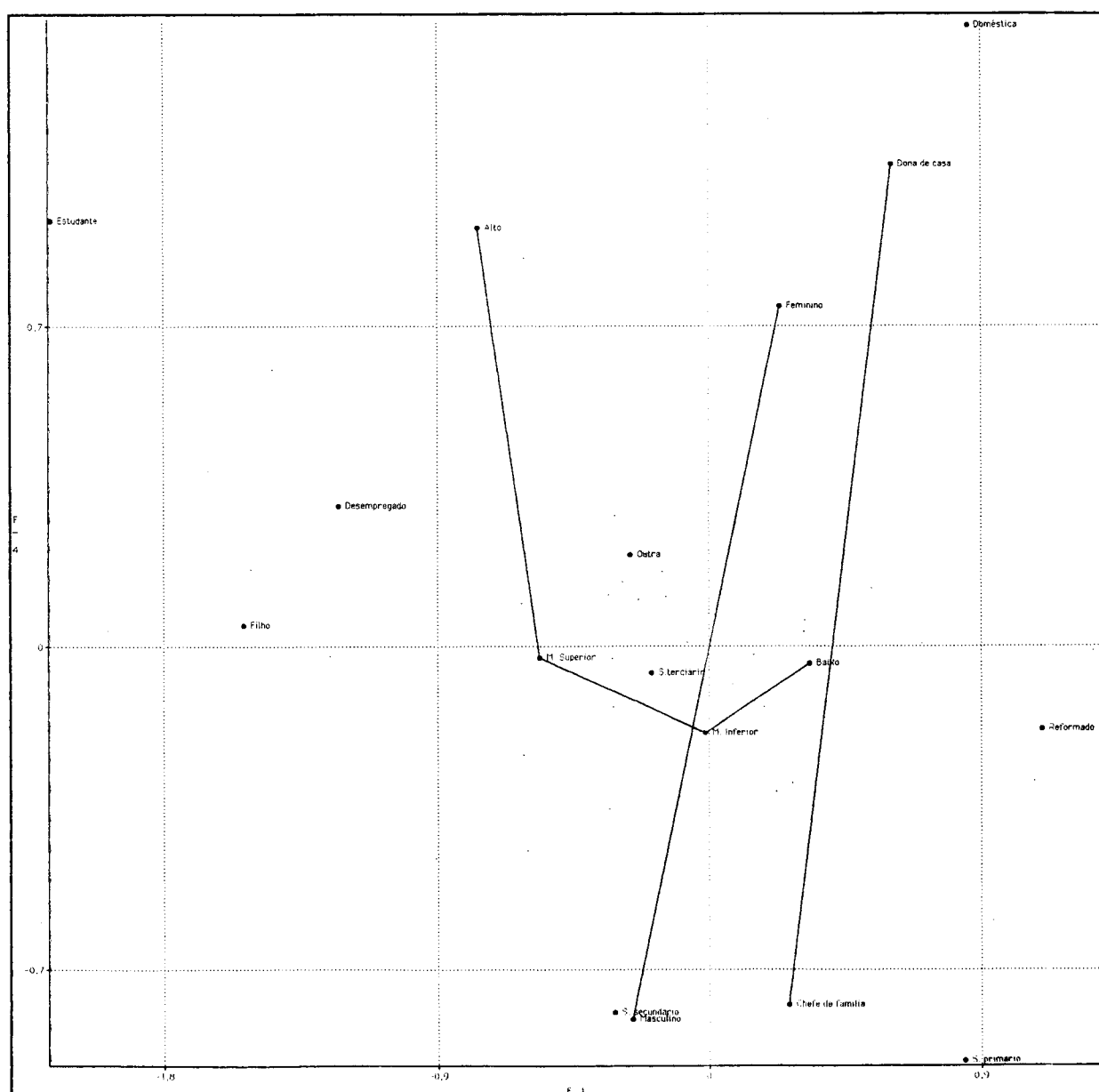
2.3.3. Plano 1/4

O plano 1/4, mostra que, independentemente das idades jovem e idosa, situadas em oposição nos quadrantes superior esquerdo e inferior direito do gráfico 5, há uma estrutura de relação entre os papéis da mulher e do homem. O da mulher é mais evidente entre os estratos mais elevados e o do homem nos que têm profissões relacionadas com o sector primário e secundário da economia. A mulher é dona de casa e sem papel economicamente activo, o homem é o chefe de família. (A

observação que fizemos do plano 2/4 confirma que estes traços não se têm modificado e são independentes de um viver mais ou menos 'moderno').

As contribuições relativas mais importantes (Cf. Quadro 2, Anexo II - Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião, p. 33-34). confirmam que este plano reflecte o que deixamos afirmado.

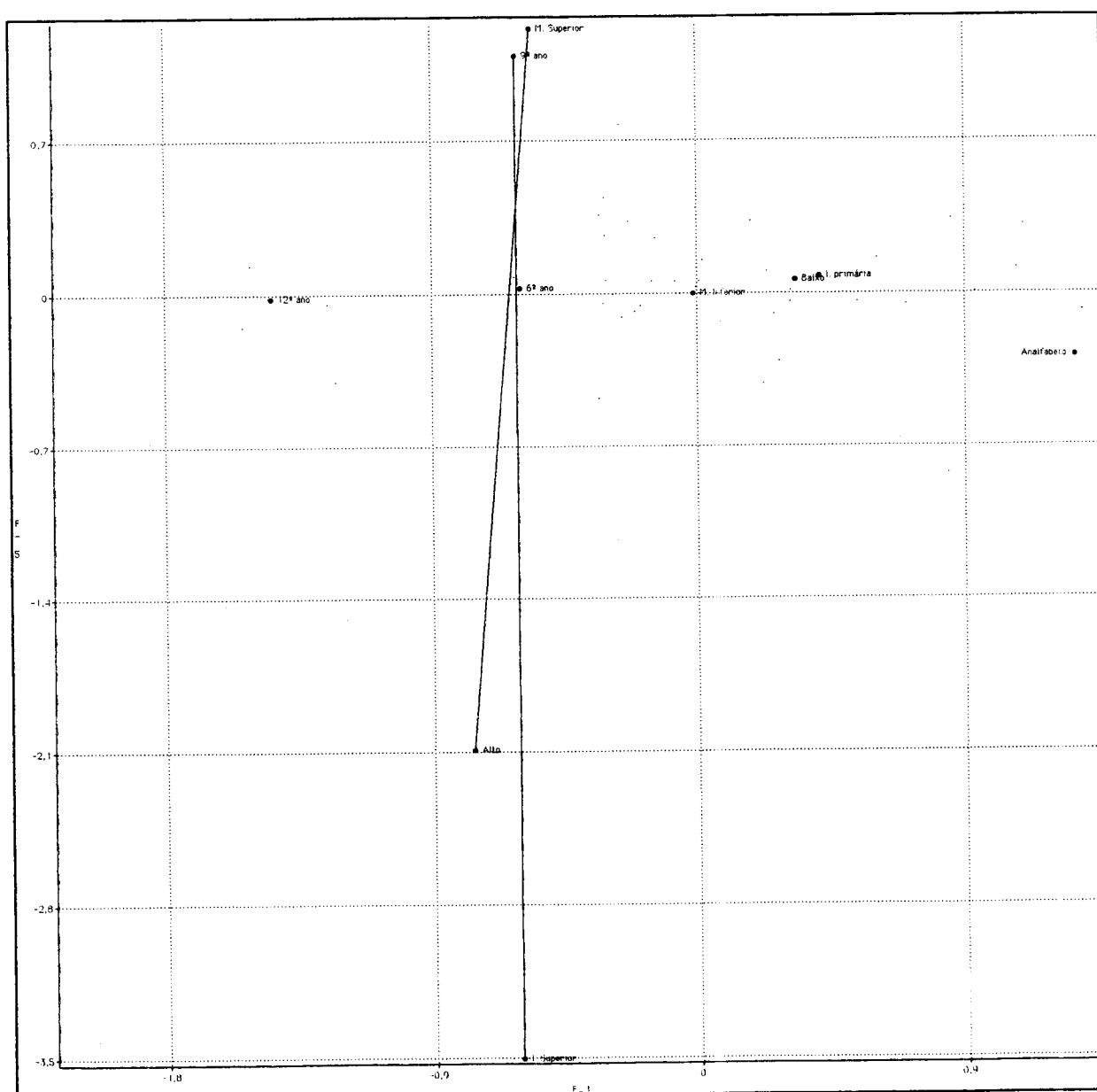
Gráfico 5 - Plano 1/4 - 'contexto'



2.3.4. Plano 1/5

O plano 1/5, põe em evidência a relação entre o status e a instrução, entre os estratos mais elevados. As modalidades 'instrução superior' e '9º ano' identificam, respectivamente, os estratos alto e médio superior. Pode afirmar-se que para estes níveis de instrução e de status não há relação imediata com as gerações, conforme se pode observar no gráfico 6.

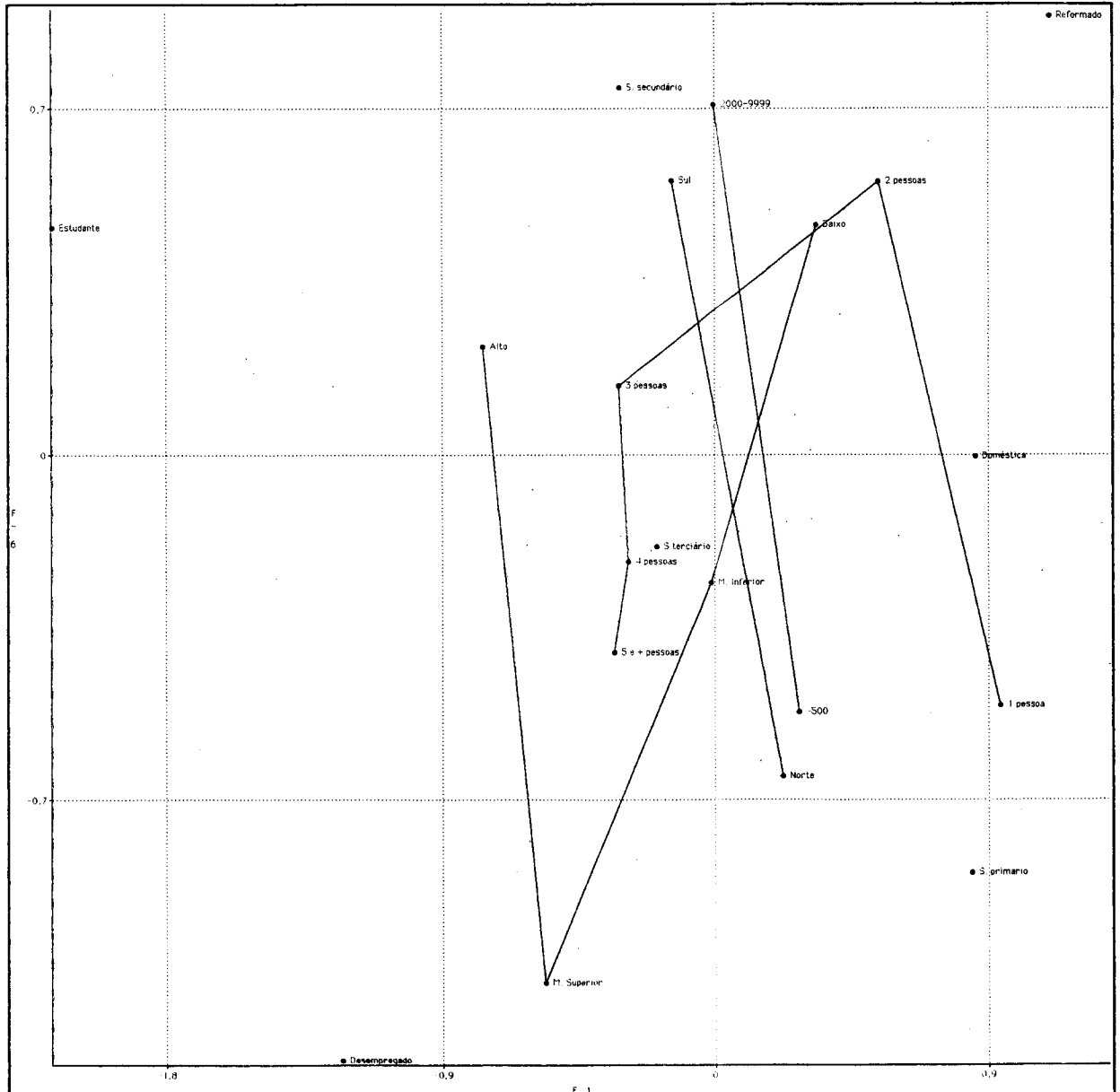
Gráfico 6 - Plano 1/5 - 'contexto'



2.3.5. Plano 1/6

O plano 1/6, tal como o anterior, especifica a relação entre o Sul e o Norte interior, em aglomerados urbanos de pequena dimensão e associa a esses meios geo-demográficos, respectivamente, o estrato social baixo e médio superior e actividades económicas ligadas aos sectores secundário e primário. O fenómeno geracional é independente relativamente a estas características. O gráfico 7 ilustra o.

Gráfico 7 - Plano 1/6 - 'contexto'



Podemos concluir que a população portuguesa, atendendo às variáveis do modelo, estrutura-se, fundamentalmente, em duas dimensões: o ciclo de vida individual e das gerações e os meios sócio-ecológicos com padrões culturais diferenciados. É nesta estrutura de base que se poderá avaliar, de forma global, em que medida e em que aspectos, a religião se relaciona com o percurso da vida individual e das gerações (o tempo) e com meios sociais diferentes (o espaço).

As duas outras dimensões que consideramos colocam em evidência estilos de vida marcados por graus diversos de isolamento/integração social e contextos modelados pelo papel diferenciado do homem e da mulher, quer na família, quer na vida económica. Interessante será observar se e como é que a religião é influenciada ou influencia o estilo de viver e em que medida o quarto factor se interliga com a religião.

Os quinto e sexto factores referem-se a aspectos mais parcelares distinguindo, respectivamente, os padrões de vida fundados em avaliações sociais, isto é, respectivamente, os estratos sociais alto e médio superior, o médio superior e o baixo.

Se o quinto e sexto factores têm um carácter bastante parcelar, da análise feita a outros eixos, observámos que também eles assumem um carácter residual, não considerando de interesse introduzi-los no estudo que fazemos.¹⁶

Se uma das vantagens deste método é permitir relacionar e sintetizar informação, descobrindo factores latentes globais e não observáveis pela análise de

¹⁶ Como se referirá mais à frente, os seis primeiros factores são os que contribuem, de forma mais nítida, para as 'classes' em que os indivíduos se inserem.

cada uma das variáveis isoladamente, tal objectivo parece atingido, pois em 10 variáveis, encontram-se 6 factores principais que resultam de modelos diversos de interligação entre as 47 modalidades activas, reveladores dos aspectos em que a população se estrutura. É certo que estas dimensões resultam dos indicadores recolhidos e analisados, mas, em qualquer estudo, isso acontece. A preferência político-partidária não é esclarecedora dos factores que considerámos relevantes.

3. Classificação Automática

Após a análise factorial, procedemos à classificação automática dos indivíduos, no sentido de identificarmos as categorias sociais mais relevantes da população. Antes disso, porém, apresentamos os resultados das partições, que servem de base à formação das classes mais importantes.¹⁷

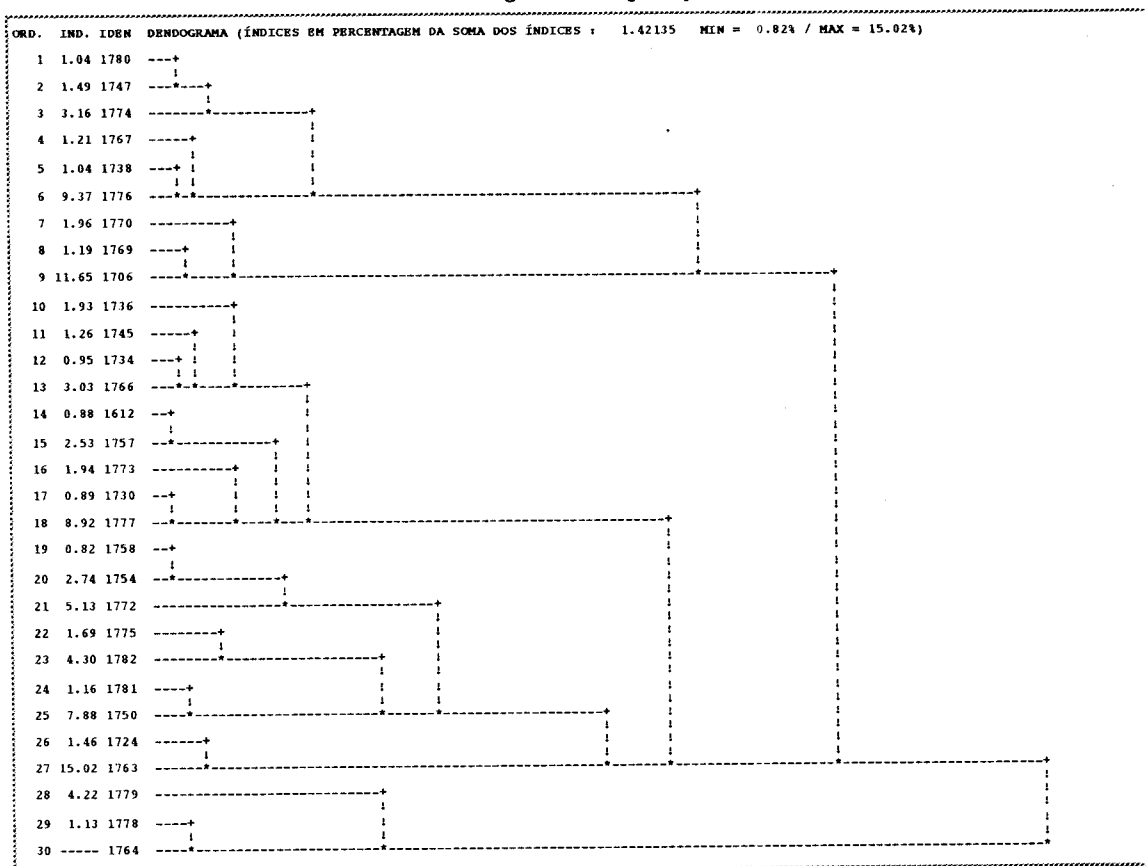
3.1. Escolha da partição

O histograma dos índices de nível, cujo somatório é de 2.3, e que descrevem os 20 nós mais elevados, conforme se pode observar no Gráfico 8 do Anexo 2 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 41), sugere

¹⁷ Fizemos experiências diversas para encontrar a melhor classificação, tendo em conta o número de eixos lidos e a comparação entre a homogeneidade interna das classes e a sua heterogeneidade relativa. Note-se, antes de mais, que, o termo classes, próprio da linguagem estatística do método de classificação hierárquica, equivale, na sua tradução sociológica, ao conceito de categorias sociais múltiplas. Verificámos que, utilizando todos os eixos, em número de 53, e as partições mais importantes, o quociente de inércia era baixo e as classes obtidas introduziam muito 'ruído'. Experimentámos também a utilização de apenas os quatro primeiros eixos: Obtivemos uma partição em 5 grupos, claramente distintos, uma taxa de inércia elevada, mas havia muita perda de informação. Optámos por utilizar apenas os primeiros 14 eixos cujo valor próprio é superior à média (=1), o que garante que não se perde a informação mais importante. A partição obtida sugere a divisão em seis classes e verifica-se que são os primeiros 6 eixos factoriais que melhor explicam os grupos. Daí termos tentado definir esses factores, após uma primeira tentativa em que apenas lemos os primeiro quatro.

uma partição em seis classes que o dendograma confirma fazendo o corte ao nível do índice de 7.88 (cf. Gráfico 8).

Gráfico 8 - Dendograma das partições - 'contexto'



Embora o quociente de inércia entre/dentro seja relativamente baixo (.3275), as classes são suficientemente distintas e há um número equilibrado de elementos. Uma divisão mais fina tornar-se-ia menos operacional para o objectivo em vista. Esse objectivo, repetimo-lo é encontrar categorias sociais relevantes para o estudo da forma como se posicionam face à religião.

3.2. Descrição das categorias sociais

Atendendo, globalmente, às variáveis mais características de cada uma das seis classes, através dos valor-teste (cf. Quadro 11 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 42), pode concluir-se que o contexto ecológico (região e dimensão do habitat) têm um peso bastante reduzido na estrutura da população. Por outras palavras: o seu poder discriminante é comparativamente reduzido. A posição político-partidária tem um contributo praticamente nulo, o que confirma o que já observáramos quanto aos factores.

Concluir-se-á, sendo assim, que tem ocorrido um fenómeno de massificação no espaço, já que o que diferencia as classes é, sobretudo, o tempo, isto é, o fenómeno das gerações num quadro de características sócio-económicas distintas. Dir-se-ia que os padrões de vida dos jovens, adultos e idosos, é similar em qualquer ponto do país, distinguindo-os a participação na cultura, através do acesso à instrução, e modos diversos de inserção na vida económico-social. Isto não significa, porém, que, entrando em linha de conta com outras variáveis, não se possam encontrar diferenças geográficas.

3.2.1. Classe 1/6 (aa1a)

Cerca de 1/4 do total (238, 26.7%) pertence a esta classe, classe que é, exclusivamente, constituída por mulheres que, por sua vez, representam metade do total da população feminina.

Estas mulheres têm como características muito relevantes o desempenho, no lar, do papel que, tradicionalmente, lhes é atribuído: donas de casa, com o estado

civil de casadas. Com efeito, relativamente, ao total da população feminina, apenas 1 mulher em cada 5 deste grupo não tem estas características.

A maioria (65%) tem um nível de instrução reduzido (instrução primária) e uma idade de 40 e mais anos. O seu status coloca-as nos estratos inferiores.

A estas características acresce o facto de 2 em cada 5 viverem em habitats de muito pequena dimensão (menos de 500 habitantes) e, o que é natural, dada a sua idade modal, pertencerem a um tipo de família em que a convivência no lar é reduzida (2 pessoas). Também no sector económico, 1 em cada 2 mulheres não tem um papel activo: são domésticas.

Atendendo aos seis factores que interpretámos, verifica-se ser o quarto aquele em que esta classe é melhor representada, seguindo-se-lhe os factores 3 e 1, o que, de algum modo, confirma a interpretação que deles fizemos. É que fica diferenciado o papel da mulher relativamente ao homem, um estilo de vida em que começa a notar-se um maior isolamento familiar e representada uma geração (cf. Quadro 12 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 42).

Pode concluir-se que a classe 1/6 é constituída por mulheres com características que correspondem à imagem da mulher tradicional portuguesa anterior aos anos sessenta.

3.2.2. Classe 2/6 (aa2a)

A classe 2/6 tipifica um conjunto mais reduzido de pessoas (86, 9.5%) cujos traços mais relevantes que as unem se relacionam com um grau elevado de desintegração social, familiar e económica e uma idade avançada.

A esta classe pertencem os viúvos, sobretudo mulheres (o que não é de estranhar porque na amostra são cerca do triplo dos homens nesta situação), sendo lógico que a categoria etária dos 70 e mais anos esteja nela incluída de forma maioritária, tal como os que vivem isolados (lares de 1 pessoa). É este 'isolamento' que justifica o facto de a esta classe pertencerem os chefes de família em percentagem elevada e não o desempenho pleno deste papel que, como veremos, é característico de outra classe.

Também ficam bem representados os que têm um estrato social baixo, são analfabetos e reformados.

Como se pode observar no Quadro 13 do Anexo II — *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 43, são os factores 3, 1 e 2 aqueles em que esta classe melhor reflectem esta classe, isto é, que a explicam.

Estamos em presença de um tipo social que enfatiza, no conjunto dos mais idosos, relações sociais pouco densas no âmbito familiar, social e económico. sobretudo num quadro de vida tradicional.

Tal como definimos a primeira classe como a da 'mulher tradicional', a classe 2/6 é a das gerações mais velhas que reflecte o contexto histórico-social em que se inserem.



3.2.3. Classe 3/6 (aa3a)

À classe 3/6 pertencem 261 indivíduos (28.8%), na quase totalidade, chefes de família e casados.

O seu grau de instrução é reduzido (instrução primária) para 7 em cada 10 e, embora economicamente activos, o seu status situa-os nos graus inferiores da escala de avaliação social.

A idade em que se situam, se caracteriza bem as gerações antes da década de sessenta como acontece com a classe 1/6, abrange, no entanto, uma franja de certo modo importante (1 em cada 4) dos que têm idades compreendidas entre os 25 e 39 anos. Aliás esta categoria etária não é típica de qualquer das seis classes estabelecidas.

Se esta classe fica bem representada no factor 4, a explicação, posto que mais reduzida, dos factores 6 e 2, confirma que se trata de um conjunto de indivíduos socialmente menos considerados e mais ligados a modos de vida tradicionais, conforme se pode observar no Quadro 14 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 43.

De forma sintética, poder-se-á dizer que a classe 3/6 é a categoria social típica do homem tradicional que traduz, sobretudo, a forma modal do homem adulto, à semelhança da classe 1/6 quanto à mulher tradicional.

3.2.4. Classe 4/6 (aa4a)

Agrupando 103 indivíduos (11.4%), a classe 4/6 refere-se aos que pertencem à classe média superior com profissões ligadas ao sector terciário e têm um grau de instrução relativamente elevado (9º e 12º ano). As suas características mais salientes referem-se a padrões mais elevados em instrução e a uma situação económica de certo modo privilegiada relativamente à maioria.

O facto de terem profissões relacionadas com o sector terciário da economia torna natural que os que se integram nesta classe vivam em habitats de maior dimensão e 2 em cada 5 na região de Lisboa/Santarém, ou seja, em meios mais urbanos. É neste meios que se verificam sinais de maior instabilidade familiar e daí ser esta a classe que tem maior número de divorciados.

Interessante é o facto de, embora com uma ligeira predominância de homens, haja nesta classe algum equilíbrio entre os sexos, numa proporção de 3/2, e de serem maioritários aqueles cujas idades estão compreendidas entre os 25 e 39 anos e são casados.

São os factores 5, 6 e 2 e mesmo o 3 que melhor explicam esta classe, ou seja, ou seja, um posicionamento social mais elevado e um índice de modernidade e de integração mais fortes (cf. Quadro 15 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 43).

Pode dizer-se que esta categoria social tipifica um estrato social que, de certa forma, beneficia dos privilégios sociais e económicos fruto das mudanças ocorridas na sociedade portuguesa no sentido de uma maior modernidade. Com ela

contrastam, sobretudo, as classes 1 e 3 e, como a seguir se verá. a classe 5 em que o benefício dos privilégios é mais intenso. Em síntese, diremos que a classe 4/6 modela o estrato social médio da sociedade portuguesa. Interessante é notar como este conjunto representa cerca de 1 em cada 10 portugueses revelando que, apesar das transformações operadas na sociedade e a imagem criada de um acesso mais fácil aos bens sociais, a esmagadora maioria da população tem condições de vida que estão longe de atingir os ideais da igualdade social. Ou, por outras palavras, dir-se-á que, se o nível de vida geral aumentou, a pirâmide social alarga-se na base e estreita-se no topo. A classe que a seguir descrevemos confirma-o.

3.2.5. Classe 5/6 (aa5a)

Sendo a classe 5/6 a que reúne os mais privilegiados social, cultural e economicamente, independentemente do sexo, não é de estranhar que congregue apenas uma franja da população (50, 5.5%).

A sua instrução é elevada (de nível superior ou 12º ano), sobre os seus elementos recai um maior grau de avaliação social positiva. as profissões prendem-se com os serviços e, cerca de metade, têm idades entre os 25 e 39 anos. Como é de esperar vivem, principalmente, em meios geo-demográficos mais urbanos, ainda que a distinção face aos demais seja quanto à posição sócio-económica privilegiada.

O factor que melhor traduz este grupo é o quinto, mas também, em menor grau, o segundo (cf. Quadro 16 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 43).

Podemos dizer que esta categoria social é a elite adulta, mas ainda relativamente jovem, instruída e com um nível de vida económico elevado.

3.2.6. Classe 6/6 (aa6a)

A classe 6/6, que abrange cerca de 1/4 da população (168, 18.5%), é caracterizada, sobretudo, por 3 modalidades: ser solteiro, viver na dependência dos pais, ter idade compreendida entre os 18 e os 24 anos (7 em cada 10). A esta classe pertencem todos os 'estudantes'.

O factor que melhor explica esta classe é o primeiro, posto que, em grau menor, o segundo também o explique (cf. quadro 17 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VI - O Contexto social da Religião*, p. 43).

Podemos dizer, portanto, que se trata da geração jovem, mais instruída, ainda sem responsabilidades familiares e que vive na dependência paterna.

Esta categoria social contrasta principalmente com a das geração velha, ainda que face às restantes, tenha um estilo de vida próprio.

* * *

Da classificação automática concluímos que, se as classes 1/6 e 3/6 distinguem, entre os indivíduos dos estratos sociais menos elevados, dois tipos de adultos com base no facto de se ser mulher ou homem, as classes 2/6 e 6/6 opõem as gerações velha e nova. Por sua vez as classes 4/6 e 5/6 agregam indivíduos que participam em graus diversos das vantagens que a sociedade oferece.

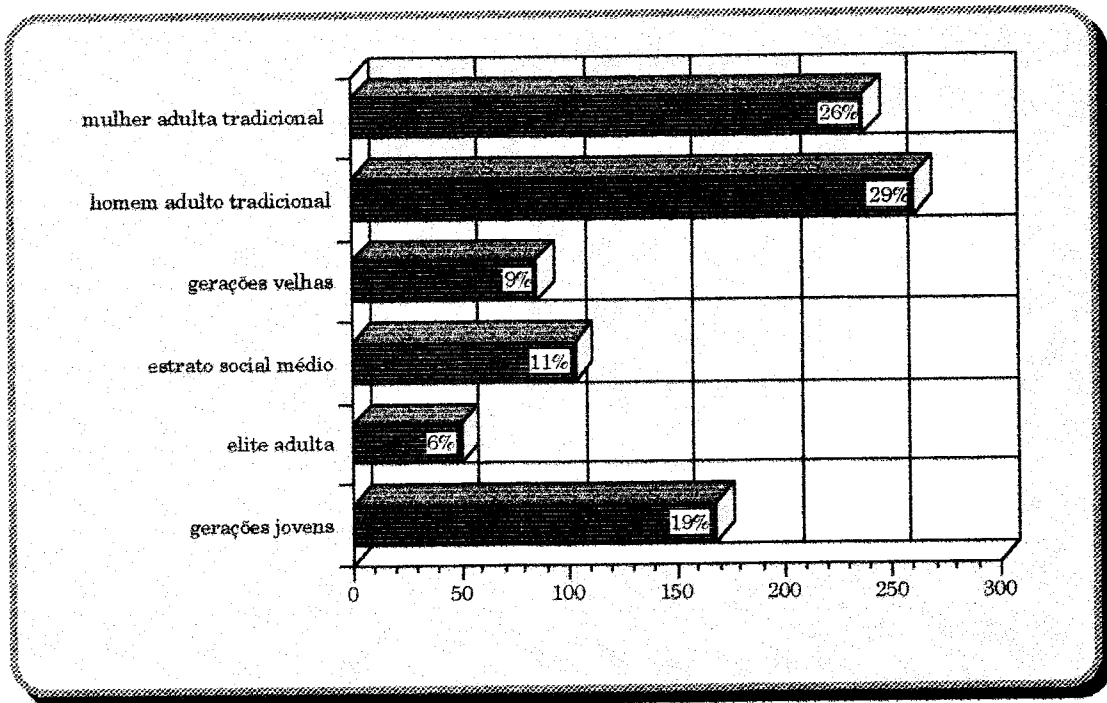
Cada tipo social reflecte padrões de vida diversos. Serão religiosamente distintos? Em que aspectos? Esperamos vir a encontrar resposta na análise posterior e fazer alguma luz para a compreensão e previsão de evolução do(s) fenómeno(s) religioso(s).

Se é certo que se está perante uma população concreta que tem formas reais do ser religioso, espera-se, no entanto, poder vir a encontrar também elementos que ajudem a perspectivar, de forma mais universal, o binómio religião-sociedade.

Podemos também desde já concluir, entretanto, que o método de observação e descrição da realidade que seguimos, possibilita uma análise mais em conformidade com a realidade social. Com efeito, ao formarem-se categorias sociais múltiplas estamos seguramente mais próximos do real vivido do que se nos baseássemos apenas em características isoladas dos mesmos indivíduos.

O Gráfico seguinte permite comparar o peso de cada um dos tipos sociais formados.

Gráfico 9 - Tipos sociais



A RELIGIÃO DOS PORTUGUESES

É importante que, antes do tratamento da informação, segundo as técnicas multivariadas de análise factorial de correspondências múltiplas (ACM) e da subsequente classificação automática (CA), comecemos por nos referir às variáveis que vão estar em análise.

1. As variáveis temáticas: conjuntos e subconjuntos

O tema geral, agora em estudo, é o de "*a religião dos portugueses*" que, tal como o capítulo anterior e os subsequentes, tem por base os dados obtidos em inquérito específico. Através dele sabe-se que cerca de 12.3% da população maior de 18 anos se afirma não católica, o que perfaz cerca de 834000 pessoas, num total de quase 7 milhões. Excluimos, por isso, da presente análise todas as perguntas que são especificamente dirigidas a essa franja da população, ou seja todas aquelas que, filtradas através da resposta do inquirido ao autoposicionamento religioso de que se reclama, se referem aos não católicos. É o caso, por exemplo, das motivações do autoposicionamento, da imagem de Deus, etc.. Excluimos também, como regra, todas aquelas que fazem parte de qualquer outro tipo de subamostras, como sejam, por exemplo, as perguntas sobre formas específicas de oração. Sempre que as questões implicam uma escolha ordenada, optou-se por utilizar apenas a feita em primeiro lugar. Isto porque o nosso objectivo é observar como se estruturam e articulam, de forma global, as diversas formas religiosas que são comuns a todos, tendo como referência a religião católica que é largamente maioritária em Portugal, pois dela se reclamam cerca de 6 milhões de pessoas, maiores de 18 anos,

residentes, no continente, em localidades de mais de 10 habitantes.

Para tornar operacional o ficheiro inicial de dados, tendo em vista as técnicas que utilizamos, procedemos a diversas transformações e recodificações, mantendo, todavia, a generalidade dos subtemas, tal como os expusémos.¹ Mas, vejamos, em pormenor, a informação que vamos analisar em conjunto, embora, agora a repartamos por subtemas lógicos.

Quanto ao conjunto sobre as *práticas rituais católicas do culto oficial* - missa dominical (SMD), confissão (SCF), comunhão (SCC), e crisma (SCR) - eliminou-se, da presente análise, a pergunta referente ao baptismo (P16), visto que 97.5% são baptizados. Todavia essa informação está incluída nas perguntas que retêm a informação dos ritos indicados. Como, segundo o direito da Igreja Católica, todos os baptizados têm obrigação de praticar esses ritos, sobre todos eles foram questionados apenas os que se disseram baptizados. Mas mesmo os não baptizados, omissos nessas questões, foram incluídos nas modalidades de “nunca...” ou “não”, juntamente com aqueles que nas perguntas filtro P17, P19 e P21 responderam “não”. Exemplificando: todos os que na P17 disseram não ter ainda comungado foram recodificados como “nunca comungou” a eles se juntando os que não são baptizados. Por ser subamostra de pessoas casadas, eliminou-se a questão relativa aos motivos do casamento católico e por ser um rito que, em princípio, só é recebido pelos doentes em estado grave, não se tem em conta a pergunta referente à unção dos doentes (P24). Por as perguntas terem sido dirigidas apenas aos católicos também não entram, na presente análise, as que se referem a actos de culto católicos não obrigatórios (P26 e P27) ou a pertença a grupos católicos (P28 a P31).

1 Cf. Anexo I, *Notas sobre a Sondagem de Opinião*, p. 25.

Os dados de base deste subtema que designamos por *culto oficial católico*, são os que se observam no Quadro 18 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 44.

O subtema *das crenças* abrange as perguntas P32 e P33 num total de 23 afirmações. Inicialmente, os respondentes posicionaram-se, face a cada uma delas, numa escala de 5 pontos que ora reduzimos para uma escala de 4 pontos. É que as modalidades 2 e 3 são relativamente semelhantes do ponto de vista semântico e o número de frequências obtidas é relativamente baixo em cada uma. Procedemos, portanto, à sua recodificação e reordenação, tendo considerado que *a priori* as podemos subdividir em 4 conjuntos: *crenças gerais I e II*, *crenças cristãs*, *crenças católicas* e *outras crenças animistas e mágicas*. (Cf. os Quadros 19-22 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 44-46, onde podem observar-se as frequências de cada uma das questões).

Quanto ao subtema *outras práticas religiosas e posse de símbolos*, nele estão inclusas as perguntas 35 a 49 que se referem a actos religiosos de piedade individual e colectiva que, nomeadamente a Igreja Católica recomenda e promove.

Um primeiro aspecto é o da *oração individual*, ou seja, da forma de relação social directa entre o homem e a ou as realidades supraempíricas. É nossa intenção estudar este ponto em separado.² Por agora limitamo-nos a utilizar as P34 e P35 para criar uma variável que denominamos “frequência da oração pessoal”, conforme se pode observar no Quadro 23 do Anexo II - *Resultados de Base da*

² A sua inclusão, nesta fase, enfatizava a influência geral da oração, atribuindo-lhe um peso excessivo, especialmente devido aos que 'nunca rezam', como verificámos em tentativas antes realizadas.

Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses, p. 46.

A posse de objectos religiosos, isto é, de símbolos foi objecto da P40. Pergunta de resposta múltipla foi desdobrada em várias variáveis conforme se pode observar no Anexo I - "*Estatísticas Básicas dos Resultados da Sondagem (valores amostrais)*", p. 85-87. Após considerar os resultados obtidos, atendendo ao significado diverso da posse de símbolos e a tentativas preliminares diversas de ACM, o que aliás fizemos relativamente a outras variáveis também, optámos por reter apenas a posse de terço e da Bíblia. (Cf. o Quadro 24 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 46, que refere essas variáveis).

No imaginário religioso português, marcado como se tem dito pela religião católica, há, entre as realidades supraempíricas, entidades designadas por N^a Senhora e outros santos por quem se tem devoção e que foram objecto das P41 a P43. Delas retivemos e trabalhámos a informação do Quadro 25 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 47.

Hábitos religiosos diversos, ainda que com significados desiguais, são fazer promessas, ir em peregrinação ou em procissão e assistir ou mandar celebrar missa por alma de defuntos. Esta informação foi recolhida nas P45 a P49. O que dela se reteve para a presente análise fica transcrito no Quadro 26 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 47.

Objecto e factor de cultura, a religião transmite-se de geração em geração e

tem formas organizadas, isto é, canais específicos para essa transmissão. É, como facto cultural, objecto de apreço; uns desejam até que os seus vindouros façam parte da organização formal do seu poder; é tema de conversa no seio de grupos³, de informação e espectáculo nos mass-media⁴; os documentos oficiais da Igreja despertam interesse⁵; as normas religiosas, pelo menos algumas, são objecto de polémica em determinadas épocas, como presentemente acontece com o aborto, a exclusão das mulheres do sacerdócio, a proibição do divórcio e o celibato dos padres⁶; a religião desperta sentimentos de proximidade e de afastamento⁷; o próprio tempo quotidiano é, na nossa cultura, como noutras, marcado pelo tempo das celebrações religiosas. Estes diversos aspectos foram objecto de perguntas diversas. O quadro 27 sintetiza a informação tal como a utilizamos nesta análise. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 47-48).

Diversos *valores morais* são subtema do inquérito. Tal como foram formuladas e recolhidas, algumas perguntas revelaram problemas diversos de interpretação pelo que optámos por as não ter em conta nesta análise. Os valores

3 Esta variável resulta de três tomadas como indicadores, a saber: Frequência da conversa sobre religião em família, no emprego e na escola. Como nem todos os respondentes têm emprego, caso das domésticas e dos reformados, ou frequentaram a escola, estas duas últimas variáveis são subamostras e interferem com variáveis do 'contexto'. Uma vez que as respostas iniciais, em qualquer das três variáveis, foram medidas numa escala de 3 pontos, criámos, a partir delas, uma única variável com a mesma escala e que as engloba.

4 Para a construção destas variáveis foram tomados como indicadores a assiduidade a programas religiosos na rádio e na tv. Sendo certo que cada questão, por si, dá informações diferentes, não é relevante considerá-las em separado para observar o interesse pela temática religiosa nos meios audiovisuais. A construção foi tecnicamente semelhante à de outros índices já referidos. Por razões análogas, a variável leitura da imprensa religiosa é o resultado de um índice construído a partir das variáveis iniciais: leitura de livros sobre religião e leitura de jornais ou revistas de cariz religioso.

5 Por procedimentos estatísticos análogos às perguntas referidas na nota anterior, esta variável é junção de duas questões: 'Já leu ou ouviu ler documentos dos bispos portugueses?'; 'Já leu ou ouviu ler documentos do Papa?.'

6 Independentemente de qualquer juízo de valor e de uma posição filosófica, teológica ou moral, estes aspectos, são, do ponto de vista sociológico, normas jurídicas da Igreja Católica e, em sentido mais geral, normas sociais.

7 A P68 foi profundamente transformada antes da utilização que dela ora fazemos. Os itens foram agrupados em indicadores de sentimentos anticlericais e religiosos. Como se tratava de uma variável ordinal que expressava sentimentos de desfavor, favor e indiferença foram somados para cada respondente a pontuação obtida e calculada uma média, a partir da qual se criou uma escala, e que deu a variável que utilizamos.

morais retidos cobrem os 10 mandamentos da lei de Deus, abrangendo diferentes aspectos da relação com Deus e com o próximo em áreas como a economia, a família, a moral sexual e matrimonial. À semelhança do que sucedeu com a escala inicial que utilizámos para recolher a adesão a afirmações sobre crenças e, por razões análogas, reduzimos também, no que se refere aos valores morais, a escala inicial de 5 pontos para uma de 3, a saber: '*Desaprova*'; '*Não aprova nem desaprova*'; '*Aprova*'. O Quadro 28 do Anexo II resume a informação. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 48-49).

As questões até aqui referidas constituem o conjunto de variáveis activas que, já o dissemos, designamos por tema geral. Mas na ACM, há variáveis que têm outro estatuto: as suplementares ou ilustrativas. Consideramos deste tipo 4 variáveis: o *autoposicionamento religioso*, os *agentes de socialização religiosa*, o *objectivo de vida mais importante* e a *opinião sobre a evolução da vivência religiosa*. Com efeito, a posição religiosa subjectiva não é, propriamente, um elemento da religião, como o não é também o objectivo de vida ou a opinião sobre a vivência religiosa. O mesmo não se dirá, no entanto, dos agentes de socialização religiosa. Todavia também podem ser considerados condicionantes e, nesse sentido, tomamo-los como variáveis ilustrativas, tanto mais quanto, relativamente à escola, nem todos tiveram ocasião de passar pelo sistema educativo formal. Depois das transformações necessárias à sua utilização, as frequências são as que se observam no quadro 29 do Anexo II. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 50).

Uma vez que pretendemos que todas as modalidades importantes das variáveis activas sejam consideradas como estruturantes da religião e dado que, nessas modalidades, a menor frequência é 11 (CG1 Existência de Deus, 'absolutamente errada'), optámos por utilizar uma técnica especial de ACM desenvolvida por Benali H.⁸ Tal técnica permite escolher como ilustrativas não só as variáveis no seu conjunto, como qualquer modalidade de uma qualquer variável. Assim, consideramos como ilustrativas todas as modalidades das não respostas e qualquer outra inferior a 11. Este último caso só acontece com a oposição à educação religiosa dos filhos, em que a frequência é 7. (Cf. Quadro 27 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 47).

O nosso objectivo é reduzir todo este conjunto vasto de informação a um número reduzido e mais operacional de factores que estruturam e modelam a forma de se ser religioso em Portugal e estabelecer categorias sociais múltiplas. As técnicas estatísticas mais adequadas para o efeito parecem ser a ACM e a CA.

⁸ Cf. Manual de Spad-N, "Procédures-Corem", p.1-8.

2. Análise de correspondências múltiplas

Depois de, no ponto anterior, termos exposto as transformações realizadas sobre o ficheiro original,⁹ cujas variáveis renumerámos e agregámos em conjuntos e subconjuntos temáticos, apresentamos, agora os resultados globais da ACM, tentando interpretar os factores mais relevantes situando-os nos planos factoriais.

2.1. Resultados globais

Considerámos como variáveis *activas* as que nos quadros são numeradas de 1 a 70¹⁰ e, como *ilustrativas*, 71¹¹. Utilizámos, como já referimos no final do primeiro ponto deste capítulo, o procedimento COREM. Todas as não respostas (codificadas com zero) e qualquer modalidade das variáveis activas com um peso igual ou inferior a 10 são tomadas como ilustrativas, dada a ventilação de 1.2%. À partida há, assim, 70 questões activas, com 272 modalidades associadas, modalidades que, depois, do apuramento, se reduzem a 229. A inércia total é de 2.2835 e o valor próprio médio é de 0.0141, o que indica haver 49 factores cujo valor próprio é igual ou superior à média e que, por isso, teoricamente seriam de considerar.¹²

Os primeiros 20 valores próprios, percentagem de inércia e histograma, podem observar-se no Quadro 12.

O valor próprio do primeiro factor (0.2414) revela que há uma boa ligação

9 Cf. Anexo I - *Estatísticas básicas dos resultados da sondagem (valores amostrais e valores ponderados)*, p. 57-187).

10 (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, Quadros 18 a 28, p. 44-49).

11 (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, Quadro 29, p. 50).

12 Editámos, porém, apenas os primeiros 15 eixos e a sua ordenação por valores teste para uma saída de 30%, superiores a 2 desvios-padrão, para fazer a análise dos resultados.

entre as questões, segundo a tabela de Cibois.¹³

Quadro 12 - Valores próprios, % de inércia e histograma / 'tema geral'

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT.	PERCENT. ACUMULA.	
1	0.2414	10.57	10.57	*****
2	0.1181	5.17	15.74	*****
3	0.0668	2.92	18.67	*****
4	0.0642	2.81	21.48	*****
5	0.0526	2.30	23.79	*****
6	0.0454	1.99	25.77	*****
7	0.0409	1.79	27.56	*****
8	0.0369	1.62	29.18	*****
9	0.0350	1.53	30.71	*****
10	0.0323	1.41	32.12	*****
11	0.0312	1.36	33.49	*****
12	0.0296	1.30	34.79	*****
13	0.0277	1.21	36.00	*****
14	0.0263	1.15	37.15	*****
15	0.0256	1.12	38.27	*****
16	0.0247	1.08	39.35	*****
17	0.0235	1.03	40.38	*****
18	0.0230	1.01	41.39	*****
19	0.0225	0.99	42.37	*****
20	0.0220	0.96	43.34	*****

Da observação dos valores próprios e do desenho do histograma pode concluir-se que os dois primeiros eixos são os mais importantes, não sendo de excluir, no entanto, as especificações de outros, nomeadamente dos eixos 3 a 10.

Para fundamentar a definição dos factores, transcreve-se no Quadro 30 do Anexo II a listagem dos valores das coordenadas, contribuições absolutas e relativas nos 5 primeiros eixos. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 50-54).

Para cada questão e modalidade a contribuição absoluta média é, respectivamente, de 1.43 e 0.44, sendo particularmente interessantes as que duplicam esse valor médio (1.8 e .9).

13 Cf. Philippe CIBOIS, *L'Analyse des Données en Sociologie*, Paris, P.U.F., p. 121, transcrito no Anexo II - *Notas sobre a análise de dados*, p. 20.

2.2. Definição dos factores

2.2.1. Factor 1

Tendo em consideração a ordenação das contribuições absolutas (*ca*) das questões, isto é, estabelecendo um escalonamento do seu poder discriminatório, verifica-se que aquelas cuja '*ca*' está acima da média (1.4) e que perfazem a soma de 78.4, se referem, sobretudo, na totalidade ou em parte, a todos os conjuntos de questões ou subtemas do inquérito, com excepção dos valores morais e das crenças animistas e mágicas. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, Quadro 31, p. 55-56).

Nas crenças estão inclusas todas as que denominámos católicas: presença de Cristo no pão consagrado (CC2), virgindade e maternidade de N^a Senhora (CC3), fé no perdão de Deus através da confissão (CC1) e infalibilidade do papa (CC4); as que apelidámos de cristãs: Jesus Cristo é Deus e homem (CR2), morte e ressurreição de Jesus para salvar (CR3), Santíssima Trindade (CR1), Espírito Santo actua na Igreja e no homem (CR4), Igreja sinal da presença de Deus no mundo (CR5), Bíblia tem verdades reveladas por Deus (CR6), Ressurreição final (CR8), vida no Além depois da morte (CR7); com excepção da existência do demónio (CG3, *ca*=1.0), as que designámos por crenças gerais I e II: existência de Deus (CG1), Deus é criador do universo (CG3), existência do inferno para castigo dos maus (CG2).

As quatro práticas oficiais do culto católico que consideramos nesta análise - missa dominical (SMD), comunhão (SCC), confissão (SCF) e crisma (SCR) - entram também no conjunto de variáveis com uma *ca* acima da média. O mesmo se pode

afirmar dos dois sentimentos que medimos: o anticlerical (SAC) e a sensibilidade religiosa (SAR). Idêntica observação se pode fazer sobre a oração pessoal (ORP), a devoção a N^a Senhora (DVS), os hábitos religiosos - incorporar-se em procissões (HIP), mandar celebrar missa por alma (HMC), ir a missa de defuntos (HMD) - a assiduidade a programas audio-visuais (PAV) e posse de objecto religioso: terço (SIT).

Tendo em conta as questões indicadas, tal como os gráficos dos planos factoriais (veja à frente o ponto 2.3.1.), é legítimo afirmar que *o primeiro eixo é revelador de uma estrutura em que as crenças, sentimentos e práticas cristãs católicas são a matriz em que assenta a religião dos portugueses e que os distingue uns face aos outros. O mesmo já se não poderá dizer, globalmente, das consequências éticas de tais crenças, sentimentos e práticas. Quer isto significar que se a cosmovisão supraempírica e a relação com o mundo extrassensorial são a estrutura de base, a dinâmica das relações sociais quotidianas entre os homens pertence a uma outra dimensão e não parece encontrar, neste eixo, motivação directa no mundo supraempírico, exceptuados alguns aspectos, como veremos. Com efeito, se as crenças, sentimentos religiosos e práticas culturais referidos caminham em paralelo, os valores morais seguem um percurso diferente. Trata-se, assim, de uma religião cuja dinâmica se encontra mais no sentido vertical do que horizontal, pelo menos nalguns aspectos.*

O quadro dos valores teste confirma e especifica o que dissemos. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, Quadro 32, p. 56-57).

Quanto às crenças gerais, cristãs e católicas há, regra geral, dois pólos distintos: num há uma afirmação clara do dogma em apreço, considerado como absolutamente certo; noutra a sua rejeição clara ou uma plausibilidade pequena, expressas na avaliação de ser 'absolutamente errado' ou 'pouco provável'. A crença acompanha-se de intensidades diversas da prática do culto oficial católico, a descrença relaciona-se mais com a ausência desses ritos. Com o mesmo sentido de ligação, a sensibilidade religiosa é alta para os primeiros e nula ou de pequena intensidade para os segundos. Pelo contrário, a uma ausência de sentimento anticlerical de uns opõe-se uma intensidade alta ou média dos outros. Quem acredita pratica o culto, é sensível aos fenómenos religiosos e não se distancia da organização religiosa; pelo contrário, quem não acredita também não pratica o culto, é nada ou pouco sensível à religião e marca uma distância clara face ao grupo religioso e à sua organização. Análogas observações se podem fazer face aos hábitos religiosos e à oração, posse de símbolos e devoções, aspectos que também contribuem para a discriminação. Com efeito, há uma oposição entre os que se incorporam em procissões, mandam celebrar missas pelos defuntos ou vão a elas, fazem peregrinações e promessas e aqueles que não têm tais hábitos religiosos. A relação pessoal com Deus, expressa na oração, é para uns diária ou quase e para os demais nula ou mais rara. Se uns são devotos de outras entidades religiosas (N^a Senhora e Santos) e possuem símbolos (terço) os outros não o são ou não os possuem.

É de salientar que, no que se refere aos valores morais, a estrutura de oposição faz-se apenas quanto a aspectos da moral sexual e conjugal. *Não será de estranhar, porém, que na moral, sejam estes os aspectos mais diferenciadores, sabendo como a Igreja Católica, sobretudo através da hierarquia, os defende e como*

isso mesmo é sentido pela opinião pública.

No primeiro polo estão aqueles que desaprovam a pornografia na TV, aprovam a condenação do aborto em todas as circunstâncias, pretendem que se mantenha como norma religiosa e desaprovam como moralmente aceitável o viver maritalmente sem casar. No outro polo encontram-se os que mantêm posições contrárias. São também estes últimos que se caracterizam por uma assiduidade nula a programas religiosos audiovisuais, como os primeiros se distinguem por desaprovarem, face ao mal, a revolta contra Deus, bem como a homossexualidade como natural e aprovarem a afirmação de que os 'filhos têm direito ao não divórcio dos pais'. Nestes nota-se também a tendência para promoverem a educação religiosa dos filhos e encorajarem a sua eventual vocação religiosa e identificarem a Páscoa como uma festa religiosa que celebra 'a morte e ressurreição de Cristo'. Os outros aspectos morais que considerámos têm um pequeno poder discriminante neste factor. Os aspectos morais que definem este eixo parecem apontar para uma relação mais estreita entre a vivência religiosa e uma moral parcelar que não inclui, para além destas, outras dimensões importantes das relações humanas.

É de sublinhar ainda o facto das crenças animistas e mágicas praticamente não definirem este factor. Tal significa que fazem parte de uma outra dimensão, constituindo um conjunto separado de crenças.

Os subtemas que a priori formámos parecem confirmados, sobretudo, no que se refere ao culto católico oficial. Quanto às crenças, para lá do subconjunto das crenças animistas e mágicas, as crenças gerais I formam conjunto com as cristãs e católicas, verificando-se, no entanto, que as crenças gerais II (existência do demónio e do inferno) se associam, até certo ponto, com a fé na confissão e a infalibilidade do Papa, a vida no Além depois da morte e a Ressurreição final.

Neste sentido, há dois tipos de crenças, para lá das animistas e mágicas: aquelas em que há uma relação directa com as realidades metaempíricas e aquelas em que tal relação é mediatizada pelos homens ou implicam do sujeito o admitir que, de certa forma, é parte delas, como é o caso, da vida depois da morte e a ressurreição.

Não será abusivo interpretar-se o primeiro eixo como um índice da vivência religiosa cristã católica que vai de uma intensidade forte a uma intensidade nula, nos aspectos que referimos. O eixo um define, assim, diversos níveis de ortodoxia/heterodoxia, de ortopraxia/heteropraxia face à doutrina, normas e prática da Igreja Católica. Nalguns aspectos, posto que não em todos, trata-se de uma maioria versus uma minoria. Com efeito, a vida religiosa estrutura-se, define-se e consiste em pensar e agir-se, tendo como referência as crenças, sentimentos e práticas católicas e alguns valores morais.

2.2.2. Factor 2

Diferentemente do primeiro eixo em que, quer alguns dos comportamentos reais, quer alguns dos comportamentos conceptuais são estruturantes, o factor 2 é, essencialmente, definido por modelos conceptuais. Com efeito, considerando as variáveis com uma *ca* acima da média, obtém-se a soma de 81.3. Todas essas variáveis se referem a crenças. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, Quadro 33, p. 57-58).

A estrutura global revela dois modelos conceptuais opostos: a certeza positiva ou negativa (expressa em 'absolutamente certo' e 'absolutamente errado') e a dúvida também positiva ou negativa (expressa em 'muito provável' e 'pouco provável'), conforme se pode observar no quadro dos valores teste (Cf. Anexo II -

*Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses, Quadro 34, p. 58-59) e aos gráficos do plano 1/2 (veja à frente o ponto 2.3.1.). A certeza e a dúvida referem-se a crenças. A avaliação (aprovar e desaprovar *versus* não aprova, nem desaprova) diz respeito a alguns valores morais, nomeadamente ao perdão das ofensas.*

Atendendo à variável ilustrativa do autopoicionamento religioso, dir-se-á que a primeira posição é mais típica, mas não exclusiva, dos que se afirmam descrentes/ateus ou católicos praticantes e a segunda dos não praticantes que se caracterizam ainda por uma prática do culto oficial católico de pequeno grau (confessam-se e comungam menos de uma vez por ano) e por uma ausência de tomada de posição clara face a valores morais como o amor ao próximo até ao sacrifício da vida, a mentira aceitável se proveitosa, o ser legítimo TV passar filmes pornográficos, a homossexualidade ser natural, o aborto ser sempre condenável.

Se o primeiro eixo se refere à intensidade da vivência religiosa, o segundo parece significar que, independentemente dos conteúdos, há duas posições: uma é manifestação clara quer da aceitação ou rejeição dos factos religiosos, nomeadamente de crenças e de adesão ou rejeição de valores, outra é reveladora de uma atitude mais passiva onde não há certezas nas crenças e um não tomar de posição relativamente a princípios morais. Sinteticamente definiremos o segundo eixo como o do posicionamento claramente definido e assumido face a uma posição de dúvida de que a questão do autopoicionamento religioso é, por si, reveladora.

Dir-se-á, portanto, que *este segundo eixo revela uma estrutura cognitiva e avaliativa mais englobante que aparta com clareza aqueles que de forma nítida tomam partido de uma massa informe que não tem conceitos bem definidos nem faz*

avaliações seguras.

2.2.3. Factor 3

A soma das *ca* das variáveis com valores iguais ou acima da média é de 75.6. Tais variáveis são todas as que denominámos como crenças gerais I, crenças cristãs e crenças católicas. Das que designámos por animistas e mágicas fazem parte deste conjunto a 'influência dos astros no destino das pessoas (CD3)', a 'influência de pragas e maus olhados (CD6)' e a 'premonição de objectos e animais (CD7)'. Também pertencem a este conjunto as questões indicativas do culto oficial católico, mas tão só as práticas dos ritos repetitivos: missa dominical, comunhão e confissão. Apenas uma das questões sobre valores morais - 'qualquer método contraceptivo é legítimo (M18) tem uma contribuição absoluta acima da média, conforme se pode observar no Quadro 35 do Anexo II (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 59-60). A consideração destas variáveis faz-nos supor que são, sobretudo, atitudes mentais e juízos de valor, que definem o eixo 3. Isto mesmo se confirma através da leitura do Quadro 36 (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 60-61) considerando os valores teste; as *ca* das modalidades e os gráficos do plano 1/3 (ver à frente o ponto 2.3.2). Este é um eixo que se define muito pelas excepções (CR2; CR3; CR1, CR7).¹⁴

¹⁴ Atendendo, em primeiro lugar, às variáveis com contribuição absoluta dupla da média e que são as mais interessantes, observa-se que o que mais contribui para a definição deste eixo 3 são as crenças gerais I, as crenças cristãs, com excepção da questão 'vida no além depois da morte (CR7)', e, das católicas, a 'maternidade e virgindade de N^a Senhora (CC3)' e 'presença real: Cristo no pão consagrado (CC2)'. Do lado negativo do eixo, tais crenças são consideradas 'pouco prováveis'. Do lado positivo, são tidas como 'absolutamente erradas' ou 'muito prováveis' não tendo qualquer contribuição aqueles que consideram tais crenças como 'absolutamente certas'. A excepção dá-se na questão da 'ressurreição final CR8' em que a oposição se faz entre os que a consideram 'certa' e 'pouco provável' *versus* aqueles que a têm por 'absolutamente errada' ou 'muito provável'. O mesmo andamento se verifica,

Relativamente ao que deixámos referido em nota, há dois aspectos, porém, em que as contradições não se verificam e parecem ser a razão de ser de os eixos juntarem, de um e outro lado, indivíduos com posições opostas. Referimo-nos a crenças animistas e mágicas e a aspectos normativos e morais. De facto, do lado negativo do eixo ficam os que consideram as crenças animistas e mágicas como absolutamente erradas ou pouco prováveis e, do lado positivo, aqueles que as consideram como absolutamente certas ou muito prováveis. Relativamente a aspectos normativos e morais, do lado negativo ficam os que desaprovam que 'Qualquer método contraceptivo é legítimo (M18)' e visam manter a 'Condenação do aborto (OPA)' e a 'Proibição do divórcio (OPD)'; do lado positivo, ficam aqueles que têm uma posição oposta, isto é, aprovam qualquer método contraceptivo como legítimo e visam alterar as normas eclesiais da condenação do aborto e da proibição do divórcio.

Considerando as variáveis ilustrativas, do lado negativo do eixo ficam os

também, relativamente à crença no além depois da morte (CR7), na fé no perdão de Deus através da confissão (CC1) e infalibilidade do Papa (CC4), ainda que a ca dos que as afirmam como 'absolutamente certas' seja pequena. O ilógico de juntar, no lado positivo do eixo, não juízos próximos, mas opostos ('absolutamente errado' e 'muito provável', visto que se trata de uma escala ordinal (absolutamente errado, pouco provável, muito provável e absolutamente certo), leva-nos a pensar que se as crenças referidas estruturam o eixo, há que procurar outras variáveis que indiquem a razão de estarem juntos indivíduos com posições intelectualmente contraditórias. De qualquer modo, há uma oposição clara entre os que têm muitas dúvidas pela negativa - consideram as crenças como 'pouco prováveis' - e aqueles que têm dúvidas pela positiva ou certezas negativas. Facto é que, quanto a estas variáveis, com as excepções atrás referidas, os que têm certezas afirmativas, isto é, consideram as crenças indicadas como 'absolutamente certas' não contribuem para a definição deste eixo. Com efeito, as ca destas modalidades é de 0.0. Continuando a leitura através dos valores teste e das ca das outras variáveis, verifica-se que, como já dissemos quando definimos o primeiro factor, as questões referentes à outra vida - Ressurreição final (CR8) e Vida no além depois da morte (CR7) - e as que implicam a crença em relações com seres supraempíricos mediatizadas pelo homem - Infalibilidade do Papa (CC4) e Fé no perdão de Deus através da confissão (CC1) - têm um andamento semelhante entre si pois juntam do lado negativo do eixo juízos de 'absolutamente certo' e 'pouco provável' contra o de 'muito provável' do lado positivo. Estas atitudes mentais contraditórias são acompanhadas, do lado negativo do eixo, por práticas religiosas também opostas. Com efeito, juntam-se desse lado os que frequentam a missa dominical todos os domingos ou nunca vão à missa, confessam-se duas e mais vezes ou nunca se confessam, comungam todos os domingos ou nunca comungam. Do lado positivo juntam-se as modalidades de tais práticas, mas com uma frequência relativamente pequena: missa dominical algumas vezes ano ou por festas, confissão e comunhão menos de uma vez por ano. Contradições semelhantes verificam-se atendendo a outras questões. Os menos crentes, isto é, os que consideram as crenças como pouco prováveis, promovem a educação e vocação religiosas dos filhos ou opõem-se e não a promovem e vão a procissões; os outros dão liberdade aos filhos. Uns não são devotos de Nossa Senhora, nem vão a procissões, mas conversam regularmente sobre religião; os outros são devotos, vão ver passar procissões e conversam irregularmente sobre religião.

que se autoposicionam religiosamente como indiferentes, mas também os católicos praticantes, crentes de outras religiões e crentes sem religião e que dizem ter aumentado a vivência religiosa; do lado positivo ficam os que se dizem católicos não praticantes e descrentes/ateus e têm opiniões diversas sobre a evolução da sua vivência religiosa.

As variáveis que não referimos têm uma contribuição pequena ou mesmo nula para a definição deste terceiro eixo.

Sendo assim, este factor parece definir uma especificação do que observámos no segundo eixo. Este definia-se, recordemo-lo, como opondo a dúvida à certeza. *O terceiro factor é indicador de uma estrutura de oposição entre uma quase negação e a proximidade de uma afirmação positiva das crenças. Estas atitudes mentais parecem estar relacionadas com práticas religiosas opostas, embora sejam mais notórias entre aqueles que não têm práticas religiosas e os que as têm em pequeno grau. Aqueles que se posicionam pela quase negação são a favor de manter algumas normas eclesíásticas (sobre a contraceção, aborto e divórcio), os que têm quase certezas visam alterar tais normas e são mais liberais.*

Trata-se, em nossa opinião, de um factor que indica graus diversos de dúvida face às realidades metaempíricas, dúvidas que são comuns a quem pratica ou não o culto e que se acompanham por graus diversos de um maior ou menor apego a certas normas eclesíásticas e crenças animistas e mágicas. Diremos que o terceiro factor especifica a dimensão da dúvida, ou seja, intensidades de dúvida relativamente a crenças. A maior dúvida faz-se acompanhar de um maior tradicionalismo moral, a menor dúvida de uma visão liberal, nomeadamente das normas eclesíásticas. Dir-se-á que se o factor três opõe o tradicionalismo a uma perspectiva de mudança, entre a franja da população que não tem grande grau de

certezas religiosas positivas, manifesta também a tendência para a oposição entre crenças mágicas e, sobretudo, o sincretismo do sagrado.

2.2.4. Factor 4

A soma das *ca* das variáveis, conforme se pode observar no Quadro 37 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 61-62), com uma contribuição absoluta igual ou acima da média é de 77.6, portanto um valor suficiente para a partir delas se poder definir o eixo. Tais variáveis referem-se, sobretudo, aos subtemas das crenças e, relativamente ao eixo anteriormente analisado, surge também o subtema da moral e das opiniões sobre normas eclesiásticas. Isso é mais nítido se considerarmos também os valores teste cujos resultados se transcrevem no Quadro 38 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 62-63) e as contribuições absolutas das modalidades.

Tal como acontecia no eixo três e por razões análogas, nas questões referentes a crenças, há uma oposição que não respeita a ordenação da escala em que foram medidas, antes se juntam indivíduos com posições logicamente contraditórias (veja, mais à frente) os gráficos do plano 1/4, no ponto 2.3.3.). Com efeito, do lado negativo do eixo colocam-se aqueles que têm uma posição de descrença (consideram as crenças como absolutamente erradas) e aqueles que têm poucas dúvidas (consideram as crenças como muito prováveis). Do lado positivo do eixo situam-se os que as têm como certas ou pouco prováveis.

O problema está em saber por que razão se juntam pessoas com uma visão religiosa contraditória. O que parece juntá-las é o facto de tomarem posições lógicas face às crenças mágicas e animistas e, sobretudo, fazerem os mesmos juízos de valor sobre comportamentos morais semelhantes. Com efeito, do lado negativo do eixo colocam-se aqueles que consideram as crenças animistas e mágicas como absolutamente erradas e pouco prováveis, portanto, que se opõem a tais crenças. Pelo contrário, do lado positivo, colocam-se os que as consideram como absolutamente certas ou muito prováveis. Relativamente aos valores morais, conforme se documenta também através dos resultados do quadro 14, há uma separação entre aqueles que não tomam posição face a qualquer deles, isto é, não os aprovam nem desaprovam, contra os que, regra geral, os aprovam, isto é, têm uma moral de sentido contrário aos valores morais defendidos pela religião católica (aprovam a total liberdade dos filhos depois da puberdade (M11), qualquer método contraceptivo como legítimo (M18), viver maritalmente ser moralmente aceitável (M20), a homossexualidade ser natural (M14), etc., etc.).

É interessante notar como este posicionamento moral é coerente com as posições relativamente às normas da Igreja Católica. Enquanto aqueles que, do lado negativo, não tomam posição clara face aos valores morais ou tendem a desaprová-los visam manter as normas, aqueles que aprovam os valores morais de sentido contrário aos defendidos pela religião católica pretendem alterá-las e têm uma posição de maior liberdade face à educação religiosa dos filhos. São também estes que tendem apenas a ir ver passar as procissões (HIP) e não serem crismados (SCR).

Considerando as variáveis ilustrativas com valores teste mais significativos,

observa-se que do lado negativo do eixo estão, sobretudo, os católicos praticantes e descrentes/ateus, mas também os de outras religiões e indiferentes e, do lado positivo, os católicos não praticantes e crentes sem religião.

Parece tratar-se de um factor em que a junção de posições de crença contraditórias se faz sobretudo por haver uma visão moral semelhante que vai de não tomar uma posição claramente assumida a respeito do que a Igreja Católica defende como valores morais decorrentes da fé e dos mandamentos a tomar uma posição contrária. A ser assim, *o quarto factor é um índice de posicionamento moral pouco explícito a que se opõe um posicionamento moral claro, mas de sentido contrário aquele que a Igreja Católica defende. O quarto factor, até certo ponto, mede uma visão moral mais conservadora, ainda que sem grande convicção, a que se opõe uma moral liberal e claramente antagónica à que decorre do ensinamento tradicional da Igreja Católica. Tal não é de estranhar, nem da parte de uns nem da parte de outros, tendo em conta o autopoicionamento religioso de católicos praticantes versus católicos não praticantes.*

Já analisámos os quatro primeiros eixos a que correspondem uma percentagem acumulada de 23.79 (cf. Quadro 12, p. 316), tendo afirmado também que os dois primeiros eram os mais importantes. Não deixaremos de tentar interpretar, no entanto, os primeiros dez factores que referiremos também em análises posteriores. Para não sobrecarregar o texto deste capítulo, apenas, no ponto seguinte, apresentaremos a sua interpretação sumária. Todavia, no Anexo II, deixamos os elementos em que a baseámos.¹⁵ (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da*

¹⁵ Tivemos o cuidado de visualizar, no programa gráfico específico, nomeadamente os planos 1/5 a 10/10. Todavia, apenas deixamos transcritos, no Anexo II, os gráficos correspondentes ao primeiro desses planos.

Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses, p. 64 e ss.).

2.2.5. Os factores 5 a 10

Quanto ao **factor 5**, *a negação do animismo e da magia que este factor mede é mais forte da parte daqueles que são crentes religiosos, ainda que sem prática religiosa, mas que entretanto, seguem os valores morais católicos que atrás referimos. São os católicos não praticantes aqueles que mais se opõem à magia e ao animismo, havendo uma franja de católicos praticantes, indiferentes, descrentes/ateus que tendem a juntar-se por perfilharem tais crenças e a mesma atitude moral de não tomar posição.*

O **factor 6** *é um índice de crença religiosa duvidosa face à certeza, de crença mágica forte face à pequena ou muito cheia de dúvidas, ao culto e não culto católico face a um culto de frequência relativamente baixa como é característico dos católicos não praticantes, de uma moralidade apoiada na autoridade instituída e no temor da vida extraterrena.*

O **factor 7** *poderá definir-se como um índice que traduz o afastamento/proximidade do pensamento católico no que se refere aos valores morais e também por um grau menor ou maior de socialização e aculturação, interesse e práticas religiosas católicas, sendo que estes últimos colocam sérias dúvidas face às crenças animistas e mágicas e à existência do inferno para castigo dos maus.*

O **factor 8** *poderá definir-se como um índice de negação da vida extraterrena*

que é mais intenso entre os católicos não praticantes, indiferentes e descrentes/ateus. Este eixo dá-se conta de uma dimensão da religião que é a maior ou menor plausibilidade da convivência com realidades metaempíricas principalmente depois da morte.

O factor 9, embora mais residualmente, define a dimensão da aculturação religiosa, aculturação que é factor de crítica ao que está institucionalizado e de mudança de mentalidade. O factor nove é assim um índice de tendência à mudança com base na educação religiosa.

O factor 10 põe em evidência a importância dos agentes de socialização religiosa ou a passagem de testemunho religioso entre gerações.

2.3. Os planos factoriais

A interpretação dada aos quatro primeiros factores foi baseada também na visualização gráfica leitura dos 4 primeiros planos factoriais. Apresentá-los agora permite reler e completar o que já dissemos.

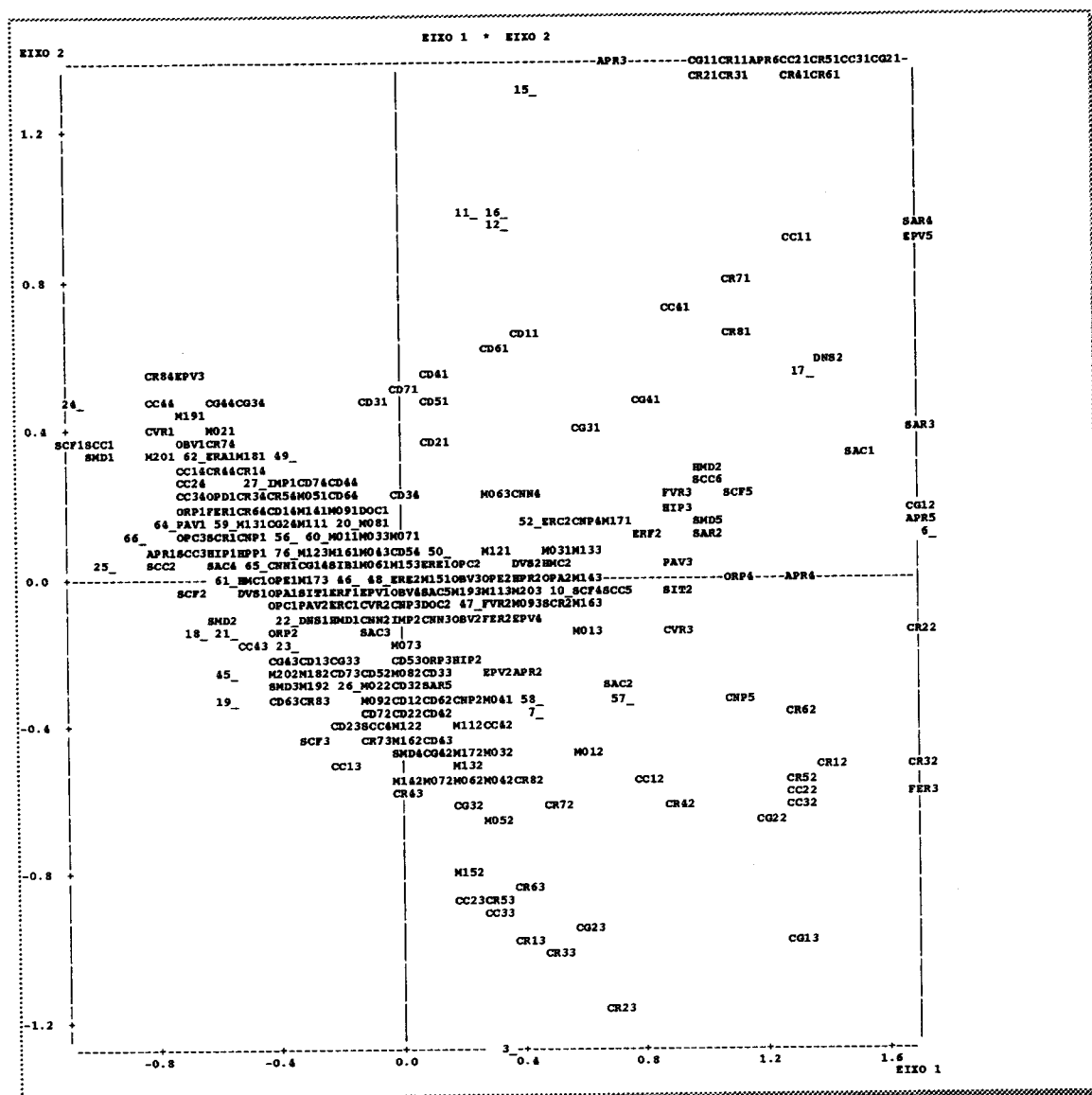
Uma vez que o número de questões e de modalidades é elevado, apresentaremos em cada gráfico a totalidade dos pontos, mas, em cada um, só identificamos e ligamos as modalidades mais relevantes. Em cada plano apresentaremos, em primeiro lugar, um gráfico síntese em que estão identificados todos os pontos, com excepção dos sobrepostos.

2.3.1. Plano 1/2

O eixo 1 opõe graus diversos de práticas culturais, sobretudo, tal como a medimos, a sua intensidade máxima e mínima ou nula (cf. Gráfico 14). O eixo dois

opõe, de um e de outro dos seus lados, os graus máximo e mínimo aos intermédios. O que dizemos do culto colectivo oficial pode afirmar-se da oração. Observações análogas podem também fazer-se sobre o ter ou não outros hábitos religiosos (fazer promessas, ir a missas de defuntos, etc.), ser devoto de Nossa Senhora e de santos ou não, possuir ou não símbolos religiosos, manifestar ou não interesse pela religião. A variável ilustrativa do autoposicionamento religioso mostra como as diversas formas de posicionamento religioso se situam face a tudo isto. Os que têm outras religiões e os descrentes/ateus, sobretudo estes últimos, revelam comportamentos bastante distintos dos restantes, isto é, têm um posicionamento religioso claramente expresso e diferente. Relativamente às práticas cultuais católicas são, como era de esperar, não apenas estes, mas os que se dizem crentes sem religião e indiferentes, aqueles que têm um culto praticamente nulo e, nos outros aspectos que referimos, os que mais se afastam do modelo cristão católico de vivência religiosa. Se ligarmos as modalidades das questões sensibilidade religiosa e sentimento anticlerical observa-se que variam em sentido contrário (cf. Gráfico 15). Conforme a vivência religiosa é mais intensa assim também há uma maior sensibilidade religiosa e um menor sentimento anticlerical. Este é mais forte para os que se dizem descrentes/ateus.

Gráfico 13 - Plano 1/2 - 'Tema' (a)



Na evolução da vivência religiosa nota-se que os descrentes/ateus tendem a considerá-la como tendo diminuído (cf. gráfico 15). Tal observação, tendo em conta a idade dos respondentes - maiores de 18 anos - sugere que, pelo menos alguns, tiveram, em fases anteriores das suas vidas, alguma vivência religiosa.

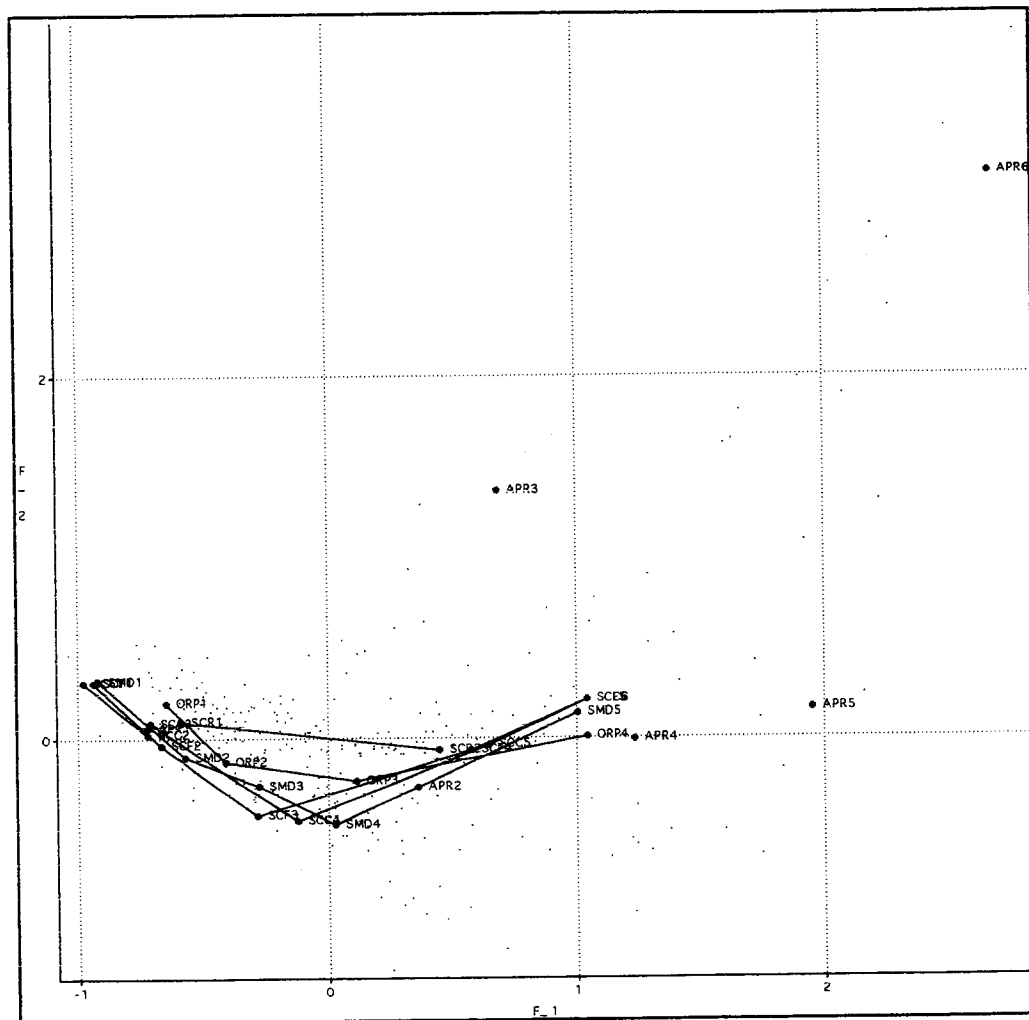
No que diz respeito às crenças (cf. gráficos 16 a 18), observa-se, no eixo 1, o posicionamento gráfico dos diversos graus da escala com que medimos as variáveis: absolutamente certo, muito provável, pouco provável, absolutamente

errado. O eixo 2, por sua vez, coloca em oposição a certeza afirmativa e sobretudo a negativa, e a dúvida mais ou menos intensa. A negação de quaisquer crenças é o comportamento típico dos descrentes/ateus. Pode afirmar-se que todas as crenças têm um andamento semelhante a denotar que estão mutuamente associadas, ainda que difiram quanto ao seu poder discriminante. A visualização gráfica sugere ainda que as crenças gerais II (existência do demônio e do inferno), as cristãs (vida extraterrena) e as católicas (fé no perdão de Deus através da confissão e infalibilidade do Papa) são semelhantes entre si.

As questões que se referem aos valores morais e às crenças animistas e mágicas, têm neste plano uma importância global diminuta já que as modalidades se situam à volta do ponto de cruzamento dos eixos.

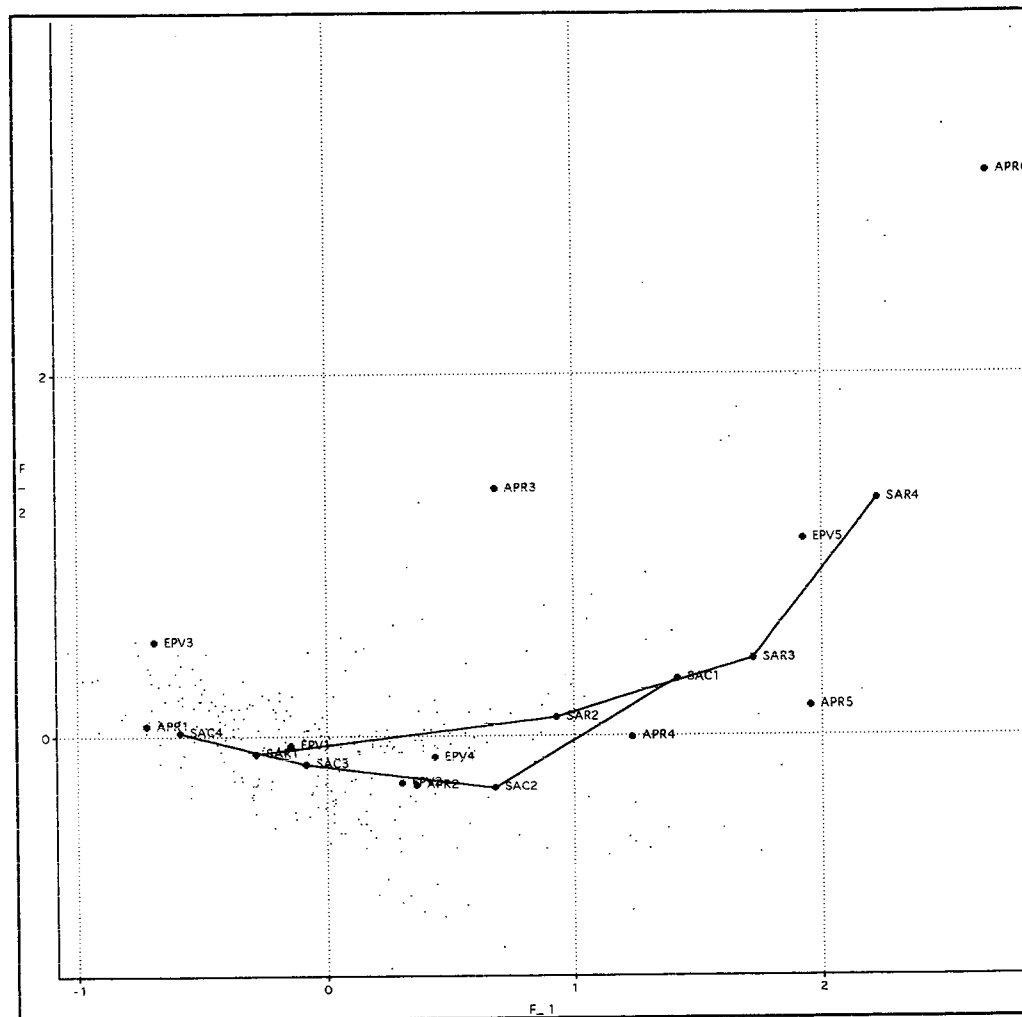
O primeiro plano relaciona, portanto, a dinâmica da vivência religiosa relativamente à ortodoxia católica e modelos diversos de pensar e avaliar. Aqueles que manifestam uma vivência religiosa intensa, tal como os que a têm em grau nulo caracterizam-se por juízos seguros e definidos. Aqueles cuja vivência religiosa não é tão clara têm também formas de pensar e de avaliar menos definidas. É o caso dos que se dizem católicos não praticantes. O plano mostra que o viver religioso é uma dimensão distinta dos modelos mentais, isto é, de formas definidas e indefinidas de julgar e avaliar.

Gráfico 14 - Plano 1/2 - 'Tema' (b)



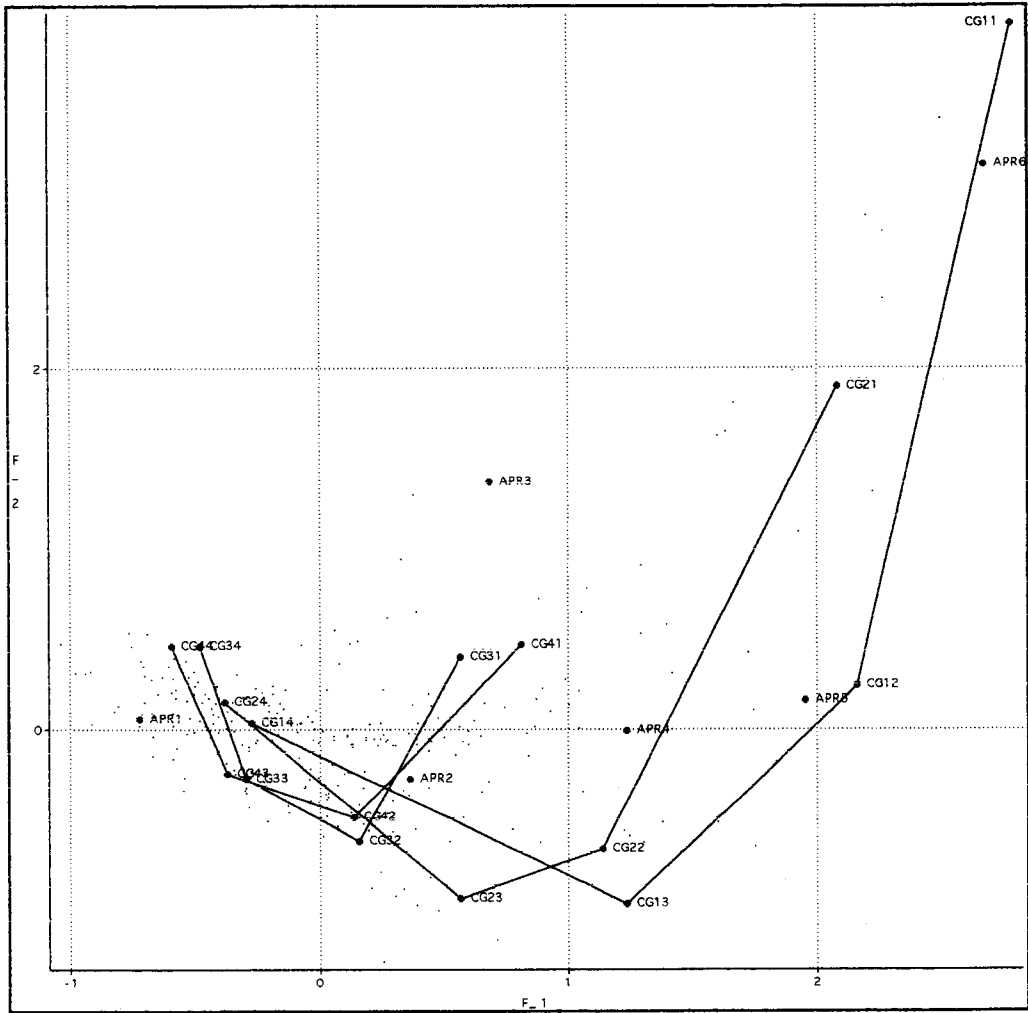
Culto oficial:
 Comunhão (SCC) (Confissão (SCF) Crisma (SCR) Missa dominical (SMD)
 Oração pessoal (ORP)
 Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 15 - Plano 1/2 - 'Tema' (c)



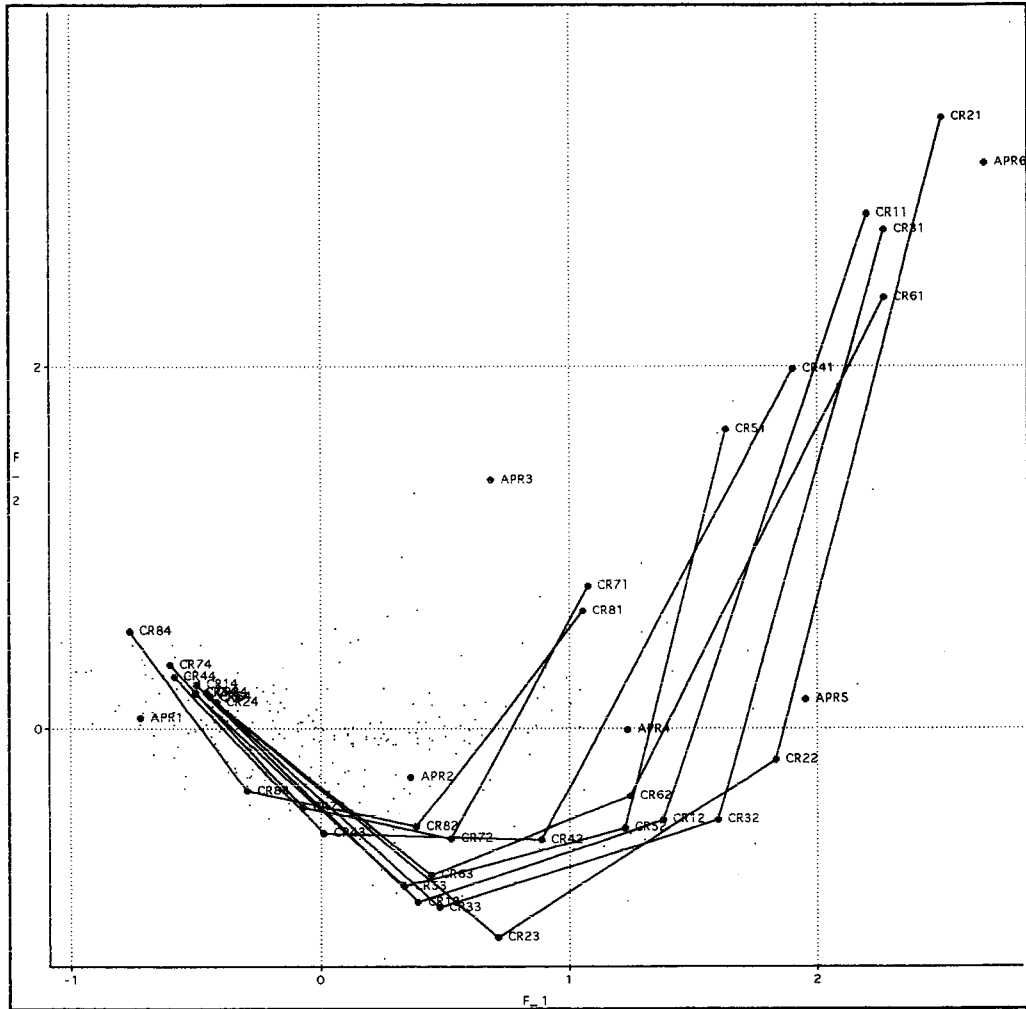
Sentimento anticlerical (SAC) Sensibilidade religiosa (SAR)
 Evolução da vivência religiosa (EPV)
 Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 16 - Plano 1/2 - 'Tema' (d)



Crenças gerais I e II:
 Existência de Deus (CG1) Deus Criador (CG2) Existência do demônio (CG3) Existência do Inferno (CG4)
 Autoposição religiosa (APR)

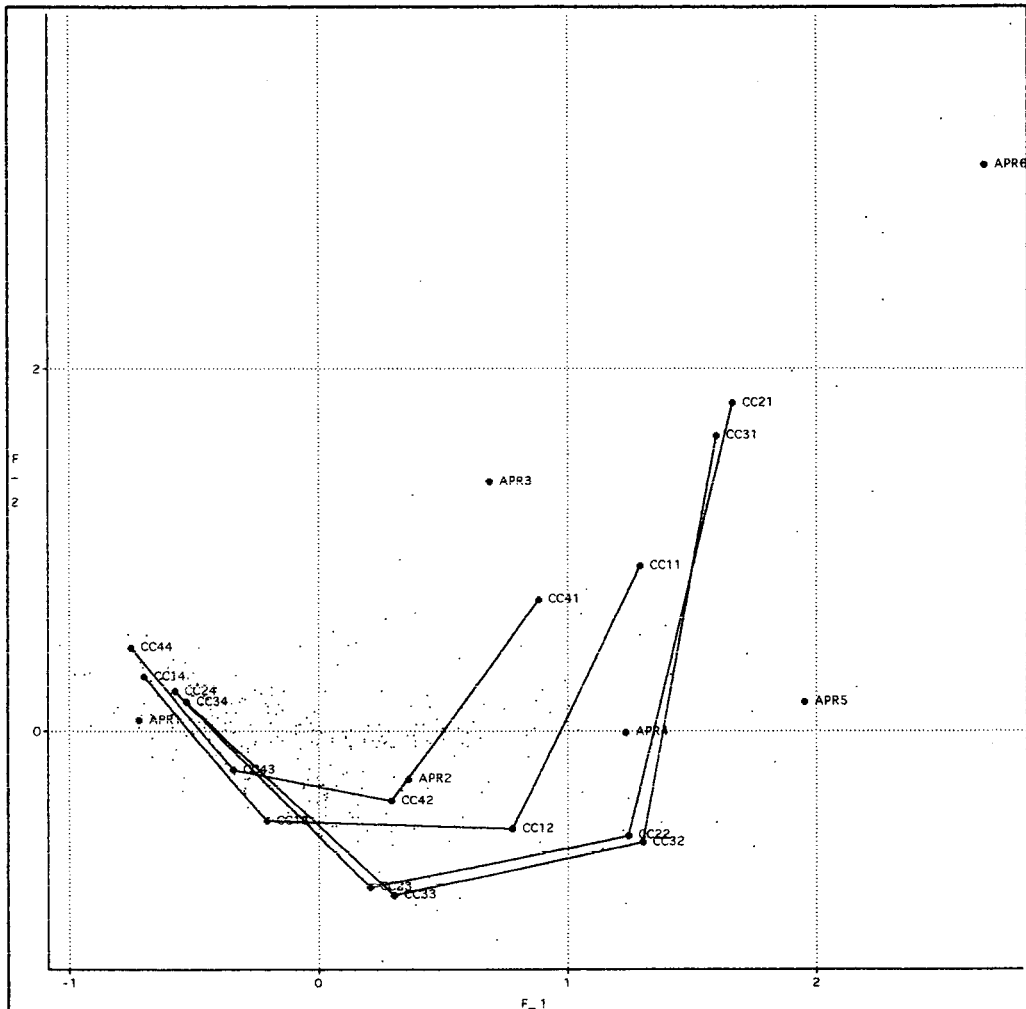
Gráfico 17 - Plano 1/2 - 'Tema' (e)



Crenças cristãs:

SS Trindade (CR1) Jesus: Deus e Homem (CR2) Morte e Ressurreição Jesus (CR3) Espírito Santo (CR4) Igreja: sinal de Deus
 (CR5) Bíblia (CR6) Vida pós-morte (CR7) Ressurreição final (CR8)
 Autoposição religiosa (APR)

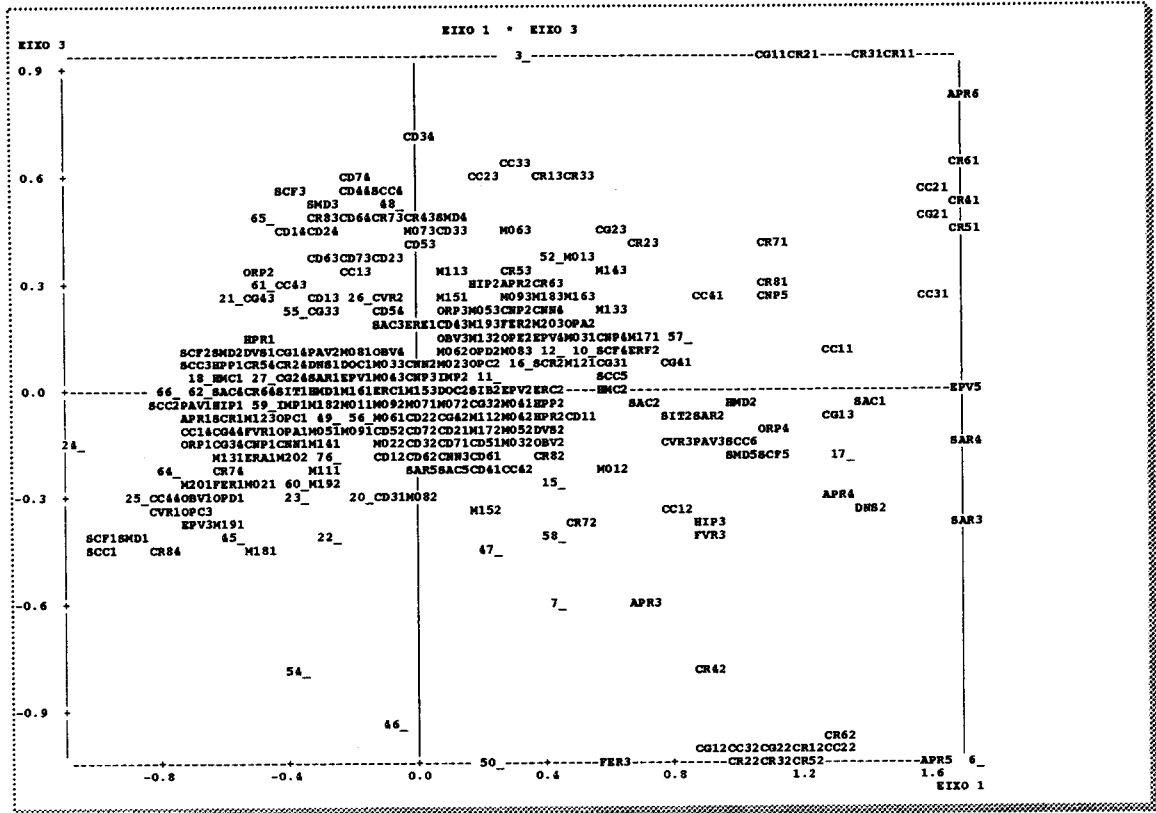
Gráfico 18 - Plano 1/2 - 'Tema' (f)



Crenças católicas:
 Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2) Virgindade e Maternidade (CC3) Infallibilidade do Papa (CC4)
 Autoposição religiosa (APR)

2.3.2. Plano 1/3

Gráfico 19 - Plano 1/3 - 'Tema' (a)



Observando os gráficos das crenças religiosas (cf. Gráficos 20 a 22), sobretudo as crenças gerais I e cristãs, sobressai a oposição, no eixo 3, entre os que negam, com certeza absoluta, quaisquer crenças e os que as consideram como pouco prováveis. O primeiro comportamento é mais típico dos que se autodefinem como descrentes/ateus; o segundo, dos que se dizem indiferentes. Acontece, porém, que, se, a oposição referida é mais forte ou discriminante, não é única. Com efeito, também os que consideram as crenças como muito prováveis acompanham, do lado positivo, os que as consideram absolutamente erradas. Do lado negativo, ficam não só os que as julgam pouco prováveis como aqueles que as têm como absolutamente certas. Quer isto dizer que o eixo 3 opõe modalidades de crença não sequenciais no

escalonamento com que medimos as variáveis: absolutamente errado (1), pouco provável (2), muito provável (3), absolutamente errado (4). No eixo 1, pelo contrário, tal sequência é observável.

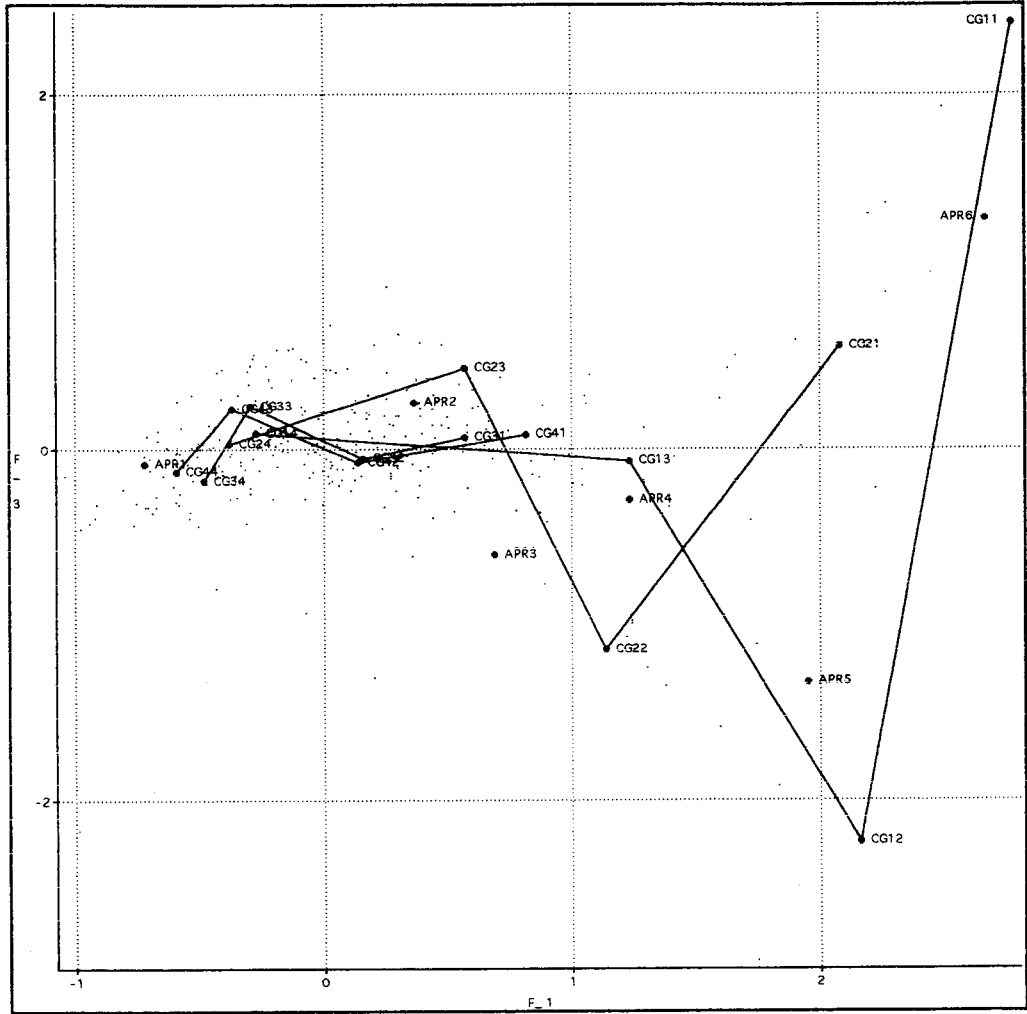
Como já anotámos na interpretação do factor 3, verifica-se que, no que se refere às crenças animistas e mágicas, embora o seu poder discriminante seja relativamente mais diminuto, é lógica a oposição entre os que afirmam tais crenças ou as julgam mais ou menos prováveis e os que as negam (cf. Gráfico 23). Acontece que os que crêem ou consideram como muito ou pouco prováveis as crenças animistas e mágicas tendem a ser também aqueles que têm como muito prováveis as crenças religiosas. Daí termos interpretado este factor como índice do sincretismo do sagrado.

Lógica é também, no eixo 3, a acompanhar o maior ou menor sincretismo, respectivamente, a oposição à doutrina moral católica ou o não ter uma posição moral claramente definida.

Considerando as práticas culturais colectivas católicas (cf. Gráfico 24), verifica-se que o maior grau de sincretismo se acompanha de uma prática de intensidade variável; o menor sincretismo de uma prática intensa ou nula. O mesmo se poderá afirmar, por exemplo, do culto individual expresso na oração pessoal.

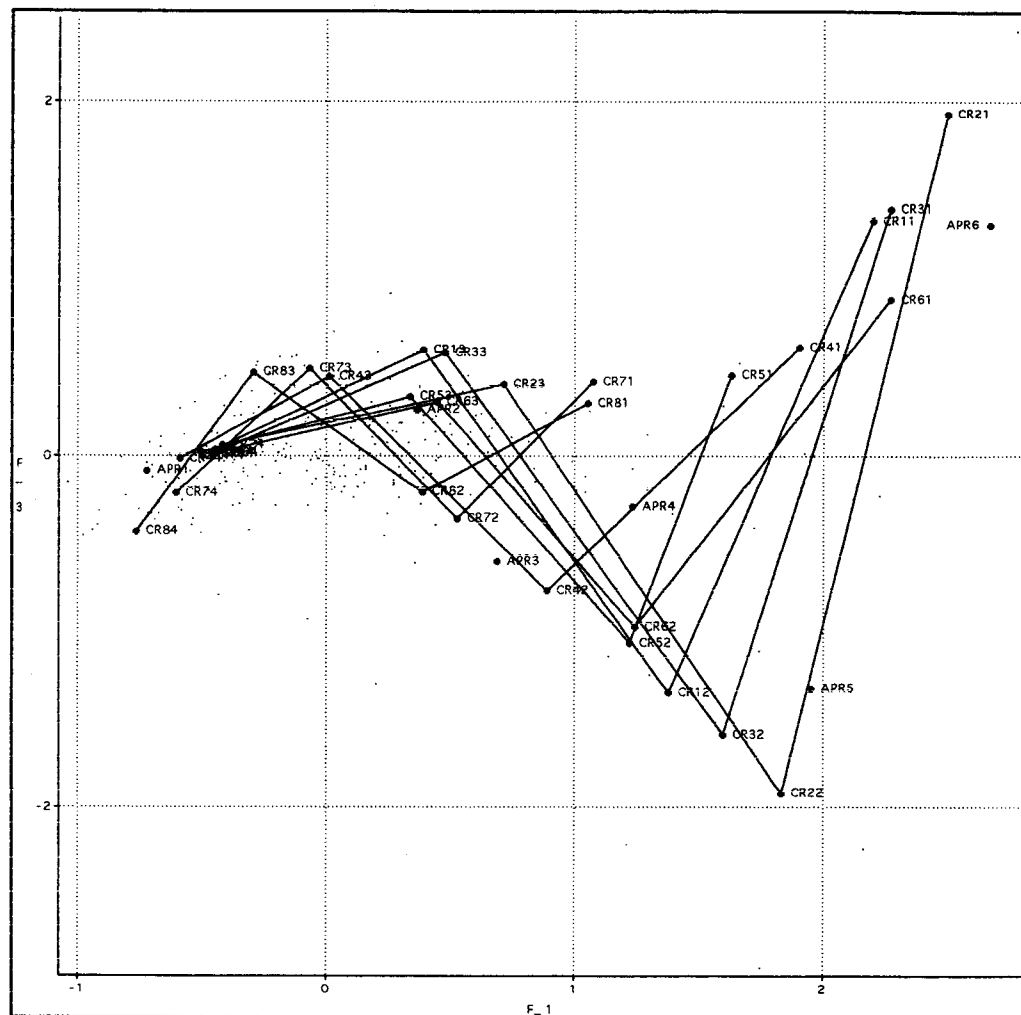
O plano 1/3 evidencia, assim, que a vivência religiosa é uma dimensão diferente do maior ou menor grau de sincretismo religioso, ou, por outras palavras, que a ortodoxia/heterodoxia religiosa católica é uma dimensão distinta do sincretismo do sagrado.

Gráfico 20 - Plano 1/3 - 'Tema' (b)



Crenças gerais I e II:
Existência de Deus (CG1) Deus Criador (CG2) Existência do demônio (CG3) Existência do Inferno (CG4)
Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 21 - Plano 1/3 - 'Tema' (c)

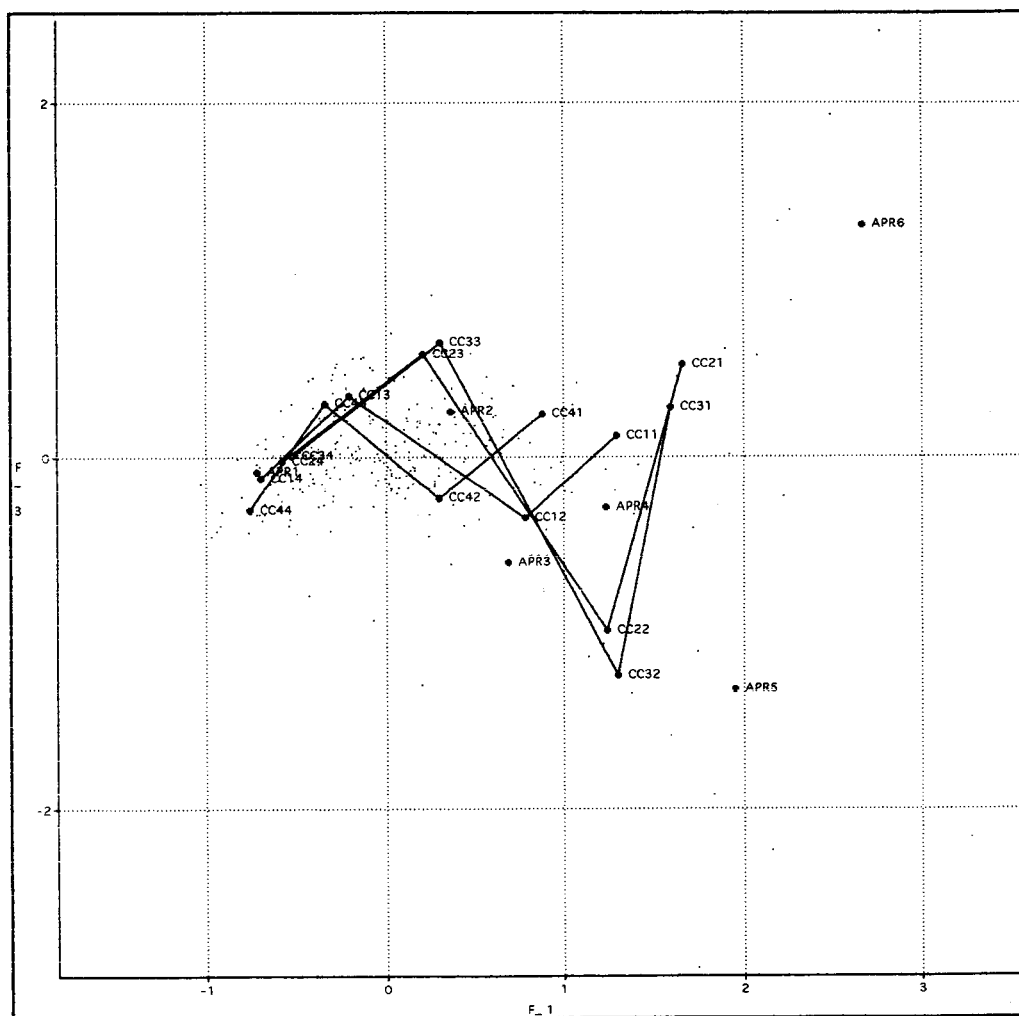


Crenças cristãs:

SS Trindade (CR1) Jesus: Deus e Homem (CR2) Morte e Ressurreição Jesus (CR3) Espírito Santo (CR4) Igreja: sinal de Deus
(CR5) Bíblia (CR6) Vida pós-morte (CR7) Ressurreição final (CR8)

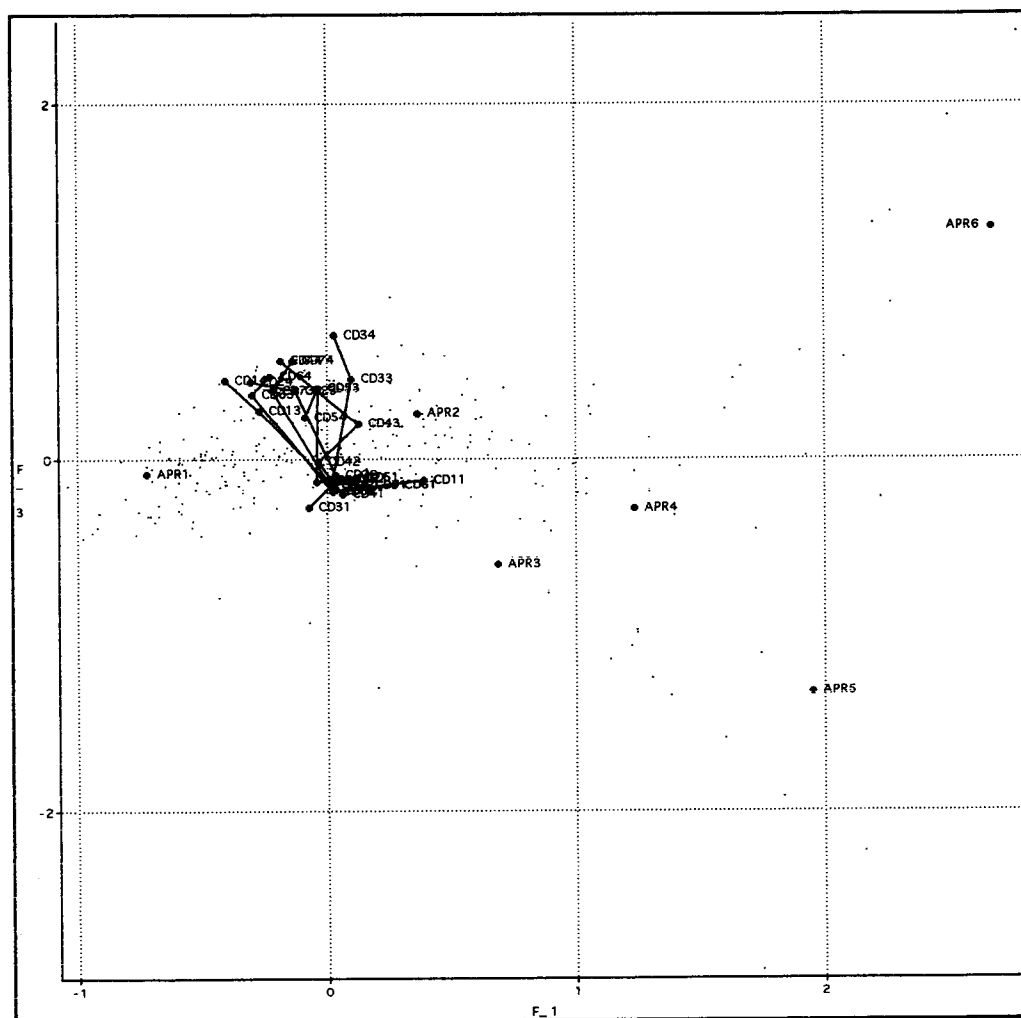
Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 22 - Plano 1/3 - 'Tema' (d)



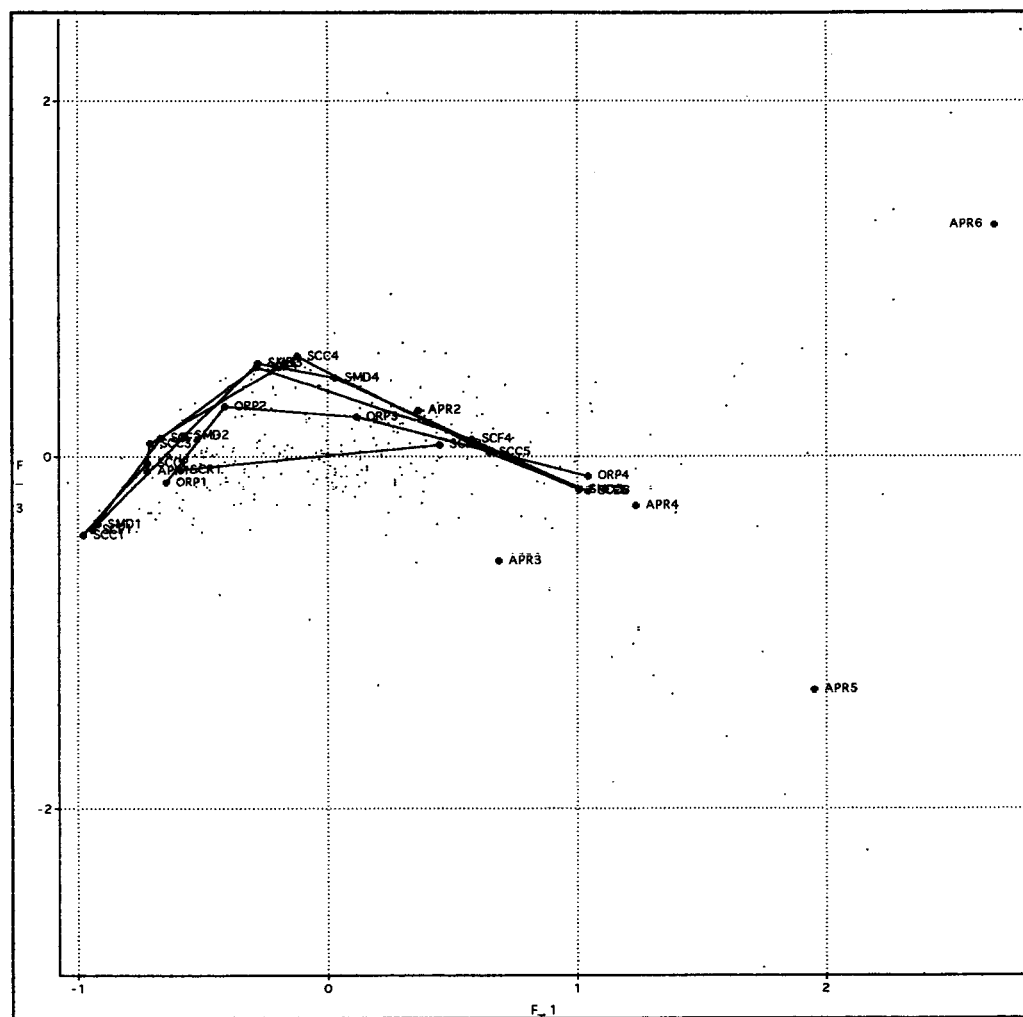
Crenças católicas:
 Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2) Virgindade e Maternidade (CC3) Infalibilidade do Papa (CC4)
 Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 23 - Plano 1/3 - 'Tema' (e)



Crenças: mágicas e animistas
 Comunicação mortos (CD1) Interferência maléfica (CD2) Influência de astros (CD3) Videntes e astrólogos (CD4) Virtuosos e curandeiros (CD5)
 Pragas-maus olhados (CD6) Premonição (CD7)
 Autoposição religiosa (APR)

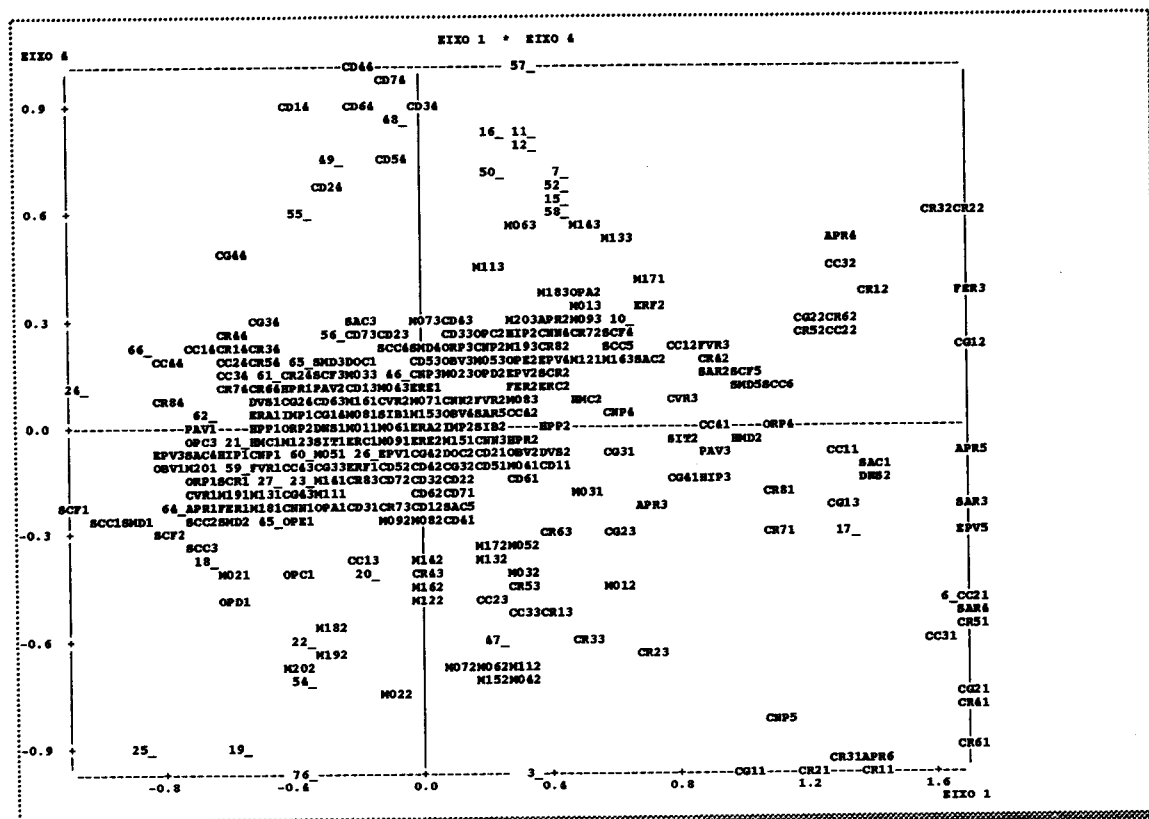
Gráfico 24 - Plano 1/3 - 'Tema' (f)



Culto oficial:
 Comunhão (SCC) Confissão (SCF) Crisma (SCR) Missa dominical (SMD)
 Oração pessoal (ORP)
 Autoposição religiosa (APR)

2.3.3. Plano 1/4

Gráfico 25 - Plano 1/4 - 'Tema' (a)



Tal como no plano anterior acontecia com o eixo 3, também no eixo 4 é mais nítida a oposição entre os que consideram as crenças religiosas como pouco prováveis, no lado positivo, e os que as consideram absolutamente erradas, no lado negativo (cf. Gráficos 26 a 28). Acontece ainda que aos primeiros se juntam os que têm tais crenças como certas e, aos segundos, aqueles que as têm por muito prováveis. A razão de ser deste escalonamento ilógico e diverso do inicial parece residir na oposição lógica quanto aos subtemas: valores morais, opinião sobre normas eclesiais e crenças animistas e mágicas.

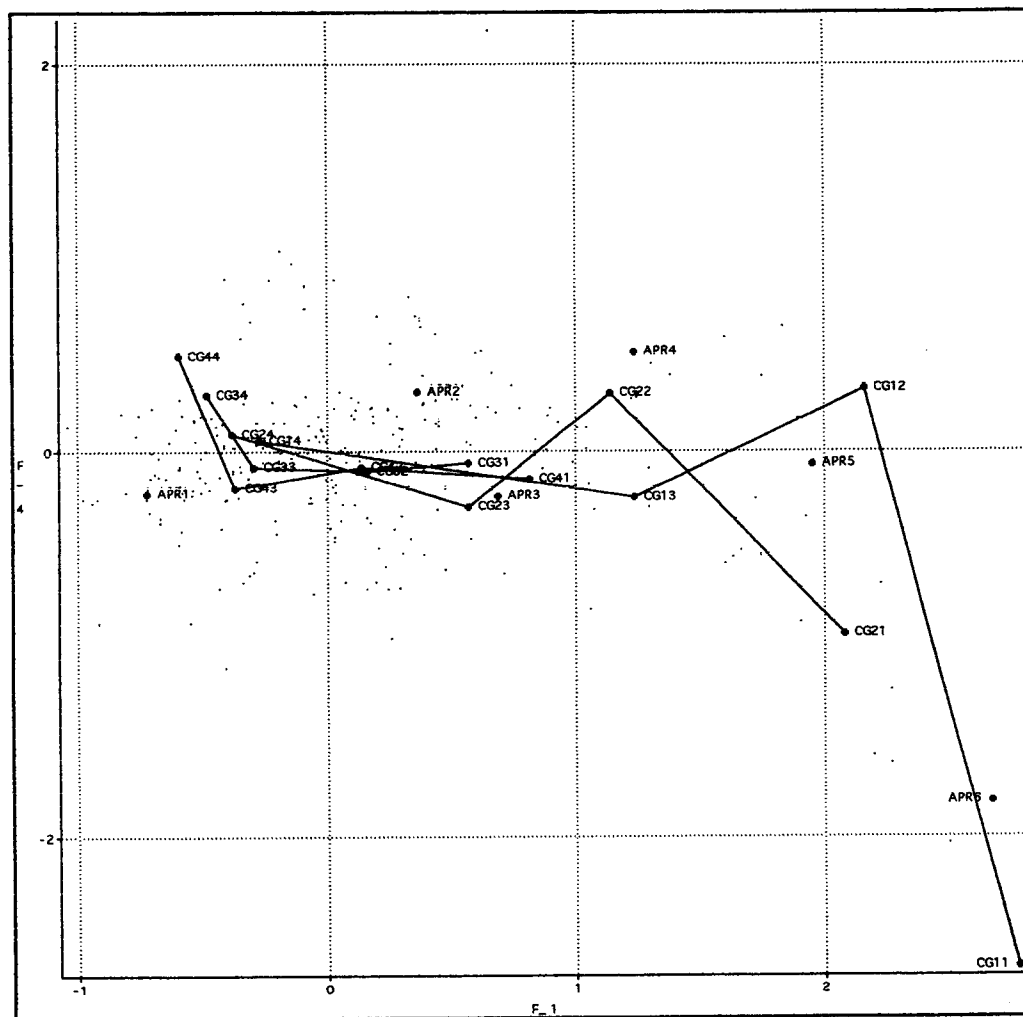
Observa-se, considerando os gráficos dos valores morais (cf. Gráficos 29 a 30) que, do lado positivo do eixo 4, se colocam aqueles cujos valores morais têm um

sentido contrário aos preconizados pela Igreja Católica e, do lado negativo, os que não tomam posição ou a tomam em conformidade com a doutrina moral católica. Do mesmo lado ficam também os que visam alterar as normas eclesiais sobre o aborto, celibato do padres, etc. (cf. Gráfico 32) e os que consideram certas, muito ou pouco prováveis as crenças animistas e mágicas.

O eixo 4 parece poder interpretar-se como um índice de criticismo moral da doutrina moral católica que é independente da maior ou menor intensidade da vivência religiosa.

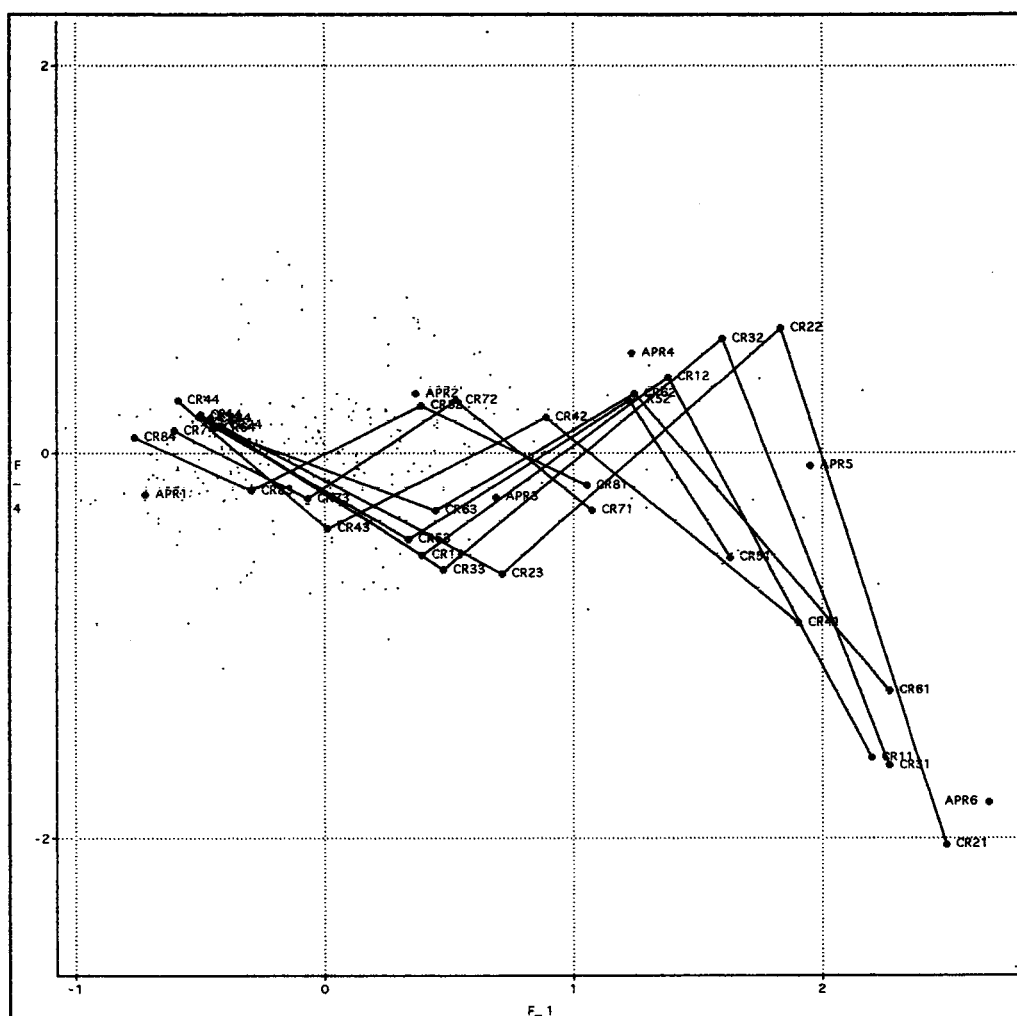
O maior criticismo moral ou oposição à doutrina moral católica parece provir, sobretudo, dos não praticantes e dos crentes sem religião que têm, simultaneamente, uma menor prática cultural e um grau mais elevado de crenças animistas e mágicas.

Gráfico 26 - Plano 1/4 - 'Tema' (b)



Crenças gerais I e II:
 Existência de Deus (CG1) Deus Criador (CG2) Existência do demônio (CG3) Existência do Inferno (CG4)
 Autoposição religiosa (APR)

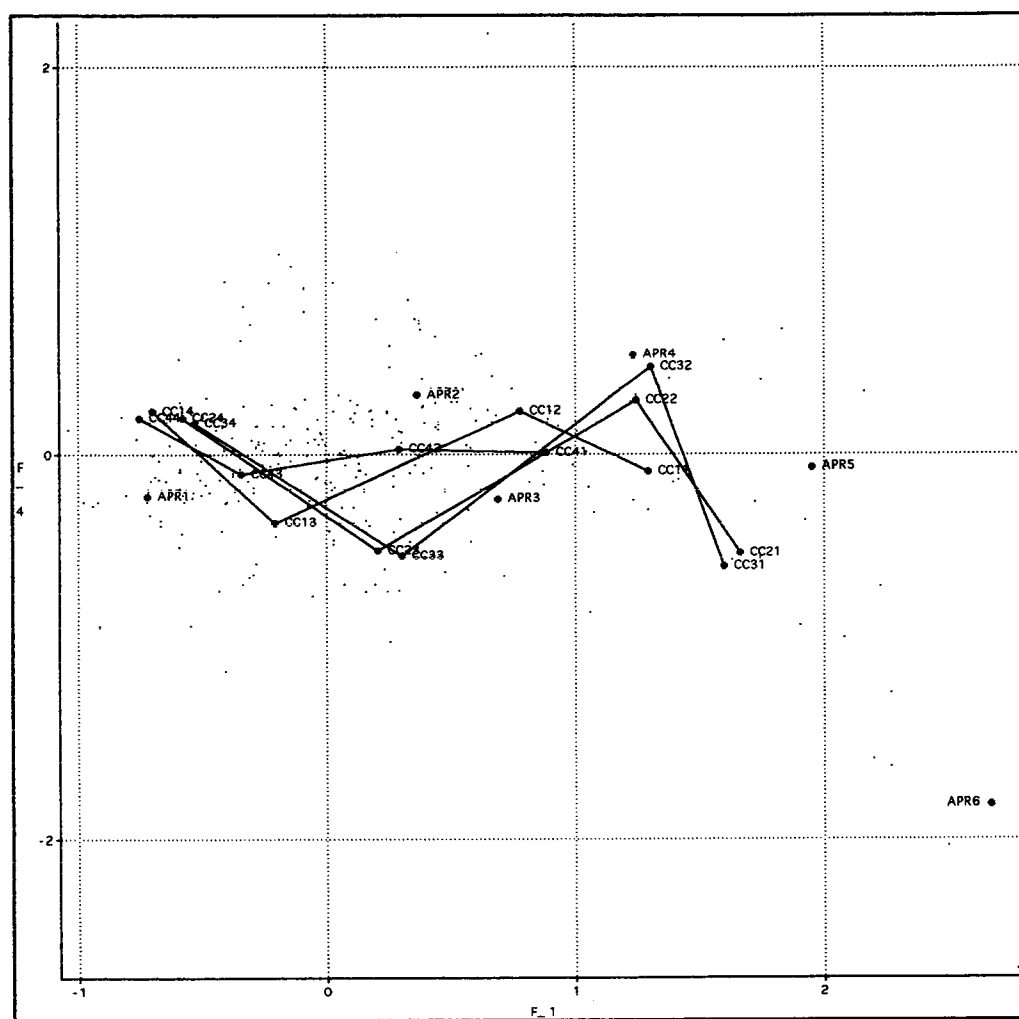
Gráfico 27 - Plano 1/4 - 'Tema' (c)



Crenças cristãs:

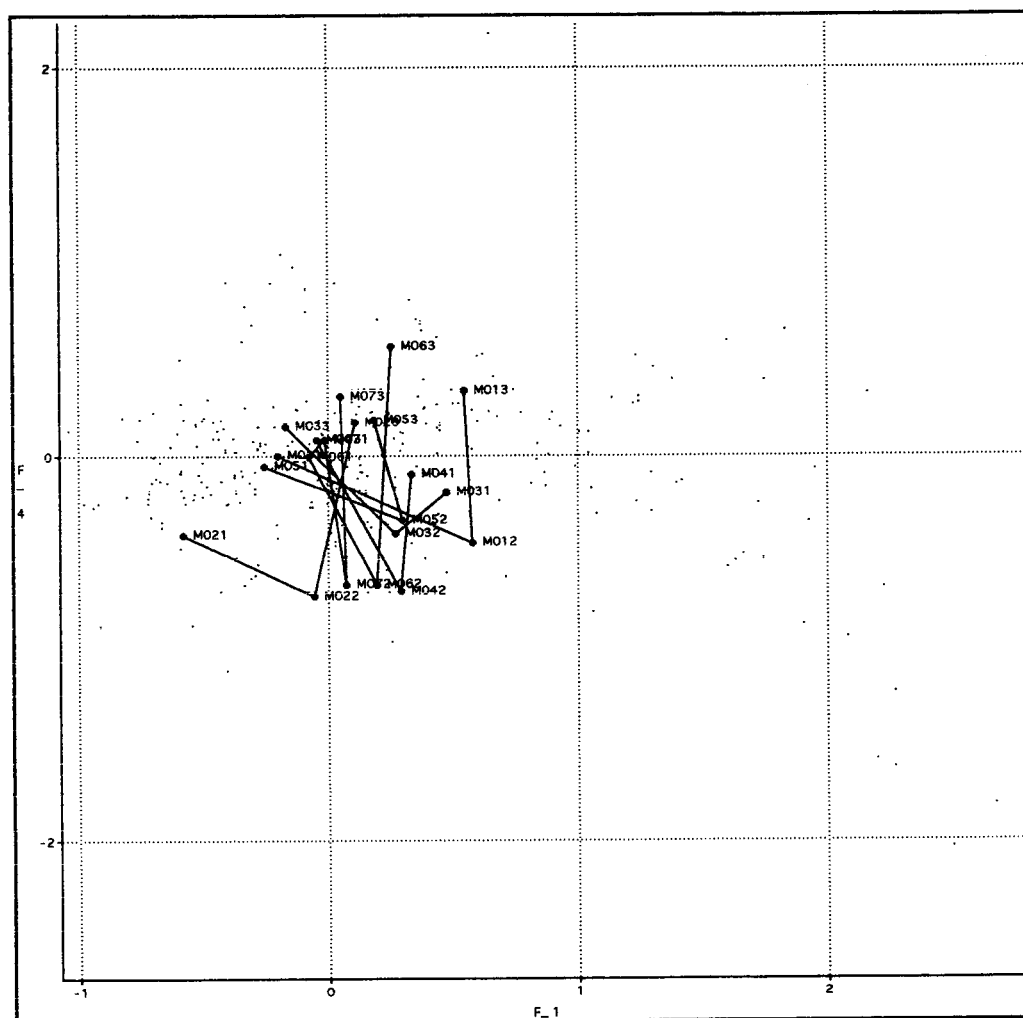
SS Trindade (CR1) Jesus: Deus e Homem (CR2) Morte e Ressurreição Jesus (CR3) Espírito Santo (CR4) Igreja: sinal de Deus
(CR5) Bíblia (CR6) Vida pós-morte (CR7) Ressurreição final (CR8)
Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 28 - Plano 1/4 - 'Tema' (d)



Crenças católicas:
 Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2) Virgindade e Maternidade (CC3) Infalibilidade do Papa (CC4)
 Autoposição religiosa (APR)

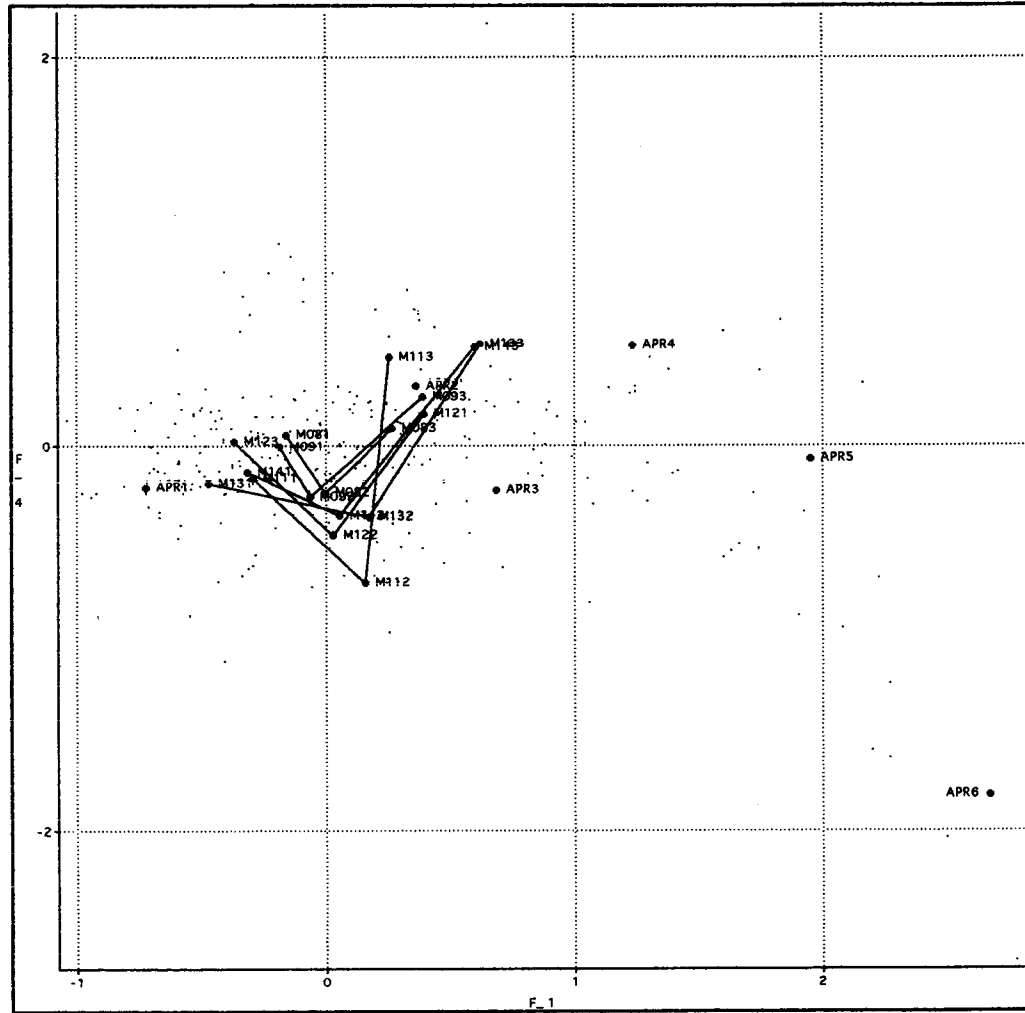
Gráfico 29 - Plano 1/4 - 'Tema' (e)



Valores morais:

Mal: revolta contra Deus (M01) Verdade outras religiões (M02) Amor ao próximo (M03) Defesa de vítimas (M04) Ofensas sem perdão (M05) Mentira aceitável (M06) Promoção no emprego (M07)
Autoposição religiosa (APR)

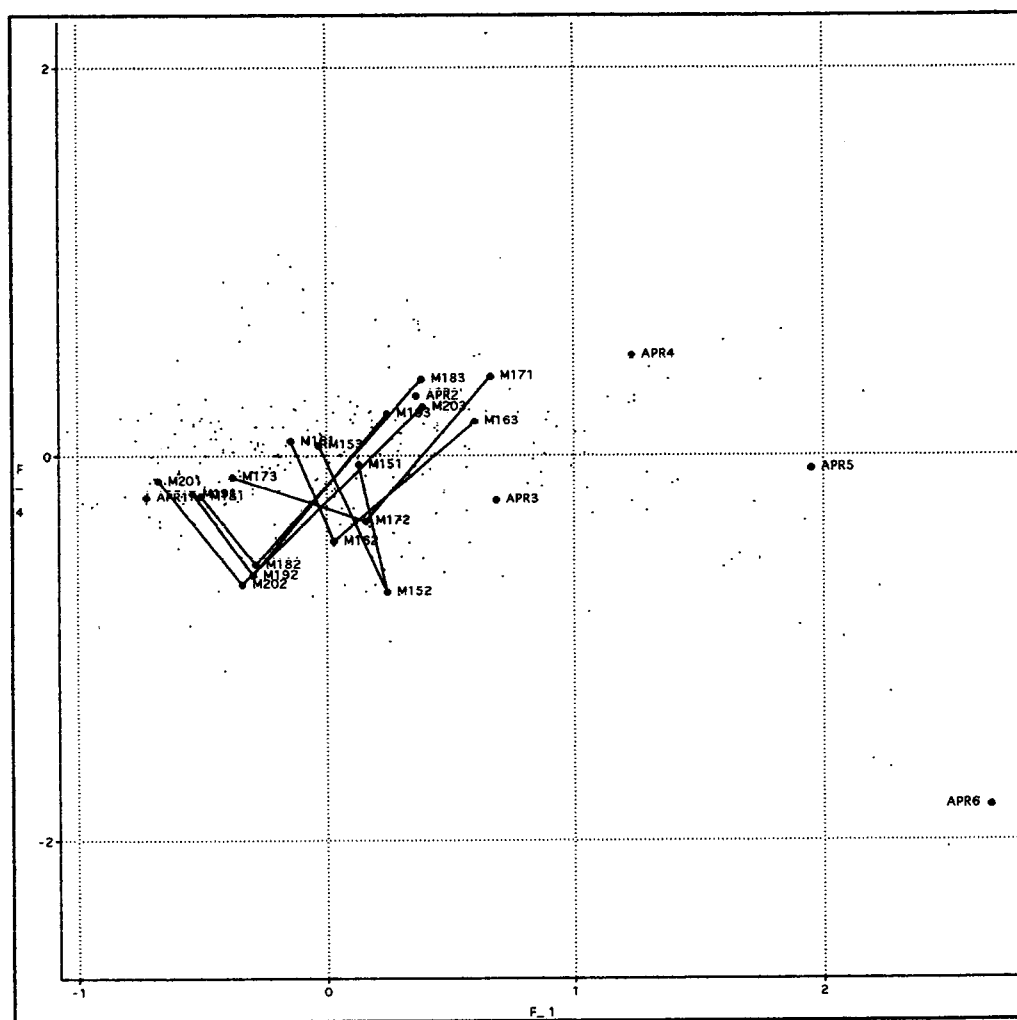
Gráfico 30 - Plano 1/4 - 'Tema' (f)



Valores morais:

Salário baixo (M08) Fuga aos impostos (M09) Liberdade aos filhos (M11) Direito dos filhos (M12) Pornografia tv (M13)
 Homossexualidade (M14)
 Autoposição religiosa (APR)

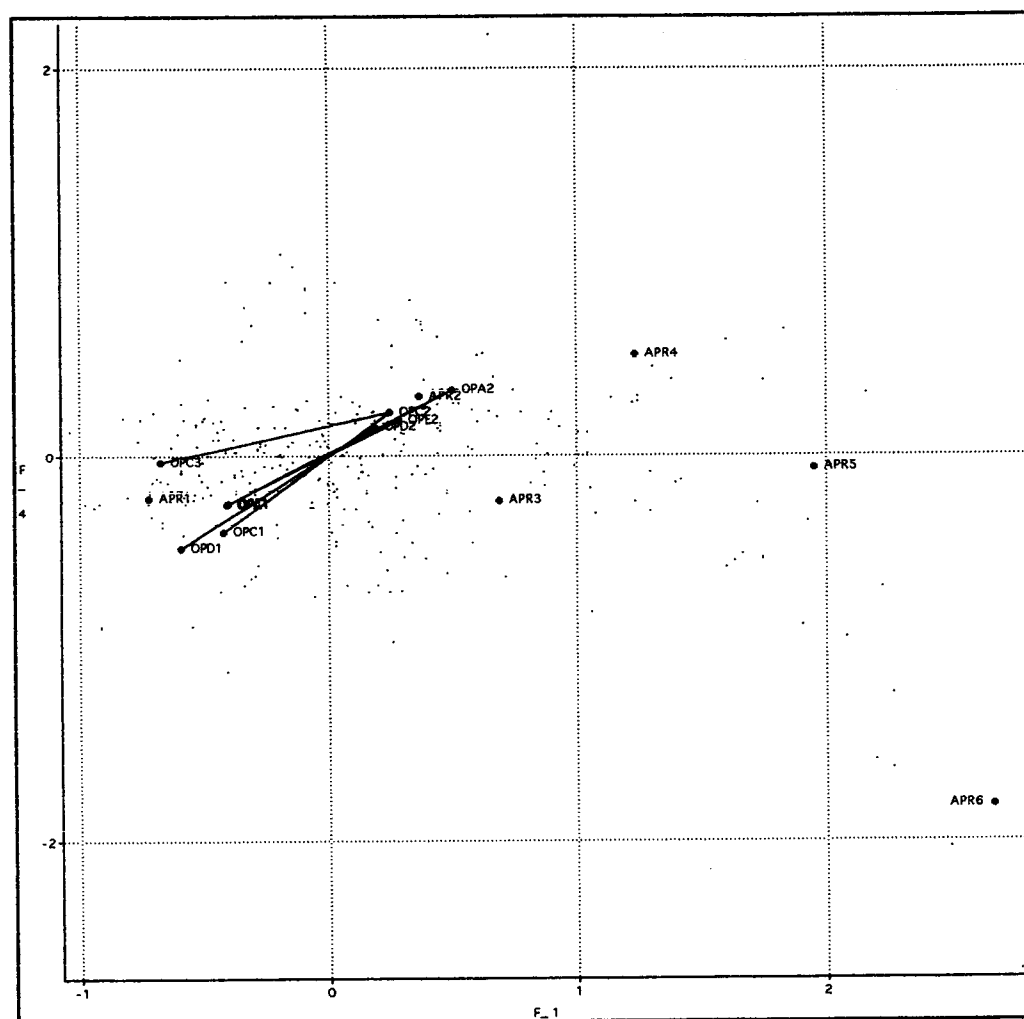
Gráfico 31 - Plano 1/4 - 'Tema' (g)



Valores morais:

Não matar (M15) Suicídio (M16) Aborto condenável (M17) QQ método contraceptivo legítimo (M18) Divórcio: solução (M19)
 Viver maritalmente (M20)
 Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 32 - Plano 1/4 - 'Tema' (h)



Opinião sobre normas da I. Católica:
 Celibato padres (OPC) Proibição do divórcio (OPD) Exclusão da mulher (OPE) Condenação do aborto (OPA)
 Autoposição religiosa (APR)

* * *

Como resumo e conclusão deste apartado sobre a análise de correspondências múltiplas, em que considerámos a maioria das variáveis temáticas sobre a religião dos portugueses, podemos dizer o seguinte.

- A primeira e mais importante dimensão da religião é da vivência religiosa católica, expressa na aceitação ou rejeição das suas crenças, da prática ou não prática dos seus actos de culto, de sentimentos próximos ou afastados e de uma perspectiva da moral conjugal e sexual em maior ou menor conformidade com os ensinamentos da Igreja Católica. Em sentido mais genérico poder-se-á dizer que o primeiro factor é índice da cosmovisão religiosa e de graus diversos da relação com as realidades metaempíricas, quer colectivas (expressas através do culto), quer individuais (sob a forma de oração pessoal). O quadro que dá forma às diversas expressões religiosas é o da religião católica.

Numa população que se afirma maioritariamente como católica, não é de estranhar que o primeiro factor revele que a religião dos portugueses se define, primordialmente, face à religião católica. Nesta assumem lugar de relevo as crenças, práticas culturais e alguns valores morais que distinguem os que têm tais crenças, práticas, sentimentos e valores em graus diversos de ortodoxia e ortopraxia. A religião dos portugueses define-se, sobretudo e em primeiro lugar, pelas relações dos homens com as entidades religiosas supraempíricas do catolicismo que, no entanto, apenas em aspectos pontuais, se reflectem na visão do que deve ser o tipo de relações horizontais entre os homens.

- Se o primeiro factor define a vivência religiosa e o grau de proximidade dessa vivência face à religião católica, o segundo factor expressa a dimensão intelectual ou do conhecimento das crenças e da avaliação moral. Tal conhecimento ou adesão a crenças fez-se pela oposição entre a certeza (afirmativa ou negativa) e a dúvida, entre o aprovar ou desaprovar e o não ter opinião. Pode assim dizer-se que a religião se estrutura em dois pólos opostos: o da segurança da aceitação ou rejeição das crenças e a dúvida, em maior ou menor grau, que indicia a indiferença face às realidades supraempíricas e aos valores éticos. O autoposicionamento religioso ilustra, como no primeiro eixo, estes dois pólos. Trata-se, pois, de uma estrutura cognitiva e avaliativa que se encontra também noutras instituições sociais e não apenas na religiosa.

- Se o factor três põe em evidência a dimensão normativa e moral que opõe um posicionamento mais tradicional a outro mais liberal; opõe, sobretudo um grau de crença em geral pequeno, isto é, de dúvidas pela positiva e pela negativa, a negação do mágico e animista versus a sua afirmação positiva. Pode concluir-se também que quando a crença religiosa se expressa pela dúvida tendem a estar presentes crenças animistas e mágicas. Os fenómenos religiosos não existem, assim, em estado puro, antes se fazem acompanhar também de crenças mágicas. Pelo menos, entre os portugueses nota-se a dimensão sincrética da religião, ou seja, da mistura da natureza diversa do sagrado.

- O factor quatro define a dimensão moral da religião ou graus diversos de avaliação moral reveladores de uma estrutura que opõe a tendência mais conservadora e mais conforme à moral católica à perspectiva antagónica ou criticismo do ensinamento moral tradicional da Igreja Católica. Este eixo estrutura

também dois tipos de atitudes face à educação religiosa das gerações: uma mais heterodirigida e outra mais liberal ou autodirigida.

- O factor cinco é revelador da dimensão mágica que acompanha a religião, isto é, não existe religião em estado puro. O que há é, porém, uma tendência clara da magia e da religião ou, pelo menos da católica, serem, apesar de tudo, factos antagónicos. Com efeito, quem nega a magia tende a ter um maior índice de crenças religiosas e valores morais mais próximos do catolicismo, ainda que isso seja mais claro da parte de quem não tem práticas religiosas. Pelo contrário, quem afirma a magia tende a ser descrente do ponto de vista religioso e ter uma moral de sentido contrário ao da Igreja Católica, embora, comparativamente tenha maior volume de prática cultural.

O factor cinco é, assim, indicador e índice da perspectiva mágica e animista que se acompanha de uma visão intelectual mais afastada daquela que é dada pela religião católica.

- O factor seis define a dimensão religiosa em que a perspectiva e relações com as realidades metaempíricas se fundam na crença de uma vida extraterrena e numa motivação moral que aí se fundamenta, tal como se fundamenta também na autoridade eclesiástica. Tal perspectiva é acompanhada de uma maior tendência para as crenças mágicas que se referem às relações com os mortos e à sua interferência. Trata-se, sendo assim, de um índice de motivação moral extraterrena que diminui à medida que decresce a crença no mágico e o apoio na autoridade institucional.

- A dimensão da socialização religiosa é traduzida pelo factor sete. Com efeito, graus diversos de socialização religiosa católica traduzem-se numa maior ou

menor proximidade/afastamento do pensamento moral católico, interesses e práticas culturais católicas mais ou menos intensas, maior ou menor rejeição do mágico na vida quotidiana.

- O factor oito traduz a dimensão religiosa da crença na vida extraterrena depois da morte e da comunicação dos homens com entidades metaempíricas (demónio, almas dos mortos, etc.). O maior forte grau de tal crença é, até certo ponto, independente das práticas e ritos católicos e do tipo de socialização religiosa. Essa crença é acompanhada de uma relação diária com entidades supraempíricas, o que é expresso na frequência da oração, por um alto grau de anticlericalismo e pela pertença a outra religião diferente da católica ou na afirmação de ser crente sem religião. O grau mais diminuto deste conjunto de comportamentos está ligado à prática de alguns hábitos religiosos e a uma pequena participação no culto oficial católico. Estes últimos aspectos são mais típicos entre os que se afirmam católicos praticantes ou não.

- O factor nove evidencia a dimensão da aculturação religiosa na vida adulta como elemento dinamizador da tendência à mudança. Com efeito, a tendência para a mudança, nomeadamente das normas eclesiais e da moral católica é mais intensa conforme, na vida adulta, se pertence a associações religiosas católicas e há interesse pela leitura de documentos religiosos.

- O factor dez põe em relevo a importância dos agentes da socialização religiosa (família e catequese paroquial) nas atitudes dos pais face à educação religiosa dos filhos. Isso, mesmo se actualmente, o afastamento das práticas religiosas já é grande. Com efeito, quanto maior é o background religioso maior é a tendência para a transmissão religiosa entre gerações.

Cada uma das expressões seguintes procura sintetizar cada um dos factores ou dimensões da religião. Com efeito, pode afirmar-se que a religião dos portugueses se define por dez dimensões, a saber:

- *vivencial ou da ortodoxia e ortopraxia religiosa sob a forma católica;*
- *intelectual ou do conhecimento e da avaliação em termos de certeza ou de indefinição;*
- *sincrética, isto é, da convivência entre o mágico e o religioso;*
- *moral ou do tradicionalismo versus a liberalização dos costumes, dos comportamentos hetero e autodirigidos;*
- *mágica*
- *extraterrena como fundamento da moral, ou seja, motivadora das relações sociais;*
- *socialização religiosa ou do background da educação religiosa;*
- *extraterrena como crença dinamizadora da vida religiosa sem culto colectivo;*
- *propensão à mudança religiosa fruto da maior ou menor aculturação;*
- *passagem do testemunho religioso entre gerações.*

3. Classificação automática

Interpretados os factores ou dimensões da religião dos portugueses, o nosso objectivo é, agora, encontrar categorias sociais múltiplas ou tipos ideais de indivíduos, sociologicamente relevantes do ponto de vista religioso.

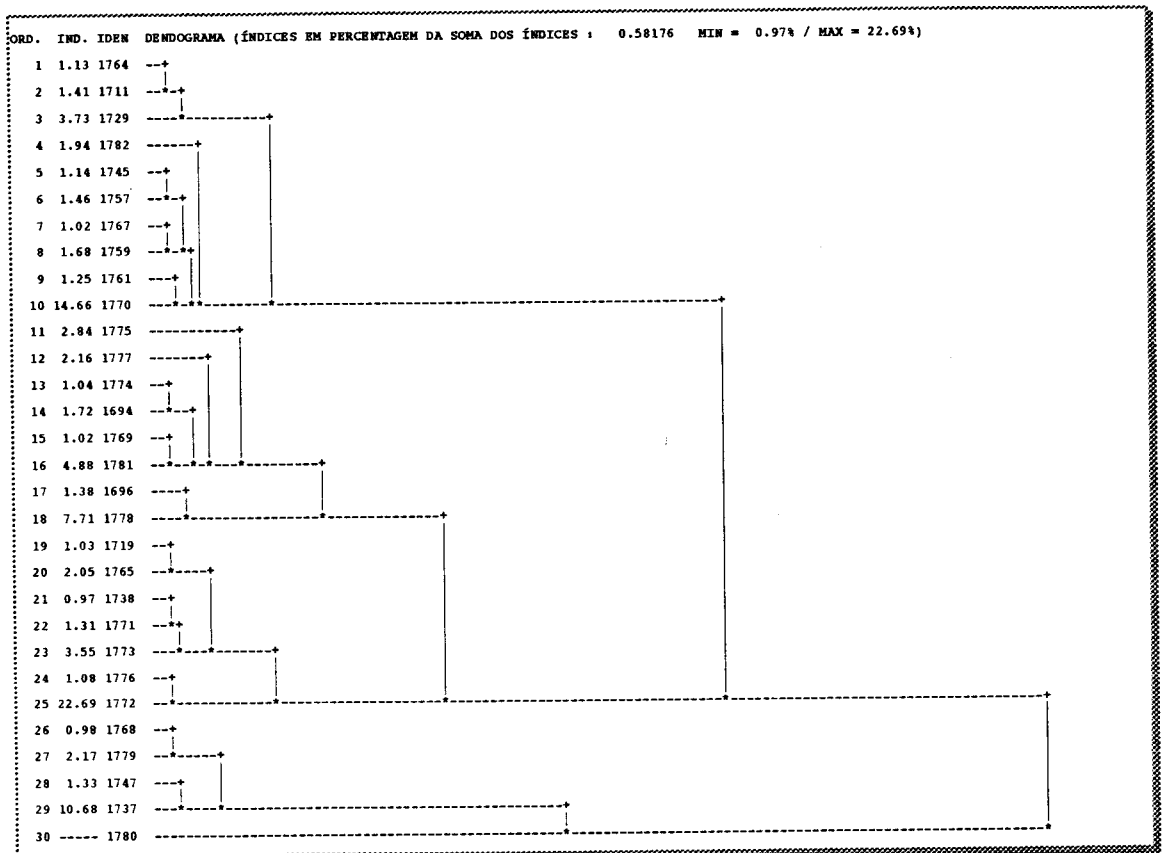
3.1. Escolha da partição

Após tentativas diversas em que, para a partição, utilizámos todos os eixos e apenas os 10 que interpretámos, optámos por utilizar 49, ou seja, aqueles que têm um valor próprio igual ou superior à média (0.0141) e que, portanto, retêm a informação mais pertinente. Seguimos, assim, um critério estatístico. O histograma dos índices de nível, cujo somatório é 1.48822, é o que se pode observar no Gráfico 14 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 94). Esse gráfico sugere uma partição em 7 classes, fazendo o corte ao nível de 0.02169. O dendograma da página seguinte confirma a opção e o Quadro 52 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, p. 94) a correspondência entre a configuração gráfica e as classes, antes das iterações.

Se o quociente de inércia é estatisticamente baixo (0.2808), mesmo depois da consolidação da partição à volta dos 7 centros de classes, as classes obtidas são sociologicamente relevantes. As tentativas que fizemos de estabelecer outro número de classes revelaram que, ou as classes mais numerosas ficavam menos distintas, utilizando um número inferior ou as de dimensão pequena se reduziam muito sem que houvesse grande ganho no quociente estatístico da inércia, se dividíssemos em mais. O Quadro 53 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII*

- *A religião dos portugueses*, p. 94) resume a decomposição da inércia calculada sobre os 49 eixos, depois de 6 iterações.

Gráfico 33 - Dendograma - 'Tema'



3.2. Descrição das categorias sociais

Considerando a influência global das questões para a caracterização das 7 classes, podemos afirmar que as crenças religiosas e as práticas do culto oficial católico são, como regra, as variáveis mais importantes na discriminação das classes. Isso confirma o que já, de certo modo, se fazia notar também na interpretação de alguns factores. Mas vejamos, especificadamente, cada uma das classes.

Em anexo, transcrevemos os resultados estatísticos que obtivemos para se poder confirmar o que dizemos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VII - A religião dos portugueses*, Quadros 54-60, p. 95-101).

3.2.1. Classe 1/7

A classe 1/7 é formada por 121 indivíduos que representam cerca de 13% do total e cujas características mais marcantes são as que a seguir indicamos.

Os indivíduos desta classe acreditam com total segurança na existência de Deus, ou seja, têm como absolutamente certa a existência de Deus. Pode dizer-se que têm uma convicção profunda sobre a existência de uma realidade supraempírica, entidade que se caracteriza também por ter criado o universo. Esse ser reveste as qualidades do Deus cristão tal como a revelação bíblica no-lo apresenta: é uno e trino, encarnou na segunda pessoa da Santíssima Trindade, sendo, simultaneamente, salvador, através da sua morte e ressurreição. Esse Deus actua através da terceira pessoa - o Espírito Santo - que está presente na comunidade de fiéis ou Igreja e no coração de cada homem. Os indivíduos desta classe acreditam ainda, com certeza absoluta, na vida extraterrena do homem depois da morte e que, no fim dos tempos, se dará a ressurreição. Como castigo dos maus, tal vida será o inferno. Pode afirmar-se que se trata, não só de crentes, como de crentes cristãos convictos. A realidade supraempírica assim caracterizada é a verdade e o bem, a que se opõe o demónio como realidade supraempírica da mentira e do mal. Mas mais: esse Deus perdoa o homem através da confissão dos pecados, alimenta-o com a Eucaristia e guia-o através da Igreja que tem a garantia da infalibilidade do seu chefe; ao encarnar fez de uma mulher virgem sua mãe. Trata-

se, portanto, do crente cristão católico, isto é, cujas crenças são tipicamente as católicas.

A crença cristã e católica não convive com a crença mágica e animista, pois este tipo de crenças é considerado completamente errado. Trata-se de uma crença religiosa em estado puro, sem sincretismos, pelo menos para a maioria.

Devotos de Nossa Senhora e dos santos, os indivíduos desta classe (cerca de 2 em cada 3) mantêm com as realidades metaempíricas um contacto pessoal ou culto individual diário. O culto colectivo expressa-se também sob a forma cristã católica. Cerca de 8 em cada 10 participam na missa dominical, 35% comungam aos domingos e 47% fazem-no algumas vezes por ano. Nove em cada 10 receberam o sacramento do crisma. Sensivelmente na mesma proporção em que participam na missa dominical dizem confessar-se duas e mais vezes ao longo do ano. Cumpridores do que está prescrito pela Igreja Católica, ultrapassam largamente o mínimo exigido.¹⁶ Praticam também, de forma habitual, outros ritos não obrigatórios como o incorporar-se em procissões, ir e mandar celebrar missas de defuntos, ir em peregrinação a lugares sagrados e fazer promessas. Além disso, possuem como seus, símbolos religiosos como o terço e a bíblia. Pode afirmar-se que aliam à crença convicta a prática sistemática do culto individual e colectivo sob diversas formas, isto é, que, de facto, são praticantes quanto ao culto.

No que se refere a valores morais, nos seus diversos aspectos, são tradicionalistas no sentido de aprovarem os comportamentos éticos que a Igreja Católica defende como seus sem os contestarem e visarem manter também as normas eclesiásticas sobre o aborto, divórcio, celibato dos padres e exclusão das

¹⁶ Segundo o Código de Direito Canónico os baptizados, depois da idade da razão, devem receber o sacramento da confirmação e confessar-se e comungar, pelo menos, uma vez ao ano (cf., respectivamente, os cânones 891, 989 e 920). É também obrigação do baptizado santificar os domingos e festas de guarda participando, nesses dias, numa celebração eucarística ou missa.

mulheres do sacerdócio. Assim, cerca de 3 em cada 4, desaprovam que face ao mal seja natural a revolta contra Deus; haja ofensas que não possam ser perdoadas; a mentira seja aceitável se proveitosa; sejam lícitos quaisquer meios para promoção no emprego; o suicídio, mesmo em situações extremas. O mesmo se passa quanto à moral familiar, conjugal e sexual em que desaprovam a total liberdade dos filhos depois da puberdade; a legitimidade da pornografia nos mass-media; a homossexualidade como natural; qualquer método contraceptivo ser legítimo; o divórcio e o viver maritalmente sem casar. Por outro lado aprovam o direito dos filhos ao não divórcio dos pais; a condenação do aborto e defendem que não matar é um valor absoluto, como aprovam o amor ao próximo até ao sacrifício da vida e a defesa de vítimas de calúnias e injustiças. Ainda que de forma significativa, mas numa proporção pequena, os indivíduos desta classe são tolerantes do ponto de vista religioso. Com efeito, apenas 2 em cada 5 dizem aprovar a verdade de outras religiões. O seu universo moral é coerente e o grau de convicção é forte como nas crenças. Pode afirmar-se que são defensores dos ideais expressos ou implícitos nos mandamentos da lei Deus nos seus diversos componentes.

Caracterizam-se, praticamente todos, por uma alta sensibilidade religiosa e cerca de 9 em cada 10 por um sentimento anticlerical nulo.

A religião é para eles objecto digno de ser transmitido às gerações futuras e daí promoverem a educação religiosa dos filhos (3 em cada 4) e dizerem encorajar a sua vocação religiosa (4 em cada 5). Eles próprios têm conhecimento directo dos documentos da Igreja e da imprensa religiosa, assistem regularmente a programas religiosos transmitidos na rádio ou tv e a religião é objecto de conversa regular. Note-se, no entanto, que nestes aspectos, a proporção é menor: cerca de um em cada dois. As festas — Natal e Páscoa — assumem, para eles, o significado

religioso: nascimento de Jesus e morte e ressurreição de Cristo.

Caracterizam-se também por terem sido educados religiosamente na família e na catequese paroquial e, ainda que em muito menor proporção (cerca de 3 em cada 10), em associações religiosas. Em igual proporção são aqueles que têm como um dos objectivo de vida o religioso e avaliam a sua vivência religiosa como tendo aumentado.

É interessante notar como cerca de 97% se autotransformaram como católicos praticantes, entendida esta expressão no seu sentido vulgar. E, de facto, têm todas as características de um católico que vive a sua crença e a expressa em comportamentos concretos, quer na sua relação vertical com Deus, quer na sua relação horizontal com os outros.

Os quatro eixos que melhor explicam ou em que melhor fica representada esta categoria sócio-religiosa são o primeiro, o segundo, o terceiro e o sexto ou seja os que expressam os índices da vivência religiosa ortodoxa/heterodoxa, do conhecimento seguro/inseguro, do sincretismo religioso versus a pureza da religião, da fundamentação moral na vida extraterrena.

Sintetizando, diremos que este tipo sócio-religioso é o do *fiel católico convicto*, interessado, cumpridor dos seus deveres religiosos e morais, não apenas segundo o que está estabelecido pela organização religiosa a que pertence – a Igreja Católica –, mas ultrapassando-o mesmo.

3.2.2. Classe 2/7

Os indivíduos da classe 2/7 são em número de 260 e representam cerca de 29% dos inquiridos. Tendo em conta as tabulações dos cruzamentos das questões com as classes, verifica-se que, relativamente à classe 1/7 que atrás identificámos, esta classe é constituída, grosso modo, por indivíduos que têm, em grau mais reduzido, as características do primeiro grupo. Entre todas as categorias sócio-religiosas esta constitui a categoria modal.

Se todos acreditam em Deus, cerca de 9 em cada 10 afirmam como absolutamente certo que Deus criou o universo. É também um Deus uno e trino que incarnou em Jesus e que, tal como a Bíblia narra, se manifesta através do Espírito Santo. A Igreja é o sinal da sua presença no mundo sensorial. Trata-se, como para o primeiro grupo, do Deus cristão ainda que a percentagem de certeza absoluta nas suas características seja ligeiramente inferior à daquele. De qualquer modo trata-se também do crente cristão convicto.

Se relativamente à presença de Cristo no pão consagrado e virgindade e maternidade de Nossa Senhora a proporção dos que afirmam estas crenças como absolutamente certas é de cerca de 90%, o mesmo não se dirá já das crenças no perdão de Deus através da confissão e na infalibilidade do Papa. Quanto a esta última crença a moda não é considerá-la como absolutamente certa, mas apenas muito provável. Quer isto significar que a mediatização da relação com Deus expressa no perdão ritual dos pecados e na autoridade infalível do Papa é uma crença que este grupo possui em menor grau do que o primeiro grupo que identificámos e descrevemos.

Ainda que católico, o seu catolicismo romano é de grau inferior se comparado com o grupo 1/7. Trata-se, assim, de um tipo de crente cuja adesão às

crenças tipicamente católicas é expressa quer pela certeza quer pela dúvida, ainda que com um grau de plausibilidade grande.

Também no que se refere às crenças na vida extraterrena o grau de certeza é semelhante ao das crenças católicas. A moda é considerar a ressurreição final como muito possível. O mesmo acontece quanto à existência do demónio e do inferno. E mesmo este grau de certeza é manifestado apenas por cerca de dois indivíduos em cada cinco. Dir-se-á que, quanto a estas crenças, não predomina a certeza, mas apenas a afirmação da sua plausibilidade ou, por outras palavras, de uma dúvida de pequeno grau.

No que diz respeito às crenças animistas e mágicas, cerca de metade considera-as como pouco prováveis, embora haja também quem considere a comunicação com mortos e seres divinos (3 em cada 10) e a influência de pragas e maus olhados (em proporção semelhante) como muito prováveis. Há, portanto, uma mistura de crença religiosa e de crença animista e mágica que não se verifica no primeiro grupo onde a crença religiosa existe em estado puro.

Crentes cristãos manifestam-se menos certos dos dogmas católicos e da recompensa numa vida extraterrena, sobretudo se ela se expressa pelo castigo dos maus com o inferno (2 em cada 5 indivíduos).

Praticam também o culto colectivo através dos ritos católicos repetitivos. A intensidade destas práticas é variável. Cerca de 3 em cada 10 cumpre o preceito da missa dominical, em igual proporção, são os que participam na missa dominical ao menos uma vez por mês. Todavia, todos cumprem o preceito da confissão e comunhão anuais, havendo mesmo os que praticam estes ritos com maior frequência. Os indivíduos que pertencem a este grupo têm, portanto, uma prática ritual diversa.

No que respeita a outras práticas do culto cristão têm características em grau semelhante ao que anotámos no grupo 1/7, isto é, habitualmente incorporam-se em procissões, vão e mandam celebrar missa pelos defuntos, peregrinam e fazem promessas. O mesmo se diga da devoção a Nossa Senhora e a santos. A maior parte possui o terço como objecto religioso. No que se refere à oração pessoal 1 em cada dois tem essa prática como diária e cerca de 27% quase diária, o que é inferior ao verificado na classe 1/7.

Em geral, o tipo de avaliação que fazem dos valores morais é um outro elemento distintivo deste grupo. Com efeito, fazem um tipo de juízo menos seguro, expresso no não aprovarem nem desaprovarem os comportamentos que lhes foram pedidos para avaliarem. Há, no entanto, valores morais sobre os quais têm um juízo seguro de desaprovação: a revolta contra Deus face ao mal que se observa (4 em cada 5), a legitimidade da pornografia na tv ou um juízo seguro de aprovação: a condenação do aborto. Nalguns aspectos, porém, não fazem juízos seguros. É o acaso de comportamentos como a atitude face à verdade das outras religiões; qualquer meio ser aceitável para promoção no emprego; a fuga aos impostos; o suicídio admissível em situação extremas: qualquer método contraceptivo ser legítimo. Noutros aspectos há opiniões diversas. Uns têm certezas e outros não têm uma posição claramente definida. Isso é mais evidente na moral familiar.

Pode afirmar-se que, no aspecto moral, não constituem um grupo homogéneo com um tipo de moral coerente e claramente definida. Apenas nos aspectos pontuais que referimos isso se verifica.

Excepto quanto ao aborto em que cerca de 3 em cada 4 são de opinião de que a Igreja deve manter a sua condenação, relativamente à exclusão da mulher do sacerdócio, o celibato dos padres e a proibição do divórcio, as opiniões dividem-se,

embora seja estatisticamente mais relevante a tendência para a manutenção do *status quo*. Estas observações confirmam como este grupo se caracteriza pela heterogeneidade dos seus membros quanto aos juízos morais.

Tal como o grupo anterior também este se caracteriza por uma sensibilidade religiosa alta e anticlerical nula. Relativamente à socialização religiosa a maior parte foi educado na família e na catequese paroquial, mas não em associações religiosas. Identificam a Páscoa pelo seu significado religioso - morte e ressurreição de Cristo, conversam regularmente sobre religião (3 em cada 10) e relativamente aos programas audiovisuais uns assistem a eles de forma regular outros de forma irregular (3 em ca 5). Cerca de metade diz procurar promover a educação religiosa dos filhos e encorajar a sua vocação religiosa se a manifestarem. Uma outra característica é também o facto de se dizerem constantes no seu percurso de vida religiosa.

Cerca de 80% desta categoria social autodenomina-se de católicos praticantes. Tendo em conta que na categoria anterior estavam contidos 27% e nesta 50% pode afirmar-se que, na generalidade, o autoposicionamento religioso subjectivo de católico praticante corresponde ao objectivo com a particularidade de se terem formado duas classes distintas. Há, portanto, ao nível dos comportamentos reais e ideais, dois graus de se ser católico praticante, quer no culto, quer nas crenças e na moral. Esperamos que, quando considerarmos apenas o conjunto que se autoposiciona religiosamente como católico praticante, consigamos uma classificação mais perfeita, ou seja, que encontremos grupos dentro destes dois conjuntos.

Os factores que mais contribuem para a formação desta classe sócio-religiosa são o primeiro, o sexto e o quarto, ou seja, o eixo da vivência ou da

ortodoxia e ortopraxia religiosas, o da vida extraterrena como fundamento moral e o da moral. Isto não é de estranhar dadas as características deste grupo e confirma a interpretação que fizemos dos eixos factoriais.

Concluindo, podemos afirmar que a classe 2/7 é a do *crente cristão católico estatisticamente modal*. O seu grau de crença é relativamente elevado quanto às crenças gerais I e cristãs, mas de grau mais diminuto no que diz respeito às demais. A sua prática religiosa é variável e heterogénea como heterogéneas são as suas avaliações morais. Digamos que o primeiro e segundo grupos identificam católicos de dois graus de coerência e de convicções religiosas com a presença concomitante de traços de magia e de animismo. Trata-se, deste modo, do crente modal cujas referências principais se estabelecem face à religião católica sem que, no entanto, a ela adiram plenamente ou, por outras palavras, se identifiquem com a sua pureza ortodoxa.

3.2.3. Classe 3/7

A classe 3/7 é formada por 209 indivíduos que representam 23% do total dos inquiridos.

A observação que sobressai de imediato é o facto de, nesta classe, os indivíduos terem certezas absolutas nas crenças. Estão, portanto, convictos em matéria de afirmações sobre as realidades supraempíricas. Todos acreditam em Deus e nove em cada dez que Deus criou o universo. As qualidades do seu Deus são as do Deus dos cristãos: uno em três pessoas, que morreu e ressuscitou para salvar, actuante através do seu Espírito, sendo a Igreja sinal da sua presença no mundo. Acreditam também na existência do inferno para castigo dos maus, sem que todavia possam ser caracterizados pela sua crença numa vida extraterrena depois

da morte, o mesmo se podendo afirmar sobre a infalibilidade do Papa. Regra geral, aderem com firmeza às outras crenças católicas: fé no perdão de Deus através da confissão, ainda que em proporção reduzida; presença de Cristo no pão consagrado e virgindade e maternidade de Nossa Senhora. Pode dizer-se, sendo assim, que são crentes cristãos católicos convictos, posto que haja alguns dogmas em que tal não se verifica com nitidez. Tais dogmas referem-se à vida extraterrena, ressurreição final e infalibilidade do Papa.

Simultaneamente caracterizam-se por acreditarem com igual firmeza nos aspectos animistas e mágicos das crenças. Pode dizer-se que juntam a crença religiosa à crença mágica.

A sua prática do culto oficial católico é muito diminuta. Não são crismados, só vão à missa algumas vezes por ano ou por festas e nunca se confessam ou comungam. Se praticam esses ritos é com uma periodicidade inferior à anual e, se há procissões, limitam-se a ir ver passá-las sem se incorporarem. A sua relação pessoal com realidades metaempíricas, através da oração pessoal, é rara. Pode afirmar-se que a sua religião se expressa mais pela sua adesão a crenças do que à prática cultural. Uma vez que esta prática estabelece a ligação com a comunidade dos crentes, pode afirmar-se que são individualistas. Dizem-se, no entanto, devotos de Nossa Senhora (9 em cada 10) e têm uma sensibilidade religiosa alta e anticlerical baixa.

Tal como nas crenças têm certezas afirmativas, na moral caracterizam-se por fazerem avaliações seguras: aprovam ou desaprovam os comportamentos. Assim, aprovam o amor ao próximo, a defesa de vítimas de calúnias e de injustiças, no que se aproximam dos valores católicos. Mas as suas demais posições morais estão em oposição com a ortodoxia católica. Com efeito, aprovam haver ofensas que

não têm perdão; a mentira; a utilização de quaisquer meios para promoção no emprego; a total liberdade dos filhos depois da puberdade; a legitimidade da passagem de filmes pornográficos na tv; a homossexualidade como natural; a legitimidade de qualquer método contraceptivo; o divórcio; a união conjugal não legalizada juridicamente. Desaprovam também a condenação do aborto. Coerentes com as suas próprias perspectivas morais, afastadas dos princípios católicos, defendem a alteração das normas eclesiais vigentes sobre o aborto, celibato dos padres, divórcio e exclusão das mulheres do sacerdócio. São, portanto, uma classe que se caracteriza pela mudança face ao estabelecido.

Sem educação religiosa familiar, consideram a Páscoa como época festiva, parecem não se preocupar muito com a transmissão da religião às novas gerações já que são pela liberdade de educação e vocação religiosa dos filhos. A religião não é para eles objecto de conversa regular e só irregularmente assistem a programas religiosos transmitidos na tv e na rádio. A religião não parece ser para este grupo um objecto de cultura muito importante, ou seja, um valor central do seu universo de valores.

Autoclassificam-se como católicos não praticantes. Tal classificação subjectiva é confirmada pelos dados objectivos da sua prática cultural. O seu catolicismo confina-se à adesão a crenças, posto que não a todas como vimos, e o seu pensamento moral está longe, em muitos aspectos, de poder ser considerado ortodoxo.

Os factores que melhor explicam esta classe são o terceiro, o quarto, o sexto e o sétimo. Ou seja: misturam o religioso e o mágico, defendem um certo liberalismo moral que não fundamentam na vida extraterrena e a sua socialização religiosa é bastante baixa.

Se o primeiro tipo era o do católico fiel e o segundo o do católico modal, poder-se-á dizer que o terceiro é o do crente descomprometido: não pratica o culto e tira das crenças consequências diversas das da comunidade dos fiéis relativamente aos comportamentos concretos. Religiosamente é um indivíduo não activo.

3.2.4. Classe 4/7

A classe 4/7 é composta por 65 indivíduos, ou seja, 7% dos inquiridos.

Ainda que crentes convictos em Deus (9 em cada 10), afirmam com certeza também absoluta que Deus criou o universo (8 em cada 10) e que Jesus Cristo é filho de Deus feito homem (75%). Conforme se observa na tabulação desta classe com as questões que estudamos, o mais característico desta categoria sócio-religiosa é afirmar como absolutamente erradas as outras crenças, tanto as religiosas quanto as mágicas, com excepção da crença na morte e ressurreição de Jesus para salvar, que consideram como muito provável. Consideram como absolutamente errada a crença na vida extraterrena e na ressurreição final, tal como a Igreja ser sinal da presença de Deus no mundo e o Espírito Santo actuar nela e no coração de cada homem. O mesmo se diga do perdão de Deus através da confissão, da presença de Cristo no pão consagrado, da virgindade e maternidade de Nossa Senhora e da infalibilidade do Papa.

Pode dizer-se que se limitam a considerar como absolutamente certa a existência de uma realidade extraempírica — Deus que é também criador do universo. O mesmo se diga de Jesus como Filho de Deus feito homem. Quanto aos demais dogmas cristãos e católicos são descrentes. Se os quisermos denominar poderemos afirmar que são teístas. O seu Deus está longe de ter as qualidades que os cristãos católicos lhe atribuem.

Se considerarmos o modo como, predominantemente, se autodenominam — crentes sem religião — e o relacionarmos com as práticas rituais que dizem ter podemos afirmar que a sua classificação subjectiva corresponde à classificação objectiva que deles podemos fazer. Com efeito, não são crismados, não vão à missa dominical, nunca se confessam actualmente e nunca o fizeram antes, o mesmo acontecendo relativamente ao rito da comunhão. Também não têm quaisquer outros hábitos religiosos: não vão a procissões, não vão ou não mandam celebrar missa pelos defuntos, não peregrinam, nem fazem promessas, tal como não possuem objectos simbólicos do ponto de vista religioso, nomeadamente o terço. Esta categoria sócio-religiosa caracteriza-se por uma prática ritual nula, nas suas diversas expressões católicas e mesmo na forma individual da oração pessoal, pois também nunca rezam, nem são devotos de santos. Não têm, assim, qualquer elo que os prenda à comunidade dos crentes, excepção feita, como se disse, ao facto de acreditarem num ser extraempírico que criou o universo e em Jesus Cristo.

O juízo moral que fazem dos comportamentos relacionados com a moral familiar e sexual são os opostos à perspectiva cristã. Assim, desaprovam o direito dos filhos ao não divórcio dos pais, aprovam a total liberdade dos filhos depois da puberdade, bem como a utilização de quaisquer métodos contraceptivos. Desaprovam que o aborto seja sempre condenável e consideram que a normas eclesiástica que o condena deve ser alterada assim como o celibato dos padres.

A sua sensibilidade religiosa tem um índice baixo ou médio e a sua oposição à organização eclesiástica expressa-se por um grau alto ou médio de anticlericalismo. Nunca conversam sobre religião, nunca vêem ou ouvem programas religiosos na tv e na rádio. As festas religiosas têm outros significados para lá do significado religioso ou simplesmente festivo.

A religião não é, para este grupo, um valor. Consideram que aos filhos deve ser dada liberdade de educação religiosa, opõem-se à sua eventual vocação religiosa e eles próprios não tiveram educação religiosa. Isto denota que a socialização religiosa tem forte impacto na transmissão dos valores religiosos entre as gerações.

Dos factores sócio-religiosos que definimos, os mais relacionados com esta classe são o primeiro, o quinto, o segundo e o oitavo, o que confirma a interpretação que fizemos desta classe e dos próprios factores. Na realidade, observa-se que este grupo tem um índice baixo de vivência religiosa, de ortodoxia e ortopraxia, faz avaliações seguras das crenças e dos valores morais, opõe-se à magia e ao animismo e a sua perspectiva extraterrena é dinamizadora de uma vida sem culto colectivo.

Sem culto e sem dimensão extraterrena, sem ligação a uma comunidade de fiéis, opostos à moral católica, os indivíduos tipificados nesta categoria social caracterizam-se também como crentes teístas sem qualquer consequência dinamizadora dos seus comportamentos. Trata-se de um tipo ideal de *teístas, sem religião vivencial*.

3.2.5. Classe 5/7

Em número, a classe 5/7 é a terceira em importância, correspondendo a cerca de 17% do total (156 indivíduos).

Nos grupos até agora identificados verificou-se, como regra, que os que lhes pertencem têm certezas, afirmativas ou negativas, nas crenças e fazem avaliações seguras, de aprovação ou desaprovação, relativamente aos juízos morais, com excepção, neste último aspecto, do grupo dois. Esta quinta categoria sócio-religiosa tem como nota mais saliente a dúvida e incerteza. Mas vejamos, com mais

pormenor, as suas características.

Esta classe põe em dúvida, de maior ou menor grau, não apenas a existência de quaisquer outras realidades extraempíricas, como também a própria existência de Deus. O perfil desta classe caracteriza-se, assim, pela dúvida sobre a existência de Deus, ainda que a considere como muito provável. A crença em Deus como criador do universo assume os dois graus de dúvida: muito e pouco provável. O mesmo se verifica quanto a outras crenças: o Espírito Santo actua na Igreja e no coração do homem; a vida no Além depois da morte; a Ressurreição final; a fé no perdão de Deus através da confissão; a presença de Cristo no pão consagrado. Consideradas como muito prováveis são as crenças na Santíssima Trindade; em Jesus Cristo como Deus e homem; na morte e Ressurreição de Jesus para salvar; na Bíblia como contendo verdades reveladas; na Igreja como sinal da presença de Deus no mundo e da virgindade e maternidade de Nossa Senhora. Pouco prováveis são a infalibilidade do Papa; a existência do demónio e do inferno.

Relativamente às crenças mágicas e animistas também elas são consideradas como duvidosas e, a maioria delas, apenas avaliadas como pouco prováveis. Excepção é a crença na influência dos astros sobre o destino das pessoas (muito provável) e o auxílio de videntes e astrólogos (muito provável para uns e pouco provável para outros).

Pode concluir-se, assim, que as crenças religiosas convivem com as crenças mágicas, não põem, sobre qualquer delas uma certeza ou negação, antes um grau de plausibilidade positiva ou negativa. Trata-se de indivíduos que põem em causa as crenças na existência e qualidades de realidades metaempíricas.

As práticas cultuais ou são inexistentes ou muito diminutas. Com efeito, nunca vão à missa dominical (4 em cada 10) ou só o fazem por festas, nunca se

confessam, nunca comungam ou fazem-no com uma periodicidade diminuta (menos de uma vez por ano), nem são crismados (7 em cada 10). Em proporção semelhante também não fazem promessas, não peregrinam, não vão ou mandam celebrar missa pelos defuntos. Limitam-se a ir ver passar as procissões sem nelas participarem. Também se afirmam não devotos de santos e nunca rezam. A Páscoa é para estes uma festa familiar.

Exceptuada a aprovação do suicídio em situações extremas e de admitirem o viver maritalmente sem casar, face aos outros comportamentos éticos fazem sempre a avaliação de não aprovar, nem desaprovar. Pode, por isso, afirmar-se que se trata de um grupo cujos juízos morais se caracterizam pela incerteza manifestada no não tomar posição, isto é, não fazem juízos seguros.

As posições pouco definidas no pensar e não ajuizar acompanham-se por um grau médio de anticlericalismo. Consequentes, dão liberdade aos filhos quer no que se refere à sua educação religiosa, quer no que respeita a sua eventual vocação religiosa. Caracterizam-se ainda por nunca conversarem sobre religião e não atenderem à programação religiosa na rádio e na tv.

Na quase totalidade não receberam educação religiosa em associações específicas, 6 em cada 10 diz-se católico não praticante e, no evoluir da sua vivência religiosa, o mais característico é a inconstância.

São os factores dois, quatro, seis e um os que melhor explicam esta classe, isto é, o índice de conhecimento e de avaliação em termos de certeza e de indefinição, os comportamentos auto e heterodirigidos, a crença extraterrena como motivadora das relações pessoais e o seu grau de ortodoxia e de ortopraxia.

Sintetizando, diremos que este tipo sócio-religioso se caracteriza pela dúvida nas crenças, a incerteza nos julgamentos morais, uma prática cultural muito

reduzida. Trata-se de um grupo que podemos denominar de *amorfos*, sem um posicionamento claro e sem qualquer empenhamento religioso.

3.2.6. Classe 6/7

A classe 6/7 é constituída por 70 indivíduos que representam o tipo sócio-religioso que se observa numa franja reduzida da população: 8%.

Sem negarem a existência de Deus põem-na em causa, pois consideram-na como pouco e muito provável (menos de 5 em cada 10). São, portanto, cépticos face à existência de uma realidade supraempírica. Pouco prováveis são também as crenças na Santíssima Trindade; Jesus é Deus e homem; Jesus morreu e ressuscitou par salvar e a infalibilidade do Papa. Também consideram como absolutamente errado ou pouco provável que Deus tenha criado o universo, o mesmo acontecendo com as demais crenças cristãs e católicas. Considerada absolutamente errada é a existência do demónio e do inferno, isto é, descrêem totalmente na existência do mal como entidade supraempírica própria. Dir-se-á que os elementos desta classe se caracterizam pelo cepticismo religioso de grau elevado, cepticismo que se verifica também face às crenças mágicas e animistas, nomeadamente, a influência dos astros no destino das pessoas e o auxílio de videntes e astrólogos.

Comparativamente com o grupo anteriormente descrito verifica-se um grau de cepticismo maior, nomeadamente no que se refere às crenças cristãs e católicas. Há neste grupo um maior afastamento da cosmovisão cristã católica.

Nove em cada dez não receberam o crisma, nunca vão à missa dominical, nunca se confessam ou comungam e não têm símbolos religiosos: Bíblia ou terço (7 em ca 10). Também não têm por hábitos religiosos peregrinar, ir a missa pelos

defuntos ou mandar celebrá-las. Não se dizem devotos de Nossa Senhora ou de santos e nunca rezam. São anticlericais de grau médio e alto e a sua sensibilidade religiosa é baixa ou nula. Pode afirmar-se, sendo assim, que têm um afastamento completo face às práticas rituais colectivas ou individuais.

A religião não é para esta classe um valor. De facto, nunca conversam sobre religião, nem assistem a programas religiosos ou lêem a imprensa de cariz religioso. A sua atitude face à educação dos filhos é a de eles serem livres nessa escolha, mas opõem-se à sua vocação religiosa. A Páscoa tem outros significados que não o religioso ou o simplesmente festivo.

Relativamente ao ajuizar os comportamentos morais pode afirmar-se que têm uma perspectiva muito afastada da visão cristã e católica das consequências práticas das crenças. Com efeito, aprovam a revolta contra Deus que responsabilizam pelo mal existente ou não tomam posição, como não tomam posição em questões como o amar ao próximo até ao sacrifício da vida. Aprovam um comportamento moral que se caracteriza pela aceitação da verdade de outras religiões que não a que professem; a fuga aos impostos; o trabalhar menos se o salário não é julgado justo, a legitimidade da pornografia na tv e da utilização de quaisquer métodos contraceptivos; a homossexualidade; o divórcio; o viver maritalmente sem casar, desaprovando também a condenação do aborto.

A esmagadora maioria considera serem de alterar as normas eclesiásticas sobre o aborto, divórcio, celibato dos padres e exclusão das mulheres do sacerdócio.

Sem educação religiosa de base, na família ou catequese paroquial, consideram que na sua evolução religiosa tem havido uma diminuição da vivência religiosa e dizem-se crentes sem religião ou indiferentes.

O factor um, isto é, o índice de vivência religiosa é o que melhor explica este

grupo. Outros factores são o terceiro, ou seja, o do sincretismo/não sincretismo religioso, o quinto, da magia e não magia, e o oitavo que se refere à crença na vida extraterrena como dinamizadora da vida religiosa sem culto.

Trata-se de um tipo religioso que se pode denominar dos cépticos no que se refere a crenças e de afastados por completo da prática cultural e moral católicas. Numa palavra, são *cépticos afastados do catolicismo*.

3.2.7. Classe 7/7

A classe 7/7, constituída por 25 indivíduos, é a classe minoritária, representando apenas 3%.

Quanto às crenças negam-nas todas: as gerais I e II, as cristãs e as católicas. Apenas menos de dois em cada 10 admitem a existência de Deus, mas mesmo esses consideram-na como pouco provável. A mesma descrença total se verifica relativamente aos aspectos animistas e mágicos sobre que foram inquiridos. Se o grupo anterior se caracterizava pelo cepticismo, este caracteriza-se pelo ateísmo: são ateus convictos, isto é, negam de forma absoluta os seres metaempíricos, religiosos ou mágicos e a vida extraterrena depois da morte.

Vivem completamente afastados do culto. Nenhum vai à missa dominical e a maioria nunca teve, noutra fase da vida, qualquer das práticas religiosas que considerámos, pois nunca se confessaram e nunca comungaram, nem se crismaram.

Coerentes com a sua descrença em realidades metaempíricas, nunca rezam (8 em cada 10) e não têm quaisquer hábitos religiosos sobre que foram interrogados, isto é, não vão a procissões, não vão nem mandam celebrar missa pelos defuntos, não fazem promessas, não peregrinam, nem são devotos de Nossa Senhora ou de santos. A sua sensibilidade religiosa é nula ou baixa e o seu

anticlericalismo alto. Este último aspecto revela, da sua parte, uma oposição militante à organização religiosa. As festas religiosas têm outros significados.

Coerentes com a sua descrença e afastamento religioso total, a religião é assunto que não se torna objecto das suas conversas. Praticamente nenhum se interessa por programas religiosos na televisão e na rádio (9 em cada 10).

A religião não é para eles um valor, não só porque não o receberam na educação que lhes foi dada como também não o julgam merecedor de ser transmitido aos filhos aos quais dão liberdade de, por si, se definirem religiosamente.

Nos aspectos morais estão completamente afastados da perspectiva ortodoxa da religião católica. Assim, desaprovam o amor ao próximo até ao sacrifício da vida; aceitam a mentira se proveitosa; aprovam o suicídio. Na moral conjugal e sexual caracterizam-se por os seus valores serem os contravalores dos católicos. Por outras palavras, pode afirmar-se que o modelo moral que os mandamentos da lei de Deus transportam em si é substituído por um código diferente e mesmo oposto. Não admira que, quase na totalidade, considerem ser de alterar normas que a Igreja Católica considera decorrerem das Escrituras Sagradas. Numa palavra, são pela mudança dos costumes.

Todos os que se autotransformaram de ateus pertencem a este grupo, bem como 3 em cada 10 dos que se disseram indiferentes. Estes, a nosso ver, não tiveram a coragem de se assumirem como descrentes absolutos que, de facto, são. Talvez isso se fique a dever ao contexto sócio-cultural em que vivem não ser suficientemente aberto para que cada um se possa expressar livremente do ponto de vista religioso.

De forma objectiva, pode afirmar-se que se trata do tipo ideal de descrente

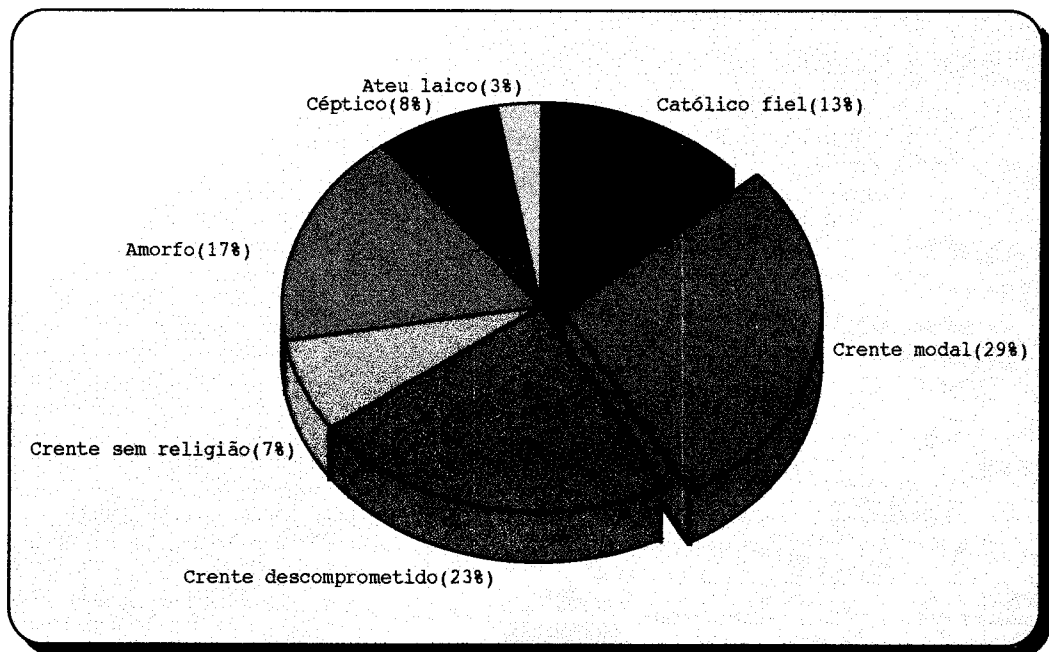
português radical, anticlerical, defensor da mudança de costumes e da alteração das normas eclesiais, completamente afastado da comunidade ou comunidades religiosas sejam elas quais forem. Distanciam-se não apenas do catolicismo como de qualquer outra forma religiosa ou mágica. Numa palavra, são *ateus e laicos*.

Caracterizando-se este grupo tal como o descrevemos, não é de estranhar que sejam os factores um, da vivência religiosa, o dois, da certeza/incerteza, o quatro, do tradicionalismo *versus* o liberalismo e o cinco, da magia/antimagia que melhor caracterizam este tipo sócio-religioso.

* * *

O gráfico que a seguir apresentamos permite visualizar e comparar a importância numérica das sete categorias sócio-religiosas que estabelecemos.

Gráfico 34 - Composição das classes sócio-religiosa / 'Tema'



Dadas as perguntas do inquérito, em que a religião considerada é a católica, porque prevalecte em Portugal, pode afirmar-se que as categorias sócio-religiosas

em que população se divide, se estabelecem por um grau de maior ou menor proximidade/afastamento relativamente à religião católica.

Considerando o conjunto dessas categorias e as suas características, pode observar-se que os descrentes radicais, isto é, aqueles que põem em causa, de forma absoluta, a existência de uma qualquer realidade metaempírica, constituem uma minoria, quer do ponto de vista da simples contagem do seu número, quer no sentido sociológico do termo. Se isso não constitui novidade, mesmo para o simples observador, o mesmo não se poderá afirmar relativamente ao estereótipo que identifica, sem mais, português e católico. Se é certo que a religião católica constitui o quadro de referência religioso, certo é também que, na prática, a cosmovisão e práticas católicas, em sentido estrito, são partilhadas por menos de metade dos portugueses (cerca de 42%), se é correcta, e pensamos que sim, a classificação que obtivemos. Com efeito, a partir da classe III, o Deus em que dizem acreditar, a religião que afirmam professar, é como que um subproduto da religião cristã. É mais uma religião interior do que a participação colectiva e exterior numa comunidade que se identifica pelas suas crenças, práticas culturais e valores morais. Para os elementos da classe III, a religião, como tal, já não é um valor, pelo menos um valor central das suas vidas.

A partir da classe IV, o quadro religioso de referência esbate-se; nas classes V e VI prevalece o cepticismo sobre a existência de realidades metaempíricas que atinge, no último grupo, a negação. Há pois como que um *continuum* que demonstra que a religião é uma instituição social que marca, pela positiva e pela negativa, a vida colectiva dos homens, no caso concreto, a sociedade portuguesa. Relativamente a ela os portugueses autodefinem-se e são definidos. A perspectiva sobre a vida e as relações com os outros tendem a ser cada vez mais afastadas e

mesmo a opor-se aos valores morais que a doutrina católica preconiza. Quanto ao culto, quer individual, quer colectivo, ou nunca o tiveram ou abandonaram-no totalmente.

Um aspecto que importa salientar é o da existência ou não de educação religiosa na infância, pois ela tende a ser o pano de fundo que acompanha a vivência religiosa na vida adulta, os sentimentos para com a religião e a sua organização, a atitude, favorável ou não, à transmissão da perspectiva religiosa da vida. Na idade adulta, o culto colectivo e a ligação a uma comunidade que ele expressa parecem ser também factores condicionantes dos valores religiosos e morais que cada um prossegue.

Do ponto de vista metodológico, podemos concluir que, quer a análise de correspondências múltipla, quer a classificação automática são instrumentos que permitem, perante a multiplicidade da informação em análise, extrair a sua estrutura mais importante e estabelecer tipos sociológicos que de facto existem, não apenas como estilização teórica, mas como realidades sociológicas. Além disso, é possível fazer uma tipologia baseada simultaneamente numa multiplicidade de critérios.

Creemos poder concluir também que não há tipos puros. A realidade é muito complexa. O que há é ênfases em aspectos relevantes que permitem distinguir diferenças significativas em tipos reais.

OS ASPECTOS PARCELARES DA RELIGIÃO

Depois de termos analisado o conjunto das questões temáticas, iremos, agora, fazer o estudo parcelar de cada subconjunto ou subtema em que aquelas se podem subdividir.

Em primeiro lugar, estudaremos o culto, isto é, as formas organizadas de relação do homem com a ou as realidades metaempíricas. Com efeito, o homem entra em contacto dialogante com tais realidades, quer de forma mediatizada por um grupo organizado - o culto colectivo, quer de forma não mediatizada ou directa - o culto individual. Pretendemos observar qual a estrutura de cada um. O culto colectivo organizado é o da Igreja Católica. Na Igreja Católica, como aliás noutras Igrejas, há formas rituais repetitivas e não repetitivas. Umhas são obrigatórias, outras facultativas, umas têm um carácter oficial, outras não, isto é, não recai sobre elas qualquer exigência sobre o seu cumprimento estrito, mas apenas a recomendação de praticá-las. Isso não significa que, para a sua realização ou não, não possam ser exercidas pressões do ambiente social ou familiar. O culto não organizado individual expressa-se em formas de relação directas, genericamente designadas por oração pessoal, entre o indivíduo e a ou as realidades metaempíricas. Tais formas podem obedecer a fórmulas como é, por exemplo, o caso da oração do terço, ou não serem formalizadas. Podem ainda ser feitas em conjunto com outros indivíduos ou isoladamente, dirigidas a uma ou várias entidades metaempíricas e ter finalidades diversas. Pelas razões já referidas, quando estudámos a totalidade conjunta das questões, introduzimos agora mais variáveis

que não apenas a frequência da oração. Pretendemos também, a partir das características mais relevantes de cada tipo de culto, identificar as categorias ou tipos sociais.

Depois, estudaremos as crenças, isto é, as afirmações, positivas e negativas, com maior ou menor grau de segurança, que se fazem sobre as realidades metaempíricas e as suas qualidades. Pretendemos ver qual a estrutura das crenças, como é que se agrupam, que categorias sociais se formam a partir delas. Com efeito, a cosmovisão ou mundividência depende do que se observa, mas também das realidades que, não sendo observáveis, são objecto de crença e tidas como reais, pelo menos nas suas consequências.

A seguir, estudamos os valores morais. Se os juízos concretos sobre os comportamentos dependem do meio social e da socialização recebida, dependem também da cosmovisão religiosa e da interiorização que cada um faz dela. Como se estrutura o código ou códigos morais dos portugueses? Como se estratificam os portugueses em função da avaliação dos comportamentos? Eis duas questões a que procuraremos responder.

Finalmente, veremos o subtema da religião como objecto e factor de cultura, isto é, em que medida a religião em si mesma é um valor considerado digno de ser transmitido de geração em geração. É certo que o culto, as crenças e os valores morais prosseguidos são indicadores da medida em que a religião é ou não um valor para uma dada população. Neste subtema privilegiamos, no entanto, outros indicadores que mais à frente especificaremos, como a posse de símbolos religiosos, o interesse manifesto pela literatura religiosa, os sentimentos mais próximos ou afastados face à organização religiosa.

I - CULTO COLECTIVO

1 - Análise de correspondências múltiplas

O objectivo é encontrar a estrutura dos actos cultuais colectivos. Assim, na ACM, foram consideradas activas as questões que se referem ao culto colectivo oficial, isto é, a actos cultuais considerados obrigatórios e, os que sendo colectivos, não revestem o carácter de obrigatoriedade. As primeiras são: frequência da comunhão (SCC); frequência da confissão (SCF); recepção do sacramento do crisma (SCR) e frequência da missa dominical (SMD). As segundas dizem respeito a diversos hábitos religiosos sobre que foram questionados os inquiridos: peregrinações (HPP); procissões (HIP); ir a missas de defuntos (HMD) e mandar celebrar missa por alma (HMC). Por se poder prever que, de algum modo, possam ser condicionantes do culto colectivo, foram consideradas variáveis ilustrativas o autopoicionamento religioso (APR); os agentes de socialização religiosa: família (ERF), catequese paroquial (ERC), escola (ERE), associações religiosas (ERA); o objectivo de vida mais importante (OBV) e as crenças: fé no perdão de Deus através da confissão (CC1) e presença real: Cristo no pão consagrado (CC2). As frequências destas variáveis são idênticas às que já se apresentaram nos Quadro 18-29 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática*, p. 44-50).

Na ACM utilizou-se o procedimento CORMU, calcularam-se todos os eixos, em número de 19, tendo-se editado os primeiros cinco. A ventilação foi de 2.0, por forma a não excluir qualquer modalidade importante. Apenas as 6 não respostas à

questão do crisma foram ventiladas. Fez-se uma saída a 30% das modalidades mais importantes de cada factor.

O primeiro valor próprio é elevado (0.5339), sendo o valor próprio médio de 0.1250. Obtiveram-se 6 eixos acima da média (cf. Quadro 13). Cada questão tem uma ca média de 12.5 e cada modalidade uma ca média de 3.7. Com excepção dos primeiros dois eixos em que os hábitos religiosos têm um poder discriminante relativamente elevado, embora inferior à média, nos restantes, a sua contribuição é bastante mais reduzida (cf. Quadro 61 do Anexo II, - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 102).

Quadro 13 - Valores próprios, % de inércia e histograma /culto colectivo

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT.	PERCENT. ACUMULA.	
1	0.5339	22.48	22.48	*****
2	0.2918	12.29	34.76	*****
3	0.2419	10.19	44.95	*****
4	0.2099	8.84	53.79	*****
5	0.1545	6.50	60.29	*****
6	0.1423	5.99	66.28	*****
7	0.1225	5.16	71.44	*****
8	0.1102	4.64	76.08	*****
9	0.1048	4.41	80.50	*****
10	0.0879	3.70	84.20	*****
11	0.0785	3.30	87.50	*****
12	0.0653	2.75	90.25	*****
13	0.0608	2.56	92.81	*****
14	0.0588	2.48	95.29	*****
15	0.0503	2.12	97.40	*****
16	0.0345	1.45	98.86	*****
17	0.0192	0.81	99.67	***
18	0.0079	0.33	100.00	**
19	0.0000	0.00	100.00	*

1.1. Definição dos factores

1.1.1. Factor 1

As variáveis com maior peso são a confissão (ca= 19.5), comunhão (ca=19.5) e a missa dominical (ca=18.9), opondo os que praticam tais actos, ainda que com regularidade diversa, aos que nunca os praticam, excepção feita à missa dominical em que os que nunca vão e o fazem por festas se colocam do lado positivo do eixo

(veja à frente o gráfico do plano 1/2). Há, no que se refere ao culto colectivo oficial uma associação entre as questões, o que não é de estranhar, sabendo como a Igreja Católica estabelece a normatividade de tais práticas: missa todos os domingos, comunhão e confissão pelo menos uma vez por ano.

Quanto ao culto não oficial, aqueles que têm o hábito de praticar qualquer dos actos colocam-se do lado negativo do eixo, os que não têm tais hábitos ficam do lado positivo.

A consideração das modalidades por valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 62, p. 102) mostra que as oposições se fazem por praticar ou não actos colectivos não oficiais; quanto aos oficiais repetitivos, medidos numa escala ordinal, pela sua frequência máxima e nula. É notório como a prática cultural oficial está ligada ao autoposicionamento de católico praticante.

O factor um mede, portanto, a intensidade, maior ou menor, quer do culto preceituado, quer do aconselhado. Poder-se-á definir o factor um como o da *intensidade do culto*, oficial ou não.

1.1.2. Factor 2

O eixo 2, do lado negativo, junta as modalidades que revelam comportamentos escalonados segundo graus intermédios de intensidade (cf. mais à frente o gráfico do plano 1/2 e o Quadro 63 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII -*

Os aspectos parcelares da religião, p. 103). Assim, desse lado, ficam os que comungam menos de uma vez por ano ou nunca comungam; confessam-se menos de uma vez por ano ou nunca se confessam; vão à missa por festas ou algumas vezes por ano. Aí se colocam igualmente os que vão ver passar procissões. Estes são os comportamentos típicos dos não praticantes.

Do lado positivo do eixo ficam as modalidades reveladoras de comportamentos antagónicos: confessam-se duas e mais vezes por ano e nunca se confessam; comungam todos os domingos, algumas vezes no ano ou nunca comungam; vão à missa todos os domingos ou nunca vão à missa. Aí ficam também os que se incorporam em procissões.

O factor dois está a opor aqueles que têm uma intensidade de culto diversa, mas reduzida, aos que têm uma intensidade máxima e nula. É legítimo perguntar por que razão se juntam indivíduos com comportamentos antagónicos. É que o eixo dois parece opor os que não se definem claramente em função do normativamente estabelecido, e os que tomam uma posição clara: ou são fiéis às normas eclesíásticas ou não as cumprem.

Talvez possamos interpretar este factor como um índice de definição religiosa em função do culto. Mais que comportamentos concretos, o factor dois é revelador de uma estrutura de atitudes: a definida e a indefinida. Assim, se o factor um é um índice de comportamentos culturais, o factor dois é revelador de *atitudes definidas versus indefinidas face ao normativamente estabelecido*.

1.1.3. Factor 3

A contribuição absoluta das variáveis frequência da comunhão e frequência da confissão somam, só por si, 93.7, valor bastante elevado para a definição do factor.

A oposição dá-se entre os que jamais receberam os sacramentos da confissão e da comunhão e aqueles que, actualmente, os não recebem, embora se possa presumir que o tenham feito noutras fases da vida. Os primeiros não foram educados na catequese paroquial, os segundos receberam educação quer dessa forma, quer na família.

Dá-se, ainda, o facto de os primeiros se juntarem aos que se confessam ou comungam menos de uma vez por ano, confessam-se uma vez por ano e vão à missa algumas vezes ano; os segundos juntam-se, no lado positivo do eixo, aos que mais se confessam, mais comungam e vão à missa todos os domingos (veja mais à frente o gráfico do plano 1/3 e cf. o Quadro 64 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 103).

O factor três sugere uma oposição entre o nunca ter praticado os ritos da comunhão e da confissão e o ter deixado de praticá-los, embora tendo-os praticado no passado. Trata-se, assim, de um factor que estrutura o percurso da vida relativamente ao culto.

A dimensão definida é a do *culto colectivo como experiência marcante da vida: no presente e no passado*.

1.1.4. Factor 4

O eixo quatro é definido, sobretudo, pelas práticas da comunhão (ca=43.8) e confissão (ca=40.5).

Do lado negativo do eixo, são postas em evidência as modalidades do cumprimento estritamente mínimo do que está normativamente estabelecido, quer quanto à confissão, quer quanto à comunhão (uma vez por ano). São também estas as modalidades melhor explicadas pelo eixo (cr=.43 e cr=.53, respectivamente). Do lado positivo ficam evidenciadas as modalidades de um cumprimento diverso do estipulado pela Igreja Católica. (veja à frente o gráfico do plano 1/4 e cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 65, p. 103).

Pode, sendo assim, definir-se o factor quatro como índice do cumprimento estrito do normativamente preceituado, ou, por outras palavras, do *cumprimento do preceito pascal*.

1.2. Os planos factoriais

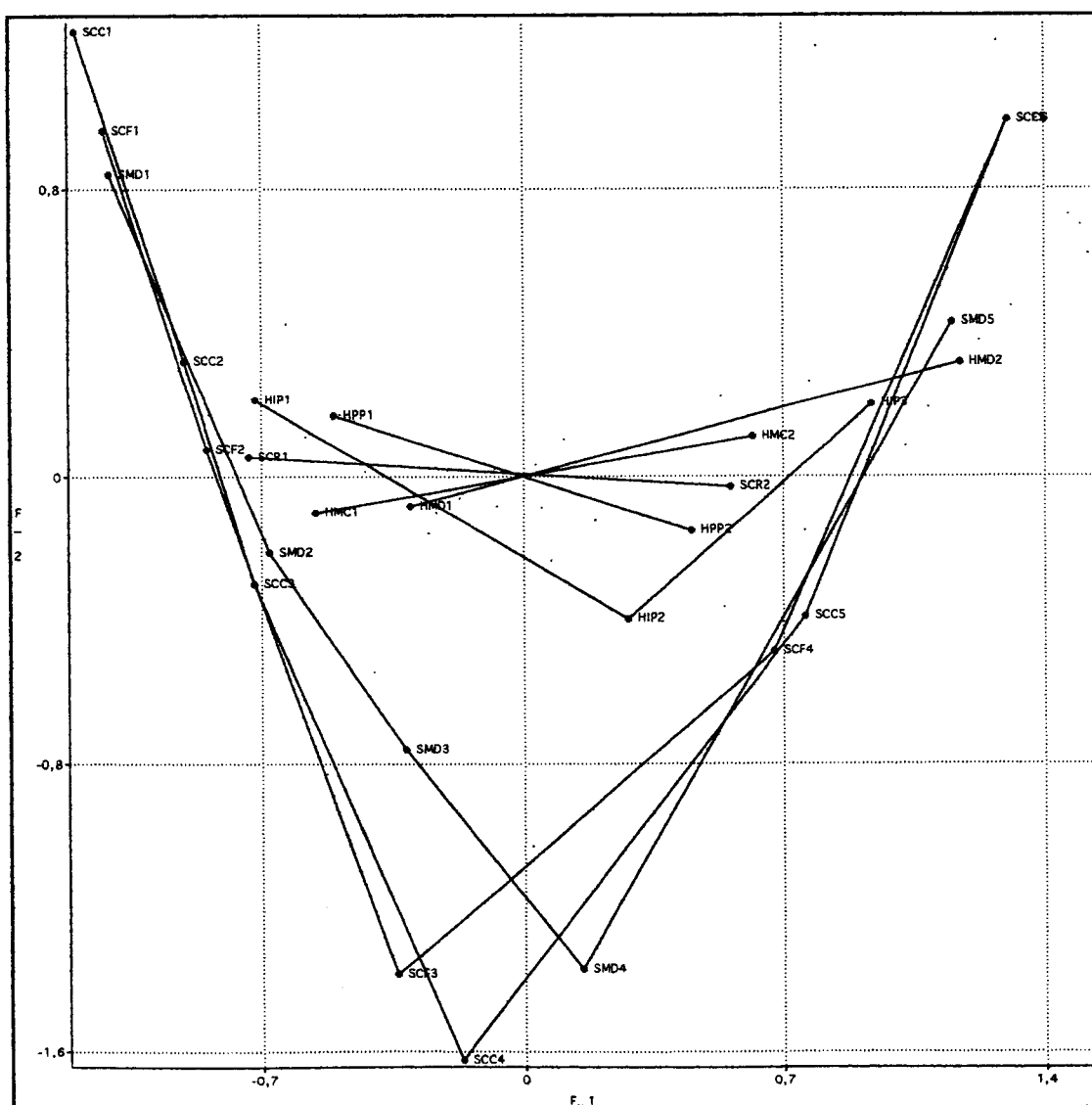
1.2.1. Plano 1/2

O plano 1/2 relaciona a intensidade do culto a atitude de definição/indefinição relativamente ao culto. O Gráfico 35, em que as modalidades da mesma questão estão ligadas, ilustra, por um lado, a oposição entre aqueles que praticam o culto colectivo e os que o não praticam e, por outro, aqueles que têm uma posição clara dos que têm uma prática de intensidade variável.

A prática, mais ou menos intensa ou não dos actos de culto, está associada ao posicionamento religioso subjectivo.

A graduação das variáveis SCC, SMD... apresenta uma forma parabólica, evidenciando uma dependência não linear dos eixos. Nota-se, ainda, que as coordenadas destas variáveis no primeiro eixo permitem discriminar as modalidades, pelo que o segundo eixo é, deste ponto de vista, desprezável.

Gráfico 35 - Plano 1/2 / culto colectivo

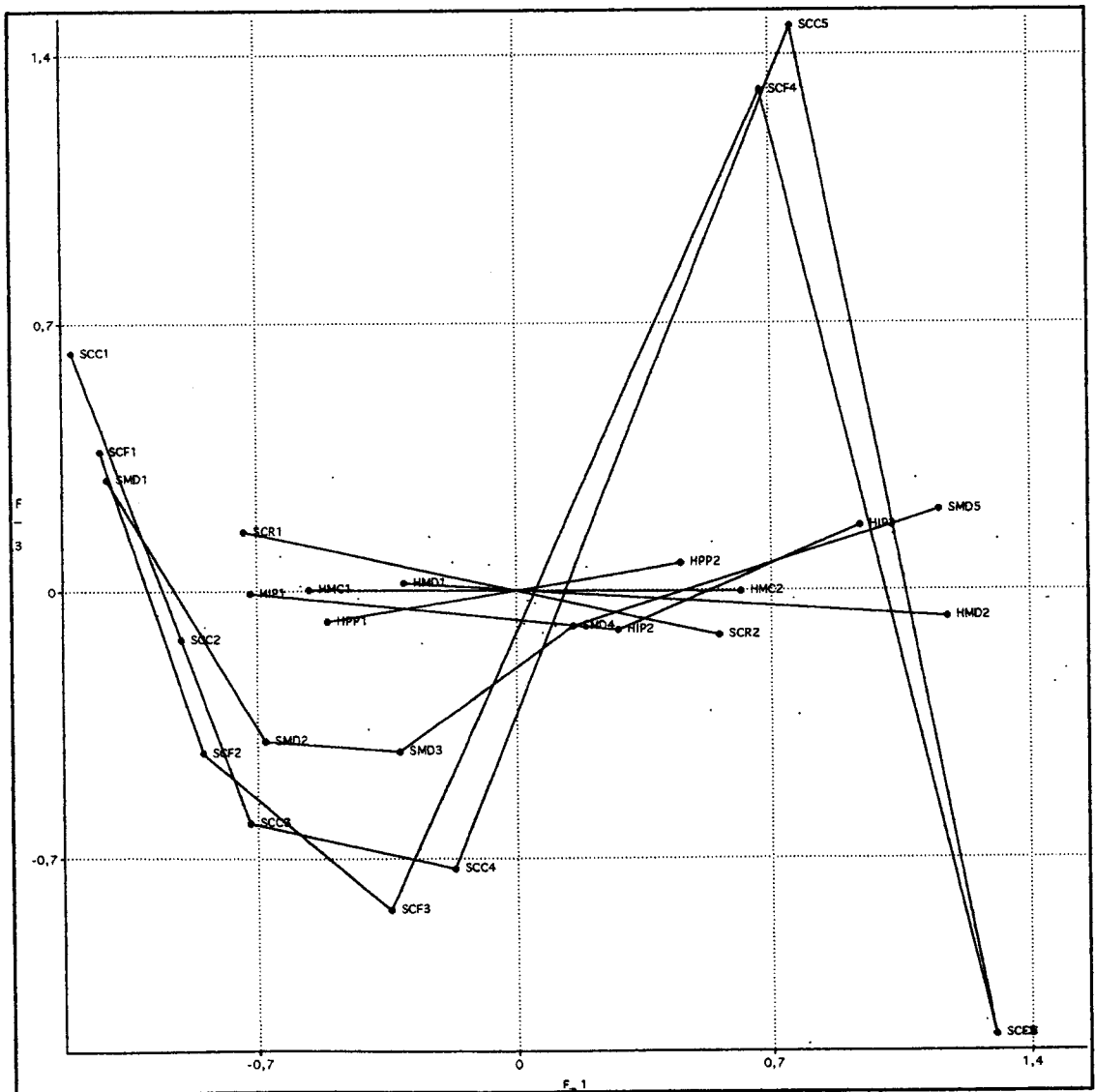


Culto colectivo
 Comunhão (SCC) Confissão (SCF) Crisma (SCR) Missa dominical (SMD)
 Peregrinação (HPP) Procissões (HIP) Ir missas defuntos (HMD) Mandar celebrar md (HMC)/Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2)
 Autoposição religiosa (APR)

1.2.2. Plano 1/3

O plano 1/3 (cf. Gráfico 36) relaciona a intensidade dos comportamentos culturais, sobretudo os sacramentos da confissão e da comunhão, e a marca que fazem no percurso da vida religiosa, opondo, no eixo 3, aqueles que não se confessam e não comungam (cf. o quadrante superior direito do gráfico) aos que nunca o fizeram (quadrante inferior direito) ou o fazem de forma pouco intensa (quadrante inferior esquerdo).

Gráfico 36 - Plano 1/3 / culto colectivo

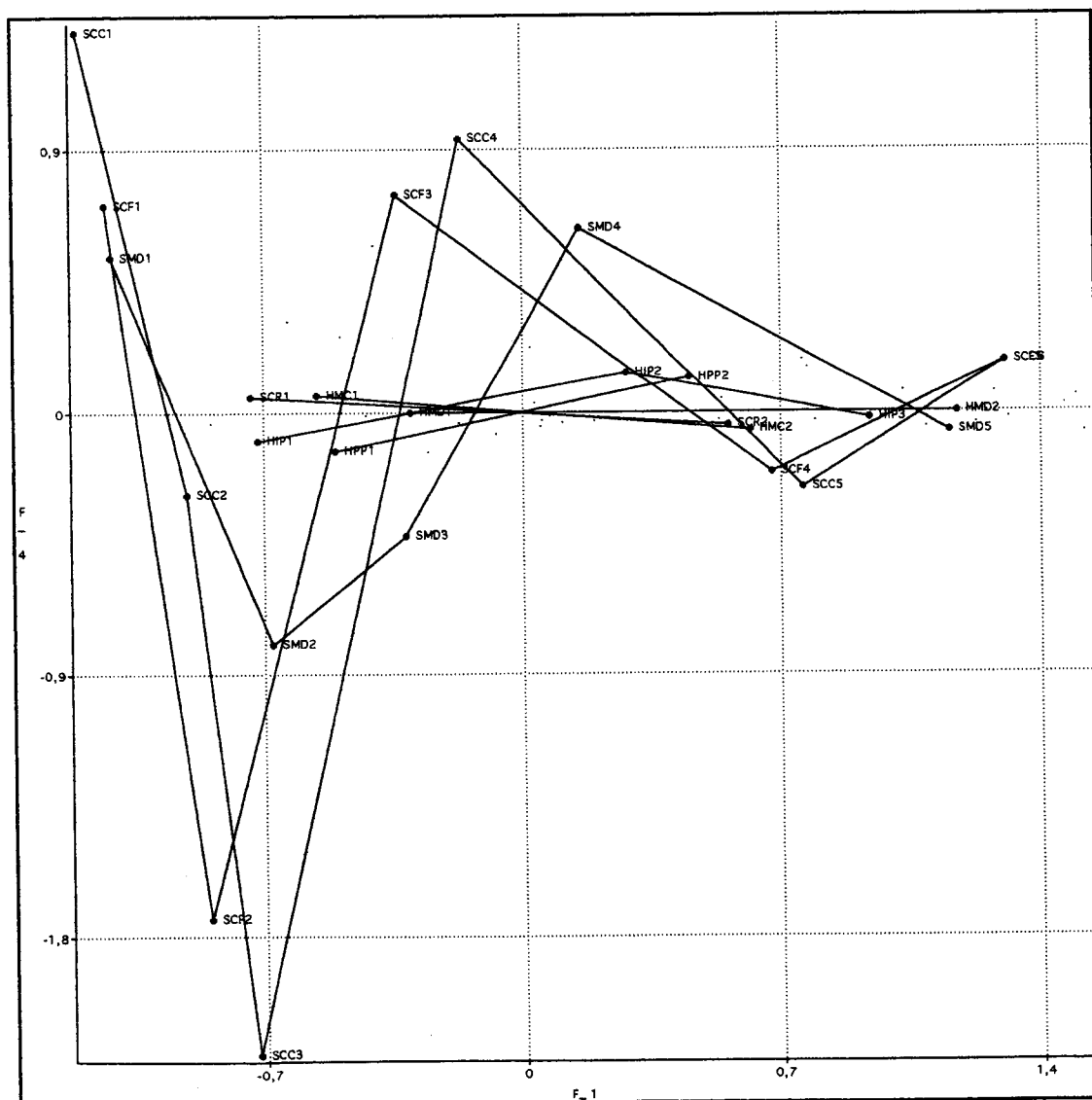


Culto colectivo
 Comunhão (SCC) Confissão (SCF) Crisma (SCR) Missa dominical (SMD)
 Peregrinação (HPP) Procissões (HIP) Ir missas defuntos (HMD) Mandar celebrar md (HMC)/Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2)
 Autoposição religiosa (APR)

1.2.3. Plano 1/4

O plano 1/4 relaciona a intensidade do culto em geral com a atitude face ao preceito pascal (cf. Gráfico 37). Repare-se como se destacam as modalidades SCF3 (confessa-se menos de uma vez por ano) e SCC4 (nunca comunga), na parte superior do gráfico, e as modalidades indicativas do cumprimento estrito do que está estipulado (SCC3 e SCF2), no quadrante inferior esquerdo.

Gráfico 37 - Plano 1/4 /culto colectivo



Culto colectivo
 Comunhão (SCC) Confissão (SCF) Crisma (SCR) Missa dominical (SMD)
 Peregrinação (HPP) Procissões (HIP) Ir missas defuntos (HMD) Mandar celebrar md (HMC)/Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2)
 Autoposição religiosa (APR)

* * *

Há que concluir que o culto colectivo oficial tem um poder discriminante muito superior ao do culto colectivo não oficial.

Os factores que interpretámos são os seguintes:

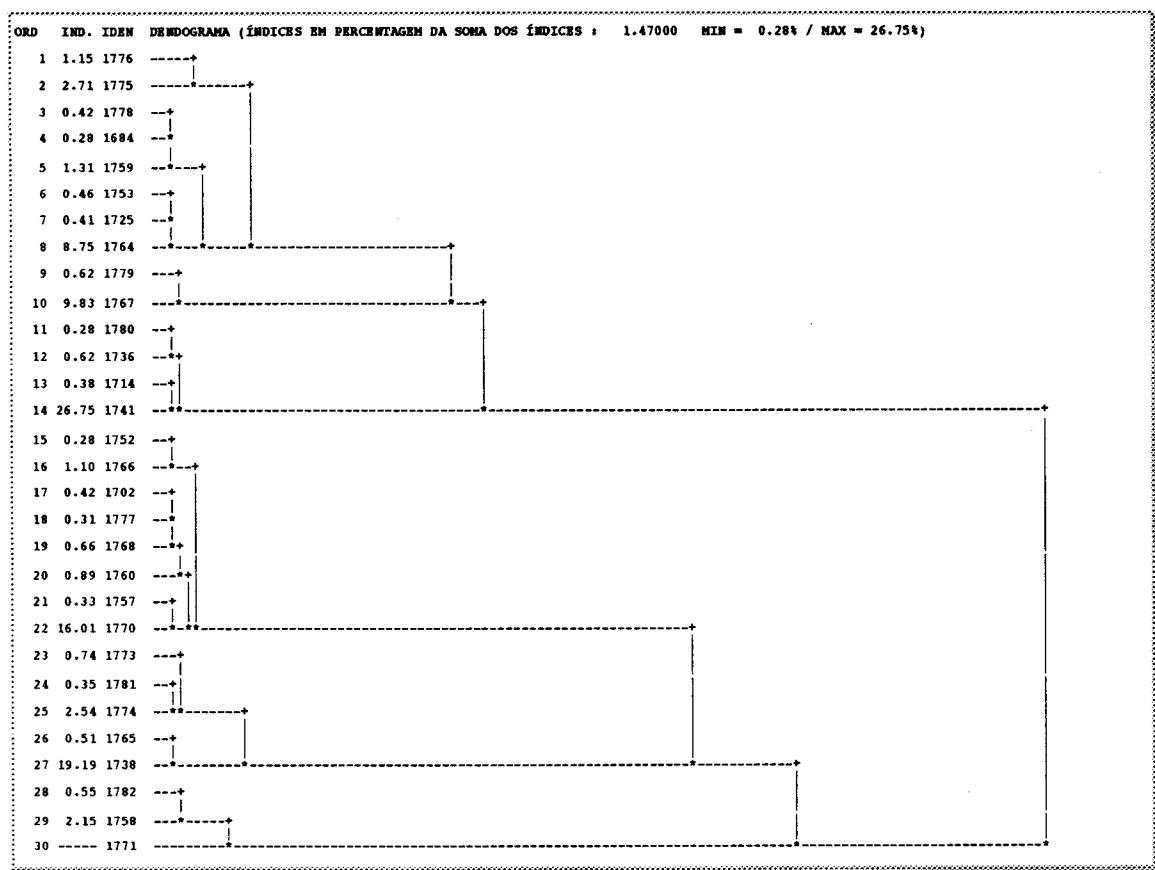
- 1 - *intensidade global do culto colectivo oficial ou não;*
- 2 - *a atitude de definição/indefinição face ao culto;*
- 3 - *o culto como experiência marcante do percurso da vida religiosa;*
- 4 - *o cumprimento do preceito pascal.*

2. Classificação automática

Para a classificação automática utilizaram-se os seis eixos com maior relevância estatística. Tanto o histograma (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Gráfico 15, p. 104) como o dendograma (cf. Gráfico 38) sugerem uma partição em seis classes.

O Quadro 66 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 104) refere, para lá da inércia, o volume de cada uma das seis classes. O quociente de inércia é elevado (0.7520).

Gráfico 38 - Dendograma / culto colectivo



2.1. Categorias ou tipos religiosos de culto colectivo

Para confirmar o que, a seguir deixamos dito sobre as classes ou tipos religiosos do culto colectivo, cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 67, p. 105-106).

2.1.1. Classe 1/6

A classe 1/6 é formada por 213 indivíduos que representam 24% do total.

Os indivíduos desta classe frequentam a missa dominical todos os domingos, pelo menos uma vez no mês ou apenas alguns domingos ano. Têm, portanto, uma prática dominical diversa. Todavia, comungam algumas vezes por ano, confessam-se com assiduidade (duas e mais vezes por ano ou pelo menos uma vez). Quer isto significar que cumprem, pelo menos, o preceito pascal. A maioria (70%) recebeu o crisma, incorpora-se em procissões (72%), tem por hábito ir em peregrinação a lugares sagrados, quase todos vão a missas pelos defuntos e cerca de 7 em cada 10 mandam celebrar missa por alma.

Mais de 90% diz-se católico praticante, foi educado religiosamente na família e na catequese paroquial. Caracterizam-se ainda pela sua crença no perdão dos pecados e na presença de Cristo no pão consagrado.

Podemos dizer que estão próximos do que está preceituado pela Igreja Católica, sem serem cumpridores rigorosos do preceito dominical. São *praticantes modais*.

O eixo que melhor explica esta classe é o primeiro, ou seja, o da intensidade global do culto colectivo.

2.1.2. Classe 2/6

A classe 2/6, constituída por 87 indivíduos que representam 10% do total, caracteriza-se pela sua fidelidade aos actos de culto colectivo, tanto oficiais como não. Todos participam na missa dominical, comungam e confessam-se com uma frequência superior à que está preceituada. Cerca de 8 em cada 10 receberam o

crisma e mandam celebrar missas por alma dos defuntos. Além disso têm o hábito de peregrinar e de se incorporar em procissões.

Na totalidade dizem-se católicos praticantes. Consideram como certo o perdão dos pecados na confissão e a presença de Cristo no pão consagrado. Alguns (cerca de 4 em cada 10) têm um objectivo de vida religioso e receberam educação religiosa, não apenas na família e na catequese paroquial, como em associações religiosas.

Relativamente à primeira categoria social têm uma intensidade de culto superior que nos leva a chamá-los de *assíduos*. A grande diferença com aqueles reside no facto de a sua prática dominical ser conforme ao prescrito pela Igreja Católica.

Os eixos que melhor caracterizam esta classe são o primeiro e o quarto.

2.1.3. Classe 3/6

A classe 3/6 é minoritária, constituída por 67 indivíduos que representam apenas 7%.

São praticantes que se caracterizam pelo cumprimento do que está estipulado quanto à confissão e comunhão, mas não cumprem o preceito dominical (só 3 em cada 10 vão à missa pelo menos uma vez por mês). Cerca de 65% são crismados. Incorporam-se em procissões, têm por hábito ir em peregrinação e mandam celebrar missa pelos defuntos.

Na maioria (80%) consideram-se católicos praticantes, acreditam na presença de Cristo no pão consagrado em percentagem semelhante, mas são menos crentes relativamente ao perdão de Deus através da confissão.

Podemos designá-los como os que cumprem o preceito pascal. São *praticantes minimalistas*.

Os eixos mais característicos são o quarto, o primeiro e o quinto.

2.1.4. Classe 4/6

A classe 4/6 é composta por 156 indivíduos a que correspondem 17%.

Caracterizam-se por se confessarem e comungarem menos de uma vez por ano, irem à missa por festas ou algumas vezes ao ano. Excepto ir à missa de defuntos (9 em cada 10) não têm outros hábitos religiosos. Cerca de 1 em cada 2 diz-se católico não praticante.

Não cumprem o mínimo do que está estabelecido normativamente pela Igreja Católica. Podemos denominá-los como *praticantes esporádicos*.

Os eixos dois, quatro e três são os que melhor caracterizam esta classe.

2.1.5. Classe 5/6

A classe 5/6 é composta por 216 elementos que representam 24% do total.

Esta classe distingue-se das anteriores por já não praticarem o culto, quer sejam actos colectivos oficiais, quer não. Com efeito, a totalidade nunca comunga, nem se confessa, 7 em cada 10 nunca vão à missa dominical, nem são crismados. Também não mandam celebrar ou vão a missas pelos defuntos, não têm por hábito peregrinar, limitando-se (4 em cada 10) a ir ver passar as procissões.

Dizem-se católicos não praticantes (76%) - o que de facto corresponde ao seu comportamento cultual - ou crentes sem religião. Tendem a considerar como absolutamente errado ou pouco provável tanto a crença no perdão de Deus através da confissão, como a presença de Cristo no pão consagrado.

Não praticantes do culto católico, distinguem-se da classe seguinte, como veremos, por terem tido alguma prática em fases anteriores da sua vida.

Os eixos característicos são o terceiro e o primeiro.

2.1.6. Classe 6/6

A classe 6/6 é composta por 167 indivíduos que representam 18% do total.

Todos se caracterizam pelo facto de nunca se terem confessado, comungado e recebido o crisma. Mesmo à missa dominical 9 em cada 10 nunca vai. Também se caracterizam por não terem quaisquer hábitos de culto não oficial.

Caracterizam-se por não terem tido qualquer tipo de socialização religiosa, mesmo na escola (8 em cada 10). Dizem-se indiferentes, católicos não praticantes, crentes sem religião e descrentes/ateus. Relativamente às crenças que colocámos em suplementar consideram-nas absolutamente erradas ou pouco prováveis.

Podemos dizer que se trata de uma categoria social de *nunca praticantes*, por não terem actualmente, nem nunca terem tido no passado, qualquer prática cultural.

Os eixos representativos são o terceiro e o segundo.

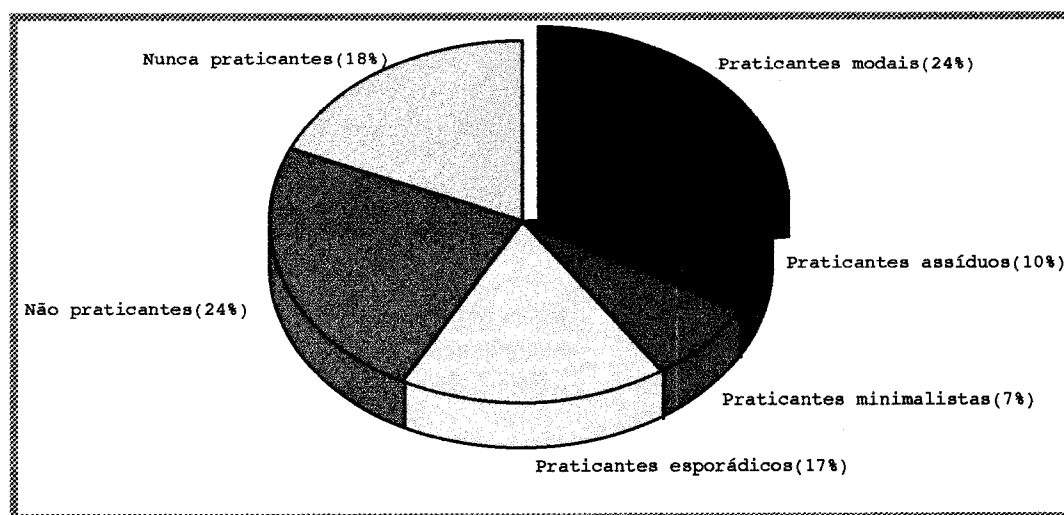
* * *

A classificação automática revela que é o culto oficial que tem maior poder discriminante nos grupos que se podem formar.



Os quatro primeiros tipos distinguem-se por serem praticantes, ainda que em graus diversos; os dois últimos são não praticantes posto que com a diferença de uns não serem actualmente praticantes e outros nunca o terem sido (cf. Gráfico 39).

Gráfico 39 - Composição das classes / culto colectivo



Relativamente à tipologia de praticantes, a ACM e a CA ajudam a relacionar comportamentos mais diversos do que o simples indicador da prática dominical para estabelecer tipos ideais de praticantes.

III - CULTO INDIVIDUAL

1. Análise de correspondências múltiplas

O objectivo desta análise é encontrar a estrutura da relação directa entre os indivíduos e as realidades metaempíricas através das questões activas que se referem à oração (frequência, com quem, a quem, o quê, com que finalidade), devoções a Nossa Senhora e santos e hábitos de fazer promessas.¹ Colocámos em suplementar a frequência da missa dominical, a autopoisição religiosa, os agentes de socialização religiosa (família, catequese paroquial, escola, associações religiosas), o objectivo de vida mais importante e a opinião sobre a evolução da vivência religiosa, por podermos supor *a priori* que podem, de algum modo, estar relacionadas com o culto individual.

Na ACM utilizámos o procedimento COREM, dado que na questão sobre a finalidade predominante da oração houve 73 não respostas. Esta modalidade foi, assim, colocada como ilustrativa. A ventilação de 2.0 levou também a que qualquer outra não resposta tivesse também esse estatuto, bem como a modalidade 'outros santos' na questão das invocações na oração. As frequências de cada uma das questões activas são as que se apresentam no Quadro 68 do Anexo II (cf. Anexo II -

¹ A questão ORC - contexto da oração - corresponde à pergunta P36. Agrupámos na categoria 'em grupo', as modalidades iniciais de em família e noutros grupos. A questão ORI - invocações na oração - baseia-se na inicialmente codificada por P37_1. Procedemos a uma recodificação, tendo agrupado na categoria 'a outros santos', a inicial do mesmo nome e aquela cuja invocação era feita a anjos. A questão ORT - hábito de rezar o terço - corresponde à P38 e a questão ORF - finalidade predominante na oração - à P39_1. Nesta agrupámos diversas modalidades inicialmente desagregadas, por serem indicadores daquilo que efectivamente pretendíamos medir. Assim, o 'agradecer/louvar' resulta da agregação dos códigos 3, 4 e 7; os 'pedidos espirituais' dos códigos 2, 5, 6, 8, 11 e 12; os 'pedidos materiais' dos códigos 1, 9 e 10. Todas estas questões são subamostras da frequência da oração (ORP).

Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, p. 106).

O primeiro valor próprio (0.6864) é revelador da unidade temática. Dos 24 eixos, 9 estão acima da média (0.0886). Os factores mais importantes são os quatro primeiros, especialmente os eixos 1 e 2 (cf. Quadro 14). As contribuições absolutas médias das questões e das modalidades são, respectivamente, 12.5 e 4.2 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, Quadro 69, p. 107).*

Quadro 14 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Culto individual

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT.	PERCENT. ACUMULA.	
1	0.6864	33.69	33.69	*****
2	0.2185	10.72	44.41	*****
3	0.1506	7.39	51.80	*****
4	0.1334	6.55	58.35	*****
5	0.1271	6.24	64.59	*****
6	0.1248	6.12	70.71	*****
7	0.1215	5.96	76.67	*****
8	0.1181	5.80	82.47	*****
9	0.1042	5.11	87.58	*****
10	0.0870	4.27	91.85	*****
11	0.0812	3.99	95.83	*****
12	0.0698	3.42	99.26	*****
13	0.0121	0.59	99.85	**
14	0.0030	0.15	100.00	*
15	0.0000	0.00	100.00	*
16	0.0000	0.00	100.00	*
17	0.0000	0.00	100.00	*
18	0.0000	0.00	100.00	*
19	0.0000	0.00	100.00	*

1.1. Definição dos factores

1.1.1. Factor 1

O eixo um separa, no lado negativo, os que mantêm relações directas com as realidades metaempíricas dos que, no lado positivo, nunca as têm, isto é, nunca rezam, não fazem promessas, não são devotos de Nossa Senhora e de santos. Os primeiros, pelo contrário, rezam quotidianamente a Deus, fazem-no sozinhos, são devotos de Nossa Senhora e cumprem promessas (veja, mais à frente, o gráfico do

plano 1/2 e cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 70, p. 107).

O eixo é, claramente, o eixo mais importante que, só por si, explica quase 34%.

O factor 1 é um *índice de relações directas com as realidades metaempíricas* em que se opõem os pólos em que tais relações existem, sob várias formas e graus de intensidade, e em que são nulas.

1.1.2. Factor 2

O eixo dois acrescenta cerca de 10% à explicação do primeiro e é uma especificação da intensidade e formas de relação entre os indivíduos e as realidades metaempíricas. Opõe o rezar o terço ao não rezar o terço, o ser devoto de santos ao não sê-lo, o fazer promessas ao não as fazer, o ser devoto de Nossa Senhora ao não ter tal devoção, o rezar todos os dias ao fazê-lo raramente (veja, mais à frente, o gráfico do plano 1/2 e cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 71, p. 107).

A oposição dá-se entre a frequência da oração e a forma de fazê-la através do terço, entre ser devoto ou não, isto é, ter relações com outras realidades metaempíricas para lá de Deus. Acontece que quem menos reza relaciona-se apenas com Deus. Quem reza mais frequentemente dirige-se não apenas a Deus, mas a Jesus, a santos e a Nossa Senhora.

O factor dois opõe a intensidade e a invocação na oração, isto é, o rezar mais ou menos frequentemente e a quem. Parece estruturar o modelo cristão face ao modelo teísta. Digamos, portanto, que o factor dois é um *índice de intensidade e forma de relações cristãs directas com as realidades metaempíricas*.

1.1.3. Factor 3

O eixo 3 coloca, do lado negativo, a forma de rezar em grupo; a invocação a Jesus Cristo; o fazer pedidos espirituais; o rezar todos os dias e o rezar o terço. Desse lado se colocam também os não devotos de Nossa Senhora e de santos e os que não fazem promessas. Do lado positivo ficam a forma de oração individual, a invocação e devoção a Nossa Senhora e a santos, o rezar quase todos os dias, mas não o terço, o fazer promessas e pedidos materiais (veja, mais à frente, o gráfico do plano 1/3 e cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 72, p. 108).

O eixo 3 parece, assim, enfatizar a dimensão comunitária face à forma mais individual e o tipo de pedidos (espiritual *versus* material).

Este eixo revela a *dimensão comunitária, espiritual e cristocêntrica* da oração mais intensa a que se opõe um modelo mais individual e material e uma intensidade menor.

1.1.4. Factor 4

O eixo quatro coloca em oposição, sobretudo, duas finalidades da oração: os pedidos espirituais e o agradecer/louvar (veja, mais à frente, o gráfico do plano 1/4 e cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da*

Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, Quadro 73, p. 107).

Parece, assim, traduzir a dimensão da relação gratuita com as realidades metaempíricas, sendo um *índice de gratuidade*.

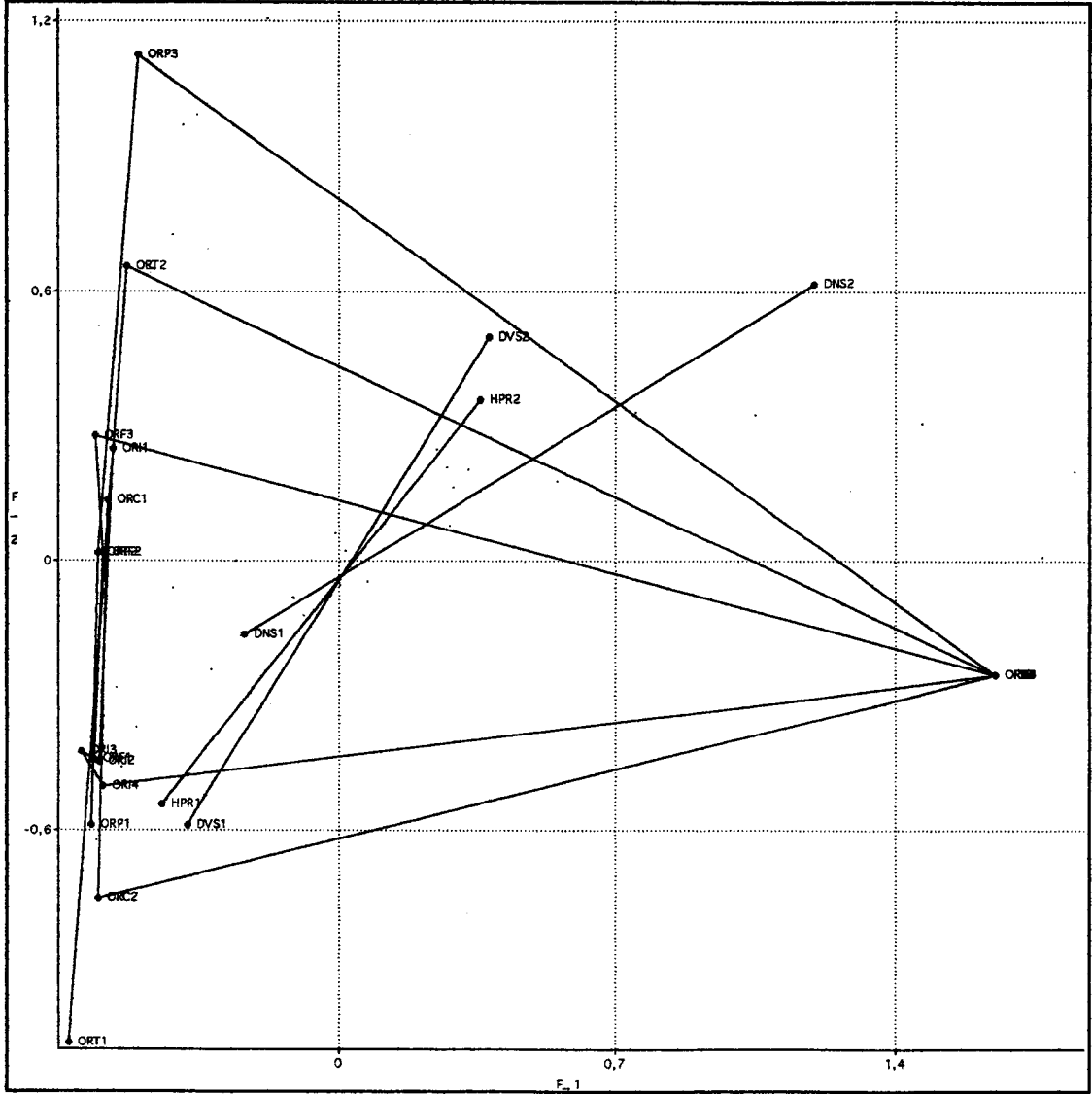
1.2. Os planos factoriais

1.2.1. Plano 1/2

O plano 1/2 (cf. Gráfico 40) evidencia a oposição ortogonal entre a relação directa, mais ou menos intensa, e a não relação com quaisquer realidades metaempíricas com a forma mais ou menos cristã de ter relações com tais entidades.

Nota-se claramente que as não relações são próprias de quem se afirma descrente/ateu, indiferente e crente sem religião (cf. lado direito do gráfico). A forma cristã e mais intensa é a que se observa no quadrante inferior esquerdo; a forma menos cristã e menos intensa a que se pode verificar pela colocação das modalidades no quadrante superior esquerdo.

Gráfico 40 - Plano 1/2) / Culto individual

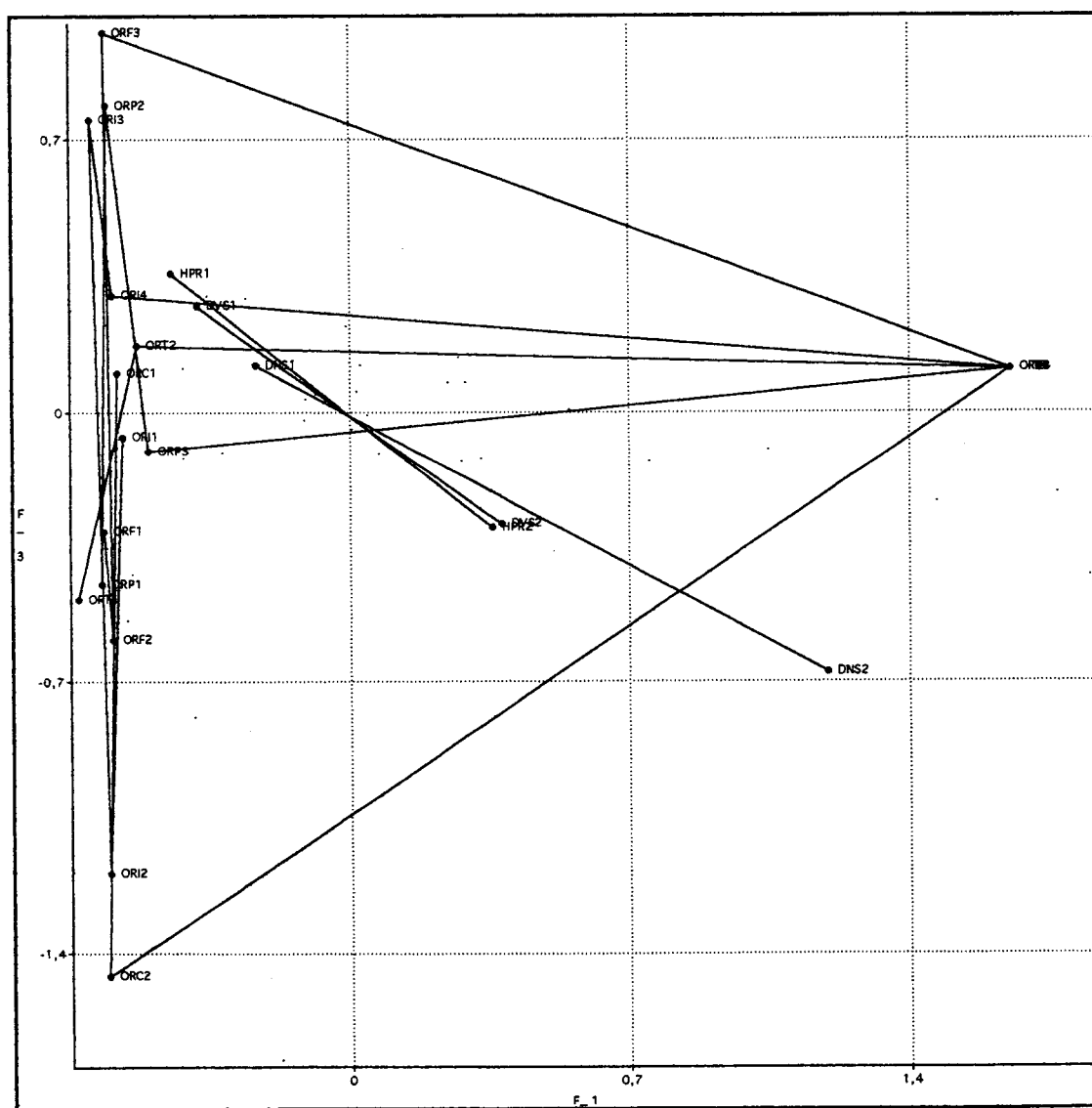


Culto individual
 Oração pessoal(ORP) Contexto(ORC) Rezar o terço(ORT) Finalidade(ORF) Devoção a N. Senhora(DNS) Devoção a santos(DVS)
 Promessas(HPR)
 /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD) Objetivo de vida (OBV)

1.2.2. Plano 1/3

O plano 1/3 relaciona a relação/não relação com as realidades metaempíricas e a dimensão mais comunitária ou mais individual dessa relação, conforme se pode ver no Gráfico 41.

Gráfico 41 - Plano 1/3 / Culto individual

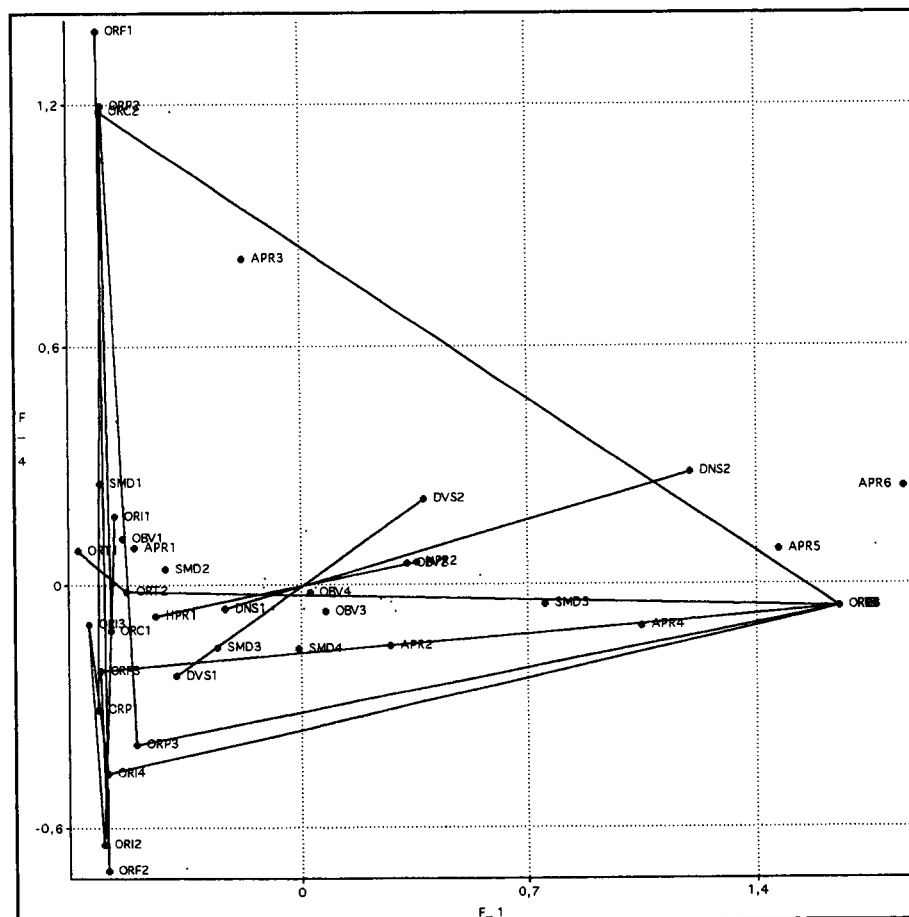


Culto individual
 Oração pessoal(ORP) Contexto(ORC) Rezar o terço(ORT) Finalidade(ORF) Devoção a N. Senhora(DNS) Devoção a santos(DVS)
 Promessas(HPR)
 /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD) Objetivo de vida (OBV)

1.2.3. Plano 1/4

O plano 1/4 (cf. Gráfico 42) põe em evidência a relação/não relação com as realidades metaempíricas e o tipo de relação mais gratuito (expresso no 'agradecer/louvar') ou mais interesseiro (expresso por pedidos tanto de ordem espiritual como material), respectivamente, nos quadrantes inferior esquerdo e superior esquerdo do gráfico.

Gráfico 42- Plano 1/4 / Culto individual



Culto individual: Oração pessoal(ORP) Contexto(ORC) Rezar o terço(ORT) Finalidade(ORF) Devoção a N. Senhora(DNS) Devoção a santos(DVS) Promessas(HPR) / Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD) Objetivo de vida (OBV)

* * *

Os quatro factores definidos são:

- 1 - *a relação directa / não relação com as realidades metaempíricas;*
- 2 - a intensidade da relação cristã;
- 3 - *a dimensão comunitária / individualista;*
- 4 - *a dimensão da gratuidade.*

O factor cinco, que já não definimos, parece opor, principalmente, o tipo de pedidos: espirituais *versus* materiais.

2. Classificação automática

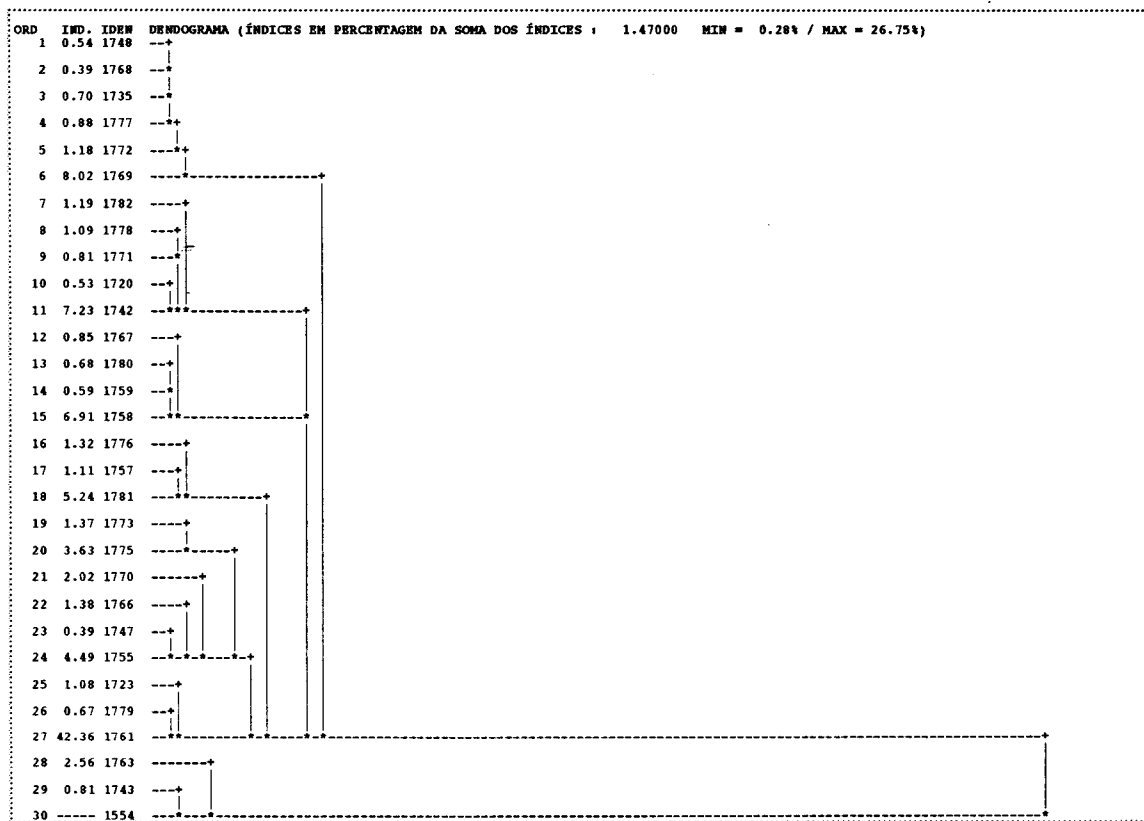
Na classificação automática utilizámos os nove primeiros eixos factoriais com um valor próprio acima do médio.

O histograma (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Gráfico 16, p. 108) e dendograma (cf. Gráfico 43) sugerem uma clara partição em dois grandes grupos, facilmente identificáveis entre os que têm relações directas com as realidades metaempíricas e aqueles que as não têm. Uma outra indicação, que seguimos, é a de fazer um corte ao nível de 5.24, o que leva à construção de seis classes.

A partição em seis classes tem um quociente de inércia de 0.6192, portanto, estatisticamente elevado. O volume de cada uma das classes é a que se pode observar no Quadro 74 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de*

Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, p. 109).

Gráfico 43 - Dendograma / Culto individual



2.1. Categorias ou tipos religiosos do culto individual

2.1.1. Classe 1/6

A classe 1/6 é uma das classes minoritárias: 68 elementos (8%).

As suas características mais evidentes são a forma de oração em grupo; o fazê-la diariamente; dirigir-se prioritariamente a Deus com uma finalidade espiritual. O rezar o terço e o fazer promessas (para cerca de 6 em cada 10) são também formas de relação típicas.

Esta classe caracteriza-se ainda por cerca de metade dos seus membros participarem na missa todos os domingos, 75% serem católicos praticantes, sendo que, cerca de 30% têm como objectivo de vida mais importante o religioso (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 75, p. 109-110).

O privilegiar da oração em grupo leva-nos a denominar os elementos desta classe como *comunitários*. Os eixos característicos são o oitavo, sétimo e quinto que não interpretámos e o terceiro que, recorde-se releva a dimensão comunitária da relação com as realidades metaempíricas.

2.1. 2. Classe 2/6

A classe 2/6 é constituída por 94 elementos a que correspondem 10% do total.

Esta classe caracteriza-se por todos invocarem Nossa Senhora em primeiro lugar, serem dela devotos e rezarem sozinhos. Cerca de 60% fazem promessas, 40% reza o terço e reza todos os dias. Em percentagem semelhante são também devotos de outros santos e 3 em cada 10 tem como finalidade primeira da oração o 'agradecer/louvar'.

Cerca de 7 em cada 10 dizem-se católicos praticantes e 4 em cada 10 vão à missa todos os domingos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 75, p. 109-110).

O carácter individualista da sua oração e o facto de se dirigirem em primeiro lugar a Nossa Senhora leva-nos a considerá-los *marianos*.

Os eixos mais característicos são o sexto, o quinto, o terceiro e o sétimo.

2.1.3. Classe 3/6

Tal como a classe 1/6, a 3/6 é minoritária (67 elementos, ou seja, 8% do total).

Rezam todos os dias e dirigem-se todos a Jesus Cristo. Fazem-no sozinhos. Cerca de 40% têm também o hábito de rezar o terço (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 75, p. 109-110).

Aproximam-se da classe anterior pelo seu individualismo, afastam-se por se dirigirem em primeiro lugar a Jesus Cristo.

São *crístocêntricos*.

Os eixos que melhor caracterizam esta classe são o sétimo, quinto, terceiro e quarto.

2.1.4. Classe 4/6

Constituída por 103 elementos que representam 11%, os indivíduos desta classe dirigem-se prioritariamente a Deus (96%) e todos rezam sozinhos. A sua oração não é diária, mas quase, mas não rezam o terço, embora se digam devotos de Nossa Senhora. Cerca de metade faz promessas. O seu tipo de pedidos é variável: tanto o fazem por uma questão de ordem material, como espiritual ou, de forma mais gratuita, dirigem-se a Deus para agradecer/louvar.

Cerca de 60% dizem-se católicos praticantes, mas só cerca de 30% vai à missa algumas vezes por ano (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 75, p. 109-110).

Individualistas na sua oração, centram-na sobretudo em Deus. São orantes *teístas*.

Eixos característicos desta classe são o quarto, o oitavo, o terceiro e o quinto.

2.1.5. Classe 5/6

A classe 5/6 é a maioritária, constituída por 335 elementos que representam 37% do total.

Todos rezam sozinhos, dirigem-se a Deus, rezam todos os dias ou mais raramente. Não rezam o terço (7 em cada 10) e dizem-se devotos de Nossa Senhora.

A sua principal diferença relativamente ao grupo anterior é o facto de, na sua oração, terem como principais finalidades o pedir, quer bens materiais, quer espirituais (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 75, p. 109-110).

São orantes *modais* que se caracterizam por manter uma relação de certa forma interesseira com as realidades metaempíricas.

Eixos característicos desta classe são o sexto, o primeiro, o quinto e o quarto.

2.1.6. Classe 6/6

A classe 6/6 é constituída por 239 indivíduos (26%).

Têm como característica dominante o não terem qualquer tipo de relação directa e pessoal com entidades metaempíricas. Todavia não significa que não tenham qualquer tipo de relação, já que alguns praticam o culto colectivo: frequentam a missa, quer algumas vezes por ano, quer por festas (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática* - CAP. VIII - *Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 75, p. 109-110).

São os *desligados*, os que não têm relações directas de tipo pessoal com as realidades metaempíricas.

Esta classe é caracterizada principalmente pelo primeiro eixo.

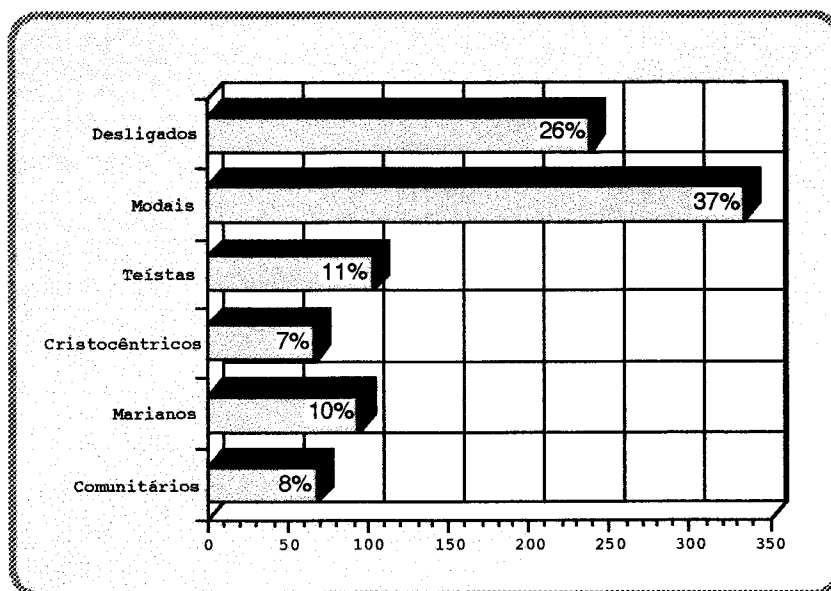
* * *

Podemos concluir que as seis classes se podem agrupar em dois grandes grupos: o daqueles que mantêm relações directas com as realidades metaempíricas (classes 1 a 5) e o dos que não mantêm relações com tais realidades (classe 6/6).

No subconjunto dos que mantêm relações, a distinção faz-se sobretudo por três características: a forma individualista ou comunitária da oração; o tipo de pedidos; a realidade ou realidades metaempíricas com quem se mantêm tais relações.

O Gráfico 44 ilustra de forma resumida a composição numérica dos seis tipos sócio-religiosos que acabámos de caracterizar.

Gráfico 44 - Composição das classes / Culto individual



III - CRENÇAS

1. Análise de correspondências múltiplas

O objectivo é reduzir o conjunto das crenças a poucos factores e verificar se as crenças, que *a priori* classificámos de gerais I e II, cristãs, católicas e mágicas e animistas, se reúnem segundo esta classificação ou em conjuntos diferentes.

As variáveis activas, em número de 23, são, portanto, todas as crenças gerais I e II (CG), cristãs (CR), católicas (CC) e mágicas e animistas (CD), cujas frequências foram já transcritas no relatório sobre o tema geral. As variáveis ilustrativas, em número de 7, são: Missa dominical (SMD); Autoposição religiosa (APR); Educação religiosa: na família (ERF); na catequese (ERF); na escola (ERE); em associações religiosas (ERA); Objectivo de vida mais importante (OBV).² Com excepção da primeira, que considerámos activa, na ACM do tema, as outras foram também as que tomámos como suplementares naquela análise.

Na ACM utilizámos o procedimento CORMU, com uma ventilação de 1.2 (10.87) de modo a não distribuir a modalidade 'absolutamente errada' de CG1 cujo valor é de 11. As não respostas, em número inferior, foram todas codificadas com zero e daí terem sido ventiladas.

A soma dos valores próprios dos 69 factores é de 3.0, sendo o valor próprio médio é de 0.0435, a indicar a maior relevância dos 16 primeiros eixos.

² O facto de introduzir, no subtema das crenças, as variáveis suplementares indicadas tem a ver com razões semelhantes às invocadas para a sua introdução nos subtemas anteriores.

O primeiro valor próprio (cf. Quadro 15) é elevado para este tipo de análise (0.3926) indicando haver uma boa ligação entre as questões, em conformidade com a citada tabela de Cibois. O histograma dos valores próprios apresenta um declive rectilíneo a partir do eixo 6, sendo que a percentagem acumulada dos primeiros quatro valores próprios é de 34.18. Serão esses os factores que interpretaremos, já que, para o quinto, não encontramos lógica na junção e oposição das modalidades. Aliás, a percentagem do valor próprio do quinto eixo é de apenas 3.91, parecendo já muito residual.

Quadro 15 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Crenças

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT.	PERCENT. ACUMULA.	
1	0.3926	13.09	13.09	*****
2	0.3119	10.40	23.48	*****
3	0.1861	6.20	29.69	*****
4	0.1349	4.50	34.18	*****
5	0.1173	3.91	38.09	*****
6	0.0850	2.83	40.92	*****
7	0.0718	2.39	43.32	*****
8	0.0658	2.19	45.51	*****
9	0.0600	2.00	47.51	*****
10	0.0572	1.91	49.42	*****
11	0.0532	1.77	51.19	*****
12	0.0497	1.66	52.85	*****
13	0.0490	1.63	54.48	*****
14	0.0462	1.54	56.02	*****
15	0.0454	1.51	57.53	*****
16	0.0441	1.47	59.01	*****
17	0.0423	1.41	60.42	*****
18	0.0420	1.40	61.82	*****
19	0.0412	1.37	63.19	*****
20	0.0403	1.34	64.54	*****

A contribuição média das questões é de 4.3 e a das modalidades de 1.1 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 76, p. 110-112). Com efeito, depois do apuramento, obteve-se o mesmo número de questões, mas só 92 modalidades associadas das 110 iniciais, dado que 18 foram ventiladas.

1.1. Definição dos factores

1.1.1. Factor 1

Todas as questões que se referem a crenças religiosas têm uma ca acima da média, exceptuadas as crenças gerais II (existência do demónio - 2.1; existência do inferno - 3.3) e a crença católica sobre a infalibilidade do Papa (3.1). As crenças mágicas e animistas têm uma ca bastante reduzida e nenhuma das suas modalidades tem sequer uma ca igual ou próxima da média (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 76, p. 110-112).

As três crenças que especificámos, tal como a fé no perdão de Deus através da confissão (CC1), o Espírito Santo actua na Igreja e no homem (CR4), vida no Além depois da morte (CR7) e ressurreição final têm um andamento diferente das demais. É que enquanto o normal é haver uma oposição entre o absolutamente errado, pouco e muito provável *versus* o absolutamente certo, nas questões especificadas a oposição faz-se entre o absolutamente certo e muito provável contra o absolutamente errado e pouco provável.

Parece poder afirmar-se que há dois conjuntos de crenças religiosas: as que não implicam a mediatização da relação com as realidades metaempíricas e aquelas que pressupõem relações mediatizadas, crença numa vida depois da morte, e uma entidade que incarna o mal e o lugar desse mal. No primeiro conjunto as opiniões estão muito mais dispersas do que no segundo conjunto.

As crenças animistas e mágicas praticamente não contribuem para a definição do factor, podendo afirmar-se que constituem um conjunto separado de crenças.

O primeiro factor, sendo assim, indica uma estrutura tripartida de crenças. As religiosas, que se subdividem em dois conjuntos, e as crenças mágicas e animistas. Os dois conjuntos de crenças religiosas separam as que não implicam o compromisso mais directo do homem, referindo-se apenas à existência e qualidades das realidades supraempíricas, e as que implicam alguma participação humana, quer na vida terrena, quer numa vida futura em que se acredite.

Considerando as modalidades pelos seus valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 77, p. 112) e, portanto, entrando em conta com as suas contribuições absolutas e relativas, pode afirmar-se que o primeiro eixo está a opor os que têm certezas afirmativas (crêem) aos que têm certezas negativas (descreem). O primeiro factor é, portanto, um *índice de crença/descrença global* em que a importância da questão Jesus Cristo é Filho de Deus e Homem, para lá da questão da existência de Deus, realça que as crenças se definem em função das realidades metaempíricas cristãs e das qualidades que lhes são atribuídas. (Ver, mais à frente, os gráficos do plano 1/2).

As variáveis suplementares ilustram que a afirmação positiva das crenças é típica dos que se autodefinem como católicos praticantes e que a negação é feita, sobretudo, pelos que se afirmam descrentes/ateus, nunca vão à missa, o que não é de estranhar. Evidencia-se, assim, uma associação entre a posição religiosa

subjectiva e as crenças religiosas e entre estas e os comportamentos mais objectivos expressos na prática da missa dominical.

Relacionando o que acabamos de dizer com as crenças em Jesus pode colocar-se a hipótese de este eixo estar a revelar uma estrutura subjacente de *duas cosmovisões: a cristã e a não cristã*.

1.1.2. Factor 2

Na totalidade das variáveis do eixo 2, a oposição faz-se entre as modalidades de absolutamente certo e absolutamente errado contra as modalidades de muito provável e pouco provável (veja, à frente, os gráficos do plano 1/2).

O facto da estrutura juntar no mesmo polo dois juízos antagónicos (absolutamente certo e absolutamente errado) leva-nos a dizer que não se trata propriamente de um eixo que separe as crenças pelo seu conteúdo. Trata-se, antes, de um modelo mental de considerá-las. Uma é a atitude de certeza, expressa de forma positiva ou negativa, outra é a atitude de dúvida mais ou menos forte. Quer isto significar que, independentemente dos conteúdos, perpassa por todas as questões um modelo que opõe a certeza à dúvida, tanto nas crenças religiosas como nas mágicas e animistas.

Considerando as modalidades mais significativas (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 78, p. 112) chega-se à mesma conclusão, podendo ainda confirmar-se que as crenças que implicam a

mediatização do homem ou a admissibilidade de uma vida extraterrena constituem um subconjunto de crenças religiosas.

O factor dois é, deste modo, revelador de *modelos mentais de ajuizar* sobre as realidades metaempíricas. Há uma afirmação de contrários: crentes e descrentes estão próximos entre si quanto à forma mental de encarar o mundo extrassensorial e afastados dos que sobre ele têm dúvidas mais ou menos intensas. Utilizando uma imagem poder-se-á dizer que de um lado estão os quentes e frios e do outro os mornos.

1.1.3. Factor 3

Exceptuadas as crenças animistas, que praticamente não contribuem para a definição deste eixo, mas seguem o seu modelo, e as crenças gerais I - existência de Deus (CG1) e Deus é criador do universo (CG2), em que a oposição se faz entre o juízo de pouco prováveis e o de absolutamente certas, absolutamente erradas e muito prováveis, a estrutura de oposição é feita entre o juízo de pouco provável, do lado negativo do eixo, e o muito provável, do lado positivo do eixo. Simplesmente há uma contradição, já que a modalidade 'pouco provável' é acompanhada da de 'absolutamente certo' e a de 'muito provável' pela de 'absolutamente errado'. Quer isto significar, como acontecia com o factor dois, que o factor três não separa as crenças pelos seus conteúdos, mas por formas de ajuizar. No caso, pelo muito provável e o pouco provável (veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/3).

Considerando dos valores teste das modalidades (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática* -

CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, Quadro 79, p. 113) , confirma-se o que atrás se referiu e observa-se que o juízo de 'pouco provável' é uma modalidade característica dos que se autoposicionam como indiferentes. Pode afirmar-se também que as variáveis com maior relevância, isto é, aquelas em que a estrutura é mais forte, são as que denominámos como crenças cristãs.

Se há um modelo mental que opõe a certeza à dúvida, como se verificava no eixo 2, há uma outra estrutura: a da própria dúvida que pode ter graus diversos, isto é, ser mais ou menos afirmativa ou mais ou menos negativa das crenças.

O factor três parece, sendo assim, ser um *índice de dúvida*, isto é, de graus diversos desta forma de ajuizar.

1.1.4. Factor 4

A oposição, ou estrutura subjacente a este eixo, respeita o *continuum* em que as variáveis foram medidas (absolutamente errado, pouco provável, muito provável, absolutamente certo), como se verificava também no eixo um. Isto sugere, ao contrário dos eixos 2 e 3, que o factor se define pelo conteúdo das crenças. As excepções a este modelo são raras e, nas questões em que se verifica, a contribuição absoluta, para a definição do eixo, é baixa (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, Quadro 76, p. 110-112*).

De facto, o que se verifica é que as variáveis com uma ca acima da média, e que somam, só por si, 70.4, são as que se referem a crenças mágicas e animistas. Nestas, a estrutura é a da oposição entre a sua negação, do lado positivo do eixo, e

a sua afirmação certa ou duvidosa (muito e pouco provável), do lado negativo. (veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/4)

Simultaneamente, nas crenças gerais I e na maior parte das crenças cristãs, há um esquema de oposição entre o absolutamente errado e pouco provável (lado negativo) e o absolutamente certo e muito provável (lado positivo). As crenças católicas seguem um modelo distinto e é muito heterogéneo o seu andamento.

Considerando o quadro dos valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 80, p. 113), pode observar-se que a certeza ou muita probabilidade nas crenças mágicas (lado negativo) se junta à negação das crenças religiosas, facto mais evidente nas crenças cristãs da Santíssima Trindade, Jesus Cristo Deus e homem, morte e ressurreição de Jesus para salvar. Do lado positivo, a negação do mágico e do animismo faz-se acompanhar do juízo de muita probabilidade de crenças religiosas, com excepção da negação concomitante do demónio e do inferno.

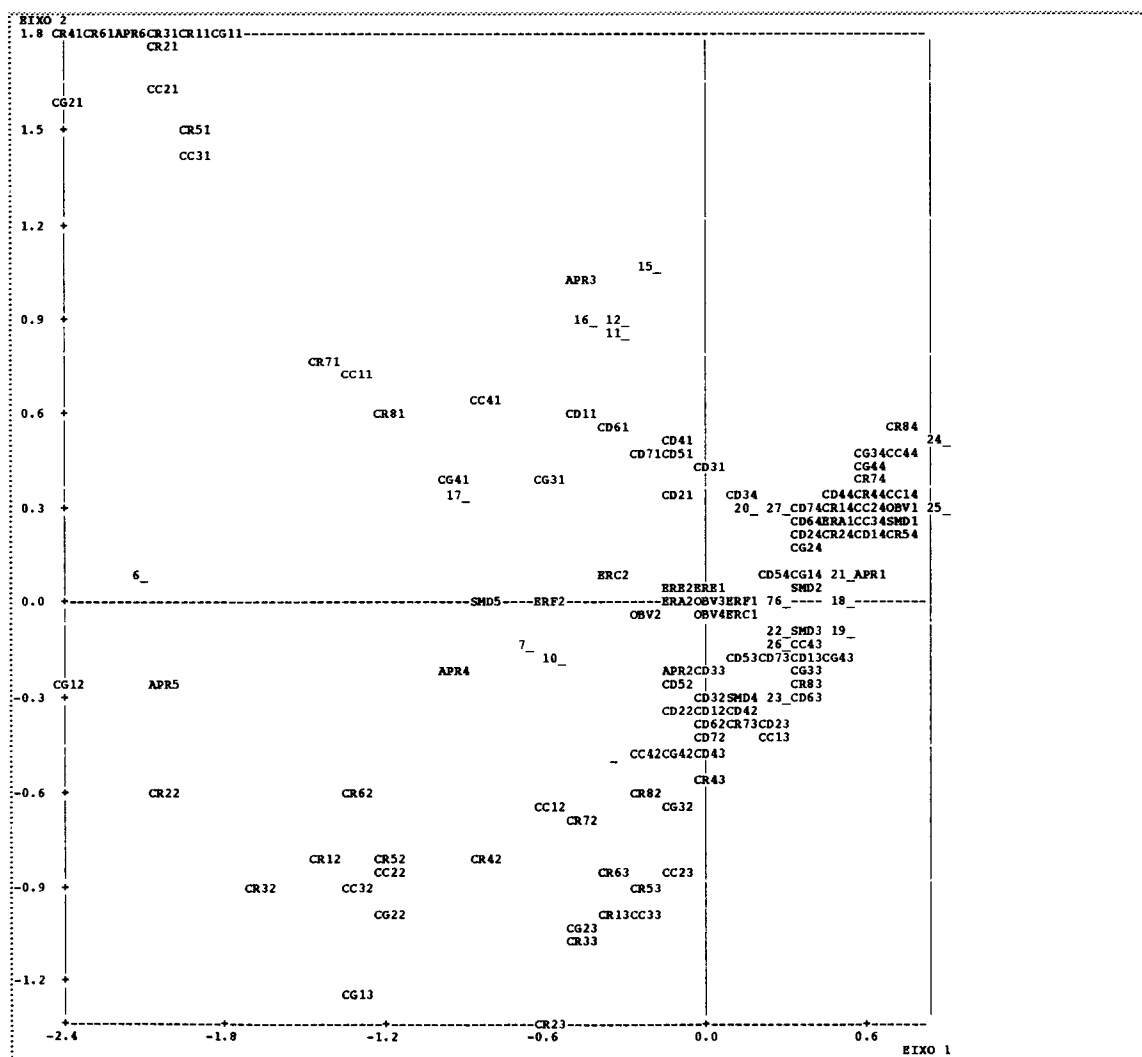
Pode afirmar-se que o factor quatro põe em evidência que umas são as crenças religiosas, outras as crenças na magia e no animismo. Sendo assim, podemos interpretá-lo como um *índice de magia/antimagia*. A magia é concomitante com a negação das crenças religiosas; a antimagia com a afirmação positiva ou muito provável do religioso.

1.2. Planos factoriais

1.2.1. Plano 1/2

O plano 1/2 (cf. Gráfico 45)³ relaciona a crença/descrença, a cosmovisão cristã e não cristã sobre as realidades metaempíricas (factor 1) com o modelo estrutural da forma de pensar certa e duvidosa (factor 2).

Gráfico 45 - Plano 1/2 (a) - crenças



³ Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

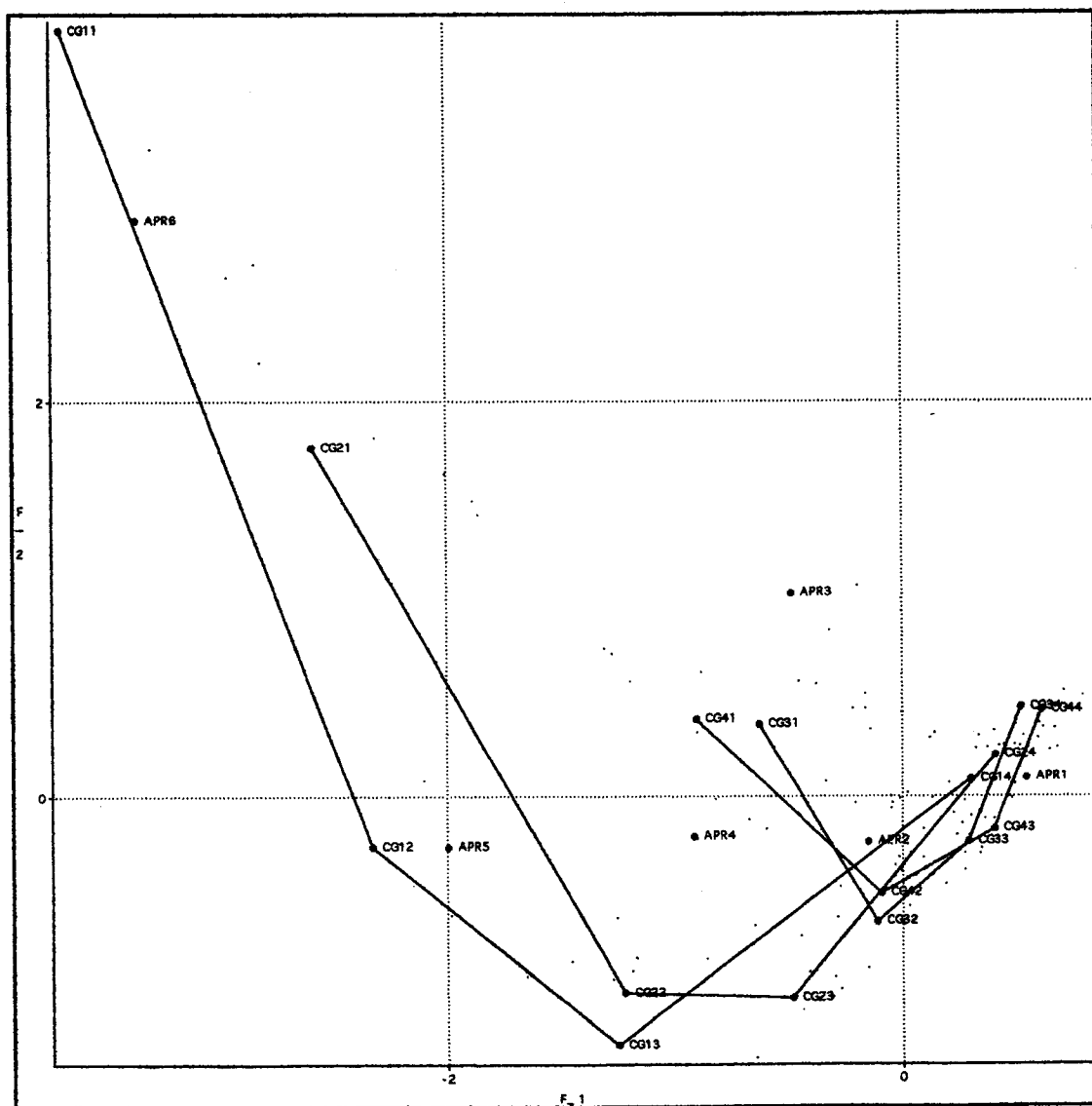
Pode observar-se (cf. Gráficos 46 a 48) que a certeza é mais típica dos que se autoposicionam como descrentes/ateus, crentes de outras religiões não católicas e católicos praticantes. A dúvida tende a ser o comportamento mental mais comum entre os católicos não praticantes, crentes sem religião e indiferentes.

É claro também que são as crenças cristãs (cf. Gráfico 47), bem como as crenças gerais I (cf. Gráfico 46) que têm o maior poder discriminatório, sobressaindo aqueles que negam essas crenças, no quadrante superior esquerdo dos gráficos. As crenças animistas e mágicas (cf. Gráfico 49) não têm, como já observámos, um peso determinante na interpretação dos factores e do plano.

Fica ilustrada graficamente a associação mais forte entre as crenças gerais I e as cristãs de um modo geral. Ilustrada fica ainda a associação entre as crenças gerais II, extraterrenas (vida no Além depois da morte e ressurreição final), fé no perdão de Deus através da confissão e infalibilidade do Papa.

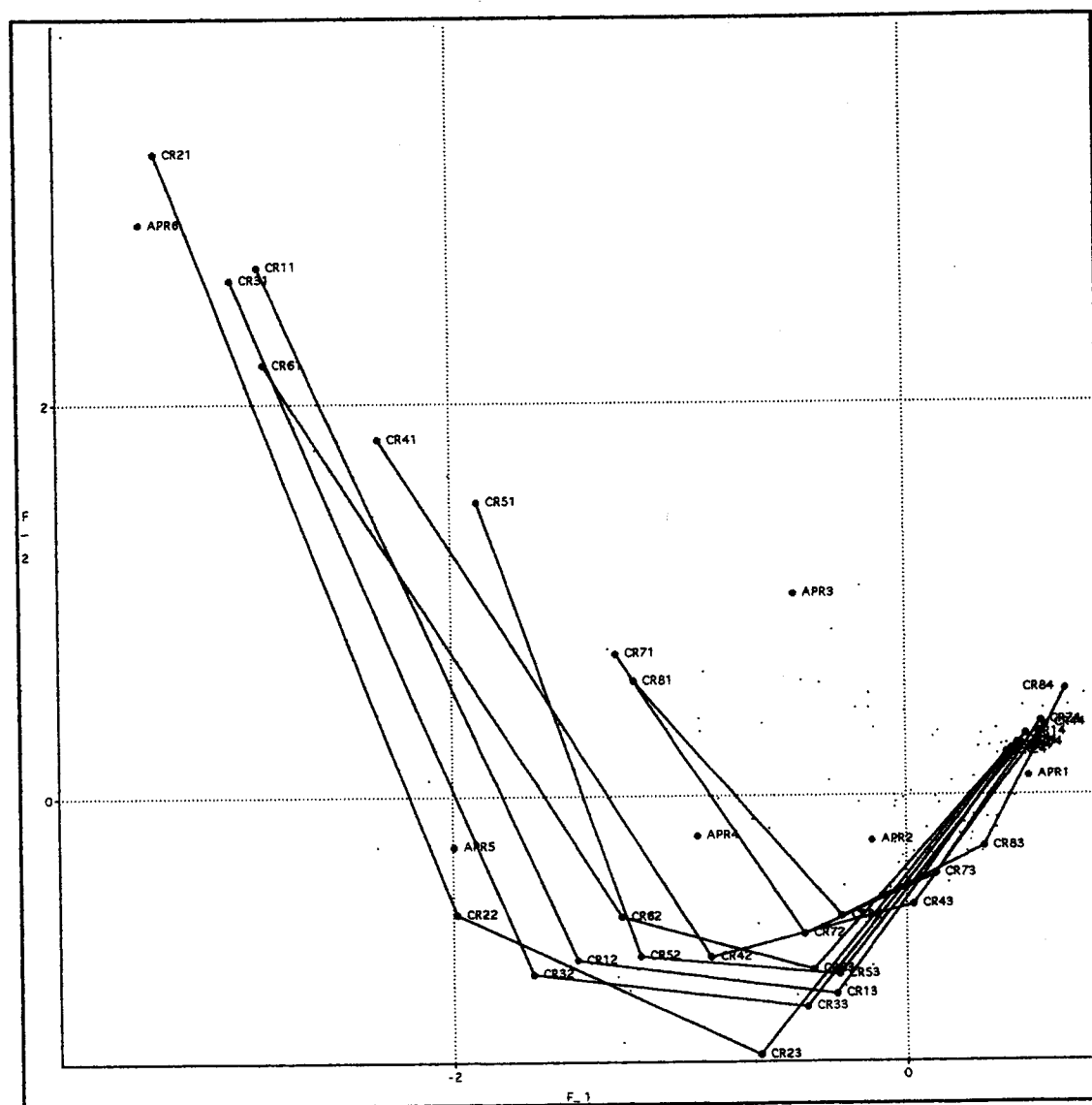
A certeza expressa-se pela crença ou descrença (cf. a parte superior dos Gráficos 46 a 49); a dúvida pelo juízo de maior ou menor plausibilidade sobre as crenças (cf. a parte inferior dos mesmos gráficos).

Gráfico 46 - Plano 1/2 (b) - crenças



Crenças gerais I e II:
 Existência de Deus (CG1) Deus Criador (CG2) Existência do demônio (CG3) Existência do Inferno (CG4)
 /Autoposição religiosa (APR)

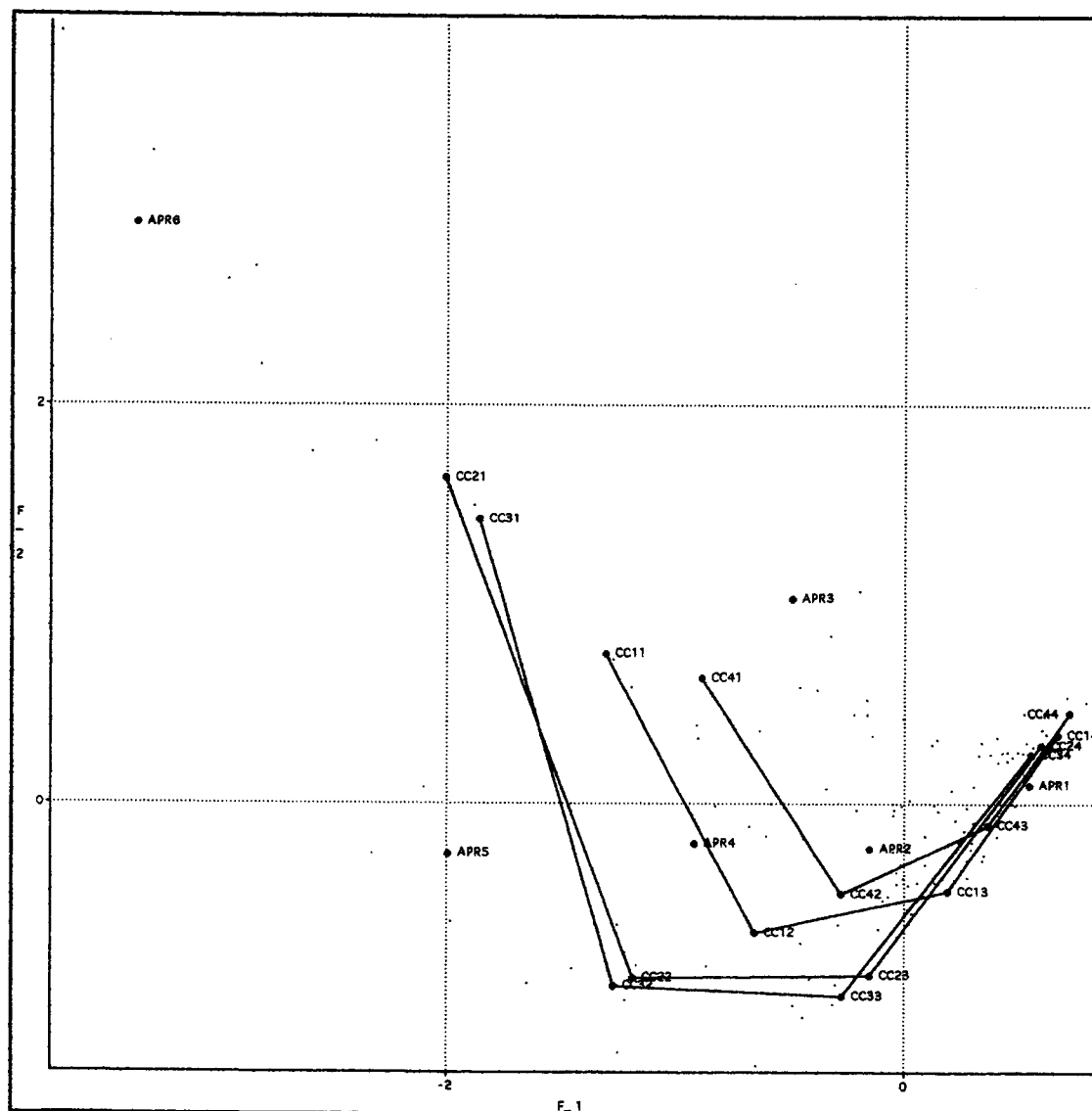
Gráfico 47 - Plano 1/2 (c) - crenças



Crenças cristãs:

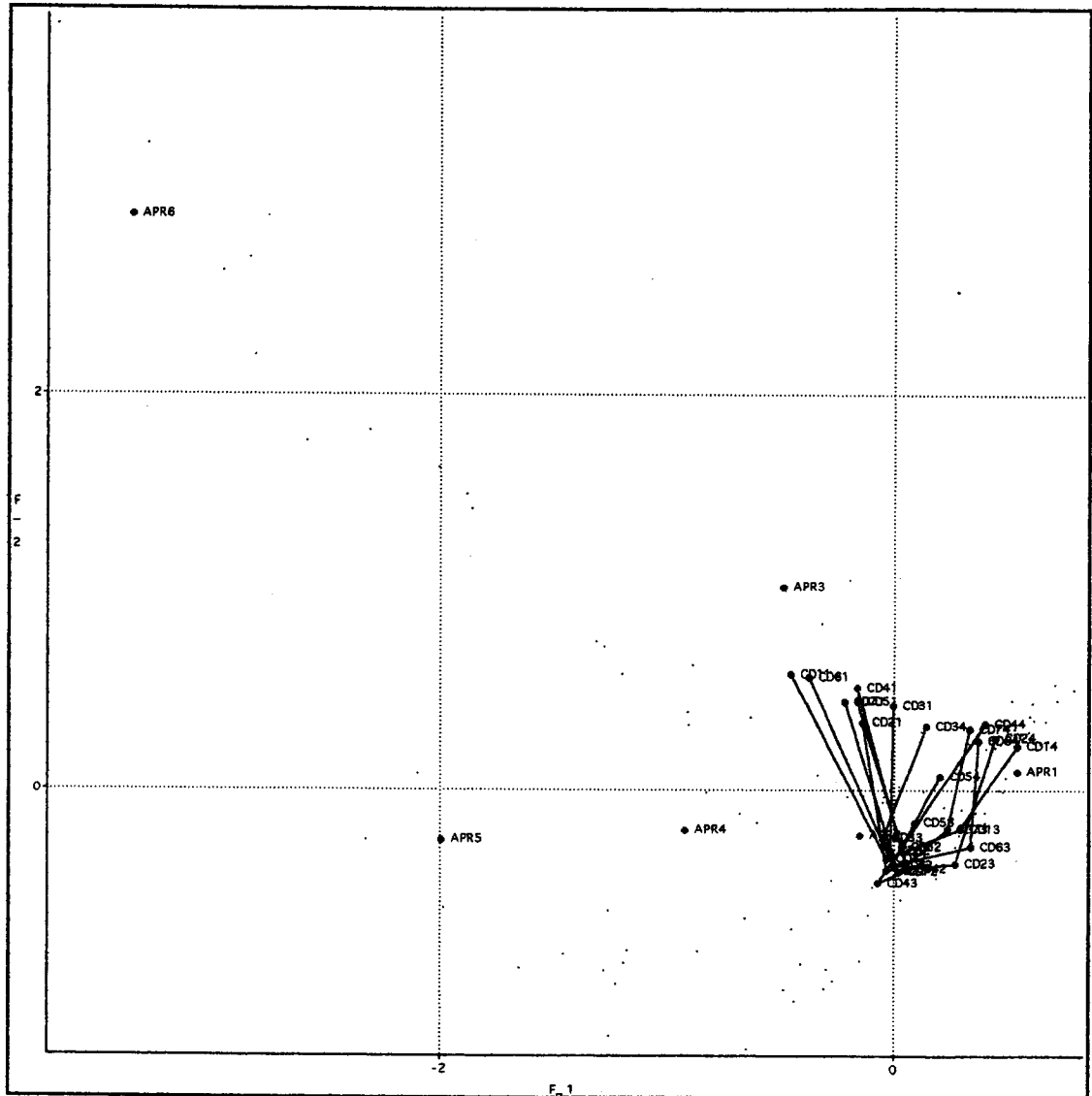
SS Trindade (CR1) Jesus: Deus e Homem (CR2) Morte e Ressurreição Jesus (CR3) Espírito Santo (CR4) Igreja: sinal de Deus (CR5) Bíblia (CR6) Vida pós-morte (CR7) Ressurreição final (CR8)
/Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 48 - Plano 1/2 (d) - crenças



Crenças católicas:
 Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2) Virgindade e Maternidade (CC3) Infallibilidade do Papa (CC4)
 /Autopoção religiosa (APR)

Gráfico 49 - Plano 1/2 (e) - crenças



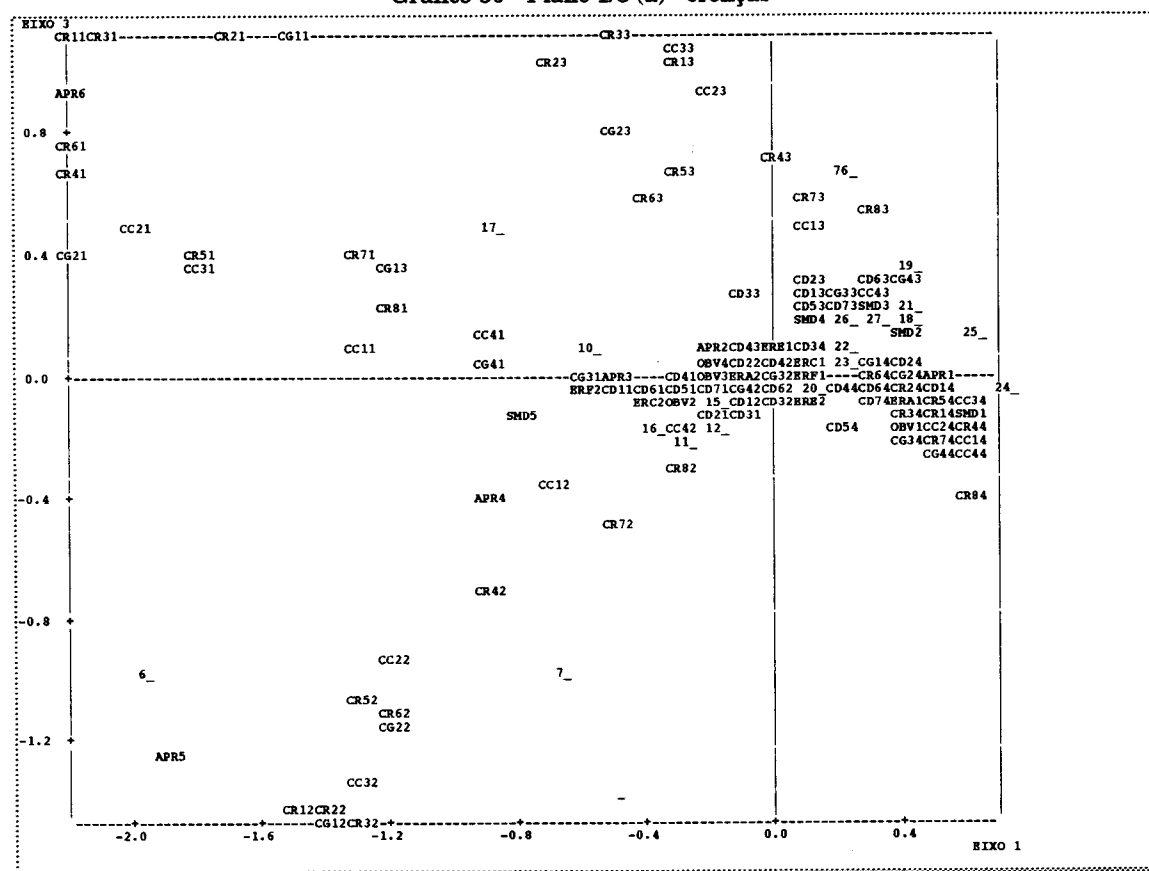
Crenças: mágicas e animistas
 Comunicação mortos (CD1) Interferência maléfica (CD2) Influência de astros (CD3) Videntes e astrólogos (CD4) Virtuosos e curandeiros (CD5) Pragas-maus olhados (CD6) Premonição (CD7)
 /Autoposição religiosa (APR)

1.2.2. Plano 1/3

O plano 1/3 relaciona a cosmovisão cristã/não cristã com o modelo mental da dúvida, expressa em dois níveis (cf. gráfico 50).⁴

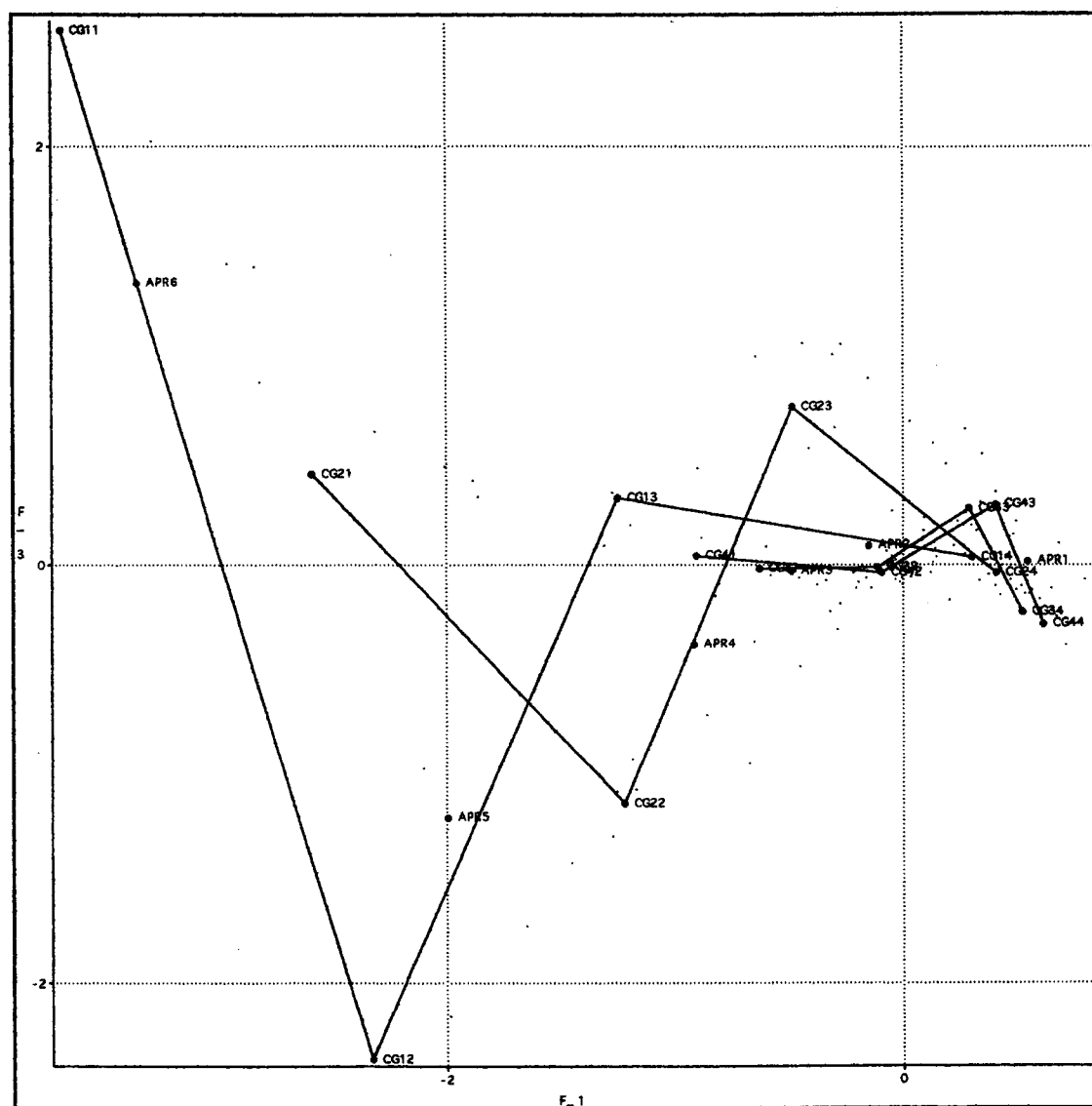
Considerando a variável ilustrativa do autopoicionamento religioso (cf. gráficos 51 a 54), observa-se que o maior grau de dúvida é o comportamento típico dos que se autodefinem como indiferentes perante a religião.

Gráfico 50 - Plano 1/3 (a) - crenças



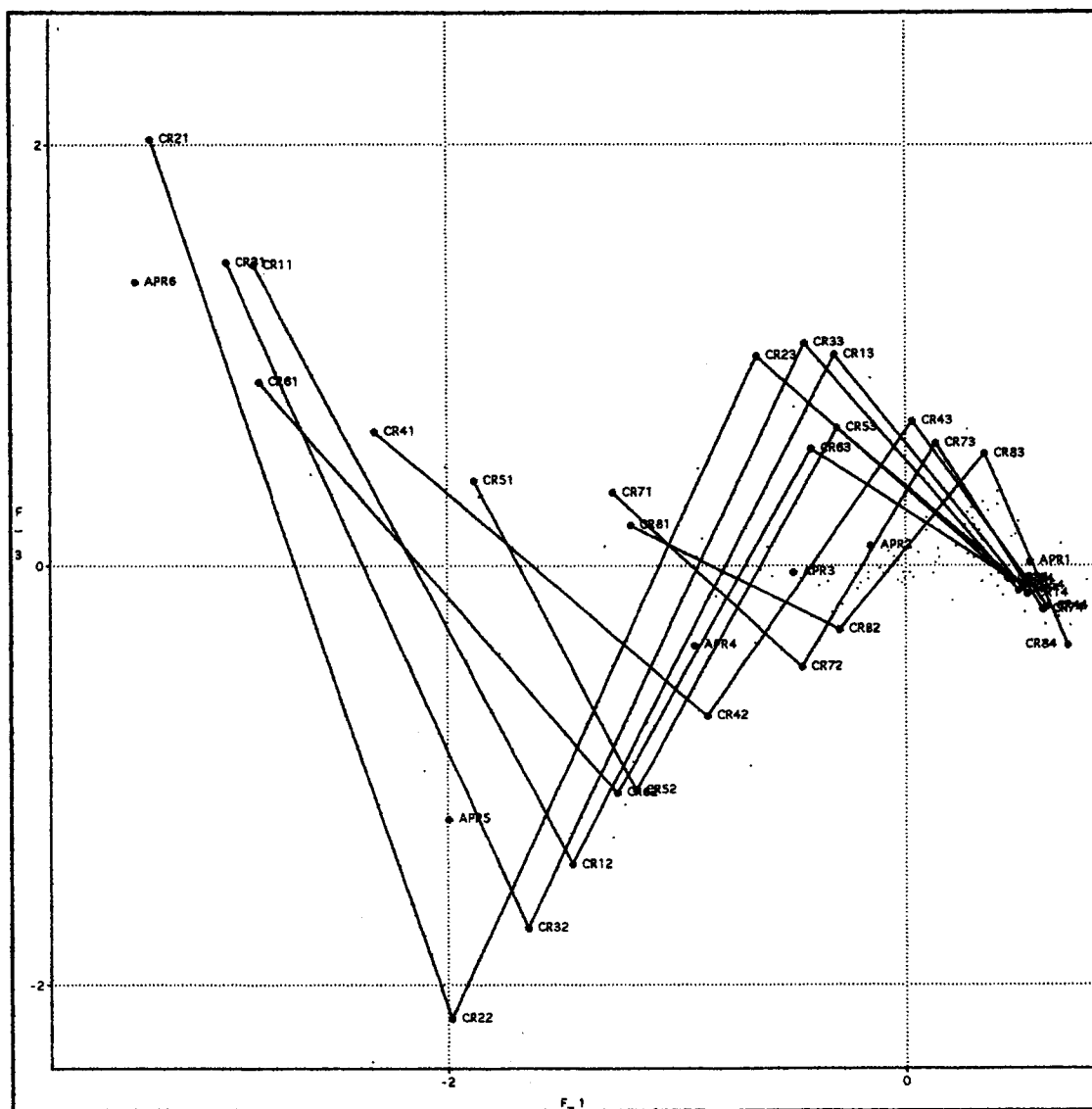
⁴ Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 51 - Plano 1/3 (b) - crenças



Crenças gerais I e II:
 Existência de Deus (CG1) Deus Criador (CG2) Existência do demônio (CG3) Existência do Inferno (CG4)
 /Autoposição religiosa (APR)

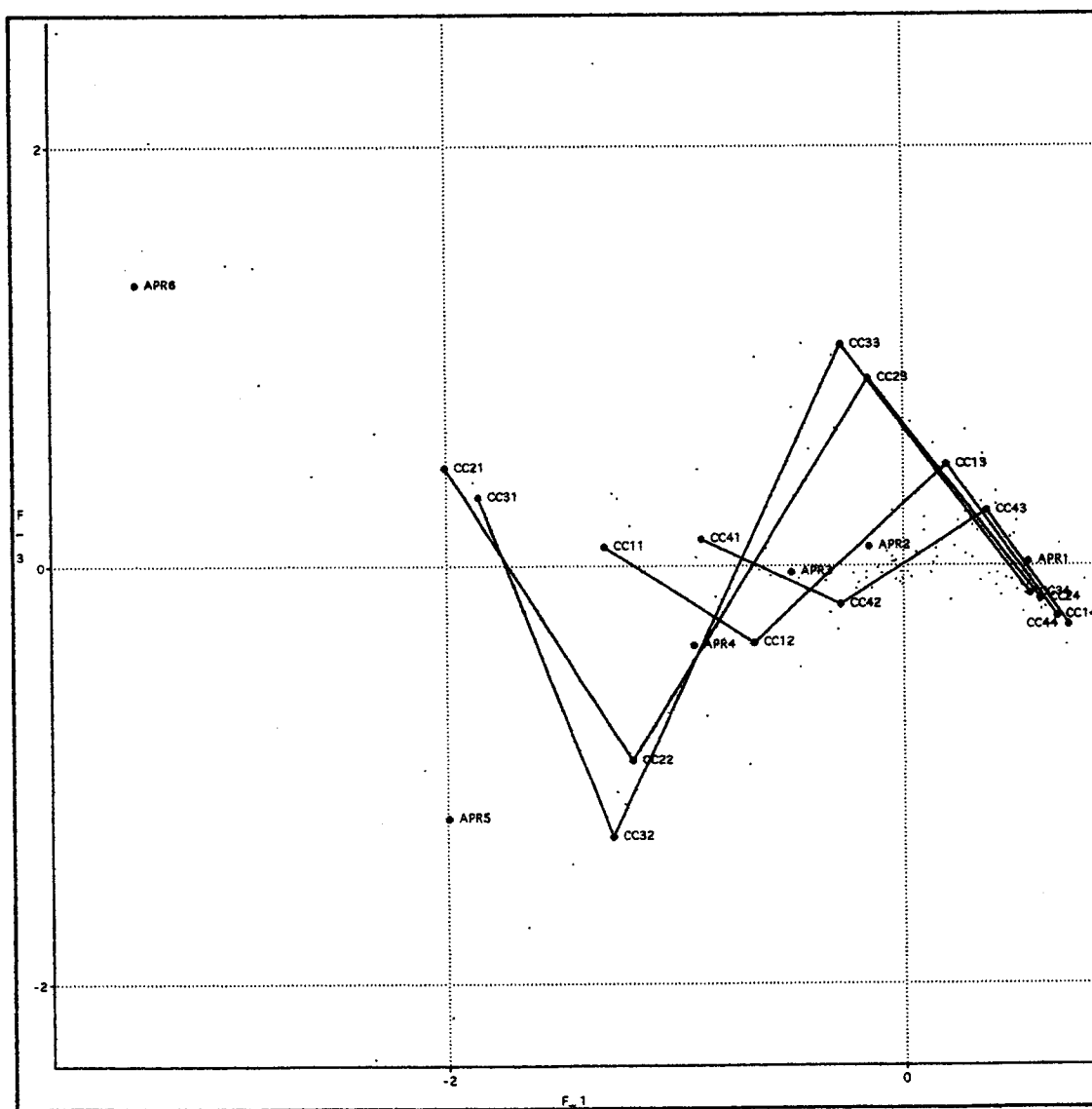
Gráfico 52- Plano 1/3 (c) - crenças



Crenças cristãs:

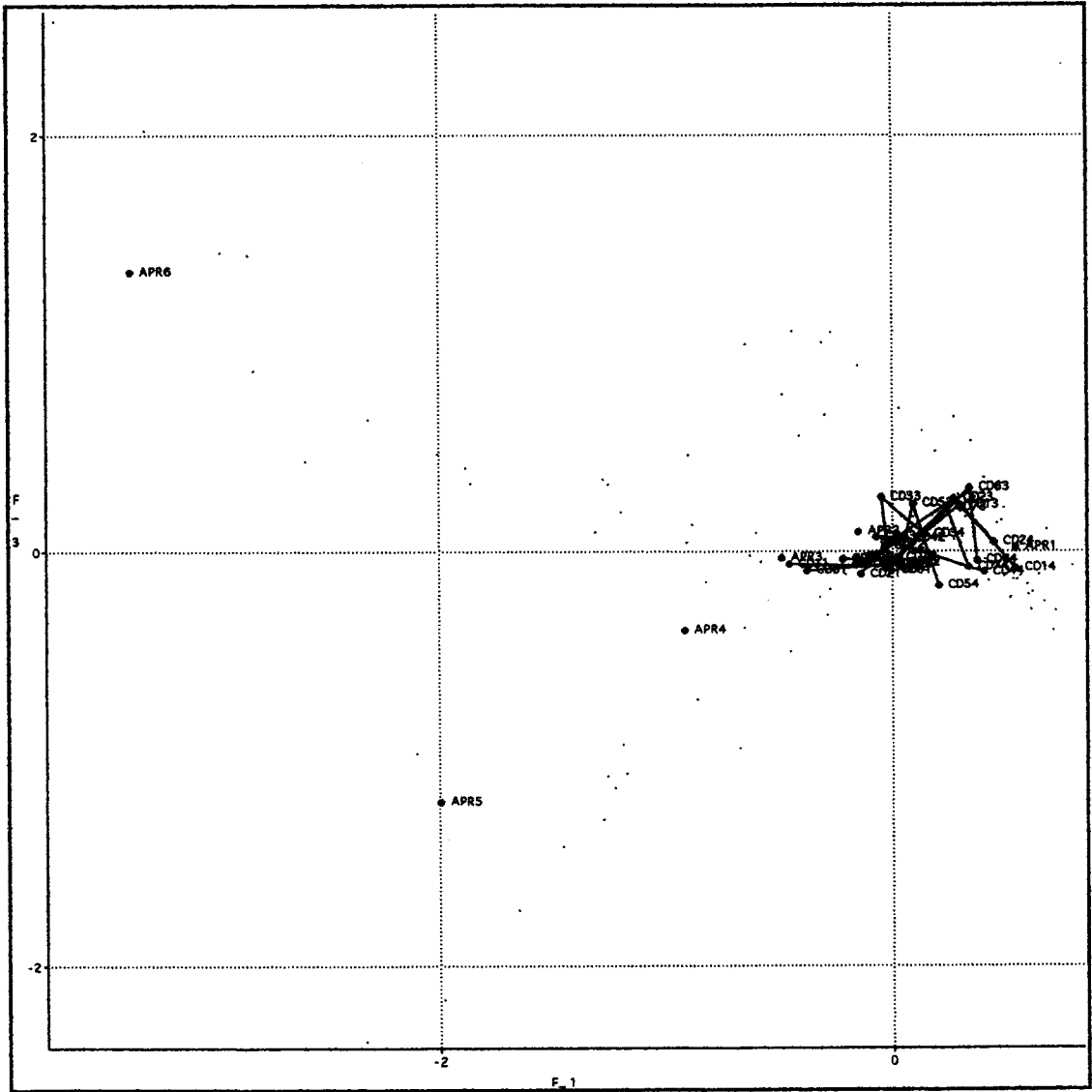
SS Trindade (CR1) Jesus: Deus e Homem (CR2) Morte e Ressurreição Jesus- (CR3) Espírito Santo (CR4) Igreja: sinal de Deus (CR5) Bíblia (CR6) Vida pós-morte (CR7) Ressurreição final (CR8) /Auto-posição religiosa (APR)

Gráfico 53 - Plano 1/3 (d) - crenças



Crenças católicas:
 Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2) Virgindade e Maternidade (CC3) Infalibilidade do Papa (CC4)
 /Autopoção religiosa (APR)

Gráfico 54 - Plano 1/3 (e) - crenças



Crenças: mágicas e animistas
 Comunicação mortos (CD1) Interferência maléfica (CD2) Influência de astros (CD3) Videntes e astrólogos (CD4) Virtuosos e curandeiros (CD5) Pragas-maus olhados (CD6) Premonição (CD7)
 /Autoposição religiosa (APR)

1.2.3. Plano 1/4

O plano 1/4 relaciona a crença/descrença religiosa com a crença mágica, evidenciando que se trata de duas dimensões distintas: uma é a dimensão religiosa, outra a mágica (cf. Gráfico 55).⁵

A observação dos Gráficos 56 a 59 ilustra a afirmação que fazemos. Com efeito, observa-se, no Gráfico 59, que a negação do mágico, na parte superior, se opõe à sua afirmação na parte inferior. É também aqui que se situam as modalidades que indicam a negação das crenças religiosas da existência de Deus e da sua qualidade de criador do universo (cf. gráfico 56), das crenças cristãs (cf. Gráfico 57) e, embora com menor evidência, das crenças católicas (cf. Gráfico 58).

É interessante notar (cf. Gráfico 56), na parte superior, ligadas à afirmação do mágico, as crenças na existência do demónio e do inferno; na parte inferior, ligadas à negação do mágico, a sua pouca plausibilidade. Tal parece traduzir haver pelo menos alguma correlação entre a magia e as crenças em realidades metaempíricas tidas como incarnação do mal.

Gráfico 55 - Plano 1/4 (a) - crenças

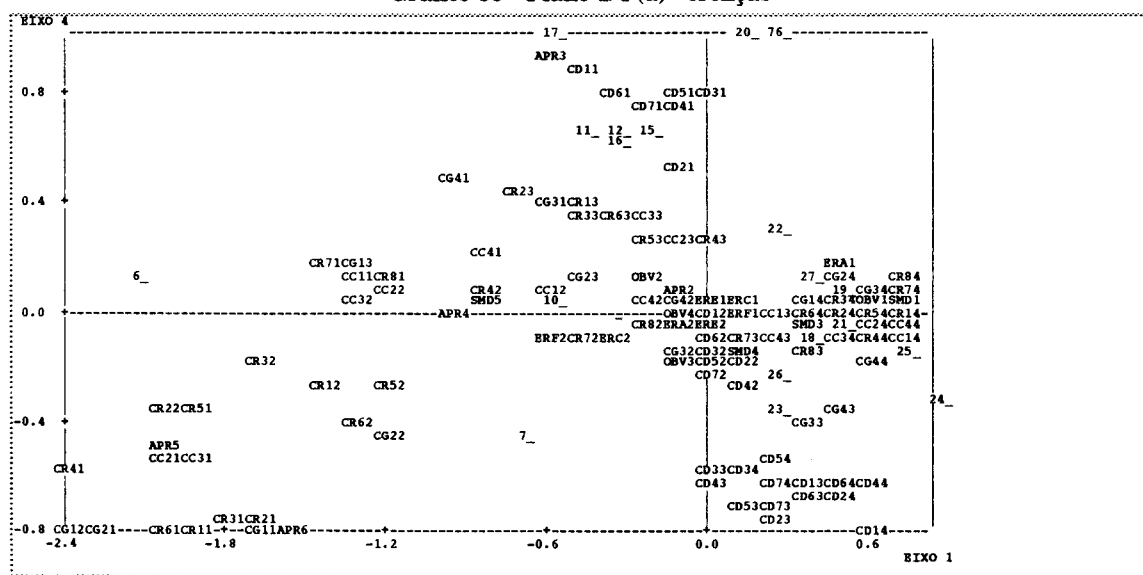
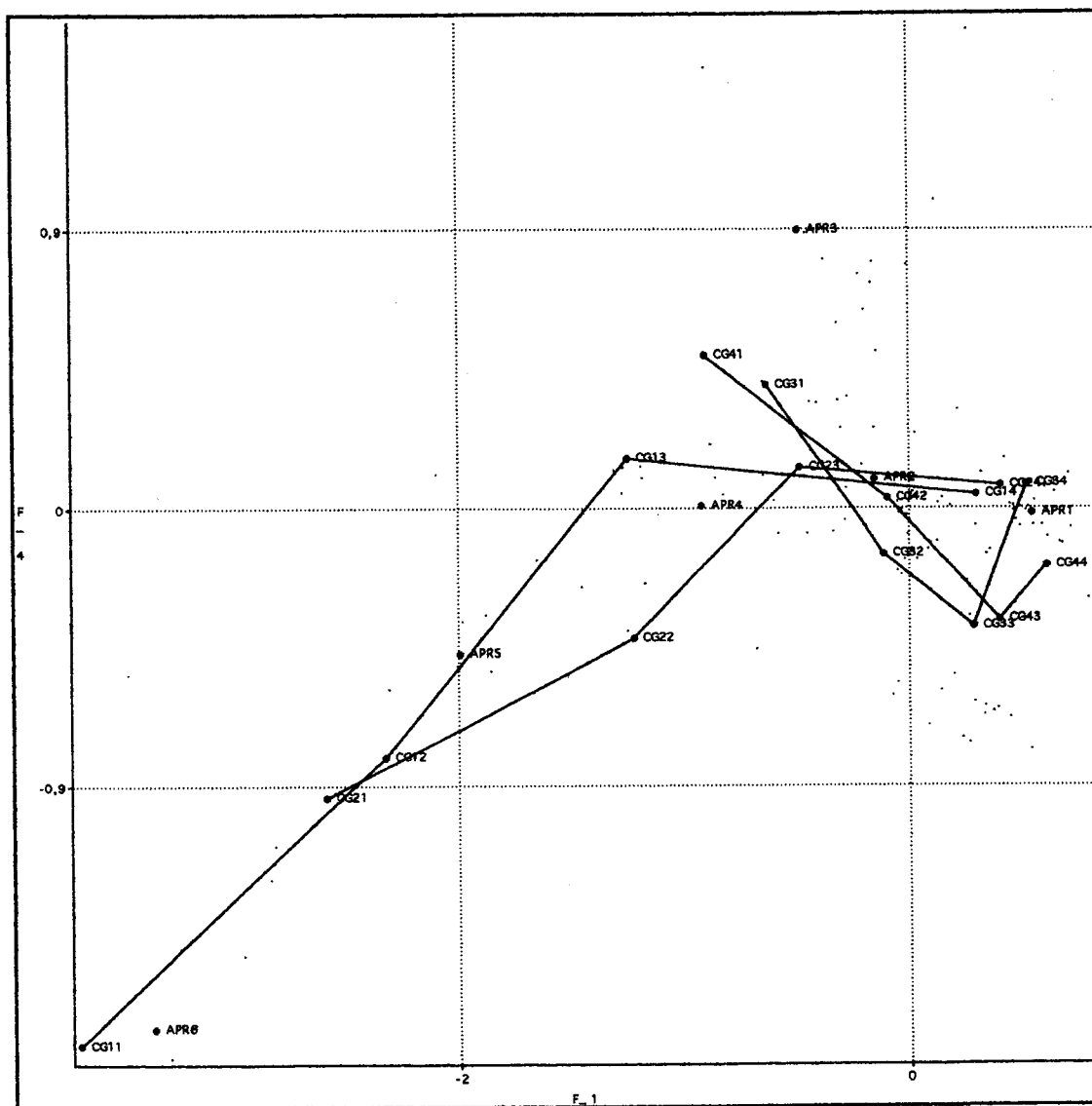
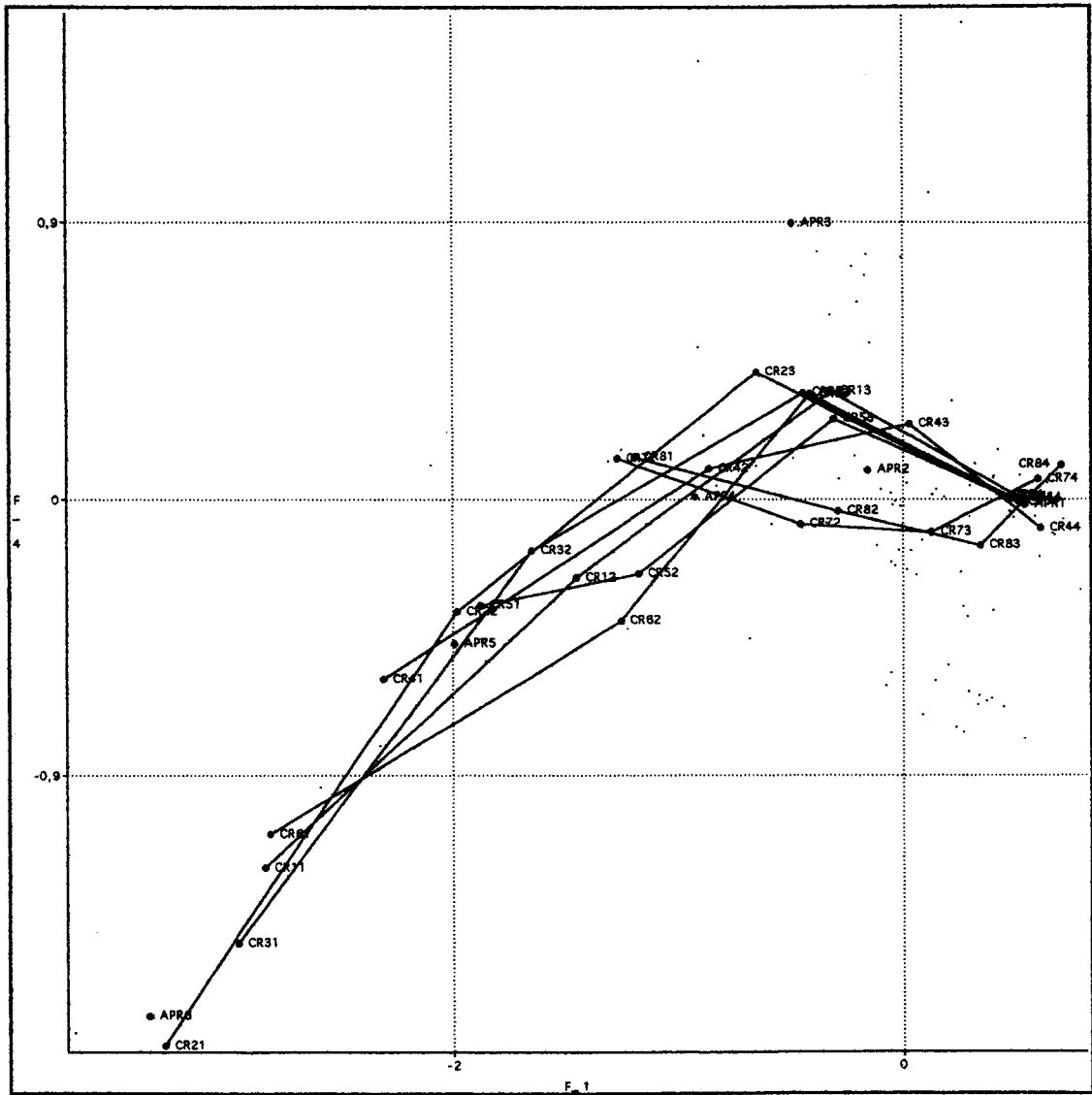


Gráfico 56 - Plano 1/4 (b) - crenças



Crenças gerais I e II:
 Existência de Deus (CG1) Deus Criador (CG2) Existência do demônio (CG3) Existência do Inferno (CG4)
 /Autoposição religiosa (APR)

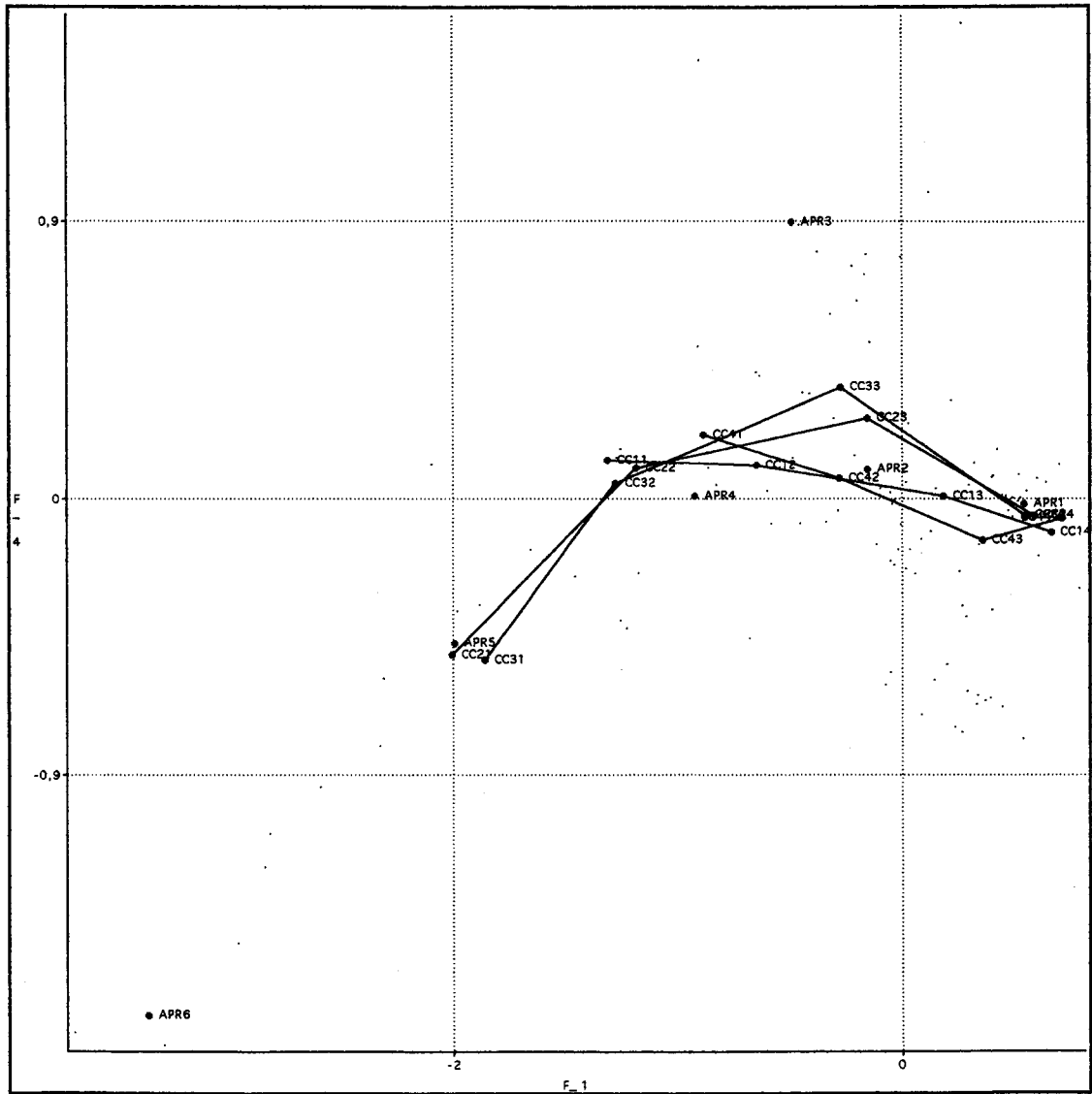
Gráfico 57 - Plano 1/4 (c) - crenças



Crenças cristãs:

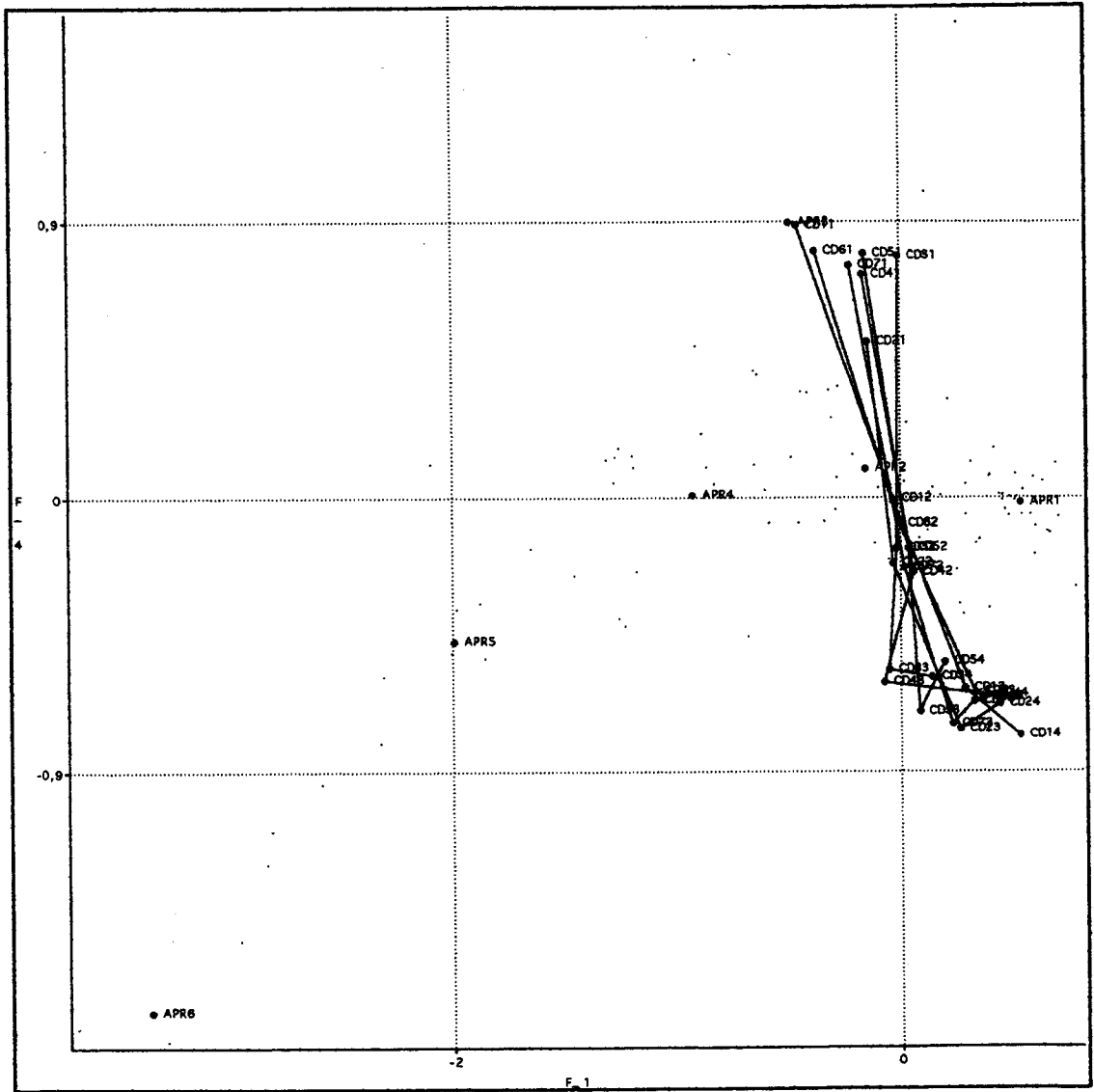
SS Trindade (CR1) Jesus: Deus e Homem (CR2) Morte e Ressurreição Jesus (CR3) Espírito Santo (CR4) Igreja: sinal de Deus (CR5) Bíblia (CR6) Vida pós-morte (CR7) Ressurreição final (CR8)
/Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 58 - Plano 1/4 (d) - crenças



Crenças católicas:
 Fé na Confissão (CC1) Fé na Eucaristia (CC2) Virgindade e Maternidade (CC3) Infalibilidade do Papa (CC4)
 /Autoposição religiosa (APR)

Gráfico 59 - Plano 1/4 (e) - crenças



Crenças: mágicas e animistas
 Comunicação mortos (CD1) Interferência maléfica (CD2) influência de astros (CD3) Videntes e astrólogos (CD4) Virtuosos e curandeiros (CD5) Pragas-maus olhados (CD6) Premonição (CD7)
 /Autoposição religiosa (APR)

* * *

Da análise feita ressalta que há quatro dimensões principais das crenças:

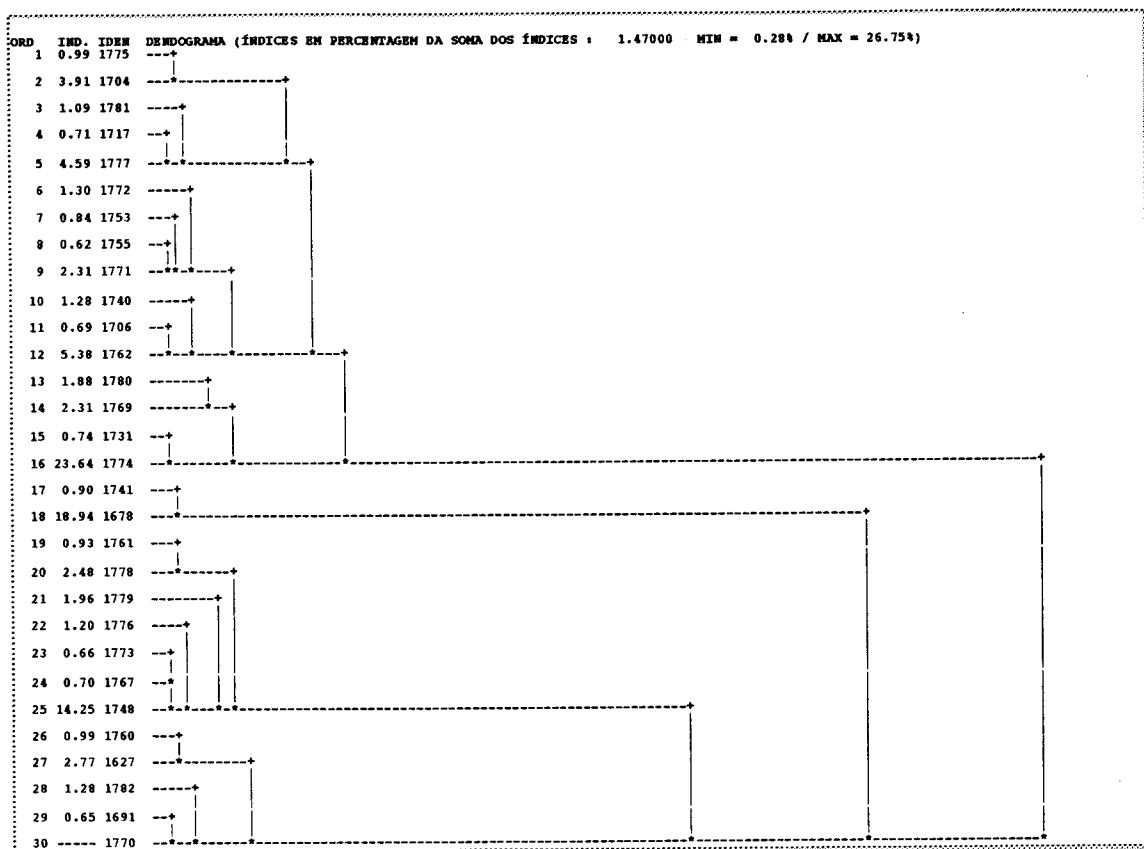
- *a cosmovisão cristã versus a não cristã;*
- *o modelo formal da certeza e da dúvida;*
- *o modelo formal da intensidade da dúvida;*
- *a magia e o animismo versus a crença religiosa.*

Nota-se também que há alguma distinção dentre as crenças cristãs e católicas. Com efeito, são relativamente distintas as crenças que implicam a mediatização humana nas relações com as realidades metaempíricas e supõem a existência de uma vida extraterrena. Até certo ponto, juntam-se a este subconjunto as crenças na existência do mal (demónio e inferno), ou por outras palavras, a crença no castigo de Deus.

2. Classificação automática

Tanto o histograma dos índices de nível (cf. Gráfico 17 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 114) como o dendograma (cf. Gráfico 60), sugerem uma partição em sete classes, utilizando os 16 eixos mais relevantes, isto é, aqueles que, como dissemos, têm um valor próprio acima da média. Antes fizemos a tentativa de uma divisão em apenas cinco classes que se revelou menos precisa, embora a observação do dendograma também a pareça sugerir.

Gráfico 60 - Dendograma / crenças



O Quadro 81 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 114) indica a dimensão de cada uma das sete classes, antes e depois das iterações, sendo que o quociente de inércia é de 0.4976.

2.1. Categorias ou tipos religiosos de crenças

2.1.1. Classe 1/7

A classe 1/7 é composta por 176 indivíduos que representam cerca de um quinto do total de respondentes.

Esta classe caracteriza-se por os que lhe pertencem afirmarem como absolutamente certas todas as crenças religiosas e como absolutamente erradas as crenças mágicas e animistas. Há, assim, uma separação clara entre a crença religiosa e a magia. Com efeito, todos acreditam em Deus e na sua qualidade de criador do universo, em Jesus Cristo como filho de Deus e salvador e na Santíssima Trindade. O que mais distingue esta classe das restantes é aliarem tais crenças às que se referem à vida extraterrena: vida no Além depois da morte e Ressurreição final. Além disso, têm como específico uma maior ênfase nas crenças que implicam a mediatização por outros homens na relação pessoal com Deus: fé no perdão de Deus através da confissão, Igreja sinal da presença de Deus no mundo, infalibilidade do Papa. É também a classe que tem uma maior proporção dos que consideram como absolutamente certa a existência do demónio e do inferno.

Observa-se também que esta classe é constituída por uma alta percentagem dos que se afirmam católicos praticantes (8 em cada 10). Cerca de metade vão à missa todos os domingos e, praticamente, todos receberam educação religiosa na família e alguns mesmo em associações religiosas (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116).

Pode dizer-se que se trata de *crentes convictos* dos dogmas cristãos e católicos, que sublinham as dimensões extraterrena e eclesial e em que o religioso permanece em estado puro, ou seja, não convive com o mágico, antes se lhe opõe.

Os eixos que melhor explicam esta classe são o primeiro que, recordemo-lo, é um índice de cosmovisão cristã, e o sétimo que não interpretámos.

2.1.2. Classe 2/7

Constituída por 98 indivíduos, ou seja, cerca de 11% do total, a classe 2/7 é caracterizada por uma forte mistura de crenças nos dogmas religiosos e nas crenças animistas e mágicas. Digamos que a sua característica principal é o sincretismo. Com efeito, distinguem-se por considerarem absolutamente certas as crenças mágicas e animistas, fazendo o mesmo juízo sobre as crenças gerais I e II, cristãs e católicas.

Cerca de 3 em cada 10 assistem à missa dominical algumas vezes durante o ano (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116).

Podemos designá-los por *crentes sincréticos*, sendo o seu sincretismo de grau forte. Os eixos que melhor os caracterizam são o quinto e o quarto, sabendo que na tentativa de interpretar o eixo cinco indiciámos que se tratava da dimensão sincrética.

2.1.3. Classe 3/7

A classe 3/7 constitui, do ponto de vista estatístico, a categoria sócio-religiosa modal. A ela pertencem 240 dos respondentes (26%).

Os que pertencem a esta classe acreditam nas crenças cristãs e católicas, mas juntam-lhes a crença, mais ou menos intensa, na magia e no animismo, ao contrário da classe 1/7 em que o mágico era rejeitado. Relativamente às crenças religiosas são menos afirmativos do que os daquela classe face às crenças na vida

extraterrena, existência do demónio e do inferno, fé no perdão de Deus através da confissão e infalibilidade do Papa. Ajuízam apenas estas crenças como muito prováveis. Distinguem-se da classe 2/7 por serem sincréticos moderados.

Dos que pertencem a este tipo social, 6 em cada 10 dizem-se católicos praticantes e a esmagadora maioria teve educação religiosa na família e na catequese paroquial. A sua prática dominical é muito variável, mas estão longe de serem cumpridores rigorosos do que está preceituado pela Igreja Católica (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116).

Digamos que são crentes católicos que manifestam dúvidas sobre alguns dogmas. Talvez a melhor forma de os designarmos seja a de lhes chamarmos *crentes modais*, à falta de um adjectivo que melhor os caracterize. Os eixos que melhor explicam esta classe são, como na anterior, o quinto e o quarto.

2.1.4. Classe 4/7

Constituída por 140 indivíduos (cerca de 15%), a classe 4/7 tipifica um forte sentido antimágico: cerca de 7 em cada 10 consideram como absolutamente erradas as crenças animistas e mágicas. Juntam a esta descrença a negação da dimensão extraterrena do cristianismo e perspectiva eclesial do catolicismo. De resto, todos acreditam em Deus e quase todos em Jesus Cristo e na Santíssima Trindade. Um em cada dois nunca vai à missa ao domingo (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116).

Aferindo-os pela ortodoxia cristã e católica, digamos que são *crentes cristãos heterodoxos*. O seu Deus é o cristão, mas faltam-lhes várias dimensões,

nomeadamente a comunitária, para poderem ser identificados com o Deus revelado na bíblia, bíblia que cerca de 3 em cada 4 diz acreditar como absolutamente certo conter verdades reveladas por Deus. O Deus em que acreditam é o do meio sócio-cultural em que vivem. Poderia porventura ser outro se o meio fosse diferente. Parecem encarar as crenças como algo de privado.

O quarto e segundo eixos são também os que melhor caracterizam esta classe.

2.1.5. Classe 5/7

A classe 5/7 é a minoritária (25 indivíduos), representando cerca de 3% do total.

Se às primeiras quatro classes que caracterizámos podemos aplicar a designação de crentes, ainda que com qualidades diversas, a partir desta classe surgem as que lhes são antagónicas. Elas são constituídas por descrentes.

Pelo menos 7 em cada 10 indivíduos da classe 5/7 consideram como absolutamente erradas todas as crenças: as gerais I e II, as cristãs, as católicas e, em proporção ligeiramente inferior, as mágicas e animistas. Todos negam a existência de Deus, sendo apenas 2 em cada 10 aqueles que consideram a sua existência como pouco provável (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116).

A expressão mais adequada para designar esta classe é a de *ateus*. Aliás todos os que se autoafirmam descrentes/ateus pertencem a esta classe, como a ela pertencem também 3 em cada 10 dos que se dizem indiferentes. Vivem completamente afastados da prática cultural, metade não teve educação religiosa na família e 7 em cada 10 não frequentou a catequese paroquial.

Os eixos que melhor caracterizam esta classe são os dois primeiros: o da crença/descrença; o do modelo formal da afirmação certa *versus* a duvidosa.

2.1.6. Classe 6/7

A classe 6/7 é constituída por 154 indivíduos que representam 17% do total.

A sua característica mais marcante é a dúvida, mais ou menos intensa, sobre toda e qualquer das crenças sobre que foram interrogados. Aliás os eixos que melhor caracterizam esta categoria sócio-religiosa são o segundo e o terceiro, isto é, os que se referem a estruturas mentais.

Católicos não praticantes (6 em cada 10), 44% dizem nunca ir à missa dominical. A quase totalidade não recebeu educação religiosa em associações religiosas e cerca de 3 em cada 10 diz não a ter tido também na família (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116).

Creemos que dos indivíduos desta classe se pode dizer, sem abuso, que tipificam o modelo de *cépticos*.

2.1.7. Classe 7/7

A classe 7/7, constituída por 73 indivíduos, representa uma pequena franja dos respondentes: 8%, sendo melhor caracterizada pelo terceiro e primeiro factores.

Comparativamente ao grupo anterior, o seu grau de cepticismo é muito maior. Com efeito, a maioria considera como pouco provável qualquer crença, mesmo a existência de Deus, ou até como absolutamente errada. Esta última forma

de ajuizar refere-se, sobretudo, às crenças na vida extraterrena e na mediatização de outros homens nas relações pessoais com seres metaempíricos.

Caracterizam-se também por nunca irem à missa ao domingo (9 em cada 10), dizerem-se indiferentes e crentes sem religião e não terem tido educação religiosa na família ou na catequese paroquial (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 82, p. 114-116) .

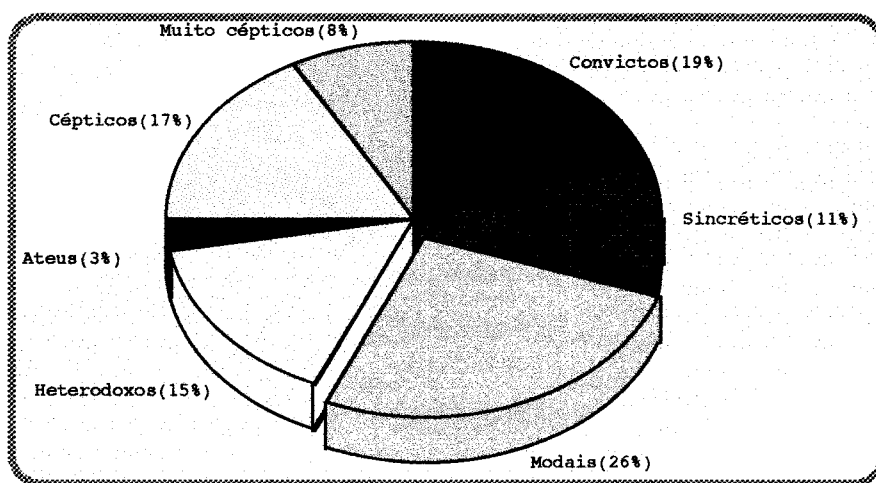
Talvez a melhor designação seja a de *muito cépticos*.

Os sete tipos ideais que identificámos: crentes convictos, crentes sincréticos, crentes modais, crentes heterodoxos, ateus convictos, cépticos e muito cépticos, revelam a estrutura religiosa e sócio-cultural dos indivíduos face às crenças (cf. gráfico 61).

Nessa estrutura prevalecem os crentes (cerca de 7 em cada 10), ainda que em graus diversos, tomando como referência padrão a ortodoxia católica. Cerca de 1/3 descrê ou tem dúvidas mais ou menos fortes, embora não negue a existência de uma realidade metaempírica. Para a esmagadora maioria tal realidade assume as qualidades do Deus cristão, posto que de forma mais comunitária ou individual.

Podemos concluir ainda que o imaginário sócio-cultural dos portugueses está povoado de sinais mais ou menos intensos de crença em realidades metaempíricas.

Gráfico 61 - Composição das classes / crenças



IV - VALORES MORAIS

1. Análise de correspondências múltiplas

O nosso objectivo é identificar a estrutura dos valores morais. Daí que variáveis activas sejam todas as que constituem o subtema dos items sobre a moral. As frequências das questões podem observar-se no Quadro 28 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 48-49).

Variáveis ilustrativas são a missa dominical, o autoposicionamento religioso, os objectivos de vida e os agentes de socialização religiosa (família, catequese paroquial, catequese escolar e associações religiosas). Sendo admissível que a moralidade possa variar também em função das crenças na vida extraterrena (vida no Além depois da morte e ressurreição final), consideraram-se também estas como variáveis suplementares.

Na ACM calcularam-se todos os eixos de que se mandaram editar apenas os cinco primeiros. A ventilação de 2.0 não interferiu com nenhuma modalidade importante das questões, mas apenas com as não respostas, que são reduzidas em número e percentualmente. O procedimento utilizado foi o CORMU.

A soma dos valores próprios dos 38 eixos é de 2.0, o que dá um valor próprio médio de 0.0526 e sugere que os 12 primeiros eixos, acima da média, são os mais relevantes (cf. quadro 16).

Quadro 16 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Valores morais

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT.	PERCENT. ACUMULA.
1	0.1957	9.78	9.78
2	0.1733	8.66	18.45
3	0.0922	4.61	23.06
4	0.0732	3.66	26.72
5	0.0688	3.44	30.16
6	0.0649	3.25	33.40
7	0.0643	3.22	36.62
8	0.0591	2.95	39.57
9	0.0589	2.94	42.52
10	0.0560	2.80	45.31
11	0.0553	2.76	48.08
12	0.0538	2.69	50.77
13	0.0515	2.57	53.34
14	0.0499	2.49	55.83
15	0.0487	2.43	58.27
16	0.0475	2.37	60.64
17	0.0465	2.32	62.97
18	0.0458	2.29	65.25
19	0.0447	2.23	67.49
20	0.0438	2.19	69.68

Depois do apuramento, observaram-se as mesmas 19 questões activas cuja média é de 5.3 e 57 modalidades com uma ca média de 1.8 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 83, p. 117).

1.1. Definição dos factores

1.1.1. Factor 1

As variáveis com ca acima da média são todas as que formam o subconjunto que podemos designar por moral familiar, conjugal e sexual: legitimidade da tv passar filmes pornográficos (M13); viver maritalmente é moralmente aceitável (M20); qualquer método contraceptivo é legítimo (M18); a homossexualidade é natural (M14); divórcio: a melhor solução para um casamento infeliz (M19); total liberdade dos filhos depois da puberdade (M11); o aborto é sempre condenável (M17). A soma da ca destas variáveis perfaz 67.8%, valor próximo do que é considerado suficiente para definir o factor (cf. Anexo II - *Resultados de Base da*

Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, Quadro 83, p. 117).

Ainda que a junção das modalidades da escala utilizada (desaprova, não aprova nem desaprova, aprova) varie conforme as questões, facto saliente é a oposição encontrada entre aquilo que a doutrina moral católica considera como um valor e o que tem como contravalor, sobretudo em matéria de moral familiar, conjugal e sexual. Segundo a doutrina moral católica deve ser desaprovada a pornografia, a união de facto, a utilização de quaisquer métodos contraceptivos, a homossexualidade, o divórcio, o aborto e a total liberdade dos filhos depois da puberdade (veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/2).

Considerando o quadro com os valores teste das variáveis (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião, Quadro 84, p. 118*), de que se fez uma saída a 30%, confirma-se o que atrás se deixa dito, acrescentando ainda a questão do direito dos filhos ao não divórcio dos pais (M12) com uma ca de 5.1. Também a variável face ao mal é natural a revolta contra Deus (M01) se junta ao subconjunto que já identificámos, dado o valor da sua ca. Observa-se ainda que este factor sublinha uma oposição clara entre as modalidades que mais se identificam com a doutrina moral católica e aquelas que se lhe opõem. Com efeito, os que perfilham os valores católicos desaprovam que haja ofensas sem perdão e a verdade de todas as religiões. Esta é aprovada por aqueles que têm uma perspectiva contrária, assim como aprovam o suicídio em situações extremas, a fuga aos impostos e a mentira se proveitosa.

Os primeiros dizem-se católicos praticantes, têm como absolutamente certa a vida extraterrena e frequentam a missa dominical; os segundos dizem-se católicos não praticantes e nunca vão à missa aos domingos.

Há que concluir que o primeiro factor estrutura dois modelos distintos: um que se conforma com a doutrina moral católica e outro que se lhe opõe. Pode, portanto, afirmar-se que o primeiro factor é um *índice de conformismo/inconformismo* face ao modelo de valores proposto pela doutrina católica, mais evidente no que se refere à vida familiar e conjugal.

1.1.2. Factor 2

Considerando o quadro dos valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 85, p. 118), verifica-se que o eixo dois está a opor posições claramente definidas de aprovação e desaprovação face a uma posição indefinida de não aprovar nem desaprovar.

Atendendo ao significado das modalidades, observa-se que se prendem com o sentido do respeito pelos outros: direito à verdade, à vida, ao amor, quer nas relações sociais em geral, quer nas familiares.

Nota saliente é também o facto de nenhuma das modalidades ilustrativas ter um valor teste importante, o que denota que este eixo está pouco relacionado, por exemplo, com o autopoicionamento religioso e que, portanto, o sentido do respeito pelos outros é um valor social e culturalmente aceite por uma maioria, independentemente da religião que se tenha, pelo menos como forma de avaliação veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/2.

Assim sendo, podemos interpretar este factor como um modelo de *definição clara face aos direitos fundamentais da pessoa humana, a que se contrapõe um modelo indefinido de os avaliar.*

1.1.3. Factor 3

O eixo três parece medir a intensidade de uma moral vertical que desaprova a mentira mesmo se proveitosa, a promoção no emprego por quaisquer métodos, a fuga ao fisco e aprova o direito absoluto à vida, o dever de defesa das vítimas de calúnias e de injustiças, o perdão das ofensas, o amor ao próximo até ao sacrifício da vida, a aceitação da verdade presente nos que têm cosmovisões religiosas diferentes. Este modelo é independente da moral católica no que se refere à vida familiar e matrimonial. Com efeito, caracteriza-se também pela não tomada de posição favorável à utilização de quaisquer métodos contraceptivos e pornografia na tv, pela aprovação do divórcio e a não condenação do aborto. (Veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/3).

Por outro lado, acentua-se um modelo em que os fins justificam os meios para se ser promovido no emprego, aprova-se o suicídio, a mentira, etc.. Mas tudo isto se faz acompanhar de rigorismo moral no que respeita ao casamento, à utilização de quaisquer métodos contraceptivos e de intolerância face às outras religiões (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 86, p. 119).

Digamos que, para uns, o outro é um sujeito com valor e, para outros, não o é; uns têm um sentido altruísta, outros guiam-se por interesses individuais. Os primeiros afastam-se de uma perspectiva moral católica no que se refere à vida conjugal, isto é, são laicos; os outros, identificam-se com essa perspectiva, mas rejeitam as outras dimensões morais. Uns guiam-se por valores e são laicos, os outros guiam-se por interesses e são religiosos.

O factor três pode definir-se como um *índice de verticalidade moral laica*.

1.1.4. Factor 4

O factor quatro (veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/4) opõe, do lado negativo do eixo, os que aprovam trabalhar menos se o salário for baixo e ser aceitável fugir aos impostos, aos que desaprovam tais comportamentos, do lado positivo. Os primeiros parecem conformar-se com outros aspectos da doutrina moral católica tradicional; os segundos têm comportamentos opostos a esse código moral, isto é, não têm grandes escrúpulos morais, mas são mais cumpridores dos seus deveres económicos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 87, p. 119).

Este factor parece, assim, poder afirmar-se como aquele que estrutura os valores económicos, distinguindo aqueles que, acima de tudo, colocam os seus interesses económicos. Digamos, portanto, que é um *índice de defesa do interesse económico* ou um índice também de falta de escrúpulos morais, com excepção dos que se referem aos aspectos económicos nas relações com o patrão e o estado.

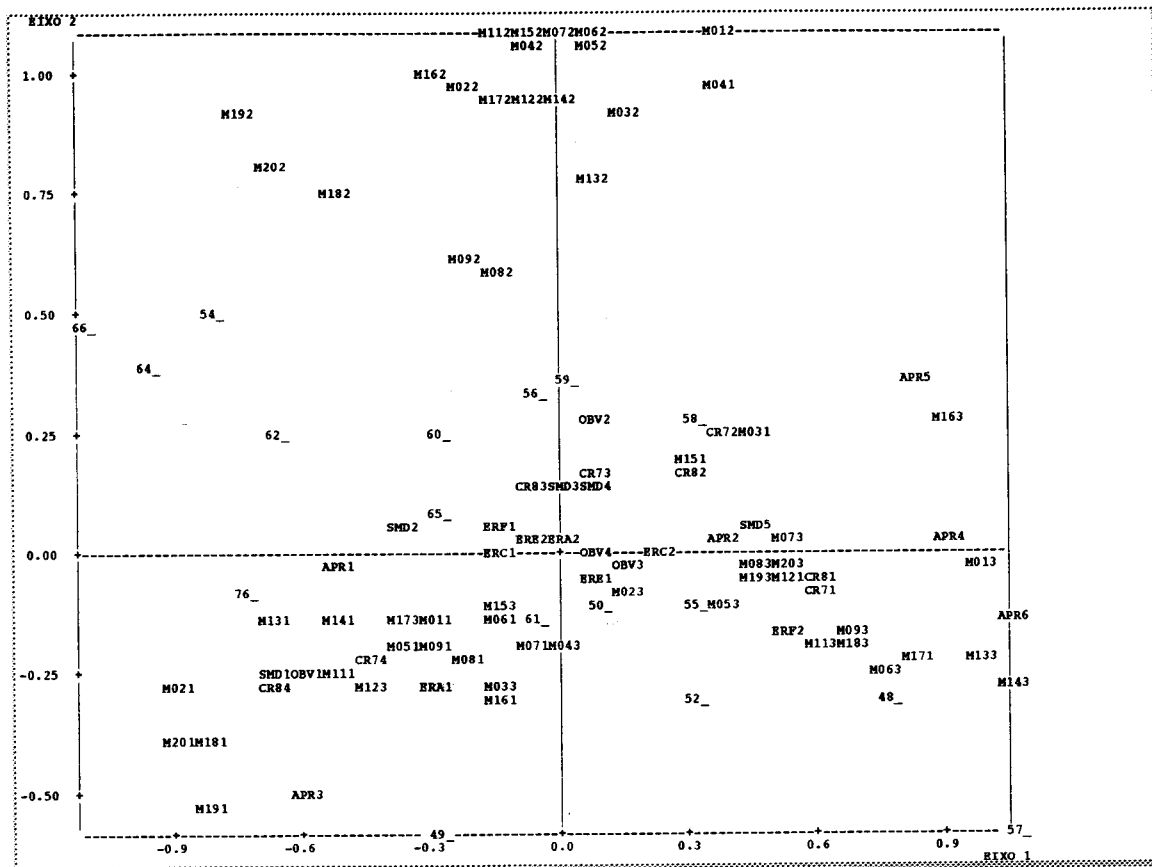
1.2. Os planos factoriais

1.2.1. Plano 1/2

O plano 1/2 (cf. Gráficos 62 a 65) relaciona o que interpretámos como índice de conformismo moral ou de identificação com a moral católica e o da definição/indefinição face ao respeito pelos outros.

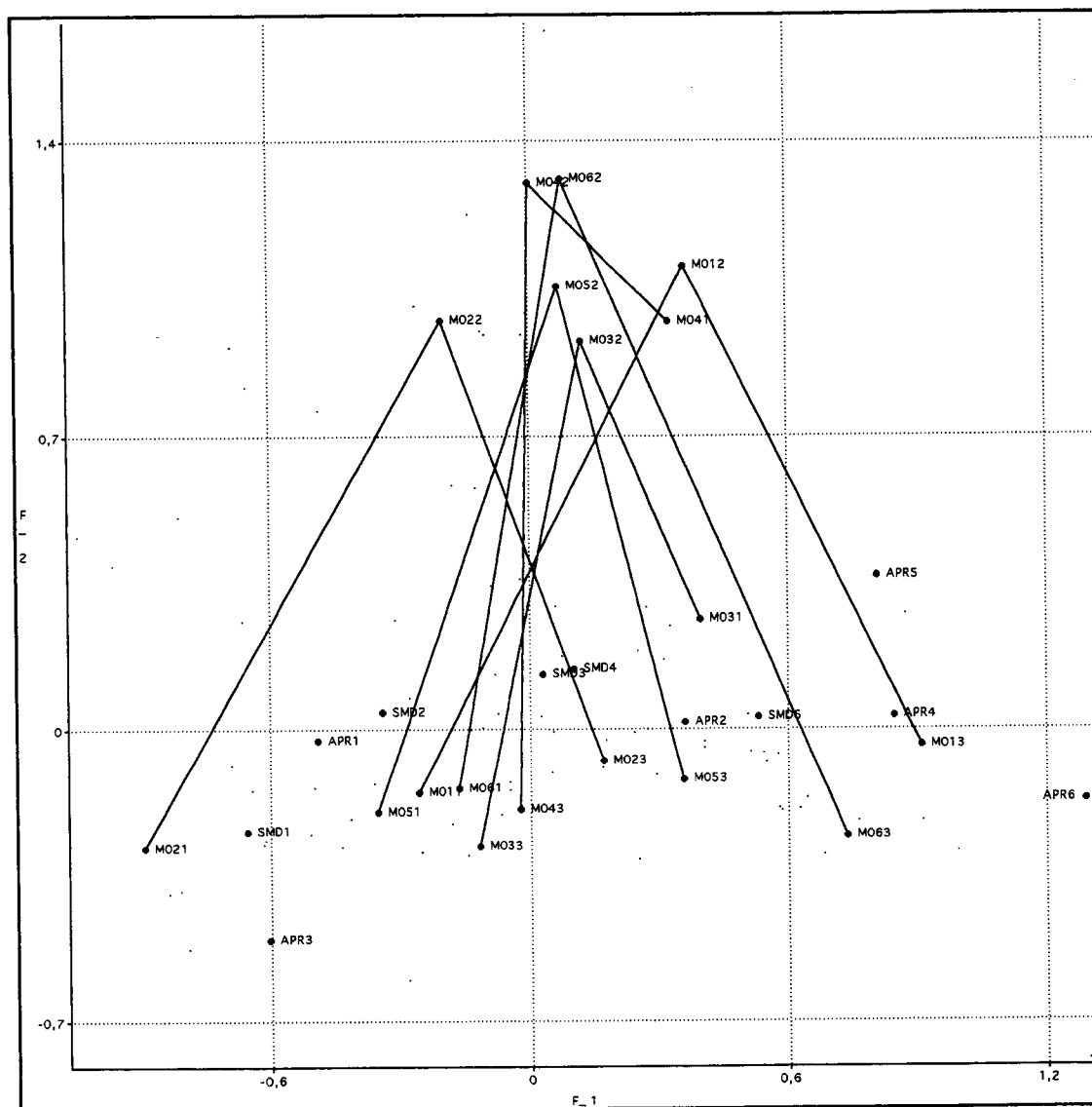
As variáveis defesa de vítimas de calúnias e injustiças (M04), cf. Gráfico 63, e não matar (M15), cf. Gráfico 65, que não têm uma contribuição absoluta importante para a definição do primeiro eixo, ilustram como os dois factores são ortogonais e que, se há aspectos em que a doutrina moral católica estrutura os comportamentos, outros há em que, pelo menos a sua influência directa, é menos sensível. Para o confirmar, note-se o posicionamento gráfico das modalidades ilustrativas. Poderá pôr-se a hipótese de que a cultura dos portugueses aceita como código moral o que é fundamental no código moral cristão: o amor ao próximo nas suas diversas expressões. Mas, uma coisa é poder verificar como os portugueses avaliam, outra seria estudar os seus comportamentos concretos. Esse estudo foge aos dados subjectivos de que dispomos.

Gráfico 62 - Plano 1/2 (a) - valores teste / Valores morais⁶



⁶ Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 63 - Plano 1/2 (b) - valores teste / Valores morais



Valores morais: Mal: revolta contra Deus (M01) Verdade outras religiões (M02) Amor ao próximo (M03) Defesa de vítimas (M04)
Ofensas sem perdão (M05) Mentira aceitável (M06) Promoção no emprego (M07) /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

Gráfico 64 - Plano 1/2 (c) - valores teste / Valores morais

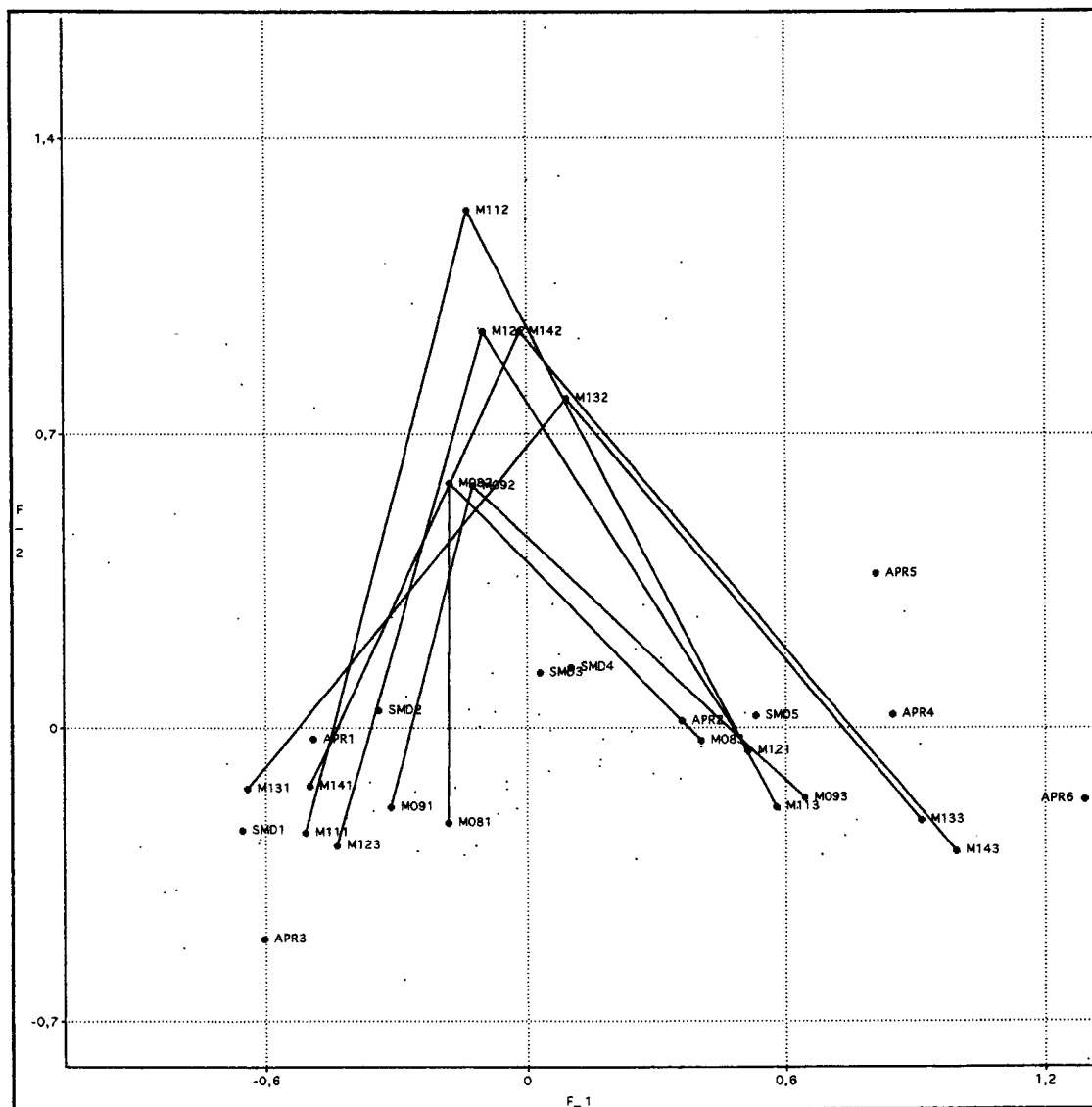
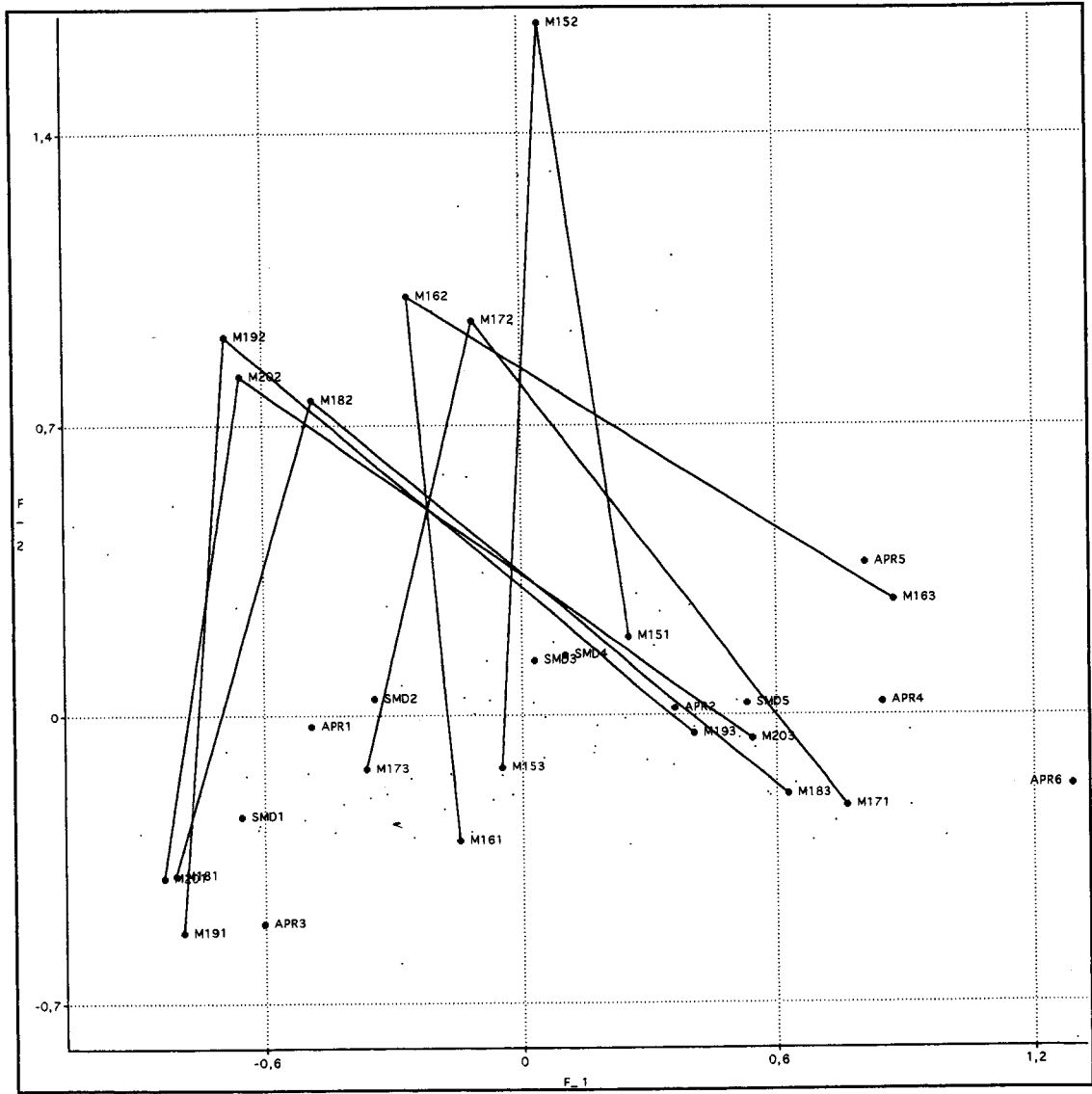


Gráfico 65 - Plano 1/2 (d) - valores teste / Valores morais



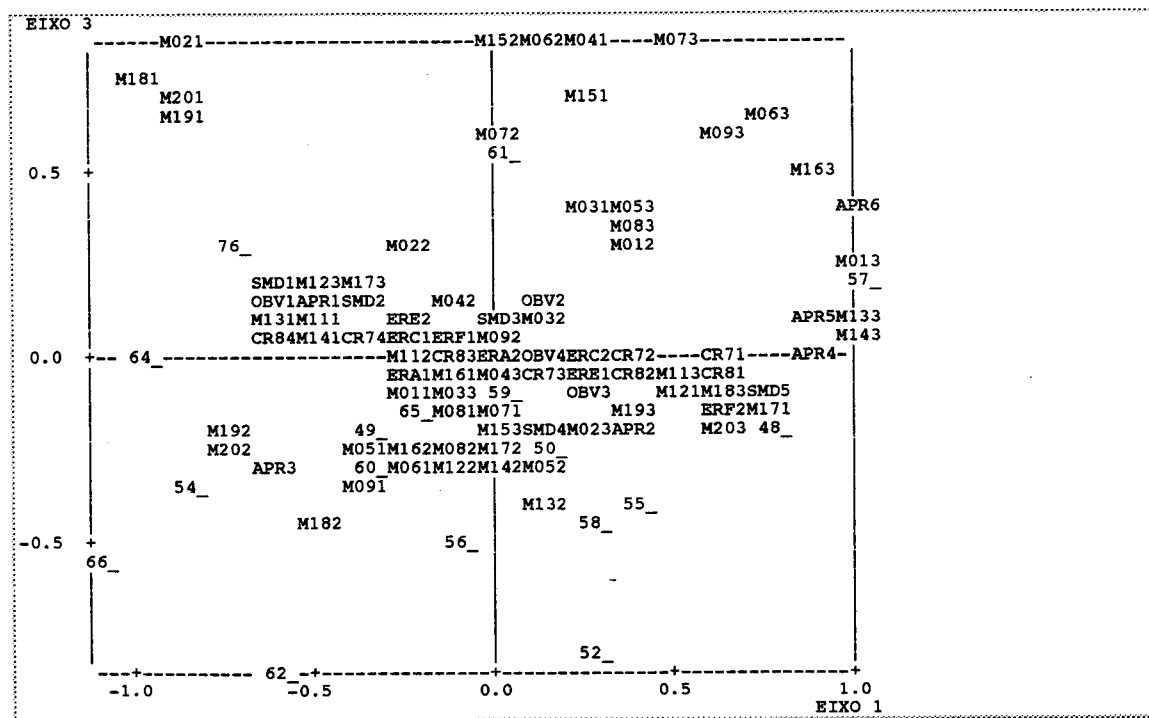
Valores morais: Não matar (M15) Suicídio (M16) Aborto condenável (M17) QQ método contraceptivo legítimo (M18) Divórcio: solução (M19) Viver maritalmente (M20) /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

1.2.2. Plano 1/3

O plano 1/3 relaciona a maior ou menor conformidade com a doutrina moral católica e a moral laica.

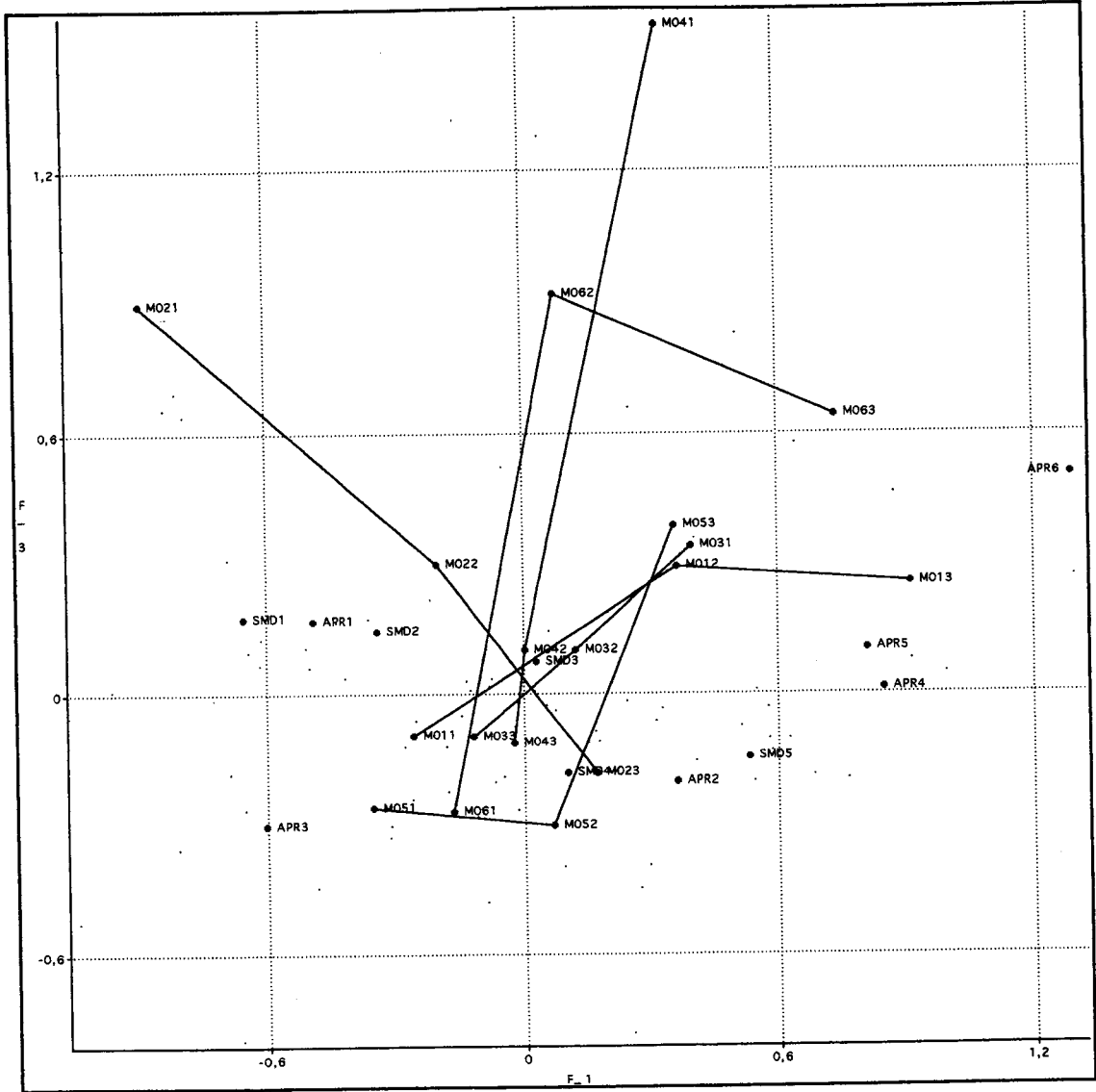
Os Gráficos 66 a 69 ilustram como são dimensões ortogonais. Com efeito, ao longo do eixo 1 posicionam-se as modalidades das questões que se prendem com a moral conjugal e sexual; ao longo do eixo 3 aqueles que indicam um comportamento moral em que o próprio e o outro são sujeitos de maior ou menor respeito na sua dignidade própria. Observe-se o posicionamento gráfico das modalidades da autopoção religiosa que ilustram o que dissemos.

Gráfico 66 - Plano 1/3 (a) - valores teste / Valores morais⁷



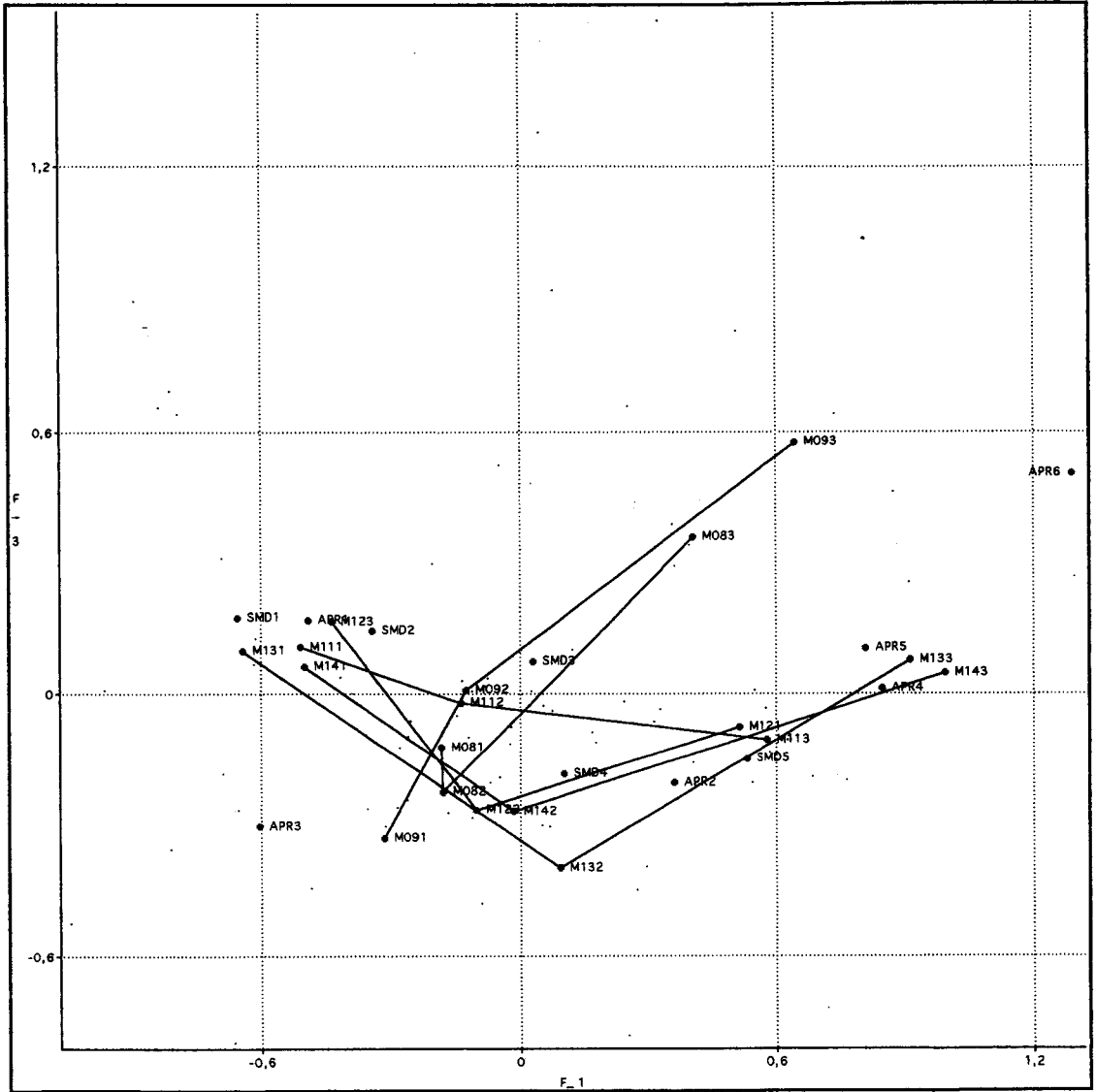
⁷Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 67 - Plano 1/3 (b) - valores teste / Valores morais



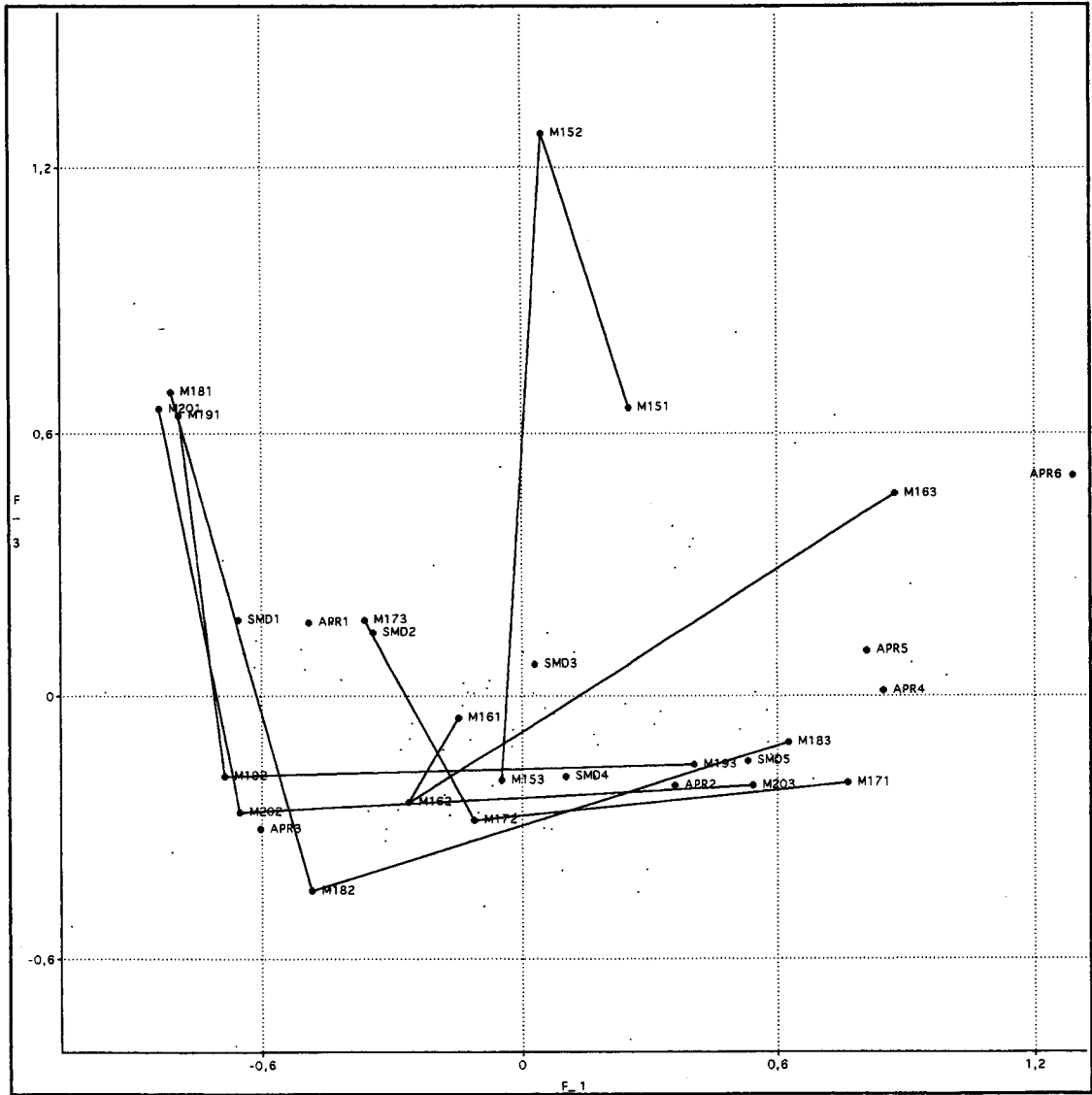
Valores morais: Mal: revolta contra Deus (M01) Verdade outras religiões (M02) Amor ao próximo (M03) Defesa de vítimas (M04)
 Ofensas sem perdão (M05) Mentira aceitável (M06) Promoção no emprego (M07) /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

Gráfico 68 - Plano 1/3 (c) - valores teste / Valores morais



Valores morais: Salário baixo (M08) Fuga aos impostos (M09)
 Liberdade aos filhos (M11) Direito dos filhos (M12) Pornografia tv (M13) Homossexualidade (M14)
 /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

Gráfico 69 - Plano 1/3 (d) - valores teste / Valores morais



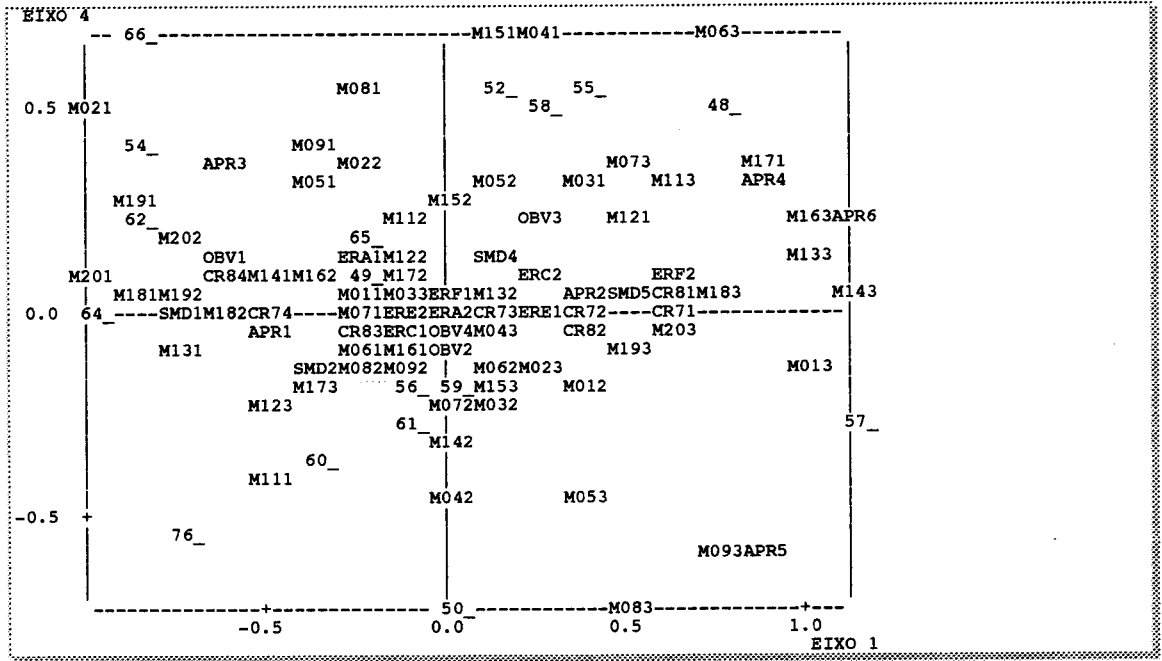
Valores morais: Não matar (M15) Suicídio (M16) Aborto condenável (M17) QQ método contraceptivo legítimo (M18) Divórcio: solução (M19) Viver maritalmente (M20) /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

1.2.3. Plano 1/4

O plano 1/4 relaciona a conformidade com a moral católica e a procura de interesses económicos (cf. Gráficos 70 a 73).

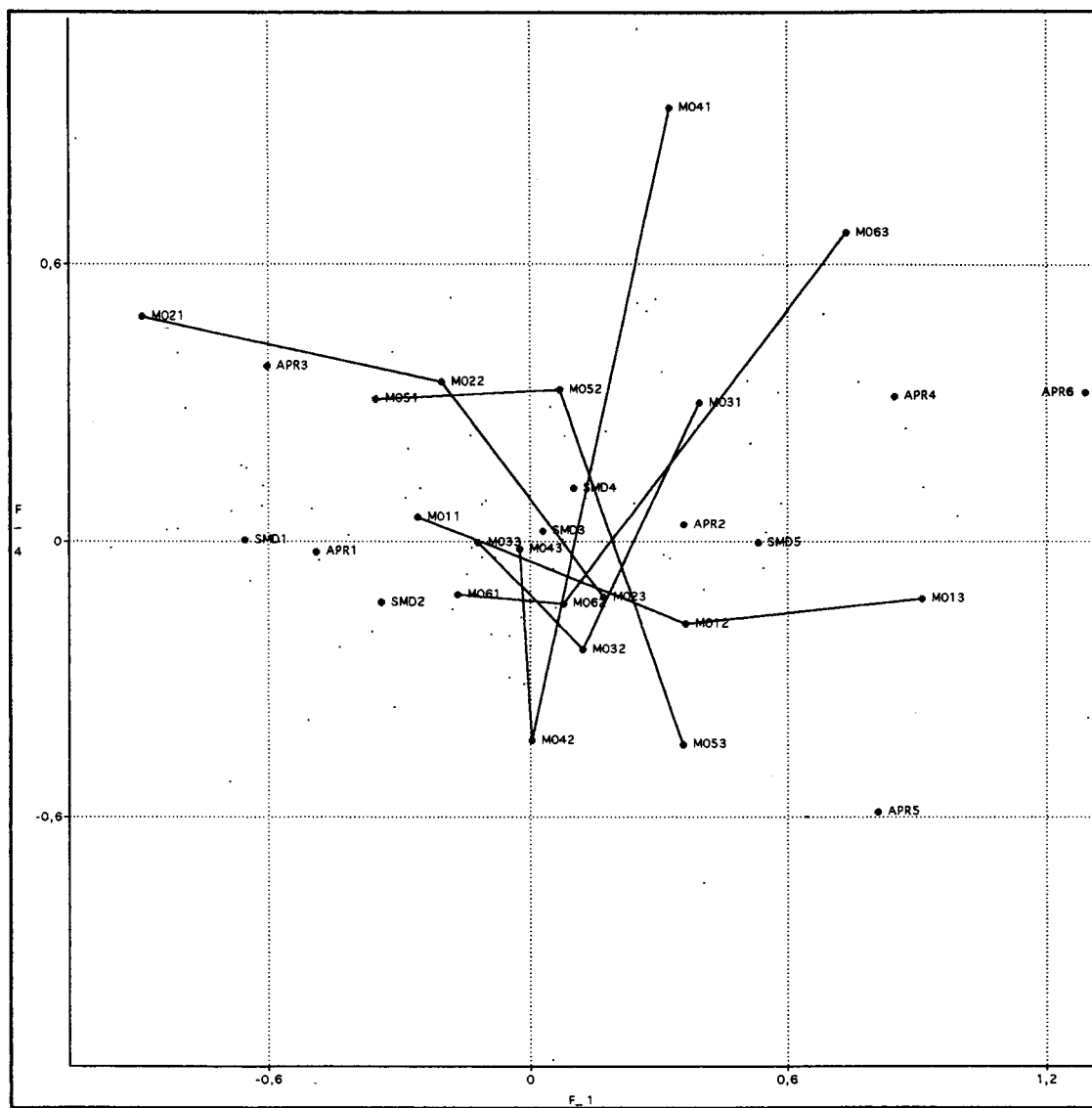
Repare-se, por exemplo, na parte inferior do Gráfico 72 e nas modalidades M083 e MO93, respectivamente, de aprovação de trabalhar menos se o salário for baixo e de fuga aos impostos.

Gráfico 70 - Plano 1/4 (a) - valores teste / Valores morais⁸



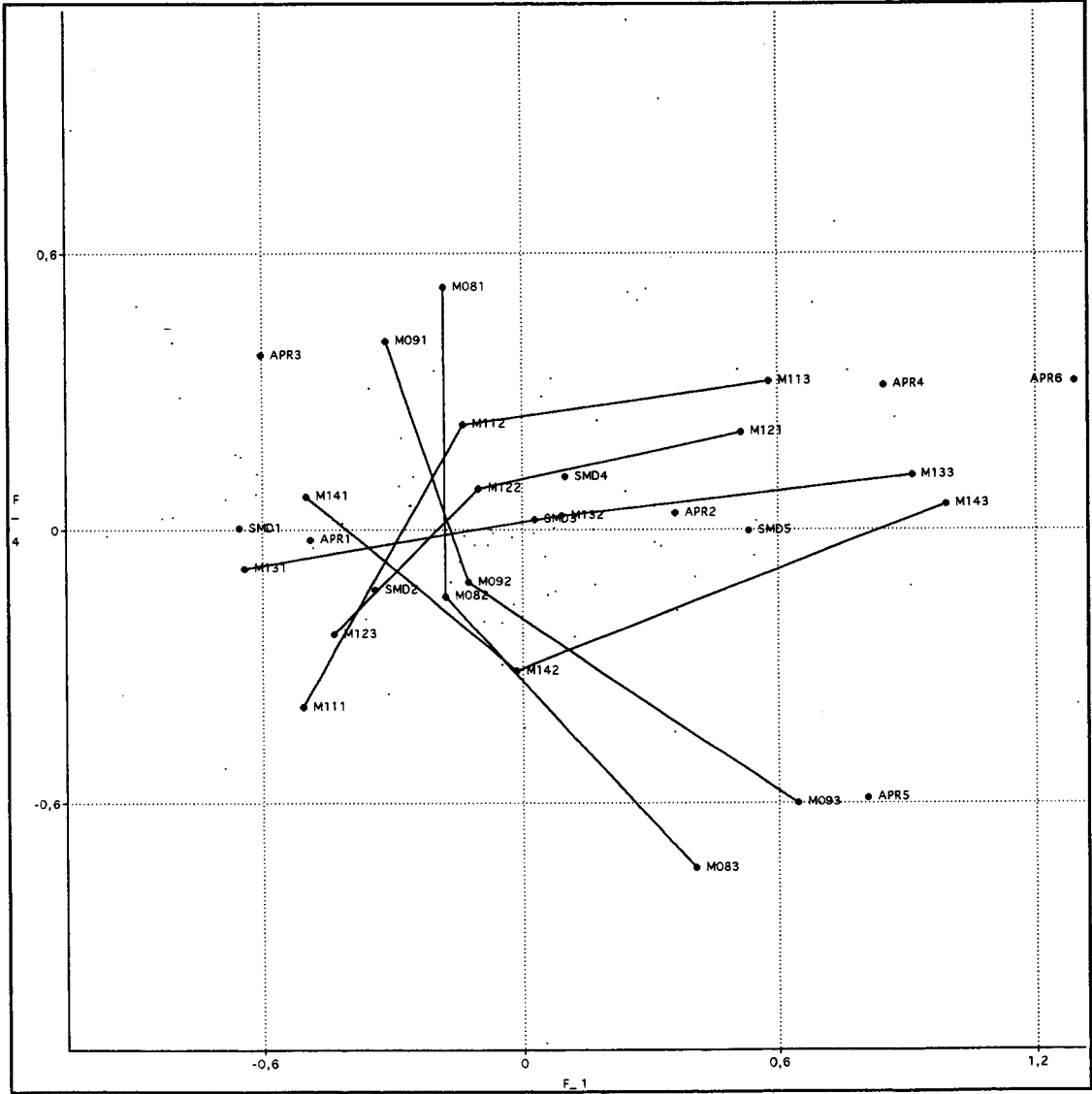
⁸ Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 71 - Plano 1/4 (b) - valores teste / Valores morais



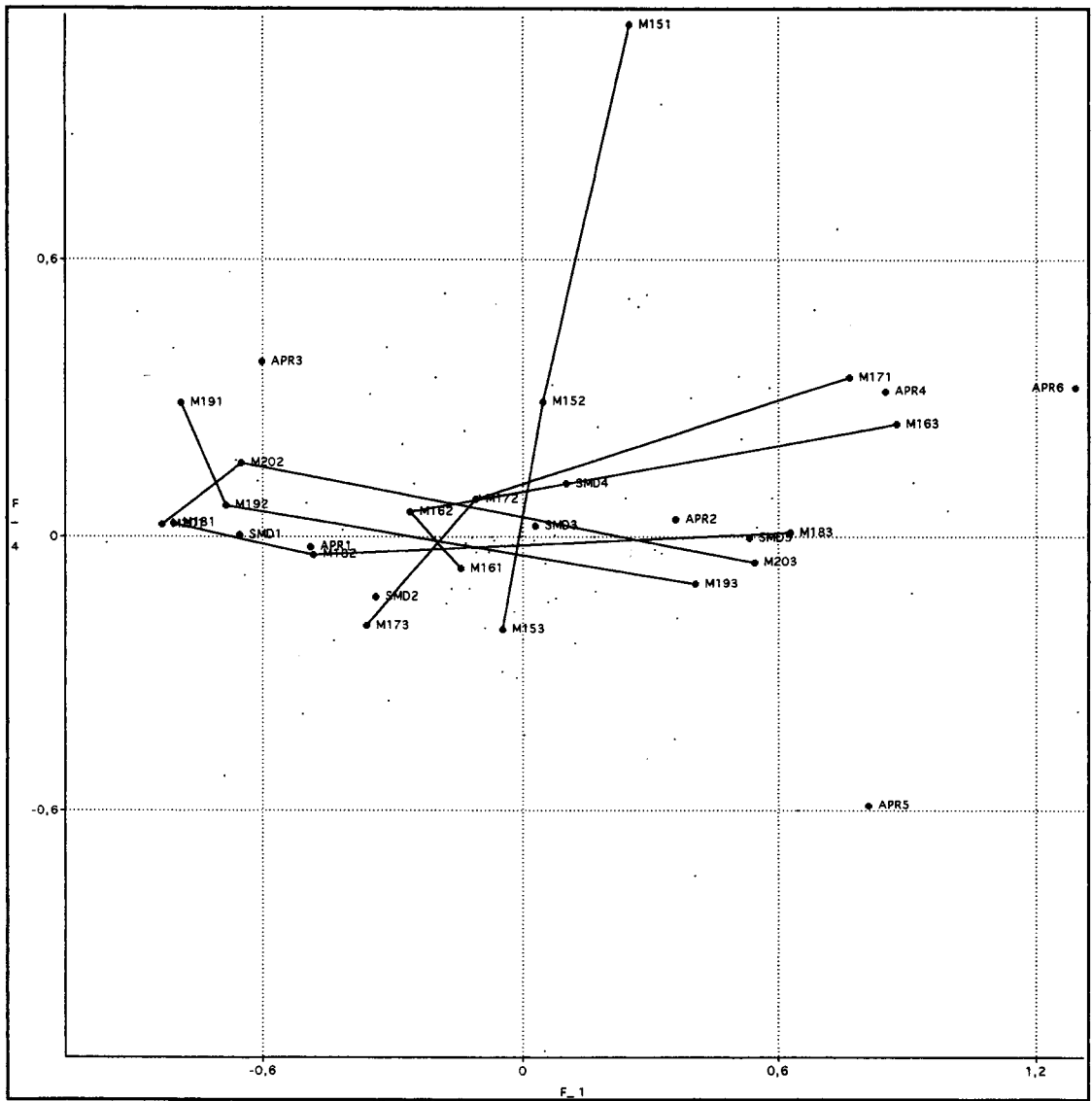
Valores morais: Mal: revolta contra Deus (M01) Verdade outras religiões (M02) Amor ao próximo (M03) Defesa de vítimas (M04) Ofensas sem perdão (M05) Mentira aceitável (M06) Promoção no emprego (M07) / Autopoção religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

Gráfico 72 - Plano 1/4 (c) - valores teste / Valores morais



Valores morais: Salário baixo (M08) Fuga aos impostos (M09)
 Liberdade aos filhos (M11) Direito dos filhos (M12) Pornografia tv (M13) Homossexualidade (M14)
 /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

Gráfico 73- Plano 1/4 (d) - valores teste / Valores morais



Valores morais: Não matar (M15) Suicídio (M16) Aborto condenável (M17) QQ método contraceptivo legítimo (M18) Divórcio: solução (M19) Viver maritalmente (M20) /Autoposição religiosa (APR) Missa dominical (SMD)

* * *

Quanto aos valores morais podem identificar-se quatro dimensões:

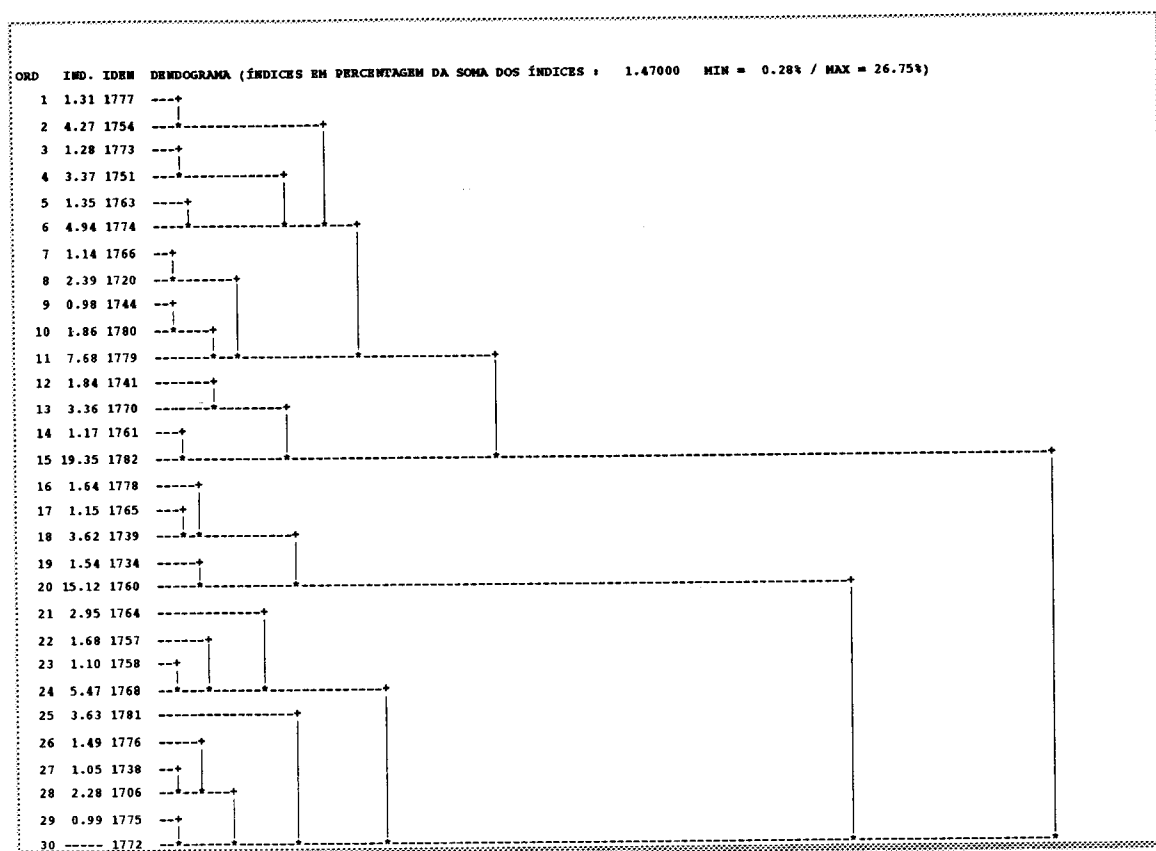
- *conformismo com a moral católica, nomeadamente no que se refere à doutrina moral familiar e conjugal;*
- *avaliação moral definida e indefinida, especialmente no que respeita aos direitos dos outros;*
- *perspectiva laica da moral;*
- *moral económica.*

2. Classificação automática

Para a partição utilizaram-se os 12 primeiros eixos factoriais por serem aqueles que retêm a informação mais importante, já que o seu valor próprio está acima do valor próprio médio.

O histograma dos índices de nível (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Gráfico 18, p. 120) e o dendograma (cf. Gráfico 74) sugerem uma partição em seis classes que foi a que utilizámos.

Gráfico 74 - Dendograma / Valores morais



A distribuição das seis classes e a decomposição da inércia é a apresentada no Quadro 88 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 120. O quociente de inércia é de 0.3477.

2. 1. Categorias ou tipos religiosos de valores morais

2.1.1. Classe 1/6

Composta por 198 indivíduos, que representam cerca de 1 em cada 5 dos respondentes, a classe 1/6 é a mais numerosa de todas.

Esta categoria social caracteriza-se por ter percentagens elevadas de indivíduos cujo código moral familiar e sexual é o oposto do código católico tradicional, embora nos demais aspectos manifestem uma forte conformidade com os valores morais do cristianismo.

Religiosamente dizem-se católicos não praticantes que nunca vão à missa ou só o fazem por festas e nunca tiveram educação religiosa (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 89, p. 120- 122).

Há nestes indivíduos uma identificação com os valores morais cristãos, mas um afastamento claro na interpretação que a Igreja Católica faz dos comportamentos na esfera familiar e sexual.

Podemos, portanto, classificá-los como cumpridores dos mandamentos da lei de Deus por razões culturais. Digamos que seguem com fidelidade o código moral do humanismo cristão. Daí o seu nome de *humanistas laicos*. Repare-se que o factor que melhor explica esta classe é o terceiro que definimos como o da moralidade laica.

2.1.2. Classe 2/6

A classe 2/6, composta por 131 indivíduos, representa cerca de 14% do total.

Os indivíduos desta classe caracterizam-se por aprovarem a fuga ao fisco, considerarem dever trabalhar menos se o salário for baixo, utilizar quaisquer métodos para progredir profissionalmente e defenderam o divórcio. Considerando o conjunto destes aspectos, parecem ser pessoas para quem os interesses pessoais estão acima dos restantes, embora nalguns aspectos, nomeadamente no que se refere ao aborto, suicídio, morte e pornografia, sejam conformes ao código cristão. Isso é claro pela defesa que fazem do direito absoluto à vida (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 89, p. 120-122).

O eixo que melhor os caracteriza é o quarto que, recordemo-lo, interpretámos como o factor do interesse económico como prevalecente.

Se os indivíduos do primeiro grupo eram humanistas laicos, talvez possamos designar estes como moralmente *egoístas*.

2.1.3. Classe 3/6

A classe 3/6 é a terceira mais importante em número: 164 indivíduos que representam 18% dos 906 respondentes.

Se repararmos com atenção no quadro com as modalidades que melhor caracterizam esta categoria social, observamos que os indivíduos que a ela pertencem se afastam, por completo, não apenas do código humanista laico que caracteriza a primeira categoria social que identificámos, como também da leitura interpretativa do catolicismo, quer nos aspectos que, em geral, se referem às

relações com os outros, quer naqueles que se confinam às fronteiras do lar e do casal.

A maioria nunca vai à missa aos domingos e tende a não ter recebido educação religiosa, excepto na escola, e a não acreditarem na vida extraterrena (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 89, p. 120- 122).

Não são apenas egoístas como os da segunda classe. Os seus valores são os contravalores dos humanistas e dos católicos. Podemos talvez designá-los como *imorais*, isto é, como tendo um código moral oposto ao que, na cultura portuguesa é aceite como moral. O seu código moral não se confina a aspectos parcelares, antes constitui um todo coerente.

Os eixos que melhor explicam esta classe são o primeiro, o terceiro e também o nono e o sétimo que não interpretámos.

2.1.4. Classe 4/6

A classe 4/6 é formada por 168 indivíduos que representam 19% do total e constituem a segunda categoria social mais numerosa.

Os indivíduos que fazem parte deste tipo social caracterizam-se pela sua identificação com o código moral católico no que se refere à família e à moral sexual. Neste aspecto distinguem-se da classe 1/6. Assemelham-se a eles pela defesa dos valores humanistas.

Se atendermos às modalidades mais características, observamos que se conformam com a moral católica, o que sai reforçado pelas modalidades

suplementares que os ilustram: são católicos praticantes (77%), vão à missa todos os domingos (52%), acreditam na vida extraterrena, foram educados religiosamente na família, na catequese e cerca de um quarto tem como objectivo de vida mais importante o religioso (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 89, p. 120- 122).

Os eixos que melhor caracterizam este grupo são o primeiro e o segundo.

O seu código moral é o oposto ao do terceiro grupo. Talvez os possamos designar por *conformistas morais*, no sentido de se identificarem com o código moral católico.

2.1.5. Classe 5/6

A classe 5/6 é a minoritária. Representa apenas 85 do total e é formada por 74 elementos.

Ao contrário das classes anteriores em que os indivíduos faziam juízos morais claros de aprovação ou desaprovação, os indivíduos desta classe têm como característica mais saliente não fazerem juízos definitivos sobre a maior parte das questões que lhes foram colocadas, isto é, não aprovam nem desaprovam. Excepção a este comportamento é o aprovarem o suicídio (35%) e quaisquer meios para se promoverem no emprego (2 em cada 10). Caracterizam-se também pela quase descrença na vida extraterrena (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 89, p. 120- 122).

A melhor forma de os definirmos talvez seja a dos etiquetarmos como moralmente indefinidos, sem opinião, *abúlicos*.

2.1.6. Classe 6/6

Classe relativamente numerosa (171 elementos), representa 19% do total e é explicada pelos eixos dois, três e um.

Tal como o grupo anterior, a principal característica deste grupo é o facto de os indivíduos que dela fazem parte não tomarem posição, isto é, não fazerem avaliações de aprovação ou desaprovação dos comportamentos morais. Essa indefinição é, no entanto, mais nítida no que se refere à doutrina moral católica sobre a família e o sexo.

De resto referem alguns valores que os aproximam mais de um certo humanismo de roupagem cristã do que de uma perspectiva meramente laica. Assim, desaprovam como natural a revolta contra Deus face ao mal, consideram que as ofensas têm perdão, opõem-se à mentira, à homossexualidade, à morte, à fuga ao fisco.

Cerca de 6 em cada 10 dizem-se católicos praticantes e 9 em cada 10 receberam educação religiosa na família (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 89, p. 120- 122).

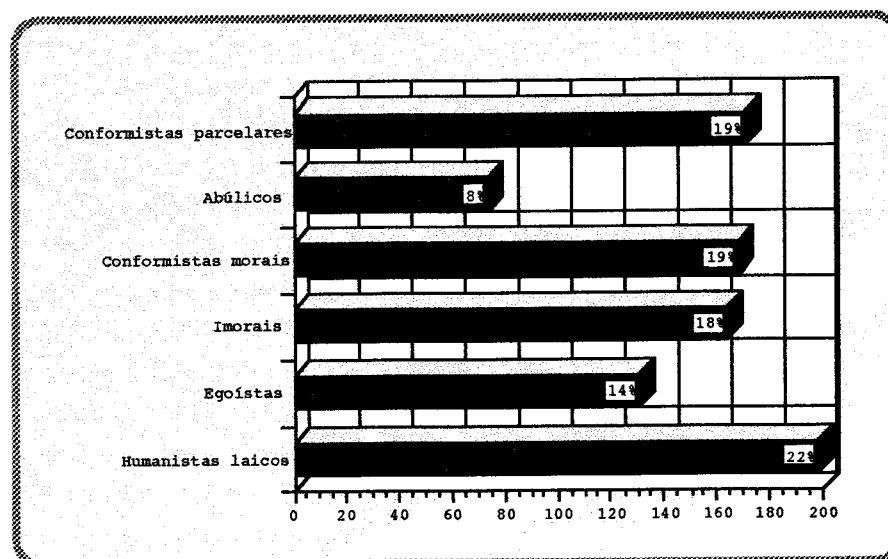
Indefinidos quanto aos aspectos da moral católica, são *conformistas parcelares*.

* * *

Da interpretação dos tipos sociais que identificámos como presentes na sociedade portuguesa, podemos concluir que nela está presente o código moral cristão e católico. Se o primeiro é mais abrangente, é relativamente ao segundo que as categorias sociais melhor se definem.

Nota saliente é, porém, que cerca de um em cada cinco dos portugueses tem um código moral oposto ao culturalmente mais central (cf. Gráfico 75). Esperemos que as variáveis de contexto possam ilustrar se se trata de um fenómeno de gerações ou de meios sócio-demográficos diferentes.

Gráfico 75 - Composição das classes / Valores morais



V - RELIGIÃO - OBJECTO E FACTOR DE CULTURA

1. Análise de correspondências múltiplas

No subtema - Religião: objecto e factor de cultura - incluem-se 17 questões: posse de símbolos (terço e Bíblia); atitudes face à educação e vocação religiosa dos filhos; frequência da conversa sobre religião; assiduidade a programas audiovisuais; leitura da imprensa religiosa; leitura de documentos da Igreja Católica; opinião sobre normas da Igreja Católica (celibato dos padres, divórcio, exclusão da mulher do sacerdócio, condenação do aborto); sentimento anticlerical; sensibilidade religiosa; objectivo de vida mais importante; identificação ou não do significado religioso das festas principais: Natal e Páscoa. Para observar as frequências de cada uma das questões, confira os Quadros 24 e 27 do Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 46-48.

Trata-se de um conjunto relativamente heterogéneo de questões sobre o qual a ACM pode ser útil para revelar as dimensões mais importantes, reduzindo a informação a poucas variáveis.

Consideraram-se como variáveis ilustrativas o autoposicionamento religioso, os agentes de socialização religiosa dos respondentes (família, catequese paroquial, escola e associações religiosas) e a opinião sobre a evolução da vivência religiosa, por se prever que possam, de algum modo, estar ligadas às questões activas.

Calcularam-se todos os eixos de que se editaram os primeiros cinco e fez-se uma ventilação de 2.0 de modo a serem ventiladas apenas as não respostas e a

'oposição à educação religiosa dos filhos' cujas respostas são apenas em número de sete. Obtiveram-se, portanto, as mesmas questões activas e 47 modalidades associadas.

O primeiro valor próprio (0.2480) revela, segundo a tabela de Cibois, uma boa ligação entre as questões (cf. Quadro 17). O valor próprio médio (.0588) é indicativo da maior importância dos primeiros onze eixos. O histograma dos primeiros vinte valores próprios põe em evidência a importância destacada do primeiro eixo (14.05) e ainda do segundo e terceiros que acrescentam cerca de 10%. A contribuição absoluta média das questões é de 5.9 e das modalidades de 2.1 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 90, p. 122).

Quadro 17 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Religião como valor

NÚMERO	VALOR PRÓPRIO	PERCENT.	PERCENT. ACUMULA.	
1	0.2480	14.05	14.05	*****
2	0.1051	5.96	20.01	*****
3	0.0950	5.38	25.39	*****
4	0.0805	4.56	29.95	*****
5	0.0796	4.51	34.46	*****
6	0.0750	4.25	38.71	*****
7	0.0696	3.94	42.65	*****
8	0.0671	3.81	46.46	*****
9	0.0650	3.68	50.14	*****
10	0.0635	3.60	53.74	*****
11	0.0590	3.35	57.08	*****
12	0.0557	3.16	60.24	*****
13	0.0552	3.13	63.37	*****
14	0.0526	2.98	66.35	*****
15	0.0519	2.94	69.29	*****
16	0.0501	2.84	72.13	*****
17	0.0473	2.68	74.81	*****
18	0.0444	2.52	77.32	*****
19	0.0440	2.49	79.81	*****
20	0.0430	2.44	82.25	*****

1. 1. Definição dos factores

1.1.1. Factor 1

A contribuição acumulada das questões revela que as mais importantes, para a definição do eixo, são o sentimento anticlerical (13.1); a sensibilidade religiosa (10.3); a assiduidade a programas audiovisuais (8.9); a frequência da conversa sobre religião (8.5); a posse de objecto religioso: terço (8.1); a atitude dos pais face à vocação religiosa dos filhos (7.8); a opinião sobre a condenação do aborto (7.1) e a atitude dos pais e educação religiosa dos filhos (6.1), com um ca acima da média.

A leitura interpretativa dos valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 91, p. 123) revela que o primeiro eixo é um índice do ter ou não a religião como um valor sócio-cultural central e tradicional.

A valorização religiosa manifesta-se, do lado positivo do eixo, por uma sensibilidade religiosa alta; um sentimento anticlerical nulo; o ter terço; o encorajar a vocação religiosa dos filhos e promover a sua educação religiosa; o identificar a Páscoa pelo seu significado religioso; o conversar regularmente sobre religião (veja, mais à frente, os gráficos do plano 1/2).

A religião é um valor expresso por sentimentos favoráveis à organização eclesial e ao clero em particular. Tal valorização é feita no sentido de manter vigentes as suas normas.

A desvalorização do religioso, no lado negativo do eixo, manifesta-se por um sentimento anticlerical alto; nunca assistir a programas audiovisuais; não ter terço; nunca conversar sobre religião; dar outros significados à Páscoa; ter uma atitude passiva face à educação e vocação religiosa dos filhos, manifestada na opinião de lhes dar liberdade. A desvalorização é feita no sentido de a Igreja alterar as suas normas sobre o aborto, divórcio, celibato dos padres e exclusão da mulher do sacerdócio. Todas estas modalidades são reveladoras de uma oposição à organização religiosa, nomeadamente a católica.

O factor um é, assim, um *índice global de valorização/desvalorização do religioso* que se acompanha pela identificação/não identificação e até oposição para com a instituição religiosa maioritária da Igreja Católica.

1.1.2. Factor 2

As variáveis mais importantes, com uma ca dupla da média (cf. quadro 37), são a leitura de documentos da Igreja Católica (15.7), leitura da imprensa religiosa (14.0), a posse de objecto religioso: Bíblia (11.5), a opinião sobre o celibato dos padres (11.1).

O eixo dois, consideradas as modalidades pelos valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 92, p. 123), indica que para uns a religião é um valor que se manifesta pela aculturação religiosa através da leitura de documentos e imprensa e o ter Bíblia. Os que se interessam por aprofundar os conhecimentos religiosos visam alterar as normas

eclesiásticas; os que não procuram esse aprofundamento são mais tradicionalistas e nunca conversam sobre religião (veja, mais à frente os gráficos do plano 1/2).

Se o primeiro factor traduz o valor/contravalor da religião através de sentimentos, o segundo tradu-lo ao nível de uma atitude reflexiva com base na tentativa ou não de adquirir mais conhecimentos sobre a religião. A atitude de maior interesse por ter conhecimentos é acompanhada por um distanciamento das suas normas vigentes; o menor interesse por uma identificação com o estabelecido.

Pode dizer-se que o factor dois é *um índice de valorização do religioso* manifestado no conhecimento e na reflexão. A educação religiosa recebida na escola parece ser importante nesta forma de valorização/desvalorização.

1.1.3. Factor 3

O eixo 3 (veja, mais à frente os gráficos do plano 1/3) junta de um lado, no caso o negativo, modalidades que significam que a religião é um valor e, contraditoriamente, outras que significam que não é um valor. Do lado positivo, ficam as modalidades que revelam que a religião é apenas um fenómeno cultural envolvente, sem grande impacto na vida pessoal (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 93, p. 123).

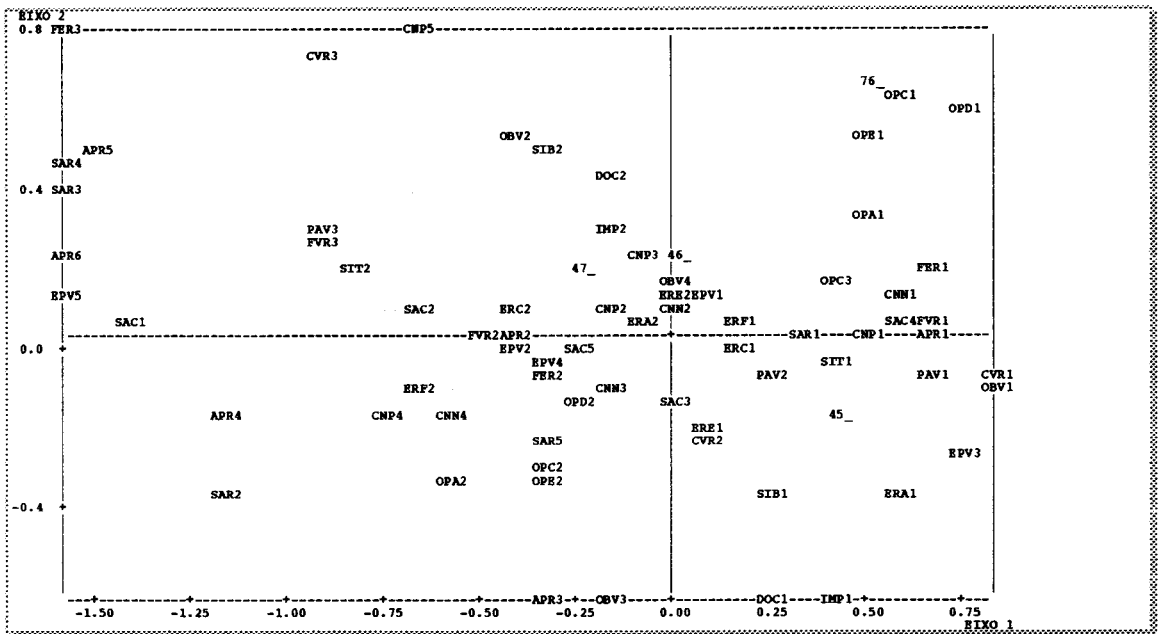
Digamos, portanto, que o factor três é *um índice da religião como um valor de enquadramento sócio-cultural*, isto é, que marca o tempo social, mas não tanto a vida individual.

1.2. Planos factoriais

1.2.1. Plano 1/2

O plano 1/2 (cf. Gráficos 76 a 78) põe em relação a valorização da religião feita pelo lado mais sentimental ou mais intelectual.

Gráfico 76 - Plano 1/2 (a) / Religião como valor⁹

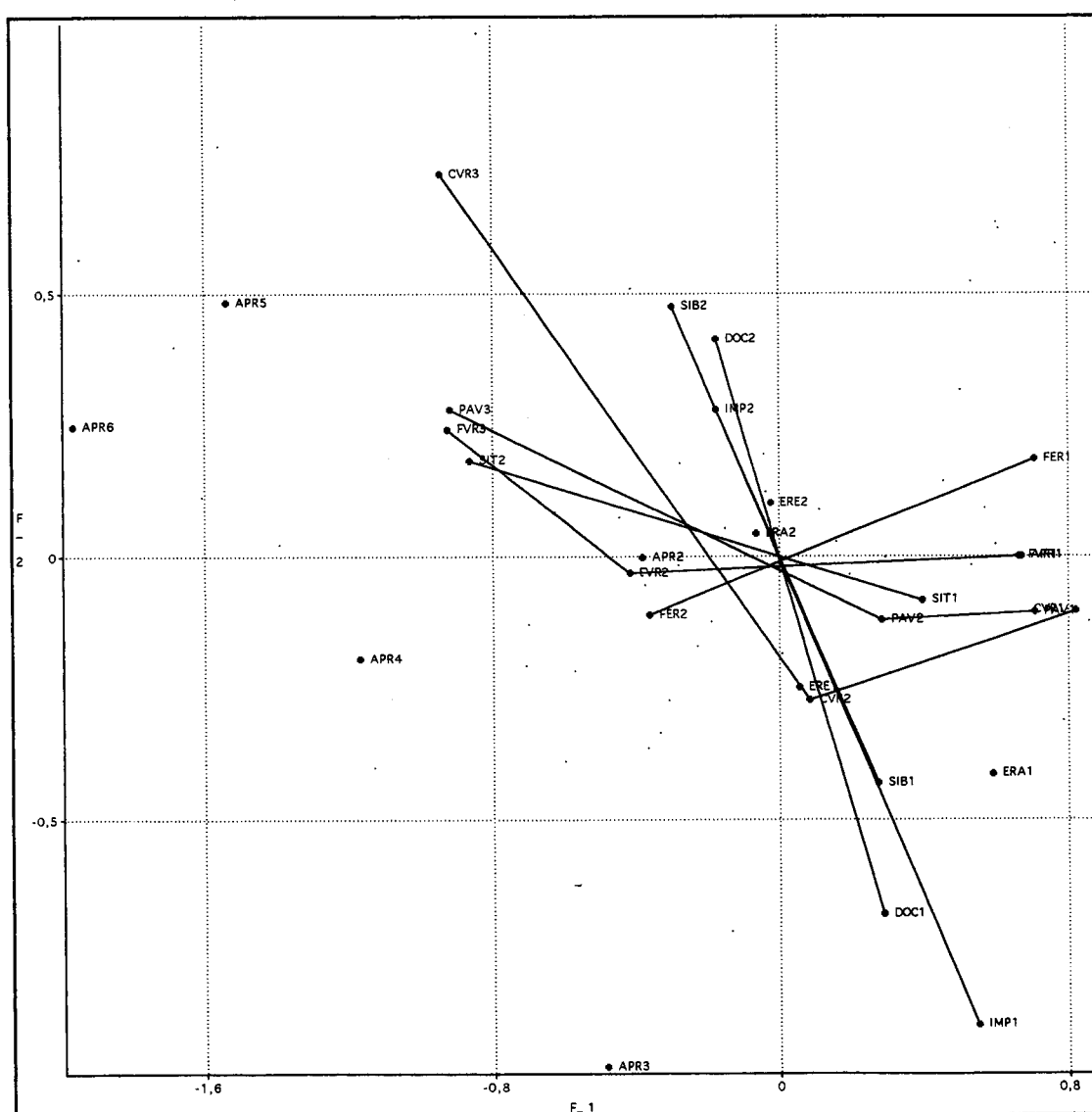


⁹ Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

O gráfico 77 ilustra que as questões leitura de documentos, da imprensa religiosa e a posse da bíblia que são quase ortogonais relativamente ao eixo 1.

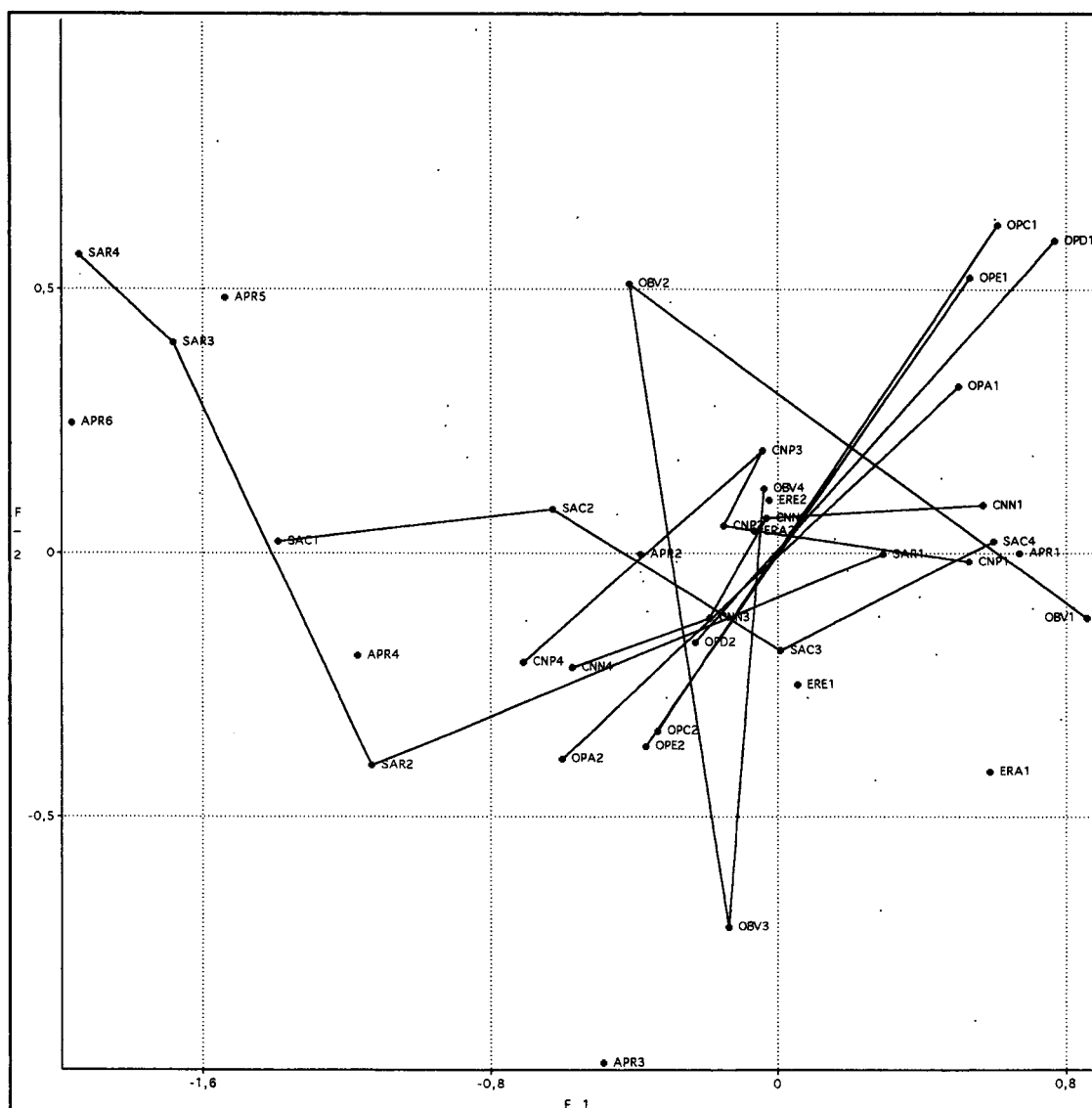
O gráfico 78 mostra como os graus de sensibilidade religiosa estão relacionados com o posicionamento religioso subjectivo.

Gráfico 77 - Plano 1/2 (b) / Religião como valor



Religião como valor: Terço (SIT) Bíblia (SIB) Educação filhos (FER)
 Vocação dos filhos (FVR) Conversa (CVR) Audiovisual (PAV) Imprensa (IMP) Documentos (DOC) /Autoposição religiosa (APR) Educação
 na escola (ERE) Educação em associações (ERA)

Gráfico 78 - Plano 1/2 (c) / Religião como valor



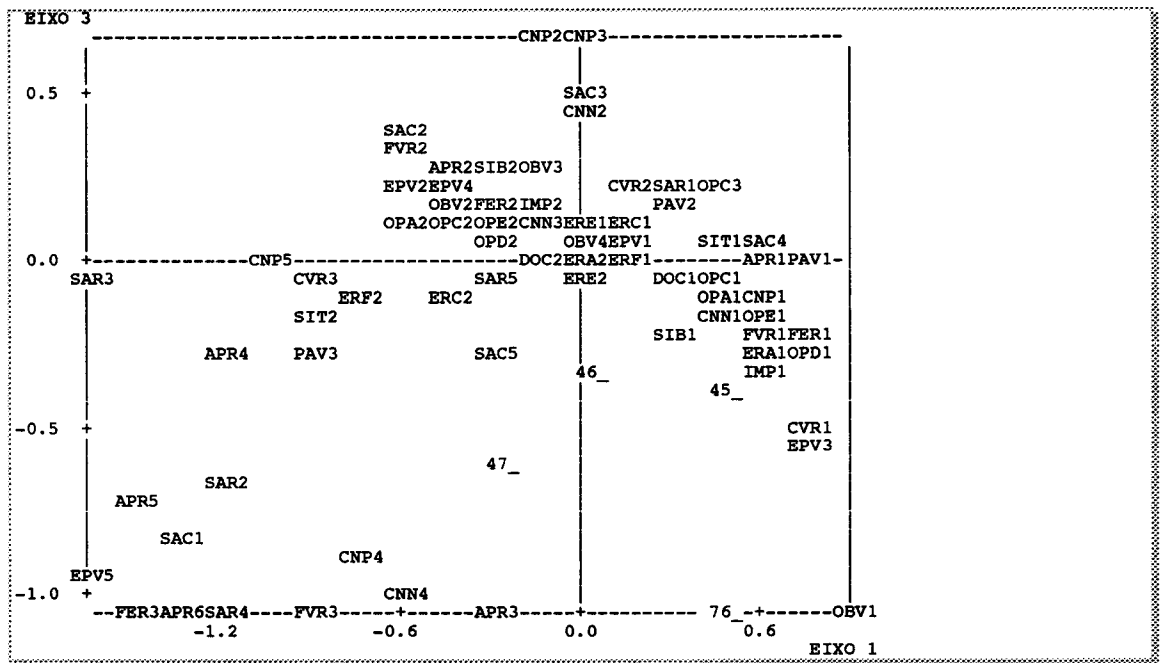
Religião como valor: Celibato (OPC) Divórcio (OPD) Exclusão (OPE)
 Aborto (OPA) S. antiderical (SAC) S. Religiosa (SAR) Natal (CNN) Páscoa-(CNP) Objectivo de vida (OBV) /Autoposição religiosa (APR)
 Educação na escola (ERE) Educação em associações (ERA)

1.2.2. Plano 1/3

O plano 1/3 (cf. gráficos 79 a 81) relaciona a religião como valor sentimental com a religião como valor que marca o tempo social.

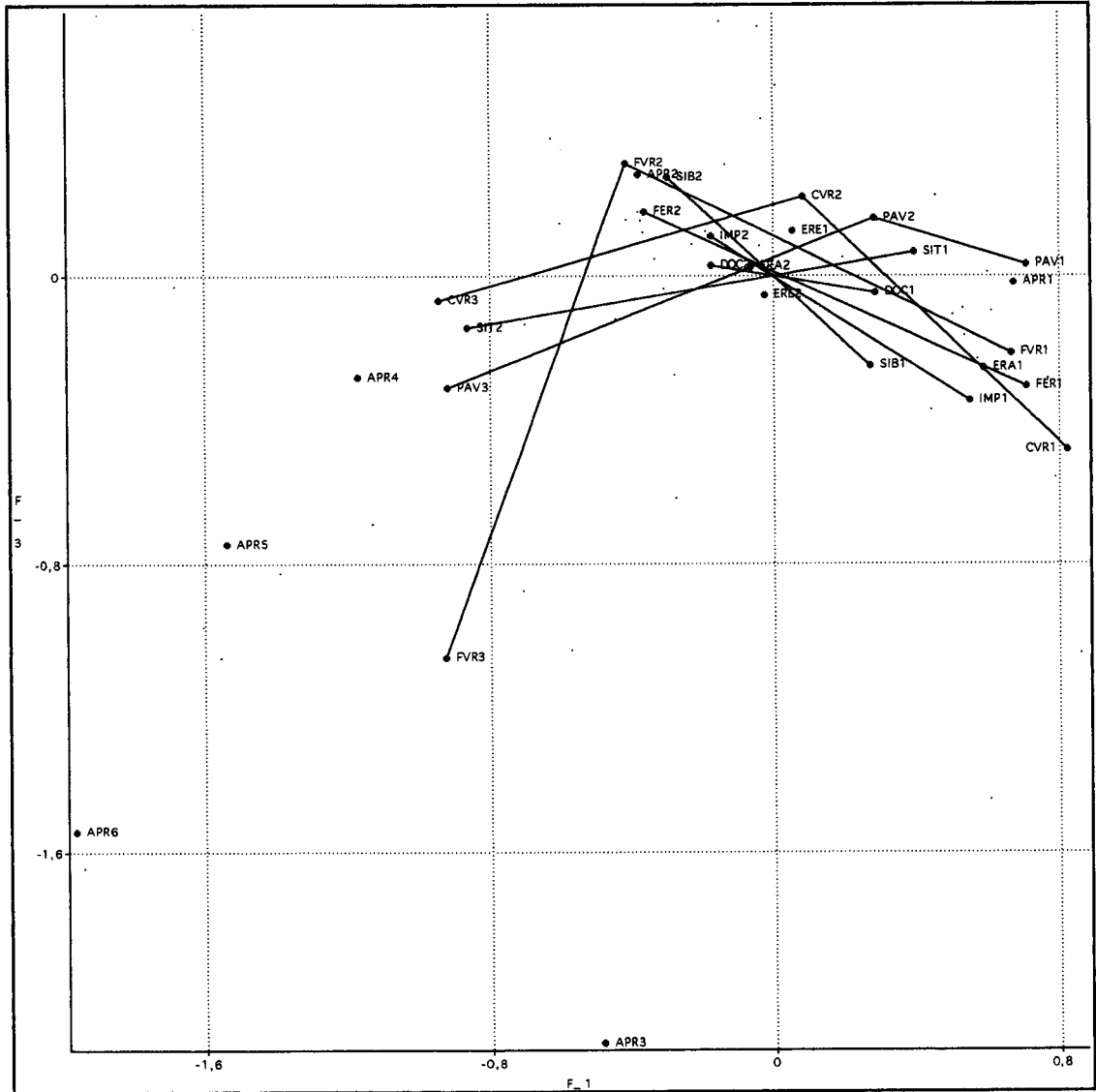
O gráfico 81 ilustra como o significado atribuído às festas religiosas principais é definidor do eixo três.

Gráfico 79 - Plano 1/3 (a) / Religião como valor¹⁰



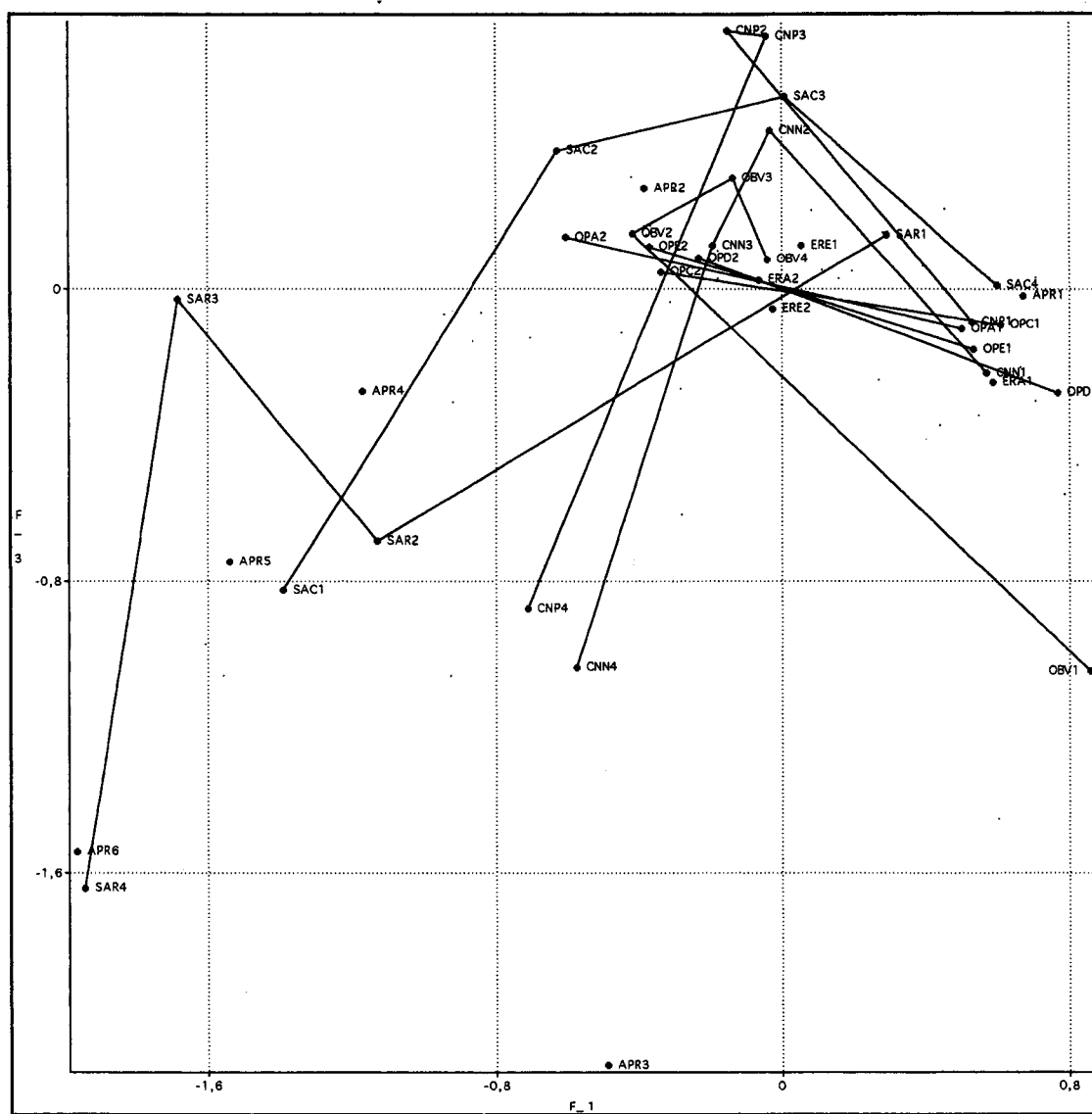
10 Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 80 - Plano 1/3 (b) / Religião como valor



Religião como valor: Terço (SIT) Bíblia (SIB) Educação filhos (FER)
 Vocação dos filhos (FVR) Conversa (CVR) Audiovisual (PAV) Imprensa (IMP) Documentos (DOC) /Autoposição religiosa (APR) Educação na escola (ERE) Educação em associações (ERA)

Gráfico 81 - Plano 1/3 (c) / Religião como valor



Religião como valor: Celibato (OPC) Divórcio (OPD) Exclusão (OPE)
 Aborto (OPA) S. anticlerical (SAC) S. Religiosa (SAR) Natal (CNN) Páscoa (CNP) Objectivo de vida (OBV) /Autoposição religiosa (APR)
 Educação na escola (ERE) Educação em associações (ERA)

* * *

Os dois primeiros factores referem-se à consideração da religião como valor para os indivíduos; o terceiro como um valor para a sociedade.

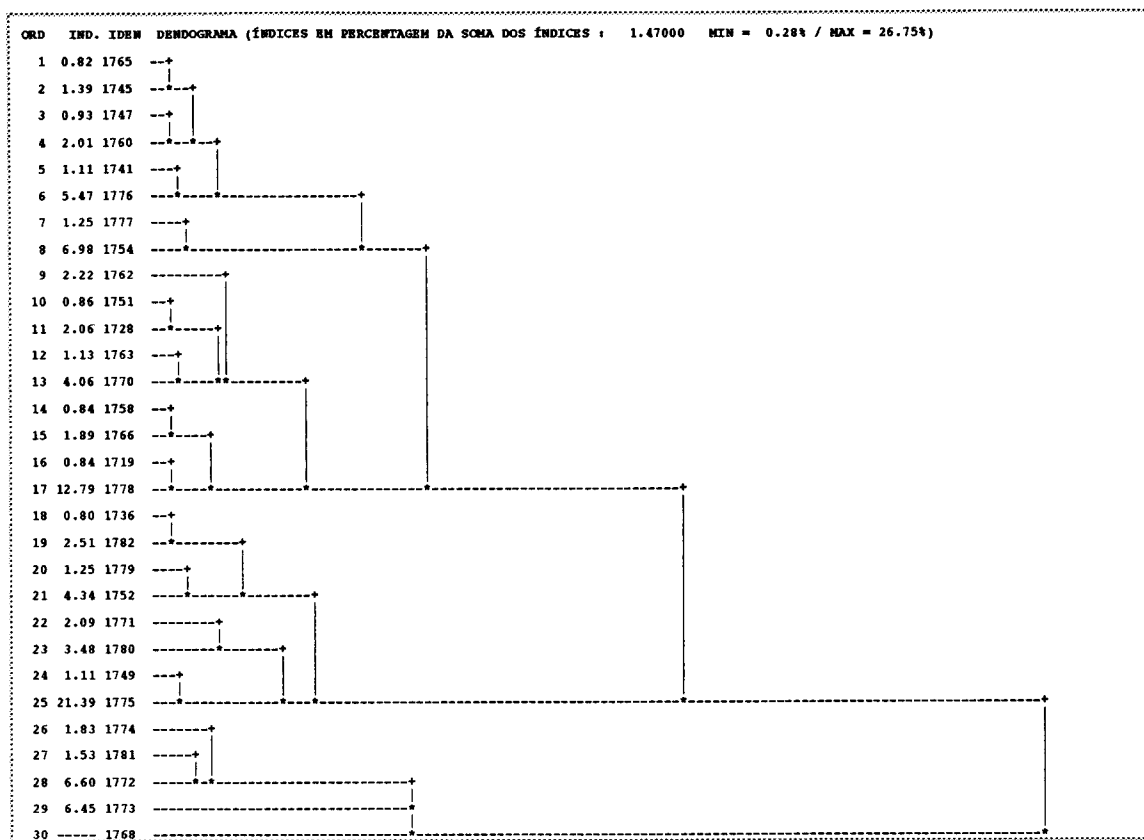
Com efeito, o primeiro factor é um índice da religião como um valor sentimental; o segundo como um valor intelectual e o terceiro como um valor social, isto é, que marca o ritmo da vida social, nomeadamente através das suas festas.

2. Classificação automática

Para a CA utilizaram-se os 11 primeiros eixos da ACM, isto é, apenas aqueles cujo valor está acima do valor próprio médio.

O histograma (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Gráfico 19, p. 124) e o dendograma (cf. Gráfico 82) sugerem uma partição em 4 classes. Aliás, fizemos tentativas com outro número de partições e pareceu-nos que esta seria a mais adequada ao subtema em estudo, embora o quociente de inércia seja relativamente baixo (0.2848). O volume de cada uma das classes é o que se observa no Quadro 94 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, p. 124).

Gráfico 82 - Dendograma / Religião como valor



2.1. Categorias ou tipos religiosos de religião como valor

2.1.1. Classe 1/4

A classe 1/4 é composta por 273 elementos a que correspondem cerca de 30% do total.

As características principais desta categoria são os seus elementos terem uma sensibilidade religiosa alta (praticamente todos) e cerca de, pelo menos, 8 em cada 10 serem favoráveis à alteração das normas eclesiais sobre o aborto, celibato dos padres, a exclusão da mulher do sacerdócio, o divórcio e, numa

proporção ligeiramente inferior, o aborto. Caracteriza-se também pela leitura de documentos da Igreja Católica e da imprensa religiosa; por terem símbolos (terço e bíblia) e por identificarem a Páscoa pelo seu significado religioso. Tendo nulo ou baixo índice de anticlericalismo, são liberais na educação religiosa dos filhos e irregulares, tanto na conversa sobre religião, como no assistir a programas religiosos audiovisuais (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 95, p. 124-125).

Educados religiosamente na escola, pode dizer-se que consideram a religião como um valor sócio-cultural pelo qual se interessam do ponto de vista intelectual. Aliás o eixo dois é o que melhor explica esta classe.

Podemos, sendo assim, dizer que são aqueles para quem a religião constitui um objecto de valor na medida em que são interessados pela problemática religiosa. São *problematizadores* ou *questionantes interessados*.

2.1.2. Classe 2/4

A classe 2/4 é constituída por cerca de 23% (208 indivíduos).

Para os indivíduos desta classe a religião surge como um valor que enquadra a vida social, na medida em que dá sentido festivo, isto é, marca o ritmo anual da convivência social.

Com efeito, tanto o Natal como a Páscoa são para estes épocas festivas. Quanto ao mais, a religião não é um valor. Afirmamo-lo uma vez que nunca conversam sobre religião, não lêem a imprensa religiosa nem os documentos da Igreja Católica, nunca assistem a programas audiovisuais e não possuem símbolos

religiosos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 95, p. 124-125). É aliás significativo que seja o eixo três o que melhor caracteriza esta classe.

Sem terem tido educação religiosa, inconstantes na sua vivência, a religião é, para eles, um valor meramente social, sem qualidades religiosas.

Podemos defini-los como sendo aqueles para os quais a religião é um valor apenas e na medida em que dá sentido festivo ao tempo. São, na realidade, *festivos*.

2.1.3. Classe 3/4

A classe 3/4 é composta por um número sensivelmente igual à primeira: 277 elementos que representam 31%.

Os indivíduos desta classe caracterizam-se por possuírem todas as características das modalidades reveladoras de que a religião é um valor sócio-cultural de ordem religiosa. Caracterizam-se também por se identificarem com as normas vigentes na Igreja Católica, dizerem-se católicos praticantes, terem recebido educação religiosa, etc. A religião é mesmo um valor que procuram também transmitir às gerações futuras, o que se pode concluir da sua atitude face à educação e vocação religiosa dos filhos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 95, p. 124-125).

Consideram a religião como um valor cultural nas suas vidas, havendo mesmo um em cada quatro que tem o religioso como o objectivo mais importante da sua vida. Podemos denominá-los como os *identificados*.

2.1.4. Classe 4/4

A classe 4/4 é a que tem menor número de elementos: 148 que representam cerca de 16%.

Os indivíduos desta classe caracterizam-se por uma sensibilidade religiosa nula, baixa ou média; um sentimento anticlerical forte (cerca de 8 em cada 10); dão às festas religiosas 'outros significados'; não possuem símbolos religiosos; não fazem qualquer tipo de leitura religiosa; afirmam que as normas eclesiais são de alterar; tendem a opor-se à vocação religiosa dos filhos; nunca conversam sobre religião ou assistem a programas audiovisuais de cariz religioso.

Dizem-se indiferentes, não terem tido qualquer forma de educação religiosa e 3 em cada 10 afirmam que a sua vivência religiosa diminuiu (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. VIII - Os aspectos parcelares da religião*, Quadro 95, p. 124-125).

Afastados da organização eclesial, a religião não é para eles um valor de referência nas suas vidas. Mas não se pode afirmar, no entanto, que seja um contravalor. Digamos que são indivíduos para os quais a religião é um valor bastante periférico. O eixo que melhor os caracteriza é o primeiro.

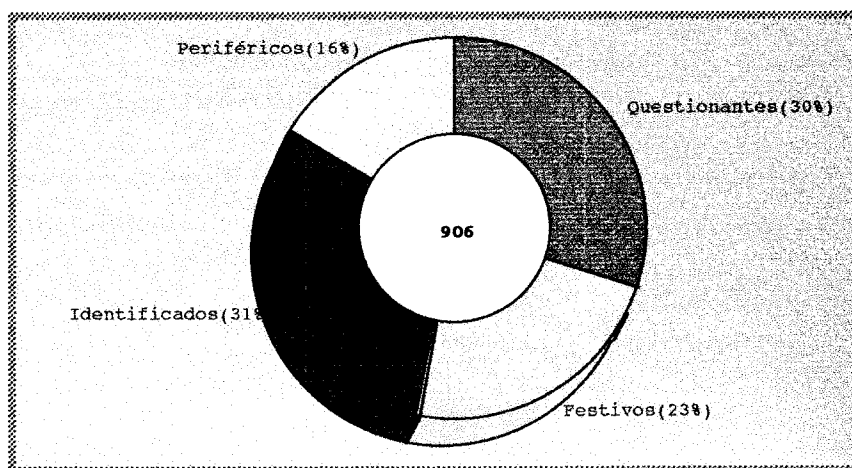
Talvez a melhor palavra para os identificarmos seja a de *periféricos*.

* * *

Da CA há-de concluir-se que existe uma maioria para os quais a religião é um valor ainda que com acentuações diferentes, isto é, que o interiorizaram mais ou menos. Para o menor número, a religião, por razões culturais, faz parte das suas

vidas, mas tem apenas, no seu universo de valores, um lugar bastante periférico, nomeadamente a organização religiosa e daí o seu anticlericalismo (cf. Gráfico 83).

Gráfico 83 - Composição das classes / Religião como valor



CAPÍTULO IX

O CONTEXTO SOCIAL E A RELIGIÃO

Neste capítulo nosso objectivo é estudar a relação entre a estrutura social e a religião, quer a partir dos factores contextuais, quer das categorias sociais típicas da população.

Para estudar essa relação fizemos uma ACM e uma CA utilizando como variáveis activas as mesmas que utilizámos aquando do estudo isolado do contexto social. Como variáveis ilustrativas utilizámos todas as variáveis temáticas de todos os subtemas (culto colectivo, culto individual, crenças, valores morais e religião como valor), que se aplicam à generalidade dos inquiridos. Com o mesmo estatuto de suplementares, acrescem ainda as seguintes variáveis: autopoção religiosa; educação religiosa (na família, na catequese paroquial, na escola, em associações religiosas); objectivo de vida mais importante; opinião sobre a evolução da vivência religiosa e preferência político-partidária.

Os resultados que obtivemos, na ACM, são apresentados (secção I), quer nos quadros das modalidades ilustrativas ordenadas por valores teste maiores ou iguais a ± 2.0 , em cada factor, quer nos gráficos dos planos factoriais (no texto). Na CA (secção II), apresentamos os quadros que ordenam por valores teste a composição de cada uma das classes. Deles nos servimos para a interpretação que ora fazemos do binómio sociedade e religião.

Note-se que o que vamos dizer se deve interpretar, sempre, como tendências gerais mais marcantes ou típicas, em oposição, que se verificam na realidade concreta, embora o tecido social seja mais complexo e multiforme. É tendo em conta esta observação, que se há-de fazer a leitura do que vamos afirmar, mesmo quando,

eventualmente, a forma possa parecer mais categórica.

I - OS FACTORES DO CONTEXTO SOCIAL E A RELIGIÃO

1. Caracterização religiosa dos factores sociais

1.1. Factor 1 - O ciclo da vida individual e das gerações

Definimos o primeiro factor do contexto social, que representa a estrutura mais importante da população, como sendo o do ciclo da vida individual e das gerações. Haverá relação entre o ciclo da vida, que opõe as gerações mais novas às mais velhas, e a religião?

As gerações mais jovens, isto é, os que têm idades compreendidas entre os 18 e 24 anos, são solteiros, vivem na dependência familiar, têm instrução mais elevada (entre o 6º e o 12º ano de escolaridade), são estudantes e, especialmente se são masculinos e dos estratos alto e médio superior, tendem a ter as características religiosas que, a seguir, se referem. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 96, p. 126-127).

Quanto ao culto colectivo católico, o mais típico é nunca o terem praticado: não são crismados, nunca se confessam, nunca comungam, nunca vão à missa dominical. Também não têm outros hábitos religiosos: nunca vão ou mandam celebrar missa pelos defuntos, não peregrinam, não vão a procissões ou vão apenas vê-las passar.

Individualmente não mantêm relações directas com quaisquer realidades metaempíricas: nunca rezam, não fazem promessas, não são devotos de Nossa

Senhora ou de santos.

Quanto às crenças em geral, o seu comportamento é de dúvida, ainda que pouco intensa no que respeita à existência de Deus tida como muito provável. Já no que se refere às crenças cristãs e católicas pautam-se por juízos em que se nota uma forte intensidade de dúvida. Com efeito, consideram como pouco provável que Jesus seja filho de Deus e homem, que tenha morrido e ressuscitado para salvar a humanidade, que esteja presente no pão consagrado, etc..

As gerações mais jovens têm uma moral oposta à católica, nomeadamente na interpretação que dão à doutrina católica sobre a vida familiar, conjugal e sexual. Com efeito, aprovam a homossexualidade, a pornografia na tv, a união de facto, a utilização de quaisquer métodos contraceptivos e o divórcio. Além disso, aprovam a revolta contra Deus face ao mal, que haja ofensas que não se podem perdoar, a mentira se proveitosa, trabalhar menos quando o salário é baixo, fugir aos impostos, a total liberdade dos filhos depois da puberdade e o suicídio. Desaprovam o amor ao próximo até ao sacrifício da vida e o direito dos filhos ao não divórcio dos pais. Aceitam, porém, a verdade de outras religiões.

A religião não é um valor em si mesma e mantêm um forte sentimento anticlerical. Além disso não possuem símbolos religiosos, nomeadamente o terço e nunca assistem a programas religiosos na tv ou na rádio. Consideram ser de alterar as normas eclesiásticas, especialmente a condenação do aborto e a proibição do divórcio.

As gerações mais velhas, isto é, os que têm 55 e mais anos, são analfabetos ou têm apenas a instrução primária, são casados ou viúvos, pertencem ao estrato social mais desfavorecido, dedicam-se a actividades relacionadas com o sector primário da economia, sobretudo, se são mulheres, tendem a ter comportamentos

religiosos opostos aos das gerações mais jovens.

Praticam o culto colectivo e individual de forma intensa e têm hábitos religiosos diversos. Os indivíduos das gerações mais velhas são crismados, confessam-se duas e mais vezes por ano ou, pelo menos, uma vez, comungam todos os domingos, algumas vezes no ano ou, no mínimo, uma vez, vão à missa todos os domingos, peregrinam, incorporam-se em procissões, vão e mandam celebrar missa pelos defuntos. Rezam todos os dias, fazem promessas e têm como forma de oração o terço. Privilegiam a invocação a Jesus Cristo, Nossa Senhora e outros santos e fazem pedidos, tanto materiais como espirituais, bem como agradecer e louvar.

Quanto às crenças, os mais velhos são ortodoxos, quer no que se refere às crenças cristãs, quer às tipicamente católicas. Têm como absolutamente certa a existência de Deus e a sua qualidade de criador e de Trindade; que Jesus Cristo é Deus e homem e que morreu e ressuscitou para salvar; que o Espírito Santo actua no homem e na Igreja como sinal da presença de Deus no mundo. Acreditam também na ressurreição final, na virgindade e maternidade de Nossa Senhora, na presença de Cristo no pão consagrado.

Do ponto de vista moral, desaprovam a homossexualidade e a legitimidade da tv passar filmes pornográficos e, de um modo geral, conformam-se com os valores morais cristãos e católicos.

Para as gerações mais velhas a religião é um valor em si: possuem símbolos religiosos, são favoráveis à educação e vocação religiosa dos filhos, conversam regularmente sobre religião, vêem regularmente programas religiosos nos mass-media, lêem a imprensa de inspiração religiosa e documentos da Igreja Católica. Não têm sentimentos anticlericais e o seu objectivo de vida é religioso. Face às normas eclesiásticas têm uma atitude de conservadorismo, sobretudo, quanto à

condenação do aborto.

Além disso, afirmam-se católicos praticantes e a sua educação religiosa não foi feita na escola, mas de outras formas.

Há uma clara oposição entre as gerações mais jovens e as mais velhas: as novas tendem a não praticar o culto colectivo católico, nem individualmente a ter relações com as realidades metaempíricas; as velhas tipificam-se por um culto colectivo intenso, oficial ou não, tendem a cumprir também o preceito dominical e a manter, de forma permanente e variada, relações com as realidades metaempíricas.

No que se refere às crenças, aquelas caracterizam-se pela dúvida ou mesmo a descrença; estas pela certeza afirmativa. Isso é mais típico face à generalidade das crenças cristãs e católicas, mas estende-se também às demais crenças religiosas, embora não se verifique quanto às crenças animistas e mágicas. Sendo assim, pode afirmar-se que os mais jovens tendem a duvidar ou mesmo a descrer; as gerações mais velhas tendem a ter um alto índice de crença religiosa.

Se as gerações mais jovens se afastam dos valores morais católicos, pelo contrário, as gerações mais velhas conformam-se com eles, ainda que não tenham perspectivas opostas no que se refere à defesa de vítimas de calúnias e de injustiças, à utilização de quaisquer meios para ser promovido no emprego e ao não matar como valor absoluto. O afastamento e a proximidade dos valores morais cristãos acompanha o percurso das gerações actuais. Parece que a avaliação dos comportamentos que era feita no quadro da moral católica está em transformação e que tende a seguir outros padrões.

Se, para as gerações mais jovens a religião, em si mesma, não é um valor, para as mais velhas tende a ocupar um lugar central nas suas vidas.

Dir-se-á, sendo assim, que a fase da juventude tende para o agnosticismo e

para um código moral que a afasta da religião em geral e do catolicismo em particular. Nesta fase da vida, a religião é apenas um valor sócio-cultural que ocupa um lugar periférico na sua escala de valores. A ligação a uma comunidade, dada pelo culto, não existe ou é muito ténue. Embora as gerações mais jovens tenham maior instrução escolar e tenha sido a escola o seu principal agente de socialização religiosa, os seus efeitos parecem ser bastante diminutos ou mesmo inconsequentes. Sendo assim, pode afirmar-se que a funcionalidade da educação religiosa nas escolas, a avaliar por estes resultados, está posta em causa. Porque não é adequada? Porque os professores não estão preparados? Porque os sujeitos, por si, a rejeitam? Outra questão mais genérica se pode colocar também. Com efeito, pode afirmar-se que o fenómeno geracional, no presente, está correlacionado com a religião católica, no seu todo e nas suas componentes.

Terão sido as gerações mais jovens sempre assim ou será um fenómeno conjuntural? Se é certo que a fase da juventude tende a pôr em causa o mundo dos adultos e a ser mais interrogativa sobre o universo de valores que lhes é apresentado, será que, ao chegarem a fases mais adultas, irão mudar e ter outras perspectivas religiosas ou irão caminhar no mesmo sentido? Parece-nos que, dada a importância da socialização de base, são diminutas as perspectivas de, na vida adulta, se aproximarem dos padrões religiosos e católicos ortodoxos que caracterizam, actualmente, as gerações mais velhas. Provavelmente, as gerações mais jovens irão transmitir aos seus filhos os seus próprios valores e o futuro da religião, em Portugal, tenderá a ser diferente do que é hoje. A menos que, nomeadamente da parte da organização religiosa, se utilizem meios que façam inverter a situação.

É questionável, porém, se o ser-se mais ou menos religioso se prende, necessariamente, com o ciclo de vida dos indivíduos e das gerações ou se estamos perante uma realidade que, no futuro, será diferente. A ser assim, o facto de as gerações mais velhas serem mais religiosas seria também um fenómeno de conjuntura, isto é, um facto fundado num dado contexto histórico-cultural de uma época que está a findar. Sabendo como os fenómenos religiosos irrompem em cada época de formas diversificadas, é também plausível que a fase presente seja apenas indicadora de uma mutação que, no entanto, tende a remeter a religião para um lugar menos central na dinamização dos comportamentos dos indivíduos e das colectividades.

1.2. Factor 2 - O meio tradicional/rural versus o moderno/urbano

O factor dois do contexto social põe em evidência dois meios sócio-culturais diferentes: o tradicional/rural e o moderno/urbano, meios marcados pelo peso diversificado dos sectores de actividade económica. Como iremos observar têm características religiosas particulares (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 97, p. 128-129).

No meio urbano e moderno predominam as actividades ligadas ao sector terciário e o espaço é demograficamente mais denso. Este é o meio social típico da região de Lisboa/Santarém, dos estratos económica, social e culturalmente mais elevados e dos homens adultos (25-54 anos). Este meio sócio-cultural é marcado pelo afastamento dos padrões religiosos.

O indivíduo típico deste meio tende a não ter culto colectivo ou individual.



Não é crismado, nunca vai à missa dominical, nunca se confessa ou comunga, ou fá-lo com intensidade inferior à prescrita. Limita-se a ir ver passar procissões ou nem sequer isso e não vai à missa pelos defuntos. Tende ainda a nunca rezar e a não ser devoto de Nossa Senhora.

O modelo de vida moderno e urbano tende para a descrença, isto é, a considerar como absolutamente erradas as crenças religiosas, nomeadamente as cristãs e católicas e mesmo as gerais e até a existência de Deus.

Relativamente à moral, dá-se um afastamento claro no que se refere à doutrina moral católica em matéria familiar, conjugal e sexual, mas há uma maior tolerância religiosa uma vez que se aceita a verdade de outras religiões. Todavia, desaprova o amor do próximo até ao sacrifício da vida, a defesa de vítimas de calúnias e de injustiças e aprova a mentira e a fuga aos impostos.

Pode afirmar-se que este meio se tipifica pela sua irreligiosidade e pela tendência para sentimentos anticlericais.

No meio tradicional/rural, demograficamente menos denso, característico do Norte Interior, e que abarca quer as camadas mais velhas quer as mais jovens da população, sobretudo os estratos sociais menos favorecidos e com menor índice de instrução, dá-se o fenómeno inverso.

Quanto ao culto, cumpre-se o preceito pascal ou até se ultrapassa o mínimo prescrito. Vai-se à missa todos os domingos e é-se crismado. Aí estão arreigados os hábitos de ir à missa pelos defuntos e incorporar-se em procissões. Tende a rezar-se todos os dias, a fazê-lo sozinho, invocar Nossa Senhora, rezar o terço, fazer pedidos de ordem espiritual, ser devoto de Nossa Senhora e de outros santos.

O modo de vida tradicional/rural tende para a crença, sobretudo para as crenças que implicam a mediatização do homem com as realidades metaempíricas e

a crença na vida extraterrena. Há uma forte crença no inferno para castigo dos maus e na infalibilidade do Papa.

Moralmente a sua perspectiva tende a conformar-se com os valores cristãos tradicionais. Isso é mais evidente nas questões de moral familiar, conjugal e sexual, mas também na desaprovação da verdade de outras religiões, na defesa dos que são vítimas de calúnias e de injustiças, na desaprovação do suicídio. As notas mais distintivas são a desaprovação da pornografia e a aprovação da condenação do aborto.

Face à organização religiosa os sentimentos são de proximidade. Os indivíduos possuem símbolos religiosos, promovem a educação e vocação religiosa dos filhos; há uma atitude conservadora face às normas eclesásticas; não existem sentimentos anticlericais, mas sim uma sensibilidade religiosa alta. O Natal é nascimento de Jesus e o objectivo de vida é religioso. O autoposicionamento religioso característico é o de católico praticante.

Podemos dizer que estes dois tipos de ambientes sociais são condicionantes, favoráveis ou desfavoráveis, à prática cultural colectiva, oficial ou não, e individual. O mesmo se poderá afirmar quanto às crenças. A oposição, no entanto, é menos clara relativamente às crenças animistas e mágicas, embora se note com maior evidência a descrença nos meios urbanos e modernos e uma menor certeza, isto é, a dúvida pouco intensa, nos meios mais rurais. Excepção é a crença na influência dos astros no destino das pessoas. Quanto aos valores morais há duas tendências: o meio tradicional/rural leva à conformidade com a moral católica, excepção feita à tolerância para com as outras religiões; o meio moderno/urbano tende a opor-se aos valores do código moral cristão. A religião ocupa na escala de valores lugares distintos em cada um destes meios, sendo que o moderno/urbano é mais

diversificado também quanto à definição religiosa que cada um dá de si mesmo.

Na generalidade, nos meios sociais mais urbanos e modernos tende a estar presente o fenómeno da irreligiosidade, sobretudo nos estratos mais elevados da população e na fase adulta da vida. Não se poderá, todavia, inferir que religião e irreligião são determinados por estes dois meios sociais. O que se pode afirmar com certeza é que o ambiente sócio-demográfico é condicionante de perspectivas religiosas diversas. Concomitantemente, observa-se que a estrutura organizativa da Igreja Católica é mais forte e adaptada aos meios mais tradicionais do que aos mais urbanos e modernos da sociedade. Será que esta forma de estar da própria organização religiosa não conduz também ao que se verifica? Muito provavelmente que sim e, para modificar a situação, a organização religiosa terá que ter uma inserção diferente e formas de actuação mais adaptadas a uma sociedade em transformação e que caminha para um modelo de vida mais urbano.

Considerando em simultâneo as tendências religiosas das novas gerações e o crescimento do fenómeno urbano, podem esperar-se, a médio prazo, profundas transformações no panorama religioso actual.

1.3. Factor 3 - O isolamento *versus* a integração social

O factor três do contexto social opõe dois estilos de vida: um de isolamento social, próprio dos mais idosos, dos sem família, ainda que mais instruídos, e outro de integração social, de relações sócio-familiares mais intensas, característico da vida adulta. O isolamento verifica-se, sobretudo, nas cidades mais populosas; a integração nas localidades pequenas do Norte/Interior e do Centro Litoral. A um e outro dos estilos de vida estão associados comportamentos religiosos diversos

(cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 98, p. 129-130).

O isolamento e a integração sociais tendem a condicionar comportamentos culturais opostos, mas de uma forma menos forte que os dois factores anteriores. O isolamento social propicia o nunca comungar, nunca se confessar, não ser crismado, nunca ir à missa dominical, não ter por hábito peregrinar, incorporar-se em procissões ou ir à missa pelos defuntos. A integração social leva a comungar algumas vezes por ano, confessar-se uma vez por ano, ir à missa todos os domingos ou, pelo menos, uma vez por mês, ser-se crismado e ter por hábito peregrinar, incorporar-se em procissões e ir à missa pelos defuntos. Dir-se-á, portanto, que a integração social favorece o culto oficial ou não; o isolamento social é condicionante da ausência de práticas culturais colectivas. O isolamento social não tem características bem definidas quanto ao culto individual. A integração social leva, porém, a rezar quase todos os dias, a fazê-lo em grupo, invocar Nossa Senhora, agradecer/louvar, ser devoto de Nossa Senhora e fazer promessas.

O isolamento social tende a favorecer a descrença, sobretudo na personificação do mal (existência do demónio e do inferno) e na Bíblia conter verdades reveladas por Deus. Por sua vez, a integração social, além da afirmação como absolutamente certa da existência de Deus e das suas qualidades de criador do universo e de Deus cristão, leva à pequena dúvida na existência do demónio e na infalibilidade do Papa. Nota-se, no entanto, a tendência para a descrença religiosa se acompanhar pela crença, como absolutamente certa, na influência dos astros no destino das pessoas e em virtuosos e curandeiros curarem doenças.

O isolamento social tende a favorecer a aprovação da revolta contra Deus

face ao mal, a ser religiosamente tolerante, a defender a total liberdade dos filhos depois da puberdade, a homossexualidade, o suicídio, a utilização de quaisquer métodos contraceptivos, o viver maritalmente sem casar. Desaprova também o amor ao próximo, o direito dos filhos ao não divórcio dos pais e a condenação do aborto. A integração social favorece, no geral, uma avaliação moral mais conforme com a doutrina moral católica.

O isolamento social está relacionado com o não ser católico praticante. Pelo contrário, o estilo de vida marcado por relações sociais intensas está relacionado com o dizer-se católico praticante. O isolamento social tem características religiosas semelhantes às do meio urbano/moderno; a integração social assemelha-se ao meio tradicional, embora de forma menos clara e abrangente.

1.4. Factor 4 - A relação homem/mulher

O factor quatro do contexto social enfatiza a relação homem/mulher que é mais evidente se opusermos os meios sociais de pequena dimensão e os demograficamente mais densos, sobretudo no estrato social mais elevado.

O homem e a mulher distinguem-se pela diferente prática do culto oficial. A mulher vai à missa todos os domingos; o homem nunca vai; aquela confessa-se duas e mais vezes por ano e comunga dominicalmente; este nunca se confessou ou comungou e nunca vai a procissões. No que respeita ao culto individual, o homem tende a rezar mais raramente ou nunca rezar e a não fazer promessas. A mulher, pelo contrário, tende a rezar todos os dias e a fazê-lo sozinha. Tende ainda a ser devota de Nossa Senhora, rezar o terço, ter como finalidade da oração agradecer/louvar e ter por hábito fazer promessas.

Da parte do homem há a tendência para o cepticismo religioso, maior ou menor, sobretudo quanto à Igreja ser sinal da presença de Deus no mundo, a Santíssima Trindade, a morte e ressurreição de Jesus para salvar, a Bíblia conter verdades reveladas, Deus ser criador do universo e perdoar através da confissão. O cepticismo religioso do homem acompanha-se, porém, da crença em virtuosos e curandeiros curarem doenças. Da parte da mulher a tendência é para ter como absolutamente certa a existência do demónio e a fé na confissão e uma dúvida pequena sobre a vida extraterrena, nomeadamente sobre a ressurreição final.

O homem tende a não tomar posição sobre a verdade das outras religiões, o amor ao próximo, a total liberdade dos filhos depois da puberdade, o suicídio. Tende, porém, a desaprovar o dever de defender os que são vítimas de calúnias e de injustiças e a homossexualidade. Embora haja valores morais opostos, eles não permitem dizer que o universo de valores do homem e da mulher é diferente. O que existe é a tendência do homem para se abster na avaliação moral; a mulher é mais sensível aos outros, mais contrária à pornografia e tende mais a pautar os seus comportamentos pelo código moral cristão. Com efeito, a educação sócio-cultural do homem é mais contraditória e descontínua, nomeadamente quanto à moral sexual. A da mulher, pelo contrário, é mais coerente, pois educa-se segundo uma linha e exige-se-lhe um comportamento adequado.

O homem tende a nunca conversar sobre religião, nunca ver programas religiosos nos mass-media, não possuir símbolos religiosos, não ler documentos da Igreja Católica, nem a imprensa religiosa e ter uma sensibilidade religiosa baixa. Por sua vez, a mulher possui símbolos religiosos, conversa regularmente sobre religião, faz leituras, tende a encorajar a vocação religiosa dos filhos e não manifesta sentimentos de hostilidade para com a organização religiosa.

Resumindo: o homem tem um culto muito reduzido; a mulher um culto intenso; aquele tende para o agnosticismo, esta para a crença; o homem faz uma avaliação pouco clara dos comportamentos morais; a mulher tende a conformar-se com a perspectiva moral cristã; a religião, em si, ocupa lugares diferentes na escala de valores do homem e da mulher (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 99, p. 130-131).

Pode concluir-se que o ser-se homem no Norte/Interior, de pequenas localidades e o ser-se mulher das classes socialmente mais elevadas e dos meios mais urbanos leva a comportamentos religiosos diversos. Importa, no entanto, especificar o que dissemos, no factor dois, sobre a religião nos meios tradicionais e modernos. É que, se nos meios mais tradicionais e rurais se tende para uma maior religiosidade e nos mais modernos e urbanos para a irreligiosidade, essa tendência é menos evidente e até oposta, quando comparamos o homem dos estratos sociais mais baixos e a mulher dos mais elevados.

1.5. Factor 5 - O estrato social alto *versus* o médio superior

O factor cinco opõe sobretudo o estrato sócio-familiar mais elevado ao médio superior, isto é, àquele que lhe fica imediatamente abaixo na escala de avaliação social, respectivamente, no Norte/Interior e no Sul e Centro Litoral, entre o homem e a mulher.

Este factor tem pouco impacto sobre a prática cultural repetitiva. Distingue os crismados dos não crismados e evidencia que os que pertencem ao estrato social alto tendem a comungar algumas vezes por ano, enquanto no estrato médio

superior o típico é nunca ter recebido os sacramentos da confissão e da comunhão e limitar-se a ir ver passar as procissões. No que se refere ao culto individual não opõe características relevantes.

Enquanto o estrato social alto tende para a descrença na qualidade de Deus como criador do universo, em Cristo presente no pão consagrado, na Santíssima Trindade e na morte e ressurreição de Jesus para salvar, o estrato médio superior tende para a crença na existência de Deus, mas também para a crença no poder premonitório de objectos e animais e a influência de pragas e maus olhados.

O estrato social alto tende a ser rígido face ao divórcio e à liberdade dos filhos e a não ser sensível à defesa das injustiças. Além disso, aprova a revolta contra Deus face ao mal, desaprova ou não toma posição face às outras religiões, como também no que se refere ao amor do próximo. O estrato médio superior desaprova a revolta contra Deus perante o mal, aprova a verdade das outras religiões, o dever de defesa dos que são vítimas de calúnias e de injustiças, a liberdade dos filhos depois da puberdade. O que mais os afasta não é a moral familiar, conjugal e sexual, mas a sua atitude face aos outros, sendo que o estrato social alto tende a estar mais afastado da perspectiva cristã da moral.

O estrato social alto tende a conversar irregularmente sobre religião, não tem sentimentos anticlericais, defende a proibição do divórcio e identifica o Natal como nascimento de Jesus. O estrato médio superior, pelo contrário, tem um sentimento anticlerical médio, nunca conversa sobre religião e a festa da Páscoa tem apenas o sentido de festa familiar.

Este factor, que já é bastante residual, não tem características religiosas muito específicas (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião,*

Quadro 100, p. 131). Pode dizer-se, no entanto, que o estrato mais alto se caracteriza pela sua heterogeneidade religiosa. Uns dizem-se católicos praticantes, outros crentes sem religião, descrentes ou mesmo ateus. No estrato social médio superior a afirmação típica é a de católico não praticante. Nele verifica-se a tendência para a ausência de prática cultural, a afirmação certa da existência de Deus e da sua qualidade de criador do universo, algum sincretismo religioso e afastamento da moral católica. Pode assim afirmar-se que o estrato mais elevado da população masculina tende a ter diversas posições religiosas; o estrato médio superior feminino, da região Sul e Centro Litoral, ainda que mantenha alguma crença religiosa, não tem prática.

1.6. Factor 6 - O estrato médio superior *versus* o baixo

O factor 6 opõe o estrato médio superior ao baixo. Aquele é o das mulheres da primeira fase da vida adulta, do norte rural. Este o dos homens do sul já reformados.

O estrato médio superior caracteriza-se por os indivíduos que a ele pertencem serem crismados, confessarem-se e comungarem com intensidade, irem à missa todos os domingos, incorporarem-se em procissões, irem e mandarem celebrar missa pelos defuntos. Pelo contrário, os indivíduos do estrato social baixo nunca se confessaram, nunca comungaram, não vão à missa pelos defuntos, nem mandam celebrá-las. Há que realçar o facto de o estrato médio superior e o estrato baixo não serem homogéneos em toda a parte. Com efeito, o estrato médio superior do Norte/Interior tende para o culto; o estrato social baixo do sul para não ter prática cultural. Não se pode afirmar, assim, uma relação directa entre estrato

social e culto. Tal relação depende de factores ambientais demarcados geograficamente.

O estrato médio superior, se reza, fá-lo para agradecer/louvar; o estrato social baixo nunca reza. Os indivíduos do estrato médio superior tendem a rezar todos os dias ou quase todos, rezarem sozinhos e em grupo, rezarem o terço, serem devotos de Nossa Senhora e fazerem promessas.

O estrato médio superior do Norte/Interior tende para a crença absolutamente certa, quer no Deus cristão, quer na existência da vida extraterrena. O estrato baixo do sul e do Centro Litoral caracteriza-se pelo cepticismo religioso, mais ou menos intenso, ou mesmo a descrença, sobretudo na infalibilidade do Papa, na vida extraterrena e na fé no perdão de Deus através da confissão.

O estrato médio superior desaprova a verdade das outras religiões, o dever de defesa dos que são vítimas de calúnias e de injustiças, a total liberdade dos filhos depois da puberdade, a pornografia na tv, a utilização de quaisquer métodos contraceptivos, o divórcio e a união de facto. Por sua vez, não aprova nem desaprova a fuga aos impostos, o suicídio e o amor ao próximo até ao sacrifício da vida. O estrato social baixo aprova a verdade de outras religiões, o amor do próximo, o dever de defesa dos que são vítimas de calúnias e de injustiças, a utilização de quaisquer métodos contraceptivos, a união de facto. Pode afirmar-se que, se quanto à doutrina católica familiar, o estrato médio superior é conformista e o estrato baixo se lhe opõe, já quanto a outros valores cristãos, nomeadamente nas relações com os outros se dá o inverso, e o estrato social baixo está mais próximo da perspectiva cristã.

O estrato social médio superior identifica a Páscoa pelo seu significado religioso, tem terço, conversa regularmente sobre religião, tem um sentimento

o estrato baixo se lhe opõe, já quanto a outros valores cristãos, nomeadamente nas relações com os outros se dá o inverso, e o estrato social baixo está mais próximo da perspectiva cristã.

O estrato social médio superior identifica a Páscoa pelo seu significado religioso, tem terço, conversa regularmente sobre religião, tem um sentimento anticlerical nulo e identifica as festas religiosas pelo seu significado religioso. Para o estrato social baixo, a Páscoa é festa familiar, o Natal tem outros significados, não tem terço, nunca conversa sobre religião, tem um sentimento anticlerical médio e dá liberdade aos filhos na sua educação religiosa.

Religiosamente, os primeiros tendem a afirmar-se católicos praticantes; os segundos, não praticantes. Naqueles há alguma prática cultural, crenças cristãs e uma moral tradicionalista; nestes, a ausência da prática, uma moral oposta à católica, no que se refere aos aspectos da vida matrimonial, e uma atitude de dúvida face às crenças (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 101, p. 131-132).

Comparando com o factor cinco verifica-se que o estrato médio superior feminino tem comportamentos religiosos diferentes conforme as regiões. Para tal analisámos, ainda que não o apresentemos, o plano 5/6. Mas este eixo é também já bastante residual e apenas se aplica a uma subpopulação relativamente pequena.

2. Planos factoriais

A leitura dos dois primeiros planos factoriais, os mais importantes, com base na visualização gráfica da relação entre as modalidades, ajuda-nos, mais facilmente, a estabelecer comparações e encontrar especificações que a mera interpretação dos factores isolados não permite.

Apresentamos, em cada um dos dois primeiros planos, um gráfico síntese com todos os pontos não sobrepostos e gráficos por subtemas, uma vez que o número de pontos é elevado. Embora fosse interessante o estudo específico de cada uma das variáveis e das suas modalidades, limitamo-nos a observar as grandes linhas dos subconjuntos temáticos: culto colectivo e individual, crenças, valores morais e a religião como objecto e factor de cultura, ou, por outras palavras, a religião como valor em si mesma.

2.1. Plano 1/2

O plano 1/2 relaciona o tempo, isto é, o ciclo da vida individual e das gerações (eixo 1) e o espaço sócio-cultural (eixo 2), ou seja, o estilo de vida tradicional/rural *versus* o moderno/urbano (cf. Gráfico 84). Os diversos gráficos evidenciam que as tendências entre as gerações mais velhas e as mais novas são especificadas quando se entra em conta com os modos de vida.

Com efeito, os jovens (18 a 24 anos) tendem a ser influenciados também por padrões de culto colectivo e individual, análogos aos das gerações mais velhas se vivem em meios tradicionais/rurais da região Norte (cf. a parte superior dos

Gráficos 85 e 86). As gerações adultas, nomeadamente os que têm entre 40 e 54 anos, se vivem em meios mais modernos e urbanos tendem a ser influenciadas por esse meio, onde a prática cultural é, como já dissémos, pouco intensa (cf. a parte inferior dos mesmos gráficos). Os que estão na primeira fase da vida adulta (cf. o quadrante inferior esquerdo dos gráficos supra citados) são os menos praticantes, quer devido à relação entre gerações e prática cultural, quer devido ao meio social.

No que se refere às crenças religiosas (cf. Gráficos 87 a 89), observa-se um fenómeno semelhante ao do culto. A tendência dos mais jovens (18 a 24 anos) é para passarem da atitude de dúvida para a da afirmação positiva nas crenças, se vivem em meios tradicionais/rurais da região Norte (cf. parte superior dos gráficos).

Quanto às crenças animistas e mágicas (cf. Gráfico 90), cujas modalidades se situam no centro do gráfico, são mais típicas dos meios tradicionais/rurais e menos marcadas pelo fenómeno da modernidade e da vida urbana.

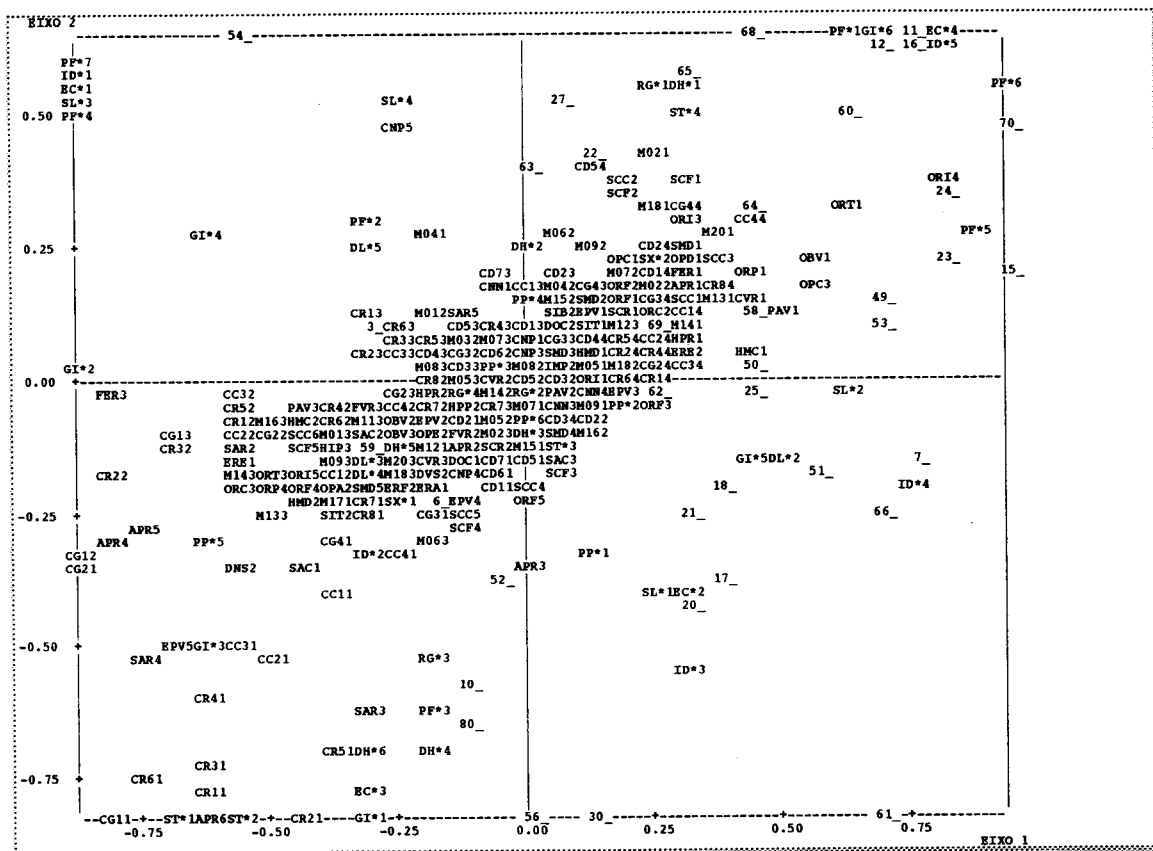
Quanto aos valores morais (cf. Gráficos 91 a 93) nota-se igualmente a tendência para o meio social tradicional/rural aproximar as gerações extremas. Igual observação se pode fazer quanto à religião tomada como um valor em si mesma (cf. Gráficos 94 e 95).

Especialmente no que se refere ao autopoicionamento religioso (cf. Gráfico 96), nota-se que as posições religiosas mais afastadas do catolicismo são um fenómeno mais típico das gerações jovens e dos meios mais modernos e urbanos (cf. lado direito do gráfico).

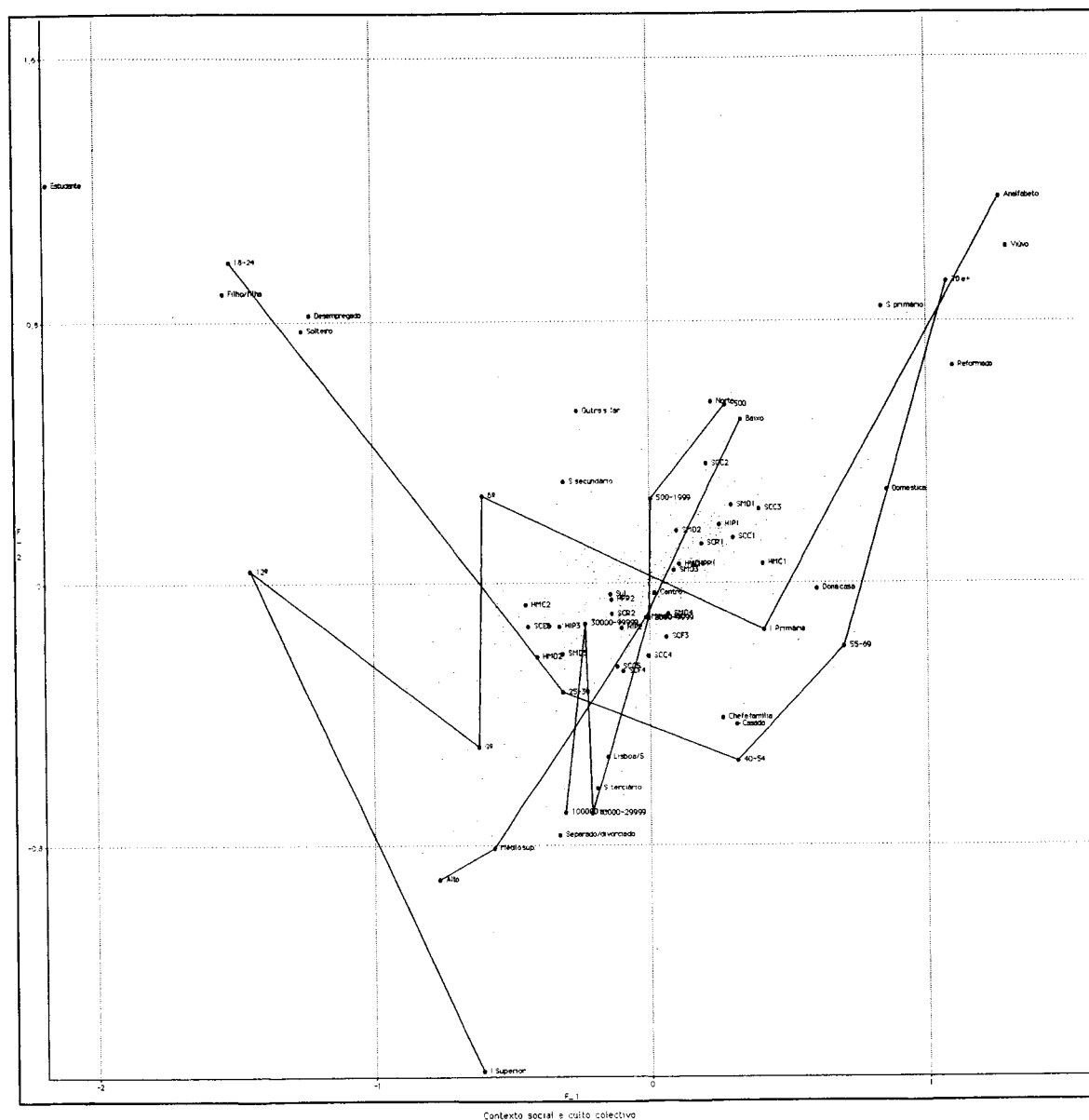
Há que concluir que o meio sócio-cultural envolvente, mais tradicional ou moderno, mais rural ou urbano, tem importância na dinâmica religiosa e que estabelece alguma clarificação no binómio gerações e religião. Com efeito, nos meios

mais tradicionais, os mais jovens também tendem a ter comportamentos religiosos mais próximos dos padrões católicos.

Gráfico 84 - Plano 1/2 (a)¹

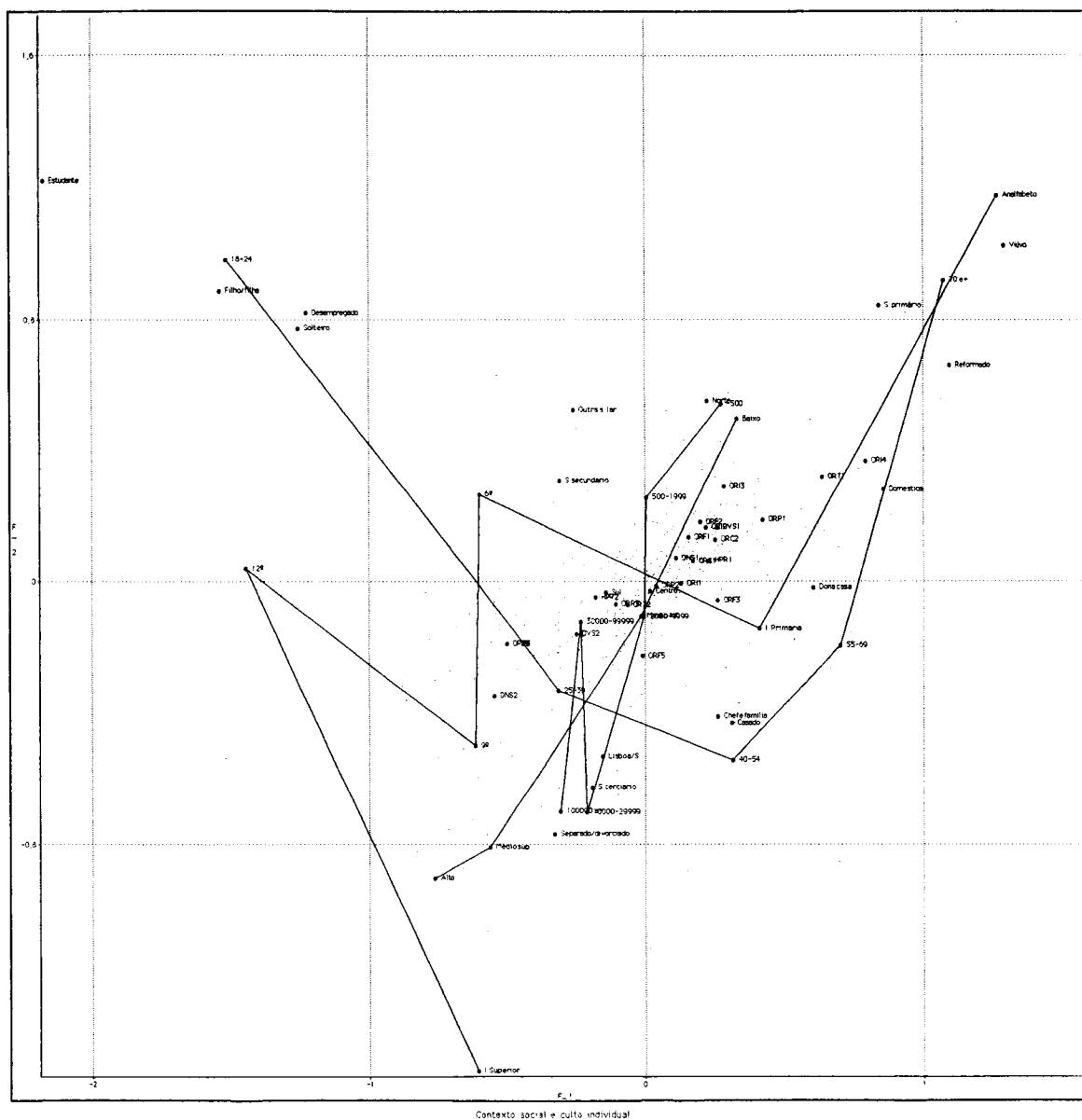


1 Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 85 - Plano 1/2 (b)²

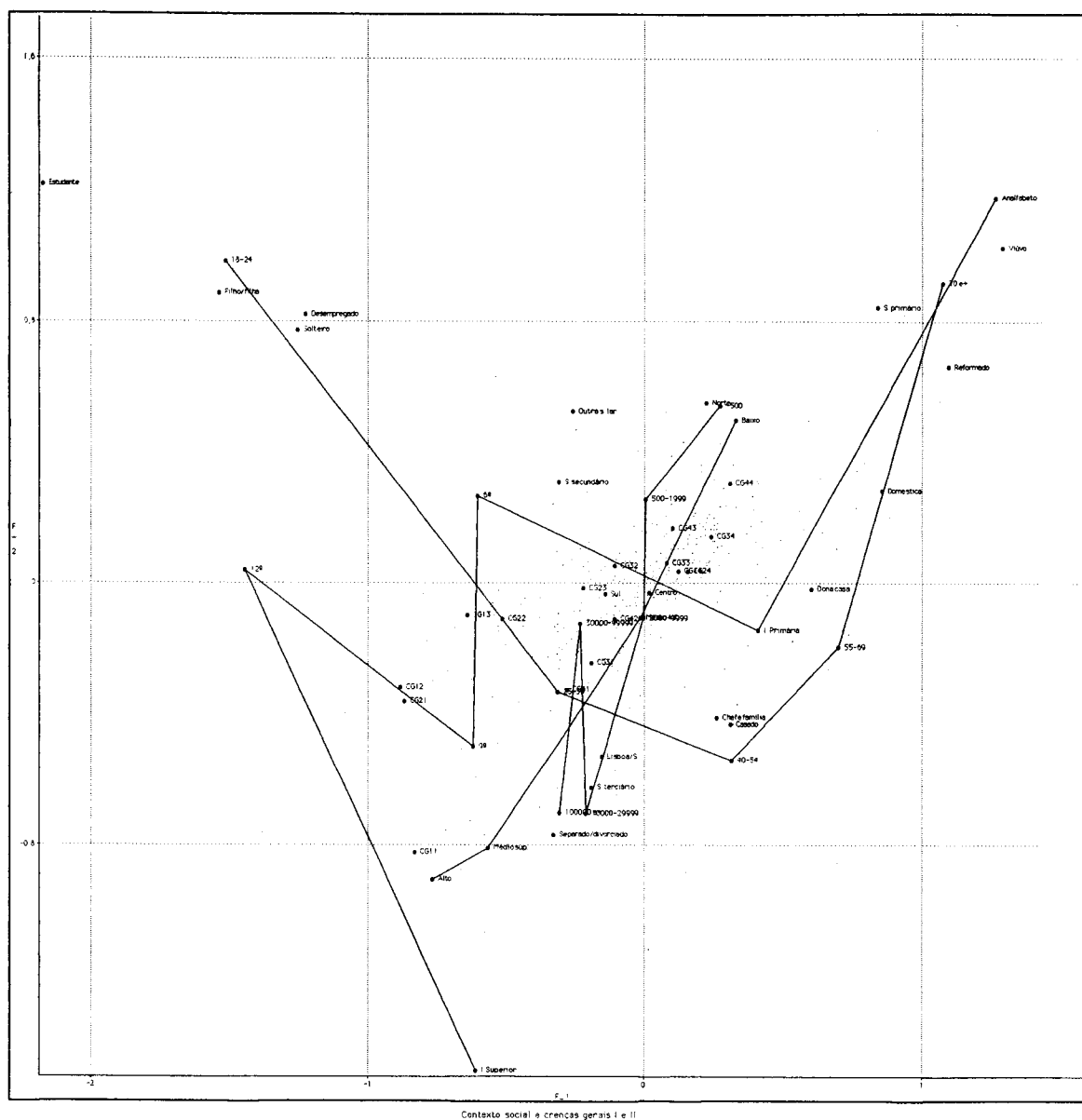
2 Culto colectivo

SCC FREQUÊNCIA DA COMUNHÃO (P17-P18) SCC1 Comunhão dominical SCC2 Comunga alg.vez/ano SCC3 Comunga uma vez/ano SCC4 Comunga -1vez/ano SCC5 Nunca comunga SCC6 Nunca comungou; **SCF FREQUÊNCIA DA CONFISSÃO (P19-P20)** SCF1 Confessa 2+vez/ano SCF2 Confessa 1 vez/ano SCF3 Confessa -1vez/ano SCF4 Nunca se confessa SCF5 Nunca se confessou; **SCR RECEPÇÃO DO SACRAMENTO DO CRISMA (P21)** SCR1 Crismado SCR2 Não é crismado; **SMD FREQUÊNCIA DA MISSA DOMINICAL (P25)** SMD1 Missa dominical SMD2 Missa min.1vez/mês SMD3 Missa alg./vez/ano SMD4 Missa por festas SMD5 Nunca vai à missa; **HPP HABITO DE PEREGRINAÇÃO (P45)** HPP1 Peregrina HPP2 Não peregrina; **HIP HABITO DE INCORPORAR-SE EM PROCISSÕES (P47)** HIP1 Incorpora-se HIP2 Vai ver passar HIP3 Não vai a procissões; **HMD HABITO DE IR A MISSAS DE DEFUNTOS (P48)** HMD1 Vai missas defuntos HMD2 Não vai m. defuntos; **HMC HABITO DE MANDAR CELEBRAR MISSA POR ALMA (P49)** HMC1 Manda celebrar HMC2 N/ manda celebrar.

Gráfico 86 - Plano 1/2 (c)⁸

3 Culto individual

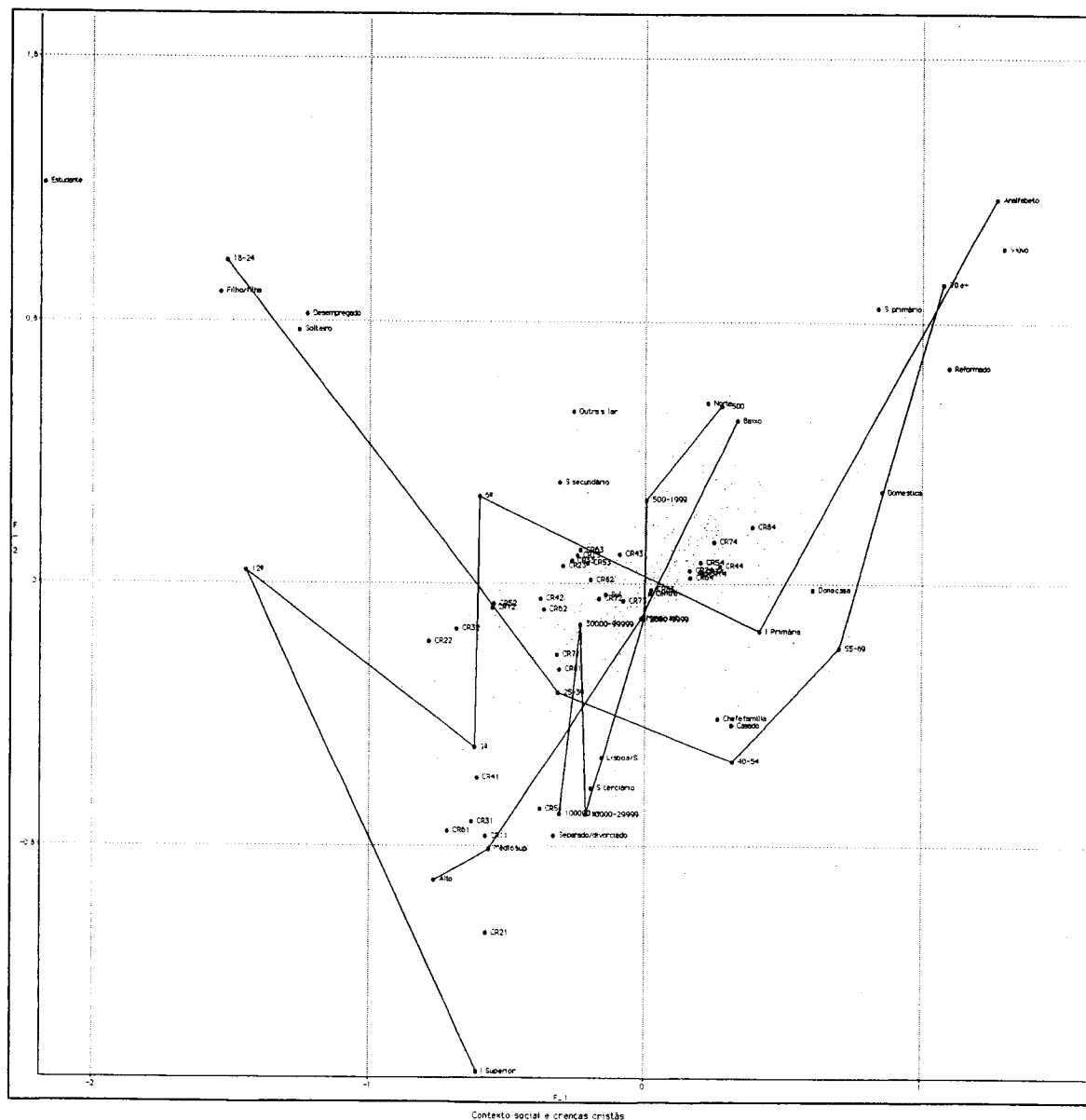
ORP FREQUÊNCIA DA ORAÇÃO PESSOAL (P34-P35) ORP1 Reza todos os dias ORP2 Reza quase todos ORP3 Reza mais raramente ORP4 Nunca reza; ORC CONTEXTO DA ORAÇÃO (P36) ORC1 Reza sozinho ORC2 Reza em grupo ORC3 Nunca reza; ORI INVOCÇÕES NA ORAÇÃO (P37_1) ORI1 A Deus ORI2 A Jesus Cristo ORI3 A Nª Senhora ORI4 A outros santos ORI5 Nunca reza; ORT HÁBITO DE REZAR O TERÇO (P38) ORT1 Reza o terço ORT2 Não reza o terço ORT3 Nunca reza; ORF FINALIDADE PREDOMINANTE NA ORAÇÃO (P39_1) ORF1 Agradecer/louvar ORF2 Pedidos espirituais ORF3 Pedidos materiais ORF4 Nunca reza ORF5 Não responde; DNS DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA (P41) DNS1 Devoto de Nª Sª DNS2 Não é devoto Nª Sª ; DVS DEVOÇÃO A SANTOS (P42) DVS1 Devoto de santos DVS2 Não é devoto santos; HPR HÁBITO DE FAZER PROMESSAS (P44) HPR1 Faz promessas HPR2 Não faz promessas.

Gráfico 87 - Plano 1/2 (d)⁴

4 Crenças gerais I e II

CG1 EXISTÊNCIA DE DEUS (P32_1); CG2 DEUS É CRIADOR DO UNIVERSO (P33_7); CG3 EXISTÊNCIA DO DEMÔNIO (P32_7); CG4 EXISTÊNCIA INFERNO/CASTIGO DOS MAUS (P33_2)

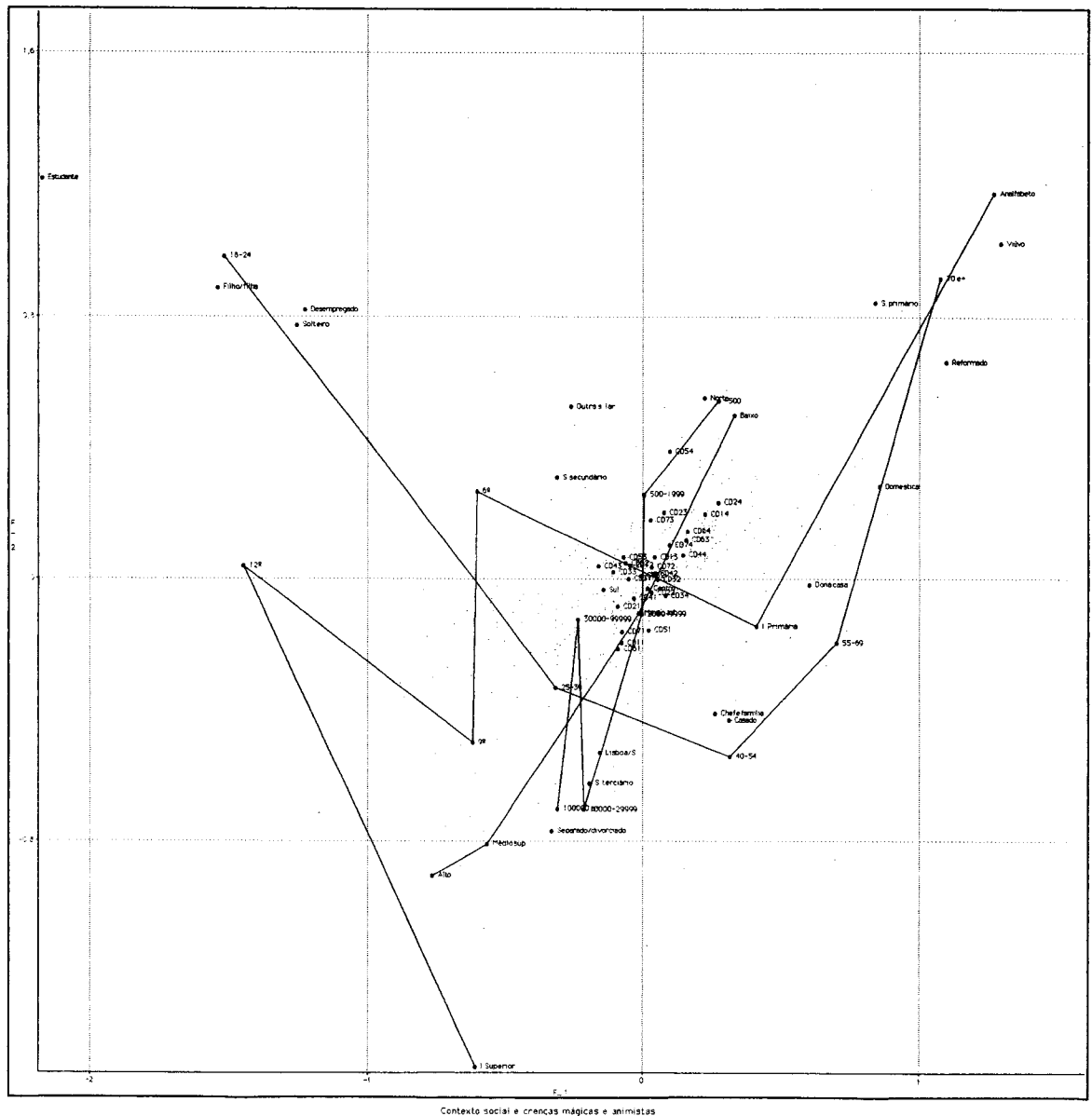
1 Ab. errada; 2 Pouco provável; 3 Muito provável; 4 Ab. certa.

Gráfico 88 - Plano 1/2 (e)⁵

5 Crenças cristãs

CR1 SANTÍSSIMA TRINDADE (P32_5); CR2 JESUS CRISTO É DEUS E HOMEM (P33_1); CR3 MORTE/RESSURREIÇÃO JESUS PARA SALVAR (P32_12); CR4 ESPÍRITO SANTO ACTUA: NA IGREJA-HOMEM (P33_6); CR5 IGREJA: SINAL PRESENÇA DE DEUS NO MUNDO (P32_10); CR6 BÍBLIA TEM VERDADES REVELADAS POR DEUS (P33_11); CR7 VIDA NO ALÉM DEPOIS DA MORTE (P32_9); CR8 RESSURREIÇÃO FINAL (P32_2)

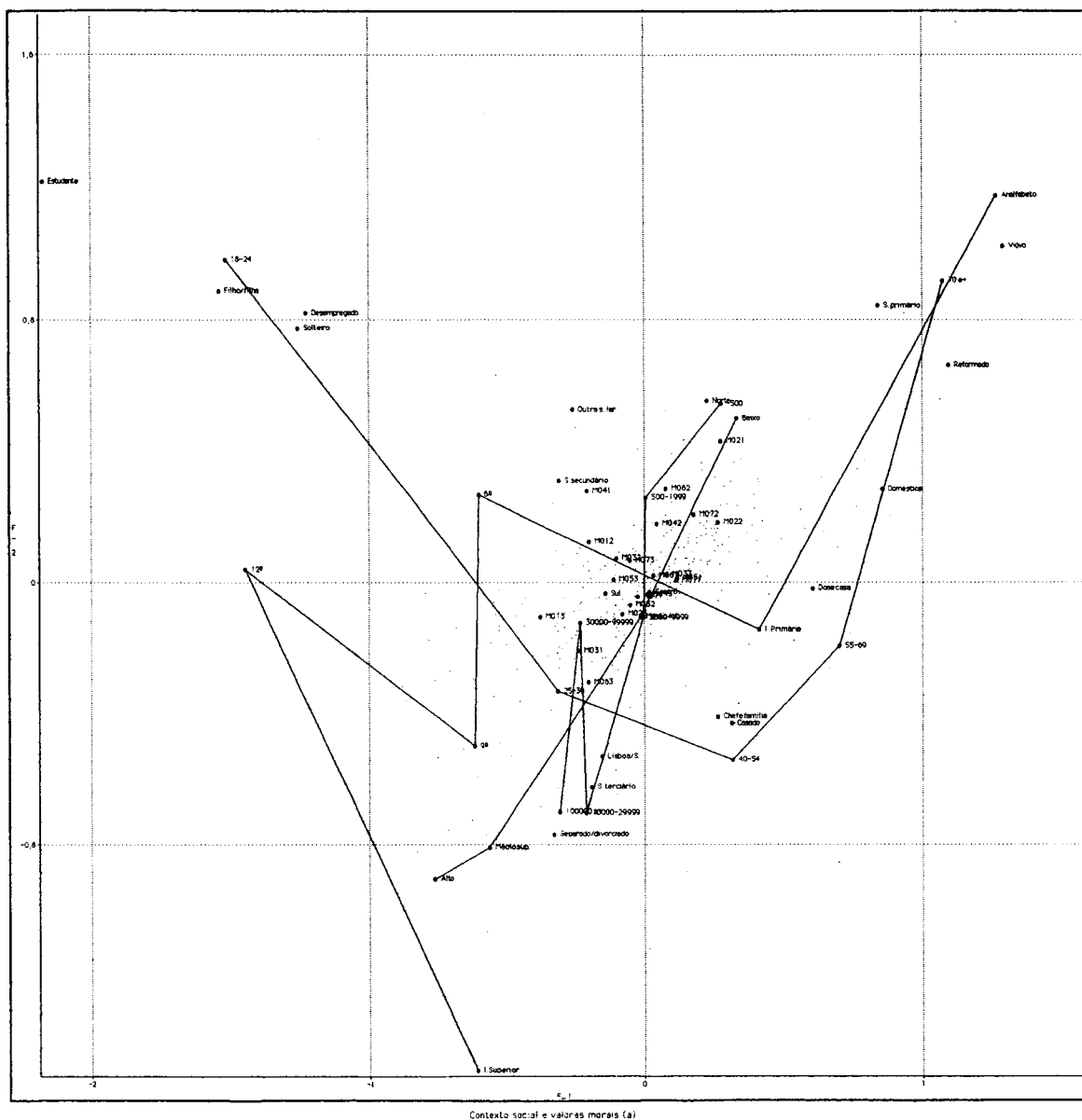
1 Ab. errada; 2 Pouco provável; 3 Muito provável; 4 Ab. certa.

Gráfico 90 - Plano 1/2 (g)⁷

7 Crenças animistas e mágicas

CD1 COMUNICAÇÃO COM MORTOS E SERES DIVINOS (P33_5); CD2 INTERFERÊNCIA MALÉFICA DOS MORTOS (P32_4); CD3 INFLUÊNCIA ASTROS DESTINO DAS PESSOAS (P32_6); CD4 AUXÍLIO DE VIDENTES E ASTRÓLOGOS (P32_11); CD5 VIRTUOSOS-CURANDEIROS CURAM DOENÇAS (P33_8); CD6 INFLUÊNCIA DE PRAGAS E MAUS OLHADOS (P33_3); CD7 PREMONIÇÃO DE OBJECTOS E ANIMAIS (P33_10)

1 Ab. errada; 2 Pouco provável; 3 Muito provável; 4 Ab. certa.

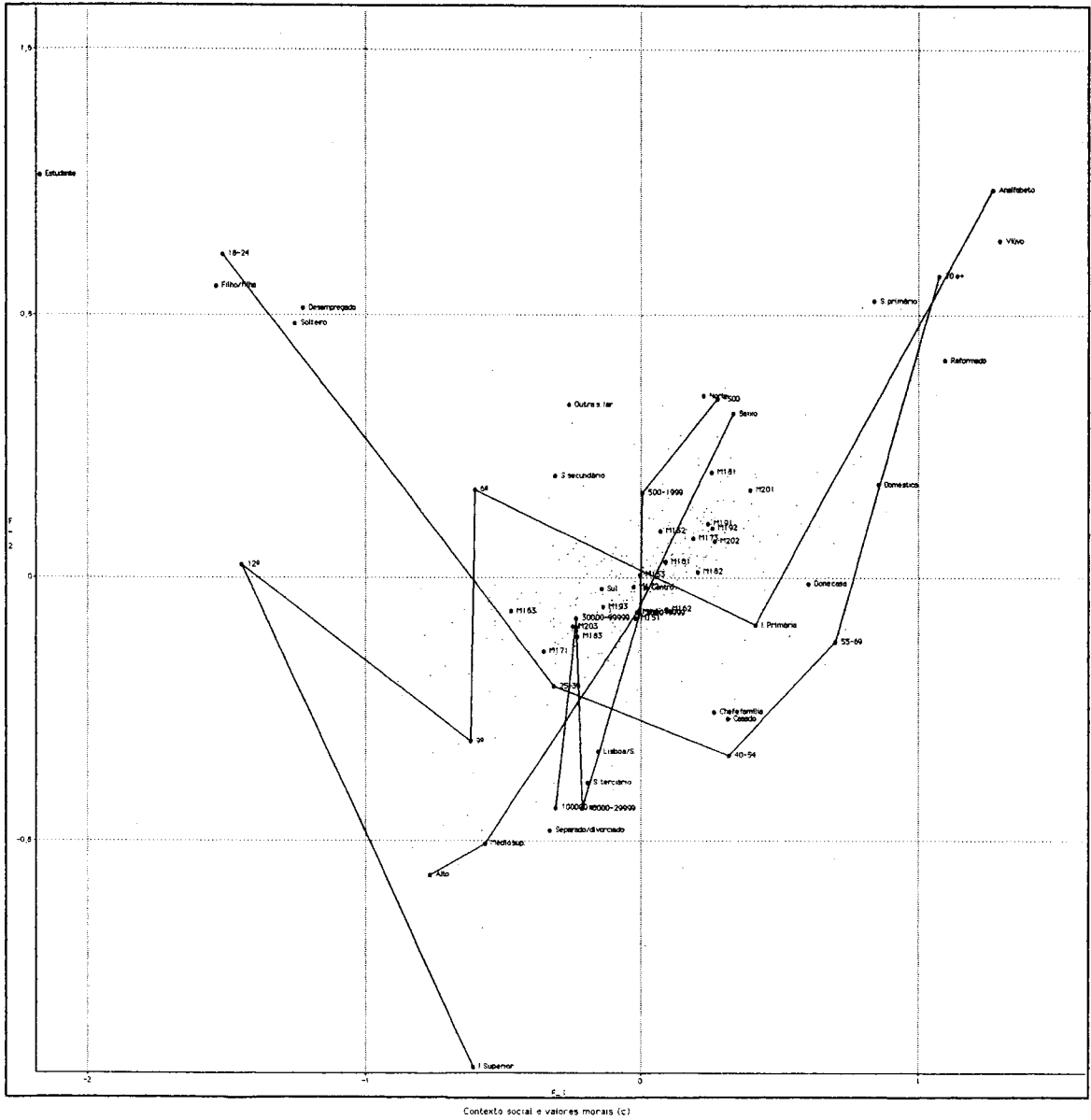
Gráfico 91 - Plano 1/2 (h)⁸

8 Valores morais (a)

M01# FACE AO MAL: NATURAL REVOLTA CONTRA DEUS (P64_10); M02 ACEITAÇÃO DA VERDADE DE OUTRAS RELIGIÕES (P54_9); M03 AMOR AO PRÓXIMO ATÉ AO SACRIFÍCIO DA VIDA (P67_9); M04 DEVER DEFESA VÍTIMAS DE CALÚNIAS/INJUSTIÇA (P67_1); M05# HÁ OFENSAS QUE NÃO TÊM PERDÃO (P54_2); M06# MENTIRA É ACEITÁVEL SE PROVEITOSA (P67_11); M07# PROMOÇÃO EMPREGO: QQ. MEIO É ACEITÁVEL (P67_7)

1 Desaprova; 2 N/apr/desaprova; Aprova.

Gráfico 93 - Plano 1/2 (j)¹⁰

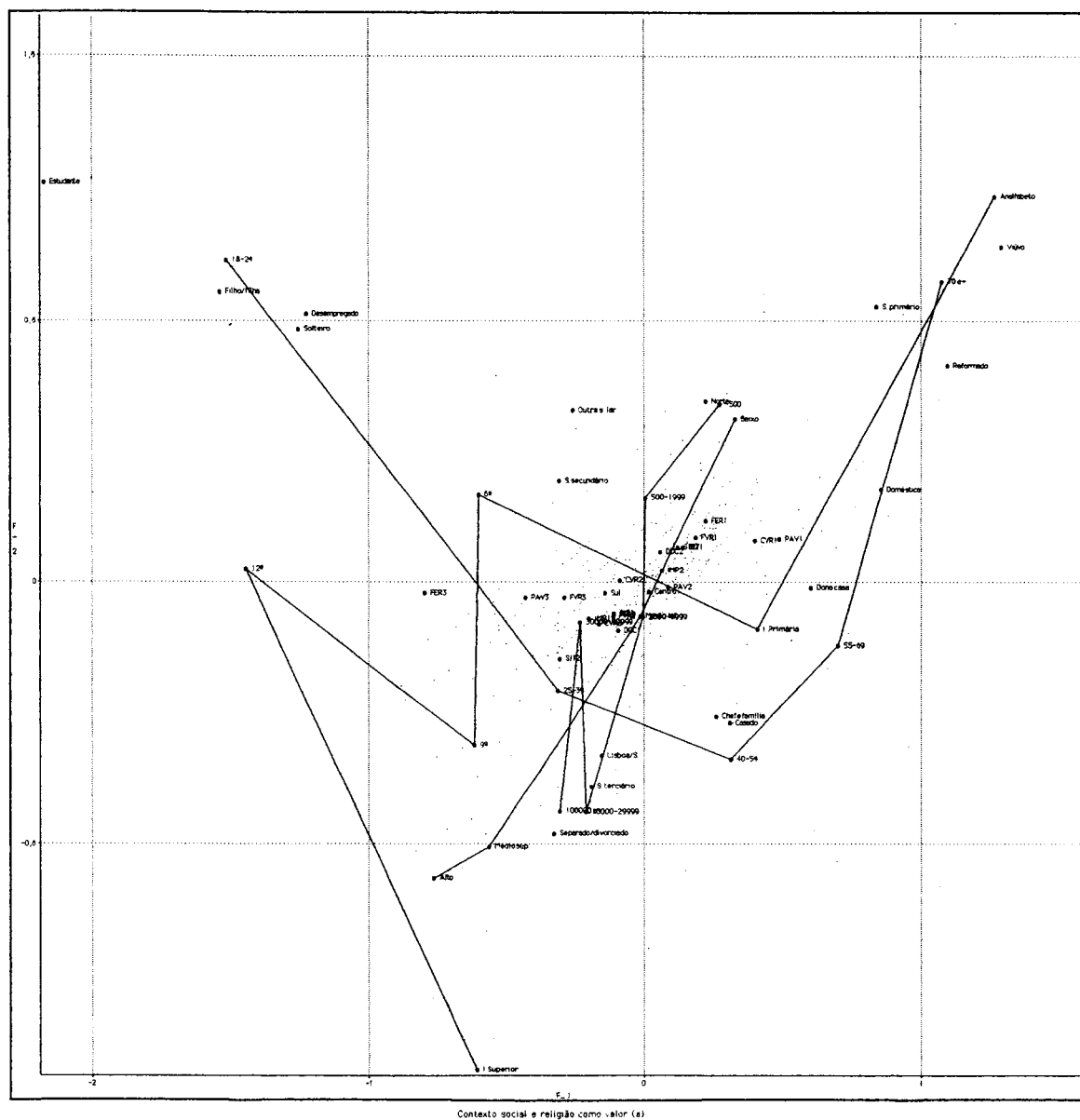


10 Valores morais (c)

M15 NÃO MATAR É UM VALOR ABSOLUTO (P64_5); M16# SUICÍDIO É ADMISSÍVEL SITUAÇÕES EXTREMAS (P67_3); M17 O ABORTO É SEMPRE CONDENÁVEL (P54_1); M18# QUALQUER MÉTODO CONTRACEPTIVO É LEGÍTIMO (P67_10); M19# DIVÓRCIO: A SOLUÇÃO DE CASAMENTO INFELIZ (P64_11); M20# VIVER MARITALMENTE: MORALMENTE ACEITÁVEL (P67_6)

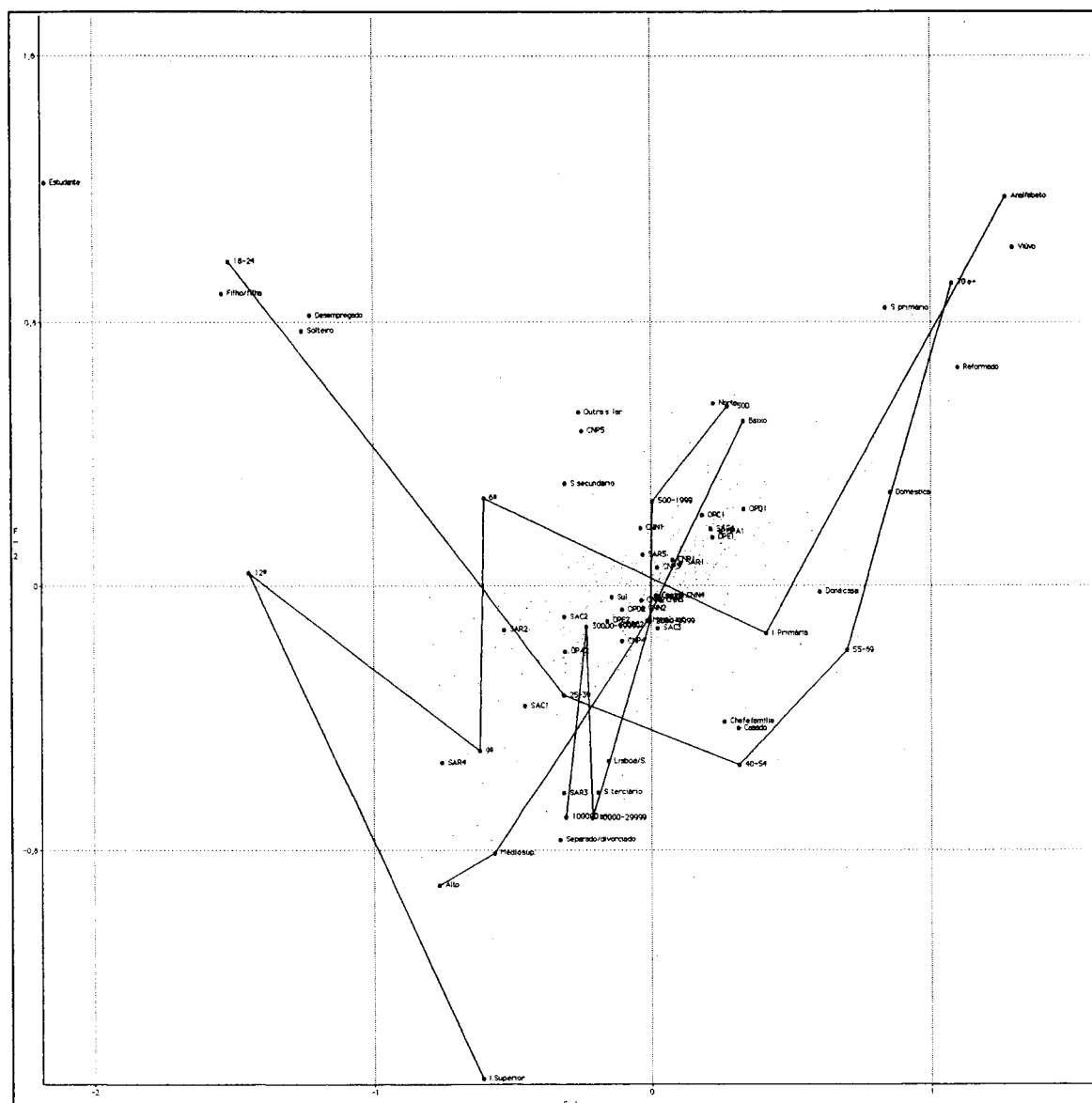
1 Desaprova; 2 N/apr/desaprova; 3 Aprova.

Gráfico 94 - Plano 1/2 (I)11



11 Religião como valor (a)

SIT POSSE DE OBJECTO RELIGIOSO: TERÇO (P40_1) SIT1 Tem terço SIT2 Não tem terço; SIB POSSE DE OBJECTO RELIGIOSO: BÍBLIA (P40_6) SIB1 Tem bíblia SIB2 Não tem bíblia; FER ATITUDE PAIS: EDUCAÇÃO RELIGIOSA FILHOS (P52) FER1 Promover educação FER2 Liberdade educação FER3 Oposição à educação; FVR ATITUDE PAIS: VOCAÇÃO RELIGIOSA DOS FILHOS (P53) FVR1 Encorajar vocação FVR2 Liberdade vocação FVR3 Oposição à vocação; CVR FREQ. DE CONVERSA SOBRE RELIGIÃO (P55_1) CVR1 Conv. regularmente CVR2 Conv. irregularmente CVR3 Nunca conversa; PAV ASSIDUIDADE PROGRAMAS AUDIO-VISUAIS (P56-P57) PAV1 Regularmente AV PAV2 Irregularmente AV PAV3 Nunca AV; IMP LEITURA DA IMPRENSA RELIGIOSA (P58-P60) IMP1 Fez leituras IMP2 Não fez leituras; DOC LEITURA DE DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA (P62-P63) DOC1 Leu documentos DOC2 Não leu documentos.

Gráfico 95 - Plano 1/2 (m)¹²

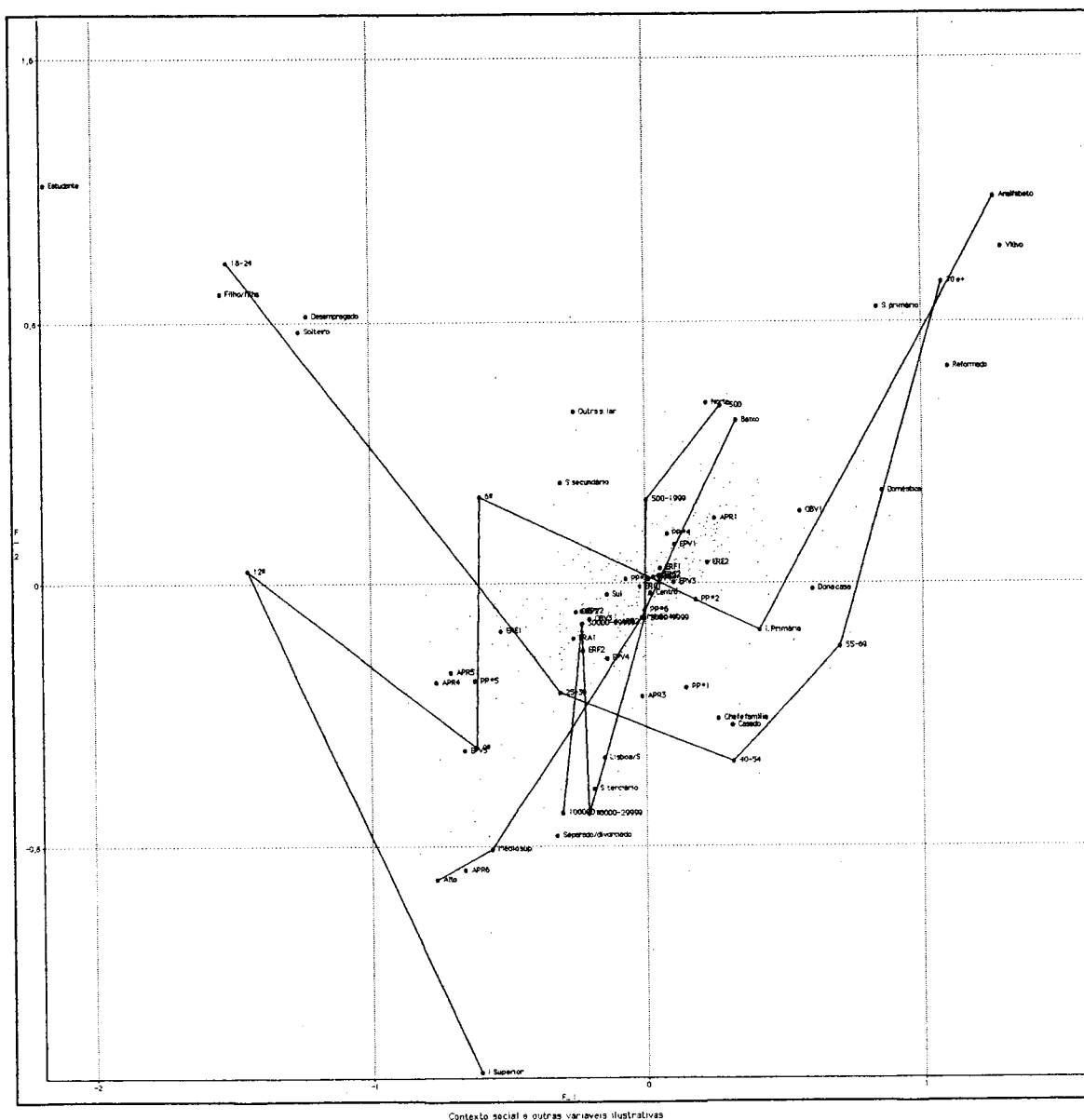
Contexto social e religião como valor (b)

12 Religião como valor (b)

OPC OPINIÃO: CELIBATO DOS PADRES (P65_1) OPD OPINIÃO: PROIBIÇÃO DO DIVÓRCIO (P65_2) OPE OPINIÃO: EXCLUSÃO MULHER DO SACERDÓCIO (P65_3) OPA OPINIÃO: CONDENAÇÃO DO ABORTO (P65_4): 1 Manter; 2 Alterar celibato; 3 N/s N/r.

SAC SENTIMENTO ANTICLERICAL (P68): 1 Anticlerical: alto; 2 Anticlerical: médio; 3 Anticlerical: baixo; 4 Anticlerical: nulo; 5 N/s N/r; SAR SENSIBILIDADE RELIGIOSA (P68): SAR1 Sensibilidade: alta; 2 Sensibilidade: média; 3 Sensibilidade: baixa; 4 Sensibilidade: nula; 5 N/s N/r; CNN O QUE É O NATAL (P69_1): CNN1 Nascimento Jesus CNN2 Festa familiar CNN3 Época Festiva CNN4 Outros significados; CNP O QUE É A PÁSCOA (P70_1): CNP1 Morte/Res. Cristo CNP2 Festa familiar CNP3 Época Festiva CNP4 Outros significados.

Gráfico 96 - Plano 1/2 (n)13



Contexto social e outras variáveis ilustrativas

13 Outras variáveis ilustrativas

APR AUTOPOSIÇÃO RELIGIOSA (P1-P3): APR1 Católico/praticante APR2 Cat./Não praticante APR3 Outras religiões APR4 Crente/sem religião APR5 Indiferente APR6 Descrente/ateu; ERF EDUCAÇÃO RELIGIOSA: FAMÍLIA (P51_1) ERC EDUCAÇÃO RELIGIOSA: CATEQUESE (P51_2) ERE EDUCAÇÃO RELIGIOSA: ESCOLA (P51_3) ERA EDUCAÇÃO RELIGIOSA: ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS (P51_5)

1. Educado; 2 Não educado.

OBV OBJECTIVO DE VIDA MAIS IMPORTANTE (P71_1): OBV1 Religioso OBV2 Social OBV3 Econ.-profissional OBV4 Individual; EPV OPINIÃO S/ EVOLUÇÃO VIVÊNCIA RELIGIOSA (P72) EPV1 Constância EPV2 Inconstância EPV3 Aumento EPV4 Diminuição EPV5 Abandono PP PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA (VC11) PP*1 CDS PP*2 PCP PP*3 PS PP*4 PSD PP*5 Outros partidos PP*6 Sem partido.

2.2. Plano 1/3

O plano 1/3 (cf. Gráfico 97) relaciona o ciclo da vida individual e das gerações (eixo 1) com o isolamento *versus* a integração social (eixo 3). Aquele é típico das regiões de Lisboa/Santarém e Sul, este, das do Norte/Interior e Centro Litoral.

Quanto ao culto colectivo (cf. Gráfico 98), observa-se que o isolamento (parte inferior do gráfico) é factor de uma menor intensidade de culto; a integração social é, pelo contrário, condicionante favorável a uma prática mais intensa (parte superior do gráfico). Interessante é notar que os indivíduos mais idosos (55 e mais anos) e menos instruídos tendem a ter um culto menos intenso se o ambiente for de isolamento social (cf. o quadrante inferior direito do gráfico). Por sua vez, os que têm idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos, sobretudo os da segunda fase da vida adulta e se trabalham em actividades profissionais relacionadas com o sector secundário, tendem a ter uma prática cultural mais intensa se o seu contexto de vida for de maior integração social. Neste plano, o culto colectivo dos mais jovens (18 a 24 anos) não se tipifica.

No que se refere ao culto individual (cf. Gráfico 99), o isolamento e a integração sociais exercem uma influência menos marcante, embora, nas fases da vida adulta, haja a tendência para um culto individual mais intenso que decresce com o isolamento social na velhice.

Relativamente às crenças religiosas (cf. Gráficos 100 a 102), as oposições são mais marcadas pelo fenómeno das gerações do que pelo do isolamento e integração sociais. Com efeito, as modalidades das variáveis das crenças situam-se no centro

do gráfico. Excepção é a tendência maior para a descrença ou dúvida forte nas crenças gerais I e II e nas crenças cristãs que marcam os meios demograficamente mais volumosos (cf. o lado esquerdo dos Gráficos 100 e 101).

A certeza nas crenças animistas e mágicas (CD.4) tende a ser mais forte entre os mais velhos (55 e mais anos), sobretudo se vivem na situação de isolamento social (cf. Gráfico 103).

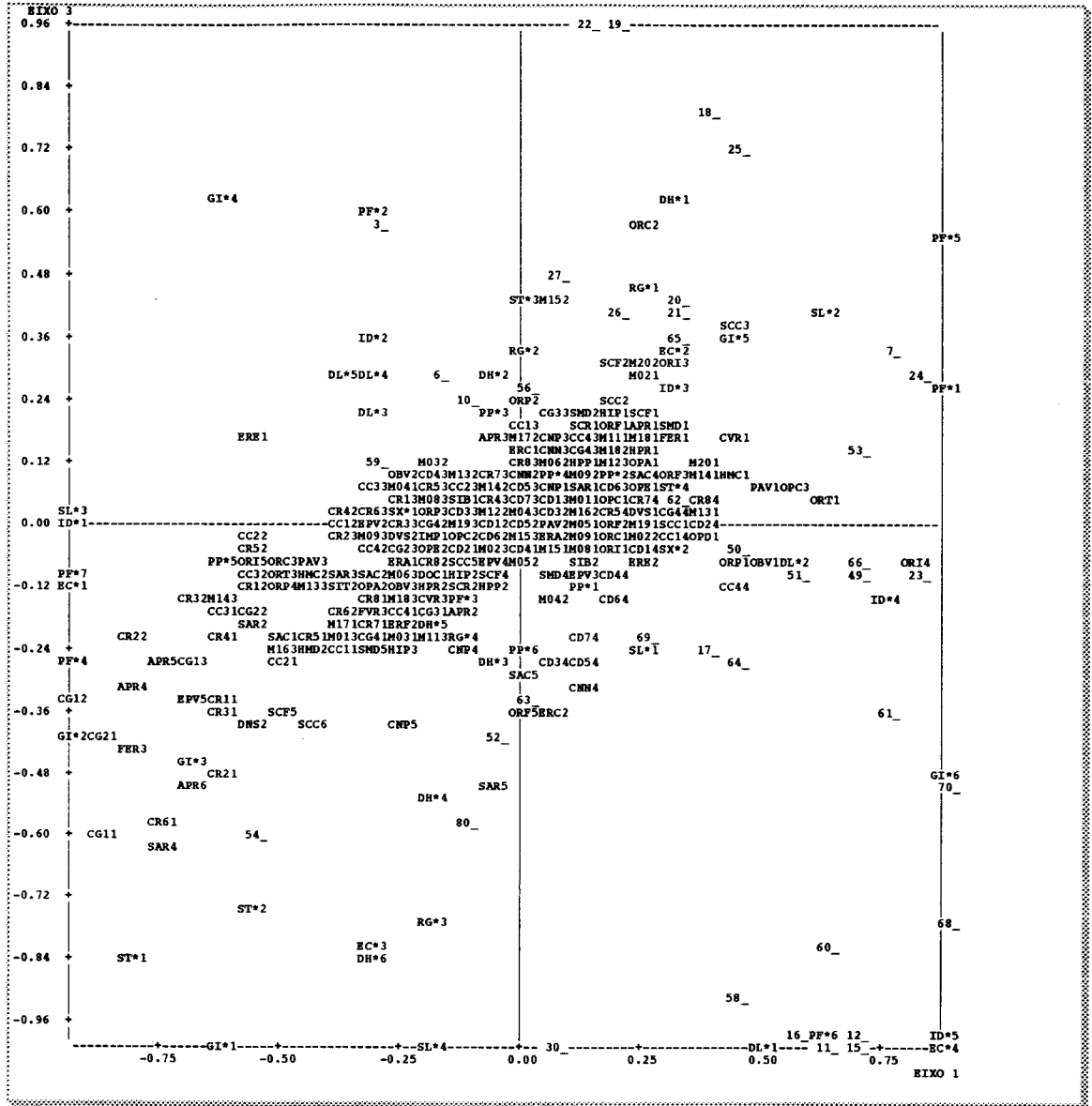
Quanto aos valores morais (cf. Gráficos 104 a 106), o contexto de vida marcado pela maior integração (parte inferior dos gráficos) tende a levar ao afastamento dos padrões católicos, embora com pouca evidência relativamente aos mais idosos.

No que se refere à religião como valor nota-se que a oposição à educação religiosa (cf. Gráfico 107) e os sentimentos mais fortemente anticlericais (cf. Gráfico 108) são mais comuns se o ambiente é de isolamento social.

No que se refere ao autoposicionamento religioso (cf. Gráfico 109) observa-se a tendência para se terem outras posições religiosas que não a católica da parte dos que vivem num contexto de isolamento cuja influência sobre os mais velhos e analfabetos é menor. Tais posições estão relacionadas sobretudo com os meios mais populosos e com os estratos sociais mais elevados.

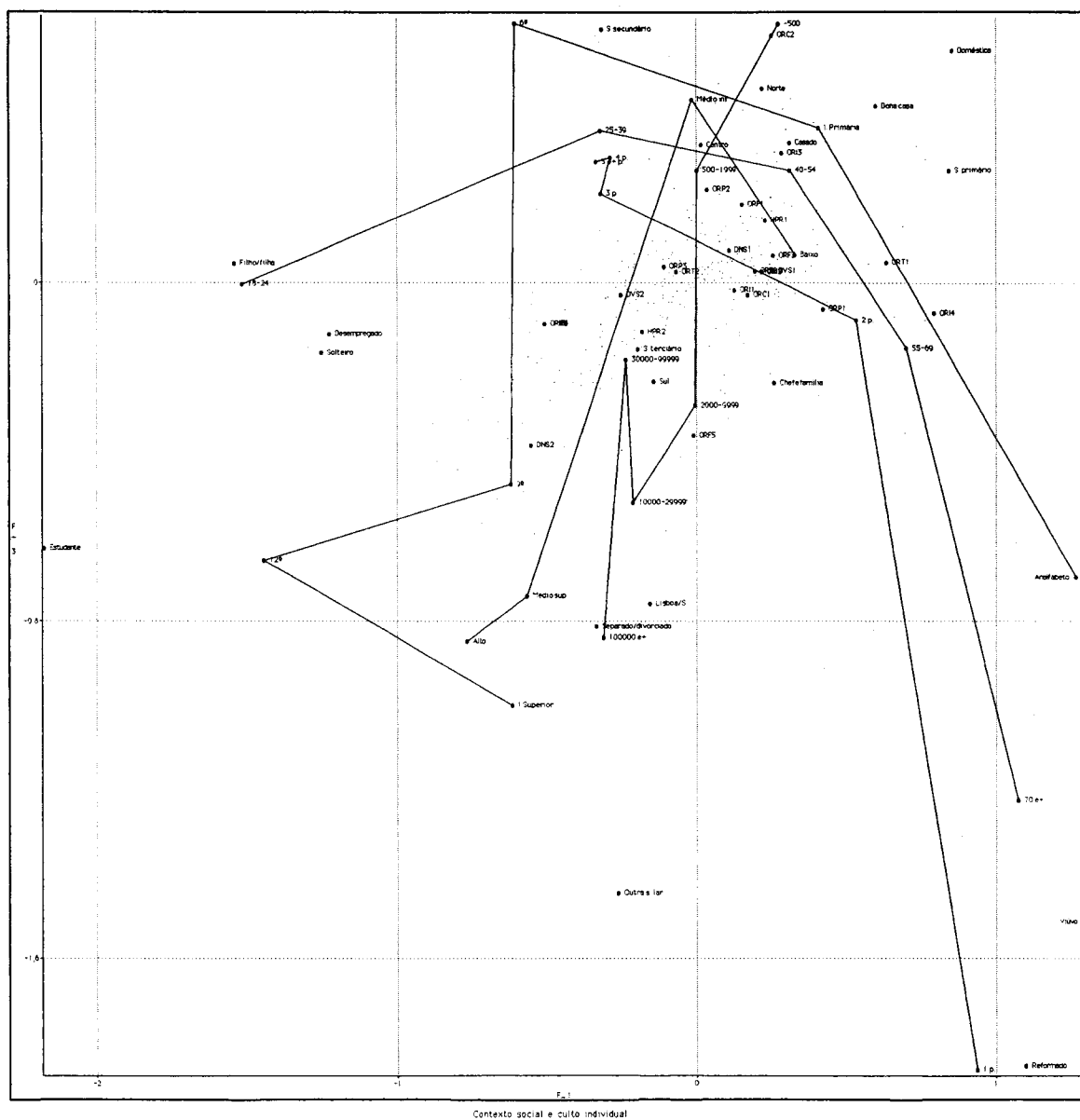
Concluindo, diremos que relativamente à importância das gerações há que fazer uma ressalva: os mais velhos não são mais religiosos se, porventura, o seu estilo de vida for de isolamento social. Os indivíduos da idade adulta tendem a ter comportamentos mais religiosos se o ambiente envolvente tiver um estilo mais comunitário. Este favorece, sobretudo, a prática cultural. Daqui se pode inferir a importância da dimensão social da religião.

Gráfico 97 - Plano 1/3 (a)¹⁴



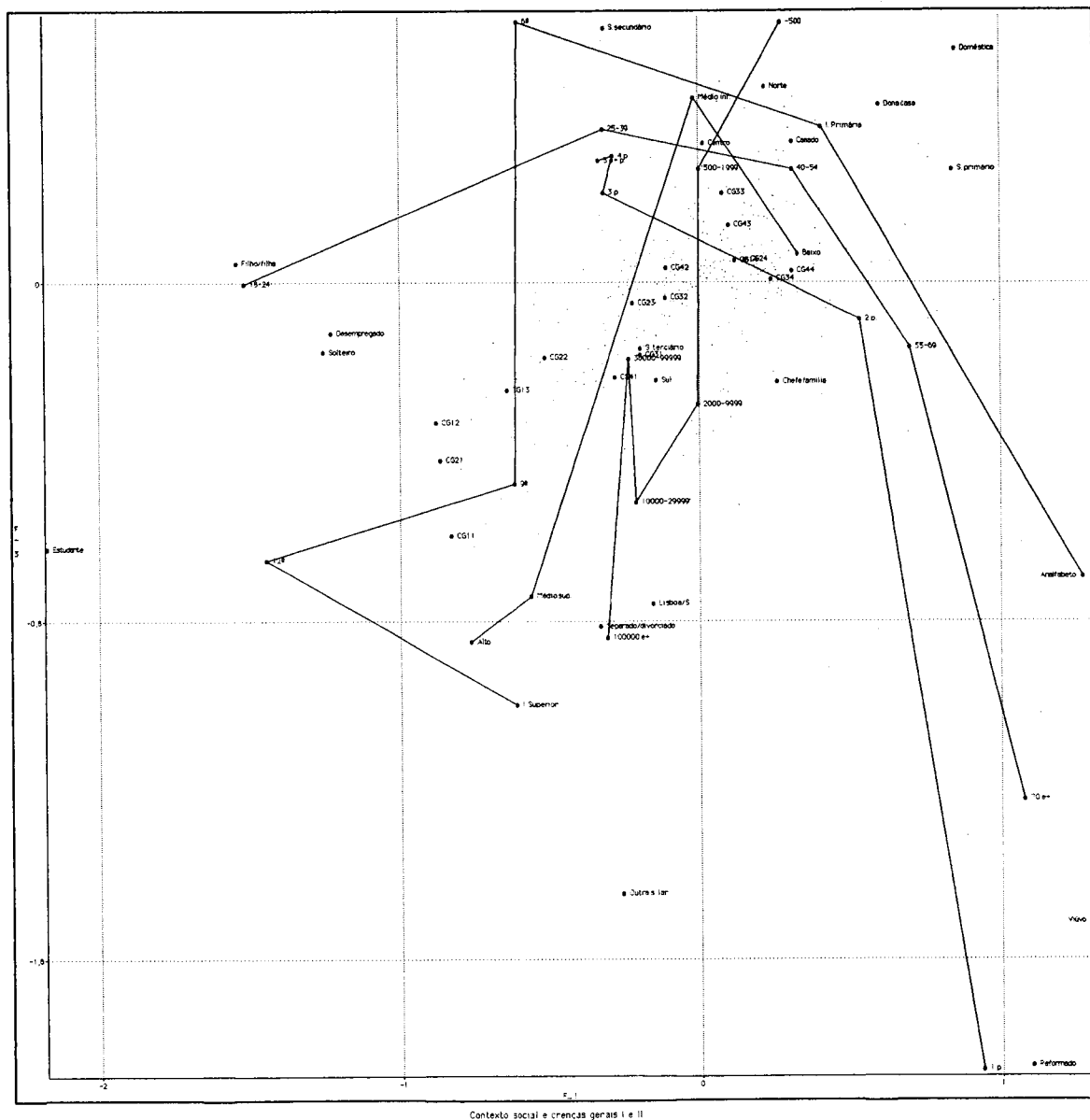
14 Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

Gráfico 99 - Plano 1/3 (c)16



16 Culto individual

ORP FREQUÊNCIA DA ORAÇÃO PESSOAL (P34-P35) ORP1 Reza todos os dias ORP2 Reza quase todos ORP3 Reza mais raramente ORP4 Nunca reza; ORC CONTEXTO DA ORAÇÃO (P36) ORC1 Reza sozinho ORC2 Reza em grupo ORC3 Nunca reza; ORI INVOCACÕES NA ORAÇÃO (P37_1) ORI1 A Deus ORI2 A Jesus Cristo ORI3 A Nª Senhora ORI4 A outros santos ORI5 Nunca reza; ORT HÁBITO DE REZAR O TERÇO (P38) ORT1 Reza o terço ORT2 Não reza o terço ORT3 Nunca reza; ORF FINALIDADE PREDOMINANTE NA ORAÇÃO (P39_1) ORF1 Agradecer/louvar ORF2 Pedidos espirituais ORF3 Pedidos materiais ORF4 Nunca reza ORF5 Não responde; DNS DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA (P41) DNS1 Devoto de Nª Sª DNS2 Não é devoto Nª Sª; DVS DEVOÇÃO A SANTOS (P42) DVS1 Devoto de santos DVS2 Não é devoto santos; HPR HÁBITO DE FAZER PROMESSAS (P44) HPR1 Faz promessas HPR2 Não faz promessas.

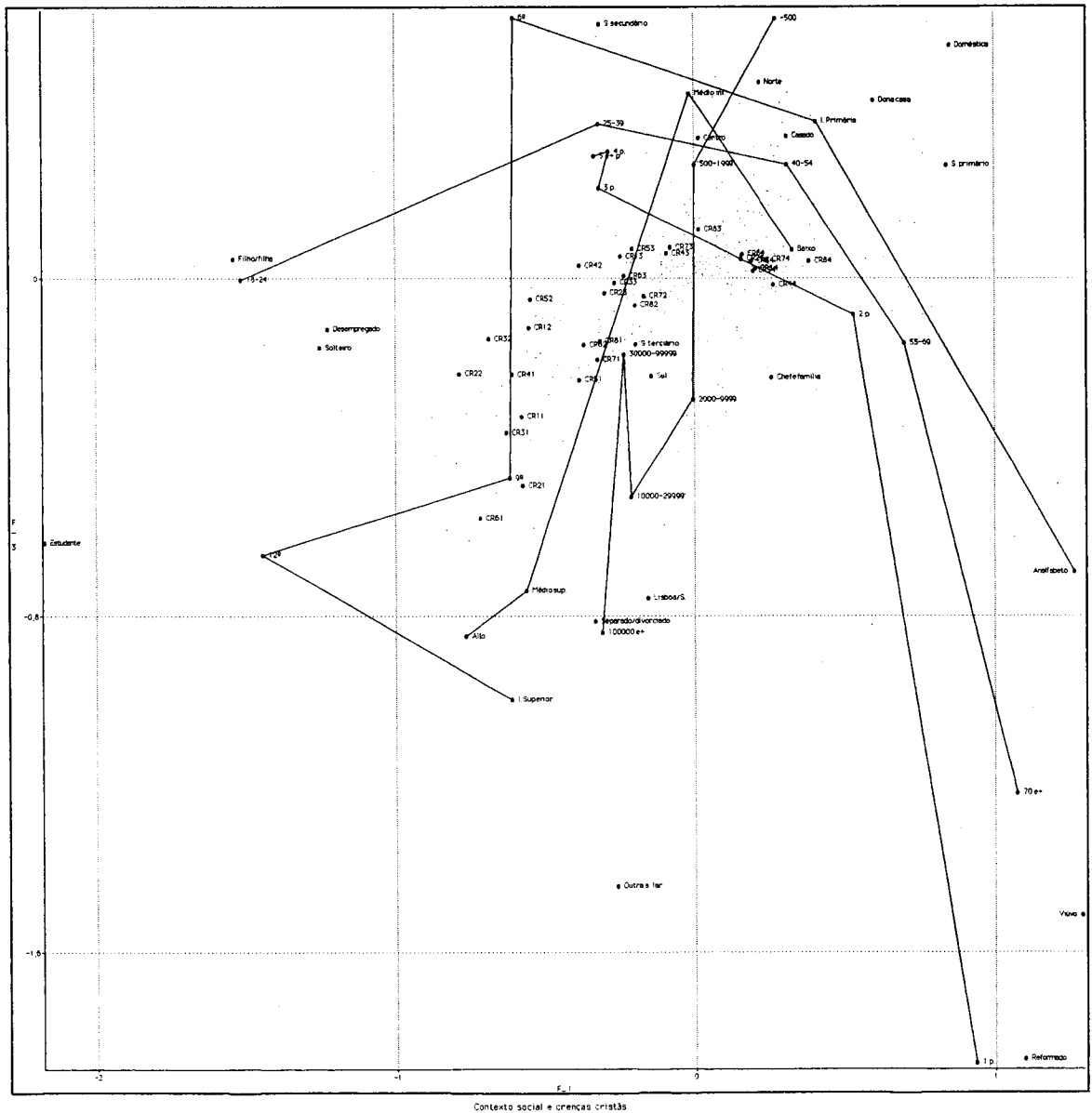
Gráfico 100 - Plano 1/3 (d)¹⁷

17 Crenças gerais I e II

CG1 EXISTÊNCIA DE DEUS (P32_1); CG2 DEUS É CRIADOR DO UNIVERSO (P33_7); CG3 EXISTÊNCIA DO DEMÔNIO (P32_7); CG4 EXISTÊNCIA INFERNO/CASTIGO DOS MAUS (P33_2)

1 Ab. errada; 2 Pouco provável; 3 Muito provável; 4 Ab. certa.

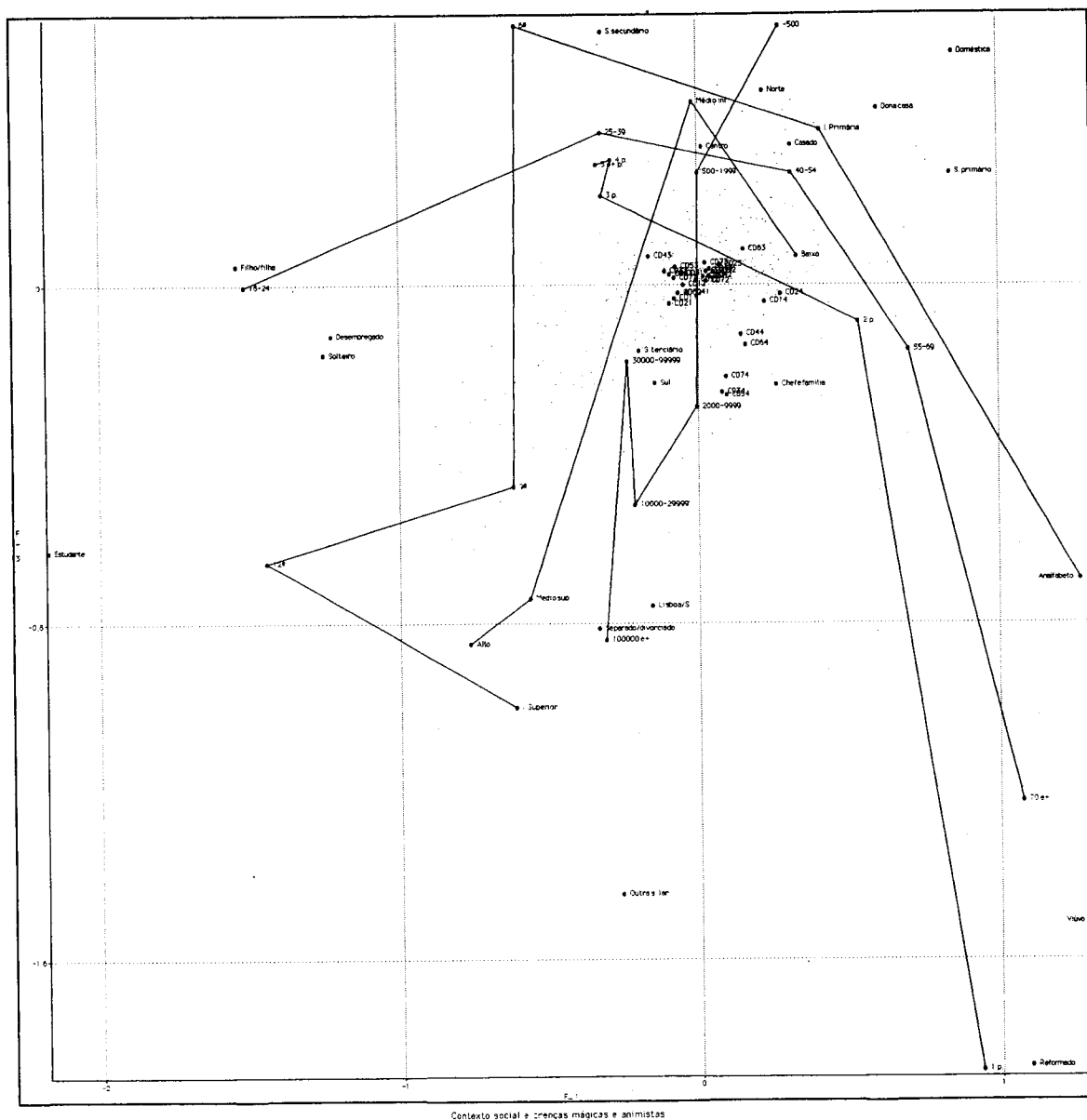
Gráfico 101 - Plano 1/3 (e)18



18 Crenças cristãs

CR1 SANTÍSSIMA TRINDADE (P32_5); CR2 JESUS CRISTO É DEUS E HOMEM (P33_1); CR3 MORTE/RESSURREIÇÃO JESUS PARA SALVAR (P32_12); CR4 ESPÍRITO SANTO ACTUA: NA IGREJA-HOMEM (P33_6); CR5 IGREJA: SINAL PRESENÇA DE DEUS NO MUNDO (P32_10); CR6 BÍBLIA TEM VERDADES REVELADAS POR DEUS (P33_11); CR7 VIDA NO ALÉM DEPOIS DA MORTE (P32_9); CR8 RESSURREIÇÃO FINAL (P32_2)

1 Ab. errada; 2 Pouco provável; 3 Muito provável; 4 Ab. certa.

Gráfico 103 - Plano 1/3 (g)²⁰

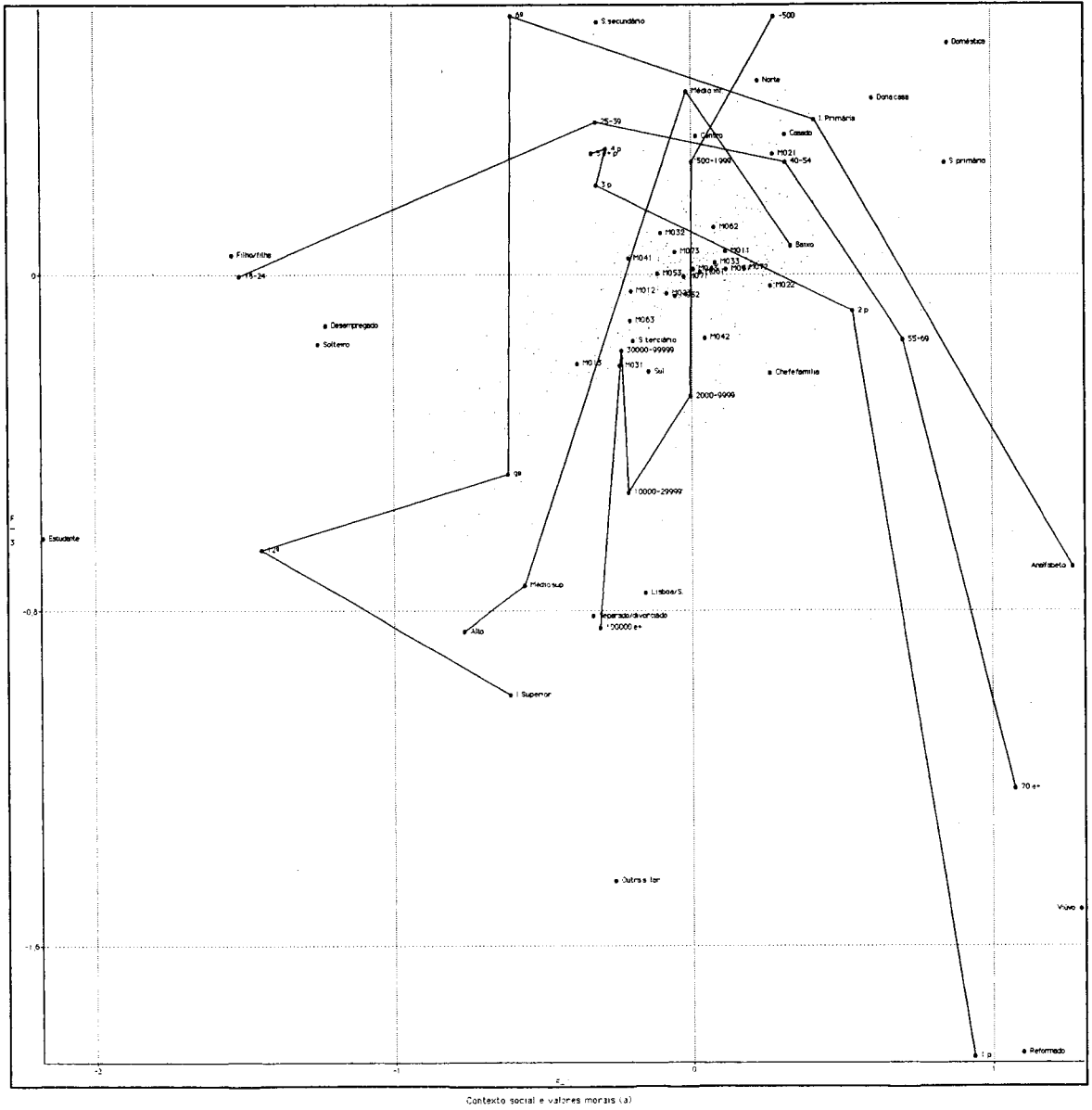
Contexto social e crenças mágicas e animistas

20 Crenças animistas e mágicas

CD1 COMUNICAÇÃO COM MORTOS E SERES DIVINOS (P33_5); CD2 INTERFERÊNCIA MALÉFICA DOS MORTOS (P32_4); CD3 INFLUÊNCIA ASTROS DESTINO DAS PESSOAS (P32_6); CD4 AUXÍLIO DE VIDENTES E ASTRÓLOGOS (P32_11); CD5 VIRTUOSOS-CURANDEIROS CURAM DOENÇAS (P33_8); CD6 INFLUÊNCIA DE PRAGAS E MAUS OLHADOS (P33_9); CD7 PREMONIÇÃO DE OBJECTOS E ANIMAIS (P33_10)

1 Ab. errada; 2 Pouco provável; 3 Muito provável; 4 Ab. certa.

Gráfico 104 - Plano 1/3 (h) 21

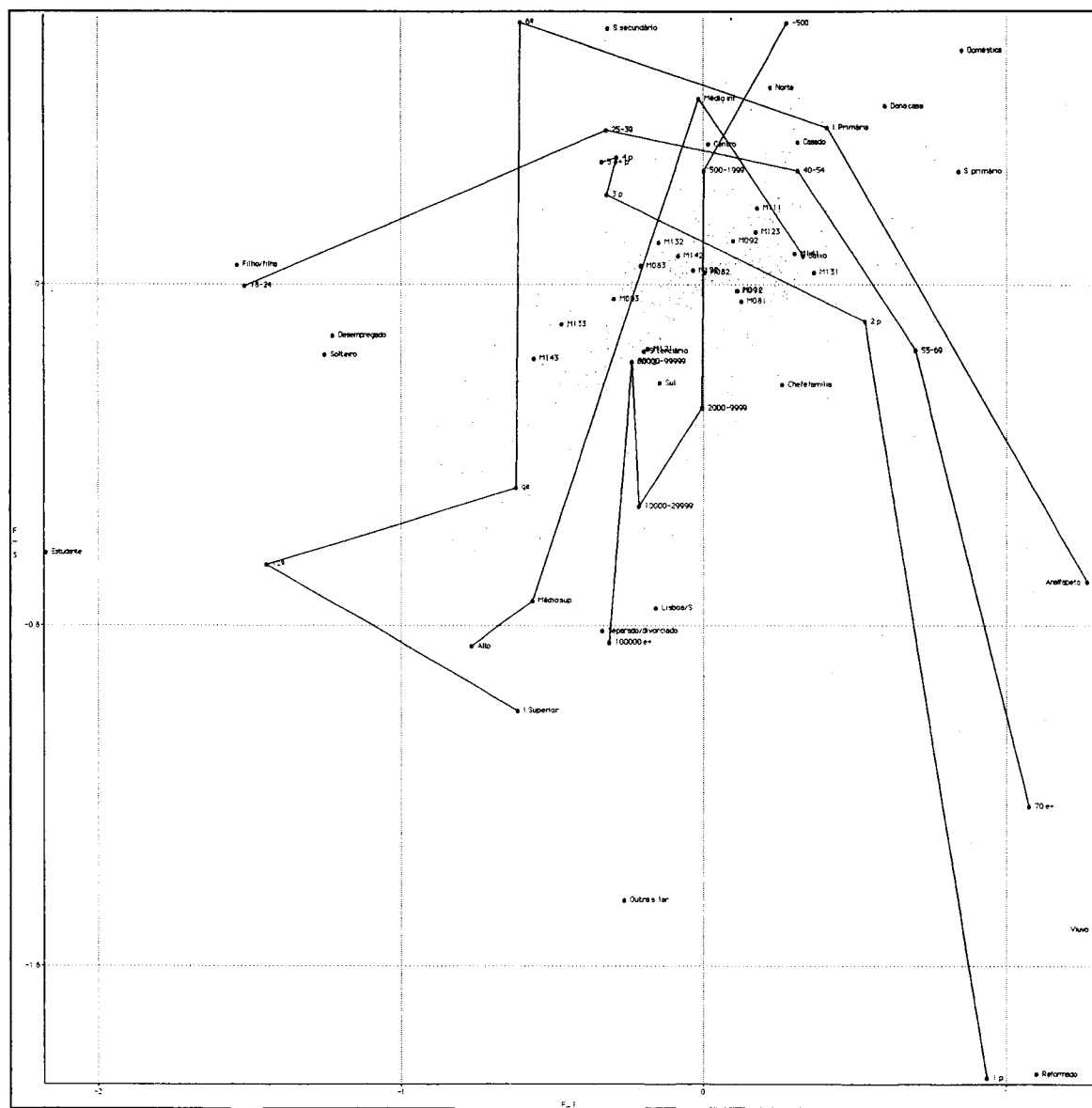


21 Valores morais (a)

M01# FACE AO MAL: NATURAL REVOLTA CONTRA DEUS (P64_10); M02 ACEITAÇÃO DA VERDADE DE OUTRAS RELIGIÕES (P54_9); M03 AMOR AO PRÓXIMO ATÉ AO SACRIFÍCIO DA VIDA (P67_9); M04 DEVER DEFESA VÍTIMAS DE CALÚNIAS/INJUSTIÇA (P67_1); M05# HÁ OFENSAS QUE NÃO TÊM PERDÃO (P54_2); M06# MENTIRA É ACEITÁVEL SE PROVEITOSA (P67_11); M07# PROMOÇÃO EMPREGO: QQ. MEIO É ACEITÁVEL (P67_7)

1 Desaprova; 2 N/apr/desaprova; Aprova.

Gráfico 105 - Plano 1/3 (i)22



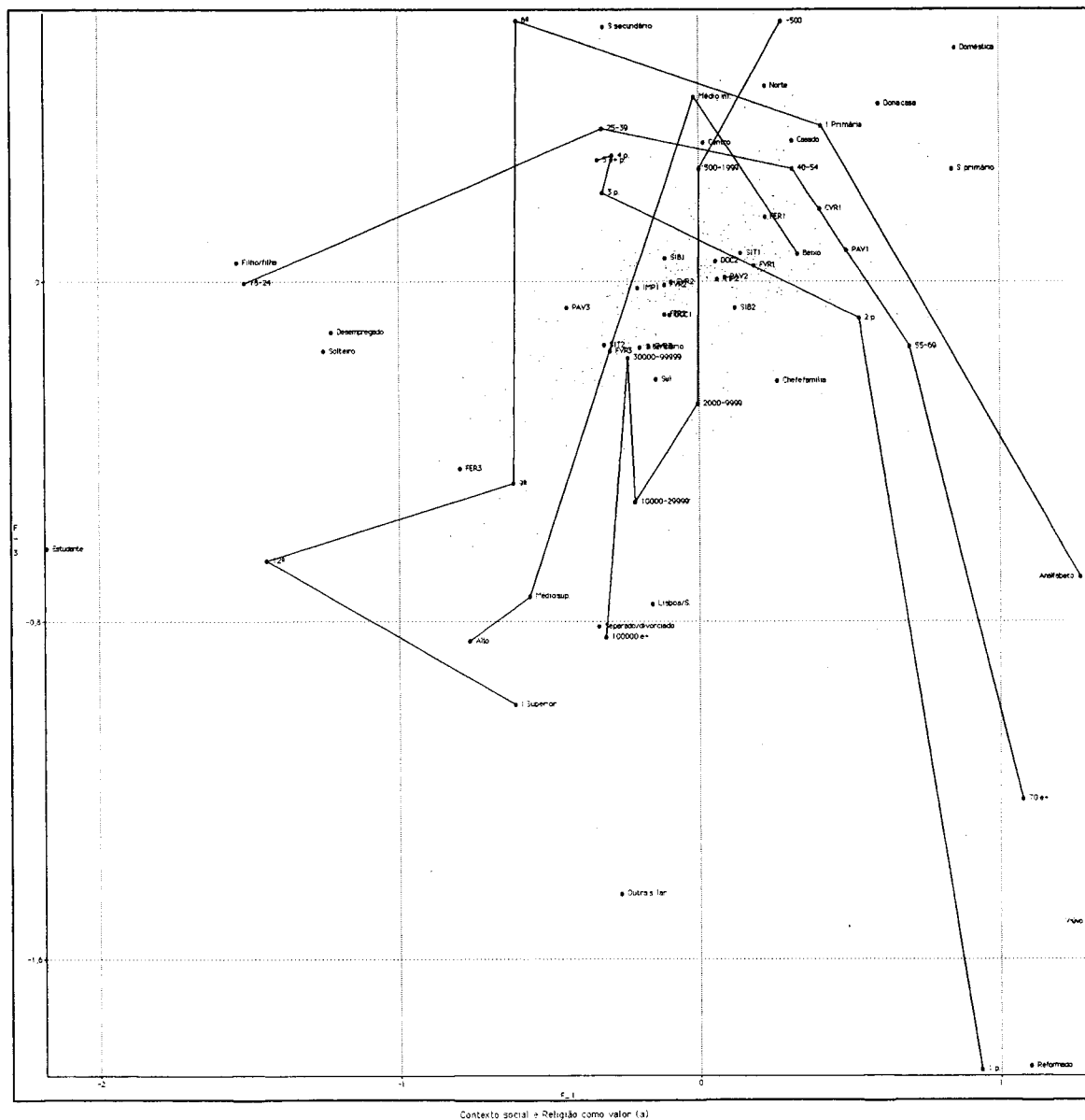
Contexto social e valores morais (b)

22 Valores morais (b)

M08# SALÁRIO BAIXO: JUSTO TRABALHAR MENOS (P64_9); M09# É ACEITÁVEL FUGIR AOS IMPOSTOS *56 (P64_6);
 M11# TOTAL LIBERDADE FILHOS DEPOIS PUBERDADE *57 (P67_2) M12 DIREITO FILHOS: NAO DIVÓRCIO DE PAIS *58
 (P54_10) M13# LEGÍTIMO TV PASSAR FILMES PORNOGRÁFICOS *59 (P64_2) M14# A HOMOSSEXUALIDADE É NATURAL
 *60 (P64_7)

1 Desaprova; 2 N/apr/desaprova; 3 Aprova.

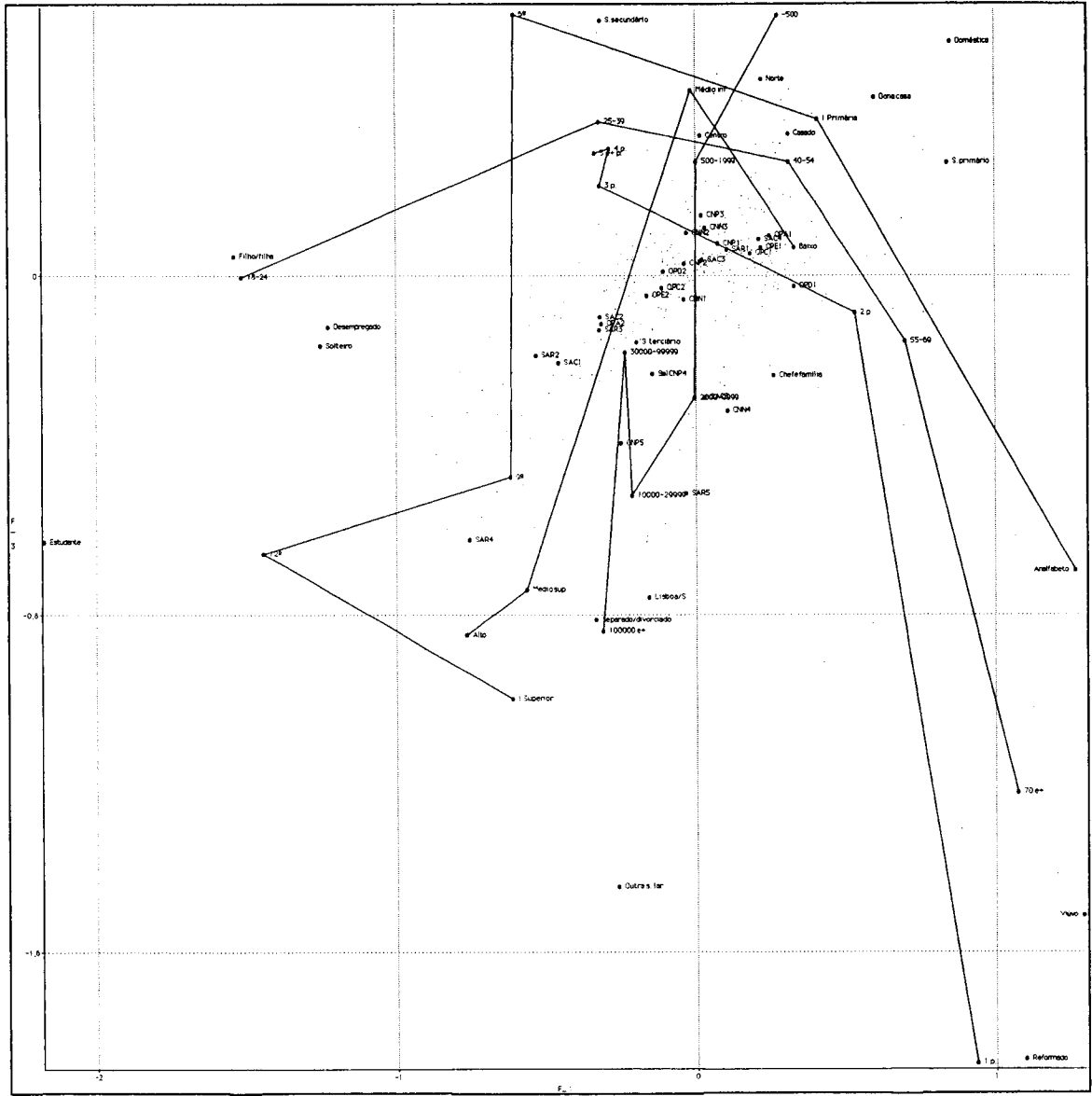
Gráfico 107 - Plano 1/3 (1)24



24 Religião como valor (a)

SIT POSSE DE OBJECTO RELIGIOSO: TERÇO (P40_1) SIT1 Tem terço SIT2 Não tem terço; SIB POSSE DE OBJECTO RELIGIOSO: BÍBLIA (P40_6) SIB1 Tem bíblia SIB2 Não tem bíblia; FER ATITUDE PAIS: EDUCAÇÃO RELIGIOSA FILHOS (P52) FER1 Promover educação FER2 Liberdade educação FER3 Oposição à educação; FVR ATITUDE PAIS: VOCAÇÃO RELIGIOSA DOS FILHOS (P53) FVR1 Encorajar vocação FVR2 Liberdade vocação FVR3 Oposição à vocação; CVR FREQ. DE CONVERSA SOBRE RELIGIÃO (P55_1) CVR1 Conv. regularmente CVR2 Conv. irregularmente CVR3 Nunca conversa; PAV ASSIDUIDADE PROGRAMAS AUDIO-VISUAIS (P56-P57) PAV1 Regularmente AV PAV2 Irregularmente AV PAV3 Nunca AV; IMP LEITURA DA IMPRENSA RELIGIOSA (P58-P60) IMP1 Fez leituras IMP2 Não fez leituras; DOC LEITURA DE DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA (P62-P63) DOC1 Leu documentos DOC2 Não leu documentos.

Gráfico 108 - Plano 1/3 (m)25



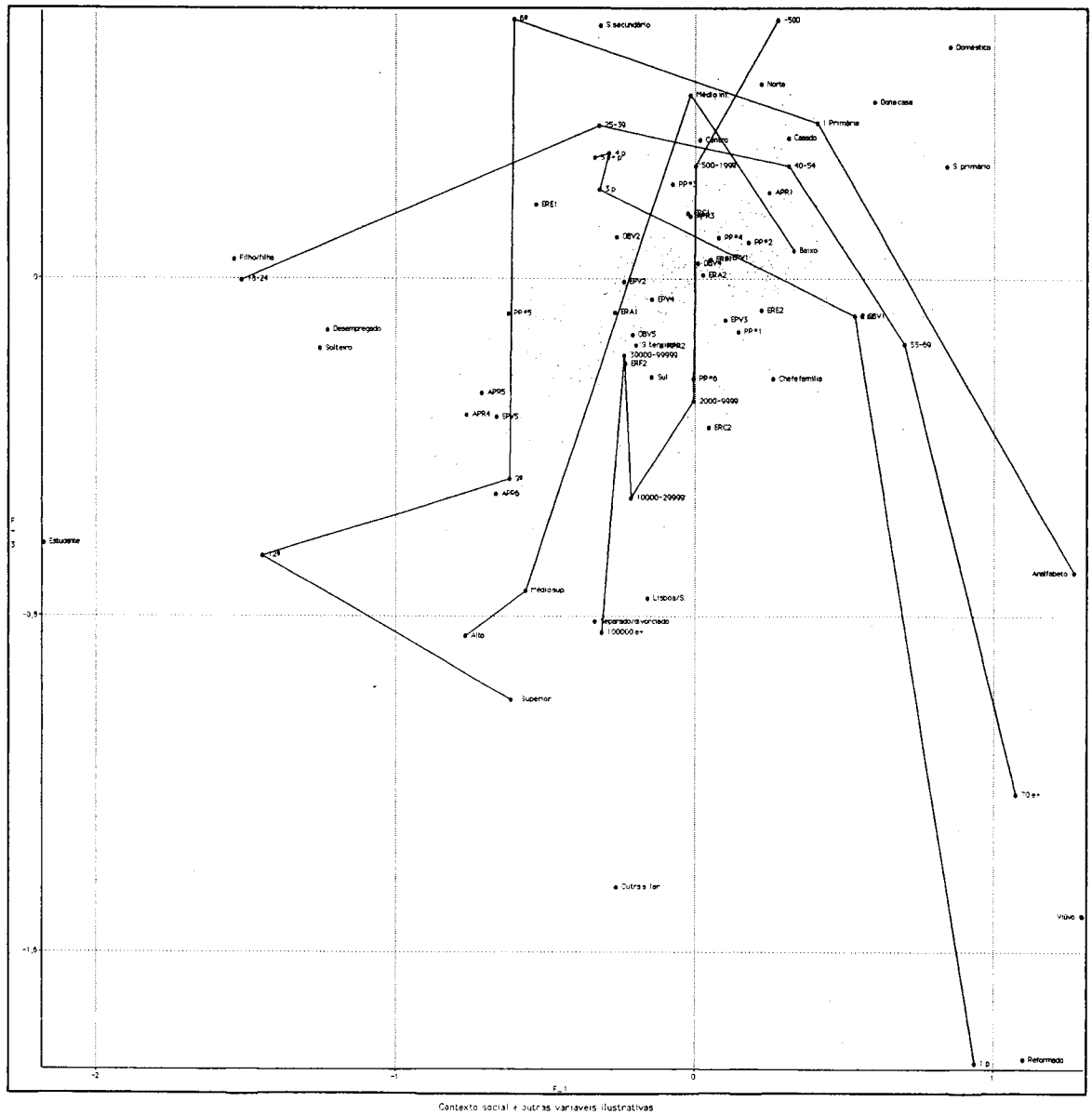
Contexto social + Religião como valor (b)

25 Religião como valor (b)

OPC OPINIÃO: CELIBATO DOS PADRES (P65_1) OPD OPINIÃO: PROIBIÇÃO DO DIVÓRCIO (P65_2) OPE OPINIÃO: EXCLUSÃO MULHER DO SACERDÓCIO (P65_3) OPA OPINIÃO: CONDENÇÃO DO ABORTO (P65_4): 1 Manter; 2 Alterar celibato; 3 N/s N/r.

SAC SENTIMENTO ANTICLERICAL (P68): 1 Anticlerical: alto; 2 Anticlerical: médio; 3 Anticlerical: baixo; 4 Anticlerical: nulo; 5 N/s N/r; SAR SENSIBILIDADE RELIGIOSA (P68): SAR1 Sensibilidade: alta; 2 Sensibilidade: média; 3 Sensibilidade: baixa; 4 Sensibilidade: nula; 5 N/s N/r; CNN O QUE É O NATAL (P69_1): CNN1 Nascimento Jesus CNN2 Festa familiar CNN3 Época Festiva CNN4 Outros significados; CNP O QUE É A PASCOA (P70_1): CNP1 Morte/Res. Cristo CNP2 Festa familiar CNP3 Época Festiva CNP4 Outros significados.

Gráfico 109 - Plano 1/3 (n)26



Contexto social e outras variáveis ilustrativas

26 Outras variáveis ilustrativas

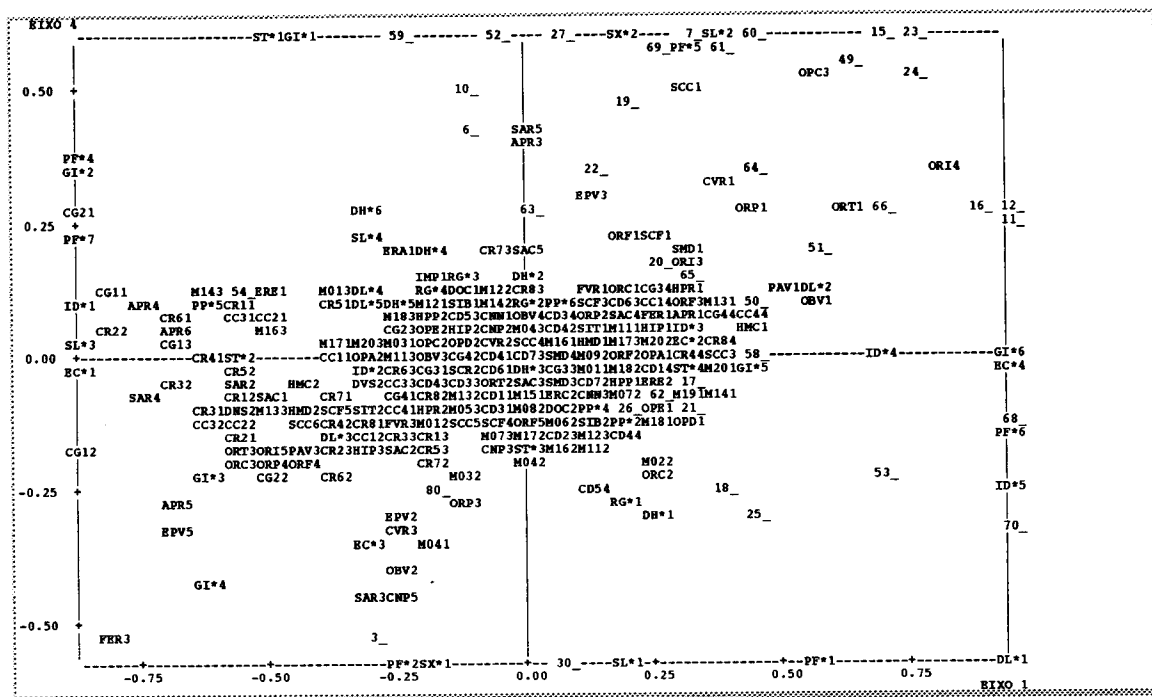
APR AUTOPOSIÇÃO RELIGIOSA (P1-P3): APR1 Católico/praticante APR2 Cat./Não praticante APR3 Outras religiões APR4 Crente/sem religião APR5 Indiferente APR6 Descrente/ateu; ERF EDUCAÇÃO RELIGIOSA: FAMÍLIA (P51_1) ERC EDUCAÇÃO RELIGIOSA: CATEQUESE (P51_2) ERE EDUCAÇÃO RELIGIOSA: ESCOLA (P51_3) ERA EDUCAÇÃO RELIGIOSA: ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS (P51_5)

1. Educado; 2 Não educado.

OBV OBJECTIVO DE VIDA MAIS IMPORTANTE (P71_1): OBV1 Religioso OBV2 Social OBV3 Econ.-profissional OBV4 Individual; EPV OPINIÃO S/ EVOLUÇÃO VIVÊNCIA RELIGIOSA (P72) EPV1 Constância EPV2 Inconstância EPV3 Aumento EPV4 Diminuição EPV5 Abandono PP PREFERÊNCIA PARTIDARIA (VC11) PP*1 CDS PP*2 PCP PP*3 PS PP*4 PSD PP*5 Outros partidos PP*6 Sem partido.

2.3. Plano 1/4

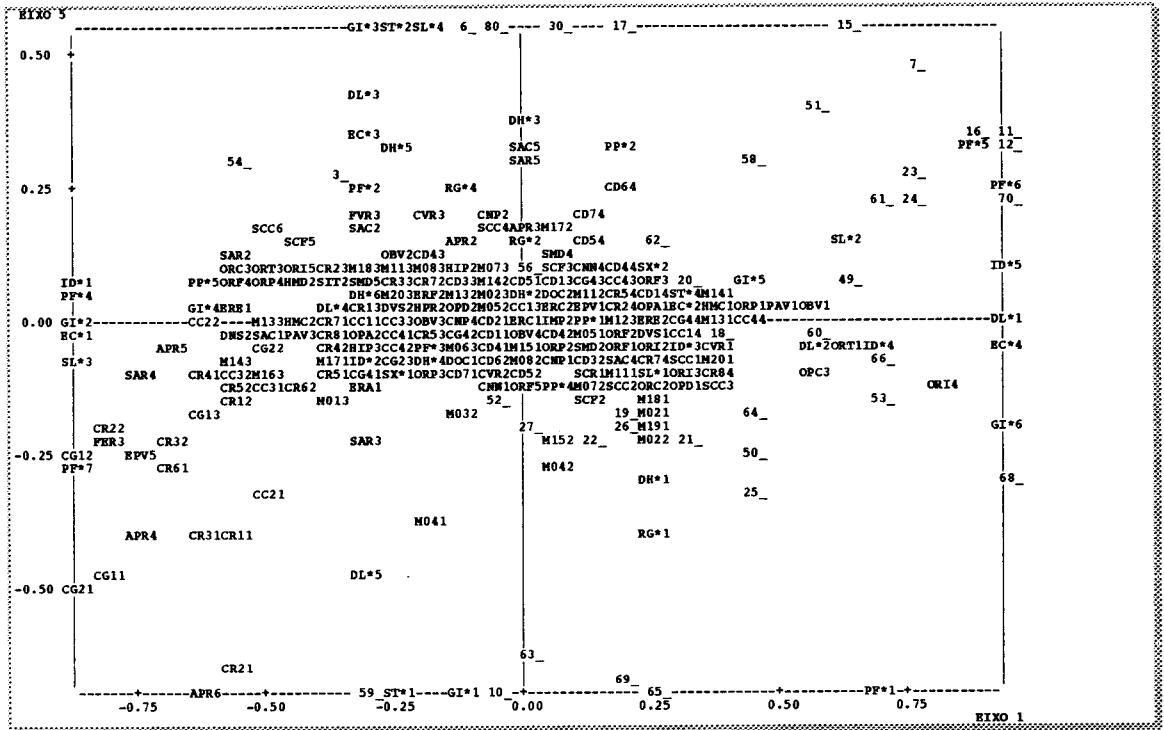
Gráfico 110 - Plano 1/4²⁷



27 Mancha de todas as modalidades não sobrepostas. Neste plano, como nos dois seguintes, não apresentaremos todos os gráficos como fizemos nos planos anteriores. Assim, não sobrecarregaremos o texto, embora tivéssemos tido o cuidado de observar, no programa gráfico, a ligação entre as modalidades.

2.4. Plano 1/5

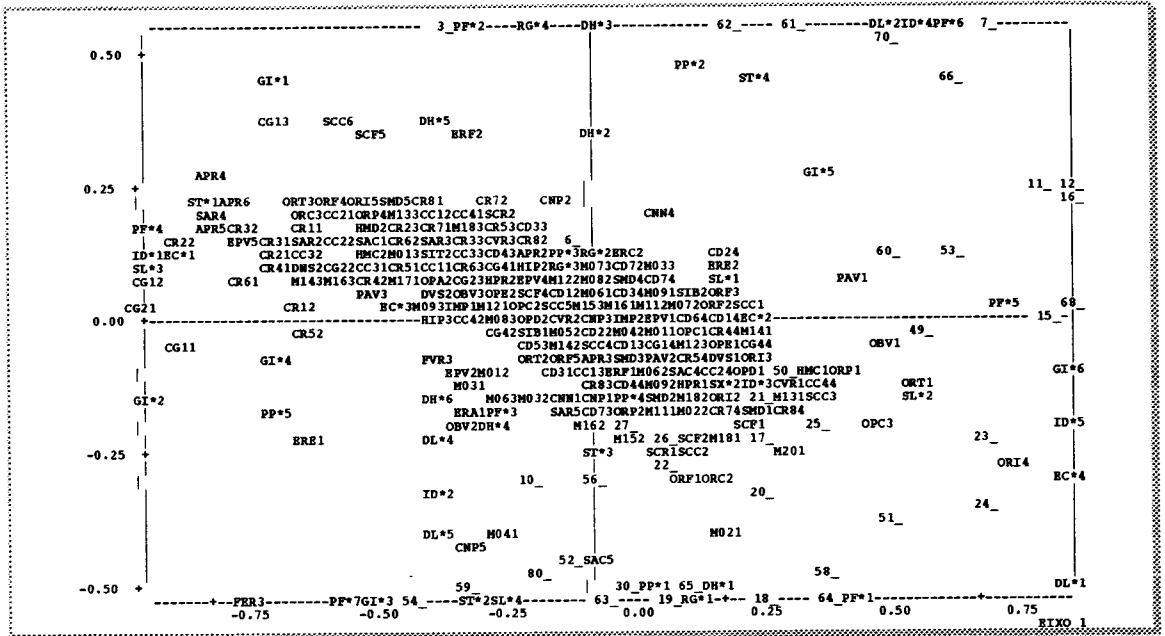
Gráfico 111 - Plano 1/5²⁸



28 Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

2.5. Plano 1/6

Gráfico 112 - Plano 1/6²⁹



29 Mancha de todas as modalidades não sobrepostas.

* * *

É a estrutura das gerações aquela que tem uma maior relação com os factos religiosos. Seguem-se, em ordem de importância, os meios sócio-culturais, mais rurais ou mais urbanos, mais tradicionais ou mais modernos. Menos relevante é a situação de isolamento e de integração familiar e social.³⁰

O ser homem ou mulher, se isoladamente, ainda se pode afirmar que tem alguma relação com a vivência religiosa, facto é também — e a análise de correspondências sublinha-o — que não se é homem ou mulher independentemente de outras características sociais. Entrando em conta com elas, não se pode afirmar linearmente que a mulher e o homem têm comportamentos religiosos muito distintos. Também a posição que se ocupa na escala social traz especificações e introduz *nuances* nas tendências mais genéricas. Tudo isto mostra como a mútua relação do contexto social e da religião não é simples, mas complexa e que a análise isolada das variáveis esconde, muitas vezes, a realidade distorcendo a observação.

Creemos poder afirmar também que, do ponto de vista religioso, há diferenças regionais, ainda que a estrutura sócio-demográfica, só por si, não seja muito diferenciada. Resulta clara a tipicidade religiosa do Norte/Interior e o resto do país, sobretudo a sul do Tejo, e que esperamos vir a clarificar mais à frente.

Podemos concluir ainda que se no culto e nas crenças há diferenças que os factores do contexto social põem em relevo, na moral, as oposições dão-se, sobretudo, no que é mais polémico na doutrina moral católica, ou seja, o que se refere à moral familiar, matrimonial e sexual.

³⁰ A intensidade das correlações entre os factores foram calculadas para fundamentar o que dizemos e serão apresentadas no próximo capítulo.

Sublinharemos ainda que há sempre especificações que nos levam a não fazer afirmações muito categóricas e relevam que as relações entre sociedade e religião são complexas. Com efeito, as tendências observadas traçam as linhas gerais, mas não podem ser universalmente aplicadas.

II - OS TIPOS SOCIAIS DO CONTEXTO E A RELIGIÃO

Estudada a relação entre os factores contextuais e a religião, o nosso objectivo, agora, é caracterizar religiosamente as seis categorias sociais múltiplas ou tipos sociais ideais em que a população portuguesa se reparte.

1. A mulher adulta tradicional

Definimos a classe 1/6 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 102, p. 132-133) como a que representa a mulher tradicional portuguesa, anterior aos anos cinquenta, isto é, aquela que tem mais de 40 anos. Com um grau de instrução muito baixo (7 em cada 10 tem apenas a instrução primária), este tipo social é formado exclusivamente por mulheres, em número de 238, que representam 27% da população total de 18 e mais anos e em que cabe cerca de metade das mulheres. Trata-se de mulheres casadas, domésticas (1 em cada 2) com um status sócio-económico baixo ou médio inferior (40%) que vive, sobretudo, em habitats muito pequenos (menos de 500 habitantes).

Quanto ao culto individual, cerca de metade reza todos os dias, sendo que 45% diz rezar o terço. Típico é que a sua oração seja para agradecer/louvar (28%) e que invoquem em primeiro lugar Nossa Senhora, de quem a maioria (93%) é devota como o é também de outros santos. Cerca de 6 em cada 10 fazem promessas. Excepção é a mulher tradicional que nunca reza (1 em cada 10). No que respeita ao culto colectivo, 1 em cada 2 recebeu o Crisma. Cerca de 35% vão à missa todos os domingos, sendo este, de todos os tipos sociais, aquele que tem o maior índice desta prática cultural. Apenas 2 em cada 10 nunca vai à missa aos domingos. No que se refere à prática da confissão, o mais característico é confessarem-se duas e mais vezes ao longo do ano (32%), sendo que apenas 2 em cada 10 nunca o faz. Metade comunga todos os domingos ou algumas vezes no ano. A maioria vai (9 em cada 10) e manda (7 em cada 10) celebrar missa pelos defuntos. Cerca de 60% incorpora-se em procissões. Pode afirmar-se, portanto, que a mulher tradicional portuguesa tem uma prática intensa, quer do culto individual, quer do colectivo.

No que se refere às crenças, acreditam em Deus como criador do universo e na sua qualidade de uno e trino. É absolutamente certo que Jesus Cristo é filho de Deus e homem e que morreu e ressuscitou para salvar a humanidade. Com a mesma firmeza, a mulher adulta tradicional crê que a Igreja é sinal da presença de Deus no mundo e que a Bíblia contém verdades reveladas por Deus, que Nossa Senhora é virgem e mãe de Deus, que Cristo está presente no pão consagrado e que o Espírito Santo actua na Igreja e no mundo. Embora acredite como absolutamente certa a ressurreição final, a proporção é menor (32%) do que relativamente às outras crenças religiosas. Menor é também a proporção das que têm por absolutamente certas as crenças na vida no Além depois da morte, na existência do

inferno (30%) e do demónio (34%) e no perdão ritual dos pecados(47%). Já a infalibilidade do Papa é apenas considerada como muito provável (2 em cada 5). Em pequena percentagem consideram provável a influência de pragas e maus olhados.

A mulher adulta tradicional caracteriza-se por, na sua maioria (80%) desaprovar a revolta contra Deus face ao mal e em proporção semelhante defender o amor ao próximo e desaprovar o suicídio. Tende também a ser intolerante face às outras religiões. É globalmente conformista com a moral católica sobre a vida familiar, conjugal e sexual, mas tende a ser menos rígida quanto ao divórcio e à união de facto.

Caracteriza-se por uma sensibilidade religiosa alta (93%), conversa regularmente sobre religião (36%), vê regularmente programas religiosos (25%), defende a condenação do aborto (66%), não tem sentimentos anticlericais (65%). Quanto à educação religiosa dos filhos promove-a e encoraja a sua vocação. A Páscoa tende a ter, para ela, um significado religioso.

Afirma-se católica praticante (62%), podendo dizer-se que a mulher adulta tradicional se aproxima do tipo ideal de católico ortodoxo.

2. As gerações mais velhas

A classe 2/6 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 103, p. 133), composta por 86 elementos que representam 10% do total, é predominantemente feminina (83%) e representa as

gerações mais velhas, sendo, na sua maioria formada por viúvos e isolados do estrato sócio-económico mais baixo, reformados ou profissionalmente ligados ao sector primário. Mais de metade são analfabetos ou têm apenas a instrução primária.

As gerações mais velhas caracterizam-se por um culto individual intenso: rezam todos os dias (7 em cada 10) e fazem-no sozinhas (92%). Além disso, são devotas de Nossa Senhora (95%), rezam o terço (58%) e fazem pedidos de ordem espiritual (45%). Quanto ao culto colectivo, o mais típico dos indivíduos deste tipo é confessarem-se duas e mais vezes (36%). Já no que se refere à comunhão têm comportamentos diversificados, embora predominem os que comungam algumas vezes por ano. Ainda que, dada a idade, canonicamente estejam dispensados da missa dominical, são em maior número os que cumprem o preceito. Têm um hábito forte (7 em cada 10) de mandar celebrar missa pelos defuntos.

No que se refere às crenças religiosas afirmam-nas como absolutamente certas, sendo de realçar a certeza quanto à infalibilidade do Papa, vida no Além depois da morte e ressurreição final. Comparativamente com a mulher tradicional, as gerações mais velhas têm um índice de crença superior, como tendencialmente mais elevado é também o seu culto. Têm também como absolutamente certa, ainda que em pequena proporção (18%) que virtuosos e curandeiros possam curar doenças.

Na moral caracterizam-se por serem conformes com a doutrina moral católica tradicional e consideram ser de manter as normas eclesíásticas sobre o celibato dos padres, exclusão da mulher do sacerdócio, etc..

A sua sensibilidade religiosa é alta e o sentimento anticlerical nulo. Cerca de 1 em cada 4 diz ter o religioso como objectivo principal de vida e a sua vivência religiosa tem sido constante (7 em cada 10). Têm terço (82%), embora não seja de admirar que não possuam a Bíblia. Também não é de estranhar que para esta categoria social o Natal não tenha um significado religioso, mas outros significados. Consultados os formulários, nas respostas dadas, verifica-se que o conteúdo destes 'outros significados' está imbuído de recordações do passado de uma maior inserção familiar. Isolados e sem família, esta festa é, por isso, um dia triste.

Pode afirmar-se que o tipo ideal das gerações mais velhas é o que está mais próximo do catolicismo ortodoxo ideal.

3. O homem adulto tradicional

A classe 3/6 (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 104, p. 134), composta por 261 elementos que representam 29% do total, tipifica o homem adulto tradicional, entre os 40 e 69 anos, nascido na primeira metade do século XX, dos estratos sociais inferiores da sociedade, que desenvolve as suas actividades profissionais nos sectores primário e secundário da economia. Apenas 10% desta categoria social são mulheres. A sua educação religiosa não foi recebida na escola (7 em cada 10) que apenas frequentaram no grau básico. As suas características religiosas, estatisticamente significativas, são poucas, dada a sua grande heterogeneidade quanto às atitudes e comportamentos religiosos.

Quanto ao culto colectivo, os indivíduos deste tipo social não têm um perfil típico, uma vez que têm intensidades de práticas diversificadas. No culto individual, distinguem-se por rezarem mais raramente (28%) do que todos ou quase todos os dias. Têm por típico fazê-lo em grupo (11%), embora a maioria reze sozinha. Cerca de 1/3 nunca reza.

Cerca de 8 em cada 10 afirmam como absolutamente certa a existência de Deus e a sua qualidade de criador do universo. O homem adulto tradicional caracteriza-se pela dúvida forte (37%) no perdão de Deus através da confissão. De resto, tende a aderir em maioria às crenças cristãs, exceptuada a crença na ressurreição final e a duvidar também da infalibilidade do Papa.

O homem adulto tradicional é muito heterogéneo quanto à avaliação que faz sobre os valores morais. Clara é, porém, a sua posição face aos filhos que consideram ter direito ao não divórcio dos pais e à desaprovação da homossexualidade.

Uma outra nota saliente é o nunca conversar sobre religião.

Do ponto de vista religioso, a nota mais saliente do homem adulto tradicional é, talvez, a sua crença em Deus. Quanto às outras dimensões religiosas não tem um perfil claramente definido, ou seja, tanto há os que se aproximam do catolicismo como os que dele se afastam. Pode dizer-se que o homem adulto é teísta, com formas e graus diversos de adesão à religião organizada.

4. O estrato social médio superior

A classe 4/6 (103 indivíduos - 11%) representa o estrato social médio superior que económica e socialmente beneficiou das mudanças ocorridas em Portugal nas últimas décadas. Os indivíduos desta categoria social caracterizam-se por uma escolaridade relativamente elevada (pelo menos o 9º ano), dedicam-se a actividades profissionais predominantemente do sector terciário (88%), são casados e chefes de família. Predominam (48%) aqueles que têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos, vivem em localidades entre 10000 e 29999 habitantes ou de grande dimensão (100000 e mais). O rácio dos sexos 3/2 é favorável aos homens (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 105, p. 134).

Considerados os valores teste das modalidades, isto é, aqueles que do ponto de vista estatístico têm maior relevância, o estrato social médio superior, religiosamente, caracteriza-se mais pela negativa do que pela positiva.

Quanto ao culto colectivo, a maioria (68%) não recebeu a confirmação. Comportamentos típicos desta categoria social são o nunca comungar (35%) ou fazê-lo com periodicidade inferior à prescrita (25%), o mesmo se observando quanto à confissão. Relativamente à participação na missa dominical têm um comportamento mais heterogéneo, embora predominem aqueles que nunca vão à missa e não têm por hábito ir a procissões. O seu culto individual é incharacterístico. Ainda que estatisticamente mais relevante, embora em percentagem diminuta, não são devotos de Nossa Senhora e não rezam o terço.

Quanto às crenças, os indivíduos deste tipo social tendem a negar que a Bíblia contenha verdades reveladas por Deus, que o Espírito Santo actue na Igreja e no homem, que Nossa Senhora seja virgem e mãe de Deus, que o inferno exista, que o Papa seja infalível, que Deus perdoe os pecados através da confissão. Típica é, pois, a tendência para a descrença, sobretudo nas crenças que implicam a mediatização do homem com as realidades metaempíricas.

Nos aspectos morais, afastam-se claramente do código católico quanto à moral familiar, conjugal e sexual, mas também no que se refere ao amor ao próximo e à verdade. No que se refere às outras religiões são, no entanto, tolerantes.

A religião não parece ser um valor. A sua sensibilidade religiosa é nula, o sentimento anticlerical alto, não possuem símbolos religiosos, nunca assistem a programas religiosos nos meios de comunicação social e nunca conversam sobre religião. A maioria considera ser de alterar as normas da Igreja Católica quanto ao celibato, exclusão das mulheres do sacerdócio, condenação do aborto e proibição do divórcio.

A maior parte (55%) diz-se católica não praticante.

Concluindo, diremos que esta categoria social não tem um posicionamento religioso de contornos muito bem definidos, mas é notória a tendência para o afastamento da organização religiosa. A sua moral e crenças têm raízes na cultura ambiente, mais do que no interior do sistema religioso da Igreja Católica.

5. A elite adulta

A classe 5/6 é minoritária (6% - 50 indivíduos), constituída por aqueles que mais beneficiam da instrução e de vantagens sócio-económicas e que denominámos de elite adulta. A maioria (54%) situa-se no estrato etário dos 25-39 anos e vive em meios mais urbanos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 106, p. 135).

Característico dos indivíduos deste tipo é nunca irem à missa dominical (54%), nunca se confessarem ou comungarem ou mesmo nunca o terem feito. Os restantes têm comportamentos muito heterogéneos quanto a estas práticas culturais colectivas. A maioria também nunca manda celebrar missa pelos defuntos, não peregrina e não vai a procissões. Individualmente nunca rezam (4 em cada 10), não são devotos de Nossa Senhora, sendo ainda em maior proporção os que não são devotos de santos (74%). Pode afirmar-se que os indivíduos desta classe se caracterizam, sobretudo, por não terem culto, quer colectivo, quer individual.

Quanto às crenças têm duas atitudes: o cepticismo e a descrença forte. Com efeito, consideram apenas como muito provável a existência de Deus e a sua qualidade de criador, isto é, são cépticos, posto que em pequeno grau. No que respeita às crenças cristãs e católicas consideram-nas absolutamente erradas. Minoria são os que perfilham a crença religiosa.

Moralmente afastam-se do código moral católico em matéria matrimonial e defendem o suicídio, a fuga aos impostos, bem como a revolta contra Deus face ao mal.

Mantêm como comportamento típico o afastamento da organização religiosa e julgam ser de alterar as normas eclesíásticas quanto ao aborto, divórcio, etc.. Dado o seu maior nível de instrução não é de estranhar que a maioria (cerca de 3 em cada 5) afirme que já leu documentos da Igreja Católica.

Do ponto de vista religioso este tipo social configura o céptico e irreligioso, embora alguns se afirmem católicos praticantes.

6. As gerações jovens

A classe 6/6 (169 indivíduos: 19%) tipifica as gerações jovens nascidas nas décadas de 70 (7 em cada 10) e 60 (3 em cada 10). A esta categoria social pertencem a quase totalidade dos estudantes, dos que vivem na dependência da família, são solteiros e se caracterizam por um estilo de vida próprio. Vejamos como os indivíduos deste tipo se caracterizam religiosamente, atendendo, sobretudo, ao quadro dos valores teste (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. IX - O contexto social e a religião*, Quadro 107, p. 136), mas também às tabulações da classe pelas várias variáveis.

A maioria (60%) não recebeu o crisma, cerca de 3 em cada 10 nunca se confessou e nunca comungou. Tal não significa que não haja quem o tenha feito, mas que estas são as modalidades de comportamento mais típicas. Com efeito, 2 em cada 10 também nunca se confessa ou comunga. A metade restante tem uma intensidade variável destas práticas. Com a frequência da missa dominical dá-se um fenómeno análogo: 41% nunca vão à missa e os restantes dispersam-se por uma

prática diversificada. Digamos que, quanto ao culto colectivo, as gerações jovens ou nunca o teve, o que é mais típico e comum, ou têm-no de forma muito diversificada. No que se refere ao culto individual, cerca de 4 em cada 10 nunca reza, 70% não fazem promessas, 63% não são devotos de santos e, estatisticamente, definem-se também por não serem devotos de outros santos.

Quanto às crenças gerais, cristãs e católicas, consideram-nas, regra geral, como pouco prováveis. Muito prováveis, são, no entanto, as crenças na existência de Deus, em Jesus Cristo como filho de Deus e homem, a virgindade e maternidade de Nossa Senhora e a Bíblia ter verdades reveladas por Deus. O comportamento típico é de cepticismo, mais ou menos intenso, o que não exclui haver, na geração jovem, quem acredite com firmeza.

Na moral, como se verifica com outras categorias sociais, o mais relevante é o afastamento dos padrões morais católicos tradicionais em matéria matrimonial e sexual. Por exemplo, 7 em cada 10 aprova a união de facto. As gerações jovens manifestam-se também favoráveis à abolição da penalização eclesiástica do aborto (58%) e à proibição do divórcio (84%). Aproximam-se do código de valores da elite adulta, sendo que aprovam ainda trabalhar menos quando o salário é baixo.

A maioria (83%) afirma-se católica, repartindo-se por igual entre o dizer-se praticante e não praticante.

Em síntese, diremos que as gerações jovens se caracterizam, sobretudo, pela ausência da dimensão cultural da religião e por uma mentalidade de cepticismo face às crenças religiosas, bem como por valores opostos aos católicos tradicionais em matéria matrimonial.

* * *

A mulher adulta tradicional e as gerações mais velhas, que no total representam 37% da população, são semelhantes quanto aos comportamentos religiosos, distinguindo-se apenas por graus diversos de conformidade com a ortodoxia católica.

O homem adulto tradicional (29%) é incharacterístico do ponto de vista religioso, uma vez que tem atitudes e práticas religiosas muito diversificadas.

O estrato médio superior (11%) tende a não praticar o culto colectivo e a viver afastado da organização religiosa. Por sua vez os indivíduos do estrato mais privilegiado (6%), também sem culto e com afastamento da organização religiosa, tendem ao cepticismo ou mesmo para a irreligião. As gerações mais jovens (19%) manifestam um cepticismo generalizado, mas não têm uma atitude típica de proximidade ou afastamento face à organização religiosa.

Creemos que fica claro que, no que se refere aos valores, são os aspectos da moral familiar, conjugal e sexual, tal como tradicionalmente a Igreja Católica os interpreta, que maior polémica geram, bem como as normas eclesiásticas que inquirimos.

Ficámos, assim, a conhecer as grandes linhas de força do binómio sociedade-religião, pois encontrámos as tendências mais marcantes dessa relação. Todavia, não parece haver uma relação absoluta e universal entre a estrutura social e a religião, embora se note a tendência para uma maior conformidade com a ortodoxia católica entre a população feminina dos estratos sociais mais baixos, a partir da segunda fase da idade adulta.

Uma pergunta nos ocorre: será que as gerações mais jovens irão fazer o mesmo percurso das mais velhas? Cremos que não, pois o contexto social, religioso e histórico será diferente e marcado por mutações sociais e religiosas de que os mais jovens são sinal. Com efeito, se as gerações mais velhas pautaram o seu comportamento religioso pela constância sem abandono, as mais novas dizem também ter um padrão constante, mas com abandono da vivência religiosa.

Creemos também que tende a esbater-se, num futuro mais ou menos próximo, o tipo de mulher tradicional que hoje se verifica e que tem peso, quer na configuração da família, quer no seu papel de agente de socialização religiosa. Isso indicia que se estão a introduzir outros condicionantes que levarão a mutações no panorama religioso que presentemente ainda observamos. Isto sai reforçado pela tendência para um estilo de vida mais moderno e urbano que não parece ser favorável, pelo menos, a uma religião apoiada na tradição e na cultura envolvente. Terá a organização religiosa capacidade para responder a este desafio? Pela forma como se dispõe no terreno social parece que a funcionalidade dos meios de que presentemente dispõe e utiliza dificilmente a conduzirá, por si, a modificar o que tendencialmente se perspectiva.

Nesta fase, olhámos a religião a partir da sociedade. Na seguinte, faremos o inverso.

CAPÍTULO X

A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL

O nosso objectivo é, agora, a partir dos factores religiosos, observar em que medida estes estão associados ao contexto social, económico, demográfico, geográfico, etc. A partir dos tipos ideais religiosos, que já estabelecemos, procuraremos saber também quais as suas características sociais.

Analisaremos, em primeiro lugar, as relações entre a religião em geral e o contexto social, utilizando todas as variáveis temáticas, e depois, em cada um dos subtemas religiosos: culto individual, culto colectivo, crenças, valores morais e religião como valor, observaremos também essa relação.

Dada a sua maior importância, privilegiaremos, sempre, a análise do primeiro factor, tentando responder sobretudo à questão da regionalização que ficou pouco clarificada na análise da relação entre o contexto social e a religião. É que, sabe-se, por diversos estudos, que a tradição religiosa das subculturas regionais — dioceses e conjuntos de dioceses — é diversa. Com efeito, esses estudos têm mostrado que a prática dominical é diferenciada e que há diferentes capacidades de recursos, nomeadamente no que se refere aos agentes da pastoral religiosa católica.

Quer nas ACM, quer nas CA utilizámos os mesmos procedimentos colocando em suplementar as variáveis de contexto. Na interpretação servimo-nos dos quadros das coordenadas e valores teste, dos quadros dos valores teste ordenados pela sua ordem de grandeza em cada classe e das tabulações das classes pelas questões. Calculámos ainda a correlação entre os factores religiosos e os de contexto, fizemos a análise de variância dos factores religiosos em cada categoria

social do contexto e em cada uma das suas variáveis do contexto, bem como a tabulação dos tipos religiosos pelos tipos sociais.¹

1 Para lá da técnica da análise factorial de correspondências múltiplas, utilizaremos outras medidas estatísticas, nomeadamente os testes de hipóteses, o V de Cramer, o r de Pearson, o 'eta' e o coeficiente de variação (CV%). Convém, por isso, que façamos uma síntese breve de cada uma.

Genericamente, um teste de significância, sendo admitidos os pressupostos necessários para a distribuição de amostragem, permite, com um dado grau de probabilidade, concluir se os valores amostrais se podem ou não aplicar à população a que se referem. No caso, utilizámos a distribuição F - apropriada ao estudo da regressão linear e da análise de variância - e a distribuição de Qui Quadrado para o V de Cramer. (Cf. Hubert M. Blalock, Jr., *Social Statistics*, 2ª ed., p. 493-497). Só se o grau de probabilidade for igual ou superior a $\alpha = 0.05$ ou seja 95% ou mais extrapolaremos o valor da medida para a população a que a amostra se refere.

A medida estatística de associação mútua - V de Cramer - aplica-se a variáveis nominais e varia num intervalo de 0 a 1, intervalo que indica um 'continuum' que vai de uma associação nula a uma associação total, respectivamente. Esta medida baseia-se no Qui Quadrado. Optámos pelo V de Cramer, primeiro, por exigência do nível de medição das variáveis, ou seja, serem nominais, e, em segundo lugar, porque sendo a sua variabilidade a mesma, independentemente da dimensão dos quadros ou do tamanho da amostra (no caso, de sub-amostras com desigual número de respondentes), permite comparações. Dado que há fenómenos de interdependência entre as variáveis em estudo, não utilizaremos outro tipo de medida, como, por exemplo, o Tau de Goodman e Kruskal que permite calcular associações com base na distinção entre variável dependente e independente (cf. Id. ib., 2ª ed., New York, McGraw-Hill Book Company, 1981, p. 305 e 315).

O " r ", coeficiente de Pearson, também denominado coeficiente de correlação total, é uma medida simétrica de associação mútua, aplicável a variáveis de intervalo ou tomadas como tais. O r varia entre -1 e +1. O sinal, positivo ou negativo, refere a direcção da relação entre as variáveis, no mesmo ou em sentido inverso, respectivamente, e o valor, em módulo, a sua intensidade. (Cf. Id. ib., p. 381-412). Note-se que, entre outros pressupostos, esta medida exige que haja uma relação linear entre as variáveis. Daí que o concluirmos ou não pela associação é feita nessa base e como tal a expressão correcta é haver ou não associação 'linear' entre as variáveis. Com efeito, podem existir outro tipo de relações entre variáveis a que esta medida não é sensível, a menos que antes as transformássemos, por exemplo, em quadráticas ou logarítmicas.

Dado o nível de medição nominal das variáveis e o nível de intervalo dos factores, a técnica estatística utilizada foi a da análise de variância e a medida de associação a Razão de Correlação ($Eta - E$). A análise de variância é um procedimento estatístico que divide a variação total de uma série de dados em duas ou mais componentes, cada uma delas identificada. A limitação deste tipo de análise advem-lhe do facto de o valor estatístico poder depender apenas de um grupo, se este for muito diferente dos restantes, embora os restantes possam ser muito iguais. Nesse caso, ao teste global será preferível o teste de diferença de médias. Não o fizemos porque os valores de Eta são pouco elevados. Esta medida de associação define-se como o quociente da soma de quadrados dentro dos grupos pela soma de quadrados total. Variando entre 0 e 1, a associação perfeita indica que as categorias de uma variável são totalmente homogéneas, bastando conhecer a pertença de um elemento a uma categoria para lhe poder atribuir o valor exacto no que se refere à variável de intervalo (dependente). O quadrado desta medida assemelha-se ao coeficiente de determinação da correlação linear, pois mede a proporção da variação explicada pela variável independente, relativamente à variação total da variável dependente (cf. Id. ib., p. 335-346).

Queremos notar que, em sociologia, é muito difícil encontrar valores elevados, isto é, próximos dos limites teóricos das medidas, ao contrário do que acontece, mais facilmente, nas ciências físicas. Assim, o considerar-se uma intensidade de associação relativamente elevada é feito por comparação com o valor mais elevado encontrado num dado estudo sociológico. (No nosso estudo nunca ultrapassa 1.41). É que a realidade social está de tal modo entretecida que é muito difícil isolar fenómenos, a não ser para análise e daí os valores serem teoricamente pouco elevados. Todavia, é frequente, dado o tamanho das amostras, os testes serem significativos. Tendo isto em conta, talvez se possa compreender a aparente contradição entre o tom utilizado quando analisámos as variáveis de 'contexto' com as 'religiosas' em suplementar.

CV% - Coeficiente de variação, é uma medida estatística que, normalizando o desvio padrão pela média, permite a comparação da maior ou menor dispersão de valores em várias séries.

I - A RELIGIÃO NO SEU TODO

1. Os factores religiosos e o contexto social

1.1. Índice de vivência religiosa

Definimos o primeiro factor religioso como um índice da vivência religiosa ou da ortodoxia católica. Do lado negativo do eixo ficam as modalidades que indiciam uma maior vivência religiosa, do lado positivo as que revelam um maior afastamento religioso. Com efeito, o índice varia entre $-.76$ e $+1.53$.

Conforme se pode observar no Quadro 108 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, p. 137), a maior vivência religiosa está ligada ao facto de se ser mulher, ter idade acima dos quarenta anos, pequena ou nula instrução escolar (instrução primária, analfabeto), ser-se casado ou viúvo, trabalhar no sector primário, desempenhar tarefas domésticas ou ser-se reformado, ser-se dona de casa, pertencer-se aos estratos sociais inferiores, viver em lares de pequenas dimensões (1 ou 2 pessoas) ou grandes (5 e mais pessoas), na região Norte/Interior ou Centro Litoral, em localidades de reduzidas dimensões (até 2000 habitantes) e ter como preferência partidária o CDS e o PSD.

O menor grau de vivência religiosa ou a não conformidade com a ortodoxia católica está relacionada com realidades sociais opostas. Prende-se com o facto de se ser homem, ter idade compreendida entre os 18 e 39 anos, instrução relativamente elevada (6º, 9º, 12º anos de escolaridade ou grau superior), ser-se solteiro ou divorciado, trabalhar profissionalmente nos sectores secundário e

terciário da economia ou ser-se estudante, ser chefe de família ou viver na dependência familiar (ser filho/filha), pertencer aos estratos sociais mais elevados (alto e médio superior), viver em lares de dimensões médias (3 ou 4 pessoas), nas regiões mais ao sul do país (Lisboa/Santarém e Sul), em localidades de 2000 e mais habitantes e não ter preferência partidária ou tendo-a situar-se à esquerda no espectro político (PS e PCP e outros partidos).

Se as principais tendências são estas, facto é também que a realidade concreta é muito mais complexa do que a estilização que fazemos.

A simples leitura das modalidades características em oposição sugere, e os valores da correlação entre os factores confirmam, a vivência religiosa prende-se, de facto, com o ciclo de vida e das gerações ($r=-.4110$), com o viver de forma mais tradicional/ rural ou moderno/urbano ($r=-.2204$), com o isolamento/integração social ($r=-.1640$), e também, de algum modo, com a pertença aos diversos graus da escala de avaliação social.

A nossa interrogação é se a vivência religiosa se conforma, no quadro regional, com cada um dos traços sociais evidenciados globalmente.² Por exemplo, será que o homem (índice médio=.1530)³, no geral menos religioso do que a mulher (-.1395), terá o mesmo comportamento em toda a parte? Serão os mais instruídos (.4466) menos religiosos e os analfabetos os mais próximos da vivência ortodoxa católica (-.2551), independentemente do contexto sócio-geográfico em que vivam? Revelarão os sectores de economia as mesmas tendências religiosas em qualquer

2 Consideradas isoladamente cada uma das variáveis do contexto social pode estabelecer-se a seguinte ordenação a partir do valor da associação (eta) entre estas e o primeiro factor: instrução (.3888), sector de actividade (.3516), região (.3292), sexo (.2976), situação no lar (.2939), estado civil (.2806), status sócio-económico familiar (.2794), dimensão do habitat (.2736), idade (.2692), preferência político-partidária (.2507).

3 Na interpretação do índice médio de cada uma das modalidades, num dado factor, tenha-se em conta os limites de variação desse factor. Quanto mais o índice médio se aproxima do valor zero, que é a média do factor, tanto mais essa modalidade é incharacterística nesse factor, podendo significar que os indivíduos com tal característica são muito heterogéneos.

parte? Com efeito, por sector de actividade económica, nota-se que os que se dedicam à agricultura (-.2551) são mais religiosos, havendo heterogeneidade entre os que se dedicam à indústria, ao comércio e aos serviços, embora com tendência para o afastamento religioso. Serão os meios demograficamente mais volumosos menos religiosos (.1428) que os pequenos habitats (-.1856), em todas as regiões do país?

Atendendo aos seis tipos sociais verifica-se haver associação ($\eta^2=.4101$), entre eles e a vivência religiosa, podendo formar-se dois grupos tendo em conta o índice médio de cada um dos tipos. Com efeito a mulher tradicional (-.2123) e as gerações mais velhas (-.2710) tendem a ser mais religiosas, como já observáramos; a elite adulta (.4395) é a mais afastada, seguindo-se-lhe o estrato social médio superior (.2121) e os jovens (.1793); o homem adulto é, de todos os tipos, o mais incharacterístico e heterogéneo (.0017). Mas terão estas categorias sociais o mesmo índice de vivência religiosa, no Norte/Interior e no Sul, no Centro Litoral e em Lisboa/Santarém?

Embora fosse interessante fazer o estudo parcelar de cada uma das variáveis de contexto isoladamente, certo é que os tipos sociais agrupam essas características e são sociologicamente mais relevantes. Por isso, responderemos às questões atrás levantadas observando se há diferenças regionais nos seis tipos sociais.

Creemos ser interessante, por isso, aprofundar a regionalização religiosa do país. Com efeito, fazendo uma análise de variância entre este primeiro factor religioso e as regiões sócio-religiosas em que previamente dividimos o país, verifica-se que há uma associação relativamente intensa ($\eta^2=.3292$). As médias, por região, são as seguintes: Norte/Interior (-.2278), Centro Litoral (-.0327), Lisboa/Santarém

(.1234), Sul (.2195), o que confirma, grosso modo, o Tejo como fronteira entre graus diversos de vivência religiosa. O valor do índice da região Centro Litoral e o desvio padrão de .4739 mostram a grande variabilidade desta região e, portanto, a sua pequena tipicidade relativa.

Os índices de vivência religiosa, por região e tipo social (cf. Quadro 18), sublinham que, quer a mulher adulta tradicional, quer as gerações mais velhas, embora tendam para uma maior vivência religiosa em todas as regiões, essa vivência é variável. Assim, a mulher adulta tradicional é muito menos religiosa nas regiões de Lisboa/Santarém e no Sul do que no Centro Litoral e, sobretudo, no Norte/Interior. Igual observação se pode fazer relativamente às gerações mais velhas com a ressalva de que as regiões do Centro Litoral e de Lisboa/Santarém se aproximam, destacando-se a região do Sul onde a vivência religiosa é muito pequena. Já o homem tradicional do Norte/interior é distinto das demais regiões pela sua maior vivência religiosa. O estrato social médio, porém, é relativamente mais homogêneo em todo o país, ainda que no sentido do afastamento da religião. Tal afastamento é comum à elite adulta e às gerações mais jovens, sendo que é mais acentuado na elite adulta de todas as regiões do que nas gerações mais jovens cujo afastamento é menos notório no Norte/Interior e no Centro Litoral.

Quadro 18 - Índices médios de vivência religiosa por região

TIPO SOCIAL	NORTE/INTERIOR		CENTRO LITORAL		LISBOA/SANTARÉM		SUL		TOTAL	
	média	n	média	n	média	n	média	n	média	n
Mulher adulta tradicional	-.4112	64	-.2410	91	-.0234	41	-.0313	42	-.2123	238
Gerações mais velhas	-.4588	26	-.2811	19	-.2419	22	-.0376	19	-.2710	86
Homem adulto tradicional	-.2297	78	.0410	86	.1014	58	.2301	39	.0017	261
Estrato social médio	.1423	11	.2030	31	.1859	45	.3511	16	.2121	103
Elite adulta	.0826	5	.3704	12	.4267	23	.7302	10	.4395	50
Gerações jovens	.0229	49	.0691	51	.3149	29	.4193	39	.1793	168
Total	-.2278	233	-.0327	290	.1234	218	.2195	165		906
Eta	.4857		.3883		.3659		.4594		.4101	

Pese embora o facto de a região Norte/Interior apresentar o maior índice de ortodoxia católica, provir dos mais adultos, homens ou mulheres, e não dos mais novos cuja tendência é a aproximação às outras regiões, leva-nos a admitir a hipótese de, num futuro mais ou menos próximo, se esbaterem as diferenças regionais, ainda que a tradição religiosa tenha a sua influência. É que a sociedade actual caminha para a pluralidade cultural, que os meios de comunicação social veiculam, e esta é tendencialmente desfavorável à manutenção dos valores tradicionais. Isso é já visível no estrato social médio superior, na elite adulta e nas gerações jovens. O facto de nas outras regiões a tendência ser ainda mais forte, no sentido de se caminhar para uma menor vivência religiosa católica, perspectiva, do ponto de vista sociológico, que a religião católica está a perder o impacto como instituição dominante na vida quotidiana, pelo menos nos moldes tradicionais padronizados.

Concluindo diremos que, se as tendências actuais são as que sublinhámos, não se pode concluir pela relação causal. Por exemplo, se a mulher, em Portugal, tende a ser mais religiosa do que o homem, não há que inferir daí que só pelo facto de ser mulher tenha uma predisposição maior para as coisas religiosas. O mesmo se pode afirmar da instrução escolar, em que se observa que os menos instruídos têm um maior índice de vivência religiosa, em qualquer das regiões, ou dos meios

demográficos mais ou menos volumosos. Com efeito os fenómenos sociais são muito complexos, dependentes das épocas históricas, das sociedades e os próprios fenómenos religiosos, que com aqueles se interligam, também são diversos de religião para religião e dependem das estratégias que estas utilizam para socialmente se implantar.

1.2. Definição/indefinição religiosa

Definimos o factor dois como o que opõe a certeza clara, positiva ou negativa, à dúvida, isto é, o da definição *versus* a indefinição religiosa. No cálculo do índice, a atitude de dúvida ou indefinição assume valores negativos; a certeza ou definição, valores positivos, variando entre $-.82$ e $+1.43$.

Considerando os valores teste superiores a 2.0, portanto os que têm significado estatístico (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 109, p. 137) pode dizer-se que a dúvida ou indefinição religiosa é típica dos jovens entre os 18 e os 24 anos, os solteiros, os que vivem na dependência familiar, na região Centro Litoral e votam PSD. O comportamento religioso definido, por sua vez, é característico da segunda fase da vida adulta (40-54 anos), dos que têm instrução superior, pertencem aos estratos sociais mais elevados, vivem na região de Lisboa/Santarém e nas localidades entre 10000 e 29999 habitantes.

Não é de estranhar que a indefinição religiosa seja mais típica das gerações jovens (média= $-.0725$) e que a definição religiosa (pró ou contra) mais característica dos que têm maior instrução e cultura, isto é, da elite adulta ($.1120$). Ainda que

com um valor de correlação relativamente baixo ($r=-.1106$) este factor religioso está mais relacionado com o que dissemos opor o viver tradicional/rural ao moderno/urbano do que com qualquer dos outros factores sociais.

Considerando isoladamente cada uma das variáveis do contexto social, os valores da correlação são muito baixos, excepção feita quando se entra em conta com cada uma das dioceses em particular ($\eta^2=.3274$), observando-se que a dúvida e a certeza não é um fenómeno espacialmente contíguo.

1. 3. Sincretismo religioso

Definimos o terceiro factor religioso como o do sincretismo/antissincretismo religioso, variando o índice entre $+.72$ e -1.12 , que se acompanha, respectivamente, de um maior liberalismo ou tradicionalismo moral, de um grau de dúvida mais intenso *versus* uma maior certeza.

As modalidades com algum significado estatístico valores teste superiores a 2.0, portanto os que têm significado estatístico (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 110, p. 137) revelam que a atitude antissincrética é mais típica da região Norte/Interior e das localidades muito pequenas (menos de 500 habitantes), bem como dos que não têm família. O sincretismo está relacionado com o 9º ano de escolaridade, com o facto de se ser casado e viver em localidades entre 2000 e 9999 habitantes.

Apenas se verifica alguma correlação, posto que muito pequena ($r=-.1021$), entre este factor religioso e os modos de vida tradicional/rural e moderno/urbano

(factor 2 do contexto social).⁴

As categorias sociais que estabelecemos em função do contexto social e cada uma das variáveis isoladas revelam que a correlação é praticamente nula com a atitude sincrética/antissincrética. Trata-se, portanto, de um fenómeno difuso e que não é típico de contextos sócio-culturais de contornos definidos.

1.4. Dimensão moral

O quarto factor religioso põe em evidência a não tomada de posição clara face aos valores morais e o fazê-lo de forma oposta à moralidade católica, variando o índice entre -.83 e +.79.

O não tomar uma posição moral clara, isto é, fazer uma avaliação moral de não aprovar nem desaprovar, a que se alia uma atitude conservadora face às normas eclesíásticas sobre o celibato, aborto, etc., é um comportamento mais típico dos habitats muito pequenos (menos de 500 habitantes) e das regiões Norte/Interior e Centro Litoral. A oposição à moral católica dá-se, sobretudo, na região sul, entre os separados ou divorciados e os que têm como grau de instrução o 9º ano de escolaridade valores teste superiores a 2.0, portanto os que têm significado estatístico (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 111, p. 138).

Se considerarmos os factores do contexto social, verifica-se que a correlação deste factor religioso e qualquer daqueles ou é nula ou muito pequena (isolamento versus integração: $r = -.1116$; estrato social alto do norte versus o médio superior do

4 Note-se que calculámos, sempre, todas as correlações, muito embora só apresentemos aquelas que ainda têm alguma grandeza de intensidade relativa, uma vez que as outras, como acontece, com frequência nalgumas ciências sociais e, nomeadamente em sociologia, são muito baixas ou nulas. Outras nem mesmo são significativas.

sul: $r=.1153$).

Nenhum dos tipos sociais se distingue ou está associado a este factor religioso ($\eta=.0770$), o mesmo se podendo afirmar das variáveis de contexto consideradas isoladamente. A maior diferença observa-se a nível regional ($\eta=.2552$).

1.5. Dimensão mágica

O quinto factor religioso pode interpretar-se como o da dimensão mágica, isto é, da valorização das crenças mágicas e animistas sobre as crenças religiosas, variando entre $+.78$ e $-.65$.

Verifica-se que a dimensão mágica tende a estar presente tanto nos analfabetos, como nos que têm o 12º ano de escolaridade, são estudantes, trabalham em actividades relacionadas com o sector primário. Presente ainda nos habitats de pequenas dimensões (menos de 500 habitantes), no estrato social alto/médio alto e na região Centro Litoral. A perspectiva contrária verifica-se mais entre os que profissionalmente estão ligados ao sector secundário, têm o 6º ano de escolaridade e vivem nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 112, p. 138).

Pode afirmar-se que este factor não está relacionado com os factores do contexto social, havendo uma muito ligeira associação com o factor 4 ($r=-.1046$) que opõe o estrato social alto do Norte/Interior ao médio superior da região Sul. Não está associado também com os tipos sociais ($\eta=.0890$), nem, isoladamente, com qualquer das variáveis do contexto social. Há que, concluir, sendo assim, que a

dimensão mágica, tirando os traços que sublinhámos, não apresenta características sócio-culturais definidas.

1.6. Motivação moral extraterrena

Definimos o factor seis religioso como o da motivação moral extraterrena e vimos que diminui à medida que decresce a crença na magia e no animismo e o apoio na autoridade eclesiástica. O índice varia entre $-.70$ e $+.56$.

A maior motivação moral extraterrena prende-se com o ser-se solteiro, viver na dependência familiar (ser filho/filha), ter uma idade compreendida entre os 18 e 24 anos e viver no Norte/Interior. Por sua vez a menor crença no mágico e o menor apoio na autoridade eclesiástica nos comportamentos morais é própria dos casados e chefes de família, do sector terciário e do estrato médio superior (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 113, p. 138).

A correlação mais forte deste factor religioso é com o factor social que opõe o modo de viver tradicional/rural ao moderno/urbano ($r=-.1755$), verificando-se que não há associação, ou é muito diminuta, entre ele e qualquer das variáveis de contexto tomadas isoladamente. O mesmo se pode afirmar relativamente aos seis tipos sociais.

Tal como a dimensão mágica também este factor religioso não tem características sócio-ambientais muito específicas.

1.7. Neutralidade moral

O sétimo factor religioso opõe a neutralidade moral (lado negativo do eixo) à proximidade com os valores morais fundamentais do cristianismo, embora com maior afastamento da interpretação católica dos que se referem à moral familiar, conjugal e sexual (lado positivo). O índice varia entre $-.74$ e $+.45$.

O não fazer avaliações claras sobre os comportamentos morais é uma atitude mais comum nas localidades de pequena dimensão, nos analfabetos, nos viúvos, nos que se dedicam à agricultura, nos que pertencem ao estrato social baixo e vivem no Norte/Interior. A proximidade dos valores fundamentais do cristianismo está mais relacionada com um grau mais elevado de educação religiosa e verifica-se mais nos estratos sociais mais elevados, nos jovens, estudantes e nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 114, p. 139).

Não é de estranhar, sendo assim, que este factor religioso tenha alguma correlação com o ciclo de vida e das gerações ($r=-.1796$), com o modelo de vida tradicional/rural oposto ao moderno/urbano ($r=-.1406$) e com a relação homem/mulher ($r=.1680$).

Relativamente aos tipos sociais que formámos a partir das variáveis do contexto, a atitude de avaliação moral pouco clara é mais típica das gerações mais velhas e do homem adulto tradicional. Globalmente, a associação entre este factor e os tipos sociais é, no entanto, baixa ($\eta=.1842$).

Consideradas isoladamente as variáveis de contexto, observa-se que este factor está de algum modo associado ao grau de instrução ($\eta=.2436$), sendo que a

maior clareza moral, isto é, os juízos morais mais definidos, se verifica entre os que têm um grau de instrução superior (média de .1095).

1.8. Dimensão extraterrena da crença religiosa

Definimos o eixo 8 como o da dimensão extraterrena da crença religiosa e da relação com realidades metaempíricas. O índice varia entre +.70 e -.65.

A negação desta dimensão é mais típica dos que têm o 12º ano de escolaridade, são casados, pertencem aos estratos sociais mais elevados, vivem no Norte/Interior e Centro Litoral. A sua afirmação é mais característica dos que têm 70 e mais anos, vivem na região Sul ou em Lisboa/Santarém e têm um grau de instrução baixo (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 115, p. 139).

Posto que muito diminuta, há alguma correlação entre este factor e o do isolamento social ($r=-.1245$) e o estrato social alto versus o médio superior ($r=-.1010$).

1.9. Tendência para a mudança religiosa

O nono factor religioso definimo-lo como o da tendência para a mudança religiosa *versus* a tendência para a estabilidade ou a permanência, variando entre +.56 e -.61.

Relacionando o factor religioso com o contexto social verifica-se que, como seria de esperar, a tendência para a estabilidade é característica das gerações mais velhas, dos que não têm instrução, são do sexo masculino, do estrato social baixo e

da região Sul. A tendência para a mudança religiosa é típica das gerações mais jovens, mais instruídas (12º ano e grau superior), dos estudantes, do estrato social alto e do sexo feminino (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 116, p. 139).

Com o ciclo das gerações a correlação deste factor é de $r=-.1292$ e com a relação homem/mulher de $r=.1435$. Com os tipos sociais o valor da associação é de $\eta=.1938$. Consideradas cada uma das variáveis de contexto, observa-se que o valor mais elevado da associação é com o grau de instrução ($\eta=.2643$), sucedendo que os mais instruídos, isto é, com um grau académico de nível superior, têm o índice médio mais elevado de tendência para a mudança (0.1234).

1.10. Aculturação religiosa

O eixo 10 opõe os que nunca se confessaram ou comungaram aos que, actualmente, nunca têm tais práticas. Com elas se prende a ausência ou a aculturação religiosa. O índice varia entre +.56 e -.51.

O nunca ter tido qualquer prática cultural é mais característico do sul, das localidades entre 2000 e 29999 habitantes e dos solteiros. O actualmente nunca se confessar e nunca comungar é mais típico da primeira fase da vida adulta (25-39 anos), do Centro Litoral e do Norte/Interior (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 117, p. 140).

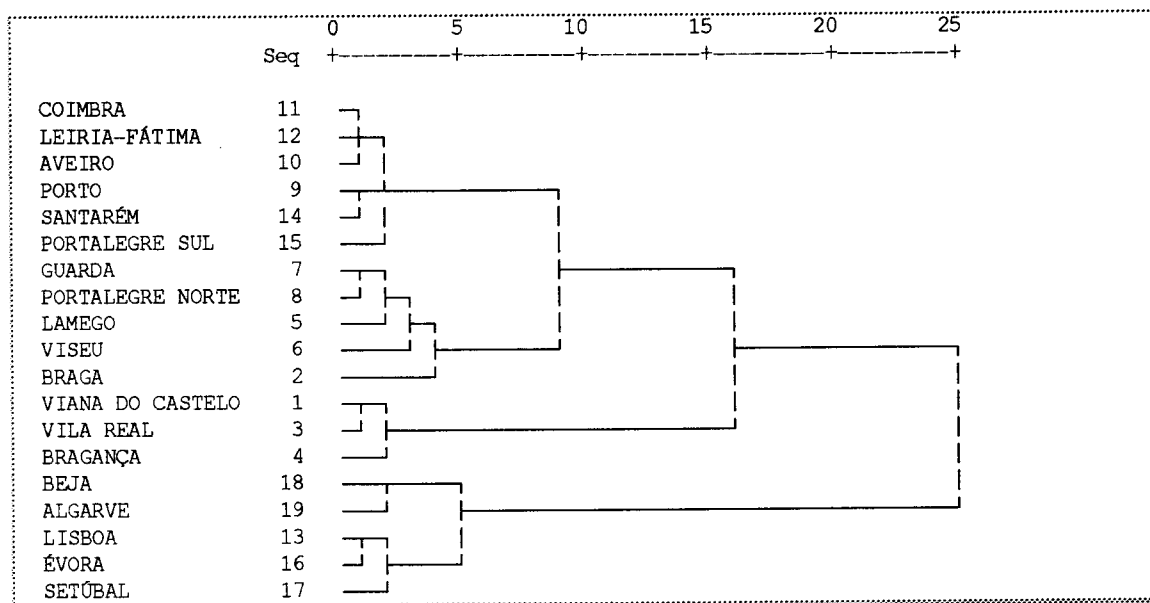
A correlação entre este factor religioso e os factores do contexto social é praticamente nula.

A análise de cada um dos dez factores religiosos por diocese levanta a hipótese de que as regiões religiosas amostrais, formadas sobretudo com base na prática dominical de 1977 e posição religiosa do recenseamento da população de 1981, podem ser ligeiramente diferentes se tivermos em conta a informação de que dispomos e que é mais abrangente. Com efeito, fazendo uma análise de clusters⁵ utilizando a média da cada factor por diocese, o agrupamento das dioceses é ligeiramente diferente, conforme se pode observar no dendograma (cf. Gráfico 113).

A original região Norte/Interior cinde-se em duas: as dioceses de Viana do Castelo, Vila Real e Bragança formam um conjunto que, dado a sua situação geográfica, denominamos de Fronteira Norte; Braga, Lamego, Viseu, Guarda e a zona norte de Portalegre e Castelo Branco agrupam-se na região que designamos por Braga e Interior; às dioceses do Porto, Aveiro, Coimbra e Leiria-Fátima, do Litoral Centro, juntam-se as de Santarém e a zona sul de Portalegre e Castelo Branco, na região Centro; Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Algarve constituem a nova região Lisboa e Sul.

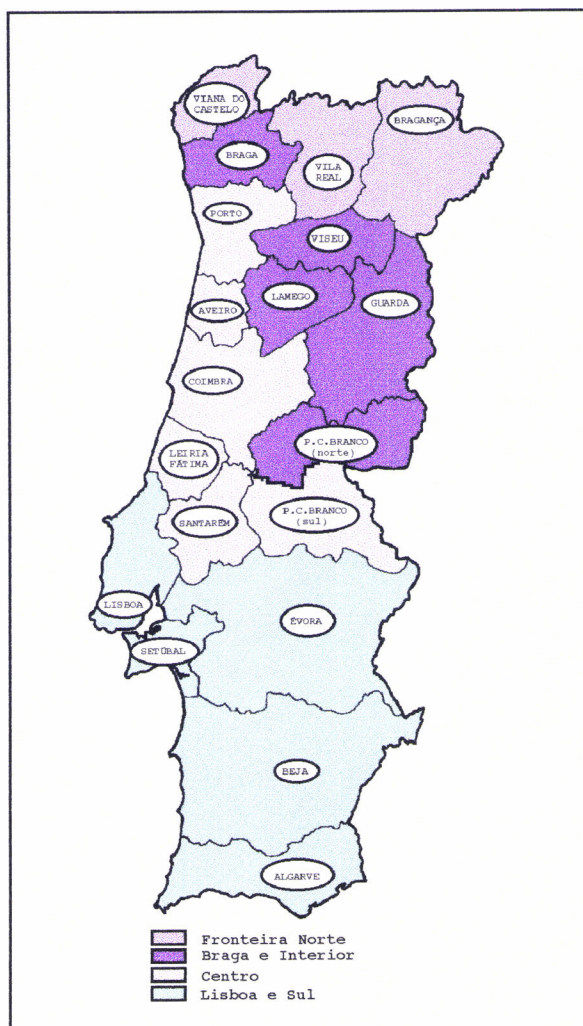
⁵ A medida utilizada foi o quadrado da distância euclidiana e o método o de Ward.

Gráfico 113 - Agrupamento das dioceses segundo os 10 factores religiosos



O mapa ilustra, no espaço, as quatro regiões sócio religiosas que formámos.

Mapa 1 - Regiões sócio-religiosas



2. Os tipos religiosos e o contexto social

Depois de termos caracterizado socialmente os factores religiosos, vejamos, agora, como se caracterizam os tipos religiosos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 118, p. 140).⁶

2.1. Os católicos convictos

A categoria religiosa dos católicos convictos, formada por 121 indivíduos que representam 13% do total, é típica do Norte/Interior. Cerca de metade vive nessa região. Da outra metade, a maior parte vive na região Centro Litoral, 15% em Lisboa/Santarém e apenas cerca de 7% na região Sul.

Cerca de 7 em cada 10 são do sexo feminino, 19% são viúvos, 21% são analfabetos e 23% são domésticas. A idade não os tipifica, embora os jovens tendam a ser os menos numerosos (8%). Quanto à instrução, aos analfabetos juntam-se os que apenas têm a instrução primária (52%). Apenas 3 em cada 10 têm um grau mais elevado de instrução. No que se refere ao status sócio-económico familiar, só 2 em cada 10 pertencem ao estrato social médio superior ou alto. Predominam (50%) os que vivem em localidades de muito pequena dimensão (menos de 500 habitantes).

⁶ Na interpretação dos tipos, utilizámos os quadros que cruzam as classes e as variáveis, embora não os transcrevamos, dada a sua extensão.

2.2. Os católicos modais

A segunda das sete categorias religiosas, formada por 260 elementos que representam 29% do total, identificámo-la como a dos católicos modais.

Cerca de metade vive em localidades de menos de 500 habitantes, é dona de casa, 64% são do sexo feminino, do Norte/Interior (37%), pertencem à classe média inferior (71%) e são casados. São adultos que se distribuem em proporção semelhante pelos diversos conjuntos etários. Os jovens, porém, são apenas 1 em cada 10. A maior parte são pessoas analfabetas ou que têm apenas a instrução primária. Predominam (41%), como acontece na população, os que se dedicam a actividades do sector terciário. Esta é a categoria religiosa típica das mulheres domésticas, representando cerca de 43% destas.

Atendendo às regiões em que dividimos o país, este tipo sócio-religioso tem uma composição semelhante (37%) relativamente às regiões Norte/Interior e Centro Litoral. Da região de Lisboa/Santarém são apenas 18% e, do Sul, 8%.

2.3. Os descomprometidos

O tipo religioso dos descomprometidos, formado por 209 elementos (23% do total), é caracterizado pelos que lhe pertencem serem da região Sul (28%) ou de Lisboa/Santarém (32%), estarem profissionalmente ligados ao sector terciário da economia (55%), viverem em localidades de 2000 a 9999 habitantes ou de mais de 100000. A sua estrutura etária é relativamente homogénea, embora a típica seja a da primeira fase da vida adulta (3 em cada 10). É também a esta categoria religiosa que pertence a maioria dos que têm como preferência político-partidária o PCP.

2.4. Os teístas sem religião vivencial

Os teístas sem religião vivencial, 65 elementos (7%), são uma categoria religiosa típica da região de Lisboa/Santarém, pois 40% vivem nesta região. A sua estrutura etária mostra a tendência para a ela pertencerem menos os mais velhos, sendo mais numerosos (3 em cada 10) os que têm idades entre os 25 e 39 anos.

2.5. Os amorfos

O tipo religiosamente amorfo (156 elementos - 17%) caracteriza-se, sobretudo, por a ele pertencerem os solteiros (39%), os que vivem na dependência da família (31%), os que são do sexo masculino (62%) e estudantes, os que têm entre 18 e 24 anos (1 em cada 4), seguindo-se-lhes os que estão na primeira fase adulta (31%). À medida que se avança em idade tende a pertencer-se menos a esta categoria sócio-religiosa. A este tipo pertencem, em maior número (6 em cada 10) os que vivem nas regiões Centro Litoral e Sul.

2.6. Os cépticos

Os que designamos por cépticos, e que representam 8% (70 elementos dos 906), tendem a ser solteiros, estarem na dependência familiar, possuírem como grau de instrução o 12º ano de escolaridade, viverem em localidades de 10000 a 29999 habitantes e pertencerem ao estrato social alto da sociedade.

2.7. Os ateus e laicos

A categoria religiosa dos ateus e laicos, composta por apenas 25 elementos que representam 3% do total é, na sua maioria (84%), constituída por homens que

são chefes de família e cujas actividades profissionais estão relacionadas com o sector terciário da economia. O mais típico é terem uma instrução de grau superior e idade entre os 40 e 54 anos. À medida que se desce na instrução tende-se a não pertencer a este tipo religioso. Dos 25 indivíduos desta classe, 19 são dos estratos sociais alto e médio superior e 17 vivem nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul, sendo que quase metade afirma não ter preferência partidária.

Dos factores do contexto social é o ciclo da vida individual e das gerações o que está mais associado com os tipos religiosos ($\eta^2=.3764$), a que se segue o modo de vida tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($\eta^2=.2740$), o que reforça a maior importância destes dois factores.

Cruzando os tipos religiosos com os sociais observa-se uma associação de $V=.20654$. A leitura do Quadro 19 e a sua representação gráfica (cf. Gráfico 114) vem confirmar a dinâmica da relação religião e sociedade.

Os católicos convictos, que representam 13% são, na sua maioria, adultos com mais de 40 anos: mulher adulta tradicional 36%; gerações mais velhas 20%; homem adulto tradicional (23%). Apenas 2 em cada 10 pertencem aos outros tipos sociais, sendo que das gerações mais jovens os católicos convictos são apenas 12%. Os católicos modais, que representam 29%, distribuem-se pelos tipos sociais em proporção semelhante à dos católicos convictos.

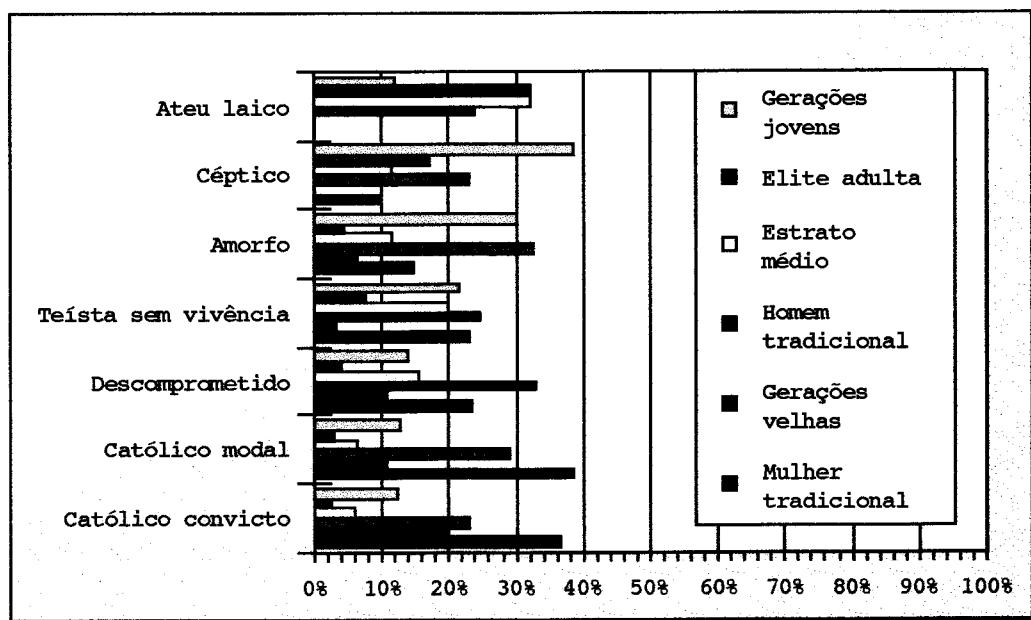
Cerca de 6 em cada 10 dos portugueses pertencem aos outros tipos religiosos: descomprometidos, teístas sem vivência religiosa, amorfos, cépticos e ateus. Estes últimos são uma minoria e pertencem, sobretudo, ao estrato social

médio superior e à elite adulta. Os cépticos são indivíduos, predominantemente, das gerações jovens. Os amorfos pertencem, maioritariamente, ao tipo de homem adulto tradicional e às gerações mais jovens. Os teístas sem vivência religiosa distribuem-se em percentagem semelhante pelos diversos tipos sociais, com excepção da elite adulta. Descomprometidos são, sobretudo, os homens adultos tradicionais cuja posição religiosa, como já observámos, é heterogénea.

Quadro 19 - Tipos religiosos e tipos sociais (nº e %)

	TIPOS RELIGIOSOS (tema geral)							Total
	Católico convicto	Católico modal	Descomprome tido	Teísta s/vivência	Amorfo	Céptico	Ateu laico	
TIPOS DO CONTEXTO SOCIAL								
Mulher tradicional	44 18%	100 42%	49 21%	15 6%	23 10%	7 3%		238 100%
Gerações mais velhas	36% 24	38% 28	23% 22	23% 2	15% 10	10% 6		26% 86
Homem adulto tradicional	28 11% 23%	75 29% 29%	69 26% 33%	16 6% 25%	51 20% 33%	16 6% 23%	6 2% 24%	261 100% 29%
Estrato social médio	7 7% 6%	17 17% 7%	32 31% 15%	13 13% 20%	18 17% 12%	8 8% 11%	8 8% 32%	103 100% 11%
Elite adulta	3 6% 2%	7 14% 3%	8 16% 4%	5 10% 8%	7 14% 4%	12 24% 17%	8 16% 32%	50 100% 6%
Gerações jovens	15 12%	33 13%	29 14%	14 8%	47 28%	27 16%	3 2%	168 100%
Total	121 13% 100%	260 29% 100%	209 23% 100%	65 7% 100%	156 17% 100%	70 8% 100%	25 3% 100%	906 100%

Gráfico 114 - Composição social dos tipos religiosos



II. CULTO COLECTIVO E CONTEXTO SOCIAL

1. Os factores do culto colectivo e o contexto social

1.1. Intensidade do culto colectivo

O índice de intensidade do culto colectivo varia entre -1.07 e +1.28.

A maior intensidade do culto colectivo relaciona-se, sobretudo, com a região Norte/Interior e com os habitats de muito pequenas dimensões (menos de 500 habitantes). Mas prende-se também com o facto de se ser mulher, ter 55 e mais anos, o grau de instrução primária ou o ser-se analfabeto, ser-se casado ou viúvo, trabalhar-se na agricultura ou ser-se doméstica e dona de casa, pertencer-se aos estratos sociais menos elevados (médio inferior e baixo). A intensidade de culto é maior também na região Centro Litoral e entre os que têm por preferência político-partidária o PSD e o CDS.

A menor intensidade do culto colectivo é mais típica da região Sul e da população masculina. Menor intensidade têm também os mais novos (18-39 anos), os que têm um grau de instrução mais elevada (acima do 9º ano de escolaridade), são estudantes, solteiros, separados ou divorciados e trabalham em actividades relacionadas com os sectores secundário e terciário da economia. O mesmo se pode afirmar também dos que são chefes de família, dos que pertencem aos estratos sociais mais elevados (alto e médio superior). A região de Lisboa/Santarém aproxima-se da do Sul bem como as localidades de 2000 e mais habitantes (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da*

Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social, Quadro 119, p. 141).

Este factor do culto colectivo está correlacionado com o ciclo de vida e das gerações ($r=-.3217$), com o isolamento/integração ($r=-.2215$), com o modo de vida tradicional e rural oposto ao moderno e urbano ($r=-.1948$) e com o estrato médio superior *versus* o baixo ($r=.1858$).

A associação entre este factor e as variáveis contextuais isoladas é a seguinte: sexo ($\eta=.2634$); sector de actividade (.3091); status sócio-económico familiar (.1997); grau de instrução (.2658). Com a dimensão do habitat a correlação é mais elevada (.3237), sendo-o ainda mais por regiões (.4263) e por diocese (.4600). Neste aspecto, a regionalização segue o modelo da amostra. Assim, o Norte/Interior tem um índice médio de $-.4079$; o Centro Litoral de $-.1138$; Lisboa/Santarém de $.2643$ e o Sul de $.4269$. As dioceses de Setúbal (.6285) e Beja (.5775) são aquelas onde o culto colectivo é menos intenso; o inverso dá-se nas dioceses de Viseu ($-.4676$), Guarda ($-.4663$), Lamego ($-.4538$), zona norte de Portalegre e Castelo Branco ($-.4303$), Vila Real ($-.4180$) e Braga ($-.4128$).

A associação entre a intensidade do culto e os tipos sociais é de $\eta=.3101$, sendo que a mulher adulta tradicional (média= $-.2994$) e as gerações mais velhas ($-.2064$), são mais praticantes do que as outras categorias sociais: homem adulto tradicional (.0375), estrato social médio (.2694), elite adulta (.3898) e gerações mais jovens (.1913). Entre estas a prática é sempre inferior à média.

Não será que o comportamento cultural colectivo dos diversos tipos é heterogéneo nas várias regiões e que, portanto, o ambiente sócio-religioso é condicionante daquele?

De facto como se pode observar no Quadro 20, as médias escondem as especificações regionais. A mulher adulta tradicional, as gerações mais velhas e o homem adulto tradicional são diferentes se vivem nas regiões do Norte/Interior e Centro Litoral ou em Lisboa/Santarém e no Sul. Naquelas tendem a praticar, nestas a não ser praticantes. As gerações mais jovens, se menos praticantes, ainda o são a norte do Tejo. A sul, porém, todos os tipos sociais tendem a não ter culto colectivo. Pode concluir-se, sendo assim, que se o contexto social influencia os comportamentos culturais colectivos, a maior ou menor implantação religiosa nos meios sócio-geográficos é também uma condicionante. Há, portanto, uma interacção mútua entre religião e sociedade, nomeadamente no que se refere à maior ou menor intensidade da prática cultural colectiva católica.

Quadro 20 - Índices médios de culto colectivo por região e tipos social

TIPO SOCIAL	NORTE/INTERIOR		CENTRO LITORAL		LISBOA/SANTARÉM		SUL		TOTAL		
	média	n	média	n	média	n	média	n	média	n	eta
Mulher adulta tradicional	-.6912	64	-.4146	21	.0907	41	.1665	42	-.2994	238	.4969
Gerações mais velhas	-.7784	26	-.1434	19	.0275	22	.3063	19	-.2064	86	.5666
Homem adulto tradicional	-.3370	78	-.0108	86	.3096	58	.4881	39	.0375	261	.4289
Estrato social médio	.0373	11	.2461	31	.2953	45	.4015	16	.2694	103	.1430
Elite adulta	-.0996	5	.2730	12	.4237	23	.6827	10	.3870	50	.3031
Gerações jovens	-.0856	49	-.0494	51	.4660	29	.6496	39	.1913	168	.4380
Total	-.4079	233	-.1138	290	.2643	218	.4269	165		906	
Eta	.4646		.3299		.2163		.2889				.3101

1.2. Atitude definida/indefinida sobre o prescrito

A definição/indefinição face ao prescrito eclesiasticamente sobre o culto colectivo varia entre +.81 e -1.19.

A atitude indefinida face ao prescrito sobre o culto colectivo, do lado negativo do eixo, é típica dos casados e dos que vivem na região Centro Litoral. É

ainda característica dos chefes de família e dos que pertencem ao estrato social médio superior.

A atitude definida, positiva ou negativa, prende-se com o estado civil, com o facto de se ser solteiro e de se viver na dependência familiar (ser filho/filha), conforme se pode observar no Quadro 120 do Anexo II (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, p. 141).

É, aliás, com o estado civil que há alguma associação ($\eta^2=.1325$) entre este factor e as variáveis contextuais isoladas. Com os factores do contexto a correlação é nula, sendo pequena com o ciclo da vida individual e das gerações ($r=.1129$). Relativamente aos tipos sociais o valor da associação é baixo ($\eta^2 = .1581$), sendo que os mais indefinidos são o homem adulto tradicional e o estrato social médio.

1.3. Culto colectivo como experiência de vida

A ausência de culto colectivo oficial marca a experiência de vida das idades mais baixas (18-24 anos), sobretudo na região Sul. É também característica dos que são solteiros e não têm partido.

O culto como experiência do passado é mais típico dos que têm um grau de instrução superior, vivem no Centro Litoral e têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos e os 55 e 69 anos.

Isto leva-nos a concluir por alguma quebra da prática religiosa, sobretudo na região Centro Litoral (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o*

contexto social, Quadro 121, p. 141).

Este factor religioso, que varia entre $-.77$ e $+.79$ não está correlacionado com nenhum dos factores contextuais. Com as variáveis contextuais, tomadas isoladamente, a associação é pequena com a idade ($\eta^2=.1295$), com as regiões amostrais ($.1206$) e com as dioceses ($.1841$) e praticamente nula com as categorias do contexto social.

1.4. Cumprimento do preceito pascal

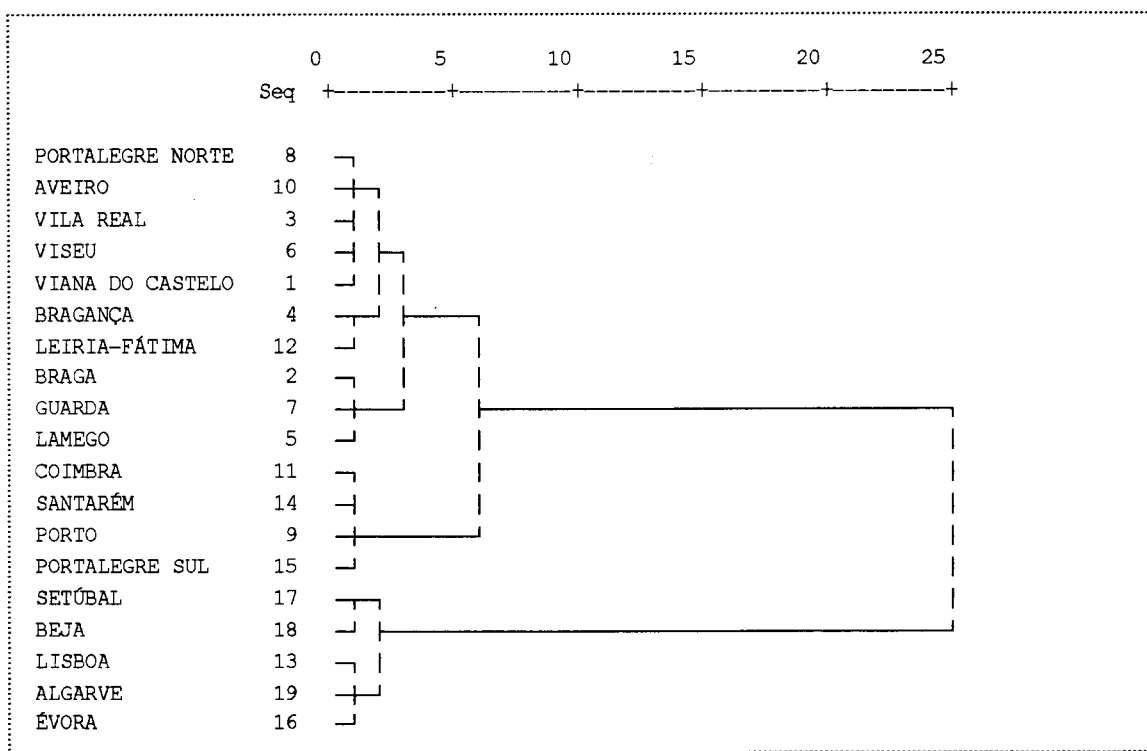
O cumprimento do preceito pascal (índice que varia entre -1.39 e $+.80$) é típico do Norte/Interior, das localidades com menos de 500 habitantes e entre os que têm actividades profissionais relacionadas com os sectores primário e secundário da economia.

O ter um cumprimento diversificado, isto é, maior ou menor do que o estipulado, verifica-se, sobretudo, nos grandes aglomerados populacionais e nas localidades entre 2000 e 9999 habitantes, na região Centro Litoral e no conjunto etário entre os 18 e os 24 anos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 122, p. 142).

Este factor apenas tem uma correlação muito baixa com o isolamento/integração ($r=-.1039$). Existe alguma associação com o sector de actividade económica ($\eta^2=.1362$), com a dimensão do habitat ($.1360$) e com as regiões ($.1438$), sendo praticamente nula se tivermos em conta as categorias do contexto social.

Utilizando a média dos quatro factores do culto colectivo, por diocese, obtêm-se os agrupamentos que o dendograma sugere (cf. Gráfico 115) e que o mapa 2 permite visualizar.

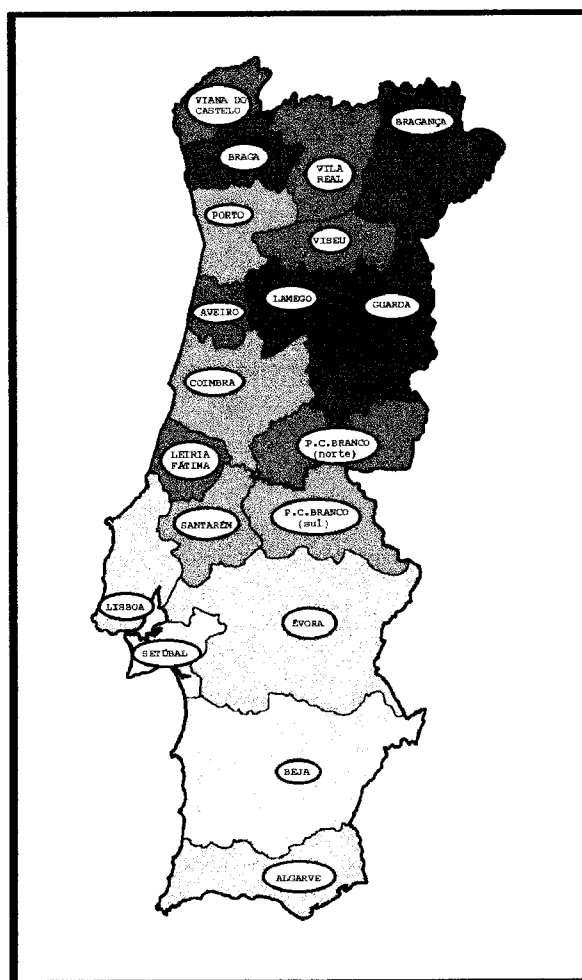
Gráfico 115 - Agrupamento das dioceses segundo os quatro factores do culto colectivo



Confirma-se que as dioceses de Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Algarve são distintas das restantes, observando-se que, dentro deste subconjunto, se podem distinguir Setúbal e Beja. Os restantes três conglomerados são formados, respectivamente, pelas dioceses de: Braga, Lamego e Guarda; Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Viseu, Aveiro, Leiria-Fátima e a zona norte de Portalegre e

Castelo Branco; Porto, Coimbra, Santarém e a zona sul de Portalegre e Castelo Branco.

Mapa 2 - Regiões de prática do culto colectivo



2. Os tipos religiosos do culto colectivo e o contexto social

2.1. Os praticantes modais

Dos indivíduos que, quanto ao culto colectivo, denominámos de praticantes modais (213 - 24%), quase metade (47%) são da região Norte/Interior, nela se englobando 43% dos que vivem nesta região. Os praticantes modais são típicos também das localidades muito pequenas. A maioria (64%) são mulheres que têm o estatuto de donas de casa.

Quanto à estrutura etária a composição é semelhante. É notório, porém, que a proporção dos praticantes modais decresce de norte para sul. Com efeito, 3 em cada 10 são do Centro Litoral, 17% de Lisboa/Santarém e apenas 7% da região Sul. Notório é ainda o decréscimo, posto que menos acentuado e significativo, se atendermos à gradação do volume demográfico (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 123, p. 142).

2.2. Os praticantes assíduos

Os praticantes assíduos (87 - 10%) vivem maioritariamente na região Centro Litoral (45%), sendo 8 em cada 10 do sexo feminino. Estatisticamente é relevante o facto de 16% viverem em lares de uma única pessoa.

Considerada a estrutura etária, verifica-se que os mais novos e os mais velhos estão em menor percentagem. Cerca de metade tem idades compreendidas entre os 40 e 69 anos. Relativamente às regiões dá-se, nesta categoria sócio-

religiosa, uma troca de ordem desta região com a do Norte/Interior que entre os praticantes modais era maioritária e nesta é de 28%. As percentagens de Lisboa/Santarém e Sul (10%) são praticamente as mesmas (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 123, p. 142).

2.3. Os praticantes minimalistas

Este tipo sócio-religioso (67 - 7%) é característico do Norte/Interior (49%), das localidades de menos de 500 habitantes (57%), dos que têm o grau de instrução primária (64%) e trabalham em actividades relacionadas com o sector primário.

As mulheres predominam sobre os homens na razão de 3/2. Por regiões e por dimensão de habitat, as proporções são semelhantes às observadas entre os católicos modais (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 123, p. 142).

2.4. Os praticantes esporádicos

A única característica mais relevante do contexto social, isto é, com valor teste superior a 2.0, é o facto de os indivíduos deste tipo (156 - 17%) serem do estrato médio superior (20%), nele cabendo 26% dos que se situam neste grau de avaliação social. Não há diferenças entre os sexos e são os adultos que em maior número pertencem a este tipo.

Se cerca de 40% vivem na região Centro Litoral, 1 em cada 4 vive em

Lisboa/Santarém. No Norte/Interior e no Sul estão em proporção semelhante (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 123, p. 142).

2.5. Os não praticantes actuais

As características desta categoria sócio-religiosa (216 - 24%) são, sobretudo, as seguintes: indivíduos na primeira fase da vida adulta (39%), isto é, entre os 25 e 39 anos, do sexo masculino (57%), chefes de família, trabalhadores no sector terciário da economia. Embora nesta classe apenas 7% tenham um grau de instrução superior, 4 em cada 10 destes pertencem a esta tipo de culto colectivo (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 123, p. 142).

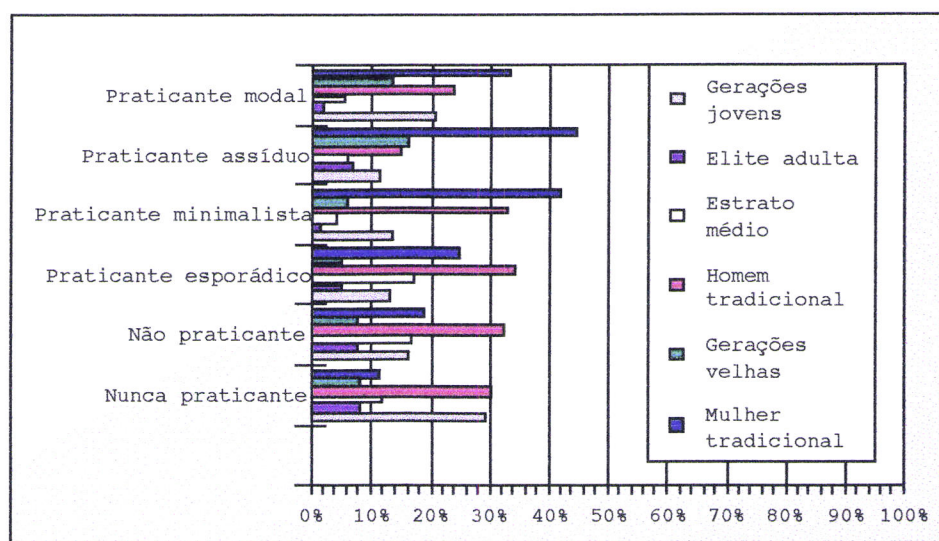
Por regiões, o maior volume (34%) é o do Norte/Interior, a que se segue Lisboa/Santarém (26%) e Sul (22%).

2.6. Os nunca praticantes

O nunca praticar o culto colectivo (167 - 18%) é um comportamento típico da região Sul e Lisboa/Santarém (4 em cada 10), dos homens (66%) e dos solteiros. Os nunca praticantes são um tipo característico das localidades entre 2000 e 9999 habitantes ou de 100000 e mais, dos estudantes, dos que têm o 9º ano de escolaridade e dos que vivem em lares de 3 pessoas (cf. Anexo II - *Resultados de*

Os praticantes modais são, na sua maioria, constituídos por mulheres adultas tradicionais (34%), gerações mais velhas (14%) e homens adultos tradicionais (24%). As gerações jovens representam 2 em cada 10 dos praticantes modais. Os praticantes assíduos são, sobretudo, mulheres tradicionais e gerações velhas, num total de 3 em cada 5. Nos praticantes minimalistas predominam os homens adultos tradicionais. Os praticantes esporádicos e os nunca praticantes têm uma composição semelhante. Entre os nunca praticantes predominam as gerações jovens (29%) e os homens adultos tradicionais (31%). O estrato social médio e a elite adulta tendem a não praticar ou a nunca ter praticado o culto colectivo, já que são a maioria destes dois tipos religiosos. Das gerações jovens, 3 em cada 10 são praticantes modais ou assíduos, embora cerca de metade não tenham prática cultural colectiva.

Gráfico 116 - Composição social dos tipos de culto colectivo



III. CULTO INDIVIDUAL E CONTEXTO SOCIAL

1. Os factores do culto individual e o contexto social

1.1. Índice de relações directas com realidades metaempíricas

O índice de relações directas com as realidades metaempíricas, que varia entre -0.61 e $+1.55$, prende-se, do lado negativo do eixo, com o facto de ser-se do sexo feminino. Outras características são também ter idade acima dos 55 anos, um grau de instrução baixo ou nulo, ser viúvo ou casado, dedicar-se a actividades relacionadas com o sector primário ou ser-se doméstica e dona de casa. Este índice é também mais elevado no Norte/Interior, em localidades de menos de 500 habitantes e entre os que estão no baixo escalão da avaliação social.

Do lado negativo do eixo, o índice está associado ao sexo masculino, ao estado civil (ser-se solteiro) e ao ter como grau de instrução o 12º ano. Também os que têm idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos se distinguem dos restantes, bem como os estudantes e os que se dedicam a actividades que se prendem com o sector terciário da economia. Aos que vivem na dependência familiar juntam-se os chefes de família, os indivíduos dos estratos sociais mais elevados, as famílias pequenas (lares de 3 pessoas). A menor intensidade do culto individual é típica das regiões de Lisboa/Santarém e do Sul, bem como das localidades mais populosas, com excepção das que têm entre 30000 e 99999 habitantes (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*,

Quadro 124, p. 143).

Dadas estas características, não é de estranhar que este factor esteja correlacionado com o ciclo da vida individual e das gerações ($r=.3356$), com os modelos de viver tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=-.1375$), com a relação homem/mulher ($r=-.1240$) e com o estrato social médio superior *versus* o baixo ($r=.1304$).

Consideradas isoladamente as variáveis do contexto social, o sexo é a variável com o valor de associação mais elevado ($\eta^2=.2898$), a que se segue a instrução (.2862), o sector de actividade (.2842), a situação no lar (.2566), a idade (.2344) e a preferência político-partidária (.2139). Com a dimensão do habitat (.1757), o status sócio-económico familiar (.1623) e a dimensão do lar (.1176), o valor da associação é mais baixo. Com as regiões há uma associação de .2245 que aumenta se considerarmos cada uma das dioceses isoladamente (.2838). Com os tipos sociais a grandeza da associação é de $\eta^2 = .3114$, conforme se pode observar no quadro 22.

Quadro 22 - Índices médios da intensidade do culto individual, por região e tipo social

TIPO SOCIAL	NORTE/INTERIOR		CENTRO LITORAL		LISBOA/SANTARÉM		SUL		TOTAL		eta
	média	n	média	n	média	n	média	n	média	n	
Mulher adulta tradicional	-.4965	64	-.3307	91	-.1885	41	.0248	42	-.2881	238	.2848
Gerações mais velhas	-.5040	26	-.5158	19	-.3873	22	.0937	19	-.3861	86	.3442
Homem adulto tradicional	-.2034	78	.1101	86	.2170	58	.3302	39	.0731	261	.2317
Estrato social médio	-.0925	11	.2782	31	.1009	45	.4105	16	.1817	103	.1654
Elite adulta	-.1274	5	.2043	12	.3638	23	.8964	10	.3829	50	.3122
Gerações jovens	.1448	49	.0704	51	.7633	29	.4713	39	.3048	168	.2841
Total	-.2374	233	-.0543	290	.1440	218	.2791	165		906	
Eta	.3644		.3142		.3736		.2867				.3114

Se, globalmente, a mulher adulta tradicional e as gerações mais velhas se distinguem das restantes pela intensidade do culto individual, na região Sul, estes dois tipos sociais aproximam-se mais dos restantes e têm um comportamento diferente do que se observa nas outras regiões. Por sua vez, o homem adulto

tradicional, o estrato social médio e a elite adulta são diferentes na região Norte/Interior. As gerações jovens, pelo contrário, têm um culto individual muito pequeno em todas as regiões, embora ligeiramente distinto no Centro Litoral. Pode concluir-se que, pelo menos parcelarmente, o ambiente religioso, maior ou menor, interfere com a prática do culto individual.

1.2. Índice de intensidade de relações cristãs

A intensidade de relações de tipo cristão (entre -1.71 e +1.13) opõe o sexo feminino ao masculino. O modelo cristão é mais típico das donas de casa, domésticas, viúvos e da região Norte/Interior, bem como dos meios de pequena densidade demográfica (menos de 500 habitantes). O modelo menos cristão é mais característico dos que têm profissões do sector terciário e vivem na região de Lisboa/Santarém. Nota-se também a oposição entre os que têm 55 e mais anos e os mais jovens, os que têm um menor grau de instrução e os mais instruídos, os do estrato social baixo e os dos estratos mais elevados (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 125, p. 143).

Este factor do culto individual está correlacionado com o ciclo de vida e das gerações ($r=-.2593$). O valor, no entanto, é mais baixo relativamente ao modelo de vida tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=-.1713$) e à relação homem/mulher ($r=-.1214$).

Isoladamente, a variável com maior associação é a do sector de actividade económica ($\eta=.2649$), a que se segue a divisão por dioceses (.2602) e o sexo (.2334). Com os tipos sociais o valor da associação é relativamente elevado (.3057),

sendo que as diferenças regionais, embora existentes, são menos marcantes do que no primeiro factor. Assim, por exemplo, mulher tradicional do sul aproxima-se, nesta dimensão, mais da das outras regiões.

1.3. Dimensão comunitária e cristocêntrica

A dimensão comunitária e cristocêntrica do culto individual, que varia entre -1.36 e +.97, tem uma pequena relação com o contexto social. Tende, no entanto, a estar mais presente nas localidades de menos de 500 habitantes, entre os que são viúvos e não têm preferência político-partidária (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 126, p. 144).

Aliás, este facto tem uma correlação praticamente nula com todos os do contexto social, o mesmo se podendo afirmar de cada uma das variáveis tomadas isoladamente. Com os tipos sociais, o valor da associação é de $\eta^2 = .1120$.

1.4. Índice de gratuidade

O índice de gratuidade na oração, compreendido entre +1.47 e -.77, está mais relacionado com os habitats muito pequenos (menos de 500 habitantes) e com os que têm como grau de instrução o 12º ano de escolaridade. O menor índice prende-se com as idades mais avançadas, os viúvos, os que vivem isolados e têm um status social mais baixo (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 127, p. 144).

É com o isolamento/integração social e o estrato médio superior *versus* o

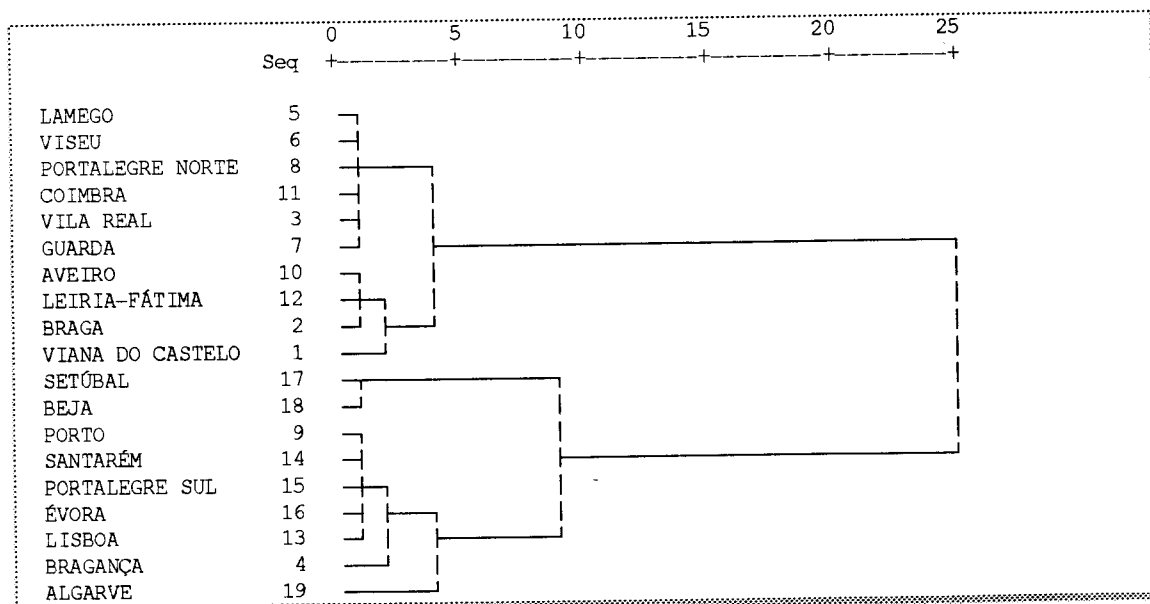
baixo que este factor tem alguma correlação, respectivamente, ($r=.1013$) e ($r=-.1163$).

Isoladamente, a maior associação verifica-se com a idade ($\eta^2=.1428$) e a dimensão do habitat (.1561). Com as dioceses a grandeza da associação é de .2167 e com os tipos sociais de .1142.

* * *

A partir das médias, por diocese, dos quatro factores do culto individual, obtêm-se os clusters⁷ que o dendograma sugere (cf. o Gráfico 117) e que se podem visualizar no Mapa 3.

Gráfico 117 - Agrupamento das dioceses segundo os 4 factores do culto individual

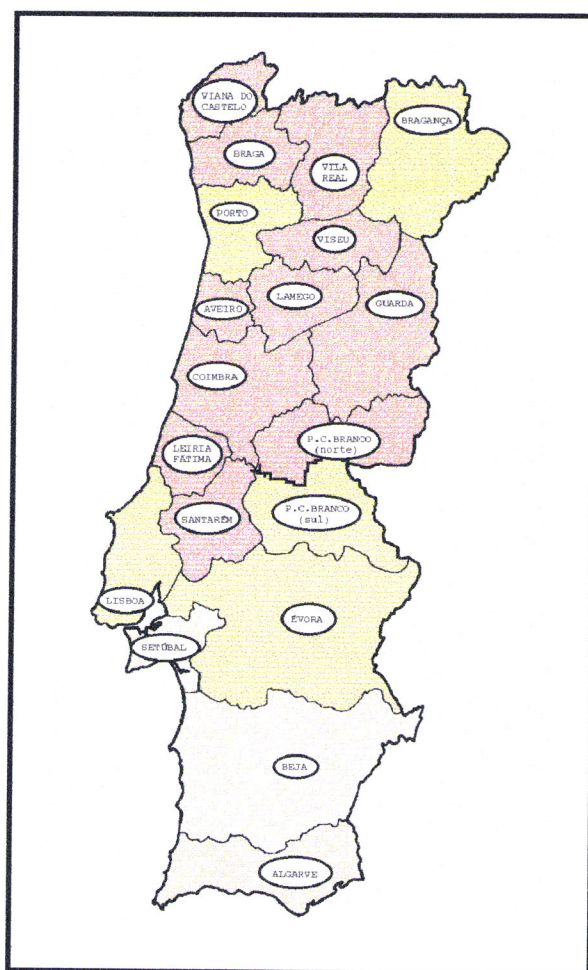


A divisão regional, quanto ao culto individual, é, pois, bastante diferente da que se obtém, quer tendo em conta todos os factores religiosos, quer apenas os do

⁷A medida utilizada foi o quadrado da distância euclidiana e o método de Ward.

culto colectivo. Com efeito, considerando as mesmas quatro regiões, a diocese do Algarve é distinta de todas as outras. Beja e Setúbal formam um outro conjunto. Não contíguos no espaço geográfico, os outros dois conglomerados são formados pelas seguintes dioceses: Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Lamego, Viseu, Guarda, zona norte de Portalegre e Castelo Branco, Aveiro, Coimbra e Leiria-Fátima; Bragança, Porto, Santarém, zona sul de Portalegre e Castelo Branco, Lisboa e Évora.

Mapa 3 - Regiões de culto individual



2. Os tipos religiosos do culto individual e o contexto social

2.1. Os comunitários

O tipo comunitário (68 - 8%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 128, p. 144, é o característico das localidades inferiores a 500 habitantes (60%), do Norte/Interior (53%), do sector primário (24%) e dos que têm por preferência político-partidária o PSD. Nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul este tipo está pouco presente. Se globalmente é indiferenciado entre os sexos, é mais comum entre a mulher (35%) e o homem adultos tradicionais (44%).

Sabendo como foi medido este indicador (oração em família e noutros grupos, sendo predominante a primeira destas duas formas) pode afirmar-se que, presentemente, a oração em família é um hábito pouco comum entre as famílias portuguesas.

2.2. Os marianos

Esta categoria religiosa (94 - 10%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 128, p. 144, é típica da mulher (72%), do estrato social baixo (63%), das domésticas (28%), dos analfabetos (22%), das donas de casa (46%), do Norte/Interior (26%) e dos que têm por preferência político-partidária o PSD.

Dos que se caracterizam por terem como prevacente este tipo de culto

individual apenas 1 em cada 4 vive nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul.

2.3. Os cristocêntricos

O cristocêntrico (67 - 7%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 128, p. 144, é típico dos viúvos (19%), não se diferenciando por outras características sociais, embora seja predominante na região Centro Litoral (40%).

2.4. Os teístas

Estatisticamente, os teístas (103 - 11%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 128, p. 144, não têm qualquer traço relevante do contexto social. Pode afirmar-se, todavia, que este tipo é formado por mulheres na proporção de 6/4 homens.

2.5. Os modais

O culto individual modal (335 - 37%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 128, p. 144, é típico dos viúvos, das mulheres, dos analfabetos, dos que têm 70 e mais anos, dos sem partido e dos que vivem em lares de uma só pessoa.

2.6. Os desligados

Aqueles que designamos por desligados (239 - 26%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 128, p. 144, são maioritariamente masculinos (70%), solteiros (38%), vivem na dependência familiar e na região Sul (28%), têm o 12º ano ou 9º ano de escolaridade (43%), são estudantes ou trabalham profissionalmente em actividades relacionadas com o sector secundário (23%), têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos (38%) e o status sócio-económico familiar típico é o médio superior ou o alto.

* * *

Cruzando os tipos religiosos segundo o culto individual e os tipos do contexto social verifica-se que globalmente há um grau de associação relativamente baixo ($V=.15676$). Essa associação é um pouco mais elevada apenas segundo o sexo ($V=.28546$), a região ($V=.16926$) e a diocese de residência ($V=.20215$).

O Quadro 23 resume a distribuição dos tipos uns pelos outros e o Gráfico 118 sintetiza visualmente essa informação.

Notas salientes são o facto de os jovens e a elite adulta serem os que têm um menor índice de culto individual, pois são desligados em maior número. Também o homem tradicional e o estrato médio superior tem uma forte presença nesta categoria sócio-religiosa de culto individual.

IV. CRENÇAS E CONTEXTO SOCIAL

1. Os factores das crenças e o contexto social

1.1. Cosmovisão cristã/não cristã

A cosmovisão cristã, cujo índice varia entre +.75 e -2.34 é mais típica do sexo feminino, das donas de casa, dos analfabetos ou dos que têm a instrução primária e da região Norte/Interior. Caracteriza também os que têm 55 e mais anos de idade, são casados ou viúvos, pertencem aos estratos sociais menos elevados, têm profissões relacionadas com o sector primário da economia, são domésticas ou reformados, vivem em lares de reduzidas dimensões (1 ou 2 pessoas) e em localidades de muito pequenas dimensões (menos de 500 habitantes).

Globalmente, a cosmovisão não cristã é menos abrangente. É típica dos homens, dos que têm entre 18 e 39 anos, são solteiros, pertencem aos estratos sociais mais elevados, vivem na região Sul e têm como preferência político-partidária o PCP e outros partidos de pequena expressão eleitoral (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 129, p. 145).

É com o ciclo da vida individual e das gerações que este factor sócio-religioso está mais associado ($r=.3439$), mas está relacionado também com o tradicional/rural versus o moderno/urbano ($r=.1873$). Menos intensa é a correlação com o isolamento social ($r=.1032$) e com o estrato médio superior versus o baixo ($r=.1050$).

Consideradas isoladamente as variáveis de contexto, os valores de associação (eta) são os seguintes: sexo (.2525); idade (.2222); grau de instrução (.3681); estado civil (.2261); sector de actividade (.2270); status sócio-económico familiar (.2769); dimensão do lar (.1266); dimensão do habitat (.1943); preferência político-partidária (.2023); região (.2026); diocese (.2514).

Com os tipos sociais do contexto a grandeza da associação é de eta =.3732, sendo o índice médio deste factor, para cada uma das categorias sociais, o seguinte: mulher adulta tradicional (.2079), gerações mais velhas (.3199), homem adulto tradicional (.0283), estrato social médio (-.2076), elite adulta (-.6290), gerações jovens (.1885). Pode colocar-se a questão de saber-se se, tendo em conta as regiões, o comportamento dos tipos sociais é homogéneo ou não face à cosmovisão cristã. O quadro seguinte permite observá-lo.

Quadro 24 - Índices médios da cosmovisão cristã, por região e tipo social

TIPO SOCIAL	NORTE/INTERIOR		CENTRO LITORAL		LISBOA/SANTARÉM		SUL		TOTAL		eta
	média	n	média	n	média	n	média	n	média	n	
Mulher adulta tradicional	.3625	64	.2002	91	.0472	41	.1458	42	.2079	238	.2616
Gerações mais velhas	.4129	26	.3486	19	.3740	22	.1014	19	.3199	86	.3228
Homem adulto tradicional	.2121	78	-.0991	86	.0671	58	-.1159	39	.0283	261	.2416
Estrato social médio	-.2715	11	-.1810	31	-.1501	45	-.3767	16	-.2076	103	.1075
Elite adulta	-.2736	5	-.5518	12	-.5818	23	-1.0080	10	-.6290	50	.2418
Gerações jovens	-.0419	49	-.0767	51	-.3101	29	-.4287	39	-.1885	168	.2434
Total	.1891	233	.0006	290	-.0691	218	-.1776	165		906	
Eta	.4151		.3293		.3795		.4438				.3722

O índice da cosmovisão cristã decresce no sentido norte/sul, decréscimo que é comum a todos os tipos sociais, com excepção do homem adulto tradicional da região de Lisboa/Santarém, que na região Norte/interior tende a ter uma cosmovisão cristã da vida. De resto, como se vem observando, as gerações jovens tendem, em todas as dimensões da religião, a ter índices mais elevados do que o

estrato social médio e a elite adulta.

1.2. Modelo de certeza/dúvida

Pode afirmar-se que não há grande relação entre este factor religioso de modelo de crença, cujos índices máximos de certeza e de dúvida são respectivamente de +2.29 e -1.23, e o contexto social. Há, todavia, pequenas especificações que podemos evidenciar.

A certeza e a dúvida opõem os que têm entre 40 e 55 anos aos mais jovens (18-24 anos), os casados e os viúvos aos solteiros. A certeza é mais típica do estrato social alto e da região de Lisboa/Santarém; a dúvida do Centro Litoral e das localidades entre 10000 e 29999 habitantes (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 130, p. 145).

Este factor tem uma correlação baixa com o ciclo de vida e das gerações ($r=.1136$) e com o viver tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=-.1058$). Com os outros factores a correlação é praticamente nula.

Consideradas isoladamente, as variáveis de contexto ou não têm associação com este factor, ou tal associação é baixa: idade ($\eta=.1473$); grau de instrução (.1032); estado civil (.1505); sector de actividade (.1229); situação no lar (.1312). Por regiões, o Norte/interior e Lisboa/Santarém aproximam-se pela certeza; o Centro Litoral e o Sul pela dúvida. Este factor tem também uma associação baixa ($\eta=.1662$) com os tipos sociais. A atitude de certeza é mais comum entre a mulher adulta tradicional, as gerações mais velhas, o estrato social médio e a elite adulta.

A atitude de dúvida predomina entre o homem adulto tradicional e as gerações jovens.

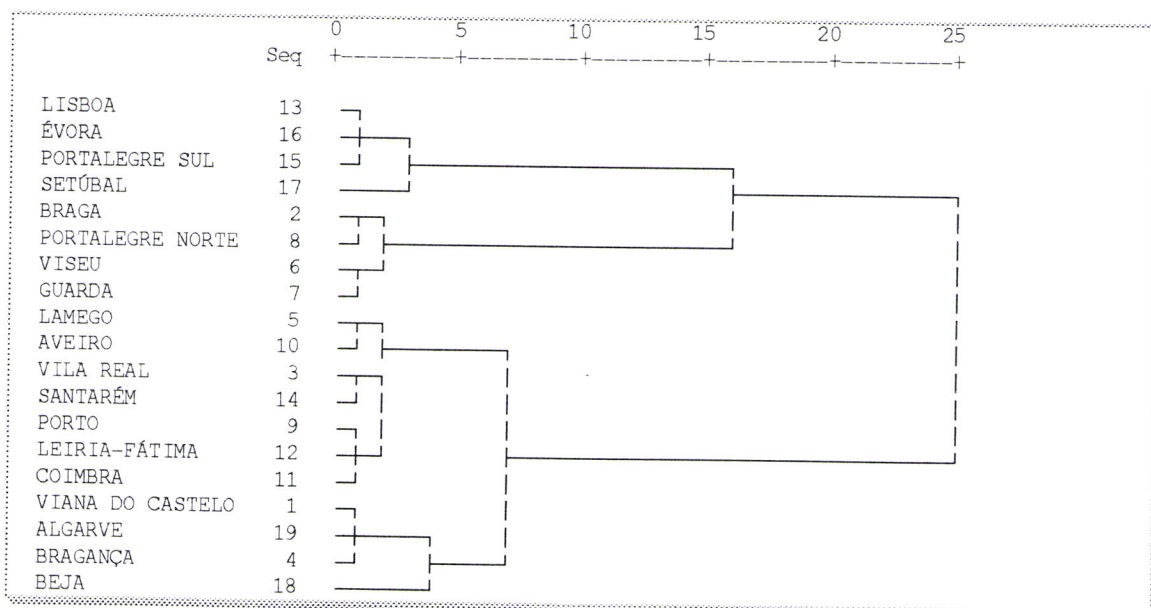
1.3. Índice de dúvida

Não se pode afirmar que o índice de dúvida, mais ou menos forte, seja muito correlacionado com o contexto social. Este índice varia entre +1.16 e -1.59. Excepção é apenas a região Centro Litoral onde a dúvida é mais forte.⁸

* * *

Tendo em conta a média destes três factores de crença, por diocese, qual a regionalização do país, utilizando a técnica da análise de clusters?⁹

Gráfico 119 - Agrupamento das dioceses segundo os 3 factores das crenças



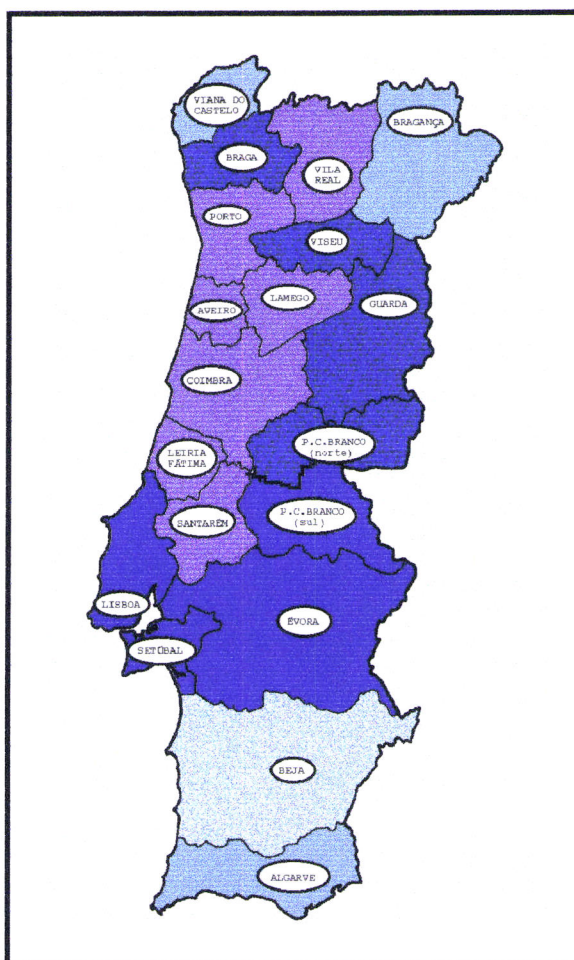
É interessante notar como as dioceses de Viana do Castelo, Bragança,

⁸ Por essa razão, dispensamo-nos de apresentar o quadro respectivo.

⁹ A medida utilizada foi o quadrado da distância euclidiana e o método o de Ward.

Algarve e Beja se aproximam, formando um conglomerado, embora, se dividirmos o país em 5 conjuntos, esta última diocese surja isolada. Um outro conjunto é formado pelas dioceses de Lisboa, Setúbal, Évora e a zona sul de Portalegre e Castelo Branco. Braga, Viseu, Guarda e a zona norte de Portalegre e Castelo Branco também se agrupam no mesmo conjunto. O outro cluster é formado pelas dioceses de Vila Real, Lamego, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria-Fátima e Santarém. Verifica-se alguma descontinuidade espacial (cf. gráfico 7 e mapa 4).

Mapa 4 - Regiões de crenças



2. Os tipos religiosos de crença e o contexto social

2.1. Os crentes convictos

Predominantemente o crente convicto (176 - 19%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 131, p. 146, é da região Norte/interior (41%), tem o estatuto de dona de casa (48%), é do sexo feminino (66%), doméstica (23%), reformado (10%) e analfabeto (19%). A proporção de crentes convictos diminui à medida que aumenta o volume da população.

2.2. Os crentes sincréticos

Os crentes sincréticos (98-11%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 131, p. 146, são, sobretudo, os indivíduos do status sócio-familiar mais baixo (60%) e tendem a ser em menor número conforme se sobe na escala de avaliação social. Quanto às outras características sociais são bastante heterogêneos, embora tendam a ser em menor proporção nos meios sociais muito populosos (10000 e mais habitantes).

2.3. Os crentes modais

Os crentes modais (240 - 26%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 131, p. 146, são típicos da região Centro Litoral (40%),

das localidades muito pequenas (menos de 500 habitantes: 39%), dos que estão profissionalmente ligados ao sector primário (15%), pertencem ao estrato social médio inferior (50%) e são casados (69%).

2.4. Os crentes heterodoxos

Os crentes heterodoxos (140 - 15%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 131, p. 146, são típicos do estrato social médio superior (21%) e do sector terciário da economia (59%). A maioria tem idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos e um grau de instrução baixo: instrução primária (50%).

2.5. Os ateus

O ateu típico (25 - 3%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 131, p. 146, é do sexo masculino (86%), tem instrução de grau superior (24%), é chefe de família (76%) e, profissionalmente, está ligado ao sector terciário da economia (72%).

2.6. Os cépticos

Os cépticos (154 - 17%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o*

contexto social, Quadro 131, p. 146, são solteiros (37%), vivem na dependência da família de origem (30%), são do sexo masculino (60%), estudantes (10%) e têm entre 18 e 24 anos (24%).

2.7. Os muito cépticos

Os muito cépticos (73 - 8%), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 131, p. 146, têm as características sociais dos cépticos, sendo que a idade é o conjunto etário da primeira fase da idade adulta (25-39 anos: 44%) e a instrução, o 12º ano de escolaridade (29%).

* * *

O Quadro 25 resume a distribuição dos tipos de crentes pelos tipos do contexto social¹⁰, sendo que a grandeza da associação $V=.18845$. O Gráfico 120 permite visualizar e comparar a informação.

Os convictos, sincréticos, modais e heterodoxos são, maioritariamente, as mulheres e homens adultos tradicionais e as gerações mais velhas. Os ateus são, sobretudo, indivíduos do estrato médio superior e da elite adulta. Entre os cépticos e muito cépticos prevalecem os homens adultos tradicionais e as gerações jovens. A mulher e homem adultos tradicionais são tipicamente crentes modais; as gerações

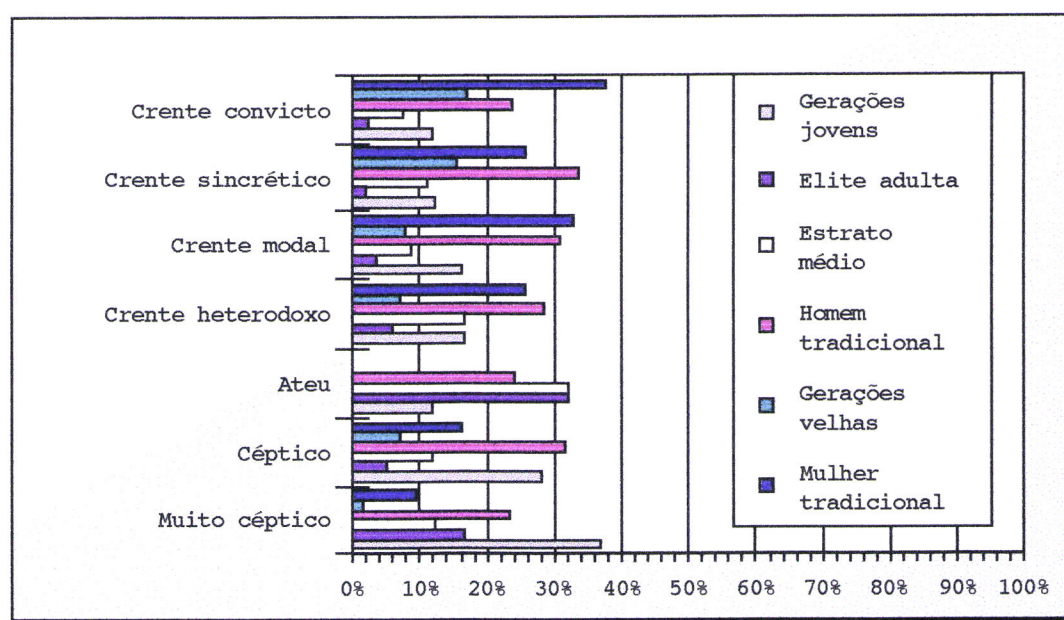
10 O valor da associação (V de Cramer) entre os tipos de crentes e as variáveis de contexto é o seguinte: sexo (.24331); idade (.12977); grau de instrução (.17081); estado civil (.16115); sector de actividade (.14507); situação no lar (.17273); status sócio-económico familiar (.19262); dimensão do lar (.09656); dimensão do habitat (.12285); preferência político-partidária (.11043); região (.15572); diocese (.22753).

mais velhas, crenes convictos; o estrato social médio é crente heterodoxo; a elite adulta é muito céptica e as gerações jovens, são ou cépticos (25.5%) ou crenes modais (23.2%).

Quadro 25 - Tipos de crenes e tipos sociais

TIPOS DO CONTEXTO SOCIAL	TIPOS DE CRENTES							Total
	Convicto	Sincrético	Modal	Heterodoxo	Ateu	Céptico	Muito céptico	
Mulher tradicional	66	25	79	36		25	7	238
	28%	11%	33%	15%		11%	3%	100%
	38%	26%	33%	26%		16%	10%	26%
Gerações mais velhas	30	15	19	10		11	1	86
	35%	17%	22%	12%		13%	1%	100%
	17%	15%	8%	7%		7%	1%	9%
Homem adulto tradicional	42	33	74	40	6	49	17	261
	16%	13%	28%	15%	2%	19%	7%	100%
	24%	34%	31%	29%	24%	32%	23%	29%
Estrato social médio	13	11	21	23	8	18	9	103
	13%	11%	20%	22%	8%	17%	9%	100%
	7%	11%	9%	16%	32%	12%	12%	11%
Elite adulta	4	2	8	8	8	8	12	50
	8%	4%	16%	16%	16%	16%	24%	100%
	2%	2%	3%	6%	32%	5%	16%	6%
Gerações jovens	21	12	39	23	3	43	27	168
	13%	7%	23%	14%	2%	26%	16%	100%
	12%	12%	16%	16%	12%	28%	37%	19%
Total	176	98	240	140	25	154	73	906
	19%	11%	26%	15%	3%	17%	8%	100%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Gráfico 120 - Composição social dos tipos de crenes



V. VALORES MORAIS E CONTEXTO SOCIAL

1. Os factores da moral e o contexto social

1.1. Conformidade com a moral católica

O índice de conformidade com a moral católica varia entre -0.89 e $+1.22$.

A conformidade com a moral católica é significativamente mais forte no Norte/Interior e nas localidades com menos de 500 habitantes. O mesmo se verifica da parte da mulher, dos que têm 55 e mais anos, são analfabetos ou só têm a instrução primária, são casados ou viúvos, trabalham no sector primário da economia, são domésticas ou reformados, são donas de casa e pertencem aos estratos sociais menos elevados.

O maior afastamento do código moral católico é típico dos que têm o 12º ano de escolaridade, são solteiros e estudantes. Mas verifica-se também entre os homens, os que têm idades entre os 18 e os 39 anos, grau de instrução superior ou 9º ano de escolaridade, são separados ou divorciados, trabalham no sector secundário ou são desempregados, vivem na dependência familiar, pertencem aos estratos sociais mais elevados, vivem nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul e em habitats de 2000 e mais habitantes (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 132, p. 146-147).

Dadas estas características, não é de estranhar que este factor moral tenha uma correlação relativamente elevada com o ciclo de vida e das gerações ($r=-.4374$) e também com o meio tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=-.2129$). A

grandeza da associação com o isolamento social e com o estrato médio superior *versus* o baixo é, respectivamente, de .1724 e de .1394.

Consideradas isoladamente as variáveis do contexto social, observa-se que este factor está associado sobretudo ao grau de instrução ($\eta^2=.4220$), à região (.3725), ao sector da profissão (.3477) e à idade (.3344). O Centro Litoral tende a ser muito heterogéneo. Por dioceses, nota-se que o valor mais alto do índice médio de conformidade com a moral católica se dá em Braga (média=-.4314) e o menor em Setúbal (.3262). Com os tipos sociais o valor da associação é de $\eta^2 = .3983$. A maior conformidade é também a das gerações mais velhas (índice médio =-.2568), da mulher adulta tradicional (-.1653) e do homem adulto tradicional (-.0253). O afastamento e mesmo oposição à moral católica é maior entre a elite adulta (.3595), o estrato social médio (.1916) e as gerações jovens (.1806). Mas serão os tipos sociais diferentemente conformes com a moral católica nas diversas regiões sócio-religiosas amostrais? O Quadro 26 procura responder à questão.

No Norte/Interior apenas a elite adulta foge à conformidade com a moral católica, embora o estrato social médio e as gerações jovens tenham um índice médio bastante diminuto. No Centro Litoral, a mulher adulta tradicional e as gerações mais velhas distanciam-se dos outros tipos. Em Lisboa/Santarém e no Sul, a tendência é para o afastamento da moral católica, exceptuadas as gerações mais velhas, nas duas regiões e a mulher adulta tradicional em Lisboa/Santarém.

Quadro 26 - Índices médios de conformidade com a moral católica por região e tipo social

TIPO SOCIAL	NORTE/INTERIOR		CENTRO LITORAL		LISBOA/SANTARÉM		SUL		TOTAL		eta
	média	n	média	n	média	n	média	n	média	n	
Mulher adulta tradicional	-.3841	64	-.1601	91	-.0383	41	.0326	42	-.1653	238	.3863
Gerações mais velhas	-.4665	26	-.2209	19	-.1186	22	-.1658	19	-.2568	86	.3974
Homem adulto tradicional	-.2839	78	-.0111	86	.1683	58	.1722	39	-.0253	261	.4413
Estrato social médio	-.0887	11	.2835	31	.2224	45	.1198	16	.1916	103	.2771
Elite adulta	.2676	5	.2305	12	.3420	23	.6005	10	.3595	50	.3002
Gerações jovens	-.0421	49	.2105	51	.2850	29	.3438	39	.1806	168	.3543
Total	-.2598	233	.0089	290	.1455	218	.1592	165		906	
Eta	.4223		.4322		.3237		.4711				.3983

1.2. Avaliação moral definida/indefinida

As formas de avaliação moral definidas (-.57) e indefinidas (+2.37) não têm grande relação com o contexto social.

Apenas as mulheres que vivem em habitats de menos de 500 habitantes e os que têm por preferência político-partidária o PCP tendem a ter formas definidas de avaliação moral. As formas indefinidas de julgamento moral são mais típicas do homem, da maior densidade demográfica e dos que não têm preferência político partidária (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 133, p. 147).

Este factor tem uma correlação nula com todos os factores do contexto social. À mesma conclusão se chega se considerarmos os tipos sociais e cada uma das variáveis isoladamente, com excepção do que se refere às dioceses em que o valor da associação é relativamente elevado ($\eta^2=.4264$), havendo, quanto a esta variável, uma distribuição geográfica diferente da amostral.

1.3. Perspectiva laica da moral

A perspectiva laica da moral (limite de -.64) prende-se, sobretudo, com as regiões Sul e Lisboa/Santarém e com os que não têm preferência político-partidária.

A perspectiva não laica (limite de +1.05) está mais relacionada com o Norte/Interior e com os habitats de muito pequena dimensão. Prende-se ainda com o sector primário da economia e com a preferência político partidária no PSD. Laica é também a perspectiva dos que se dedicam a actividades relacionadas com o sector terciário, pertencem ao estrato social médio inferior e vivem em grandes centros

urbanos (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 134, p. 147).

Este factor moral está relacionado com o modo de viver tradicional/rural ($r=.1547$), com a relação homem/mulher ($r=-.1141$), com o estrato alto *versus* o médio superior ($r=-.1279$) e com o médio superior *versus* o baixo ($r=-.1608$).

Consideradas isoladamente as variáveis do contexto, há alguma associação com a dimensão do habitat ($\eta=.2288$), com a região (.3145) e mais forte com as dioceses (.4445). Com os tipos sociais a grandeza da associação deste factor é de apenas $\eta=.1021$

Poder-se-á que a maior ou menor densidade demográfica e a repartição religiosa do país condicionam este factor.

1.4. Moral económica

O índice de moralidade económica varia entre +.78 e -.93.

A moral económica mais afastada da perspectiva cristã é a que se verifica sobretudo nas localidades de pequena dimensão (até 1999 habitantes) e na idade entre os 25 e 39 anos e também no estrato baixo.

A moral económica mais conforme com a perspectiva cristã verifica-se nos habitats de média dimensão (10000 a 29999 habitantes) e no estrato social alto (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 135, p. 147).

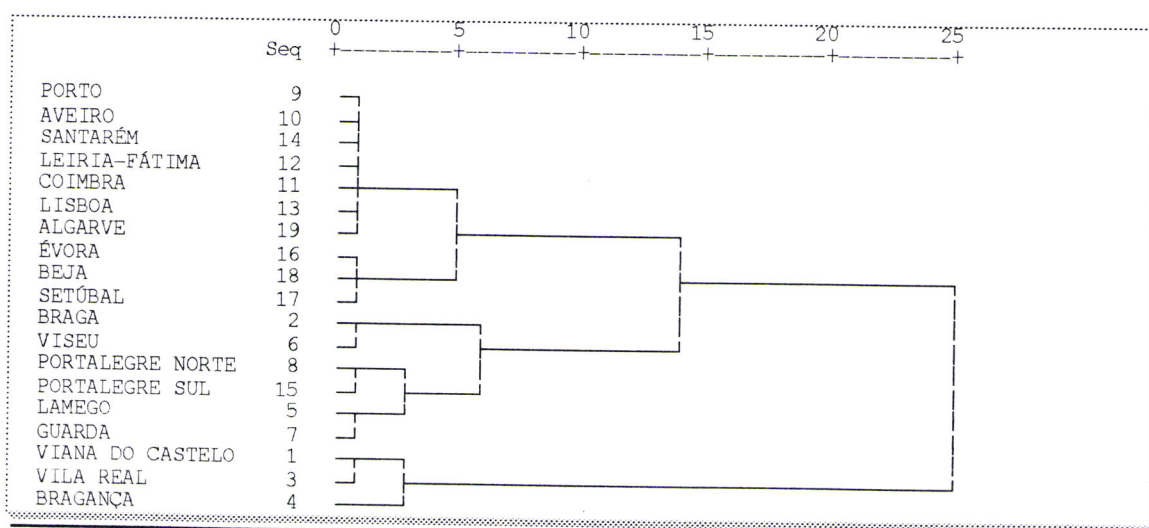
Não há correlação entre este factor e qualquer dos factores do contexto

social. Isoladamente observa-se alguma associação com a dimensão do habitat ($\eta=1.650$) e com as dioceses isoladas (.2688). Com os tipos sociais a associação é nula.

* * *

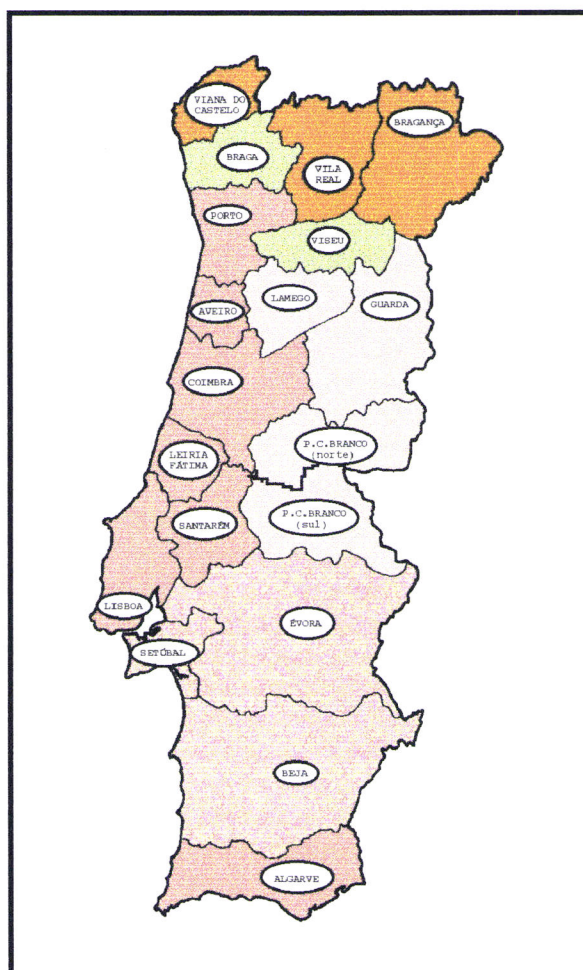
Conforme o dendograma sugere (cf. Gráfico 121), na construção do qual se utilizaram o índice médio dos quatro factores morais por diocese¹¹, podem formar-se 4 clusters. As dioceses de Viana do Castelo, Vila Real e Bragança formam um conjunto. Lamego, Guarda e Portalegre e Castelo Branco formam outro conglomerado, surgindo agrupadas as duas zonas em que dividimos esta última diocese. Outro cluster é formado por Braga e Viseu. As restantes dioceses formam o outro conjunto. Deste, separam-se as dioceses de Setúbal, Évora e Beja, caso se opte por uma divisão em cinco conglomerados. De salientar que, quanto aos valores morais, a repartição geográfica é bastante diversa da que obtivemos de início (cf. o Mapa 5).

Gráfico 121 - Agrupamento das dioceses segundo os 4 factores da moral



¹¹ A medida utilizada foi o quadrado da distância euclidiana e o método o de Ward.

Mapa 5 - Regiões de valores morais



2. Os tipos religiosos da moral e o contexto social

2.1. Os humanistas laicos

Os humanistas laicos (198 - 22%) são típicos da região sul (32%), do estrato médio superior (21%), do sector terciário (55%) e das localidades entre 10000 e 99999 habitantes (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 136, p. 147-148).

2.2. Os egoístas

Os moralmente egoístas (131 - 14%) não têm características sociais específicas o que significa que estão distribuídos em proporção semelhante pelas diversas variáveis que constituem o tecido social.

2.3. Os imorais

Os que seguem um código moral oposto ao cristão (164 - 18%) têm o 12º ano (26%) ou instrução superior (9%), vivem na região de Lisboa/Santarém (41%), pertencem ao estrato alto e médio superior (40%), têm idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos (64%). São estudantes, solteiros ou separados/divorciados, vivem na dependência familiar, são do sexo masculino (60%), trabalham no sector terciário da economia (57%) e vivem em localidades de 10000 a 29999 habitantes (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 136, p.

147-148).

2.4. Os conformistas morais

A maioria (52%) dos conformistas morais (168 - 19%) são da região Norte/Interior a que se segue o Centro Litoral com 28%, sendo que 25% são analfabetos, 17% viúvos, 18% têm 70 e mais anos, 42% são donas de casa e cerca de 4 em cada 5 são do sexo feminino (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 136, p. 147-148).

2.5. Os abúlicos

Os abúlicos (74 - 8%) não têm características sociais relevantes, excepto que 55% vivem nas localidades mais pequenas e 45% na região Norte/Interior (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 136, p. 147-148).

2.6. Os conformistas parcelares

Caracterizam este tipo moral, cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 136, p. 147-148, formado por 171 indivíduos que representam 19% do total, o serem casados (74%), terem a instrução primária

(58%), viverem em localidades de 10000 ou mais habitantes, na região de Lisboa/Santarém, terem entre 55 e 69 anos (29%) e pertencerem ao estrato social médio inferior (41%).

* * *

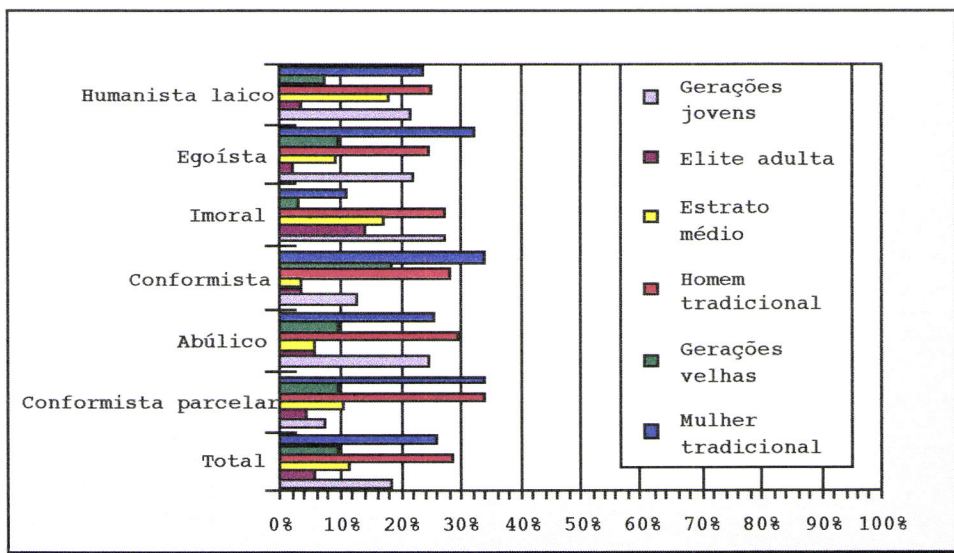
Das variáveis de contexto são as regiões ($V=.26223$) e as dioceses ($V=.34594$) as que mais estão relacionadas com os tipos morais.

Considerando os tipos do contexto social, cuja associação com os tipos morais é relativamente pequena ($V=.16939$) pode afirmar-se que o humanista laico, o egoísta e o conformista parcelar são típicos da mulher e do homem tradicionais bem como das gerações jovens. O imoral é mais representado pelo homem tradicional e pelas gerações jovens. O conformista moral é típico das gerações velhas; o abúlico do homem e da mulher tradicionais e dos jovens. O Quadro 27 e o Gráfico 122 ilustram o que dizemos.

Quadro 27 - Tipos morais e tipos sociais

	TIPOS MORAIS					Total	
	Humanista laico	Egoísta	Imoral	Conformista	Abúlico Conformista parcelar		
TIPOS DO CONTEXTO SOCIAL							
Mulher adulta tradicional	47 20% 24%	42 18% 32%	18 8% 11%	57 24% 34%	19 8% 26%	55 23% 32%	238 100% 26%
Gerações mais velhas	15 17% 8%	13 15% 10%	5 6% 3%	31 36% 18%	7 8% 9%	15 17% 9%	86 100% 26%
Homem adulto tradicional	50 19% 25%	32 12% 24%	45 17% 27%	47 18% 28%	22 8% 30%	65 25% 38%	261 100% 29%
Estrato social médio	36 35% 18%	12 12% 9%	28 27% 17%	6 6% 4%	4 4% 5%	17 17% 10%	103 100% 11%
Elite adulta	7 14% 4%	3 6% 2%	23 46% 14%	6 12% 4%	4 8% 5%	7 14% 4%	50 100% 6%
Gerações jovens	43 26% 22%	29 17% 22%	45 27% 27%	21 13% 13%	18 11% 24%	12 7% 7%	168 100% 19%
Total	198 22% 100%	131 14% 100%	164 18% 100%	168 19% 100%	74 8% 100%	171 19% 100%	906 100% 100%

Gráfico 122 - Composição social dos tipos morais



VI. RELIGIÃO COMO VALOR E CONTEXTO SOCIAL

1. Os factores da religião como valor e o contexto social

1.1. A religião como valor sentimental - valorização do religioso

Este índice varia entre +1.13 e -1.26.

A religião é valorizada pela mulher, pelos mais velhos (55 e mais anos), pelos casados e viúvos, pelos que se dedicam a actividades relacionadas com o sector primário, são domésticas e reformados; pelas donas de casa; pelos que vivem em lares de uma pessoa. Essa valorização é notória nos habitats mais pequenos, nas regiões Norte/Interior e Centro Litoral, no estrato alto e médio alto, entre os que têm pequeno grau de instrução. Para estes a religião é um valor central.

Pelo contrário, tende a ser menos valorizada pelo homem, pelos que têm um grau de instrução mais elevado (9º ano de escolaridade ou mais), pelos solteiros, os chefes de família e os que vivem na dependência familiar. No mesmo sentido de desvalorização do religioso se situam os que profissionalmente desenvolvem actividades no sector terciário ou são estudantes, vivem em lares de três pessoas, em localidades de 20000 e mais habitantes e nas regiões do Sul e de Lisboa/Santarém e têm como preferência partidária o PCP, outros partidos ou não têm um partido preferido. O mesmo se diga para os que se situam, nos estratos sociais mais elevados (médio superior e alto), cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 137, p. 148.

De facto, este factor religioso está correlacionado com o ciclo de vida e das gerações ($r=.3130$); com o modo de vida tradicional/rural versus o moderno/urbano ($r=.2006$), com o isolamento social ($r=.1321$), com a relação homem/mulher ($r=.1193$) e com o estrato social médio superior *versus* o baixo ($r=-.1157$).

Consideradas isoladamente as variáveis de contexto há alguma associação com todas elas ($\eta > .2$). Com os tipos sociais do contexto a associação é de $\eta=.3183$, sendo o índice médio o seguinte: gerações mais velhas (.2344), mulher adulta tradicional (.1788), homem adulto tradicional (-.0339), gerações mais jovens (-.1137), estrato social médio (-.2225), elite adulta (-.2376). A questão está em saber se este índice médio global é homogéneo ou heterogéneo conforme as regiões religiosas amostrais. O Quadro 28 permite responder à questão.

Quadro 28 - Índices médios da valorização do religioso, por região e tipo social

TIPO SOCIAL	NORTE/INTERIOR		CENTRO LITORAL		LISBOA/SANTARÉM		SUL		TOTAL		eta
	média	n	média	n	média	n	média	n	média	n	
Mulher adulta tradicional	.3238	64	.2506	91	-.0002	41	-.0216	42	.1788	238	.3465
Gerações mais velhas	.3531	26	.3229	19	.1847	22	.0342	19	.2344	86	.3091
Homem adulto tradicional	.1627	78	-.0068	86	-.1844	58	-.3074	39	-.0339	261	.3560
Estrato social médio	-.1608	11	-.1843	31	-.1937	45	-.4201	16	-.2225	103	.1589
Elite adulta	.1304	5	-.1963	12	-.2467	23	-.4505	10	-.2376	50	.2691
Gerações jovens	-.0523	49	-.0199	51	-.1462	29	-.3326	39	-.1137	168	.2659
Total	.1677	233	.0780	290	-.1158	218	-.2208	165		906	
Eta	.3717		.3353		.2463		.3694				.3183

A valorização do religioso é decrescente no sentido norte/sul. Observa-se, porém, que o comportamento dos tipos sociais, nem sempre é semelhante em todas as regiões, com excepção das gerações mais velhas. A mulher adulta tradicional tende a valorizar o religioso no Norte/Interior e Centro Litoral e a desvalorizá-lo nas outras regiões. As gerações mais jovens do Centro Litoral têm também uma atitude distinta das outras regiões.

1.2. A religião como valor intelectual

Este índice varia entre -0.89 e $+0.84$.

A religião tende a ser um valor intelectual para os que pertencem ao estrato social alto, têm o 12º ano de escolaridade, são da região de Lisboa/Santarém ou do Sul e têm actividades profissionais relacionadas com o sector terciário. E também pelos homens, pelo conjunto etário dos 18 aos 24 anos e, de um modo geral, nos meios demográficos de maior volume. Neste aspecto, a religião é menos valorizada pelos idosos, pelos que pertencem ao estrato social baixo e são analfabetos. Igual tendência se verifica entre as mulheres (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 138, p. 149).

Este factor prende-se com o ciclo de vida e das gerações ($r=0.1982$), com o meio tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=0.1876$), com a relação homem/mulher ($r=-0.1962$).

Tomadas isoladamente cada uma das variáveis do contexto social, o grau de instrução tem uma associação relativamente elevada ($\eta^2=0.3144$), o que não é de estranhar. Com os tipos sociais a associação é de $\eta^2=0.2347$, sendo o índice da elite adulta de -0.1896 , a indicar ser esta categoria social a que mais preconiza a religião como um valor intelectual.

1.3. A religião como valor social

Este índice varia entre -1.36 e $+0.66$.

Os valores do lado negativo do eixo significam que a religião é apenas

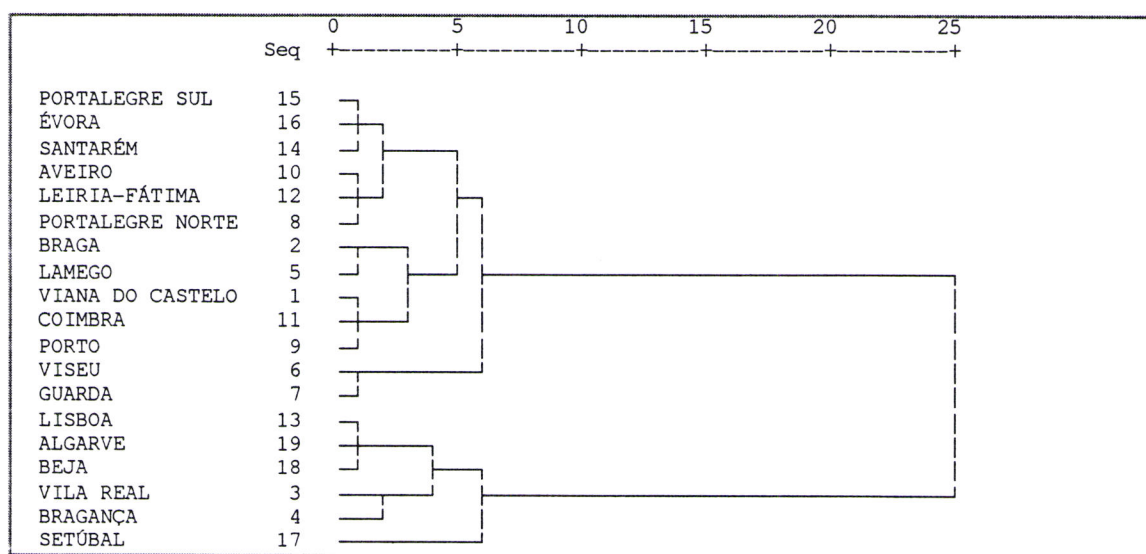
tomada como um valor sócio-cultural. Essa perspectiva é própria dos casados, dos que têm como instrução escolar o 6º ano de escolaridade, têm como preferência político-partidária o PCP, são homens e têm como status sócio-económico familiar o médio inferior. A estes se opõem os que vivem numa situação de isolamento social (cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 139, p. 149).

É de facto com o isolamento social que há alguma correlação, posto que ($r=.1218$). Com os tipos sociais a associação é muito pequena ($\eta^2 = .1152$).

* * *

Utilizando as médias dos factores da religião como valor, por diocese, obtêm-se os agrupamentos que o diagrama (cf. gráfico 123) e o Mapa 6 ilustram.¹²

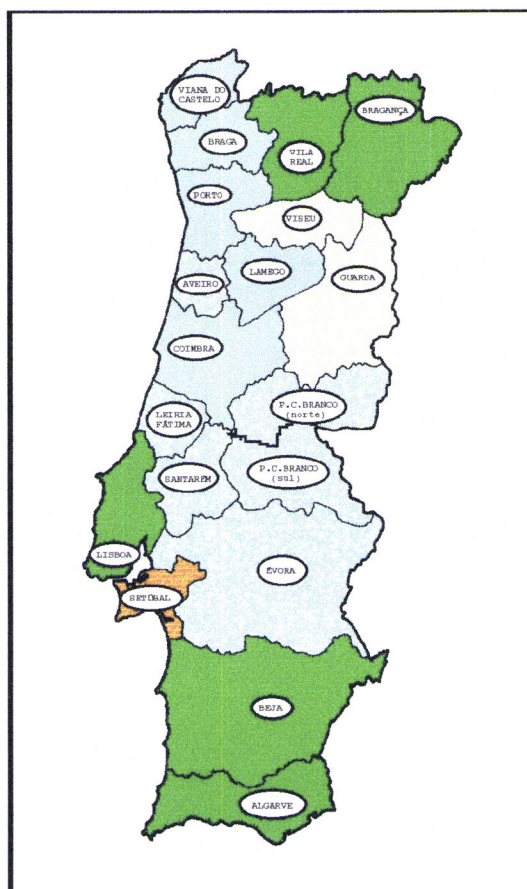
Gráfico 123 - Agrupamento das dioceses segundo os 3 factores da religião como valor



¹² A medida utilizada foi o quadrado da distância euclidiana e o método de Ward.

Se numa partição em quatro *clusters*, as dioceses de Beja e do Algarve se juntam, com elas se agrupam também as de Vila Real, Bragança e Lisboa. A diocese de Setúbal surge isolada. As dioceses de Viseu e Guarda formam outro conglomerado. As restantes dioceses formam outro conglomerado que se cinde em dois se a divisão for de cinco *clusters*. Neste caso, um conglomerado é formado pelas dioceses de Viana do Castelo, Braga, Lamego, Porto e Coimbra; o outro, pelas dioceses de Aveiro, Leiria-Fátima, Santarém, Portalegre e Castelo Branco no seu todo e Évora. Nesta dimensão religiosa, a repartição geográfica é diferente da obtida, quer para estabelecer a amostra, quer a partir das outras dimensões, verificando-se alguma descontinuidade geográfica.

Mapa 6 - Regiões da religião como valor



2. Os tipos religiosos da religião como valor e o contexto social

2.1. Os questionantes

A característica social mais relevante dos questionantes (273 - 30%) é serem do sexo feminino (60%). São as mulheres que mais põem em causa as normas eclesiais do aborto, divórcio, etc.. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 140, p. 149).

2.2. Os festivos

O tipo festivo (208 - 23%) prende-se com o facto de se ser homem (66%), ter o 6º ano de escolaridade, ser chefe de família e ter como preferência político-partidária o PCP. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 140, p. 149).

2.3. Os identificados

Aqueles que denominamos por identificados (277 - 31%) são maioritariamente femininos (68%), donas de casa e domésticas. Cerca de 35% vivem na região Norte/Interior ou Centro Litoral (42%) e pertencem ao estrato social mais baixo. Caracterizam-se ainda por serem analfabetos, têm 55 e mais anos e serem viúvos. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o*

contexto social, Quadro 140, p. 149).

2.4. Os periféricos

Aqueles para os quais a religião é um valor periférico (148 - 16%) são, sobretudo, do sexo masculino (66%), têm uma instrução elevada (grau superior, 12º ou 9º ano de escolaridade), pertencem aos estratos sociais mais elevados e vivem nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul. (Cf. Anexo II - *Resultados de Base da Análise de Correspondências Múltiplas e da Classificação Automática - CAP. X - A religião e o contexto social*, Quadro 140, p. 149).

* * *

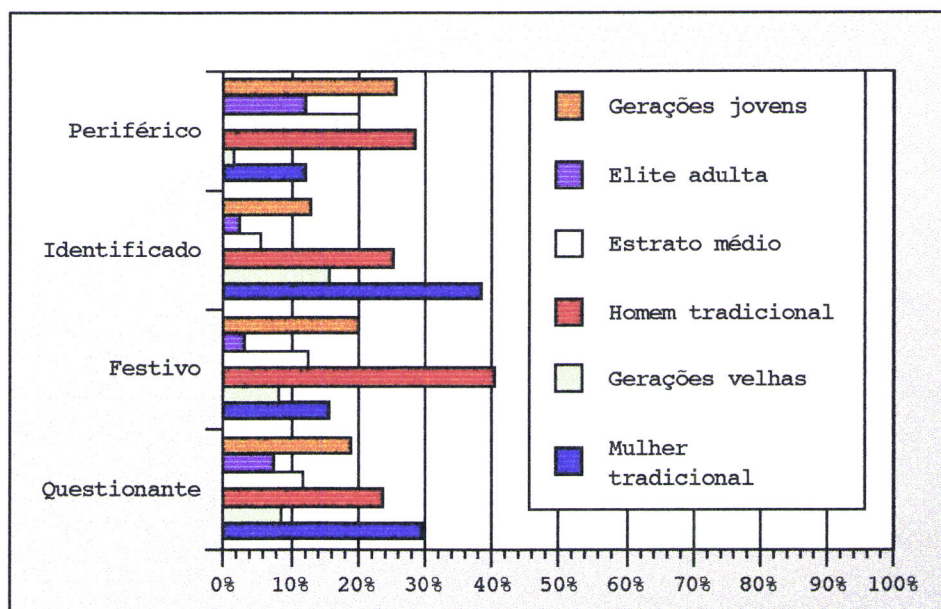
O sexo ($\eta^2=.29851$) e o grau de instrução são as variáveis mais associadas com os tipos religiosos.

A relação entre os tipos religiosos e os tipos sociais mostra que há uma relativamente pequena associação entre eles ($V=.21213$), conforme se observa no Quadro 29 e o Gráfico 124 ilustra. As gerações mais velhas e a mulher adulta tradicional são tipicamente identificados; o homem adulto tradicional é do tipo festivo; o estrato social médio e a elite adulta e as gerações mais jovens são do tipo questionante.

Quadro 29 - Tipos da religião como valor e tipos sociais (n° e %)

TIPOS DO CONTEXTO SOCIAL	TIPOS DE RELIGIÃO COMO VALOR				Total
	Questionante	Festivo	Identificado	Periférico	
Mulher adulta tradicional	81 34%	33 14%	106 45%	18 8%	238 100%
Gerações mais velhas	23 27%	17 20%	44 51%	2 2%	86 100%
Homem adulto tradicional	65 25%	84 32%	70 27%	42 16%	261 100%
Estrato social médio	32 31%	26 25%	15 15%	30 29%	103 100%
Elite adulta	20 40%	6 12%	6 12%	18 36%	50 100%
Gerações jovens	52 31%	42 25%	36 21%	38 23%	168 100%
Total	273 30%	208 23%	277 31%	148 16%	906 100%
	100%	100%	100%	100%	100%

Gráfico 124 - Composição social dos tipos da religião como valor



CAPÍTULO XI

A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOMINICAL NO BINÓMIO RELIGIÃO E SOCIEDADE

Na análise da mútua relação entre religião e sociedade, verificámos como o contexto sócio-cultural é uma forte condicionante da religião. Notámos que os factores do contexto social estão, de algum modo, associados aos religiosos e que os tipos sociais têm intensidades diversas nos seus comportamentos religiosos. Observámos, no entanto, que a implantação religiosa é geograficamente diversificada influenciando também na dinâmica da sociedade, pois introduz diferentes subculturas religiosas. Assim, se, por exemplo, o fenómeno das gerações e os estilos de vida são factores que influenciam a religião, são também condicionadas por ela e, observámo-lo, as categorias sociais tendem a ser religiosamente diferentes, principalmente, no norte e no sul do país.

Se é certo que o culto colectivo, nomeadamente a prática da missa dominical, prática que é um indicador privilegiado da vivência religiosa católica, depende do contexto social e religioso, também não é menos verdade que o facto de os indivíduos se exporem ao culto, mais ou menos vezes, os pode levar a que tenham uma maior ou menor vivência religiosa. Com efeito, a repetição desta prática cultural, cria e reforça os laços com a comunidade dos crentes, permite uma maior audição da doutrina religiosa e moral, ou seja, é factor de integração e de aculturação religiosas. Pretendemos, por isso, analisar em que medida a prática frequente ou não da missa dominical contextualiza as diferenças que anotámos e que provêm, quer da dinâmica social, quer da própria tradição religiosa regional. Os que têm uma maior prática dominical serão relativamente independentes das

subculturas religiosas, isto é, das regiões e da sua categoria social? Terão, por exemplo, um índice semelhante de crenças e valores morais, quer pertençam às gerações mais jovens ou mais velhas, quer vivam no norte, no centro ou no sul do país? Se tal acontecer, podemos concluir que a religião contém, em si, uma força própria — expressa na prática dominical — que a pode levar a superar os obstáculos que, porventura, os factores ambientais lhe colocam. Diremos também que, se é certo que a sociedade condiciona a religião, também a religião, através da dinâmica da sua própria organização, dos seus recursos e métodos, pode levar aquela a conformar-se com as suas crenças, os seus valores e as suas práticas. Estas hipóteses saem reforçadas se, pelo contrário, os que menos se expõem à prática dominical tiverem atitudes e comportamentos mais afastados do código religioso.

O nosso objectivo é, portanto, estudar a influência da prática dominical na relação entre o contexto social e religião e no quadro das subculturas religiosas.

Para tentar responder a esta questão, dividimos a amostra em duas: os que frequentam a missa dominical com assiduidade (pelo menos uma vez por mês) e os que a frequentam menos (algumas vezes no ano ou só nas festas principais) ou nunca vão à missa aos domingos. Os primeiros são 325 e os segundos, 581, representando, respectivamente, 35.9% e 64.1% dos 906 respondentes.¹ A medida utilizada é a média de cada um dos primeiros factores religiosos que já obtivemos nas análises de correspondências múltiplas, tanto do tema geral, isto é, de todas as variáveis em conjunto, como dos subtemas: culto colectivo, culto individual, valores morais, religião como objecto e factor de cultura. Todavia, refizemos, sem a variável frequência dominical, tanto o factor global da vivência religiosa como o da

¹ A estimativa para a população total é de, respectivamente, 2375 milhares (34.9%) e de 4422 milhares (65.1%).

intensidade do culto colectivo, para retirar o efeito dessa variável.² Também, para anular o efeito da região, calculámos os factores e tipos sociais, sem essa variável.³ Nas técnicas estatísticas privilegiaremos, agora, a correlação entre os factores religiosos e os do contexto social e a comparação das médias dos factores religiosos e a análise de variância para observar se há diferenças, tanto no contexto regional como no das categorias ou tipos sociais que formámos.

Para a comparação do efeito da missa dominical nos factores religiosos utilizaremos como medida o *r* de Pearson. Se nas subamostras o valor da medida for diferente da global relativamente aos principais factores do contexto (ciclo da vida individual e das gerações, estilo de vida rural/tradicional *versus* o moderno urbano e isolamento *versus* integração social) tal significará que se verifica o efeito da prática dominical, e tanto maior quanto menor for o valor da medida cujos limites se situam entre -1 e +1.⁴

Para relacionar o efeito da prática dominical nas regiões e tipos sociais, apresentamos diversos quadros com as médias dos factores religiosos que se observam, quer na subamostra dos mais assíduos, isto é, os que vão à missa

2 Na ACM com todas as questões temáticas activas, a soma dos valores próprios é de 2.2585, sendo o primeiro valor próprio de 0.2367, equivalente a 10.48%; na do culto colectivo, a soma de todos os valores próprios é de 2.1429, sendo o primeiro de 0.5016 (23.41%). Procedemos igualmente à troca dos sinais positivos e negativos, sempre que necessário, para que todos os índices religiosos tenham o mesmo sentido e seja mais fácil estabelecer comparações. É o caso da vivência religiosa, do culto colectivo e individual e dos valores morais.

3 Na ACM, a soma dos valores próprios é de 3.7778, sendo que o primeiro factor tem um valor próprio de 0.3919 (10.37%). Os mais importantes são os três primeiros que têm o significado que já lhe atribuíamos quando levámos em conta também a região sócio-religiosa de residência: ciclo da vida individual e das gerações (-1.69 a + 1.21); rural/tradicional *versus* o urbano moderno (+1.67 a -.90); isolamento *versus* integração social (-.96 a +1.60). Para a CA, utilizámos os 13 eixos com valor próprio acima do médio (0.1111), tendo-se obtido as mesmas 6 classes, sendo o quociente de inércia de .40. Como a ordem das classes obtidas agora foi ligeiramente diferente (a 5ª classe era a 3ª e vice-versa), procedemos a uma recodificação para facilitar a comparação. Apenas se verificam muito ligeiras alterações numéricas. O seu significado é, porém, o mesmo: mulher adulta tradicional (240 - 26.49%); gerações mais velhas (86 - 9.49); homem adulto tradicional (262 - 28.92%); estrato social médio (101 - 11.15%); elite adulta (44 - 4.86); gerações mais jovens (173 - 19.09%). As estimativas, para a população total, são, em milhares: mulher adulta tradicional - 1789 (26.3%); gerações mais velhas - 660 (9.7%); homem adulto tradicional - 1902 (28.0%); estrato social médio - 781 (11.5%); elite adulta - 373 (5.5%); gerações jovens - 1292 (19%).

4 Só se o valor da medida não for significativo com, pelo menos 95% de probabilidades, o referiremos no texto.

dominical pelo menos uma vez por mês — missalizantes⁵, quer dos que se expõem menos ou nunca se expõem a tal prática, ou seja, vão à missa menos de uma vez por mês. Apresentamos igualmente as médias globais e a caracterização das subamostras em percentagem e em números absolutos, para se ter presente essa caracterização.

O efeito da missa dominical é observável se a média dos factores religiosos dos que têm tal prática for superior à média global e, nesse caso, o efeito do contexto será menor. Pelo contrário, as médias dos que não participam na missa dominical tenderão a afastar-se em sentido contrário ao da média global, o que reforça a importância do contexto e, *a contrario*, o próprio efeito da missa dominical. Como medida global utilizaremos o 'eta' cujos limites de variação se situam entre zero e a unidade. Quanto maior for o efeito da prática dominical, menor será a grandeza da medida o que significa que, globalmente, a prática dominical conduz à homogeneização das regiões ou dos tipos sociais. Quanto menor for o efeito da prática dominical, maior tenderá a ser a grandeza do 'eta' e, como tal, a heterogeneidade.⁶

É discutível a utilização destas técnicas estatísticas que implicam pressupostos específicos e que vamos admitir que se verificam na população. Todavia são uma indicação para a análise a que vamos proceder.⁷

5 Neste contexto, empregamos o neologismo para nos referirmos aos que vão à missa dominical pelo menos 1 vez por mês.

6 Se o teste da análise de variância for significativo ao nível de $\alpha=0.05$ ou mais não o referiremos no texto, mas apenas quando não tivermos evidência para extrapolar os dados para a população.

7 Assim, por exemplo, o r de Pearson, que mede a associação linear entre as variáveis, implica, entre outras restrições, que se observe a linearidade. A análise da variância exige, entre outras restrições que, na população, haja uma distribuição normal e que se verifique homocedasticidade, isto é, que as variâncias sejam iguais.

1. O efeito da prática dominical e a vivência religiosa

1.1. A intensidade da vivência religiosa e os factores do contexto

Globalmente, isto é, independentemente, da maior ou menor prática dominical, a grandeza da associação entre o índice de vivência religiosa e o ciclo de vida e das gerações é de $r=+.3978$. Todavia, para os missalizantes e os não missalizantes a grandeza do r é, respectivamente, de $+.3676$ e de $+.4121$. Se para os primeiros o valor da associação é menor, isso quer significar que há algum efeito da prática dominical sobre a dinâmica da vivência religiosa das gerações. Para os que não se expõem tanto à prática dominical ou nunca se expõem, a sua vivência religiosa está mais dependente do factor contextual. Por outras palavras: a distância da vivência religiosa diminui entre as gerações para os que mais frequentam a missa dominical e aumenta para os demais. Sendo a correlação positiva, pode afirmar-se que quanto mais se avança em idade maior tende a ser a vivência religiosa.

A correlação da intensidade da vivência religiosa é menor com o estilo de vida rural/urbano ($r=+.1335$) e o isolamento social ($r=-.2411$) do que com o ciclo da vida individual e das gerações. Para os mais assíduos à missa dominical observa-se que o viver em ambiente mais rural ou mais urbano não está relacionado com a sua intensidade de vivência religiosa. Com efeito, o valor da correlação é praticamente nulo ($r=+.0599$), embora não se possa rejeitar que, na população, não haja associação entre as variáveis. Para os menos assíduos, a influência destes factores contextuais mantém-se, embora com menor intensidade, respectivamente, de $r=-.1289$ e $r=-.1950$.

Pode, portanto, concluir-se, que a maior ou menor prática dominical se reflecte na vivência religiosa, o que é normal, e que a influência do contexto social tende a diminuir, isto é, está menos dependente de um modo de vida de maior isolamento social e, sobretudo, do ambiente mais rural ou mais urbano. O fenómeno das gerações é menos sensível ao efeito da missa dominical. Isto sugere que a força intrínseca da religião, medida pela prática dominical, é menos potente para se impor à dinâmica do ciclo da vida individual e das gerações do que ao isolamento/integração sociais e, principalmente, ao modo de vida tradicional/rural *versus* o urbano/moderno.

1.2. A intensidade da vivência religiosa e as subculturas regionais

O Quadro 30 (cf. última coluna) mostra que, separando os missalizantes (índice médio=+.375) dos que praticam menos ou nunca praticam (-.211), se verifica, globalmente, o efeito da missa dominical sobre a intensidade da vivência religiosa.

Já dissemos, e as médias globais, por regiões, confirmam-no (cf. última linha do Quadro 30), que o índice de vivência religiosa varia em função das regiões. Assim, a região Norte/Interior é a mais religiosa (média de +.233); a região Centro Litoral é incaracterística (+.029): as regiões de Lisboa/Santarém (-.119) e do Sul (-.210), porém, são menos religiosas. Há, portanto, conjuntos diversos de dioceses com subculturas religiosas diferentes, ou seja, ambientes mais favoráveis ou desfavoráveis à religião. Comparando as percentagens da prática dominical mais ou menos assídua, chegamos a conclusão análoga. Com efeito, se no total do país, a maioria (64.1%) não frequenta com assiduidade mensal a missa dominical, os mais

assíduos acompanham o valor decrescente do índice de vivência religiosa, no sentido norte/sul. A percentagem de missalizantes é mais elevada no Norte/Interior (53.6%) e no Centro Litoral (42.8%) e mais diminuta nas outras regiões. Em Lisboa/Santarém, apenas 1 em cada 4 pratica este rito com ritmo mensal e, no Sul, a proporção ainda é menor: cerca de 1 em cada 10.⁸

Quadro 30 - Índice de vivência religiosa, por regiões e prática dominical

ÍNDICE VIVÊNCIA RELIGIOSA	REGIÃO (sócio-religiosa) DE RESIDÊNCIA (VC17*)				Total
	Norte Interior	Centro Litoral	Lisboa Santarém	Sul	
MISSA DOMINICAL*					
Pelo menos 1 v. mês					
média	.419	.328	.368	.416	.375
%	53.6%	42.8%	25.7%	12.1%	35.9%
Menos de 1 v. mês					
média	-.004	-.195	-.288	-.297	-.211
%	46.4%	57.2%	74.3%	87.9%	64.1%
Total					
média	.223	.029	-.119	-.210	-.001
n	233	290	218	165	906

No entanto, é interessante notar que, entre os missalizantes, o índice de vivência religiosa esbate as diferenças regionais. Repare-se como a média do índice na região Norte/Interior (+.419) e no Sul (+.416) é semelhante, acontecendo também que em Lisboa/Santarém (+.368) é ligeiramente mais elevada do que na região Centro Litoral (+.328). Diremos, assim, que o facto de se ir à missa com mais frequência homogeniza as regiões, o que significa que se tende a ter uma vivência religiosa semelhante, tanto nos ambientes mais favoráveis como nos mais hostis.

Por outro lado, para os não missalizantes, sobressai o efeito da subcultura religiosa diversa no sentido norte/sul, o que confirma, *a contrario*, o efeito da

⁸ As estimativas dos missalizantes, por região, para a população, são as seguintes, em milhares: Norte/Interior - 872; Centro Litoral - 898; Lisboa/Santarém - 481; Sul - 124.

prática dominical. De facto, para os missalizantes o valor da associação é menor ($\eta^2=.1930$) do que para os não missalizantes (.2287), evidenciando que, entre estes, há uma maior heterogeneidade relativa, fruto do ambiente sócio-religioso regional diversificado.

1.3. A intensidade da vivência religiosa e os tipos sociais

As médias da última coluna do Quadro 31, recordemo-lo, mostram que as gerações mais velhas (índice médio=+.274) e a mulher tradicional (+.209) têm uma vivência religiosa mais intensa do que as outras categorias sociais que tendem a ser menos religiosas, nomeadamente a elite adulta (-.449), o estrato social médio (-.215) e as gerações jovens (-.185).

Quadro 31 - Índice de vivência religiosa por tipos sociais e prática dominical

ÍNDICE VIVÊNCIA RELIGIOSA	TIPOS SOCIAIS*						Total
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens	
MISSA DOMINICAL*							
Pelo menos 1 v. mês							
média	.429	.472	.357	.298	.352	.252	.375
%	50.4%	44.2%	30.2%	22.8%	22.7%	31.2%	35.9%
Menos de 1 v. mês							
média	-.015	.118	-.158	-.367	-.684	-.383	-.211
%	49.6%	55.8%	69.8%	77.2%	77.3%	68.8%	64.1%
Total							
média	.209	.274	-.003	-.215	-.449	-.185	-.001
n	240	86	262	101	44	173	906

Também relativamente aos tipos sociais se observa o efeito da missa dominical, no sentido da intensidade da vivência religiosa ser mais forte entre os missalizantes do que entre os não missalizantes, o que não é de estranhar.

Mutatis mutandis, verifica-se um fenómeno idêntico ao observado relativamente às regiões. Nas categorias sociais com menor intensidade de vivência religiosa, nota-se mais o impacto da frequência assídua da missa dominical, embora a heterogeneidade seja maior ($\eta^2=.3354$) do que a verificada nas regiões. As gerações mais velhas são aquelas em que a intensidade da vivência religiosa está menos dependente da influência da prática dominical, pois a diferença entre as médias, sempre positiva, é relativamente mais diminuta. Pelo contrário, onde se verifica maior influência é entre a elite adulta, uma vez que a diferença entre as médias é maior.⁹

Creemos poder afirmar que o impacto da prática dominical é menor relativamente aos tipos sociais do que às regiões, porque ao contrário do que acontece com estas, o valor da associação aumenta mais para os não missalizantes ($\eta^2=.4271$) do que globalmente (.4120). Além disso, observa-se que o índice de vivência religiosa é relativamente baixo, se comparado com o médio (+.375), tanto para o estrato social médio (+.298) como, sobretudo, para as gerações jovens (+.252). Isso sugere que estas categorias sociais, mesmo indo à missa dominical com frequência mensal, são menos sensíveis à influência directa dessa prática cultural.

2. O efeito da prática dominical e o culto colectivo

2.1. A intensidade do culto colectivo e os factores do contexto

Se não entrarmos em linha de conta com a prática dominical, há uma correlação positiva de $r=+.3157$ entre o ciclo de vida individual e das gerações e o

⁹ A estimativa dos missalizantes, por tipos sociais, para a população total, em milhares, é a seguinte: mulher adulta tradicional - 895; gerações mais velhas - 268; homem adulto tradicional - 544; estrato social médio - 168; elite adulta - 79; gerações jovens - 420.

índice de culto colectivo, a significar que quanto mais se avança em idade maior é a intensidade deste tipo de culto. Todavia, dividindo a amostra, observa-se que a grandeza da correlação diminui para os missalizantes ($r=+.3021$), o que significa que há algum efeito da prática dominical que esbate o efeito do factor contextual.

Relativamente ao viver rural=/urbano a correlação entre as variáveis é praticamente nula, independentemente da prática dominical. Quer dizer que pelo facto do modo de vida ser mais rural ou mais urbano não se pode prever qual a intensidade da prática do culto colectivo, embora se observe uma ténue tendência para uma maior prática no ambiente rural.

Já relativamente ao isolamento social *versus* a integração social, pelo contrário, pode afirmar-se que o culto colectivo tende a ser mais intenso se o estilo de vida for marcado pela integração social ($r=-.2564$). No entanto, para os missalizantes a correlação é praticamente nula ($r=+.0206$) e não significativa. Embora não se possa extrapolar para a população, verifica-se a tendência da frequência assídua da missa dominical anular o efeito do contexto mais marcado pelo isolamento ou pela integração sociais.

Há-de, assim, concluir-se que o efeito da missa dominical tende a esbater, sobretudo, a influência do modo de vida rural/urbano e do isolamento *versus* a integração social. A *contrario*, esta influência é mais forte para os não missalizantes.

2.2. A intensidade do culto colectivo e as subculturas regionais

A última coluna do Quadro 32 põe em evidência o efeito da missa dominical: para os missalizantes o índice médio é de $+.631$ e para os não missalizantes de -

.353, sendo a diferença de médias estatisticamente significativa. Mas, esse efeito, é observável também a nível regional. Com efeito, a intensidade do culto colectivo é relativamente homogénea em todas as regiões, esbatendo-se a diferença entre as subculturas religiosas mais favoráveis e menos favoráveis. Mais: na região Sul, o índice médio de culto colectivo é até mais elevado para os que vão à missa (+.694), sendo que a região de Lisboa/Santarém tem o índice mais baixo de todos (+.520).

Quadro 32 - Índice de culto colectivo, por regiões e prática dominical

ÍNDICE CULTO COLECTIVO	REGIÃO (sócio-religiosa) DE RESIDÊNCIA (VC17*)				Total
	Norte Interior	Centro Litoral	Lisboa Santarém	Sul	
MISSA DOMINICAL*					
Pelo menos 1 v. mês					
média	.676	.626	.520	.694	.631
‡	53.6‡	42.8‡	25.7‡	12.1‡	35.9‡
Menos de 1 v. mês					
média	.088	-.294	-.534	-.548	-.353
‡	46.4‡	57.2‡	74.3‡	87.9‡	64.1‡
Total					
média	.404	.099	-.263	-.397	.000
n	233	290	218	165	906

Para os não missalizantes, nota-se o efeito das regiões. No Norte/Interior a intensidade do culto colectivo é bastante diminuta (+.088), mas mais forte do que nas outras regiões. As médias globais escondem o efeito, quer da prática dominical assídua, quer da não assídua, pois, separando as amostras, observam-se esse efeitos. A prática dominical conduz à homogeneização regional ($\eta^2=.1615$); o efeito da subcultura religiosa é menos forte e evidencia a heterogeneidade regional ($\eta^2=.3896$) que, globalmente, é de .4246.

2.3. A intensidade do culto colectivo e os tipos sociais

O efeito da prática dominical é observável também relativamente aos tipos sociais. As categorias sociais dos missalizantes tendem a ser relativamente um

pouco mais heterogêneas ($\eta^2=.2832$) do que as dos não missalizantes (.2735).

É notório, porém, que as gerações mais velhas têm um índice de culto superior se vão com frequência à missa (média=+.766), a que se segue a mulher adulta (+.693) e o homem adulto tradicionais (+.638). Mas, onde o efeito é mais marcado (cf. Quadro 33), isto é, a diferença relativamente à média global é superior, é na elite adulta (+.518), gerações jovens (+.471) e estrato social médio (+.448).

Quadro 33 - Índice de culto colectivo, por tipos sociais e prática dominical

ÍNDICE CULTO COLECTIVO	TIPOS SOCIAIS*						Total
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens	
MISSA DOMINICAL*							
Pelo menos 1 v. mês							
média	.693	.766	.638	.518	.448	.471	.631
%	50.4%	44.2%	30.2%	22.8%	22.7%	31.2%	35.9%
Menos de 1 v. mês							
média	-.107	-.224	-.320	-.503	-.597	-.535	-.353
%	49.6%	55.8%	69.8%	77.2%	77.3%	68.8%	64.1%
Total							
média	.296	.213	-.031	-.270	-.359	-.221	.000
n	240	86	262	101	44	173	906

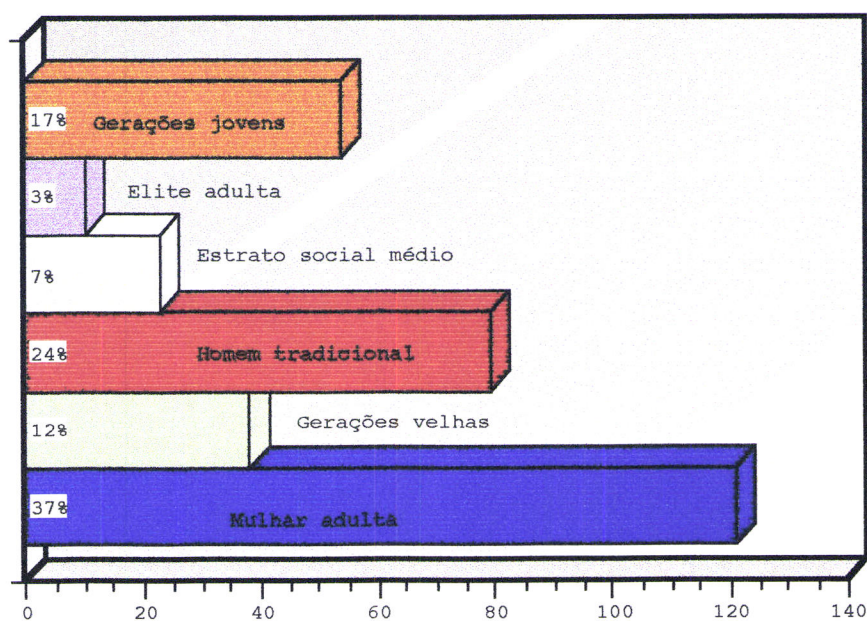
Os que não se expõem com frequência mensal à prática dominical sofrem a influência do tipo social de pertença, observando-se, no entanto, que é a mulher adulta tradicional (média de -.107) aquela que está menos dependente da influência da prática dominical na sua intensidade de culto colectivo que é sempre mais elevado do que qualquer das restantes categorias sociais.

* * *

Creemos ser interessante, neste apartado, observar qual a composição social média da missa dominical por tipos sociais, tendo em conta os que vão à missa

dominical pelo menos uma vez por mês. Conforme o Gráfico 125 ilustra, as mulheres adultas tradicionais estão em maioria (37.2%); cerca de 1/5 são homens adultos tradicionais a que se seguem as gerações jovens (16.6%). Cerca de 1 em cada 10 pertence às gerações mais velhas, 7.1% ao estrato social médio e 3.1% à elite adulta. As pequenas diferenças que observam de região para região são as que transcrevem no Quadro 34.

Gráfico 125 - Composição social média da missa dominical



Outros estudos têm revelado que, nas dioceses ou regiões onde a prática dominical é menos intensa, há uma maior percentagem de comungantes.¹⁰ Assim, se considerarmos, neste estudo, apenas aqueles que disseram ir à missa todos os domingos e comungam também todos os domingos - missa dominical (210) ; comungantes 87 (41.4%), por serem as modalidades de ambas as variáveis que se

¹⁰ Cf., no Capítulo IV do nosso trabalho, as notas 60, p. 195-196, e 69, p. 199-200. As comparações entre os nossos resultados e os dos recenseamentos são difíceis de fazer, tanto mais que, na amostra recolhida, embora por diocese, se tem em conta apenas a população maior de 18 anos, residente no continente, em localidades de mais de 10 habitantes.

podem comparar, observa-se também que nas regiões onde a prática dominical é menos intensa a percentagem de comunhões é, no entanto, mais elevada. O Mapa 7 confirma o que acabamos de afirmar.

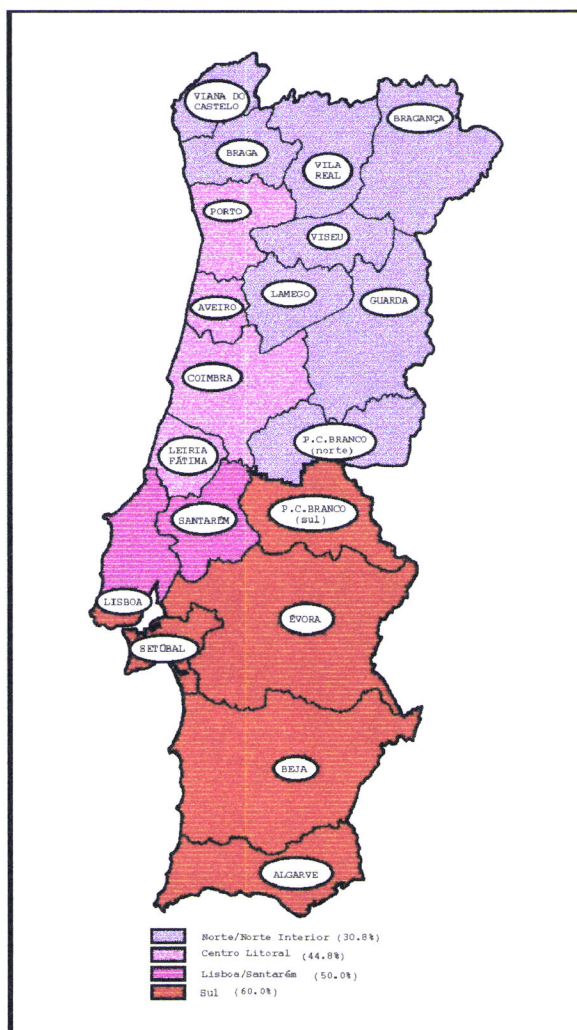
Quadro 34 - Composição social média da missa dominical, por regiões

MISSALIZANTES	TIPOS SOCIAIS*					
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens
	%	%	%	%	%	%
NORTE/INTERIOR						
Pelo menos 1 v. mês	33.6%	16.8%	29.6%	4.0%	.8%	15.2%
	42	21	37	5	1	19
CENTRO LITORAL						
Pelo menos 1 v. mês	45.2%	6.5%	21.8%	4.8%	3.2%	18.5%
	56	8	27	6	4	23
LISBOA/SANTARÉM						
Pelo menos 1 v. mês	28.6%	12.5%	17.9%	16.1%	8.9%	16.1%
	7	2	5	3	3	
SUL						
Pelo menos 1 v. mês	35.0%	10.0%	25.0%	15.0%		15.0%
	7	2	5	3		3

Assim, na região Norte/Interior que tem a maior percentagem de indivíduos que vão à missa todos os domingos é aquela em que estes menos comungam (30.8%); no Centro Litoral, a percentagem de comungantes é de 44.8%; em Lisboa/Santarém, de 50% e, no Sul, de 60%, sendo estas duas últimas regiões as que têm a menor percentagem de indivíduos que cumprem o preceito dominical.¹¹

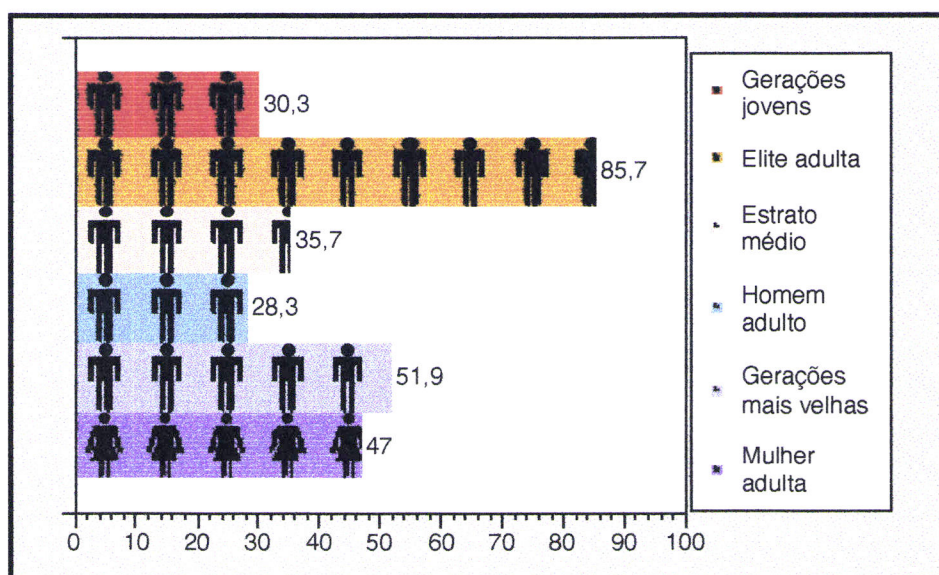
11 A estimativa ponderada dos que cumprem o preceito dominical e comungam todos os domingos é, respectivamente, de 1513 e de 628 milhares. Por regiões, as estimativas, também em milhares, são as seguintes: Norte Interior - 542/138; Centro Litoral - 620/280; Lisboa/Santarém - 258/127; Sul - 98/63.

Mapa 7 - Regiões segundo a % de comungantes cumpridores do preceito dominical



Interessante é notar também que, considerando por tipos sociais os que cumprem o preceito dominical e comungam todos os domingos, a elite adulta (87.5%) é a categoria social com maior percentagem de comungantes, conforme se documenta no Gráfico 126. Os menos comungantes são o homem adulto tradicional (28.3%) e as gerações jovens (30.3%) e o estrato social médio (35.7%).¹²

Gráfico 126 - Percentagem de comungantes, por tipo social



Poderá concluir-se que onde a subcultura religiosa é mais desfavorável, os que vencem esse obstáculo e vão à missa dominical têm nela uma participação mais intensa expressa no rito da comunhão. A nível dos tipos sociais fica evidenciado que a categoria melhor posicionada social, económica e culturalmente — a elite adulta — é também aquela que tem uma prática dominical qualitativamente superior, ao nível da comunhão sacramental. Tal não é de estranhar dado o seu maior nível cultural que se reflecte numa maior consciencialização do rito da missa dominical em que participam mais plenamente.

¹² Estimando os valores dos que vão à missa todos os domingos e comungam com a mesma frequência, a estimativa, em milhares, por tipos sociais é a seguinte: mulher adulta tradicional - 619/289; gerações mais velhas - 168/86; homem adulto tradicional - 316/86; estrato social médio - 99/35; elite adulta - 53/44; gerações jovens - 257/88.

3. O efeito da prática dominical e o culto individual

3.1. A intensidade do culto individual e os factores do contexto

Independentemente da prática dominical, a intensidade do culto individual está positivamente correlacionada com o ciclo da vida individual e das gerações ($r=+.3251$), o que significa que quanto mais se avança em idade mais forte é a intensidade do culto colectivo individual.

Mas, separando os missalizantes dos demais, observa-se que o valor da correlação baixa para os primeiros ($r=+.2144$) e aumenta para os segundos ($r=+.3317$). Quer isto significar que há um efeito da prática dominical que esbate as diferenças entre as gerações. Pelo contrário, quando ele não se verifica resulta mais evidente o efeito deste factor contextual.

Também relativamente ao culto individual é praticamente nula a influência do modo de vida rural/urbano ($r=+.0943$), sendo que a estatística não é significativa tanto para os missalizantes como para os outros.

No que se refere à influência do factor isolamento *versus* integração social, há uma correlação global de $r=-.1616$ a significar que a intensidade do culto individual diminui em função do maior isolamento social. No entanto, o efeito da missa dominical esbate essa influência ($r=+.0544$), embora apenas se possa referir aos valores amostrais. Retirada essa influência, isto é, para os não missalizantes, observa-se que quanto maior é o isolamento social menor é a intensidade do culto individual ($r=-.1199$).

3.2. A intensidade do culto individual e as subculturas religiosas

O Quadro 35 põe em evidência que o efeito da prática dominical (missalizantes: média=+.446; não missalizantes: média=-.260) que anula praticamente as diferenças das subculturas religiosas regionais. De facto, as médias são muito semelhantes e o valor do $\eta^2 = .0634$, não significativo. Isso mostra como ir à missa com regularidade, pelo menos mensal, leva a ter um culto individual semelhante.

Quadro 35 - Índice de culto individual, por regiões e prática dominical

ÍNDICE CULTO INDIVIDUAL	REGIÃO (sócio-religiosa) DE RESIDÊNCIA (VC17*)				Total
	Norte Interior	Centro Litoral	Lisboa Santarém	Sul	
MISSA DOMINICAL*					
Pelo menos 1 v. mês					
média	.465	.423	.437	.495	.446
%	53.6%	42.8%	25.7%	12.1%	35.9%
Menos de 1 v. mês					
média	-.027	-.221	-.345	-.386	-.260
%	46.4%	57.2%	74.3%	87.9%	64.1%
Total					
média	.237	.054	-.144	-.279	-.007
n	233	290	218	165	906

Embora para os não missalizantes haja uma maior heterogeneidade de prática cultural individual, a influência das regiões é globalmente menor ($\eta^2 = .1421$) do que antes de separar as duas subamostras ($\eta^2 = .2245$). Tal significa que se a prática cultural está dependente do ambiente sócio-geográfico, essa dependência é menor e que os índices globais escondem o que se verifica entre os missalizantes e os não missalizantes. Nota-se, no entanto, que o culto individual tende a ser cada vez mais diminuto no sentido norte/sul.

3.3. A intensidade do culto individual e os tipos sociais

Como se vem notando, é sempre mais diminuto o efeito da missa dominical sobre as categorias sociais do que sobre as regiões sócio-religiosas. Assim, globalmente, observa-se que há heterogeneidade dos tipos sociais em relação ao culto individual ($\eta^2=.3144$), sendo que a mulher adulta tradicional (média=+.291) e as gerações mais velhas (.386) são aos tipos que têm um índice mais elevado de práticas culturais individuais (cf. Quadro 36, última linha).

Todavia a diferença entre os tipos sociais esbate-se sob a influência da prática dominical ($\eta^2=.2068$), isto é, conduz a uma maior homogeneidade. Se frequenta a missa dominical com maior regularidade, é a elite adulta a que mais se distancia (média=+.439); o homem adulto tradicional (+.380) e as gerações jovens (+.345) são, de todos os tipos, os que têm um índice médio mais baixo de culto individual.

Quadro 36 - Índice de culto individual, por tipos sociais e prática dominical

ÍNDICE CULTO INDIVIDUAL	TIPOS SOCIAIS*						Total
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens	
MISSA DOMINICAL*							
Pelo menos 1 v. mês							
média	.498	.561	.380	.454	.439	.345	.446
%	50.4%	44.2%	30.2%	22.8%	22.7%	31.2%	35.9%
Menos de 1 v. mês							
média	.081	.248	-.277	-.387	-.660	-.585	-.260
%	49.6%	55.8%	69.8%	77.2%	77.3%	68.8%	64.1%
Total							
média	.291	.386	-.079	-.195	-.410	-.295	-.007
n	240	86	262	101	44	173	906

Entre os não missalizantes nota-se a influência do ambiente mais ou menos religioso da categoria social de pertença, sendo que a elite adulta (média=-.660) e os jovens (-.585) são os que menos intensidade revelam de culto individual. Por sua vez, as gerações mais velhas (.248) e a mulher adulta tradicional (+.081), mesmo

tendo uma prática diminuta, são as que têm um maior índice e práticas de culto individual.

4. O efeito da prática dominical sobre as crenças

4.1. A intensidade da crença e os factores do contexto

A grandeza da correlação entre a intensidade da crença e o ciclo da vida individual e das gerações é de $r=+.3329$, sendo inferior entre os missalizantes ($+.2467$) e superior entre os não missalizantes ($+.3381$). Quer isto significar que a crença tende a aumentar com o avanço em idade, mas que há um efeito da prática dominical que esbate as diferenças das diversas etapas da vida.

Com o ambiente rural/urbano a correlação global é menor ($r=+.1304$) a denotar a menor influência deste factor sobre a intensidade da crença. A influência da prática dominical é, neste aspecto, menor do que a verificada com os outros factores religiosos, pois o valor de r é $+.1042$, não significativo. Por outras palavras: observa-se, nas crenças, o efeito do contexto rural/urbano, pelo menos para os valores amostrais.

Relativamente ao isolamento social a correlação é de $r=-.1857$ a denotar que quanto mais o estilo de vida é de isolamento menor é o índice de crença. O efeito da missa dominical, apenas aplicável à subamostra dos missalizantes, leva à diminuição da grandeza da correlação ($r=-.0302$). Para os não missalizantes, o efeito do isolamento é superior e significativo ($r=.1424$).

4.2. A intensidade da crença e as subculturas religiosas

A consideração do Quadro 37, mostra que, ao contrário do que vimos

observando até aqui, o efeito da missa dominical conduz, globalmente, a uma maior heterogeneidade ($\eta^2=.2154$) do que o verificado para o total de missalizantes (média=+.361) e não missalizantes (média=-.202). Com efeito, para os missalizantes o índice médio de crença é superior na região Sul (.457) e em Lisboa (.421) do que no Norte/Interior (.378) e no Centro Litoral (.301). Isto mostra que nos ambientes hostis se tende a ter um grau de convicção superior ao dos ambientes religiosamente mais favoráveis, devido ao facto de se ir com frequência à missa. É que, num ambiente mais desfavorável é necessário vencer as resistências que meio sócio-cultural coloca e, porventura, a ter uma crença mais esclarecida. Para os não missalizantes, as médias de descrença seguem um índice crescente no sentido norte/sul, mas há uma menor diferença regional ($\eta^2=.1231$) o que significa que as regiões são homogêneas no que se refere às crenças. De todas os subtemas é nas crenças que a diferença regional é menor.

Quadro 37 - Índice de crença, por regiões e prática dominical

ÍNDICE CRENÇA	REGIÃO (sócio-religiosa) DE RESIDÊNCIA (VC17*)				Total
	Norte Interior	Centro Litoral	Lisboa Santarém	Sul	
MISSA DOMINICAL*					
Pelo menos 1 v. mês					
média	.378	.301	.421	.457	.361
%	53.6%	42.8%	25.7%	12.1%	35.9%
Menos de 1 v. mês					
média	-.029	-.224	-.238	-.265	-.202
%	46.4%	57.2%	74.3%	87.9%	64.1%
Total					
média	.189	.001	-.069	-.178	.000
n	233	290	218	165	906

4.3. A intensidade da crença e os tipos sociais

No Quadro 38 apresentam-se as médias de intensidade de crença observadas, segundo os tipos sociais.

Quadro 38 - Índice de crença, por regiões e prática dominical

ÍNDICE CRENÇA	TIPOS SOCIAIS*						Total
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens	
MISSA DOMINICAL*							
Pelo menos 1 v. mês							
média	.398	.444	.339	.296	.289	.290	.361
%	50.4%	44.2%	30.2%	22.8%	22.7%	31.2%	35.9%
Menos de 1 v. mês							
média	.007	.221	-.115	-.360	-.924	-.406	-.202
%	49.6%	55.8%	69.8%	77.2%	77.3%	68.8%	64.1%
Total							
média	.204	.320	.022	-.211	-.649	-.189	.000
n	240	86	262	101	44	173	906

Globalmente, as gerações jovens (índice médio de -.189), o estrato social médio (-.211) e a elite adulta (-.641) são os mais descrentes. Entrando em conta com o efeito da missa, estas categorias sociais tornam-se mais crentes, mas sempre em menor grau que os demais, sendo que se verifica uma maior homogeneidade entre os diversos tipos sociais ($\eta^2=.2210$).

Para os que não vão à missa, a influência da categoria social a que se pertence, no sentido da crença, é mais forte entre as gerações mais velhas e a mulher adulta tradicional; no sentido da descrença, a categoria social é mais influente para a elite adulta (-.924), gerações jovens (-.406), estrato social médio (-.360) e homem adulto tradicional (-.115), verificando-se uma heterogeneidade maior ($\eta^2=.3881$).

5. O efeito da prática dominical e os valores morais

5.1. A intensidade do índice de valores morais e os factores do contexto

É com a conformidade com os valores morais, isto é, com o código moral católico, que a grandeza da correlação com o ciclo da vida individual e das gerações é mais intenso ($r=+.4180$). Para os missalizantes esse valor é ligeiramente inferior ($r=+.3624$) a denotar que pelo facto de se ir à missa ao menos uma vez por mês

tendem a esbater-se as diferenças entre as gerações. Não indo à missa com essa frequência a correlação é de $+0.4105$.

No que se refere ao ambiente rural/urbano, a conformidade com a moral católica tende a variar no sentido de ser mais intensa em ambiente rural ($r=0.1108$). Para os missalizantes, o efeito da missa dominical elimina o efeito deste factor ($r=+0.0002$), embora não se possa extrapolar o facto para a população. Ao contrário, o ambiente rural/urbano influi ligeiramente mais sobre os valores morais se, porventura, não se é missalizante ($r=0.1301$).

A força do isolamento social, embora menos poderosa do que o ciclo de vida e das gerações, leva a que haja uma conformidade menor com o código moral católico. À semelhança do que referimos quanto ao factor rural/urbano, também o efeito da missa dominical esbate a sua influência, pelo menos entre os indivíduos da amostra ($r=-0.0717$).

5.2. A intensidade do índice de valores morais e as subculturas religiosas

Atendendo ao Quadro 39 (última linha), observa-se que apenas na região Norte/Interior há uma conformidade positiva com os valores morais católicos tradicionais (índice médio= 0.260). No Centro Litoral (-0.009), em Lisboa/Santarém (-0.146) e no Sul (-0.159) tende-se para o afastamento. A heterogeneidade regional é de $\eta^2=0.3725$.

Quadro 39 - Índice de valores morais, por regiões e prática dominical

ÍNDICE VALORES MORAIS	REGIÃO (sócio-religiosa) DE RESIDÊNCIA (VC17*)				Total
	Norte Interior	Centro Litoral	Lisboa Santarém	Sul	
MISSA DOMINICAL*					
Pelo menos 1 v. mês					
média	.408	.134	.127	.173	.240
%	53.6%	42.8%	25.7%	12.1%	35.9%
Menos de 1 v. mês					
média	.089	-.115	-.240	-.205	-.134
%	46.4%	57.2%	74.3%	87.9%	64.1%
Total					
média	.260	-.009	-.146	-.159	.000
n	233	290	218	165	906

Também aqui, globalmente, se observa o efeito da missa dominical: missalizantes - média=+.240; não missalizantes - média=-.134.

Para os missalizantes, pode afirmar-se que o efeito global da missa dominical conduz a uma conformidade maior com o código moral católico, já que as médias são todas positivas (primeira linha do Quadro 39). Há, todavia, que realçar, que a heterogeneidade regional é grande ($\eta^2=.3615$), pois o índice do Norte/Interior é relativamente elevado (+.408), mas os das outras regiões comparativamente mais baixo (Sul: +.173; Centro Litoral: +.134; Lisboa/Santarém: +.127). Não se verifica como, por exemplo, acontece com o índice de vivência religiosa que haja uma homogeneização das regiões.

Para os não missalizantes, diminui a heterogeneidade ($\eta^2=.2769$), sendo que a região Norte/Interior apresenta uma ligeira conformidade moral positiva e Lisboa é a região moralmente mais afastada (média=-.240).

Parece poder concluir-se que o efeito da missa dominical sobre as regiões, no que se refere aos valores morais, é ligeiramente mais baixo do que o verificado nos outros subtemas. Quer isto significar, porventura, que o ir com frequência à missa, não tem tanta força para mudar as formas de avaliar e de se comportar face aos outros como, por exemplo, no que se refere ao culto e às crenças. Na moral, a força do contexto social parece ter um forte impacto. Poderá dizer-se ainda que os que vão à missa não tiram as mesmas consequências morais independentemente da região sócio-religiosa onde residam.

5.3. A intensidade do índice de valores morais e os tipos sociais

Através do Quadro 40, observa-se que o efeito da missa dominical é relativamente pouco intenso, sobretudo para as gerações jovens, cujo índice de conformidade com a moral católica é mesmo assim negativo (-.003). De facto, há

uma homogeneização pequena ($\eta^2=.3425$), embora todos os outros tipos tendam a conformar-se mais com a moral católica se vão à missa com frequência mensal.

Quadro 40 - Índice de valores morais, por tipos sociais e prática dominical

ÍNDICE VALORES MORAIS	TIPOS SOCIAIS*						Total
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens	
MISSA DOMINICAL*							
Pelo menos 1 v. mês							
média	.322	.381	.247	.131	.230	-.003	.240
%	50.4%	44.2%	30.2%	22.8%	22.7%	31.2%	35.9%
Menos de 1 v. mês							
média	.003	.159	-.072	-.293	-.526	-.270	-.134
%	49.6%	55.8%	69.8%	77.2%	77.3%	68.8%	64.1%
Total							
média	.164	.257	.024	-.196	-.354	-.187	.000
n	240	86	262	101	44	173	906

Os não missalizantes sofrem a influência da categoria social de pertença, verificando-se o afastamento da moral católica, sobretudo entre a elite adulta (-.526). Também o homem tradicional não missalizante revela afastamento que a média global esconde.

Há-de concluir-se também para os tipos sociais o que se afirmou sobre as subculturas regionais: a missa dominical tem um efeito mais reduzido nos juízos morais do que sobre os outros aspectos: culto, creanças, etc. Tal parece significar que há dificuldade em transpor a mensagem religiosa para os comportamentos quotidianos que ficam mais dependentes dos contextos sócio-culturais envolventes.

6. O efeito da prática dominical e a religião como valor

6.1. A intensidade da religião como valor e os factores do contexto

De todos os factores religiosos, é com o factor da religião como valor que o ciclo da vida individual e das gerações está menos correlacionado ($r=+.2983$), a revelar, no entanto, que a religião é mais valorizada pelas gerações mais velhas do

que pelas mais novas.

O efeito da prática dominical faz, todavia, diminuir a grandeza da correlação ($r=+.1501$) e aumentar esse valor ($r=+.3070$) para os não missalizantes, o que demonstra que a valorização da religião fica mais dependente do ciclo da vida individual e das gerações para estes últimos.

No que se refere à relação com os factores rural/urbano e isolamento/integração, observa-se que o valor da correlação é maior, respectivamente, de $r=+.1327$ e $r=-.2176$.

O efeito da missa dominical anula o efeito do ambiente mais rural ou menos mais urbano ($r=-.0083$, não significativo), do estilo de vida mais isolado ou mais integrado ($r=-.0446$, não significativo). Para os que não vão à missa ou o fazem com pequena assiduidade, no meio, rural, tende-se a valorizar mais a religião ($r=.1557$), o mesmo se dizendo sobre o estilo de vida de integração social ($r=-.1684$).

6.2. A intensidade da religião como valor e as subculturas religiosas

Há diferenças entre as médias dos missalizantes ($+0.375$) e dos não missalizantes (-0.210), mas o facto de se frequentar a missa com assiduidade faz com que haja uma homogeneização das regiões ($\eta^2=.0333$, não significativo). Nota-se mesmo que as médias são mais elevadas onde o ambiente é menos favorável, ou seja, na região Sul (média= $+0.403$) e em Lisboa/Santarém ($+0.387$), conforme se observa no Quadro 41.

Quadro 41 - Índice da religião como valor, por regiões e prática dominical

ÍNDICE RELIGIÃO COMO VALOR	REGIÃO (sócio-religiosa) DE RESIDÊNCIA (VC17*)				Total
	Norte Interior	Centro Litoral	Lisboa Santarém	Sul	
MISSA DOMINICAL*					
Pelo menos 1 v. mês					
média	.365	.376	.387	.403	.375
%	53.6%	42.8%	25.7%	12.1%	35.9%
Menos de 1 v. mês					
média	-.061	-.145	-.290	-.307	-.210
%	46.4%	57.2%	74.3%	87.9%	64.1%
Total					
média	.168	.078	-.116	-.221	.000
n	233	290	218	165	906

Para os não missalizantes, em todas regiões, as médias são negativas aumentando no sentido de norte/sul. Dá-se aqui o efeito da subcultura religiosa, havendo uma associação de $\eta^2 = .2134$ o que revela a heterogeneidade regional. As médias globais escondem o efeito da missa dominical e contexto. Mesmo no Norte/Interior (-.061) e no Centro Litoral (-.145), retirado o efeito da missa dominical, as médias são negativas; em Lisboa/Santarém e no Sul, ressalta mais o efeito do contexto sócio-cultural também ele desfavorável, sendo as médias de -.290 e de -.307, respectivamente.

6.3. A intensidade da religião como valor e os tipos sociais

Os diversos tipos sociais têm intensidades diversas do índice da religião como valor: as gerações mais velhas (+.234) e a mulher tradicional (+.179) têm médias positivas (cf. Quadro 42, última linha). A associação global é de $\eta^2 = .3183$.

Entrando em linha de conta com o efeito da missa dominical, observa-se uma certa homogeneização ($\eta^2 = .1967$), sendo a elite adulta (+.545) a categoria social que tem a média mais elevada e as gerações jovens (+.291), a mais baixa.

Para os não missalizantes dá-se o efeito do contexto e há uma maior heterogeneidade ($\eta^2 = .3237$). A média apenas não é negativa para as gerações mais velhas (+.095).

Quadro 42 - Índice da religião como valor, por tipos sociais e prática dominical

ÍNDICE RELIGIÃO COMO VALOR	TIPOS SOCIAIS*						Total
	Mulher adulta tradicional	Gerações mais velhas	Homem adulto tradicional	Estrato social médio	Elite adulta	Gerações jovens	
MISSA DOMINICAL*							
Pelo menos 1 v. mês							
média	.422	.411	.331	.352	.545	.291	.375
%	50.4%	44.2%	30.2%	22.8%	22.7%	31.2%	35.9%
Menos de 1 v. mês							
média	-.067	.095	-.189	-.396	-.481	-.309	-.210
%	49.6%	55.8%	69.8%	77.2%	77.3%	68.8%	64.1%
Total							
média	.179	.234	-.032	-.225	-.247	-.122	.000
n	240	86	262	101	44	173	906

* * *

Os factores religiosos estão sempre mais correlacionados com o ciclo da vida individual e das gerações do que com o isolamento *versus* a integração social ou o ambiente tradicional/rural *versus* o moderno/urbano. O efeito da missa dominical parece anular, principalmente, a influência diversa dos meios rurais e urbanos e esbater, entre os missalizantes, as diferenças introduzidas pelas gerações ou pelo estilo de vida de maior ou menor isolamento social.

É notório o efeito da missa dominical que leva à homogeneização, quer das categorias sociais, quer, sobretudo, das regiões, no sentido dos índices dos diversos factores serem mais elevados e semelhantes. As médias globais escondem os efeitos, tanto da missa dominical no quadro das subculturas regionais como dos tipos sociais.

Quanto às regiões, onde o ambiente é mais desfavorável (Lisboa/Santarém e Sul) nota-se mais a influência da missa dominical frequente.

No que respeita às categorias sociais a elite adulta é o tipo que mais sofre a influência da prática dominical. É esta categoria social também aquela que, anulado esse efeito, menores índices tem nos diversos factores religiosos. Tal

significa que, se não praticam o rito dominical, são opositores da religião; se o praticam, parecem ter uma maior consciência religiosa, o que não é de estranhar dada a sua mais elevada cultura.

As gerações mais velhas, sobretudo, mas também a mulher adulta tradicional são as menos sensíveis quer ao efeito da missa dominical, quer ao da subcultura do seu tipo social.

As gerações jovens e o estrato social médio, embora sofram a influência da prática dominical, tendem, no entanto a seguir a dinâmica religiosa da categoria social em que se inserem.

É relativamente aos valores morais que parece notar-se uma menor influência da prática dominical a querer evidenciar a dificuldade em traduzir nos comportamentos quotidianos, a valorização da religião, a cosmovisão das crenças e a prática cultural. Isso, como sublinhámos, é mais notório na região de Lisboa/Santarém e entre as gerações jovens.

Parece não ser abusivo concluir, tendo em conta os valores médios dos índices e as percentagens de comungantes que, nas subculturas religiosas menos vigorosas, há a tendência, entre os missalizantes, de fazerem frente ao contexto sócio-cultural desfavorável e a serem motivados para uma maior consciencialização religiosa, excepto no que se refere aos valores morais. Nota-se igualmente que o efeito da missa dominical é menor no que se refere às crenças o que significa que no universo cultural a religião católica influencia o imaginário português onde estão presentes e convivem os homens e as realidades metaempíricas.

A prática dominical que, como vimos, é elevada a nível do país — os missalizantes estimados são 2375 milhares — e que nos serviu como indicador para 'medir' a capacidade de intervenção social da religião católica, se só por si pode ser insuficiente e tem um significado ambivalente, já que é ponto de chegada e de partida, põe em evidência que a religião é uma instituição que, no país, tem

capacidade intrínseca para influir sobre a sociedade e, pelo menos, minimizar senão mesmo ultrapassar os obstáculos que esta eventualmente lhe coloque. Tais obstáculos provêm, quer de tradições religiosas geograficamente diferentes, fruto da implantação religiosa anterior, quer das características sócio-culturais dos indivíduos, em boa parte devida ao contexto histórico, mas igualmente ao estilo e modo de catequização religiosa. Tais características verificam-se, sobretudo, ao nível das gerações e não tanto, como se viu, do estilo de vida rural/tradicional *versus* o urbano/moderno.

Uma organização religiosa que tenha em conta a dinâmica sócio-cultural e cujos métodos e estratégias sejam adaptadas suscita a hipótese de ser possível re-*evangelizar* a sociedade e a cultura no sentido do panorama futuro, ainda que diferente do actual, não caminhar necessariamente no sentido de uma irreligiosidade crescente. O problema é, no entanto, maior se passarmos da cosmovisão e prática cultural para uma intervenção mais global sobre os hábitos e costumes quotidianos onde a concorrência plural, nomeadamente dos grandes meios de comunicação social mais pesa e aponta, não raro, em sentido contrário ao código cristão e católico das relações sociais.

Numa perspectiva sistémica de fluxos de trocas de *inputs* e de *outputs* entre religião e sociedade e vice-versa, tudo depende da força maior ou menor de uma e de outra e da capacidade adaptativa de ambas.

CONCLUSÕES

No fim dos capítulos e com frequência ao terminar cada um dos seus pontos, indicámos as conclusões parcelares a que chegámos. Embora seja forçoso referirmo-nos a elas, cremos ser desnecessário e fastidioso repeti-las, especialmente no que se refere à I Parte deste estudo. Preferimos, por isso, de forma sintética, tentar pôr em relevo aquilo que de mais importante e global consideramos ser de retirar do estudo que fizemos. Não deixaremos, sempre que oportuno, de mencionar as lacunas e questões deixadas em aberto e as hipóteses de trabalho que suscitam. Procuraremos indicar também, nestas considerações finais, alguns assuntos que, porventura, teriam completado o nosso estudo. Em cada um destes aspectos tentaremos destacar: os conceitos e teorias; os métodos e as técnicas de investigação; a realidade empírica que foi objecto de observação e análise — **as atitudes e comportamentos religiosos dos portugueses na actualidade** — ou, por outras palavras, os portugueses face à religião.

Antes, porém, de o fazermos, queremos sublinhar que consideramos a investigação, agora realizada, não como um trabalho acabado, mas tão só como uma tentativa que, podendo ser útil à compreensão sociológica da realidade religiosa portuguesa, é incompleta e parcelar. Queremos com isto significar que não é nossa pretensão ter uma atitude dogmática, antes, pelo contrário, estamos conscientes da relatividade e precaridade do que deixámos afirmado. Com efeito, já o dissemos, apesar da procura constante de objectividade, este trabalho não foge, como qualquer outro, à limitação de se situar num espaço e período histórico concreto e ao *background* cultural de quem o realizou. Mais, constituindo a realidade social o nosso objecto genérico, esta, sabemo-lo todos, não está como a

matéria física sujeita a leis determinísticas, mas depende da liberdade humana e, se há regularidades no sentir, pensar e agir sociais, que permitem estudar a construção social da realidade, é impossível captá-la e prevê-la totalmente. Embora saibamos que o que afirmamos é uma generalidade, aceite como fazendo parte da epistemologia das ciências humanas e sociais, não queremos deixar de a recordar e tanto mais que, explicitá-la, ressalva as afirmações, por nós feitas, cuja forma literária possa ser susceptível de outra interpretação. Pensamos ainda que pô-la em evidência evita a crítica feita a variados autores que, embora pensando do mesmo modo, foram, por vezes, verberados sem razão, dada a ênfase colocada no que deixaram dito ou na acentuação unilateral do seu ponto de vista. Colocando-nos nós na perspectiva sociológica, forçoso foi, porém, acentuá-la e procurar não fugir a ela. Todavia, a realidade é una e múltiplas são as suas dimensões. Só a complementaridade de perspectivas a abrange e, mesmo assim, não se poderá deixar de ter em consideração que o conhecimento humano é limitado, embora vá acumulando saber e evoluindo no aprofundamento da realidade que analisa e interpreta.

Uma primeira consideração que pretendemos sublinhar é a de que o objecto que estudámos - *a religião* - ela própria, na sua pretensão de ser uma forma de saber, questiona os outros modos de conhecimento, pois, ao admitir uma realidade supra-empírica e nela se baseando, foge à capacidade de verificação empírica, embora não a contradiga, e seja verificável que a razão humana coloca a existência dessa realidade como um possível. Por outro lado, a influência histórico-cultural da religião é inegável no percurso e evolução histórica das sociedades e do pensamento humano, tanto em geral, como científico. Observável é também que, no caminhar histórico da humanidade, em todas as sociedades, embora sob múltiplas formas, a

admissibilidade dessa outra realidade levou os homens a, considerando-a um valor, criarem modelos de comportamento e a formarem colectividades. A religião surge, assim, ao olhar sociológico, como um facto sócio-cultural que reconstrói a realidade sob formas simbólicas que dinamizam o viver dos indivíduos e das sociedades e constituem uma leitura de si mesmos e do cosmos. Essa leitura contém, em si própria, uma função psico-social e exerce também funções e disfunções psicológicas e sociais diversas, umas latentes, outras manifestas. Mais, o facto do religioso se ter metamorfoseado, histórica e socialmente, nem sempre permitiu que a sociologia da religião se tivesse dado conta dessas metamorfoses, contribuindo também para a dificuldade de dotar de instrumentos conceptuais, teóricos e metodológicos que as apreendessem. Daí que tivesse caído, sobretudo, na ideologia positivística e evolucionista que está nas suas origens, ou, mais raramente, numa atitude apologética, pólos opostos da tentação de, ultrapassando os seus limites, cair em construções filosóficas. Se a religião pretende ser e é, de facto, uma forma de conhecimento, à sociologia compete-lhe o papel de relativizar as pretensões dogmáticas do conhecimento religioso e de chamar a atenção para o condicionalismo histórico, social e cultural da própria religião e das suas formas religiosas concretas que são múltiplas e diversas.¹ Mas, se como referimos antes, a sociologia é uma perspectiva de abordagem da realidade que dela dá uma visão

1 Não nos podemos esquecer que o próprio conhecimento religioso, na sua forma mais elaborada - a teologia - é uma construção humana e social, mesmo quando se reclama de ter na origem uma revelação, revelação que, ela própria, reveste, sempre, formas históricas e sócio-culturais. Hoje o pensamento teológico tem isso em conta e não esquece que as próprias escrituras sagradas revestem um código linguístico que importa conhecer e interpretar com os instrumentos que as ciências lhe fornecem, nomeadamente a literária, histórica e sociológica. Interessante é notar também que o Deus de que o Cristianismo se reclama tem na base a assunção da forma humana em Jesus Cristo que, como homem, é uma personalidade histórica que marcou, indelevelmente, a História da Humanidade, pelo menos até aos nossos dias. Mais: a própria doutrina e teologia cristãs afirmam que sem a 'incarnação histórica desse Deus' o homem não o podia conhecer. A religião cristã introduz, também, uma novidade na forma de conceber as relações sociais ao perfilhar que o seu Deus exige, não apenas um relacionamento preferencial com Ele, mas que tal não se atinge sem uma interrelação social que privilegie o 'amor ao próximo'. Com efeito, conforme diz S. João "*ninguém ama a Deus que não vê se não amar o próximo que vê*" (I Carta de S. João, 4, 20). Segundo esta forma de pensar religiosa, a relação de verticalidade com a realidade meta-empírica implica e passa, necessariamente, pela horizontalidade da mútua relação interindividual.

parcelar, tratando-se da sociologia da religião não será demais repetir que o seu objecto de estudo que lhe coloca problemas epistemológicos particulares, não se confina ao que, do seu ponto de vista, dele consegue atingir. Diremos, ainda, para terminar esta primeira consideração, que o conhecimento humano, científico ou não, é sempre limitado, tanto em si mesmo como nos contextos sócio-culturais e históricos em que se desenvolve.

Desde o surgir do pensamento sociológico que a religião sempre foi considerada como uma entidade social e culturalmente importante e, por isso, estudada como factor imprescindível para a compreensão das mudanças operadas na transição de uma sociedade de tipo tradicional e rural para uma industrial e urbana. Os marxistas clássicos rejeitaram-na como sendo disfuncional às transformações económicas consideradas como essenciais para uma nova ordem social; Weber considerou-a, na vertente da ética calvinista, como factor necessário que, em conjunto com a racionalização, esteve na origem da sociedade capitalista moderna; Durkheim, que a tomou como uma instituição social básica, uma necessidade constante e fundamento da própria sociedade, atribuiu-lhe como função social mais importante o ser guardião da integração social e da ordem. A sociologia da religião surge, assim, desde os primórdios da ciência sociológica, como um ramo específico e muito importante desta. Nem todos, é certo, se dedicaram à sociologia da religião *ex professo* como Comte, Weber, Durkheim e a sua escola, mas a maioria dos sociólogos posteriores, como vimos, fizeram sempre um esforço por encontrar conceitos e teorias que explicassem a religião como realidade social e atribuíram-lhe diversas funções psico-sociais que consideraram importantes. Cremos que, no evoluir da sociologia da religião, se pesou o contexto das suas origens, que abriu perspectivas sombrias sobre o futuro da religião, anunciando o

seu declínio e mesmo o desaparecimento, não menos importante foi o facto de, no mundo ocidental, também as Igrejas, ao verem diminuir sucessivamente o seu papel de agentes principais da condução da vida sócio-cultural, isto é, ao terminar, na expressão de Yves Lambert, '*a civilização paroquial*', e perante o menor volume e intensidade das práticas culturais, se terem socorrido da sociologia como auxiliar da pastoral, com o que lhe conferiram uma orientação mais empírica, quantitativa e sociográfica, como dissemos. Ao contrário dos clássicos que se debruçaram sobre a importância do efeito da religião na mudança sócio-cultural, a sociografia religiosa procurou, sobretudo, encontrar, na sociedade e na cultura, o que poderia contribuir para explicar a decadência do influxo da dinâmica religiosa institucional nas consciências e das suas práticas e valores no viver colectivo. A sua finalidade foi conhecer a realidade social para a organização religiosa se auto-recompor e intervir a seu favor na cultura e na sociedade. Por outro lado, a corrente sociológica funcionalista enfatizou o peso decrescente das funções religiosas institucionais. Generalizou-se, assim, a ideia do declínio da religião, que remonta aos clássicos, e surgiu, a partir da década de sessenta, quer entre os sociólogos, quer entre os teólogos, uma leitura que acentuava, unilateralmente, os sinais de laicização e secularização. As correntes do pensamento eclesiástico do período conciliar e pós-conciliar imediato, ao colocarem em causa a 'pastoral' seguida até então e as práticas decorrentes das inovações que se reclamavam das orientações conciliares, contribuíram como factos reais para uma 'crise religiosa'. As teses da secularização tornaram-se, então, uma moda. Os teólogos, especialmente os protestantes, baseados numa nova refontalização bíblica, puseram em realce que a religião cristã contém em si os gérmenes da secularização ou que seria mesmo uma forma de secularização da religião tradicional. À civilização paroquial sucedia, na expressão de Harvey Cox, a da '*cidade secular*' em que, na linguagem de Acquaviva, era

visível o '*eclipse do sagrado*'. Em alguns meios, os sociólogos chegaram até a colocar a interrogação sobre a existência de um objecto real próprio que justificasse a existência da sociologia da religião. Se estas teorias sociológicas da religião fizeram sobressair aspectos, realmente importantes, da nova situação religiosa da sociedade actual, caracterizada por uma certa privatização e autogestão do religioso, e se se deram conta das funções latentes da religião, que expressões como '*religião civil*', '*religião implícita*' ou '*religião difusa*' põem em evidência, contribuíram também, a seu modo, para a confusão teórica que se gerou. Em nossa opinião, ao pretenderem ser explicações totais, caíram na tentação ideológica de não ter em conta a realidade no seu todo, dado que os próprios instrumentos conceptuais e metodológicos utilizados se tornaram, em si mesmos, incapazes de ler e interpretar os factos na sua totalidade. Embora sejam válidas as questões que suscitam, esquecem que são fruto do mundo ocidental, de tradição judaico-cristã, onde os sinais de secularização são mais evidentes. A sociologia da religião corre, assim, o risco de, não se dando conta do contexto em que é feita, se tornar ela mesma, uma leitura parcial que, embora válida dentro desse contexto, se torna incapaz de fornecer uma perspectiva teórica, empiricamente comprovada pela realidade. É contrastante o facto, por exemplo, de, no mundo islâmico, se terem multiplicado, concomitantemente, sinais de fundamentalismo religioso de características opostas. Mas, mesmo no Ocidente 'cristão', começaram a surgir elementos que puseram em causa o dogmatismo das teses da secularização mais radicais. A ênfase posta em novas formas de religião; o facto de as tradições antigas serem retomadas e das organizações religiosas ganharem um novo peso social e cultural, chamaram a terreno outra forma de analisar sociologicamente a realidade sócio-religiosa, análise que, em nossa opinião, é também mítica, se tornada absoluta. Estamos a referir-nos às diversas teses do '*regresso do sagrado*',

expressão cara a Ferrarotti. Não queremos com isto significar que, como as da secularização, as teses que enfatizam o 'regresso do sagrado' não dêem também um contributo válido ao chamar a atenção para realidades observáveis. Quer-nos, no entanto, parecer que a expressão mais correcta, porque melhor se adequa à realidade, é a de que, parafraseando Prades, denominamos por '**metamorfose do religioso**'. Com efeito, o religioso não desapareceu e, como tal, também não regressou. Apenas se transformou. E isso, em nossa opinião, é o que aconteceu sempre no percurso histórico. Daqui sai reforçada a ideia de que as teorias sociológicas sobre a religião, sendo fruto do seu tempo, se querem, de algum modo, fugir a esta limitação, têm que ser relativizadas, aplicando a si mesmas a função relativizadora que exercem sobre as outras formas de saber. A diferente visibilidade actual do religioso não pode levar a sociologia a desprezar esta dimensão da vida social, pois ela continua a ter uma influência marcante na dinâmica social, posto que sob formas diferentes e mais diversificadas. Em nossa opinião, há uma constante transformação do religioso e procura de equilíbrio interno e uma relação permanente de ajustamento mútuo com as outras dimensões da sociedade e da cultura. Procura de equilíbrio e ajustamento, não significa, porém, estagnação, antes pressupõe a co-existência de processos conjuntivos e disjuntivos. Neste sentido, a perspectiva de Durkheim ao afirmar a permanência do religioso (ou do 'sagrado', expressão que no início da nossa dissertação tivemos ensejo de comentar) continua a ser um contributo teórico válido, porque empiricamente comprovável, para a sociologia da religião actual, como aliás é reconhecido. Reconhecida é também a importância do contributo de Weber e daí a sociologia da religião ter caído na conta que estes dois clássicos mereciam ser '*re-lidos*' e actualizados, sem que, contudo, devam ser aceites na acentuação radical das suas teorias, sobretudo no que a Durkheim diz respeito. Com efeito, ambos

contribuíram com conceitos, teorias e métodos, que actualizados, não podem ser esquecidos pela sociologia da religião. A nosso ver, como logo na Introdução deixámos dito, "*é difícil, senão impossível, analisar a religião, quer em si, quer na sua mútua relação com a sociedade, sem simplismos redutores e sem nos fixarmos num dado tempo e contexto sócio-cultural*". É hoje um dado adquirido que os fenómenos religiosos são, como temos repetido, muito complexos e multidimensionais e que, a abordagem sociológica, terá que levar isso em conta, repensando as conceptualizações e teorizações que deles faz e servindo-se também das novas técnicas que, utilizadas noutros ramos da sociologia, podem contribuir também para a análise sociológica concreta dos factos religiosos.

Consideramos ser de concluir também que os vários autores e correntes sociológicas, marcados sempre pela problemática das mutações e do seu ritmo acelerado na sociedade contemporânea, deram contributos importantes para que, hoje, a sociologia da religião tenha um saber acumulado importante e seja mesmo um ramo específico da sociologia, embora não tenha chegado ainda e talvez nunca chegue a uma síntese completa. Em nossa opinião essa esperança é, porventura, uma expectativa vã.² Com efeito, para a observação que fazemos da situação religiosa no mundo actual e da interpretação que lhe damos, foram importantes os estudos realizados que, lidos em conjunto, colocam em evidência a diversidade da religião nas várias sociedades e culturas. Daí termos construído como ideia central a de que existe uma multiplicidade de encarnações sociais do religioso e do catolicismo em particular, ideia que a realidade confirma. Para o nosso estudo foi decisiva também a contribuição dos estudos feitos sobre a realidade sócio-religiosa portuguesa, não só pela quantidade e qualidade dessa informação, como pelas sugestões teóricas e hipóteses levantadas, sobretudo, pelos autores de formação

² Como Merton defende, as grandes teorizações deram lugar a outras de médio alcance, menos ambiciosas e mais limitadas no espaço e no tempo.

sociológica. Dentre eles sobressai Augusto da Silva, com quem trabalhamos há vários anos, não sendo, como tal, alheios à sua influência.³

Se a perspectiva sociológica na abordagem da religião não suscita, hoje, polémica, uma vez que reconhece a sua precaridade e a complementaridade do contributo de outras forma de saber, o mesmo não acontece com a definição de religião que é o seu objecto de estudo. Nós próprios sentimos a dificuldade de dar uma definição sociológica de religião que fosse universalmente válida, dado que o religioso é, seja-nos permitido vincá-lo, um facto complexo e multidimensional e, não queremos deixar de repeti-lo, em 'constante' metamorfose. A que demos combina a substantividade - *o religioso tem por referente uma realidade supra-empírica* - e a funcionalidade - *é uma leitura interpretativa da situação humana no cosmos e do próprio cosmos* que implica formas próprias de sentir, pensar e agir e leva os homens a formarem colectividades unidas pelo mesmo referente e pelo código simbólico que constroem. Consideramos também que, em qualquer investigação, é importante partir sempre de uma definição tanto quanto possível clara do seu objecto, de modo que se possa delimitar o campo de estudo e, no caso concreto, os fenómenos religiosos dos pseudo-religiosos. A perspectiva de que a religião é um sistema constitui parte integrante da própria definição que demos. Na construção do conceito seguimos um método indutivo: o que os portugueses consideram como religioso, sabendo que este ultrapassa as fronteiras da organização institucional, já que é também uma experiência pessoal única e não uniforme nas diversas etapas da vida, mas, mesmo aí, revestida dos modos que,

3 A referência concreta a este Autor, no contexto em que, ora o fazemos, não pretende mostrar o apreço pela sua obra - que consideramos notável - como referimos no Capítulo IV da I Parte, mas o cuidado de indicar e situar o leitor no contexto em que temos feito a aprendizagem nesta área da sociologia. Queremos sublinhar, ainda, que fica a dever-se à sua influência a tentativa de, ao longo desta dissertação, utilizarmos uma linguagem acessível, por que não cifrada, embora rigorosa e precisa nos conceitos; a perspectiva teórica holística e multidimensional; a preocupação pela utilização de um método compreensivo e adogmático.

através da socialização permanente, se faz e refaz no contacto com os outros. Uma vez que a maioria esmagadora da população portuguesa se identifica como católica e esta tem uma influência histórica indelével na sociedade portuguesa, privilegiámos, logo na construção do nosso instrumento básico de observação - o *inquérito por questionário* - as dimensões concretas da religião católica, tanto no que se refere à sua tradução nas crenças, como no culto e nos valores morais dela decorrentes e por ela perfilhados.⁴ Temos consciência plena de que a realidade sócio-religiosa em concreto estudada, com base em dados empíricos, quase exclusivamente se dá conta da proximidade ou do afastamento da ortodoxia e ortopraxia católicas.⁵ Além disso, baseámo-nos em opiniões que traduzem, ao mesmo tempo, atitudes e comportamentos. Queremos ressaltar, por isso, que se interpuseram, em variadas questões, sobretudo nas que se referiram a avaliações fráscas, barreiras sócio-linguísticas e culturais, já que cada respondente, dada a sua formação intelectual e modo de estar na vida, interpreta, a seu modo, os conteúdos das mesmas questões. Esta dificuldade não invalida a informação recolhida, mas é uma condicionante. Este problema, sendo verdadeiro no caso concreto, é, no entanto, comum a qualquer investigação que utilize o mesmo instrumento. Só entrevistas aprofundadas ajudariam a supri-lo, mas implicavam a impossibilidade física de estudar a população e a vasta temática abordada. Sem constituir propriamente uma lacuna, não deixa de nos suscitar o desejo e a

4 À sociologia da religião compete observar e analisar as diversas dimensões da religião e religiosidade e a sua interdependência. Na realidade, cada uma das dimensões não existe isolada das outras, embora possa haver acentuações diferentes, tanto por parte dos indivíduos, nas várias fases da sua vida ou dado o seu tipo de personalidade, como por parte das colectividades religiosas a que pertencem ou a que se referem e que colocam ênfases diferentes em função do espaço e do tempo em que se inserem. Importa não esquecer também que há uma interdependência entre o objecto directo e indirecto da sociologia dada a interinfluência entre religião, religiosidade, sociedade e cultura.

5 Não estudámos todos os comportamentos religiosos católicos e, pelas razões já invocadas, muito menos as formas religiosas não ortodoxas que revestem, com frequência, uma roupagem católica, dado o seu contexto sócio-cultural. Estas, muitas vezes denominadas de 'tradições populares', têm sido estudadas, em Portugal, sobretudo na perspectiva antropológica, como referimos no Capítulo IV. Expressões que são da religiosidade, tornam-se complementares deste nosso trabalho os estudos efectuados nesse campo. Pensamos, no entanto, que, nesse domínio, seria interessante que se desse continuidade a alguns trabalhos que acentuem mais a perspectiva sociológica.

curiosidade científica de ver realizados outros estudos temáticos sobre questões sócio-religiosas concretas através de técnicas qualitativas que permitam, de algum modo, esclarecê-las e aprofundá-las. Por outro lado, ao basearmo-nos numa amostra, corremos riscos, como os corremos também quanto à capacidade do entrevistador e do entrevistado criarem um clima propício à formulação correcta das questões e à recolha fiel do que foi perguntado. Mas... uma sondagem enferma, necessariamente, destes condicionalismos. Todavia, consideramos que estes instrumentos não distorcem, substancialmente, a realidade, antes dão uma panorâmica que dela se aproxima. A este respeito queremos sublinhar que, ao contrário de sondagens eleitorais em que o rigor e a exactidão matemática são essenciais, no caso em apreço, o mais importante foi detectar as linhas de força, as tendências e isso estamos convictos de o termos conseguido. Aliás, as próprias técnicas de tratamento da informação, em que o privilégio foi quase total para a análise factorial de correspondências múltiplas, conduzem à descoberta dos principais factores estruturantes dos factos religiosos em apreço, factores que, por sua vez, permitem a construção de tipologias, que embora sendo sempre acentuações unilaterais da realidade, partem mais do que a própria realidade impõe do que, directamente, da subjectividade do investigador.⁶ Neste sentido, podemos concluir que foi nossa intenção relevar, neste estudo, este aspecto da metodologia weberiana.

Para a análise concreta das atitudes e comportamentos religiosos dos portugueses, partimos do pressuposto que o sistema religioso não se identifica com a sociedade, antes é, até certo ponto, autónomo, embora mantenha, sempre, uma relação dialéctica com o sistema sócio-cultural mais vasto e que, analiticamente,

⁶ Isto não significa que a subjectividade não esteja de algum modo presente na escolha das partições que dão origem à construção ideal típica, como está, de forma indirecta, na formulação das próprias questões e na selecção das escolhidas para análise.

constitui o seu ambiente. Como defendemos, é um facto que o fenómeno religioso se tem transformado nos últimos decénios e que, portanto, há uma metamorfose no religioso. Tal mudança foi, porém, interpretada, não raramente, em termos negativos, a ponto de haver quem defenda que se entrou numa 'época pós-religiosa'. Este modo de interpretar é atomizado e não tem em conta a interacção constante e recíproca entre o contexto sócio-cultural geral e o sócio-religioso e daí o termos rejeitado. Privilegiámos, portanto, o paradigma sistémico. Aliás, outros estudiosos que defendem a aplicação deste paradigma não confirmam a hipótese de que a religião está a desaparecer, antes verificam que há um ressurgir contínuo, embora diferente, de novos sistemas simbólicos religiosos, isto é, que a força da religião e da experiência simbólica se transformam continuamente. Além disso, o paradigma sistémico exclui a teoria de sentido único, afastando a questão da religião ser uma variável dependente ou independente, e sobreleva não apenas a autonomia como a mútua dependência entre os sistemas sócio-culturais. A própria técnica de análise factorial de correspondências múltiplas, que utilizámos no tratamento dos dados empíricos, é um instrumento que permite, no conjunto das variáveis que entram num modelo, detectar a sua maior ou menor relevância e a interpenetração das modalidades dessas variáveis que dão expressão concreta a conjuntos ou subconjuntos, por vezes, teoricamente insuspeitos. Foi, assim, a observação e estudo da realidade concreta que nos levou também à convicção de que, quer do ponto de vista teórico, quer metodológico, o modelo sistémico se revela como adequado para analisar, de forma multidimensional, o tecido social e, especificamente, o sócio-religioso. Com efeito, esta grelha de leitura teórica, assente no modelo sistémico, que utilizámos neste estudo, revelou-se, cremos não ser abusivo concluir, um modelo teórico e um método, relativamente eficaz, para observar, analisar, interpretar e tentar explicar os mecanismos da religião, o seu

estado, a sua evolução, e a sua mútua relação com a sociedade e a cultura envolventes, apesar de nem sempre ser fácil observar, na influência recíproca, qual o sistema que tem mais força, ou, por outras palavras, qual a entidade que mais influencia e qual a mais influenciada.

A informação quantitativa que apresentámos e analisámos sobre Portugal, no último capítulo da I Parte, e que comparámos, na medida do possível, com outras zonas do mundo, permite-nos confirmar como conclusão, que a implantação real e a estruturação concreta da religião católica, ainda que o modelo de base, tanto territorial como hierárquico, seja semelhante, é muito diversificada e que isso se deve à interdependência entre religião e sociedade estar relacionada com quadros sócio-culturais diferentes e com diferentes percursos históricos dessa relação.⁷ Sobre a situação religiosa portuguesa, concluímos ser diferente da de outros países e zonas do mundo: entre nós, os que se autodenominam católicos estão em maioria absoluta e a penetração de outras religiões nunca foi e ainda hoje não é significativa, pelo menos em volume. No estudo que fazemos, como de início referimos e já sublinhámos, não se tem muito em conta a opinião dos que se reclamam de outros posicionamentos religiosos diferentes do católico. Ainda que os tivéssemos considerado, sempre que as questões o permitiam, o seu volume amostral está reduzido à proporcionalidade com que foram seleccionados, selecção em que não entrou a estratificação religiosa da população, embora existam dados nos recenseamentos civis que a permitem fazer.⁸ Esperamos que surjam estudos sociológicos específicos sobre estas minorias religiosas do nosso país⁹, pois seria

7 Assim, por exemplo, a religião católica, que é minoritária na Ásia, está em expansão; na Europa, onde é maioritária e, sobretudo na América do Norte, o número dos que lhe aderem de forma explícita e dos recursos humanos de que dispõe segue uma linha decrescente.

8 Esta lacuna fica a dever-se ao custo financeiro acrescido da sondagem e ao facto de o nosso estudo ter como primeiro objectivo analisar a religião dos portugueses na sua globalidade.

9 Como no Capítulo IV anotámos, chegou ao nosso conhecimento que o Episcopado manifestou interesse pelo estudo das seitas.

enriquecedor para a compreensão dos factos religiosos. Também a realidade interna portuguesa não é homogénea como tivemos ocasião de expor detalhadamente, quer no que se refere à identidade religiosa, quer aos recursos humanos e materiais de que dispõe, confirmando-se a observação feita pela generalidade dos autores desde os primórdios dos estudos de sociologia da religião em Portugal, na segunda metade da década de cinquenta. Diversa é também a estruturação e funcionamento das relações de autoridade, observando-se a penetração tendencial de um modelo mais pluralista e participativo. Este aspecto importante da organização católica nunca foi, entre nós, objecto de um estudo sociológico. O relevo dado à participação dos leigos, cujos movimentos e organizações têm sido, no entanto, objecto de estudo entre nós e sobre as quais inquirimos também na sondagem,¹⁰ suscita-nos a sugestão de que um estudo das relações de autoridade no interior do sistema religioso católico e não católico podia contribuir, não só para o conhecimento desta realidade, como para o aprofundamento teórico da temática, sociologicamente interessante, do poder e controlo social. E tanto mais quanto, tradicionalmente, o clero¹¹ assume, na Igreja Católica, a liderança da dinamização religiosa e a diminuição do seu volume e envelhecimento colocam problemas à organização eclesiástica, conforme sublinhámos. Sobre este facto têm sido desenvolvidos já vários estudos. O ponto 2.2. do Capítulo V do nosso trabalho, em que apenas os actualizámos, confirma as conclusões a que outros autores chegaram, apontando, no entanto, para a hipótese de um rejuvenescimento que se ficará a dever mais à mortalidade crescente do que

Desconhecemos, porém, se esse trabalho foi por diante e se está a desenvolver-se, uma vez que não foram ainda publicados os seus resultados.

10 Temos alguns elementos, conforme referimos no Capítulo V, que nos permitem introduzir estas questões no estudo da amostra dos que se afirmaram católicos. É nossa intenção aprofundar o estudo agora feito com um complementar, apenas sobre os que se autodenominaram católicos praticantes e não praticantes e compará-los.

11 Ainda não perdemos a esperança, que foi nossa intenção ao delinear-mos inicialmente este estudo, de poder contribuir para um estudo comparativo da religião dos leigos e do clero.

ao aumento do seu volume. Queremos sublinhar ainda que, por exemplo, a implantação da Igreja Católica, ao nível do que denominámos de 'recursos materiais', (nas estruturas de formação/instrução, de assistência social e nos meios de comunicação social), tanto em Portugal como na generalidade do mundo, foi crescente nos últimos decénios. Se, por exemplo, as práticas culturais diminuem e o clero decresce e envelhece, surgem como sinais opostos um aumento e diversificação de estruturas próprias, paralelas e complementares das da sociedade ao serviço da formação social e cultural e, em particular, religiosa, além das sócio-caritativas. É certo que, tanto estas estruturas como as funções que desempenham podem ter leituras diversas e as intenções dos seus promotores revelarem sinais da nostalgia do passado. Cremos que apesar da sua ambiguidade, têm que ser consideradas também ao lado do decréscimo de outras actividades e estruturas. O significado sociológico objectivo, em nossa opinião, é o mesmo, posto que, os sinais sejam inversos. Esse significado, pensamos, é o de que a própria religião, na sua visibilidade imediata, está num processo de autotransformação e de adaptação aos meios sócio-culturais, o que é mais um indicador de que o religioso está, repetimo-lo, a metamorfosear-se: à ênfase posta nas relações verticais com a realidade meta-empírica, através do culto, desponta, talvez, o acentuar da perspectiva horizontalista.¹² Assim, a realidade sócio-religiosa, diversa e multifacetada, reforça a ideia de que a sociologia da religião, e a do catolicismo em particular, não podem cair na tentação de pretender estabelecer uma teoria global, nem uma visão unilinear da história. Como dissemos, no fim do Capítulo V, "(...) a observação da realidade e as teorizações sociológicas feitas, sobretudo, no contexto do mundo ocidental e, nomeadamente, dos Estados Unidos e de França, tendem, por vezes, a esquecer as diferenças, enfatizando, a partir da problemática religiosa dessas

12 Essa perspectiva, no que à Igreja Católica diz respeito, decorre também do seu interior, ou seja, da refontalização bíblica e renovação que o Concílio Vaticano II sancionou e propôs e que está expressa nos seus muitos documentos de doutrina social.

sociedades, perspectivas teóricas que não se podem generalizar, pelo menos com a mesma intensidade. Isso pese embora a tendência para a homogeneização cultural, dada a influência que as sociedades mais evoluídas têm sobre as demais. Mesmo a nível de um país pequeno como Portugal existem subculturas religiosas com dinâmicas próprias". Se o Capítulo V teve como objectivo primeiro fornecer elementos para a compreensão da realidade sócio-religiosa portuguesa, pondo em evidência os aspectos internos, se daí se infere algo da sua história recente, julgamos que essa história é mais abrangente, não só nos factos, como na sua compreensão. Cabe, sobretudo, aos historiadores fazer o enquadramento temporal das transformações sócio-culturais da sociedade portuguesa e da sua relação com as mutações religiosas.¹³

13 Seja-nos permitido citar, a propósito, a síntese breve e muito recente de José Policarpo, Reitor da Universidade Católica Portuguesa que, não sendo um historiador profissional, é um teólogo de renome (Cf. D. José POLICARPO, "A Religião": in AA.VV., *Portugal Hoje*, Lisboa, Instituto Nacional de Administração, 1995, p. 71-92). O Autor afirma darem-se, na sociedade, mudanças rápidas e profundas com as quais os grupos religiosos se confrontam, nomeadamente a passagem de um grande volume da população do campo para as cidades, da actividade agrícola para a indústria e serviços, do interior para a orla marítima. É que isso significa uma nova maneira de viver, de trabalhar, de pensar, de sentir, de dar sentido à vida e à morte, ao casamento, à família, ao tempo, natureza, Deus e religião... Tais mudanças levam as pessoas a mudar os comportamentos religiosos e até a abandoná-los, havendo a tendência para diminuir a prática religiosa. Acrescem ainda os movimentos de saída para o estrangeiro, a vinda de estrangeiros para Portugal, que também são factores de mudança sócio-cultural. Dão-se contrastes entre religiões diferentes, o que leva o campo religioso português a diversificar-se e complexificar-se. Há também o aumento da escolaridade e a democratização do ensino, o tempo da escola, a difusão de meios técnicos e científicos através da modernização do sistema produtivo e da organização de muitas actividades sociais. Tudo isso leva a mudanças na vida quotidiana, nomeadamente a valorização do saber científico e técnico que desafia a religião. Há, ainda, a democratização política com maior abertura à inovação e à mudança. Depois de Abril de 1974 implantou-se grande número e variedade de movimentos religiosos com propostas religiosas diferentes. Há, para a Igreja Católica, um clima de competição religiosa. A grande difusão dos mass-media leva as novas religiões a todos os recantos do país. Na tv e na rádio, o religioso é tratado de forma superficial. O desenvolvimento sócio-económico e o aumento do nível de vida e melhores condições materiais conduzem à alteração de critérios de vida e valor dado à religião e aos modos de viver. Existe também um processo de mobilidade social ascendente que é um objectivo de vida para uma grande parte dos portugueses, o que é objecto de crítica pela Igreja por a ele se sacrificarem todos os valores. Deste modo dá-se uma alteração na escala de valores, sobressaindo nela o materialismo prático, o hedonismo e o individualismo. Deu-se também uma mudança no estatuto e papel da mulher e na estrutura e funcionamento da família, o que é muito importante porque toca no processo de transmissão da fé. Também o processo de integração europeia, com consequências importantes na sociedade portuguesa, difunde novos valores e padrões de vida, o que pode ser perigoso, pois reduz a dimensão espiritual da vida. O enquadramento é de desigualdade, com fortes assimetrias e a realidade cultural é plural. Há diferenças segundo as regiões, os meios sociais, os estratos sócio-económicos, as idades, os sexos que também são elementos diferenciadores da diversidade de posições religiosas. O pluralismo tem-se acentuado e é valorizado. Tudo isso conduz ao relativismo e incapacidade de assumir posições definidas perante o mundo e a vida, o que pode provocar crises de identidade, agravadas pelo contexto de grandes mudanças. Não há lugar para convicções sólidas, para os valores da coerência e da fidelidade aos compromissos, ideais e pessoas. A acção desenvolve-se segundo os interesses, os gostos imediatos; valoriza-se o pragmatismo e a vida torna-se uma sucessão de momentos efémeros em que há-de tomar-se o máximo de vantagens com o mínimo de custos. Neste contexto, a proposta religiosa arrisca-se a perder realce e até credibilidade. O pluralismo leva à eclosão de novas

A II Parte, que constitui o cerne do nosso estudo é uma tentativa de captar e compreender a estrutura da realidade sócio-religiosa portuguesa actual. Teremos, portanto, que ser, forçosamente mais longos no resumir do que mais importante observámos e das conclusões a que chegámos.

Uma vez que, nesta parte mais empírica, privilegiámos o método estatístico, dada a informação ser de natureza quantitativa, e neste sobrelevámos a técnica factorial multivariada de correspondências múltiplas e da classificação automática hierárquica, sem deixarmos, contudo, de utilizar também algumas medidas estatísticas clássicas bivariadas quando tal se revelou oportuno, consideramos, em primeiro lugar, ser de concluir, a este respeito, que os procedimentos usados condicionam as conclusões a que chegámos, como aliás sucederia sempre, mesmo se tivéssemos optado por outras técnicas. Todavia, crê-mo-lo, a acentuação da análise multivariada permitiu obter uma panorâmica mais fiel e global das componentes estruturais e das categorias sociais da realidade em apreço — **“as atitudes e comportamentos religiosos dos portugueses na actualidade”** — do que se tivéssemos adoptado técnicas mais restritivas. Se estas conduzem mais facilmente a captar pormenores, estes surgem sempre mais desligados do conjunto de que são parte e, portanto, mais afastados da realidade social que é una e complexa, pois só analiticamente se podem isolar variáveis. Ficam, no entanto, em aberto, aspectos parcelares que podem e devem ser aprofundados, dentro do pano de fundo traçado, mas que não foi nossa intenção fazê-lo neste estudo, pois, se o tivéssemos pretendido teríamos, forçosamente, que nos alongar ainda mais. Podemos, assim, concluir que os procedimentos que seguimos possibilitaram uma análise mais em

mensagens e grupos religiosos e obriga a comparar diferenças, à competição e ao questionamento da identidade e coerência de cada proposta religiosa, de cada grupo e de cada crente. Em sua opinião, desvalorizam-se as dimensões objectivas e institucionais da religião. *“A religião e a fé tornam-se um assunto privado, sem relevância e expressão pública, a dimensão social da fé tende a ser menosprezada, bem como a participação na comunidade ou grupo religioso”* (p. 89) e as pessoas tendem a agir como consumidores de produtos religiosos. *“Em muitas regiões do país, a situação religiosa actual pode ser vista à luz do modelo de mercado aberto onde vigora a lei da oferta e da procura”*, afirma (p. 90).

conformidade com a realidade social. Com efeito, não só identificámos estruturas, porventura insuspeitas como, ao formarmos categorias sociais múltiplas, estamos seguramente mais próximos do real vivido do que se nos baseássemos apenas em características isoladas dos mesmos indivíduos, pese embora o facto de se tratar de tipos ideais. E isto porque, quer a análise de correspondências múltiplas, quer a classificação automática são instrumentos que, perante a multiplicidade da informação em análise, extraem a sua estrutura mais importante e estabelecem tipos sociológicos¹⁴ que de facto existem, não apenas como estilização teórica, mas como realidades sociológicas, muito embora *não existam tipos puros, mas ênfases em aspectos relevantes que permitem distinguir diferenças significativas em tipos reais.*

Fiéis ao modelo sistémico, caracterizámos primeiro o contexto social, depois a religião na sua globalidade e em cada uma das suas dimensões, o fluxo de *inputs* e *outputs* recíprocos e porque, logo de início, deparámos com um resultado, até certo ponto, inesperado, ou seja, a pequena influência das regiões sócio-geográficas na dinâmica social, tentámos aprofundar esse aspecto, embora, como referimos, isso se possa ter ficado a dever, de algum modo, à informação recolhida. Por outro lado, parecia que a influência da religião era cada vez mais diminuta e que esta não teria capacidade para fazer face aos condicionalismos do ambiente. Daí o termos estudado, por fim, o efeito da missa dominical. Simultaneamente fizémos uma 're-leitura' dos aspectos teóricos e metodológicos de que inicialmente partimos, pelo que o que deixámos dito na I Parte e já concluámos globalmente nesta parte final, teve em conta a observação e análise da realidade concreta que foi objecto da II Parte. Dela impõe-se que retiremos as grandes linhas, uma vez que o pormenor fica

14 As designações que adoptámos, quer dos factores, quer das classes, são discutíveis, embora tivéssemos tido sempre a preocupação de encontrar uma expressão adequada. O Anexo II - *Resultados de base da análise de correspondências múltiplas e da classificação automática*, fornece todos os elementos que permitem ao leitor encontrar expressões mais felizes ou contestar as que utilizámos.

explícito no texto. Com esta afirmação pretendemos sublinhar que as conclusões, sendo por natureza genéricas, não podem ser tomadas como absolutas, mas lidas no contexto das 'nuances' que, no trabalho, procurámos referir.

A população portuguesa estrutura-se, fundamentalmente, em dois factores principais que denominámos o *ciclo de vida e das gerações* - o tempo - e os *meios sócio-ecológicos* - o espaço. Neste, sobreleva-se ao geo-físico a densidade demográfica que opõe as localidades pequenas e rurais, às de maior concentração, isto é, os grandes centros urbanos (Lisboa), ou, por outras palavras mais genéricas, o ambiente rural ao urbano e o tradicional ao profano. Os outros dois factores seguintes, já menos importantes e parcelares, referem-se a estilos de vida: *integração/desintegração social* da vida adulta e velhice, caracterizadas por relações sociais mais ou menos intensas, nomeadamente as familiares, e aos *modelos de vida masculino/feminino*. Os quinto e sexto factores têm um carácter muito mais residual e prendem-se com diferenças entre *estratos sociais*. Como dissemos, a heterogeneidade regional é um fenómeno mais secundário face ao tecido sócio-cultural que a harmoniza e a preferência político-partidária não parece ter grande relevância, mesmo na sua relação com o religioso, ao contrário do que seria de supor à partida. Consideramos que este aspecto deve ser aprofundado em estudos posteriores, pois pode ficar-se a dever à percentagem elevada dos que disseram não ter qualquer preferência político-partidária. Todavia já ficou evidenciado, em diversas investigações sociológicas, que a escolha política é um índice sintético das atitudes e comportamentos dos indivíduos, associado à posição religiosa, pelo menos noutros países.¹⁵ Na estrutura do ambiente fica, portanto, posto em relevo que os modelos de vida são mais condicionados por fenómenos

15 Cf. a propósito, Guy MICHELAT e Michel SIMON, *Classe, Religion & Comportement Politique*, Paris, Presses de la Fondation National des Sciences Politiques, 1977.

geracionais do que pelas estruturas sócio-ecológicas, ou seja, mais pelo tempo do que pelo espaço, e dentro deste último, o espaço sócio-cultural sobreleva o físico. Ao estabelecermos as categorias sociais da população (os *jovens* com o um estilo de vida próprio muito distante do dos idosos, a *mulher* e o *homem adultos tradicionais*, os *estratos sociais mais elevados* de que sobressai uma *elite adulta*) confirmámos que estas se distinguem, sobretudo, pelos diversos períodos históricos da sociedade portuguesa, marcados por factos sócio-culturais diferentes e pela sua importância diversa. Inferimos do observado que, se em geral, o nível de vida aumentou, a pirâmide social alargou-se na base e estreitou-se no topo. Foi atendendo à estrutura social, assim caracterizada, que analisámos a influência que exerce na religião e procurámos observar como é que esta influi naquela, nos capítulos finais. Antes, porém, analisámos, a estrutura religiosa em si mesma.

Relativamente à religião observámo-la, em primeiro lugar, no seu conjunto — crenças, culto (colectivo e individual), valores morais e religião como valor — e, depois, em cada um dos seus aspectos parcelares, respectivamente, nos Capítulos VII e VIII.

Considerando o **conjunto da informação** tratada, o primeiro factor estruturante da religião dos portugueses é o da *vivência religiosa*, a diversos níveis de ortodoxia e ortopraxia católicas. Como era de esperar, dado que a maioria dos portugueses se identifica como católica, a vida religiosa estrutura-se, define-se e consiste em pensar e agir, tendo como referência as crenças, sentimentos e práticas católicas e alguns dos seus valores morais. Mas, como observámos, “*A religião dos portugueses define-se, sobretudo e em primeiro lugar, pelas relações dos homens com as entidades religiosas supraempíricas do catolicismo que, no entanto, apenas em aspectos pontuais, se reflectem na visão do que deve ser o tipo de relações*

horizontais entre os homens", decorrente do Cristianismo, como em nota destas conclusões explicitámos. Um segundo factor observado foi que há uma *estrutura cognitiva e avaliativa* mais englobante que aparta, com clareza, aqueles que de forma nítida tomam posições da massa informe que não tem conceitos bem definidos nem faz avaliações seguras em matéria religiosa e moral (e muito provavelmente noutros campos), independentemente das suas auto-identificações religiosas. Também verificámos que, conjuntamente com os 'dogmas religiosos católicos', surgem aspectos de crenças mágicas e animistas, ou seja, há um certo *sincretismo religioso*. O factor quatro põe em evidência a dimensão moral da religião ou *graus diversos de avaliação moral* reveladores de uma estrutura que opõe a tendência mais conservadora e mais conforme à moral católica à perspectiva antagónica ou criticismo do ensinamento moral tradicional da Igreja Católica. Concomitantemente, há dois tipos de atitudes face à educação religiosa das gerações: uma mais heterodirigida e outra mais liberal ou autodirigida. Os outros factores, progressivamente menos importantes e parcelares, são a *motivação extraterrena* orientadora das relações sociais ou de uma dinâmica religiosa sem culto colectivo, o *background* da educação religiosa, a propensão maior ou menor à *mudança religiosa* e à importância dada à *transmissão religiosa entre gerações*. Baseados nestas componentes estruturais¹⁶ estabelecemos uma tipologia que põe em evidência que o religioso é um *continuum* que vai da convicção profunda e fiel a uma religião até a manifestações negadoras da ou das realidades meta-empíricas.¹⁷

16 Recorde-se, todavia, que utilizámos sempre, na classificação automática, não apenas os factores por nós identificados, mas todos os que estavam acima do valor médio do conjunto.

17 À mesma conclusão chegou Pin ao analisar a religiosidade dos romanos. (Cf. Émile Jean PIN, *La Religiosità dei Romani - Indagine Sociologica con Nota Metodologica di Sergio Bolasco*, Bologna, Edizioni Dehoniane, 1975). O que se entende por ateísmo depende, fundamentalmente, da acentuação, mais substantiva ou mais funcional, da definição de religião. Quando se enfatiza e concretiza a perspectiva substantiva, como muitas vezes sucede no 'ocidente cristão', o ateísmo é concebido, de forma negativa, como 'aquele que não acredita em Deus'. Neste caso, o ateísmo é "a rejeição de uma concepção concreta de Deus" (Theodore M. STEEMAN, "Atheism as Religious Crisis Phenomenon", *Social Compass*, vol. XXIV, n° 4, 1977, p. 319) e considerado uma excepção. A ideia subjacente é a de que o teísmo é norma, confundindo-se este com religião e o ateísmo com irreligião. Talvez fosse preferível, nesse caso, considerar o ateísmo como sinal de 'crise religiosa', uma vez que os valores implícitos na modernidade estão

A primeira (católico convicto) e segunda categorias religiosas (católico modal) identificam dois graus de coerência e de convicções religiosas católicas com a presença concomitante de traços de magia e de animismo. O *'convicto'* identifica-se com a ortodoxia. O *'modal'* toma como quadro de referência principal a religião católica sem que, no entanto, a ela adira plenamente ou, por outras palavras, se identifique com a sua pureza ortodoxa. A terceira categoria é a do *'crente descomprometido'*, ou seja, é formada por pessoas religiosamente não activas. A categoria do *'teísta sem religião vivencial'* caracteriza-se por não ter ligações com o 'grupo religioso' não praticar o culto, faltar-lhe a dimensão extra-terrena e as consequências morais que retira da sua crença são opostas às da moral católica em vários aspectos. O *'amorfo'* não tem um posicionamento claro e vive religiosamente descomprometido. Duvida das crenças, não é seguro nos juízos morais e a prática cultural é muito reduzida. O *'céptico'* caracteriza-se pelo seu afastamento completo da prática cultural e moral católicas. Quanto ao *'ateu e laico'*, pode afirmar-se, de forma objectiva, que se trata do tipo ideal de descrente português radical, anticlerical, defensor da mudança de costumes e da alteração das normas eclesiásticas, completamente afastado da comunidade ou comunidades religiosas sejam elas quais forem. Estes constituem uma minoria, quer do ponto de vista da simples contagem do seu número, quer no sentido sociológico do termo. Como notámos, *"se isso não constitui novidade, mesmo para o simples observador, o*

em contradição com a tradição religiosa. De um modo mais universal, ainda que tendo em conta diversos contextos sócio-culturais, o importante é saber o que é que o ateu rejeita, já que o conceito de Deus não é homogéneo, e teísmo e ateísmo assumem várias formas. Numa perspectiva mais funcionalista, em que, de modo mais abrangente, a religião é tomada como forma de encarar os problemas últimos da existência humana, está implícita a distinção entre função e modos de expressão. Sendo assim, teísmo e ateísmo são apenas formas possíveis de articulação das crenças religiosas e dilui-se a carga ideológica e valorativa da definição substantiva de religião. (Cf. Id. id., p. 311-321). Embora perfilhemos a concepção de que teísmo e ateísmo são expressões diversas de religião, concebida em sentido amplo, no estudo empírico que fizemos 'ateu' e 'crente' são definidos de forma mais substantiva, pela sua rejeição ou aceitação da existência de Deus e das suas qualidades, tal como são entendidas pelo cristianismo que é a referência cultural religiosa dos portugueses. Será interessante, no entanto, questionar os que se autoposicionam como 'ateus', sobre quais as características que os levam a autodefinirem-se desse modo. Isso implicará um outro estudo concreto baseado numa amostra que deles seja representativa. Dada a sua reduzida expressão numérica na amostra que recolhemos, não vimos vantagem em incluir essa questão no inquérito.

mesmo não se poderá afirmar relativamente ao estereótipo que identifica, sem mais, português e católico. Se é certo que a religião católica constitui o quadro de referência religioso, certo é também que, na prática, a cosmovisão e práticas católicas, em sentido estrito, são partilhadas por menos de metade dos portugueses (cerca de 42%)". Todavia, é relativamente à religião católica que os portugueses se auto-definem e são definidos, o que demonstra que o catolicismo marca, pela positiva e pela negativa, a sociedade portuguesa. Queremos sublinhar também, embora não constitua uma novidade, o que já deixámos dito: *"Um aspecto que importa salientar é o da existência ou não de educação religiosa na infância, pois ela tende a ser o pano de fundo que acompanha a vivência religiosa na vida adulta, os sentimentos para com a religião e a sua organização, a atitude, favorável ou não, à transmissão da perspectiva religiosa da vida. Na idade adulta, o culto colectivo e a ligação a uma comunidade que ele expressa parecem ser também factores condicionantes dos valores religiosos e morais que cada um prossegue".* Ao terminar este ponto, pensamos ser de pôr em evidência, ainda que repetindo-nos, o facto de as técnicas utilizadas terem permitido identificar as estruturas e os tipos religiosos utilizando, para tal, um conjunto vasto de informação em que se engloba a multidimensionalidade da religião e da religiosidade. Cremos que as categorias religiosas apresentadas reflectem a realidade portuguesa, constituem uma novidade dentro da sociologia da religião e são um contributo para se repensar outras tipologias religiosas já encontradas, que se baseiam em muito menos indicadores e que, na generalidade, apenas se dão conta de uma dimensão religiosa, nomeadamente o da prática ritual.

No estudo dos **aspectos parcelares da religião** tentámos aprofundar o que se refere ao culto (colectivo e individual), as crenças, a moral e a religião como valor.

Quanto ao **culto colectivo** observámos que o culto oficial obrigatório é, no conjunto da amostra total, mais discriminante do que o culto não oficial. Os tipos obtidos aproximam-se mais das tipologias tradicionais. Distinguimos entre praticantes "*assíduos*", "*modais*", "*minimalistas*" e "*esporádicos*" que indicam graus diversos de prática cultural. Os não praticantes formam um subconjunto que se subdivide em dois: os "*actualmente não praticantes*" e os "*nunca praticantes*". Praticantes ou não é de recordar que esta classificação se refere às práticas católicas.

O **culto individual** sublinha a intensidade da relação individual com a ou as realidades meta-empíricas, as formas cristãs ou não que assume, a ligação maior ou menor à sua partilha com outras pessoas e o tipo de relação se pautar mais por interesses que os indivíduos esperam ver satisfeitos ou pelo prazer ou gratuidade da relação em si. Os seis tipos que formámos podem agrupar-se em dois grandes conjuntos, segundo o critério de haver ou não uma relação directa com o meta-empírico. Se tal relação não existe trata-se de "*desligados*" que constituem um conjunto pequeno; existindo ("*modais*"; "*comunitários*"; "*crístocêntricos*" e "*teístas*"). a distinção assenta, sobretudo, em três aspectos: a forma individualista ou comunitária da oração; o tipo de pedidos; a realidade ou realidades meta-empíricas com quem se mantêm tais relações.

Aa **crenças** têm quatro dimensões principais: a cosmovisão cristã *versus* a não cristã; o modelo formal da certeza e da dúvida; o modelo formal da intensidade da dúvida; a magia e o animismo *versus* a crença religiosa. Nota-se que há alguma distinção dentre as crenças cristãs e católicas. Com efeito, são relativamente

distintas as crenças que implicam a mediatização humana nas relações com as realidades meta-empíricas e supõem a existência de uma vida extraterrena. Até certo ponto, juntam-se a este subconjunto as crenças na existência do mal (demónio e inferno), ou por outras palavras, a crença no castigo de Deus. Os sete tipos ideais que identificámos: “*crentes convictos*”, “*crentes modais*”, “*crentes sincréticos*”, “*crentes heterodoxos*”, “*cépticos*” e “*muito cépticos*”, “*ateus convictos*”, mostram que os crentes (cerca de 7 em cada 10), ainda que em graus diversos, tomam como referência padrão a ortodoxia católica. Cerca de 1/3 descrê ou tem dúvidas mais ou menos fortes, embora não negue a existência de uma realidade meta-empírica. Os “*ateus convictos*” são muito poucos, sendo que 3 em cada 10 se autoposicionaram como “indiferentes”. Para a esmagadora maioria, porém, a realidade meta-empírica assume mesmo as qualidades do Deus cristão, posto que, para uns, de forma mais comunitária e, para outros, individual. Podemos concluir, assim, que o imaginário sócio-cultural dos portugueses está povoado de sinais mais ou menos intensos de crença em realidades meta-empíricas.

Quanto às **consequências morais**, identificámos quatro dimensões: o conformismo com a moral católica, nomeadamente no que se refere à doutrina moral familiar e conjugal; a avaliação moral definida e indefinida, especialmente no que respeita aos direitos dos outros; a perspectiva laica da moral; a moral assente, sobretudo, em critérios economicistas ou interesses. Esta informação sugere que a maioria dos portugueses parece aceitar o fundamental do código moral católico, isto é, o amor ao próximo nas suas diversas expressões. Isto que afirmamos tem por base, no entanto, a opinião dos respondentes e pode haver uma distância entre o que se diz e o que se faz. Nota saliente é, porém, que cerca de um em cada cinco dos portugueses tem um código moral oposto ao culturalmente mais central. Parece-nos que, neste ponto, seria interessante estudar, com pormenor, em

que medida os comportamentos concretos traduzem as opiniões expressas. A informação recolhida não no-lo permite fazer neste trabalho. Os tipos ideais que se formam a partir dos valores que dizem prosseguir perante situações concretas, sobre as quais foi pedido um grau diverso de concordância/discordância, são os seguintes: “*conformistas morais*”; “*conformistas parcelares*”; “*humanistas laicos*”; “*egoístas*”; “*abúlicos*” e “*imorais*”. No que se refere à **religião como um valor em si**, a religião é acentuada, diferentemente, como um valor sentimental; um valor intelectual e um valor social. Existe uma maioria para os quais a religião é um valor ainda que com acentuações diferentes, isto é, que o interiorizaram mais ou menos. São os “*identificados*”; os “*festivos*” e os “*questionantes interessados*”. Para o menor número, a religião, por razões culturais, faz parte das suas vidas, mas tem apenas, no seu universo de valores, um lugar bastante periférico, nomeadamente a organização religiosa e daí também o seu anticlericalismo. A estes denominámo-los de “*periféricos*”.

Uma primeira conclusão do Capítulo IX — *O contexto social e a religião* — não constitui novidade, mas apenas confirmação da aculturação religiosa da sociedade portuguesa. Estranho seria observar o contrário. O primeiro factor contextual que opõe, recordemo-lo, as gerações mais jovens às mais velhas, mostra que estas tendem a ter atitudes e comportamentos religiosos diversos e mesmo opostos, em todos os aspectos considerados: culto, crenças, moral e religião como valor. Os jovens ‘tendem’ a afastar-se da religião instituída e das suas consequências;¹⁸ os mais velhos, pelo contrário, aproximam-se. Daqui surge uma questão, que já formulámos no corpo do trabalho e a que tentámos responder suscitando uma hipótese: “*Terão sido as gerações mais jovens sempre assim ou será*

¹⁸ Recorde-se que a problemática da juventude face à religião tem sido sempre objecto de estudo por parte da sociologia da religião, conforme referimos no Capítulo IV. A tendência ora verificada vem confirmar o que outros Autores vêm notando.

um fenómeno conjuntural? Se é certo que a fase da juventude tende a pôr em causa o mundo dos adultos e a ser mais interrogativa sobre o universo de valores que lhes é apresentado, será que, ao chegarem a fases mais adultas, irão mudar e ter outras perspectivas religiosas ou irão caminhar no mesmo sentido? Parece-nos que, dada a importância da socialização de base, são diminutas as perspectivas de, na vida adulta, se aproximarem dos padrões religiosos e católicos ortodoxos que caracterizam, actualmente, as gerações mais velhas. Provavelmente, as gerações mais jovens irão transmitir aos seus filhos os seus próprios valores e o futuro da religião, em Portugal, tenderá a ser diferente do que é hoje. A menos que, nomeadamente da parte da organização religiosa, se utilizem meios que façam inverter a situação. É questionável, porém, se o ser-se mais ou menos religioso se prende, necessariamente, com o ciclo de vida dos indivíduos e das gerações ou se estamos perante uma realidade que, no futuro, será diferente. A ser assim, o facto de as gerações mais velhas serem mais religiosas seria também um fenómeno de conjuntura, isto é, um facto fundado num dado contexto histórico-cultural de uma época que está a findar. Sabendo como os fenómenos religiosos irrompem em cada época de formas diversificadas, é também plausível que a fase presente seja apenas indicadora de uma mutação que, no entanto, tende a remeter a religião para um lugar menos central na dinamização dos comportamentos dos indivíduos e das colectividades". O segundo factor do contexto põe em evidência dois meios sócio-culturais diferentes: o tradicional/rural e o moderno/urbano. É típico deste segundo ambiente a tendência para uma maior irreligiosidade e sentimentos anti-clericais. No primeiro, verifica-se o inverso. Uma vez que são concomitantes as tendências para um maior grau de urbanização e a uma crescente "irreligiosidade" por parte das gerações mais jovens face à religião instituída, são de esperar, a não muito longo prazo, profundas transformações no panorama religioso actual, apesar de

nos meios mais tradicionais, os mais jovens também tenderem a ter comportamentos religiosos mais próximos dos padrões católicos. Também o estilo de vida marcado pelo isolamento social, nomeadamente o familiar, tem traços religiosos semelhantes aos do ambiente urbano/moderno; as características religiosas do estilo de integração assemelham-se, embora de forma menos clara e abrangente, ao meio rural/tradicional. Relativamente à importância dada às gerações há que ressaltar que os mais velhos não são mais religiosos se, porventura, o seu estilo de vida for de isolamento social e que as gerações adultas tendem a ter comportamentos mais religiosos se o ambiente envolvente tiver um estilo mais comunitário. Este favorece, sobretudo, a prática cultural. Daqui se pode inferir a influência do contexto social na religião. O quarto factor, dos papéis de homem/mulher, enfatiza o facto de o ser homem, residir na região Norte/Interior, em localidades de pequena dimensão demográfica e o ser-se mulher dos estratos sociais mais elevados e dos meios mais urbanos e modernos que leva a comportamentos religiosos diversos que tornam relativa a tendência para que o factor dois apontava. O estrato sócio-familiar mais elevado é religiosamente muito heterogéneo; o estrato médio superior feminino, da região Sul e Centro Litoral, ainda que mantenha alguma crença religiosa, não tem prática. O último factor que analisámos opõe o estrato médio superior ao baixo. Aquele é o das mulheres da primeira fase da vida adulta e do norte rural. Este o dos homens do sul já reformados. Religiosamente, os primeiros tendem a afirmar-se católicos praticantes; os segundos, não praticantes. Naqueles há alguma prática cultural, crenças cristãs e uma moral tradicionalista; nestes, a ausência da prática, uma moral oposta à católica, no que se refere aos aspectos da vida matrimonial, e uma atitude de dúvida face às crenças.

Do que já expusémos, neste ponto, há que concluir que é a estrutura das gerações aquela que, actualmente, tem uma maior relação com os factos religiosos. Segue-se, em ordem de importância, os meios sócio-culturais, mais rurais ou mais urbanos, mais tradicionais ou mais modernos. Menos relevante é a situação de isolamento e de integração familiar e social. O ser homem ou mulher, se isoladamente, ainda se pode dizer que tem alguma relação com a vivência religiosa, facto é também — e a análise de correspondências sublinha-o — que não se é homem ou mulher independentemente de outras características sociais. Entrando em conta com elas não se pode afirmar linearmente que a mulher e o homem têm comportamentos religiosos muito distintos. Também a posição que se ocupa na escala social traz especificações e introduz *nuances* nas tendências mais genéricas. Tudo isto mostra como a mútua relação do contexto social e da religião não é simples, mas complexa e que a análise isolada das variáveis esconde, muitas vezes, a realidade, distorcendo a observação. Por outras palavras, diremos que o tecido social é muito complexo e cheio de particularidades, o que significa que mesmo as grandes tendências não são absolutas, ou seja, não parece haver uma relação absoluta e universal entre a estrutura social e a religião.

No que às categorias sociais diz respeito, a *mulher adulta tradicional*, que representa 27% do total, aproxima-se, genericamente, do tipo ideal de católico ortodoxo. Das *gerações mais velhas* (10%) pode afirmar-se, *grosso modo*, o mesmo. Quanto ao *homem adulto tradicional* (29%), do ponto de vista religioso, a nota mais saliente é a sua crença em Deus. Quanto às outras dimensões religiosas não tem um perfil claramente definido, ou seja, tanto há os que se aproximam do catolicismo como os que dele se afastam. Pode, portanto, concluir-se que o homem adulto é teísta, com formas e graus diversos de adesão à religião organizada. O *estrato médio superior* (11%) tende a não praticar o culto colectivo e a viver

afastado da organização religiosa. Por sua vez os indivíduos do *estrato mais privilegiado* (6%), também sem culto e com afastamento da organização religiosa, tendem ao cepticismo ou mesmo para a irreligião. As *gerações mais jovens* (19%) manifestam um cepticismo generalizado, mas não têm uma atitude típica de proximidade ou afastamento face à organização religiosa.

Como conclusões deste ponto, diremos que, no que se refere aos valores, são os aspectos da moral familiar, conjugal e sexual, tal como tradicionalmente a Igreja Católica os interpreta, que maior polémica geram, bem como as normas eclesásticas que inquirimos. Partindo dos dados reais, pensamos que as gerações mais jovens não irão fazer o mesmo percurso das mais velhas, uma vez que o contexto social e histórico e a própria religião serão diferentes e marcados por mutações de que os mais jovens são portadores. Com efeito, se as gerações mais velhas pautaram o seu comportamento religioso pela constância sem abandono, as mais novas tendem também a ter um padrão constante, mas com abandono da vivência religiosa. Cremos também que tende a esbater-se, num futuro mais ou menos próximo, o tipo de mulher tradicional que hoje se verifica e que tem peso, quer na configuração da família, quer no seu papel de agente de socialização religiosa. Isso indicia que se estão a introduzir outros condicionalismos que levarão a mutações no panorama religioso que presentemente ainda observamos. Isto mesmo sai reforçado pela tendência para um estilo de vida mais moderno e urbano que não parece ser favorável, pelo menos, a uma religião apoiada na tradição e na cultura envolventes. Cremos ser legítima a pergunta: *“Terá a organização religiosa capacidade para responder a este desafio? Pela forma como se dispõe no terreno social parece que a funcionalidade dos meios de que presentemente dispõe e utiliza dificilmente a conduzirá, por si, a modificar o que tendencialmente se perspectiva”*.

Neste ponto, considerámos como a sociedade se relaciona com a religião. No ponto seguinte, faremos o inverso.

No Capítulo X — *A religião e o contexto social* — começámos por analisar o conjunto das variáveis e, depois, os aspectos parcelares da religião. Tomado no seu todo, concluímos que o primeiro factor, definido como um índice de vivência religiosa ou de ortodoxia católica, punha em evidência diferenças regionais que admitimos como hipótese virem a esbater-se, pois *“a sociedade actual caminha para a pluralidade cultural, que os meios de comunicação social veiculam, e esta é tendencialmente desfavorável à manutenção dos valores tradicionais. Isso é já visível no estrato social médio superior, na elite adulta e nas gerações jovens. O facto de nas outras regiões a tendência ser ainda mais forte, no sentido de se caminhar para uma menor vivência religiosa católica, perspectiva, do ponto de vista sociológico, que a religião católica está a perder o impacto como instituição dominante na vida quotidiana, pelo menos nos moldes tradicionais padronizados”*. Diremos também que se *“as tendências actuais são as que sublinhámos, não se pode concluir pela relação causal. Por exemplo, se a mulher, em Portugal, tende a ser mais religiosa do que o homem, não há que inferir daí que só pelo facto de ser mulher tenha uma predisposição maior para as coisas religiosas. O mesmo se pode afirmar da instrução escolar, em que se observa que os menos instruídos têm um maior índice de vivência religiosa, em qualquer das regiões, ou dos meios demográficos mais ou menos volumosos. Com efeito os fenómenos sociais são muito complexos, dependentes das épocas históricas, das sociedades e os próprios fenómenos religiosos, que com aqueles se interligam, também são diversos de religião para religião e dependem das estratégias que estas utilizam para socialmente se implantar”*. O segundo factor que definimos como um índice de

dúvida apresenta os valores mais elevados entre os jovens (18-24 anos), os solteiros, os que vivem na dependência familiar, na região Centro Litoral e votam PSD. A atitude antissincrética é mais típica da região Norte/Interior e das localidades muito pequenas (menos de 500 habitantes), bem como dos que não têm família. O sincretismo religioso está relacionado com o 9º ano de escolaridade, com o facto de se ser casado e viver em localidades entre 2000 e 9999 habitantes. Os restantes factores religiosos que definimos, regra geral, não têm características sócio-religiosas bem definidas. Dos factores do contexto social é o ciclo da vida individual e das gerações o que está mais associado com os tipos religiosos ($\eta^2=.3764$), a que se segue o modo de vida tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($\eta^2=.2740$), o que reforça a maior importância destes dois factores.¹⁹

A análise de *clusters* ou conglomerados, utilizando a média dos factores por diocese, revelou que o agrupamento por dioceses que utilizámos para estabelecer a amostra é ligeiramente diferente quando se entra em conta com a informação que agora utilizámos e que, pensamos, é mais fiel à realidade porque fundada em mais indicadores. Com efeito, a original região Norte/Interior cinde-se em duas: as dioceses de Viana do Castelo, Vila Real e Bragança formam um conjunto que, dada a sua situação geográfica, denominamos de Fronteira Norte; Braga, Lamego, Viseu, Guarda e a zona norte de Portalegre e Castelo Branco agrupam-se na região que designamos por Braga e Interior; às dioceses do Porto, Aveiro, Coimbra e Leiria-Fátima, do Centro Litoral, juntam-se as de Santarém e a zona sul de Portalegre e Castelo Branco, na região Centro; Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Algarve constituem uma nova região Lisboa e Sul.

19 Queremos chamar a atenção para o facto dos valores de intensidade de associação entre duas (ou mais) variáveis sociológicas serem, regra geral muito pequenos dada a complexidade da realidade social. Com relativa frequência, porém, os testes de hipóteses, pelo contrário, são significativos. A experiência demonstra-o. Daí que as comparações feitas tenham que se enquadrar dentro dos limites máximos e mínimos de um estudo e não nos teoricamente possíveis, sempre mais fáceis de encontrar no mundo físico.

Cruzando os tipos religiosos com os sociais observa-se uma associação de $V=20654$. Os *católicos convictos*, que representam 13% são, na sua maioria, adultos com mais de 40 anos: *mulher adulta tradicional* (36%); *gerações mais velhas* (20%); *homem adulto tradicional* (23%). Apenas 2 em cada 10 pertencem aos outros tipos sociais, sendo que, das gerações mais jovens, os católicos convictos são apenas 12%. Os católicos modais, que representam 29%, distribuem-se pelos tipos sociais em proporção semelhante à dos católicos convictos. Cerca de 6 em cada 10 dos portugueses pertencem aos outros tipos religiosos: *descomprometidos*, *teístas sem vivência religiosa*, *amorfos*, *cépticos* e *ateus*. Estes últimos são uma minoria e incluem-se, sobretudo, no estrato social médio superior e na elite adulta. Os *cépticos* pertencem, predominantemente, às gerações jovens. Os *amorfos* pertencem, maioritariamente, ao tipo de homem adulto tradicional e às gerações mais jovens. Os *teístas sem vivência religiosa* distribuem-se em percentagem semelhante pelos diversos tipos sociais, com excepção da elite adulta. *Descomprometidos* são, sobretudo, os homens adultos tradicionais cuja posição religiosa é heterogénea.

Quanto ao **culto colectivo**, a sua intensidade põe em destaque que a mulher e o homem adultos tradicionais e as gerações mais velhas são diferentes se vivem nas regiões do Norte/Interior e Centro Litoral ou em Lisboa/Santarém e no Sul. Naquelas tendem a praticar, nestas a não ser praticantes. As gerações mais jovens, se menos praticantes, ainda o são a norte do Tejo. A sul, porém, todos os tipos sociais tendem a não ter culto colectivo. Pode concluir-se, sendo assim, que se o contexto social influencia os comportamentos culturais colectivos, a maior ou menor implantação religiosa nos meios sócio-geográficos é também uma condicionante. Há, portanto, uma interacção mútua entre religião e sociedade, nomeadamente no

que se refere à maior ou menor intensidade da prática cultural colectiva católica. A atitude indefinida face ao prescrito sobre o culto colectivo é típica dos casados e dos que vivem na região Centro Litoral, dos chefes de família e dos que pertencem ao estrato social médio superior. Relativamente aos tipos sociais, o valor da associação é baixo ($\eta = .1581$), sendo que os mais indefinidos são o homem adulto tradicional e o estrato social médio. A ausência de culto colectivo oficial marca a experiência de vida das idades mais baixas (18-24 anos), sobretudo na região Sul, dos que são solteiros e não têm partido. O culto como experiência do passado é mais típico dos que têm um grau de instrução superior, vivem no Centro Litoral e têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos e os 55 e 69 anos, o que nos leva a concluir por alguma quebra da prática religiosa, sobretudo na região Centro Litoral. Este factor religioso não está correlacionado com nenhum dos factores contextuais. O cumprimento do preceito pascal é típico do Norte/Interior, das localidades com menos de 500 habitantes e entre os que têm actividades profissionais relacionadas com os sectores primário e secundário da economia. Este factor apenas tem uma correlação muito baixa e negativa com o isolamento/integração ($r = -.1039$), sendo praticamente nula se tivermos em conta as categorias do contexto social.

Confirma-se que as dioceses de Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Algarve são distintas das restantes, observando-se que, dentro deste subconjunto, se podem distinguir Setúbal e Beja. Os restantes três conglomerados são formados, respectivamente, pelas dioceses de: Braga, Lamego e Guarda; Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Viseu, Aveiro, Leiria-Fátima e a zona norte de Portalegre e Castelo Branco; Porto, Coimbra, Santarém e a zona sul de Portalegre e Castelo Branco. Este agrupamento regional é também distinto daquele de que inicialmente partimos.

Quanto aos tipos sociais, formados a partir das variáveis do culto colectivo, conclui-se que os *praticantes modais* são, na sua maioria, constituídos por mulheres adultas tradicionais (34%), gerações mais velhas (14%) e homens adultos tradicionais (24%). Os *praticantes assíduos* são, sobretudo, mulheres tradicionais e gerações velhas, num total de 3 em cada 5. Nos *praticantes minimalistas* predominam os homens adultos tradicionais. Os *praticantes esporádicos* e os *nunca praticantes* têm uma composição semelhante. Entre os *nunca praticantes* predominam as gerações jovens (29%) e os homens adultos tradicionais (31%). O estrato social médio e a elite adulta tendem a não praticar ou a nunca ter praticado o culto colectivo, já que são a maioria destes dois tipos religiosos. Das gerações jovens, 3 em cada 10 são praticantes modais ou assíduos e cerca de metade não tem qualquer prática cultural colectiva.

No que se refere ao **culto individual**, o factor que denominámos por índice de relações directas com as realidades meta-empíricas prende-se com o facto de ser-se do sexo feminino. Outras características são também ter idade acima dos 55 anos, um grau de instrução baixo ou nulo, ser viúvo ou casado, dedicar-se a actividades relacionadas com o sector primário ou ser-se doméstica e dona de casa. Este índice é também mais elevado no Norte/Interior, em localidades de menos de 500 habitantes e entre os que estão no baixo escalão da avaliação social. Dadas estas características, não é de estranhar que este factor esteja correlacionado com o ciclo da vida individual e das gerações ($r=.3356$), com os modelos de viver tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=-.1375$), com a relação homem/mulher ($r=-.1240$) e com o estrato social médio superior *versus* o baixo ($r=.1304$). Se, globalmente, a mulher adulta tradicional e as gerações mais velhas se distinguem das restantes pela intensidade do culto individual, na região Sul, estes dois tipos

sociais aproximam-se mais dos restantes e têm um comportamento diferente. Por sua vez, o homem adulto tradicional, o estrato social médio e a elite adulta são diversos na região Norte/Interior. As gerações jovens, pelo contrário, têm um culto individual muito pequeno em todas as regiões, embora ligeiramente distinto no Centro Litoral. Pode concluir-se, assim, que, pelo menos parcelarmente, o ambiente religioso, maior ou menor, interfere com a prática do culto individual. A intensidade de relações de tipo cristão opõe o sexo feminino ao masculino. O modelo cristão é mais típico das donas de casa, domésticas, viúvos e da região Norte/Interior, bem como dos meios de pequena densidade demográfica (menos de 500 habitantes). O modelo menos cristão é mais característico dos que têm profissões do sector terciário e vivem na região de Lisboa/Santarém. Nota-se também a oposição entre os que têm 55 e mais anos e os mais jovens, os que têm um menor grau de instrução e os mais instruídos, os do estrato social baixo e os dos estratos mais elevados. Já a dimensão comunitária e cristocêntrica do culto individual tem uma pequena relação com o contexto social. O índice de gratuidade na oração está mais relacionado com os habitats muito pequenos (menos de 500 habitantes) e com os que têm como grau de instrução o 12º ano de escolaridade. O menor índice prende-se com as idades mais avançadas, os viúvos, os que vivem isolados e têm um status social mais baixo.

A regionalização, quanto ao culto individual, é bastante diferente da que se obtém, quer tendo em conta todos os factores religiosos, quer apenas os do culto colectivo. Com efeito, considerando as mesmas quatro regiões, a diocese do Algarve é distinta de todas as outras. Beja e Setúbal formam um outro conjunto. Não contíguos no espaço geográfico, os outros dois conglomerados são formados pelas seguintes dioceses: Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Lamego, Viseu, Guarda, zona norte de Portalegre e Castelo Branco, Aveiro, Coimbra e Leiria-Fátima;

Bragança, Porto, Santarém, zona sul de Portalegre e Castelo Branco, Lisboa e Évora.

Quanto aos tipos sociais, o *comunitário* (8%) é o característico das localidades inferiores a 500 habitantes (60%), do Norte/Interior (53%), do sector primário (24%) e dos que têm por preferência político-partidária o PSD. Nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul este tipo está pouco presente. Se globalmente é indiferenciado entre os sexos, é mais comum entre a mulher (35%) e o homem adultos tradicionais (44%). Dada a forma como foi medido este indicador, pode afirmar-se que, presentemente, a oração em família é um hábito pouco comum entre as famílias portuguesas. O *mariano* (10%) é típico da mulher (72%), do estrato social baixo (63%), das domésticas (28%), dos analfabetos (22%), das donas de casa (46%), do Norte/Interior (26%) e dos que têm por preferência político-partidária o PSD. Dos que se caracterizam por terem como prevacente este tipo de culto individual, 25% vive nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul. O *crístocêntrico* (7%) é típico dos viúvos (19%), não se diferenciando por outras características sociais, embora seja predominante na região Centro Litoral (40%). A categoria social do teísta (11%) não têm qualquer traço relevante do contexto social. Pode afirmar-se, todavia, que este tipo é formado por mulheres na proporção de 6 para quatro homens. O *culto individual modal* (37%) é característico dos viúvos, das mulheres, dos analfabetos, dos que têm 70 e mais anos, dos sem partido e dos que vivem em lares de uma só pessoa. Os que designámos por *desligados* (26%) são maioritariamente masculinos (70%); solteiros (38%); vivem na dependência familiar e na região Sul (28%); têm o 12º ano ou 9º ano de escolaridade (43%); são estudantes ou trabalham profissionalmente em actividades relacionadas com o sector secundário (23%); têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos (38%) e o status sócio-económico familiar típico é o médio superior ou o alto. Cruzando os

tipos religiosos segundo o culto individual e os tipos do contexto social verifica-se que, globalmente, há um grau de associação relativamente baixo ($V=.15676$). Notas salientes são o facto de os jovens e a elite adulta serem os que têm um menor índice de culto individual, pois são desligados em maior número. Também o homem tradicional e o estrato médio superior tem uma forte presença nesta categoria sócio-religiosa de culto individual.

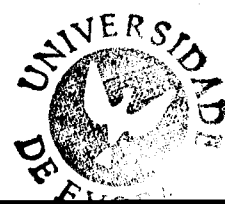
Quanto às **crenças**, o factor cosmovisão cristã é mais típico do sexo feminino, das donas de casa, dos analfabetos ou dos que têm a instrução primária e da região Norte/Interior. Caracteriza também os que têm 55 e mais anos de idade; são casados ou viúvos; pertencem aos estratos sociais menos elevados; têm profissões relacionadas com o sector primário da economia; são domésticas ou reformados; vivem em lares de reduzidas dimensões (1 ou 2 pessoas) e em localidades de muito pequenas dimensões (menos de 500 habitantes). Globalmente, a cosmovisão não cristã é menos abrangente. É típica dos homens, dos que têm entre 18 e 39 anos, são solteiros, pertencem aos estratos sociais mais elevados, vivem na região Sul e têm como preferência político-partidária o PCP e outros partidos de pequena expressão eleitoral. É com o ciclo da vida individual e das gerações que este factor sócio-religioso está mais associado ($r=.3439$), mas está relacionado também com o tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=.1873$). Com os tipos sociais do contexto a grandeza da associação é de $\eta^2=.3732$, sendo o índice médio deste factor, para cada uma das categorias sociais, o seguinte: mulher adulta tradicional (.2079), gerações mais velhas (.3199), homem adulto tradicional (.0283), estrato social médio (-.2076), elite adulta (-.6290), gerações jovens (.1885). Outra conclusão que podemos inferir é a de que o índice da cosmovisão cristã decresce, tendencialmente, no sentido norte/sul. Pode afirmar-se também que não há grande

relação entre o factor de certeza/dúvida, isto é, de modelo de crença e o contexto social, embora haja pequenas especificações.

É interessante notar, nas crenças, como as dioceses de Viana do Castelo, Bragança, Algarve e Beja se aproximam, formando um conglomerado, embora, se dividirmos o país em 5 conjuntos, esta última diocese surja isolada. Um outro conjunto é formado pelas dioceses de Lisboa, Setúbal, Évora e a zona sul de Portalegre e Castelo Branco. Braga, Viseu, Guarda e a zona norte de Portalegre e Castelo Branco também se agrupam no mesmo conjunto. O outro *cluster* é formado pelas dioceses de Vila Real, Lamego, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria-Fátima e Santarém. Verifica-se alguma descontinuidade espacial.

Os tipos religiosos construídos a partir das crenças têm como características sociais principais as seguintes: os *convictos* (19%), *sincréticos* (11%), *modais* (26%) e *heterodoxos* (15%) são, maioritariamente, as mulheres e homens adultos tradicionais e as gerações mais velhas. Entre os *cépticos* (17%) e *muito cépticos* (8%) prevalecem os homens adultos tradicionais e as gerações jovens. Os *ateus* (3%) são, sobretudo, indivíduos do estrato médio superior e da elite adulta. A mulher e homem adultos tradicionais são tipicamente crentes modais; as gerações mais velhas, crentes convictos; o estrato social médio é crente heterodoxo; a elite adulta é muito céptica e as gerações jovens são cépticas (25.5%) ou crentes modais (23.2%).

Relativamente à **moral**, a conformidade com a moral católica é relativamente mais forte no Norte/Interior e nas localidades com menos de 500 habitantes. O mesmo se verifica da parte da mulher; dos que têm 55 e mais anos; são analfabetos ou só têm a instrução primária; são casados ou viúvos; trabalham no sector primário da economia; são domésticas ou reformados; são donas de casa e pertencem aos estratos sociais menos elevados. O maior afastamento do código



moral católico é típico dos que têm o 12º ano de escolaridade e são solteiros e estudantes. Mas verifica-se também entre os homens que têm idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos; grau de instrução superior ou 9º ano de escolaridade; são separados ou divorciados; trabalham no sector secundário ou são desempregados; vivem na dependência familiar; pertencem aos estratos sociais mais elevados; residem nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul e em habitats de 2000 e mais habitantes. Dadas estas características, não é de estranhar que este factor moral tenha uma correlação relativamente elevada com o ciclo de vida e das gerações ($r=-.4374$) e também com o meio tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=-.2129$). No Norte/Interior apenas a elite adulta foge à conformidade com a moral católica, embora o estrato social médio e as gerações jovens tenham um índice médio bastante diminuto. No Centro Litoral, a mulher adulta tradicional e as gerações mais velhas distanciam-se dos outros tipos. Em Lisboa/Santarém e no Sul, a tendência é para o afastamento da moral católica, exceptuadas as gerações mais velhas, nas duas regiões e a mulher adulta tradicional em Lisboa/Santarém. Apenas as mulheres que vivem em habitats de menos de 500 habitantes e os que têm por preferência político-partidária o PCP tendem a ter formas definidas de avaliação moral. As formas indefinidas de julgamento moral são mais típicas do homem, dos que vivem em habitats de maior densidade demográfica e dos que não têm preferência político-partidária. Este factor tem uma correlação nula com todos os factores do contexto social. À mesma conclusão se chega se considerarmos os tipos sociais e cada uma das variáveis isoladamente, com excepção do que se refere às dioceses em que o valor da associação é relativamente elevado ($\eta=.4264$), havendo, quanto a este factor, uma distribuição geográfica diferente da amostral. A perspectiva laica da moral prende-se, sobretudo, com as regiões Sul e Lisboa/Santarém e com os que não têm

preferência político-partidária. A perspectiva não laica está mais relacionada com o Norte/Interior e com os habitats de muito pequena dimensão e ainda com o sector primário da economia e com a preferência político partidária no PSD. Laica é também a perspectiva dos que se dedicam a actividades relacionadas com o sector terciário, pertencem ao estrato social médio inferior e vivem em grandes centros urbanos. Este factor moral está relacionado com o modo de viver tradicional/rural ($r=.1547$), com a relação homem/mulher ($r=-.1141$), com o estrato alto *versus* o médio superior ($r=-.1279$) e com o médio superior *versus* o baixo ($r=-.1608$). Consideradas isoladamente as variáveis do contexto, a associação mais forte verifica-se com as dioceses ($\eta=.4445$). Com os tipos sociais a grandeza da associação deste factor é de apenas $\eta=.1021$. Poder-se-á, portanto, afirmar que a maior ou menor densidade demográfica e a repartição religiosa do país condicionam este factor da moral. A moral económica mais afastada da perspectiva cristã é a que se verifica sobretudo nas localidades de pequena dimensão (até 1999 habitantes); entre os que têm entre os 25 e 39 anos e também no estrato baixo. A moral económica que se diz mais conforme com a perspectiva cristã verifica-se nos habitats de média dimensão (10000 a 29999 habitantes) e no estrato social alto. A grandeza da correlação entre este factor e qualquer dos factores do contexto social é praticamente nula.

É de salientar que, quanto aos valores morais, a repartição geográfica é bastante diversa da que partimos. As dioceses de Viana do Castelo, Vila Real e Bragança formam um conjunto. Lamego, Guarda e Portalegre e Castelo Branco formam outro conglomerado, surgindo agrupadas as duas zonas em que dividimos esta última diocese. Outro *cluster* é formado por Braga e Viseu. As restantes dioceses formam o outro conjunto. Deste, separam-se as dioceses de Setúbal, Évora e Beja, caso se opte por uma divisão em cinco conglomerados.

Considerando os tipos morais, cuja associação com os tipos do contexto social é relativamente pequena ($V=.16939$) pode afirmar-se que o *humanista laico* (22%), o *egoísta* (14%) e o *conformista parcelar* (19%) são típicos da mulher e do homem tradicionais bem como das gerações jovens. O *imoral* (18%) é mais representado pelo homem tradicional e pelas gerações jovens. O *conformista moral* (19%) é típico das gerações velhas; o *abúlico* (8%) do homem e da mulher tradicional e dos jovens.

Quanto à **religião como valor**, é a mulher que mais a valoriza como sentimento; os mais velhos (55 e mais anos); os casados e viúvos, os que se dedicam a actividades relacionadas com o sector primário; as domésticas e reformados; as donas de casa; os que vivem em lares de uma pessoa. Essa valorização é notória nos habitats mais pequenos, nas regiões Norte/Interior e Centro Litoral, no estrato alto e médio alto, entre os que têm pequeno grau de instrução. Para estes a religião como sentimento é um valor central. Pelo contrário, esta componente tende a ser menos valorizada pelo homem; pelos que têm um grau de instrução mais elevado (9º ano de escolaridade ou mais); pelos solteiros; pelos chefes de família e pelos que vivem na dependência familiar. No mesmo sentido de desvalorização do religioso se situam os que profissionalmente desenvolvem actividades no sector terciário ou são estudantes; vivem em lares de três pessoas; em localidades de 20000 e mais habitantes e nas regiões do Sul e de Lisboa/Santarém; têm como preferência partidária o PCP ou não têm um partido preferido. O mesmo se diga para os que se situam nos estratos sociais mais elevados (médio superior e alto). Com efeito, este factor religioso está correlacionado com o ciclo de vida e das gerações ($r=.3130$); com o modo de vida tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r=.2006$), com o isolamento social ($r=.1321$), com a relação homem/mulher ($r=.1193$) e com o estrato social médio superior *versus* o baixo ($r=-.1157$). Relativamente aos tipos sociais do

contexto a associação é de $\eta^2 = .3183$. Todavia a valorização do religioso como sentimento é decrescente no sentido norte/sul, observando-se também que o comportamento dos tipos sociais, nem sempre é semelhante em todas as regiões, com excepção das gerações mais velhas. A religião tende a ser um valor intelectual para os que pertencem ao estrato social alto; têm o 12º ano de escolaridade; são da região de Lisboa/Santarém ou do Sul e têm actividades profissionais relacionadas com o sector terciário. Neste aspecto, a religião é menos valorizada pelos idosos; pelos que pertencem ao estrato social baixo e pelos analfabetos. Igual tendência se verifica entre as mulheres. Este factor prende-se com o ciclo de vida e das gerações ($r = .1982$), com o meio tradicional/rural *versus* o moderno/urbano ($r = .1876$), com a relação homem/mulher ($r = -.1962$). Com os tipos sociais a associação é de $\eta^2 = .2347$, sendo o índice da elite adulta de $-.1896$, a indicar ser esta categoria social a que mais preconiza a religião como um valor intelectual, o que não é de admirar dada a sua maior instrução. A perspectiva da religião ser considerada como um valor sócio-cultural é própria dos casados; dos que têm como instrução escolar o 6º ano de escolaridade; dos que têm como preferência político-partidária o PCP, são homens e têm como status sócio-económico familiar o médio inferior. A estes se opõem os que vivem numa situação de isolamento social. É de facto com o isolamento social que há alguma correlação, posto que de apenas ($r = .1218$). Com os tipos sociais a associação é muito pequena ($\eta^2 = .1152$).

No conjunto dos factores, se numa partição em quatro *clusters*, as dioceses de Beja e do Algarve se juntam, com elas se agrupam também as de Vila Real, Bragança e Lisboa. A diocese de Setúbal surge isolada. As dioceses de Viseu e Guarda formam outro conglomerado. As restantes dioceses formam outro conglomerado que se cinde em dois se a divisão for de cinco *clusters*. Neste caso, um é formado pelas dioceses de Viana do Castelo, Braga, Lamego, Porto e Coimbra; o

outro, pelas dioceses de Aveiro, Leiria-Fátima, Santarém, Portalegre e Castelo Branco no seu todo e Évora. Nesta dimensão religiosa, a repartição geográfica é diferente da obtida, quer para estabelecer a amostra, quer a partir das outras dimensões, verificando-se alguma descontinuidade geográfica.

Quanto aos tipos religiosos, a característica social mais relevante dos *questionantes* (30%) é serem do sexo feminino (60%), sendo as mulheres que mais põem em causa as normas eclesiásticas do aborto, divórcio, etc.. O tipo *festivo* (23%) prende-se com o facto de se ser homem (66%); ter o 6º ano de escolaridade; ser chefe de família e ter como preferência político-partidária o PCP. Aqueles que denominamos por *identificados* (31%) são maioritariamente femininos (68%), donas de casa e domésticas. Cerca de 35% vivem na região Norte/Interior ou Centro Litoral (42%) e pertencem ao estrato social mais baixo. Caracterizam-se ainda por serem analfabetos, terem 55 e mais anos e serem viúvos. Aqueles para os quais a religião é um valor *periférico* (16%) são, sobretudo, do sexo masculino (66%), têm uma instrução elevada (grau superior, 12º ou 9º ano de escolaridade), pertencem aos estratos sociais mais elevados e vivem nas regiões de Lisboa/Santarém e Sul. A relação entre os tipos religiosos e os tipos sociais mostra que há uma relativamente pequena associação entre eles ($V=.21213$). As gerações mais velhas e a mulher adulta tradicional são tipicamente identificados; o homem adulto tradicional é do tipo festivo; o estrato social médio e a elite adulta e as gerações mais jovens são do tipo questionante.

Esteve na base do Capítulo XI — *A influência da prática dominical no binómio religião/sociedade* — o facto de termos verificado que o contexto sócio-cultural é uma forte condicionante da religião. Com efeito, notámos que os factores do contexto social estão, de algum modo, associados aos religiosos e que os tipos

sociais têm intensidades diversas nos seus comportamentos religiosos. Sabemos, no entanto, que a implantação religiosa é geograficamente diversificada influenciando também na dinâmica da sociedade, pois introduz diferentes subculturas religiosas. Se, por exemplo, o fenómeno das gerações e os estilos de vida são factores que influenciam a religião, são também condicionadas por ela e, observámo-lo, as categorias sociais tendem a ser religiosamente diferentes, principalmente no norte e no sul do país. Se é certo que o culto colectivo, nomeadamente a prática da missa dominical, prática que é um indicador privilegiado da vivência religiosa católica, depende do contexto social e religioso, também não é menos verdade que o facto de os indivíduos se exporem, mais ou menos vezes, ao culto os pode levar a que tenham uma maior ou menor vivência religiosa. Na realidade, a repetição desta prática cultual cria e reforça os laços com a comunidade dos crentes, permite uma maior audição da doutrina religiosa e moral, ou seja, é factor de aculturação e de integração religiosas. Por isso, analisámos em que medida a prática frequente ou não da missa dominical contextualiza as diferenças que anotámos e que provêm, quer da dinâmica social, quer da própria tradição religiosa regional. A hipótese que colocámos foi a seguinte: *“Os que têm um maior índice de prática dominical serão relativamente independentes das subculturas religiosas, isto é, das regiões e da sua categoria social? Terão, por exemplo, um índice semelhante de crenças e valores morais, quer pertençam às gerações mais jovens ou mais velhas, quer vivam no norte, no centro ou no sul do país?”*. O nosso objectivo foi, assim, o de estudar a influência da prática dominical na relação entre o contexto social e religião, no quadro das subculturas religiosas. Para tal dividimos a amostra em duas: os que vão à missa dominical pelo menos uma vez por mês (35.9%) e os que têm uma frequência menor ou mesmo não a frequentam (64.1%).²⁰ Concluiremos, agora, o

²⁰ Como medida estatística utilizámos a média de cada um dos primeiros factores religiosos obtidos, por região e tipo social, na análise de correspondências múltiplas e privilegiámos a correlação entre os factores religiosos e os do contexto social, através do 'r'

que de mais relevante obtivemos, quer para o conjunto das variáveis religiosas, quer para os vários aspectos parcelares, na sua relação com o contexto social, relativamente a três aspectos: os factores; as subculturas regionais e os tipos sociais.

Quanto ao total, isto é, à *intensidade da vivência religiosa e os factores do contexto social* pode, concluir-se, que a maior ou menor prática dominical se reflecte na vivência religiosa, o que é normal, e que a influência do contexto social tende a diminuir, isto é, está menos dependente de um modo de vida de maior isolamento social e, sobretudo, do ambiente mais rural ou mais urbano. O fenómeno das gerações é menos sensível ao efeito da missa dominical. Isto sugere que a força intrínseca da religião, medida pela prática dominical, é menos potente para se impor à dinâmica do ciclo da vida individual e das gerações do que ao isolamento/integração sociais e, principalmente, ao modo de vida tradicional/rural *versus* o urbano/moderno.

No que se refere às *subculturas religiosas regionais*, formam-se conjuntos diversos de dioceses com subculturas religiosas diferentes, ou seja, ambientes mais favoráveis ou desfavoráveis à religião. Comparando as percentagens da prática dominical mais ou menos assídua, chegamos a conclusão análoga. Com efeito, se no total do país, a maioria (64.1%) não frequenta com assiduidade mensal a missa dominical, os mais assíduos acompanham o valor decrescente do índice de vivência religiosa, no sentido norte/sul. A percentagem de missalizantes é mais elevada no Norte/Interior (53.6%) e no Centro Litoral (42.8%) e mais diminuta nas outras

de Pearson; a comparação das médias dos factores religiosos e a análise de variância para observar se há diferenças, tanto no contexto regional como no das categorias ou tipos sociais que formámos utilizámos como medida global o 'eta'. Concluiremos que "o efeito da missa dominical é observável se houver afastamento, isto é, se a média dos factores religiosos dos que têm tal prática for superior à média global e, nesse caso, o efeito do contexto será menor. Pelo contrário, as médias dos que não participam na missa dominical tenderão a afastar-se em sentido contrário ao da média global, o que reforça a importância do contexto e, ao contrário, o próprio efeito da missa dominical".

regiões. Em Lisboa/Santarém, apenas 1 em cada 4 pratica este rito com ritmo mensal e, no Sul, a proporção ainda é menor: cerca de 1 em cada 10. No entanto, é interessante notar que, entre os missalizantes, o índice de vivência religiosa esbate as diferenças regionais. Com efeito, a média do índice na região Norte/Interior (+.419) e no Sul (+.416) é semelhante, acontecendo também que em Lisboa/Santarém (+.368) é ligeiramente mais elevada do que na região Centro Litoral (+.328). Concluiremos, portanto, que o facto de se ir à missa com mais frequência homogeniza as regiões, o que significa que se tende a ter uma vivência religiosa semelhante, tanto nos ambientes mais favoráveis como nos mais hostis. Por outro lado, para os não missalizantes, sobressai o efeito da subcultura religiosa diversa no sentido norte/sul, o que confirma, *a contrario*, o efeito da prática dominical. De facto, para os missalizantes o valor da associação é menor ($\eta^2=.1930$) do que para os não missalizantes (.2287), evidenciando que, entre estes, há uma maior heterogeneidade relativa, fruto do ambiente sócio-religioso regional diversificado.

Quanto aos **tipos sociais**, as médias mostram que as gerações mais velhas (índice médio=+.274) e a mulher tradicional (+.209) têm uma vivência religiosa mais intensa do que as outras categorias sociais que tendem a ser menos religiosas, nomeadamente a elite adulta (-.449), o estrato social médio (-.215) e as gerações jovens (-.185). Também relativamente aos tipos sociais se observa o efeito da missa dominical, no sentido da intensidade da vivência religiosa ser mais forte entre os missalizantes do que entre os não missalizantes, o que não é de estranhar. *Mutatis mutandis*, verifica-se, assim, um fenómeno idêntico ao observado relativamente às regiões. Nas categorias sociais com menor intensidade de vivência religiosa, nota-se mais o impacto da frequência assídua da missa dominical, embora a heterogeneidade seja maior ($\eta^2=.3354$) do que a verificada nas regiões. As gerações

mais velhas são aquelas em que a intensidade da vivência religiosa está menos dependente da influência da prática dominical, pois a diferença entre as médias, sempre positiva, é relativamente mais diminuta. Pelo contrário, onde se verifica maior influência é entre a elite adulta, uma vez que a diferença entre as médias é maior. Concluindo, podemos afirmar que o impacto da prática dominical é menor relativamente aos tipos sociais do que às regiões, porque ao contrário do que acontece com estas, o valor da associação aumenta ligeiramente mais para os não missalizantes ($\eta^2=.4271$) do que globalmente (.4120). Além disso, observa-se que o índice de vivência religiosa é relativamente mais baixo, se comparado com o médio (+375), tanto para o estrato social médio (+.298) como, sobretudo, para as gerações jovens (+.252). Isso sugere que estas categorias sociais típicas, mesmo indo à missa dominical com frequência mensal, são menos sensíveis à influência directa dessa prática cultural e, em princípio, à doutrina aí veiculada.

Depois de analisarmos o todo, vejamos cada uma das suas partes.

Quanto à *intensidade do culto colectivo e os factores do contexto social*, observa-se que a grandeza da correlação diminui ligeiramente para os missalizantes ($r=+.3021$), o que significa que há algum efeito da prática dominical que esbate o efeito do factor contextual. Relativamente ao viver rural=/urbano, a correlação entre as variáveis é praticamente nula, independentemente da prática dominical. Quer dizer que pelo facto do modo de vida ser mais rural ou mais urbano não se pode prever qual a intensidade da prática do culto colectivo, embora se observe uma ténue tendência para uma maior prática no ambiente rural. Já relativamente ao isolamento social *versus* a integração social, pelo contrário, pode afirmar-se que o culto colectivo tende a ser mais intenso se o estilo de vida for marcado pela integração social ($r=-.2564$). No entanto, para os missalizantes a

correlação é praticamente nula ($r=+.0206$) e não significativa. Embora não se possa extrapolar para a população, verifica-se a tendência da frequência assídua da missa dominical anular o efeito do contexto mais marcado pelo isolamento ou pela integração sociais. Há-de, assim, concluir-se que o efeito da missa dominical tende a esbater, sobretudo, a influência do modo de vida rural/urbano e do isolamento *versus* a integração social. *A contrario*, esta influência é mais forte para os não missalizantes.

No que se refere às *subculturas religiosas regionais*, é evidente o efeito da missa dominical: para os missalizantes o índice médio é de $+.631$ e para os não missalizantes de $-.353$, sendo a diferença de médias estatisticamente significativa. Mas, esse efeito é observável também a nível regional. De facto, a intensidade do culto colectivo é relativamente homogénea em todas as regiões, esbatendo-se a diferença entre as subculturas religiosas. Mais: na região Sul, o índice médio de culto colectivo é até mais elevado para os que vão à missa ($+.694$), sendo que a região de Lisboa/Santarém tem o índice mais baixo de todos ($+.520$). Para os não missalizantes, nota-se o efeito das regiões. No Norte/Interior a intensidade do culto colectivo é bastante diminuta ($+0.088$), mas mais forte do que nas outras regiões. As médias globais escondem o efeito, quer da prática dominical assídua, quer da não assídua, pois, separando as amostras, observam-se esse efeitos. A prática dominical conduz à homogeneização regional ($\eta^2=.1615$); o efeito da subcultura religiosa é menos forte e evidencia a heterogeneidade regional ($\eta^2=.3896$) que, globalmente, é de $.4246$.

No que diz respeito aos *tipos sociais*, o efeito da prática dominical é observável também. As categorias sociais típicas dos missalizantes tendem a ser relativamente um pouco mais heterogéneas ($\eta^2=.2832$) do que as dos não missalizantes ($.2735$). É notório, porém, que as gerações mais velhas têm um índice

de culto superior se vão com frequência à missa (média=+.766), a que se segue a mulher adulta (+.693) e o homem adulto tradicionais (+.638). Mas, onde o efeito é mais marcado, ou seja, a diferença relativamente à média global é superior, é na elite adulta (+.518), gerações jovens (+.471) e estrato social médio (+.448). Os que não se expõem com frequência mensal à prática dominical sofrem a influência do tipo social de pertença, observando-se, no entanto, que é a mulher adulta tradicional (média de -.107) aquela que está menos dependente da influência da prática dominical na sua intensidade de culto colectivo que é sempre mais elevado do que qualquer das restantes categorias sociais.

Outros estudos, nomeadamente os realizados em Portugal e que referimos no Capítulo IV, têm revelado que, nas dioceses ou regiões onde a prática dominical é menos intensa, há uma maior percentagem de comungantes. Assim, quando considerámos neste trabalho apenas aqueles que disseram ir à missa todos os domingos (23,2% do total) e comungam também todos os domingos (41,4%) observámos igualmente que, nas regiões onde a prática dominical é menos intensa, a percentagem de comunhões é, no entanto, mais elevada: a região Norte/Interior que tem a maior percentagem de indivíduos que vão à missa todos os domingos é aquela em que estes menos comungam (30,8%); no Centro Litoral, a percentagem de comungantes é de 44,8%; em Lisboa/Santarém, de 50% e, no Sul, de 60%, sendo estas duas últimas regiões as que têm a menor percentagem de indivíduos que cumprem o preceito dominical. Interessante é notar também que, considerando por tipos sociais os que cumprem o preceito dominical e comungam todos os domingos, a elite adulta (87,5%) é a categoria social com maior percentagem de comungantes. Os menos comungantes são o homem adulto tradicional (28,3%) e as gerações jovens (30,3%) e o estrato social médio (35,7). Como dissemos, poderá concluir-se

que “onde a subcultura religiosa é mais desfavorável, os que vencem esse obstáculo e vão à missa dominical têm nela uma participação mais intensa expressa no rito da comunhão. A nível dos tipos sociais fica evidenciado que a categoria melhor posicionada social, económica e culturalmente — a elite adulta — é também aquela que tem uma prática dominical qualitativamente superior, ao nível da comunhão sacramental. Tal não é de estranhar dado o seu maior nível cultural que se reflecte numa maior consciencialização do rito da missa dominical em que participam mais plenamente”.

Quanto à *intensidade do culto individual e os factores do contexto social*, independentemente da prática dominical, a intensidade do culto individual está positivamente correlacionada com o ciclo da vida individual e das gerações ($r=+.3251$), o que significa que quanto mais se avança em idade mais forte é a intensidade do culto individual. Mas, separando os missalizantes dos demais, observámos que o valor da correlação baixa para os primeiros ($r=+.2144$) e aumenta para os segundos ($r=+.3317$). Quer isto significar que há um efeito da prática dominical que esbate as diferenças entre as gerações. Pelo contrário, quando ele não se verifica, resulta mais evidente o efeito deste factor contextual.²¹

Quanto às *subculturas religiosas regionais*, embora para os não missalizantes haja uma maior heterogeneidade de prática cultural individual, a influência das regiões é globalmente menor ($\eta=.1421$) do que antes de separar as

²¹ Também relativamente ao culto individual é praticamente nula a influência do modo de vida rural/urbano ($r=+.0943$), sendo que a estatística não é significativa tanto para os missalizantes como para os outros. No que se refere à influência do factor isolamento *versus* integração social, há uma correlação global de ($r=-.1616$) a significar que a intensidade do culto individual diminui em função do maior isolamento social. No entanto, o efeito da missa dominical esbate essa influência ($r=+.0544$), embora apenas se possa referir aos valores amostrais. Retirada essa influência, isto é, para os não missalizantes, observa-se que quanto maior é o isolamento social menor é a intensidade do culto individual ($r=-.1199$). No que se refere às subculturas regionais o efeito da prática dominical (missalizantes: média=+.446; não missalizantes: média=-.260) anula praticamente as diferenças das subculturas religiosas regionais. De facto, as médias são muito semelhantes e o valor do $\eta=.0634$ não é significativo. Isso mostra como ir à missa com regularidade, pelo menos mensal, leva a ter um culto individual semelhante.

duas subamostras ($\eta^2=.2245$). Tal põe em evidência que se a prática cultual está dependente do ambiente sócio-geográfico, essa dependência é menor e que os índices globais escondem o que se verifica entre os missalizantes e os não missalizantes. Nota-se, no entanto, que o culto individual tende a ser cada vez mais diminuto no sentido norte/sul.

Quanto aos **tipos sociais** é sempre mais diminuto o efeito da missa dominical sobre as categorias sociais do que sobre as regiões sócio-religiosas. Assim, globalmente, observa-se que há heterogeneidade dos tipos sociais em relação ao culto individual ($\eta^2=.3144$), sendo que a mulher adulta tradicional (média=+.291) e as gerações mais velhas (.386) são os tipos que têm um índice mais elevado de práticas cultuais individuais. Todavia, a diferença entre os tipos sociais esbate-se sob a influência da prática dominical ($\eta^2=.2068$), isto é, conduz a uma maior homogeneidade. Assim, se frequenta a missa dominical com maior regularidade, é a elite adulta a que mais se distancia (média=+.439). Também o homem adulto tradicional (+.380) e as gerações jovens (+.345) são, de todos os tipos, os que têm um índice médio mais baixo de culto individual. Entre os não missalizantes nota-se a influência do ambiente mais ou menos religioso da categoria social de pertença, sendo que a elite adulta (média=-.660) e os jovens (-.585) são os que menos intensidade revelam de culto individual. Por sua vez, as gerações mais velhas (.248) e a mulher adulta tradicional (+.081), mesmo tendo uma prática diminuta, são as que têm um maior índice e práticas de culto individual.

Quanto à *intensidade da crença e os factores do contexto social*, a grandeza da correlação entre a intensidade da crença e o ciclo da vida individual e das gerações é de $r=+.3329$, sendo inferior entre os missalizantes (+.2467) e superior

entre os não missalizantes (+.3381). Quer isto significar que a crença tende a aumentar com o avanço em idade, mas que há um efeito da prática dominical que esbate as diferenças das diversas etapas da vida. Com o ambiente rural/urbano a correlação global é menor ($r=+.1304$) a denotar a menor influência deste factor sobre a intensidade da crença.²² Para os não missalizantes, o efeito do isolamento é superior e significativo ($r=.1424$).

No que se refere às **subculturas religiosas regionais**, ao contrário do que vimos observando até aqui, o efeito da missa dominical conduz, globalmente, a uma maior heterogeneidade ($\eta=.2154$) do que o verificado para o total de missalizantes (média=+.361) e não missalizantes (média=-.202). Com efeito, para os missalizantes o índice médio de crença é superior na região Sul (.457) e em Lisboa (.421) do que no Norte/Interior (.378) e no Centro Litoral (.301). Isto mostra que nos ambientes hostis se tende a ter um grau de convicção superior do que nos ambientes religiosamente mais favoráveis, devido ao facto de se ir com frequência à missa. É que, num ambiente mais desfavorável, é necessário vencer as resistências que o meio sócio-cultural coloca e, porventura, ter uma crença mais esclarecida. Para os não missalizantes, as médias de descrença seguem um índice crescente no sentido norte/sul, mas há uma menor diferença regional ($\eta=.1231$) o que significa que as regiões são homogéneas no que se refere às crenças. *“De todos os subtemas é nas crenças que a diferença regional é menor”*.

Quanto aos **tipos sociais**, globalmente, as gerações jovens (índice médio de .189), o estrato social médio (-.211) e a elite adulta (-.641) são os mais descrentes. Entrando em conta com o efeito da missa, estas categorias sociais tornam-se mais

²² A influência da prática dominical é, neste aspecto, menor do que a verificada com os outros factores religiosos, pois o valor de r é +.1042, não significativo. Por outras palavras: observa-se, nas crenças, o efeito do contexto rural/urbano, pelo menos para os valores amostrais. Relativamente ao isolamento social a correlação é de $r=-.1857$ a denotar que quanto mais o estilo de vida é de isolamento, menor é o índice de crença. O efeito da missa dominical, apenas aplicável à subamostra dos missalizantes, leva à diminuição da grandeza da correlação ($r=-.0302$).

crentes, mas sempre em menor grau que os demais, sendo que se verifica uma maior homogeneidade entre os diversos tipos sociais ($\eta^2=.2210$). Para os que não vão à missa, a influência da categoria social a que se pertence, no sentido da crença, é mais forte entre as gerações mais velhas e a mulher adulta tradicional; no sentido da descrença, a categoria social é mais influente para a elite adulta (-.924), gerações jovens (-.406), estrato social médio (-.360) e homem adulto tradicional (-.115), verificando-se uma heterogeneidade maior ($\eta^2=.3881$).

Quanto à *intensidade do índice de valores morais e os factores do contexto social*, é com a conformidade com os valores morais, isto é, com o código moral católico, que a grandeza da correlação com o ciclo da vida individual e das gerações é mais intenso ($r=+.4180$). Para os missalizantes esse valor é ligeiramente inferior ($r=+.3624$) a denotar que, pelo facto de se ir à missa ao menos uma vez por mês, tendem a esbater-se as diferenças entre as gerações. Não indo à missa com essa frequência a correlação é de $+0.4105$. No que se refere ao ambiente rural/urbano, a conformidade com a moral católica tende a variar no sentido de ser mais intensa em ambiente rural ($r=.1108$). Para os missalizantes, o efeito da missa dominical elimina o efeito deste factor ($r=+.0002$), embora não se possa extrapolar o facto para a população. Ao contrário, o ambiente rural/urbano influi ligeiramente mais sobre os valores morais se, porventura, não se é missalizante ($r=.1301$). A força do isolamento social, embora menos poderosa do que o ciclo de vida e das gerações, leva a que haja uma conformidade menor com o código moral católico. À semelhança que referimos quanto ao factor rural/urbano, também o efeito da missa dominical é anulado, pelo menos entre os indivíduos da amostra ($r=-.0717$).

No que se refere às *subculturas religiosas regionais*, verifica-se que apenas na região Norte/Interior há uma conformidade positiva com os valores morais

católicos tradicionais (índice médio=.260). No Centro Litoral (-.009), em Lisboa/Santarém (-.146) e no Sul (-.159) tende-se para o afastamento. A heterogeneidade regional é de $\eta^2=.3725$. Também aqui, globalmente, se observa o efeito da missa dominical: missalizantes – média=+.240; não missalizantes – média=-.134. Para os missalizantes, pode afirmar-se que o efeito global da missa dominical conduz a uma conformidade maior com o código moral católico, já que as médias são todas positivas. Há, todavia, que realçar que a heterogeneidade regional é grande ($\eta^2=.3615$), pois o índice do Norte/Interior é relativamente elevado (+.408), mas o das outras regiões comparativamente mais baixo (Sul: +.173; Centro Litoral: +.134; Lisboa/Santarém: +.127). Não se verifica como acontece, por exemplo, com o índice de vivência religiosa que haja uma homogeneização das regiões. Para os não missalizantes, diminui a heterogeneidade ($\eta^2=.2769$), sendo que a região Norte/Interior apresenta uma ligeira conformidade moral positiva e Lisboa é a região moralmente mais afastada (média=-.240). Parece poder concluir-se que o efeito da missa dominical sobre as regiões, no que se refere aos valores morais, é ligeiramente mais baixo do que o verificado nos outros subtemas. Quer isto significar, porventura, que o ir com frequência à missa não tem tanta força para mudar as formas de avaliar e de se comportar face aos outros como tem força, por exemplo, no que se refere ao culto e às crenças. Há que concluir portanto que *“na moral, a força do contexto social parece ter um forte impacto”*. Poder-se-á dizer ainda que os que vão à missa não tiram as mesmas consequências morais independentemente da região sócio-religiosa onde residam.

Relativamente aos **tipos sociais**, observa-se que o efeito da missa dominical é relativamente pouco intenso, sobretudo para as gerações jovens, cujo índice de conformidade com a moral católica é mesmo assim negativo (-.003). De facto, há uma homogeneização pequena ($\eta^2=.3425$), embora todos os outros tipos tendam a

conformar-se mais com a moral católica se vão à missa com frequência mensal. Os não missalizantes sofrem a influência da categoria social de pertença, verificando-se o afastamento da moral católica sobretudo entre a elite adulta (-.526). Também o homem tradicional não missalizante revela um afastamento que a média global esconde. Há-de concluir-se também para os tipos sociais o que se afirmou sobre as subculturas regionais: a missa dominical tem um efeito mais reduzido nos juízos morais do que sobre os outros aspectos: culto, crenças, etc. Tal parece significar que *“há dificuldade em transpor a mensagem religiosa para os comportamentos quotidianos que ficam mais dependentes dos contextos sócio-culturais envolventes”* em que, no entanto, se poderá afirmar que é notória a influência histórica do catolicismo. Neste sentido, também se dirá que há uma religião implícita ou difusa no ambiente quanto às consequências morais que implica, ou seja, os valores que transmite.

Quanto à *intensidade da religião como valor e os factores do contexto social*, de todos os factores religiosos, é com o da religião como valor que o ciclo da vida individual e das gerações está menos correlacionado ($r=+.2983$), a revelar, no entanto, que a religião é mais valorizadas pelas gerações mais velhas do que pelas mais novas. O efeito da prática dominical faz, todavia, diminuir a grandeza da correlação ($r=+.1501$) e aumentar esse valor ($r=+.3070$) para os não missalizantes, o que demonstra que a valorização da religião fica mais dependente do ciclo da vida individual e das gerações para estes últimos. No que se refere à relação com os factores rural/urbano e isolamento/integração, observa-se que o valor da correlação é maior, respectivamente, de $r=+.1327$ e $r=-.2176$.²³ Para os que não vão à missa ou o fazem com pequena assiduidade, no meio rural, tende-se a valorizar mais a

²³ O efeito da missa dominical anula o efeito do ambiente mais rural ou mais urbano ($r=-.0083$, não significativo), do estilo de vida mais isolado ou mais integrado ($r=-.0446$, não significativo).

religião ($r=.1557$), o mesmo se dizendo sobre o estilo de vida de integração social ($r=-.1684$).

No que se refere às **subculturas religiosas regionais**, há diferenças entre as médias dos missalizantes ($+.375$) e dos não missalizantes ($-.210$), mas o facto de se frequentar a missa com assiduidade faz com que haja uma homogeneização das regiões ($\eta^2=.0333$, não significativo). Nota-se mesmo que as médias são mais elevadas onde o ambiente é menos favorável, ou seja, na região Sul (média= $+.403$) e em Lisboa/Santarém ($+.387$). Para os não missalizantes, em todas regiões as médias são negativas, aumentando no sentido de norte/sul. Dá-se aqui o efeito da subcultura religiosa, havendo uma associação de $\eta^2=.2134$ o que revela a heterogeneidade regional. As médias globais escondem o efeito da missa dominical e do contexto. Mesmo no Norte/Interior ($-.061$) e no Centro Litoral ($-.145$), retirado o efeito da missa dominical, as médias são negativas; em Lisboa/Santarém e no Sul, ressalta mais o efeito do contexto sócio-cultural também ele desfavorável, sendo as médias de $-.290$ e de $-.307$, respectivamente.

No que respeita aos **tipos sociais**, estes têm intensidades diversas do índice da religião como valor: as gerações mais velhas ($+.234$) e a mulher tradicional ($+.179$) têm médias positivas. A associação global é de $\eta^2=.3183$. Entrando em conta com o efeito da missa dominical, observa-se uma certa homogeneização ($\eta^2=.1967$), sendo a elite adulta ($+.545$) a categoria social que tem a média mais elevada e as gerações jovens ($+.291$), a mais baixa. Para os não missalizantes dá-se o efeito do contexto e há uma maior heterogeneidade ($\eta^2=.3237$). A média apenas não é negativa para as gerações mais velhas ($+.095$).

Sintetizando, podemos concluir que os factores religiosos estão sempre mais correlacionados com o ciclo da vida individual e das gerações do que com o

isolamento *versus* a integração social ou o ambiente tradicional/rural *versus* o moderno/urbano. O efeito da missa dominical parece anular, principalmente, a influência diversa dos meios rurais e urbanos e esbater, entre os missalizantes, as diferenças introduzidas pelas gerações ou pelo estilo de vida de maior ou menor isolamento social. É notório o efeito da missa dominical que leva à homogeneização, quer das categorias sociais, quer, sobretudo, das regiões, no sentido dos índices dos diversos factores serem mais elevados e semelhantes. As médias globais escondem os efeitos, tanto da missa dominical no quadro das subculturas regionais, como dos tipos sociais. Quanto às regiões, onde o ambiente sócio-religioso é mais desfavorável (Lisboa/Santarém e Sul) nota-se mais a influência da missa dominical frequente. No que respeita às categorias sociais a elite adulta é o tipo que mais sofre a influência da prática dominical. É esta categoria social também aquela que, anulado esse efeito, menores índices tem nos diversos factores religiosos. Tal significa que, se não praticam o rito dominical, são opositores da religião; se o praticam, parecem ter uma maior consciência religiosa. As gerações mais velhas, sobretudo, mas também a mulher adulta tradicional são as menos sensíveis, quer ao efeito da missa dominical, quer ao da subcultura do seu tipo social. As gerações jovens e o estrato social médio, embora sofram a influência da prática dominical, tendem, no entanto a seguir a dinâmica religiosa da categoria social em que se inserem. Estas diferenças podem ficar a dever-se, sobretudo, a períodos históricos diversos marcados por diferentes formas e graus de influência do catolicismo. É relativamente aos valores morais que parece notar-se uma menor influência da prática dominical a querer evidenciar a dificuldade em traduzir nos comportamentos quotidianos, a valorização da religião, a cosmovisão das crenças e a prática cultural. Isso, como sublinhámos, é mais notório na região de Lisboa/Santarém e entre as gerações jovens. Parece não ser abusivo concluir, tendo

em conta os valores médios dos índices e as percentagens de comungantes que, nas subculturas religiosamente menos vigorosas, há a tendência, entre os missalizantes, de fazerem frente ao contexto sócio-cultural desfavorável e a serem motivados para uma maior consciencialização religiosa, excepto no que se refere aos valores morais. Nota-se igualmente que o efeito da missa dominical é menor no que se refere às crenças, o que significa que no universo cultural a religião católica influencia o imaginário português onde estão presentes e convivem os homens e as realidades meta-empíricas. A prática dominical que, como vimos, é elevada a nível do país — os missalizantes estimados são 2375 milhares — e que nos serviu como indicador para 'medir' a capacidade de intervenção social da religião católica — se, só por si, pode ser insuficiente e tem um significado ambivalente, já que é ponto de chegada e de partida, põe em evidência que a religião católica é uma instituição que, em Portugal, tem capacidade intrínseca para influir sobre a sociedade e, pelo menos, minimizar, senão mesmo ultrapassar, os obstáculos que esta eventualmente lhe coloque. Tais obstáculos provêm, quer de tradições religiosas geograficamente diferentes, fruto da implantação religiosa anterior, quer das características sócio-culturais dos indivíduos, em boa parte devida ao contexto histórico, mas igualmente ao estilo e modo de catequização religiosa. Tais características verificam-se, sobretudo, ao nível das gerações e não tanto, como se viu, do estilo de vida rural tradicional *versus* o urbano/moderno. Uma organização religiosa que tenha em conta a dinâmica sócio-cultural e cujos métodos e estratégias sejam adaptados suscita a hipótese de ser possível 're-evangelizar' a sociedade e a cultura no sentido do panorama futuro, ainda que diferente do actual, não caminhar, necessariamente, no sentido de uma irreligiosidade crescente relativamente ao catolicismo. O problema é, no entanto, maior se passarmos da cosmovisão e prática cultural para uma intervenção mais global sobre os hábitos e costumes quotidianos

onde a concorrência plural, nomeadamente dos grandes meios de comunicação social mais pesa e aponta, não raro, em sentido contrário ao código cristão e católico das relações sociais. Numa perspectiva sistémica de fluxos de trocas de *inputs* e de *outputs* entre religião e sociedade e vice-versa, tudo depende da força maior ou menor de uma e de outra e da capacidade adaptativa de ambas.

Seja-nos permitido, finalmente, destacar quatro aspectos que, em nossa opinião, são os mais salientes como conclusões deste estudo.

A sociologia da religião, nas suas conceptualizações e teorizações, tem tido dificuldade em encontrar instrumentos que a levem a compreender totalmente os fenómenos religiosos que, complexos e multidimensionais, estão em constante metamorfose, e assentam numa construção social simbólica cujo conteúdo, de que se reclama, não é empiricamente verificável. Sendo uma das possíveis abordagens do religioso, todas complementares, a sociologia da religião, nos seus conceitos, teorias e métodos, depende também do período histórico-cultural em que é feita, não devendo cair na tentação de fazer juízos positivísticos e de prospectivar o futuro de forma determinística.

Os estudos com base em dados empíricos relativizam, como é o caso do nosso, alguns 'absolutismos' e 'universalismos' das teorias baseadas em sinais que, embora existentes, podem não ter, pelo menos em toda a parte, o mesmo impacto e significado sociológico.

A religião, nomeadamente, a católica, é muito diversificada e está em permanente relação mútua com as sociedades e culturas em que se insere. A realidade observada em Portugal confirma-o e evidencia ainda a existência de subculturas de tipos sócio-religiosos e de regiões sócio-geográficas. Apesar de termos utilizado como modelo teórico e metodológico o paradigma sistémico, é

muito difícil 'medir' quem mais influencia ou é influenciado, tanto mais quanto a cultura portuguesa está historicamente relacionada com esta religião e ambas em permanente e rápida transformação.

Embora estejamos convictos de ter procurado traçar, na perspectiva sociológica, um panorama global, tanto quanto possível fiel da realidade sócio-religiosa portuguesa, tentando descobrir e analisar as estruturas e tipos sócio-religiosos — para o que foi indispensável a utilização de técnicas multivariadas — muitas questões ficam, necessariamente, ainda em aberto e exigem novos estudos. Para lá do que fomos referindo, destacamos, pela complementaridade interdisciplinar, a Psicologia, nomeadamente no que se refere às motivações religiosas a que não demos realce, e o contributo da História e mesmo da Antropologia para a compreensão e análise dos fenómenos religiosos. Relativamente às regiões sócio-religiosas e subculturas religiosas do país, pensamos que seria útil estudar esta temática de forma mais aprofundada. Num âmbito diferente e mais geral, consideramos importante ser de analisar, de forma específica, os 'actores' sócio-religiosos e os '*ritos de passagem*', nomeadamente aquando do nascimento, casamento e morte, dado o seu relevo cultural, social e religioso.

Se este trabalho contribuir para chamar a atenção para a importância dos factos religiosos na dinâmica social e para a sua compreensão sociológica, conduzindo a outros aprofundamentos, teremos atingido o objectivo de fornecer à comunidade científica um elemento de reflexão. Se do que deixamos dito algo de oportuno for retirado para repensar estratégias e políticas sócio-religiosas, veremos recompensado o esforço feito por saber que fomos úteis à comunidade humana em que nos inserimos.

BIBLIOGRAFIA

Dividimos a **BIBLIOGRAFIA** em três apartados:

A - Bibliografia Genérica Sobre Sociologia da Religião;

B - Bibliografia Sobre Religião em Portugal;

C - Bibliografia sobre Métodos e Técnicas de Investigação Social.

Cada um dos apartados foi subdividido em **Fontes; Livros e Artigos.**

Na Bibliografia Genérica incluíram-se também algumas obras de sociologia geral por terem a ver com aspectos teóricos ou metodológicos relacionados com o tema; na Bibliografia sobre Religião em Portugal procurámos fazer uma síntese das obras realizadas em diversas ciências sociais e humanas sobre os fenómenos religiosos do nosso país, quer de autores nacionais, quer estrangeiros; na Bibliografia sobre Métodos e Técnicas de Investigação incluíram-se não só os temas relacionados com a investigação sociológica em geral como também com várias técnicas estatísticas.

A Bibliografia não é exhaustiva, mas aquela a que, de facto, tivemos acesso.

A - BIBLIOGRAFIA GENÉRICA SOBRE SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Fontes

Annuario Pontificio. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana; 1963, 1964, 1966, 1967, 1970, 1976, 1978, 1981, 1984, 1986, 1988, 1989, 1990, 1991, 1994.

Annuario Statisticum Ecclesiae: Secretaria Status, Rationarium Generale Ecclesiae; 1976, 1979, 1980, 1984, 1988, 1989, 1991.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra; 1993.

Código de Direito Canónico, edição anotada a cargo de LOMBARDIA, Pedro e ARRIETA, Juan Ignacio. Braga: Edições Theologica; 1984.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. *SINOPSE: Constituições, Decretos, Declarações*, 2ª ed. Braga: Editorial Apostolado da Oração; 1979.

ÉCOLE BIBLIQUE DE JÉRUSALEM. *La Sainte Bible*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1961.

LÉON-DUFUOR, Xavier (Dir.). *Vocabulaire de Théologie Biblique*, 2ª ed. rev. Paris: Les Éditions du Cerf; 1970.

VATICANO II. *Documentos Conciliares. Constituições, Decretos, Declarações*. Lisboa: União Gráfica; 1966.

Livros

AA.VV. *Sociologia y Pastoral de una Diócesis*. Barcelona: Caja de Ahorros y Monte de Piedad de la Ciudad de Vitoria; 1965.

AA.VV. *A Reader in Sociology: Christian Perspectives*. Pennsylvania Kitchner, Ontario: Herald Press-Scottsdale; 1980.

AA.VV. *As Grandes Religiões do Mundo* (8 vol.). Lisboa: Editorial Verbo; 1980.

AA.VV. *Catolicismo en España - Análisis Sociológico*. Madrid: Instituto de Sociologia Aplicada; 1985.

AA.VV. *Le Grand Atlas des Religions*. Paris: Encyclopædia Universalis; 1990.

AA.VV. *Ethnologie des Faits Religieux en Europe*. Paris: Ed. C.T.H.S.; 1993.

AA.VV., *Religions et Transformations de l'Europe*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 1994.

- ACQUAVIVA, Sabino S. *L'Eclissi del Sacro nella Società Industriale*. Milano: Edizioni di Comunità; 1966.
- ACQUAVIVA, Sabino S. e GUIZZARDI, Gustavo (Org.). *La Secolarizzazione*. Bologna: Società Editrice il Mulino; 1973.
- ALDER, Quintín e CARDENAS, Eduardo (Dir.). *Manual de História de la Iglesia*, vol. X - *La Iglesia del Siglo XX de España, Portugal y America Latina*. Barcelona: Herder; 1987.
- ALLPORT, Gordon W. *L'Individuo e la sua Religione - Interpretazione Psicologica*. Brescia: Editrice La Scuola; 1972.
- ALLPORT, Gordon W. "Attitudes in the History of Social Psychology": in AA.VV., *Attitudes*, 2ª ed., Middlesex, England, Neil Warren and Maria Jahoda; 1973.
- ALLPORT, Gordon W. *Personalidade - Padrões e Desenvolvimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1974.
- ANCEL, Alfred. *Para uma Leitura Cristã da Luta de Classes*. Porto: Livraria Telos; 1976.
- ARON, Raymond. *Les Étapes de la Pensée Sociologique*. Paris: Éditions Gallimard; 1967.
- ASCH, Salomon. *Psicologia Social*, 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1972.
- ASSOCIAZIONE PER LO SVILUPPO DELL'INDUSTRIA NEL MEZZOGIORNO. *L'Evoluzione del Comportamento in un Processo di Sviluppo*. Roma: Giuffrè Editore; 1962.
- AUGÉ, Marc. *El Genio del Paganismo*. Barcelona: Muchnik Editores, S. A.; 1993.
- AZCONA, Francisco et al. *Catolicismo en España*. Madrid: Instituto de Sociología Aplicada de Madrid; 1985.
- BAALEN, J. K. van. *O Caos das Seitas - Um Estudo sobre os "ismos" Modernos*. S. Paulo: Imprensa Baptista Regular; 1986.
- BAECHLER, Jean. "Religião": in BOUDON, Raymond, *Tratado de Sociologia*, Porto, Edições ASA, p. 413-448, 1995.
- BANTON, M. (Ed.). *Anthropological Approaches to the Study of Religion*. London: Tavistock; 1966.
- BARRETT, David B. (Ed.). *World Christian Encyclopedia - A Comparative Survey of Churches and Religions in the Modern World AD 1900-2000*. Oxford: Oxford University Press; 1982.
- BASTIDE, Roger. *Éléments de Sociologie Religieuse*. Paris: Armand Colin; 1947.
- BASTIDE, Roger. *Sociologie des Mutations*. Paris: Éditions Anthropos; 1970.
- BAUBÉROT, Jean (Dir.). *Religions et Laïcité dans l'Europe des Douze*. Paris: Syros; 1994.
- BECKFORD, James A. *Religion and Advanced Industrial Society*. Londres: Unwin Hyman; 1989.

- BECKFORD, James A. (Ed.). *New Religious Movements and Rapid Social Change*. Beverly Hills, California: Sage Publications/Unesco; 1986.
- BECKFORD, James A. e LUCKMANN, Thomas (Ed.). *The Changing Face of Religion*. Londres: Sage Publications; 1989.
- BELDA, Rafael et al. *Doctrina Social de la Iglesia y Lucha por la Justicia*. Madrid: Ediciones Hoac; 1991.
- BENKÖ, Antal. *Psicologia da Religião*. São Paulo: Edições Loyola; 1981.
- BERGER, Peter L. *The Sacred Canopy - Elements of a Sociological Theory of Religion*. New York: Doubleday & Company, Inc.; 1967.
- BERGER, Peter L. *Elements of Sociological Theory of Religion*. New York: Anchor Books Edition; 1969.
- BERGER, Peter L. *La Religion dans la Conscience Modern. Essai d'Analyse Culturelle*. Paris: Centurion; 1971.
- BERGER, Peter L. *La Rumeur de Dieu, Signes Actuels du Surnaturel*. Paris: Centurion; 1972.
- BERGER, Peter L. *The Social Reality of Religion*. Harmondsworth Middlesex, England: Penguin University Books; 1973.
- BERGER, Peter L. *Um Rumor de Anjos*. Petrópolis: Editora Vozes, Lda.; 1973.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas - Uma Visão Humanística*, 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, Lda.; 1978.
- BERGER, Peter L. *Affrontés à la Modernité. La Société, la Politique, la Religion*. Paris: Centurion; 1980.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*, 7ª ed. Petrópolis: Vozes; 1987.
- BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral de los Sistemas*, 2ª ed. Madrid: Fondo de Cultura Economica; 1981.
- BIRNBAUM, N. e LENZER, G. *Sociology and Religion*. Englewood Cliffs: Prentice Hall; 1969.
- BIRNBAUM, P. e CHAZEL, F. *Théorie Sociologique*. Paris: P. U. F.; 1975.
- BIROU, Alain. *Sociologie et Religion*. Paris: Les Éditions Ouvrières; 1959.
- BITTER, Wilhelm. *Psicoterapia y Experiencia Religiosa*. Salamanca: Ediciones Sigueme; 1967.
- BLANCO, Jesus e ESTRUCH, Juan. *La Secularizacion en España - una Investigación Empírica*. Bilbao: Ediciones Mensajero; 1972.

- BLASCO, Pedro González et al. *Jóvenes Españoles 89*. Madrid: Fundación Santa Maria; 1989.
- BLASCO, Pedro González e GONZÁLEZ-ANLEO, Juan. *Religión y Sociedad en la España de los 90*. Madrid: Fundación Santa Maria; 1992.
- BLASI, Anthony. *A Phenomenological Transformation of the Social Scientific Study of Religion*. New York: Peter Lang; 1985.
- BORRELLO, V., MASSERDOTTI, F. e RAUZI, P. G. *Chiesa e Sovrastruttura in una Società in Mutamento*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna; 1971.
- BOSCH, Juan. *Para Conhecer as Seitas - Panorâmica da Nova Religiosidade Marginal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra; 1995.
- BOULARD, Fernand. *Premiers Itinéraires en Sociologie Religieuse*. Paris: Les Éditions Ouvrières; 1955.
- BOULARD, Fernand e RÉMY, Jean. *Pratique Religieuse et Regions Culturelles*. Paris: Les Éditions Ouvrières; 1968.
- BOULLAYE, Pinard de la. *L'Étude Comparée des Religions*, 3^a ed., 2^o tomo. Paris: Beauchesne; 1929.
- BOURRE, Jean-Paul. *As Seitas Luciferinas de Hoje*. Lisboa: Publicações Europa-América; 1981.
- BRANDON, S. G. F. (Dir.). *Diccionario de Religiones Comparadas* (2 vol.). Madrid: Ediciones Cristandad; 1975.
- BRASI, Anthony J. *A Phenomenological Transformation of the Social Scientific Study of Religion*. New York: Peter Lang; 1985.
- BRIOM, M. *La Religion Vécue des Français. Leur Comportements Religieux Face aux Options Modernes de L'Église*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1972.
- BURGALASSI, Silvano. *Il Comportamento Religioso degli Italiani - Tre Saggi di Analisi Socio-Religiose*. Firenze: Vallecchi Editore; 1968.
- CAFFARENA, J. Gómez e MARDONES, J. M. (Coords.). *Cuestiones Epistemológicas - Materiales para una Filosofía de la Religión. I*. Barcelona: Editorial Anthropos; 1992.
- CAMPBELL, Colin. *Toward a Sociology of Irreligion*. London: The Macmillan Press, Ltd.; 1971.
- CAMPICHE, Roland J., DUBACH, Alfred, BOVAY, Claude, KRÜGGELER, Michael e VOLL, Peter. *Croire en Suisse(s)*. Lousanne: L'Age d'Homme; 1992.
- CAPORALE, Rocco e GRUMELI Antonio (Org.). *Religione e Ateismo nelle Società Secolarizzate - Aspetti e Problemi della Cultura della non Credenza*. Bologna: Società Editrice il Mulino; 1973.

- CARDUS, J. et al. *La Sociedad Española, el Rol del Sacerdote y la Autoridad en la Iglesia*. Madrid: Publicaciones ISPA (Policopiado); 1975.
- CARRIER, Hervé. *Psyco-Sociologie de l'Appartenance Religieuse*. Roma: Presses de l'Université Grégorienne; 1960.
- CARRIER, Hervé e PIN, Émile. *Sociologie du Christianisme - Bibliographie Internationale*. Roma: Presses de L'Université Grégorienne; 1964.
- CARRIER, Hervé e PIN, Émile. *Essais de Sociologie Religieuse*. Paris: Éditions SPES; 1967.
- CASANOVA, José. *Public Religions in the Modern World*. Chicago: The University of Chicago Press; 1994.
- CAVIN, Albert. *As Grandes Religiões do Mundo* (2 vol.). Lisboa: Editorial Verbo; 1980.
- CAZENEUVE, Jean. *Sociologie du Rite. Tabou, Magie, Sacré*. Paris: P.U.F.; 1971.
- CAZENEUVE, Jean e VICTOROFF, David (Dir.). *La Sociologie*. Paris: Centre d'Étude et de Promotion de la Lecture; 1970.
- CENTRO DE INVESTIGACIONES SOCIOLOGICAS. *Los Lugares Sociales de la Religión: La Secularización de la Vida en el País Vasco*. Madrid: C.I.S.; 1990.
- CHAMPION, Françoise e HERVIEU-LÉGER, Danièle (Dir.). *De l'Émotion en Religion - Renouveaux et Traditions*. Paris: Éditions du Centurion; 1990.
- CHARPIN, Fernand L. *Pratique Religieuse et Formation d'une Grand Ville. Le Geste du Baptême et sa Signification en Sociologie Religieuse (Marseille, 1806-1958)*. Paris: Éditions du Centurion; 1964.
- CHÉLINI, Jean. *La Ville et L'Église - Premier Bilan des Enquêtes de Sociologie Religieuse Urbaine*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1958.
- CHOLVY, Gérard e HILAIRE, Yves-Marie. *Histoire Religieuse de la France Contemporaine* (1800-1880), 1° vol.; (1880-1930), 2° vol.; (1930-1988), 3° vol. Toulouse: Bibliothèque Historique Privat; 1990 (1° v. - Nova ed.); 1986 (2° v.); 1988 (3° v.).
- CLASTRES, Pierre, GAUCHET, M. et al. *Guerra, Religião, Poder*. Lisboa: Edições 70; 1980.
- CLEMENT, Marcel. *La France Pays de Mission ou de Demission?* Paris: Librairie de L'Homme Nouveau; 1965.
- COLEMAN, John A. *The Evolution of Dutch Catholicism, 1958-1974*. Berkeley/Los Angeles, California: University of California Press; 1978.
- COLLEYN, Jean-Paul. *Eléments d'Anthropologie Sociale et Culturelle*. Bruxelles: Éditions de l' Université de Bruxelles; 1979.
- CORBI, Mariano. *Proyectar la Sociedad - Reconstruir la Religion - Los Nuevos Ciudadanos*. Barcelona: Editorial Herder; 1992.

- COSTE, René. *Analyse Marxiste et Foi Chrétienne*. Paris: Les Éditions Ouvrières; 1976.
- COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga - Estudo sobre o Culto. O Direito e Instituições da Grécia e de Roma*, 1º vol., 9ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora; 1957.
- COX, Harvey. *La Cité Séculière*, 2ª ed. Paris: Casterman; 1966.
- COX, Harvey. *La Seduccion del Espiritu. El Uso y el Abuso de la Religion del Pueblo*. Santander: Editorial Sal Terrae; 1979.
- CROCETTI, Giuseppe. *As Testemunhas de Jeová - Confrontadas com a Verdadeira Bíblia*. Lisboa: Edições Paulistas; 1990.
- CRUBELLIER, Maurice. *Sens de L'Histoire et Religion*. S. l.: Desclée de Brouwer; 1957.
- D'ARCY, Martin. *Comunismo e Cristianismo*. Lisboa: Editora Ulisseia; s. d.
- DAILLE, Roger. *Enquêtes et Pastoral*. Lyon: Éditions du Chalet; 1963.
- DAWSON, Christopher. *Progresso e Religião (Inquérito Histórico)*. Coimbra: Arménio Amado Editor; 1943.
- DE SANTO, Charles, REDEKOP, Calvin e SMITH-HINDS, William (Ed.). *A Reader in Sociology: Christian Perspectives*. Scottdale, Pennsylvania: Herald Press; 1980.
- DEAN, Thomas. *Post-Theistic Thinking - The Marxist-Christian Dialogue in Radical Perspective*. Philadelphia: Temple University Press; 1975.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Geografia e Religioni*. Firenze: Sansoni; 1957.
- DEFOIS, Gérard. *L'Europe & ses Valeurs - Une Question pour l'Église*. Paris: Le Centurion; 1983.
- DELEGATION DE APOSTOLADO SOCIAL. *Encuesta a los Sacerdotes*. Bilbao: Departamento de Investigaciones. Obispado de Bilbao; 1969.
- DELESTRE, Antoine. *35 Ans de Mission au Petiti-Colombes; 1939-1974*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1977.
- DELUMENAU, J. *O Cristianismo Vai Morrer?* Lisboa: Livraria Bertrand; 1978.
- DEMERATH, N. J., III e HAMMOND, Philip. *Religion in Social Context. Tradition and Transition*. New York; 1969.
- DEPARTAMENTO DE INVESTIGACIONES SOCIALES DE LA DIÓCESIS DE BILBAO. *Diagnostico Sociológico de los Conflictos Sacerdotales en la Diócesis de San Sebastian*. Bilbao: Diócesis de Bilbao; 1971.
- DESROCHE, Henri. *Marxisme et Religions*. Paris: P.U.F.; 1962.
- DESROCHE, Henri. *Socialismes et Sociologie Religieuse*. Paris: Éditions Cujas; 1965.
- DESROCHE, Henri. *Sociologies Religieuses*. Paris: P.U.F.; 1968.

- DEUTCH, Karl W. *Política e Governo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1979.
- DHANIS, E. et al. *Introductio in Studium Religionum*, 3ª ed. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana; 1963.
- DÍAZ-SALAZAR, Rafael. *El Capital Simbólico - Estructura Social, Política y Religión en España*. Madrid: Ediciones HOAC; 1988.
- DILLENCHNEIDER, Clement. *La Paroisse et son Curé dans le Mystère de l'Église - Éssai de Syntèse Théologique*. Paris: Éditions Alsatia; 1965.
- DINGEMANS, L. e HOUTART, F. *Pastorale d'une Région Industrielle - L'Agglomération de Charleroi*. Bruxelles: Éditions du CEP; 1964.
- DONDEYNE, Albert. *La Foi Écoute le Monde*, 2ª ed. Paris: Éditions Universitaires; 1964.
- DUCASTELLA, Rogelio. *Cómo Estudiar una Parroquia*, 2ª ed. Barcelona: Editorial Nova Terra; 1967.
- DUCASTELLA, Rogelio, LORCA, Juan e MISSER, Salvador. *Sociologia y Pastoral - Estudio de Sociologia Religiosa de la Diócesis de Vitoria*. Madrid: Publicaciones del Instituto de Sociologia y Pastoral Aplicadas; 1965.
- DURKHEIM, Émile. *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse - Le Système Totémique en Australie*, 4ª ed. Paris: Presses Universitaires de France; 1960.
- EASTON, David. *Analyse du Système Politique*. Paris: Librairie Armand Colin; 1974.
- ELIADE, Mircea. *Traité d'Histoire des Religions*, nouv. éd. Paris: Payot; 1964.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil; s. d.
- ELIADE, Mircea e COULIANO, Ioan P. *Dicionário das Religiões*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 1993.
- ERMET, Guy. *Los Católicos en la España Franquista. Los Actores del Juego Político*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas Editorial; 1985.
- EVELY, Louis. *Questões do Nosso Tempo*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro; 1973.
- FAASE, Philippe. *Making the Jesuites More Modern*. Washington: University Press of America; 1981.
- FANFANI, Amintore. *Capitalismo, Catolicismo, Protestantismo*. Lisboa: Editora Aster; s. d.
- FAVROD, Charles-Henri (Dir.). *Enciclopédia do Mundo Actual - Os Cristãos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 1977.
- FERRAROTTI, Franco. *Il Paradosso del Sacro*. Roma: Saggi Tascabili Laterza; 1983.
- FERRAROTTI, Franco. *Le Retour du Sacré - Vers une Foi sans Dogmes*. Paris: Meridiens Klincksieck; 1993.

- FEUERBACH, Ludwig. *The Essence of Christianity*. New York: Harper & Row; 1957.
- FICHTER, Joseph H. *La Religión como Ocupación - Un Estudio sobre la Sociología de las Profesiones*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos; 1965.
- FICHTER, Joseph H. *Las Relaciones Sociales en una Parroquia Urbana*. Barcelona: Editorial Nova Terra; 1966.
- FOLLIET, Joseph. *Le Catholicisme Mondial Aujourd'Hui*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1958.
- FROMM, Erich. *Psychoanalysis and Religion*. New Haven & London: Yale University Press; 1965.
- FUNDACIÓN FOESSA. *Informe Sociológico sobre la Situación Social de España*. Madrid: Euroamérica, S.A.; 1970.
- FÜRSTENBERG, Friedrich. *Sociología de la Religión*. Salamanca: Ediciones Sígueme; 1976.
- GAER, Joseph. *As Grandes Religiões*, 2ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote; 1977.
- GALLUP, George e CASTELLI, John. *The American Catholic People: Their Beliefs, Practices and Values*. Garden City: Doubleday; 1987.
- GAUCHET, Marcel. *Le Désenchantement du Monde - Une Histoire Politique de la Religion*. France: Éditions Gallimard; 1985.
- GEERTZ, C. *Islam*. Brescia: Morcelliana; 1973.
- GELLNER, Ernest. *Pós-modernismo, Razão e Religião*. Lisboa: Instituto Piaget; s/d.
- GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Lisboa: Editorial Presença; 1976.
- GIRARDI, G. *Chrétiens pour le Socialisme*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1976.
- GIRARDI, Jules e SIX, Jean-François. *L'Athéisme dans la Vie et la Culture Contemporaines* (3 tomos). Paris: Desclée de Brouwer & Cie.; 1967.
- GLASENAPP, Helmut von. *Religiões não Cristãs*. Lisboa: Meridiano; 1965.
- GLASNER, Peter E. *The Sociology of Secularization - A Critique of a Concept*. London: Routledge & Kegan Paul; 1977.
- GLOCK, Charles Y. "The Sociology of Religion": in MERTON, Robert et al., *Sociology Today - Problems and Prospects*, New York, Basic Books, Inc. Publishers, p. 153-177; 1959.
- GLOCK, Charles Y. e STARK, Rodney. *Religion and Society in Tension*, 2ª ed. Chicago: Rand McNally & Company; 1965.
- GONZÁLEZ-ANLEO, Juan. *Para Compreender la Sociología*. Navarra: Editorial Verbo Divino; 1991.

- GOURHAN, André Leroz. *As Religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70; 1983.
- GREELEY, Andrew M. *The American Catholic - A Social Portrait*. New York: Basic Books, Inc. Publishers; 1977.
- GREELEY, Andrew M. *Religious Change in America*. London: Harvard University Press; 1989.
- GUERRA, Manuel. *Historia de las Religiones* (3 vol.). Pamplona: Eunsa; 1980.
- GUTIERREZ, G. *Teologia della Liberazione*. Bologna: Queriniana; 1981.
- HAINCHELIN, Charles. *Les Origines de la Religion*. Paris: Éditions Sociales; 1955.
- HANI, Jean. *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70; 1981.
- HARGROVE, Barbara. *The Sociology of Religion - Classical and Contemporary Approaches*, 2ª ed. Arlington Heights, Illinois: Harlan Davidson, Inc.; 1979.
- HÄRING, Bernard. *Força e Fraqueza da Religião*. Lisboa: Aster; 1960.
- HÄRING, Bernard. *Introduzione alla Sociologia Religiosa e Pastorale*, 2ª ed. Roma: Edizioni Paoline; 1965.
- HASQUIN, H. (Coord.). *Histoire de la Laïcité*, 2ª ed. Bruxelles: Ed. Université de Bruxelles; 1985.
- HATZFELD, Henri. *Les Racines de la Religion. Tradition, Rituel, Valeurs*. Paris: Éditions du Seuil; 1993.
- HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre Filosofia de la Religión* (3 vol.: 1. *Introduccion y Concepto de Religión*; 2. *La Religión Determinada*; 3. *La Religión Consumada*). Madrid: Alianza Editorial, S.A.; 1987.
- HELLER, Ágnes. *Sociología de la Vida Cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península; 1977.
- HERBERG, Will. *Protestant-Catholic-Jew. An Essay in American Religion Sociology*. Garden City, New York: Doubleday; 1960.
- HERMET, Guy. *Los Católicos en la España Franquista* (2 vol.: I- *Los Actores del Juego Político*; II- *Crónica de una Dictadura*). Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas; 1985 (1º v.); 1986 (2º v.).
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La Religion pour Memoire*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1993.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle e CHAMPION, Françoise (Collab.). *Vers un Nouveau Christianisme? - Introduction à la Sociologie du Christianisme Occidental*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1986.
- HILL, Michael. *Sociologia de la Religion*. Madrid: Ediciones Cristandad; 1976.
- HOMAN, Roger. *The Sociology of Religion: A Bibliographical Survey*. Westport: Greenwood Press; 1986.

- HOOVER, Stewart. *Mass Media Religion - The Social Sources of the Electronic Church*. London: Sage Publications; 1988.
- HOUTART, François e RÉMY, Jean. *Comunidade Cristã em Meio Urbano*. Lisboa: União Gráfica; 1969.
- HOUTART, François e FRANQUI, Chaire. *Religion et Modes de Production Précapitalistes*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles; 1990.
- ISAMBERT, François-André. *Christianisme et Classes Ouvrières*. Paris: Costerman; 1961.
- ISAMBERT, François-André. "Religion: la Sécularisation": in AA.VV., *Encyclopædia Universalis*, vol. 14; 1968.
- ISAMBERT, François-André. *Le Sens du Sacré - Fête et Religion Populaire*. Paris: Les Éditions du Minuit; 1982.
- ISAMBERT, François-André. *De la Religion à l'Éthique*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1993.
- ISAMBERT, François-André e TERRENOIRE, Jean-Paul. *Atlas de la Pratique Religieuse des Catholiques en France*. Paris: Éditions du CNRS; 1980.
- JAMES, E. O. *La Fonction Sociale de la Religion*. Paris: Payot; 1950.
- JAMES, William. *The Varieties of Religions Experience - A Study in Human Nature*. New York: The New American Library of World Literature Inc.; 1958.
- JOHNSON, Harry M. (Ed.). *Religious Change and Continuity - Sociological Perspectives*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers; 1979.
- KEOGH, Dermot (Ed.). *Church and Politics in Latin America*. London: The Macmillan Press, Ltd; 1990.
- KLOSTERMANN, Ferdinand et al. *La Chiesa Locale*, 2^a ed. Brescia: Herder/Morcelliana; 1973.
- KÖNIG, Franz. *Dicionário de las Religiones*. Barcelona: Herder; 1964.
- KÖNIG, Samuel. *Elementos de Sociologia*, 4^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1975.
- KRECH, CRUTAFIELD e BALLACHEY. *Individual in Society*. Tokyo: McGraw-Hill Kogakusha, Lda.; 1962.
- KUNG, Hans. *Padres para quê?* Lisboa: Moraes Editores; 1973.
- KUNG, Hans. *Ser Cristiano*, 4^a ed. Madrid: Ediciones Cristiandad; 1978.
- LABBENS, Jean. *L'Église et les Centres Urbains*. Lyon: Éditions SPES; 1958.
- LABBENS, Jean. *La Sociologie Religieuse*. Paris: Librairie Arthème Fayard; 1959.
- LALOUX, Joseph. *Manuel d'Initiation à la Sociologie Religieuse*. Bruxelles: Ed. Universitaires; 1967.

- LAMBERT, Yves. *Dieu Change en Bretagne - La Religion à Limerzel, de 1900 à nos Jours*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1985.
- LANG, Albert. *Introduzione alla Filosofia della Religione*. Brescia: Morcelliana; 1959.
- LANGLOIS, José Miguel Ibañez. *Doutrina Social da Igreja*, 2ª ed. Lisboa: Editora Rei dos Livros; 1990.
- LAPIERRE, J.-W. *L'Analyse des Systèmes Politiques*. Paris: P. U. F.; 1973.
- LAUBIER, Patrick de. *Sociologie de l'Église Catholique*. Fribourg: Éditions Universitaires; 1993.
- LAUTMAN, François. "La Religion Populaire": in AA.VV., *Le Grand Atlas des Religions*, Encyclopædia Universalis, p. 317-318; 1990.
- LAWSON, E. Thomas e MCLAULEY, Robert N. *Rethinking Religion - Connecting Cognition and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press; 1990.
- LE BRAS, Gabriel. *Études de Sociologie Religieuse*, (2 vol.:1. *Sociologie de la Pratique Religieuse dans les Campagnes Françaises*; 2. *De la Morphologie à la Typologie*). Paris: Presses Universitaires de France; 1955 (1º v.), 1956 (2º v.).
- LE BRAS, Gabriel. "Problemas da Sociologia das Religiões": in GURVITCH, Georges, *Tratado de Sociologia*, vol. 2, 3ª ed. corrigida, Lisboa, Iniciativas Editoriais, p. 111-143; 1977.
- LE GOFF, Jacques e RÉMOND, René. *Histoire de la France Religieuse*, Tome 4 - *Société Sécularisée et Nouveaux Religieux (XXe Siècle)*. Paris: Éditions du Seuil; 1992.
- LEBRUN, François (Dir.). *Histoire des Catholiques en France du XV^e Siècle à nos Jours*, 2ª ed. Paris: Privat; 1985.
- LEDURE, Yves. *Conscience Religieuse et Pouvoir Politique*. Paris: Éditions du Centurion; 1979.
- LEEUW, G. van der. *La Religion dans son Essence et ses Manifestations - Phénoménologie de la Religion*. Paris: Payot; 1955.
- LEMAIRE, Jacques (Ed.). *La Laïcité en Amérique du Nord*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles; 1990.
- LENSKI, Gerard. *The Religious Factor - A Sociological Study of Religion's Impact on Politics, Economics and Family Life*, rev. ed. Garden City, New York: Doubleday & Company, Inc.; 1963.
- LEONI, Aldo. *Sociologia Religiosa e Azione Pastorale*. Roma: Edizioni dell'Ateneo; 1955.
- LEROI-GOURHAN, André. *As Religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70; 1983.
- LINDZEY, Gardner e ARONSON, Elliot. *The Handbook of Social Psychology*, vol. I, 2ª ed.: Eddison-Wesley Publishing Company; 1968.

- LINZ, Juan J. e MONTERO, José R. (Eds.). *Crisis y Cambio: Electores y Partidos en la España de los Años Ochenta*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales; 1986.
- LÜBBE, Hermann. *La Secolarizzazione - Storia e Analisi di un Concetto*. Bologna: il Mulino; 1970.
- LUCAS, Philippe. *La Religion de la Vie Quotidienne*. Paris: Presses Universitaires de France; 1981.
- LUCHINI, Albin. "Idéologies, Croyances Religieuses et Institutions": in AA.VV., *Encyclopedie de la Sociologie. Le Présent en Question*, Paris, Librairie Larousse, p. 346-382; 1975.
- LUCKMANN, Thomas. *The Invisible Religion*. New York: Mcmillan Press; 1967.
- LUGAN, Jean-Claude. *La Systémique Sociale*. Paris: P.U.F.; 1993.
- LUHMANN, Nikolas. *Illuminismo Sociologico*. Milano: Il Saggiatore; 1983.
- MALDONADO, Luís. *Religiosidad Popular - Nostalgia de lo Magico*. Madrid: Ediciones Cristandad; 1975.
- MALINOWSKI, Bronislau. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Círculo de Leitores; 1990.
- MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico do Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1980.
- MANZANARES, César Vidal. *Psicología de las Sectas*. Madrid: Ediciones Paulinas; 1990.
- MARDONES, José Maria. *Sociedad Moderna y Cristianismo. Corrientes Socio-Culturales y Fé Mesiánica*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, S. A.; 1985.
- MARIANO, Jacques. *Religion et Culture*. Paris: Desclée de Brouwer & C^a; 1946.
- MARITAIN, Jacques. *Religion et Culture*, nouv. éd. Paris: Desclée de Brouwer & Cie.; 1946.
- MARTELLI, Stefano. *La Religione nella Società Post-Moderna tra Secolarizzazione e De-secolarizzazione*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna; 1990.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sur la Religion*. Paris: Éditions Sociales; 1960.
- MAT-HASQUIN, Michèle. *Les Sects Contemporaines*, 2ème éd. rev. Bruxelles: Éditions de L'Université de Bruxelles; 1983.
- MAT-HASQUIN, Michèle. *Problèmes d'Histoire du Christianisme*. Bruxelles: Éditions de L'Université de Bruxelles; 1983.
- MATEOS, Juan. *Cristianos en Fiesta - Mas alla del Cristianismo Convencional*, 2ª ed. Madrid: Ediciones Cristandad; 1975.
- MATTHES, Joachim. *Introducción a la Sociología de la Religion / II. Iglesia y Sociedad*. Madrid: Alianza Editorial; 1971.

- MAUSS, Marcel. *Oeuvres* (2 vol.: 1. *Les Fonctions Sociales du Sacré*; 2. *Répresentations Collectives et Diversité des Civilisations*). Paris: Éditions du Minuit; 1968 (1^o v.), 1974 (2^o v.).
- MAYER, Jean François. "Les Nouveaux Mouvements Religieux": in *Le Grand Atlas des Religions*, Paris, Encyclopædia Universalis, p. 18-19; 1990.
- MAZZOLI, Aleardo. *La Pastorale della Parrochia Moderna*. Brescia: Quiriniana; 1965.
- McGUIRE, Meredith B. *Religion: the Social Context*, 2^a ed. Belmont (Cal.): Wadsworth Publishing Co.; 1981.
- MEHL, Roger. *Traité de Sociologie du Protestantisme*. Neuchâtel: Édition Delachaux & Niestlé; 1965.
- MENSCHING, Gustav. *Sociologie Religieuse - Le Role de la Religion dans les Relations Communautaires des Humains*. Paris: Payot; 1951.
- MERCIER, Jacques. *Le Vatican - Capitale de l'Église - 2000 Ans d'Histoire*. Paris: Éditions Lavauzelle; 1984.
- MERTON, Robert K. "Disfunções e Diversas Valorações da Religião": in *Teoria e Struttura Sociale*, Bologna, il Mulino, p. 41-46; 1959.
- MEWS, Stuart (Ed.). *Religion in Politics - A World Guide*. London: Longman Group UK Limited; 1989.
- MICHELAT, Guy e SIMON, Michel. *Classe, Religion & Comportement Politique*. Paris: Presses de la Fondation National des Sciences Politiques; 1977.
- MILANESI, Giancarlo e ALETTI, Mario. *Psicologia della Religione*. Torino - Leumann: Elle Di Ci; 1973.
- MOL, Hans (Ed.). *Identity and Religion - International Cross-Cultural Approaches*. London: Sage Publications, Ld.; 1978.
- MONTMINY, Jean-Paul. "Remarques sur les Mutations Religieuses": in BASTIDE, Roger (Org.), *Sociologie des Mutations*, Paris, Éditions Anthropos; 1970.
- MUCCHIELLI, Roger. *Opinion et Changement d'Opinion*. Paris: Entreprise Moderne d'Éditions Librairies Techniques; 1969.
- NEAL, Sister Marie Augusta. *Values and Interests in Social Change*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, Inc.; 1965.
- O'DEA, Thomas F. *A Sociology of Religion*, 2^a ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall; 1983.
- O'TOOLE, Roger. *Religion: Classic Sociological Approaches*. Toronto: McGraw-Hill Ryerson Limited; 1984.
- ORIZO, Francisco Andrés. *Los Nuevos Valores de los Españoles. España en la Encuesta Europea de Valores*. Madrid: Fundación Santa Maria; 1991.
- PACAUT, M. *As Instituições Religiosas*. S. Paulo: Difusão Europeia do Livro; 1966.

- PACE, Enzo. "La Typologie des Groupes Religieux": in *Le Grand Atlas des Religions*, Paris, Encyclopædia Universalis, p. 240-241; 1990.
- PALLARD, Jacques. *Pouvoir Religieux et Espace Social - La Diocèse de Bordeaux comme Organization*. Paris: Éditions du Cerf; 1985.
- PANIKKAR, Raimundo. *Religione e Religioni - Concordanza Funzionale Essenziale ed Esistenziale delle Religione - Studio filosofico sulla natura storica e dinamica della religione*. Brescia: Morcelliana; 1964.
- PIETTE, Albert. *Les Religions Séculiers*. Paris: P.U.F.; 1933.
- PIKE, E. Royston. *Dictionnaire des Religions*. Paris: P.U.F.; 1954.
- PIN, Émile Jean. *Pratique Religieuse et Classes Sociales - Dans une Paroisse Urbaine Saint-Pothin à Lyon*. Paris: Éditions SPES; 1956.
- PIN, Émile Jean. *Enquête FERES sur la Liturgie*. Roma: CIRIS; 1966.
- PIN, Émile Jean. *La Paroisse Catholique. Les Formes Variables d'un Système Social*. Roma: Université Pontificale Grégorienne; 1968.
- PIN, Émile Jean. *Religiosité et Appartenance à l'Église dans le XXe Arrondissement de Paris*. Roma: CIRIS; 1968.
- PIN, Émile Jean. *La Religiosità dei Romani - Indagine Sociologica con Nota Metodologica di Sergio Bolasco*. Bologna: Edizioni Dehoniane; 1975.
- PLEUROUX, Paul H. *Le Recrutement Sacerdotal dans la Diocèse de Besançon de 1801 à 1960*. Besançon: Ed. Grand-Séminaire de Besançon; 1966.
- POTEL, J. *Moins de Baptêmes en France. Pourquoi?* Paris: Les Éditions du Cerf; 1974.
- POULAT, Émile. *L'Église c'est un Monde - L'Ecclesiosphère*. Paris: Les Éditions du Cerf; 1986.
- POULAT, Émile. "Le Statut Variable et Contesté de la Religion": in *Le Grand Atlas des Religions*, Paris, Encyclopædia Universalis, p. 12-13; 1990.
- POULAT, Émile. *L'Ère Postchrétienne*. Paris: Flammarion; 1994.
- POUPARD, Paul (Dir.). *Diccionario de las Religiones*. Barcelona: Editorial Herder; 1987.
- PRADES, José A. *Persistence et Métamorphose du Sacré - Actualiser Durkheim et Repenser la Modernité*. Paris: P. U. F.; 1987.
- RADCLIFFE-BROWN, A.-R. "Religion et Société": in *Structure et Fonction dans la Société Primitive*, Paris, Les Éditions de Minuit, p. 245-275; 1968.
- RAHNER, Karl. *Liberdade e Manipulação na Sociedade e na Igreja*. Porto: Livraria Telos; 1974.

- RÉMY, Jean. "La Société Européenne: où va la Religion?": in HOUTART, François et al., *Ruptures Sociales et Religion*, Paris, L'Harmattan, Centre Tricontinental, p. 197-213, 1992.
- RÉMY, Jean. "Laïcité et Construction de l'Europe": in AA.VV., *Religions et Transformations de l'Europe*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, p. 365-379, 1994.
- RESTIVO, Sal P. *The Sociological Worldview*, 1^a ed. Cambridge, Massachusetts: Basil Blackwell, Inc.; 1991.
- REZSOHAZY, Rudolf. *Le Changement Social en Belgique: Evolution des Valeurs des Belges Francophones (1975-1980)*. Louvain-la-Neuve: Centre de Développement Social; s. d.
- RICHARD, Michel. *As Grandes Correntes do Pensamento Actual*. Lisboa: Moraes Editores; 1978.
- ROBERTS, Keith A. *Religion in Sociological Perspective*, 2^a ed. Belmont (Cal.): Wadsworth Publishing Company; 1990.
- ROBINSON, John A. T. *Um Deus Diferente - Honest to God*. Lisboa: Livraria Moraes Editora; 1967.
- ROCHER, Guy. *Sociologia Geral* (5 vol.). Lisboa: Editorial Presença; 1971.
- ROLSTON, Holmes III. *Science and Religion - A Critical Survey*, 2^a ed. New York: Random House; 1987.
- ROSNAY, Jöel. *O Macroscópio - para uma visão global*, 1^a ed. Lisboa: Arcádia Editora; 1977.
- SAFRANSKI, Scott R. *Managing God's Organization - The Catholic Church in Society*. Michigan: UMI Research Press; 1985.
- SALARRULLANA, Pilar. *Las Sectas - Un testimonio Vivo sobre los Mestás del Terror en España*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, S.A.; 1989.
- SANDRI, Dominique. *No Rasto de... Seitas e Sociedades Secretas*. Lisboa: Publicações Europa-América; s. d.
- SCARVAGLIERI, Giuseppe. *La Religione in una Società in Transformazione*. Luca: Maria Pacini Fazzi; 1978.
- SCHILLEBECKX, E. et al. *Cinco Problemas que Desafiam a Igreja de Hoje*. S. Paulo: Editora Herder; 1970.
- SCHMITT-EGLIN, Paul. *Le Mecanisme de la Déchristianisation*. Paris: Éditions Alsatia; 1952.
- SCURANI, Alessandro. *Cosa Leggere sulle Religioni*. Milano: Editrice Bibliografica; 1974.
- SESBOUÉ, Bernard, S. J. *Jésus Christ à l'Image des Hommes - Brève Enquête sur les Déformations du Visage de Jésus dans l'Église et dans la Société*. Paris: Desclée de Brouwer/Bellarmin; 1978.

- SHERIF, Muzafer e SHERIF, Carolyn. *Social Psychology*. New York: Harper & Row Publishers; 1969.
- SIGMONDI, Raimundus. *Notulae Breves ad Cursum Sociologiae Religiosae: CISIC - Institutum Sociologiae Pastoralis*; s. d.
- SIMON, René. *Morale*. Paris: Beauchesne et ses Fils; 1964.
- SMELSER, Neil J. *Handbook of Sociology*. Beverly Hills: Sage Publications, Inc.; 1988.
- SMITH, M. Brewster. "Attitude Change": in AA.VV., *Attitudes*, 2ª ed., Middlesex, England, Neil Warren and Maria Jahoda; 1973.
- SPIRO, Melford. "Religion: Problems of Definition and Explanation": in BANTON, M. (Ed.), *Anthropological Approaches to the Study of Religion*, Londres, Tavistock, p. 85-126; 1966.
- STARK, Rodney e GLOCK, Charles Y. *American Piety: The Nature of Religious Commitment*. Berkeley: University of California Press; 1968.
- STENTZLER, Friedrich. "La Sécularisation": in *Le Grand Atlas des Religions*, Paris, Encyclopædia Universalis, p. 16-17; 1990.
- STILWELL, Peter (Coord.). *Os Caminhos da Justiça e da Paz. Doutrina Social da Igreja. Documentos de 1891 a 1981*. Lisboa: Rei dos Livros; 1987.
- STOETZEL, Jean. *Psicologia Social*, 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1976.
- STOETZEL, Jean. *Les Valeurs du Temps Present. Une Enquête Européenne*. Paris: P.U.F.; 1983.
- SUTTER, Jacques. *La Vie Religieuse des Français à Travers les Sondages d'Opinion (1944-1976)*, (2 vol.). Paris: Éditions du Centre National de La Recherche Scientifique; 1984.
- TAVARD, George. *Les Catholiques Américains*. Paris: Éditions du Centurion; 1966.
- TAWNEY, R. H. *La Religion et l'Essor du Capitalisme*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie; 1951.
- THROWER, James. *Breve História do Ateísmo Ocidental*. Lisboa: Edições 70; 1982.
- TILLICH, Paul. *Religion Biblique et Ontologie*. Paris: Presses Universitaires de France; 1970.
- TOLDO, Antonio. *La Pratica Domenicale nella Diocesi di Bologna*. Bologna; 1960.
- TÖPFFER, Pierre. *As Missas Negras*. Lisboa: Publicações Europa-América; s. d.
- TOUTAIN, J. *Nouvelles Études de Mythologie et D'Histoire des Religions Antiques*. Paris: Jouve & Cie., Éditeurs; 1935.
- TROELTSCH, Ernest. *The Social Teaching of the Christian Churches* (2 vol.). New York: Harper & Row Publishers, Inc.; 1960.

- TURNER, Bryan S. *Religion and Social Theory*, 2^a ed. London: Sage Publications; 1991.
- UREÑA, M. Enrique. *La Crítica Kantiana de la Sociedad y de la Religión - Kant Predecesor de Marx y Freud*. Paris: Editorial Tecnos; 1979.
- VATTIMO, G. *La Società Trasparente*. Milano: Garzanti; 1989.
- VERNON, Gleen M. *Sociology of Religion*. New York: McGraw-Hill Book Company, Inc.; 1962.
- VERRET, Michel. *Les Marxistes et la Religion - Essai sur l'Athéisme Moderne*, 3^a ed. rev. Paris: Éditions Sociales; 1965.
- VOYÉ, Liliane. *Sociologie du Geste Religieux. De l'Analyse de la Pratique Dominicale en Belgique à une Interprétation Théorique*. Bruxelles: Les Éditions Vie Ouvrière; 1973.
- WACH, Joachim. *Sociologie de la Religion*. Paris: Payot; 1955.
- WALACE, A. F. C. *Religion an Anthropological View*. New York; 1966.
- WEBER, Max. *Economía y Sociedad - Esbozo de Sociología Comprensiva*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; 1944.
- WEBER, Max. *The Sociology of Religion*. Boston: Beacon Press Boston; 1964.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, 2^a ed. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora; 1967.
- WEBER, Max. *On Charisma and Institution Building (Selected Papers)*. Chicago: The University of Chicago Press; 1968.
- WEBER, Max. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença; 1974.
- WEBER, Max. *Ensayos sobre Sociología de la Religión* (3 vol.). Madrid: Taurus Ediciones, S. A.; 1984 (1^o v.); 1987 (2^o v.); 1988 (3^o v.).
- WIENER, Norbert. *Cybernetics*. Paris: Hermann; 1948.
- WIENER, Norbert. *Cybernétique et Société*. Paris: Union Générale d'Éditions; 1962.
- WILSON, B. R. *Religion in Secular Society. A Sociological Comment*. Baltimore: Penguin Books; 1969.
- WOODWARD, Kenneth L. *Comment L'Église Fait les Saints*. Paris: Grasset; 1992.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Le Sacré*. Paris: Presses Universitaires de France; 1981.
- WUTHNOW, Robert J. "Sociology of Religion". in SMELSER J. (Ed.), *Handbook of Sociology*, Newbury Park: Sage Publications, p. 473 - 509; 1988.
- YINGER, J. Milton. *Religion, Société, Personne*. Paris: Éditions Universitaires; 1964.

ZADRA, Dario. *Sociologia della Religione. Testi e Documenti*. Milano: Ulrico Hoepli Editore; 1969.

Artigos

AA.VV. *Sociologie Religieuse Sciences Sociales - Actes du IVe Congrès International de Sociologie Religieuse*. Paris: Les Éditions Ouvrières; 1955.

AA.VV. *VII Conférence International de Sociologie Religieuse*. Bologne; 1962.

AA.VV. *L'Appartenance Religieuse - Conférence Internationale de Sociologie Religieuse*, Königstein, 1962. Bruxelles: Éditions du C.E.P.; 1965.

AA.VV. *Clergy in Church and Society - Actes de la IX Conférence Internationale - Montréal 1-4 Août 1967*. Roma: Conférence Internationale de Sociologie Religieuse; 1967.

AA.VV. *La Religion Populaire - Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique*, Paris 17-19 Oct. 1977. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique; 1979.

AA.VV. "Las Sectas en España". Madrid: Instituto de Sociologia Aplicada, *Cuadernos de Realidades Sociales*, n° 35/36; 1990.

AA.VV. "Durkheim: Sacré et Société" (Número monográfico sobre esta temática): *Social Compass*, vol. 40 (3); 1993.

ABBRUZZESE, Salvatore. "Religion et Modernité: le Cas de 'Comunione et Liberazione'": *Social Compass*, vol. 36, n° 1, p. 13-32; 1989.

ACQUAVIVA, Sabino S. "Crise des Valeurs et des Significations de l'Existence dans la Société Italienne Contemporaine": *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIII, p. 197-222; Julho-Dezembro 1977.

ACQUAVIVA, Sabino S. "Secolarizzazione e Dissacrazione": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 304-311; 1988.

ANDRADE, José Maria Tavares de. "Le Champ de la Religiosité. Project d'Analyse de la Religiosité Populaire au Brasil": *Social Compass*, vol. XIX, n° 4, p. 599-611; 1972.

BAILEY, Edward. "Implicit Religion: A Bibliographical Introduction": *Social Compass*, vol. 37, n° 4, p. 499-509; 1990.

BASTIDE, Roger. "Le Problème des Mutations Religieuses": *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XLVI, p. 5-16; Junho-Julho 1969.

BAUM, Gregory. "Causes Culturelles de la Transformation du Problème de Dieu": *Concilium*, n° 76, p. 49-58; 1972.

BECKFORD, James A. "Religious Organization: a Trend Report and Bibliography": *Current Sociology / La Sociologie Contemporaine*, vol. XXI, n° 2, p. 1-170; 1975.

- BIRD, Frederic B. "How do Religious Affect Moralities? A Comparative Analysis": *Social Compass*, vol. 37, n° 3, p. 291-314; 1990.
- BLASCO, Pedro González. "La Iglesia Católica en la España Actual". Comunicación ao IV Congreso Español de Sociología. Madrid; 1992.
- BORRAS, Alphonse. "Los Límites Canónicos de la Identidad Católica. A Propósito de Algunas Situaciones Problemáticas": *Concilium*, p. 815-829; Outubro 1994.
- BOUCHARD, Alain e MEUNIER, É-Martin. "De la Modernité des Croyances: Continuités et Ruptures dans L'Imaginaire Religieux": *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 38e Année, n° 81; Janv.-Mars 1993.
- BOUDON, Raymond. "La Logique des Sentiments Moraux": *L'Année Sociologique*, vol. 44, p. 19-51; 1994.
- BOULARD, Ferdinand e RÉMY, Jean. "Urban Cultural Regions and Religious Practice in France": *Social Compass*, vol.XV, n° 6, p. 453-467; 1968.
- BOY, Daniel e MICHELAT, Guy. "Croyances aux Parasciences: Dimensions Sociales et Culturelles": *Revue Française de Sociologie*, vol. XXVII, n° 2, p. 175-204; 1986.
- BROTHERS, Joan. "Reflexions sur la Sécularisation": *Concilium*, n° 81, p. 45-56; 1973.
- BURGALASSI, Silvano. "Per una Lettura Storicamente Adequata dell' Evoluzione della Sociologia Religiosa Europea": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 261-270; 1988.
- BÜHLER, Antoine. "Production de Sens et Légitimation Sociale - Karl Marx et Max Weber": *Social Compass*, vol. XXIII, n° 4, p. 317-344; 1976.
- CAMARGO, Procopio. "Essai de Typologie du Catholicisme Brésilien": *Social Compass*, vol. XIV, n° 5 - 6, p. 399-422; 1967.
- CAMPICHE, Roland J. "Individualisation du Croire et Recomposition de la Religion": *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 38e Année, n° 81, p. 117-131; 1993.
- CAPRARO, G. "La Religiosità degli Italiani tra Esperienza Personale e Appartenenza Istituzionale: Elementi per una Tipologia": *Studi di Sociologia*, Anno XXXII, p. 37-57; Gennaio-Marzo 1994.
- CHAMPION, Françoise. "D'une Alliance entre Religion et Utopie post 68: le Rapport à la Société du Groupe 'Eveil de la Conscience Planétaire'": *Social Compass*, vol. 36, n° 1, p. 51-69; 1989.
- CIPRIANI, Roberto. "Riflessioni Critiche sullo Sviluppo della Ricerche Italiana in Sociologia della Religione": *Sociologia*, Anno IX, n° 2, Nuova Serie, p. 49-73; 1975.
- CIPRIANI, Roberto. "Per una Definizione dell'Ambiente della Sociologia della Religione: de Durkheim a Yinger": *Sociologia*, Anno XI, n° 2-3, Nuova Serie, p. 141-150; Maggio-Dicembre 1977.
- CIPRIANI, Roberto. "Symbolisme et Biographie dans la Redécouverte de la Religiosité Populaire: Le Christ Rouge": *Recherches Sociologiques*, vol. XVIII, n° 2, p. 95-111; 1987.

- CIPRIANI, Roberto. "Al di là della Secolarizzazione": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 271-288; 1988.
- CIPRIANI, Roberto. "La Sociologie de la Religion en Italie": Comunicação apresentada no Congresso *La Sociologie Européenne des Religions - Thèmes et Méthodes*, Louvain-La-Neuve; 19-21 Out. 1989.
- COHEN, Martine. "Renouveau Religieux et Individualisme: le Cas du Catholicisme et du Judaïsme en France": *Social Compass*, vol. 36, n° 1, p. 33-50; 1989.
- COMBLIN, Joseph. "Secularização: Mitos, Realidades, Problemas": *Concilium*, n° 7, p. 99-108; Setembro 1969.
- CORTÉS, Javier Martínez. "Possibilidades Reais de as Famílias Cristãs Educarem na Fé": *Economia e Sociologia*, n° 57, p. 101-119; 1994.
- DAVIE, Grace. "Believing without Belonging. A Liverpool Case Study": *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 38° Année, n° 81; Janv.-Mars 1993.
- DECONCHY, Jean-Pierre. "La Définition de la Religion chez William James - Dans quelle Mesure Peut-on l'Opérationaliser?": *Archives de Sociologie des Religions*, n° 27, p. 51-70; 1969.
- DEI, Sergio. "Eclissi della Religione e Ricollocazione del Sacro": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 463-464; 1988.
- DELOBELLE, A. "Les Valeurs comme Expression du Sacré": *Social Compass*, vol. XV, n° 6, p. 482-490; 1968.
- DESROCHE, Henri. "Retour a Durkheim? D'un texte peu connu à quelques thèses méconnues": *Archives de Sociologie des Religions*, n° 27, p. 79-89; 1969.
- DHOOGHE, J. "Organizational Problems Regarding Different Types of Membership in the Church": *Social Compass*, vol. XV, n° 2, p. 93-99; 1968.
- DOBBELAERE, Karel. "Une Typologie de Intégration à l'Église": *Social Compass*, vol. XV, n° 2, p. 117-141; 1968.
- DOBBELAERE, Karel. "Trend Report of State of Sociology of Religion: 1965-1966": *Social Compass*, vol. XV, n° 5, p. 329-365; 1968.
- DOBBELAERE, Karel. "Secularization: Theories and Sociological Paradigms: Convergences and Divergences": *Social Compass*, vol. XXXI, 2-3, p. 199-219; 1984.
- DOBBELAERE, Karel. "Religione e Società Moderna": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 337-342; 1988.
- DOBBELAERE, Karel e LAUWERS, Jan. "Definition of Religion - A Sociological Critique": *Social Compass*, vol. XX, n° 4, p. 535-551; 1973.
- DONAHVE, Bernard. "La Crise de l'Autorité": *Concilium*, n° 114, p. 97-103; 1976.

- DREHSEN, Volker. "Dimensions of Religiosity in Modern Society - An Approach to a Systematical Stock-taking of Structural-functional Analysis": *Social Compass*, vol. XXVII, n° 1, p. 51-62; 1980.
- DURKHEIM, Émile. "Le Sentiment Religieux a L' Heure Actuelle": *Archives de Sociologie des Religions*, n° 27, p. 73-77; 1969.
- EISENSTADT, Samuel N. "Alcune Osservazioni sulla Religione nelle Società Post-Industriali e Post-Moderne": *Studi di Sociologia*, n° 3-4, Anno XXVI, p. 289-298; 1988.
- ESTRUCH, Jean. "L'Innovation Religieuse": *Social Compass*, vol. XIX, n° 2, p. 229-243; 1972.
- FERRAROTTI, Franco. "Le Destin de la Raison et le Paradoxe du Sacré": *Social Compass*, vol. XXXI, n° 2-3, p. 133-155; 1984.
- FISCHER, H. e HOLL, A. "Attitude Envers la Religion et l'Église en Autriche - Enquête auprès des Soldats de l'Armée Autrichienne": *Social Compass*, vol. XV, n° 1, p. 13-35; 1968.
- GANNON, Thomas M., S. J. "In the Eye of Hurricane: Religions Implications of Contemporary Trends": *Social Compass*, vol. XIX, n° 2, p. 213-228; 1972.
- GREINACHER, Norbert. "La Identidad Católica en la Tercera Epoca de la Historia de la Iglesia": *Concilium*, p. 757-772; Outubro 1994.
- GRUMELLI, Antonio. "Ritorno del Sacro? Si, ma come?": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 362-370; 1988.
- GUIZZARDI, Gustavo. "Sécularization et Idéologie Eclésiiale - Hypothèse de Travail": *Social Compass*, vol. XXIV, n° 4, p. 383-405; 1977.
- HAMBYE, F. et RÉMY, Jean. "Pluralisme Culturel et Symbolique de l' Environnement - Applications au Phénomène Religieux": *Social Compass*, vol. XVI, n° 3, p. 343-354; 1969.
- HAMÈS, Constant. "Le Sentiment Religieux a L'Heure Actuelle" (Un texte peu connu de Durkheim. A Propos de la parution des "Formes Élémentaires de la Vie Religieuse"): *Archives de Sociologie des Religions*, n° 27, p. 71-72; 1969.
- HERBERICH-MARX, G. e RAPHAEL, Freddy. "L'Ex-voto Peint, Figure de Dépassement": *Recherches Sociologiques*, vol. XVIII, n° 2, p. 145-161; 1987.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. "Les Sociologues et le Christianisme": *Project*, p. 331-347; Mars 1984.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. "Tradition, Innovation and Modernity: Research Notes": *Social Compass*, vol. 36, n° 1, p. 71-81; 1989.
- HÉRAN, François. "Le Rite et la Croyance": *Révue Française de Sociologie*, XXVII - 2, p. 231-263; Avril-Juni 1986.
- ISAMBERT, François-André. "The Early Days of French Sociology of Religion": *Social Compass*, vol. XVI, n° 4, p. 435-452; 1969.

- ISAMBERT, François-André. "La Sécularization Interne du Christianisme": *Revue Française de Sociologie*, XVII - 4, p. 573-589; 1976.
- ISAMBERT, François-André. "Le Quotidienne, Éthique et Religion": *Social Compass*, vol. XVIII, n° 4, p. 441-445; 1981.
- JAVEAU, Claude. "Une Esquisse Sociologique de la Laïcité en Belgique Francophone": *Recherches Sociologiques*, vol. XVI, n° 3 (numéro spécial), p. 67-77; 1985.
- KLOSTERMANN, Ferdinand. "La Crise dans L'Église - Crise de L'Église": *Concilium*, 114, p. 77-88; 1976.
- KOKOSALAKIS, Nikos. "Religione e Trascendenza. Un Commento alla Teoria di Luckmann": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 327-336; 1988.
- KOKOSALAKIS, Nikos. "Religion and the Dynamics of Social Change in Contemporary Europe": *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 38e Année, n° 81, p. 133-148; Janv.-Mars ;1993.
- KRAUZ, Ernest. "Religion and Secularization: A Matter of Definitions": *Social Compass*, vol. XVIII, n° 2, p. 203-212; 1971.
- LAEYENDECKER, Leonardus. "Perspectiva Sociológica da Secularização": *Concilium*, n° 7, p. 10-19; Setembro 1969.
- LALOUX, Joseph. "Pratique Religieuse et Appartenance Social": *Social Compass*, vol. XIV, n° 2, p. 105-116; 1967.
- LAMBERT, Yves. "L'Art d'Accomoder et de Transformer la Religion: le Sens Théorique Populaire": *Recherches Sociologiques*, vol. XVIII, n° 2, p. 113-127; 1987.
- LAMBERT, Yves. "La "Tour de Babel" des Definitions de la Religion": *Social Compass*, 38 (1), p. 73-85; 1991.
- LAUWERS, Jan. "Les Théories Sociologiques Concernant la Sécularization - Typologie et Critique": *Social Compass*, vol. XX, n° 4, p. 523-533; 1973.
- LE MONDE. "Les Français Restent Marqués par la Culture Chrétienne - Un Sondage IPSOS pour 'Le Monde' e R.T.L.". Paris: *Le Monde*, Quarante-Cinquième Année, N° 13588 Mercredi, 5 Octobre.
- LEONARDI, Franco. "Valori o Stereotipic Etico-Sociali?": *Sociologia, Rivista de Scienza Sociali*, Anno XVII - Nuova Serie, p. 3-39; Jan. - Abril 1983.
- LE SOIR. "La Grande Enquête. Les Catholiques". Bruxelles: *Le Soir* (Caderno); 1984.
- LUCKMANN, Thomas. "La Religione e le Condizioni Sociali della Coscienza Moderna": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 312-326; 1988.
- MACIOTI, Maria I. "Il Nuovi Movimenti Religiosi": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 465-466; 1988.

- MARTELLI, Stefano. "Sistema Simbolico-Valutativo, Associazionismo Religioso, Società Complessa": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 407-424; 1988.
- MAURO, Otto. "Analyse Marxiste et Sociologie des Religions": *Social Compass*, vol. XXII, n° 3-4, p. 305-322; 1975.
- MESLIN, Michel (Dir.). *Paris et ses Religions au XXème Siècle*, Actes du Colloque du 6 Novembre 1990. Paris: Presses de L'Université de Paris-Sorbonne; 1993.
- MONTERO, Jose Ramon. "Iglesia, Secularización y Comportamiento Político en España": Separata de la "*Revista Española de Investigaciones Sociológicas*", n° 34; Abril-Junio 1986.
- MORALES, Frederico Garcia. "Le Champignon, le Masque et le Miroir de la Définition de la Religion en Anthropologie": *Social Compass*, vol. XXXII, n° 1, p. 15-29; 1985.
- MÖRTH, Ingo. "La Sociologie de la Religion comme Théorie Critique (L'École de Francfort)": *Social Compass*, vol. XXVII, n° 1, p. 27-50; 1980.
- NESTI, Arnaldo. "Religion et Classe Ouvrière dans les Sociétés Industrielles: une Hypothèse de Recherche": *Social Compass*, vol. XXVII, n° 2-3, p. 169-190; 1980.
- NESTI, Arnaldo. "Églises et Modernité en Europe Occidentale: pour une Analyse Comparative": *Social Compass*, vol. XXXIV, n° 2-3, p. 137-149; 1987.
- NESTI, Arnaldo. "La Religione Popolare Oggi: Problemi per una Definizione": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 396-400; 1988.
- NESTI, Arnaldo. "Implicit Religion: the Issues and Dynamics of a Phenomenon": *Social Compass*, 37 (4), p. 423-438; 1990.
- NESTI, Arnaldo. "Religione e Cultura. Il Cattolicesimo nell'Italia Contemporanea": *Religioni e Società - Rivista di Scienze Sociali della Religione*, Anno VII, n° 13, p. 37-61; 1992.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. "Le Catholicisme Populaire en Amérique Latine": *Social Compass*, vol. XIX, n° 4, p. 567-584; 1972.
- PACE, Enzo. "Secolarizzazione e Ritorno del Sacro": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 467-468; 1988.
- PALAZZO, Agostino. "La Ricerca sui Valori": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 348-353; 1988.
- PIETTE, Albert. "Implication Paradoxale, Mode Mineur et Religiosités Sécularisées": *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 38e Année, p. 63-77; Janvier-Mars 1993.
- PIN, Émile Jean. "Contesto Culturale e Definizione della Religione": in *Actes de la Xème Conférence Internationale de Sociologie Religieuse*, Roma, p. 409-434; 1969.
- PIZZOLATO, Luigi Franco. "Il 'Valore' e i suoi Problemi": *Studi di Sociologia*, n° 3-4, Anno XXVI, p. 343-347; 1988.

- POULAT, Émile. "Sociologie Religieuse": *L'Année Sociologique*, vol. 22, III Série, p. 411 e ss.; 1971.
- POULAT, Émile e DURKHEIM, Émile. "La Conception Sociale de la Religion" (Retour à un Texte Peu Connu de Durkheim): *Archives de Sociologie des Religions*, n° 30, p. 87-90; 1970.
- PRANDI, Carlo. "La Religiosità Popolare": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 469-470; 1988.
- PRANDI, Carlo. "Religion, Modernité, Post-Modernité": Comunicação apresentada no Congresso *La Sociologie Européenne des Religions - Thèmes et Méthodes*, Louvain-La-Neuve; 19-21 Out. 1989.
- PROVOST, James H. "La identidad Católica desde la Perspectiva del Derecho Canónico": *Concilium*, p. 733-786; Outubro 1994.
- RÉMY, Jean. "Opinion Publique, Groupes de Pression et Autorité Constituée dans la Vie de l'Église Catholique": *Social Compass*, vol. XIX, n° 2, p. 155-184; 1972.
- RÉMY, Jean. "Religion, Rationalité et Dynamique Affective": *Social Compass*, vol. XXXI, n° 2-3, p. 221-231; 1984.
- RÉMY, Jean. "Le Défi de la Modernité: la Stratégie de la Hiérarchie Catholique en Belgique aux XIXe. et XXe. Siècles et l'Idée de Chrétienté": *Social Compass*, vol. XXXIV, n° 2-3, p. 151-173; 1987.
- RÉMY, Jean. "Revalorisation de la Religion Populaire et Recomposition du Champ Religieux": *Recherches Sociologiques*, vol. XVIII, n° 2, p. 163-183; 1987.
- RÉMY, J. e HAMBYE, F. "L'Appartenance Religieuse comme Expression de Structures Culturelles Latentes: Problème de Méthode": *Social Compass*, vol. XVI, n° 3, p. 327-354; 1969.
- RÉMY, Jean, SERVAIS, Émile e HIERNAUX, J. Pierre. "Formes Liturgiques et Symboliques Sociales": *Social Compass*, vol. XXII, n° 2, p. 175-192; 1975.
- RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane. "La Belgique et ses Dieux": *Recherches Sociologiques*, vol. XVI, n° 3; 1985.
- REZSOHAZY, Rudolf. "Contribution a une Théorie des Valeurs Sociales": *Recherches Sociologiques*, vol. VII, n° 3, p. 243-269; 1976.
- REZSOHAZY, Rudolf. "La Religion des Jeunes": *Recherches Sociologiques*, vol. XVI, n° 3 (numéro spécial), p. 271-283; 1985.
- ROLIM, A. "Quelques Aspects de la Pratique Dominicale du Brésil": *Social Compass*, vol. XIV, n° 5-6, p. 457-468; 1967.
- SALOMONSEN, Per. "Attitude Measurement, Some Methodological Problems": *Social Compass*, vol. XIX, n° 4, p. 507-518; 1972.
- SATRIANI, Luigi M. Lombardi. "'Ritorno' o Permanenza del Sacro?": *Studi di Sociologia*, Anno XXVI, n° 3-4, p. 371-376; 1988.

- SERVAIS, E. e BONMARIAGE, J. "Sunday Mass Attendance as a Cultural Institution": *Social Compass*, vol. XVI, n° 3, p. 369-386; 1969.
- SÉGUY, Jean. "Herbert Spencer ou L'Évolution des Formes Religieuses": *Archives de Sociologie des Religions*, n° 27, p. 29-35; 1969.
- SÉGUY, Jean. "Introduction: The Modern in Religion": *Social Compass*, vol. 36, n° 1, p. 3-12; 1989.
- SPENCER, Herbert. "Le Préjugé Théologique": *Archives de Sociologie des Religions*, n° 27, p. 37-50; 1969.
- STEEMAN, Theodore M. "Atheism as Religious Crisis Phenomenon": *Social Compass*, vol. XXIV, n° 4, p. 311-321; 1977.
- STRYCKMAN, P. "Religious Knowledge and Attitudes in Mexico City": *Social Compass*, n° 5-6, p. 469-482; 1967.
- TARAS, P. "Pratique Religieuse, Contenu de Foi et Comportement Moral. Résultats d'une Enquête dans Trois Villes Polonaises": *Social Compass*, vol. XV, n° 3-4, p. 251-259; 1968.
- TERRENOIRE, Jean-Paul. "Pratique Religieuse des Catholiques en France: Approches Sociologiques Globales et Espaces de Déférence (1930-1980)": *Archives de Sciences Sociologiques des Religions*, 87, p. 153-187; Juillet-Septembre 1994.
- VACCARINI, I. "Un'Interpretazione Sociologica dei Valori della Società Americana": *Studi di Sociologia*, Anno XIV, Fasc. IV, p. 299-337; 1976.
- VERSCHEURE, J. "Recherches sur le Prêtre: Problèmes Méthodologiques": *Social Compass*, vol. XVI, n° 4, p. 453-469; 1969.
- VOYÉ, Liliane. "Liaison entre Religion et les Fonctions Culturelles de la Famille": *Social Compass*, vol. XVI, n° 3, p. 355-368; 1969.
- VOYÉ, Liliane. "Au-delà de la Sécularisation": in *Lettres Pastorales - Informations Officielles du Diocèse de Tournai - Tome I*, n° 21, p. 253-274; 1985.
- VOYÉ, Liliane. "Les Institutions Chrétiennes en Belgique et L'Esprit Evangelique": *Cor Unum*, n° 3; Mars 1985.
- VOYÉ, Liliane. "Les Jeunes face au Corps Stigmatisé: Irrelevance du Discours Religieuse": Inédito; 1986.
- VOYÉ, Liliane. "Approche Sociologique de la Situation Religieuse en Belgique": in *Conférence Episcopale de Belgique, Service de Press, Dossier n° VIII*, p. 57-71; s. d.
- VOYÉ, Liliane. "Connivence Socio-Culturelle et Monopole des Rites Legitimes ou un Catholicisme "Hors les Murs": Inédito.
- VOYÉ, Liliane, DOBBELAERE, Karl, RÉMY, Jean e BILLIET, Jaak (Dir.). "La Belgique et ses Dieux. Églises, Mouvements Religieux et Laïques". Louvain-la-Neuve: CABAY - *Recherches Sociologiques*, vol. XVI, n° 3; 1985.

VOYÉ, Liliane e RÉMY, Jean. "Jeunes et Religiosité": *Recherches Sociologiques*, vol. XVI, n° 3 (numéro spécial), p. 285-307; 1985.

VOYÉ, Liliane e RÉMY, Jean. "Les Évolutions Divergentes du Monde Catholique Belge": *La Revue Nouvelle*, n° 3, p. 227-241; Mars 1985.

WATZKE, J. "Paganization and Dechristianization, or the Crisis in Institutional Symbols. A Problem in Sociological Interpretation": *Social Compass*, vol. XVI, n° 1, p. 91-99; 1969.

WIEDERKHER, Dietrich. "La Crise de la Foi, des Lacunes, une Responsabilité": *Concilium*, n° 114, p. 105-107; 1976.

WILLAIME, Jean-Paul. "La Relégation Superstructurelle des Références Culturelles. Éssai sur le Champ Religieux dans les Sociétés Capitalistes Pós-Industrielles": *Social Compass*, vol. XXIV, n° 4, p. 323-338; 1974.

ZYLBERBERG, Jacques e CÔTÉ, Pauline. "Le Réenchantement du Monde: Le Cas du Pentecôtisme Catholique": *Recherches Sociologiques*, vol. XVIII, n° 2, p. 129-143; 1987.

B - BIBLIOGRAFIA SOBRE RELIGIÃO EM PORTUGAL

Fontes

- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Documentos Pastorais*, I vol.: 1967-1977. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado; 1978.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Carta Pastoral sobre a Renovação da Igreja em Portugal na Fidelidade às Orientações do Concílio e às Exigências do Nosso Tempo*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado; 1984.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Documentos Pastorais*, II vol.: 1978-1982. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado; 1984.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Documentos Pastorais*, III vol.: 1983 - 1990. Lisboa: Editora Rei dos Livros; 1991.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. Nota Pastoral sobre "A Actual Situação Sócio-Política Portuguesa": *Notícias de Beja*, p. 5; 18.05.1995.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Instrução sobre a Pastoral do Domingo e sua Celebração*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado; s. d.
- EXPRESSO/NORMA. *Sondagem sobre Religião* (Relatório de Campo): NORMA; Abril 1982.
- FALCÃO, D. Manuel Franco. *Recenseamento da Prática Dominical*. Beja; 1985.
- GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E ACÇÃO SOCIAL DO INSTITUTO SUPERIOR ECONÓMICO E SOCIAL DE ÉVORA. *Base de Dados do G.I.A.S. / I.S.E.S.E.* Évora.
- PATRIARCADO DE LISBOA. *Decreto de Criação do Secretariado de Informação Religiosa*. Lisboa: Boletim de Informação Pastoral, nº 1, p. 3; 1959.
- PATRIARCADO DE LISBOA. *Bases Orgânicas do "Secretariado de Informação Religiosa" - Base I*. Lisboa: Boletim de Informação Pastoral, nº 1, p. 4; 1959.
- SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO. *Anuário Católico de Portugal*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal; 1931, 1932, 1933, 1941, 1947, 1953, 1957, 1968, 1975, 1981, 1984/85, 1986/87.
- SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO. *Anuário Católico de Portugal 1991-1994*. Lisboa: Rei dos Livros; 1992.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA - CENTRO DE ESTUDOS SÓCIO-PASTORAIS. *Recenseamento da Prática Dominical - Total Nacional (1977 - 1991) - 1º Relatório - Resultados preliminares*. Lisboa: U.C.P.; 1994.

Livros

AA.VV. *A Concordata de 1940. Portugal - Santa Sé*. Lisboa: Edições Didaskalia; 1993.

ALMEIDA, Artur Roque de. "Quinto Período: A Igreja na 2ª Metade do Século XX": in OLIVEIRA, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, ed. rev. e act., Mem Martins, Publicações Europa-América, p. 276-284; 1994.

ALMEIDA, Fortunato. *História da Igreja em Portugal* (4 vol.). Porto-Lisboa: Livraria Civilização; 1967 (1º v.); 1968 (2º v.); 1970 (3º v.); 1971 (4º v.).

AMBRÓSIO, Teresa et al. *Inserção Social dos Jovens*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1985.

AMBRÓSIO, Teresa e ESTEVÃO, L. *Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1985.

ANDRADE, A. Banha (Dir.). *Dicionário da História da Igreja em Portugal I*. Lisboa: Editorial Resistência; 1979.

ANTUNES, M. L. Marinho. *Prática Religiosa*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.

ANTUNES, M. L. Marinho. *Projecção da Fé ou da Posição Religiosa na Vida*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.

ARMADA, Fina D' (Pseudónimo de Josefina Teresa Fernandes). *Fátima. O que se Passou em 1917*. Lisboa: Livraria Bertrand; 1980.

BARBOSA, Adérito Gomes. *Os Jovens Portugueses e a Nova Evangelização*. Porto: Universidade Católica Portuguesa/Fundação Engº António de Almeida; 1993.

BARCIA, Paula. *As "Religiões da Lusitânia" de J. Leite de Vasconcelos: Contribuições para o seu Estudo - Alguns Comentários e Índices Gerais*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; 1982.

CARMO, Francisco. *Inovações, Mudança Social e Factor Religioso - Estudo Sociológico na Ilha de S. Miguel (Açores)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores; 1985.

CARMO, Francisco e MEDEIROS, Octávio H. R. de (Orgs.). *Centenário RERUM NOVARUM do Papa Leão XIII*. Ponta Delgada; 1991.

CARVALHO, J. Vaz. "La Iglesia en Portugal desde 1910 a 1980": in ALDEA, Quintín e CARDENAS, Eduardo, *Manual de Historia de la Iglesia X - La Iglesia del Siglo XX en España, Portugal y América Latina*, Barcelona, Editorial Herder, p. 381-408; 1987.

CARVALHO, Manuel R. *Participação Social e Centros de Interesse*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.

- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. *Obras Pastorais II - 1936-1942*, 2ª ed. Lisboa: União Gráfica; 1961.
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. *Obras Pastorais VII - 1964-1967*. Lisboa: União Gráfica; 1970.
- CERQUEIRA, S. "L'Église Catholique Portugaise": in MARLE, M. (Dir.), *Les Églises Chrétiennes et la Décolonisation*, Paris, Colin; 1967.
- CODES. *Situação e Opinião dos Universitários. Inquérito Promovido pelas Direcções Gerais da Juventude Universitária Católica*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Projectos de Desenvolvimento Sócio-Económico, S.C.R.L.; 1967.
- COELHO, José Nunes. *Factores Explicativos do Comportamento Político da População Portuguesa*. Lisboa: I.E.D.; 1989.
- CORREIA, José Eduardo Capa Horta. *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Lisboa: I.N.I.C.; 1985.
- COSTA, António J. B. F. Jardim. *Igreja e Sociedade no Alto Minho - Em busca de um modelo sobre as tensões, as estratégias adaptativas e as práticas simbólicas na produção de festas religiosas populares no concelho de Ponte de Lima*. Évora: Universidade de Évora (Policopiado); 1989.
- COSTA, Graça. *Caracterização Social da População*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.
- COSTA, Manuel da Silva. *Religion et Ideologie dans l'Instauration de la Paysannerie au Nord du Portugal*. Louvain-la-Neuve: C.R.S.R. - Université Catholique de Louvain-la-Neuve; 1985.
- CRUZ, Manuel Braga da. *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*. Lisboa: Editorial Presença; 1980.
- CRUZ, Manuel Braga da. *As Relações entre a Igreja e o Estado Liberal - do Cisma à Concordata*. Lisboa: Sá da Costa Editora; 1982.
- CRUZ, Manuel Braga da. "O Estado Novo e a Igreja Católica": in SERRÃO, Joel e MARQUES, A. Oliveira (Dir.), *Portugal e o Estado Novo*, 1ª ed., Lisboa, Editorial Presença, p. 201-255; 1992.
- DOMINGUES, Bento. *A Religião dos Portugueses. Testemunhos do Tempo Presente*. Porto/Lisboa: Figueirinhas; 1988.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés. *Comunidade Rural ao Norte do Tejo*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1980.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés. *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa - Ensaio sobre Toponímia Antiga*. Lisboa: Assírio & Alvim; 1988.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés. *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições; s.d.

- ESTEVEES, António Joaquim. *Religião Popular: Formas e Limites de seu Poder Constituinte*. Porto; 1977.
- ESTEVEES, António Joaquim. "Populare Religion in Portugal": in EBERTZ, Michael N., SCHULTHEIS, Franz (Org.), *Volksfrömmigkeit in Europa, Beiträge zur Sociologie Populärer - Religiosität aus 14 Ländern*, Munique, Christian Kaiser Verlag, p. 252-262; 1984.
- FERNANDES, A. Teixeira. *A Religião na Sociedade Secularizada - Factores Sociais na Transformação da Personalidade Religiosa*. Porto: Livraria Civilização Editora; 1972.
- FERNANDES, Delfim Guimarães. *Fé em Contestação? Pesquisa Sociológica na Paróquia de Santa Isabel*. Lisboa: Livraria Sampedro; 1972.
- FERREIRA, A. M. *Perspectivas sobre o Catolicismo no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; 1988.
- FERREIRA, A. M. "Aspectos da Acção da Igreja no Contexto da I República": in MEDINA, J. (Ed.), *História Contemporânea de Portugal. Primeira República*, Tomo I, Camarate, Multilar, p. 201-217; 1990.
- FERREIRA, José Medeiros. "Portugal em Transe (1974-1985) - Igreja, Política e Religião": in MATTOSO, José (Dir.), *História de Portugal*, 8º vol., Lisboa, Círculo de Leitores, p. 260-271; 1994.
- FONSECA, Carlos da. *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal, III: O Operariado e a Igreja Militante (Da "Rerum Novarum" à Implantação da República)*. Mem-Martins: Europa-América; 1981.
- FRANÇA, Luís de. *Comportamento Religioso da População Portuguesa*. Lisboa: Moraes Editores/Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1981.
- FRANÇA, Luís de. *Valores e Atitudes dos Jovens dos 15 aos 24 Anos*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1983.
- FRANÇA, Luís de (Coord.). *Portugal - Valores Europeus, Identidade Cultural*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1993.
- FREIRE, José Geraldes. *Resistência Católica ao Salazarismo-Marcelismo*. Porto: Telos; 1976.
- GARCIA, Vicente-José Sastre, S.J.e ANCA, Mercedes Gutierrez, H. B. *Inquérito de Opinião aos Religiosos de Portugal, CNIR-FNIRF (Policopiado)*. Madrid: C. Univ. Comillas; 1982.
- GOMES, J. Pinharanda. *História da Diocese da Guarda*. Braga: Edição do Autor. Distribuidor Editora Pax; 1981.
- GOMES, J. Pinharanda. *Os Congressos Católicos em Portugal (Subsídios para a História da Cultura Católica Portuguesa Contemporânea, 1870-1980)*. Lisboa: Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos; 1984.
- GONÇALVES, António Custódio. *Questões de Antropologia Social e Cultural*. Porto: Edições Afrontamento; 1992.

- GONÇALVES, António Custódio. "Sistema": in *VERBO - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, II Suplemento, vol. 21º, Lisboa, Editorial VERBO, col. 1419-1425; 1986.
- I.P.O.P.E. *Situação e Opinião dos Universitários - Inquérito Promovido pelas Direcções Gerais da Juventude Universitária Católica*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Projectos de Desenvolvimento Sócio-Económico, SCRL; 1967.
- I.P.O.P.E. *Estudo das Opiniões em Matéria Religiosa*. Lisboa: Policopiado; 1970.
- I.P.O.P.E. *Estudo Sobre Liberdade e Religião em Portugal*. Lisboa: Moraes Editores; 1973.
- ITURRA, Raul. *A Religião como Teoria da Reprodução Social - Ensaio de Antropologia Social sobre Religião, Pecado, Celibato e Casamento*. Lisboa: Escher; 1991.
- JANELA, António Manuel de Almeida. *Relação com os Lugares de Culto*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.
- JUNTA NACIONAL DA ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA. *Curso de Religião IV. A Igreja e os Problemas Sociais*. Lisboa: Edições da A. C. P.; 1942.
- LAGES, Mário Ferreira. *Valores e Critérios Morais*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.
- LEITE, António. "A Religião no Direito Constitucional Português": in MIRANDA, Jorge, *Estudos sobre a Constituição*, 2º vol., Lisboa, Livraria Petrony, p. 265-319; 1978.
- LIMA, José da Silva. *Dieu, Je n'ai Rien Contre Lui: Socialites et Ecclesialite dans le Destin du Alto-Minho* (2 vol.). Paris: Institute Catholique de Paris; 1986.
- LIMA, José da Silva. *Alto Minho: Mudanças Sociais e Culturais no Domínio Religioso*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo; 1990.
- LOPES, Policarpo. *La Signification de Fatima dans une Situation de Migration*. Albufeira: Poseidon; 1992.
- LOURENÇO, Cónego Joaquim Maria. *A Situação Jurídica da Igreja em Portugal (Análise Histórico-Jurídica e Crítica das Relações da Igreja Católica com o Estado Português)*. Coimbra: Coimbra Editora; 1943.
- MARTINS, Moisés Lemos. *O Olho de Deus no Discurso Salazarista*. Porto: Edições Afrontamento; 1990.
- MATIAS, Augusto José. *Católicos e Socialistas em Portugal, 1875-1975* (Caderno 17). Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento; 1989.
- MATTOSO, José. *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; 1982.
- MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal* (8 vol.). Lisboa: Círculo de Leitores; 1992/94.

- MINISTÉRIO DA CULTURA - DELEGAÇÃO REGIONAL DO NORTE - CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS. *Religiosidade Popular*. Porto: Secretaria de Estado da Cultura; 1984.
- MONTEIRO, António. *A Ordem Rosacruz - Origens, Fundamentos, História, Filosofia*. Lisboa: Publicações Europa-América; s.d.
- MÜNSTER, A. *Révolution et Contre-révolution au Portugal. L'Histoire Sociale, Économique et Politique du Nouveau Portugal, 1974-76*. Paris: Éd. Galilée; 1977.
- OLIVEIRA, Maria Leonor. *A Abordagem Sistémica da Educação - A Escola como Microsistema Educativo*. Évora: Universidade de Évora - Departamento de Pedagogia e Educação; 1991.
- OLIVEIRA MARQUES, A. H. *História de Portugal* (3 vol.). Lisboa: Palas Editores; 1973 (1º v.); 1975 (2º v.); 1981 (3º v.).
- OLIVEIRA, C. A. Martins de. *A Paróquia de Santiago do Cacém - uma leitura sociológica*. Évora: Universidade de Évora; 1981.
- OLIVEIRA, C. A. Martins de. *Durkheim - As Formas Elementares da Vida Religiosa: Estudo de uma Obra*. Évora: Universidade de Évora (Inédito); 1981.
- OLIVEIRA, C. A. Martins de. *Percurso da Vida Cristã*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.
- OLIVEIRA, C. A. Martins de. *Personalidade e Mudança Social*. Évora: Universidade de Évora; 1985.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga. *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote; 1984.
- OLIVEIRA, Miguel. *As Paróquias Rurais Portuguesas - Sua Origem e Formação*. Lisboa: União Gráfica; 1950.
- OLIVEIRA, Miguel. *História Eclesiástica de Portugal*, ed. rev. e act. Mem Martins: Publicações Europa-América; 1994.
- PATRIARCADO DE LISBOA. *Sondagem Sócio-Religiosa à População do Patriarcado de Lisboa*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa (13 cadernos policopiados); 1984.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira. *Mutações Sociais e Crise de Valores*. Évora: Universidade de Évora; 1985.
- PINHO, A. *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*. Porto: Perpétuo Socorro; 1991.
- POLICARPO, D. José. "A Religião": in AA.VV., *Portugal Hoje*, Lisboa, Instituto Nacional de Administração, p. 71-92; 1995.
- POLICARPO, João F. Ventura de Almeida. *O Pensamento Social do Grupo Católico de "A Palavra" (1872-1913). A Conceção dos Deveres do Estado* (2 vol). Lisboa: I.N.I.C.; 1983.

- REGO, A. Silva e SANTOS, Eduardo dos. *Atlas Missionário Português*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar; 1962.
- REGO, António e FERREIRA, Vicente. *Contacto com Meios de Comunicação Social da Igreja*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.
- REGO, José Teixeira. *Nova Teoria do Sacrifício*. Lisboa: Assírio & Alvim; 1989.
- ROCHA, Georgino. *A Acção Pastoral da Diocese de Aveiro. Do Vaticano II às Festas Populares da Restauração (1962/63 - 1987/88)*. Aveiro: Centro de Acção Pastoral de Aveiro; 1990.
- RODRIGUES, Manuel Augusto. "Religião Católica em Portugal": in SERRÃO, Joel (Dir.), *Dicionário da História de Portugal* (Ilustrado), vol. III, Lisboa, Iniciativas Editoriais, p. 571-576; 1968.
- SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas*. Lisboa: D. Quixote; 1983.
- SERRÃO, Joel. *O Anticlericalismo na Literatura Portuguesa. Portugueses Somos*. Lisboa: Livros Horizonte; s.d.
- SERRÃO, Joel (Dir.). *Dicionário da História de Portugal* (Ilustrado), (4 vol.). Lisboa: Iniciativas Editoriais; 1963 (1º v.); 1965 (2º v.); 1968 (3º v.); 1971 (4º v.).
- SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. Oliveira. *Nova História de Portugal. Portugal da Monarquia para a República*, vol. XI. Lisboa: Editorial Presença; 1991.
- SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. Oliveira (Dir.). *Nova História de Portugal - Portugal e o Estado Novo (1930 - 1960)*, vol. XII. Lisboa: Editorial Presença; 1992.
- SILVA, Augusto da. *Prática Religiosa dos Católicos Portugueses*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora; 1979.
- SILVA, Augusto da. *O Ensino da Religião e Moral em Portugal e seus Problemas - Inquérito do Secretariado Nacional de Educação Cristã -1982/83, 1983/84*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora; 1984.
- SILVA, Augusto da. *Posição Religiosa e Contexto Religioso Familiar*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.
- SILVA, Augusto da. *Ensino da Religião e Moral - Portugal 1988/89*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora; 1990.
- SILVA, Augusto da. *Sociologia da Religião*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora; 1991.
- SILVA, Augusto da. *Educação Moral e Religiosa Católica 1989/90 - 1991/92*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora; 1992.

SILVA, Augusto da. *A Sociologia da Religião em Portugal*: (Inédito).

SILVA, Augusto da e OLIVEIRA, C. A. Martins de. *O Ensino da Religião e Moral - Portugal - 1984 a 1986*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora; 1988.

SILVA, D. Serafim de Sousa Ferreira. *Imagem da Igreja (Opinião sobre a Influência da Doutrina e da Actuação da Igreja)*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.

SILVA, M. *Sinais dos Tempos na Realidade Portuguesa - Leigos em Congresso*. Lisboa: Rei dos Livros; 1988.

SOUSA, José Carlos de. *Conhecimento de Documentos do Magistério da Igreja*. Lisboa: Patriarcado de Lisboa, Sondagem Sócio-religiosa à População do Patriarcado de Lisboa (Cadernos policopiados); 1984.

TEIXEIRA, Joaquim. "Religião": in *Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*, vol. V, Lisboa-S. Paulo, Editorial Verbo, p. 334-367; 1987.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Religiões da Lusitânia* (3 vol.). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; 1988 (1º v.); 1989 (2º e 3º v.).

VEIGA, Manuel Alte da. *Filosofia da Educação e Aporias da Religião - a Problemática do Ensino Religioso*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; 1988.

Artigos

AA.VV. *Semana de Estudos Rurais*. Fátima: Edição das Direcções Gerais da L.A.C., L.A.C.F., J.A.C., J.A.C.F.; 1957.

AA.VV. "Responsabilidade Missionária da Igreja em Portugal": Actas da 1ª Semana Missionária Nacional, Fátima 27 Set.-1 Out. 1982, Separata da Revista *Igreja e Missão*; 1982.

AA.VV. "Igreja e Sociedade em Portugal no Século XIX": Universidade Católica Portuguesa, *Lusitânia Sacra*, 2ª série, tomo I; 1989.

AA.VV. *II Semana de Estudos das Religiões - Resumos das Comunicações*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; 1990.

AA.VV. Economia e Sociologia (Número monográfico sobre a Encíclica *Rerum Novarum*): *Economia e Sociologia*, nº 51; 1991

AA.VV. "Peregrinações de um só Deus": *Público Magazine*, p. 15-23; 09.05.1993.

AA.VV. "Revelações de Lúcia"; "O Pior Ano de Fátima"; "Devoções Contrariadas": *Expresso*, p. A 12; 15.05.1993.

- AA.VV. "Igreja e Sociedade na Época Contemporânea": Universidade Católica Portuguesa, *Lusitânia Sacra*, 2ª série, tomo VI; 1994.
- AFONSO, Belarmino. "Ritos Fúnebres e Superstições": *Brigantia*, nº 2, p. 49-68; 1982.
- AFONSO, Belarmino. "Religião Popular e Orações": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 6, p. 183-208; 1984.
- AGÊNCIA ECCLESIA. "Recenseamento da Prática Dominical 1991 - Síntese dos dados preliminares": *Agência Ecclesia*; 1994.
- ALDEIA, A. Baptista de. "Estruturas Organizativas da Igreja Católica em Portugal": *Economia e Sociologia*, nº 25/26, p. 45-49; 1979.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. "Religiosidade Popular e Ermidas": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 6, p. 75-83; 1984.
- ALVES, José Francisco Sanches. "A Evolução do Problema das Vocações ao Longo Destes Últimos 60 Anos": *A Defesa*, p. 5; 14.11.1990.
- ANÓNIMO. "A Estrutura Económico-Social das Dioceses de Portugal e Alguns Problemas Pastorais Inerentes": *B.I.P.*, nº 4, p. 26-33; 1959.
- ANÓNIMO. "Evolução Demográfica das Dioceses de Portugal e os Problemas Pastorais por ela Suscitados": *B.I.P.*, nº 2, p. 18-25; 1959.
- ANÓNIMO. "Remodelação Paroquial de Lisboa": *B.I.P.*, nº 1, p. 24-26; 1959.
- ANÓNIMO. "A Descristianização. Análise Sociológica dos seus Sintomas e Factores": *B.I.P.*, nº 3, p. 3-8; 1960.
- ANÓNIMO. "Panorama da Ignorância Religiosa": *B.I.P.*, nº 4, p. 19-22, 1961.
- ANÓNIMO. "No Patriarcado (nos Últimos Anos) Mais de 15 000 Casamentos Canónicos e Perto de 7 000 Casamentos só Civis": *Boletim Diocesano Pastoral*, nº 14, p. 45-5, 6-46; Maio/Junho 1969.
- ANÓNIMO. "Inquérito - Como Vai o Ensino da Teologia, em Portugal?": *Boletim dos Estudantes de Teologia*, nº 7, Ano V, Série III; Outubro 1991.
- ANÓNIMO. "Católicos e Protestantes Unidos na Denúncia dos Males de Portugal": *Notícias de Beja*, p. 2; 10.06.1993.
- ANÓNIMO. "Ligeiro Abaixamento da Prática Dominical em Portugal": *A Defesa*; 2.3.1994.
- ANÓNIMO. "Igreja de Portugal em Números": *Notícias de Beja*, p. 1; 17.03.1994.
- ANTUNES, L. "Atitudes e Opinião da Juventude": *B.I.P.*, nº 2, p. 34-36; 1962.
- ANTUNES, L. "O Futuro do Cristianismo nos Meios Rurais em Transformação": *B.I.P.*, nº 1, p. 17-19; 1963.

ANTUNES, M. L. Marinho. "Notas sobre a Organização e Meios de Intervenção da Igreja Católica em Portugal: 1950-80": *Análise Social*; 1984.

ANTUNES, M. L. Marinho. "Representações Sociais dos Jovens e Religião": *Análise Social*, vol. XXI (86), p. 283-311; 1985.

ANTUNES, M. L. Marinho. "Um Relance sobre a Situação Actual da Igreja Católica em Portugal": *Povos e Culturas*, nº 1, p. 259-270; 1986.

ANTUNES, M. L. Marinho. "Elementos de Diagnóstico da Realidade Sócio-Religiosa do Patriarcado de Lisboa": Comunicação ao Congresso "Vocação e Missão dos Leigos", Patriarcado de Lisboa; 1987.

ANTUNES, M. L. Marinho. "O Encontro Europeu sobre a "Christifideles Laici": *Lumen*, 16 (112)-22(118); Março 1991.

ANTUNES, M. L. Marinho. "Perfil dos Movimentos e Obras do Apostolado dos Leigos": *Laikós*, nº 3.

APARÍCIO, António. "Beja, Terra de Missão": *B.I.P.*, nº 1, p. 19-23; 1959.

ARAÚJO, Manuel Ferreira. "O Diaconado Permanente Avança em Portugal": *Lumen*, Ano 45, nº 6, p. 18; Junho-Julho 1984.

ARMADA, Fina D' (Pseudónimo de Josefina Teresa Fernandes). "A Evolução do Culto Mariano": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 6, p. 223-228; 1984.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. "Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1961-1963)": *Humanística e Teologia* 2, p. 91-112, 203-238; 1981.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. "Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1964-1966)": *Humanística e Teologia* 3, p. 99-115, 195-232; 1982.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. "Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1967-1970)": *Humanística e Teologia* 5, p. 109-133, 233-278; 1984.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. "Bibliografia para a História da Igreja em Portugal IV-V (1971-1974)": *Humanística e Teologia* 6, p. 230-248, 337-387; 1985.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. "Bibliografia para a História da Igreja em Portugal VI (1975-1979)": *Humanística e Teologia* 8, p. 217-258, 335-388; 1987.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. "Bibliografia para a História da Igreja em Portugal - VII (1980-1984)": Separata de *Humanística e Teologia*; 1989.

AZEVEDO, J. "Esboço da Cronologia da História da Igreja em Portugal": *Estudos Contemporâneos* nº 0; 1979.

BOLETIM DE INFORMAÇÃO PASTORAL (B.I.P.): Patriarcado de Lisboa; 1959 - 1969.

BORGES, Libânio. "Os Seminários em Portugal": *Lumen*, vol. XXVII, fasc. VI, p. 531-538; Junho-Julho 1963.

- BRANCO, Maria Ângela. "Os Primeiros Anos da República e as suas Relações com a Igreja Católica": *Communio*, nº 1/3, p. 256-262; 1984.
- BRETTELL, Caroline B. "Emigração, a Igreja e a Festa Religiosa do Norte de Portugal: Estudo de um Caso": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 5, p. 175-203; 1983.
- CABRAL, João de Pina. "O Pároco Rural e o Conflito entre Visões do Mundo no Minho": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 2/3, p. 75-110; 1981.
- CABRAL, João de Pina. "O Pagamento do Santo. Uma Tipologia Interpretativa dos Ex-Votos no Contexto Sócio-Cultural do Noroeste Português": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 6, p. 97-112; 1984.
- CABRITA, Felícia e MALDONADO, Fátima. "O Sagrado e o Mistério": *Expresso - a Revista*, 4-R a 8-R e 10-R; 10.02.1990.
- CANIÇO, João P. V. "La Iglesia en Portugal": *Informes Pro Mundi Vita - America Latina*, 26; 1982.
- CARRILHO, A. e MICAEL, F. "A Prática Religiosa na Península de Setúbal": *Novellae Olivarum*; Junho 1957.
- CARRILHO, A. e MICAEL, F. "Sondagem à Prática Dominical no Patriarcado": *Lumen*; Junho 1957.
- CARVALHO, J. Vaz. "A Igreja em Portugal - Implantação Territorial e Estrutura": *Economia e Sociologia*, nº 25/26, p. 9-32; 1979.
- CASTRO, L. de O. "O II Congresso Nacional dos Religiosos": *Brotéria*, nº 78, p. 590-599; 1964.
- CATARINO, Acácio F. "Algumas Formas de Pobreza no Alentejo - Resultados de um Inquérito Dirigido aos Párcos da Arquidiocese de Évora": *Jornadas Sócio-Caritativas - Arquidiocese de Évora*, Montemor-o-Novo, p. 25-53; Maio 1988.
- CERQUEIRA, S. "L'Église Catholique et la Dictature Corporatiste Portugaise": *Révue Française de Sciences Politiques*, nº 23, p. 473-513; 1973.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. "Recenseamento à Prática Dominical. Apresentação Pública dos Resultados": *Lumen*, Ano 55, II Série, nº 3, p. 1-33, (49)-(129); 1994.
- COSTA, António J. B. F. Jardim. "Festas Religiosas, Emigração e Ostentação no Alto Minho": *Economia e Sociologia*, nº 50, p. 5-27; 1990.
- CRUZ, Manuel Braga da et al. "A Condição Social da Juventude Portuguesa": *Análise Social*, 81-82; 1984.
- DAVID-PEYRE, Yvonne. "Declarações da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o aborto (1975-1984)": *Itinerarium*, nº 30, p. 331-350; 1984.
- DOMINGUES, Bento, O.P. "Dez Anos de Concílio em Portugal": *Brotéria*, nº 95, p. 523-531; 1972.

- DOMINGUES, Marques. "Identidade da Igreja (Da Religiosidade Burguesa à Igreja Comunidade de Pessoas)": *Cenáculo*, n° 87, p. 5-34; 1983.
- ENCARNAÇÃO, Milton Lopes d'. "Religiosidade Popular - Fenómeno Cultural/Fenómeno Actual": *Lumen*, p. (211) 19, 24 (216); Maio 1993.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés. "La Religion des Paysans Portugais": *Arquivos do Centro Cultural Português*, n° 19, p. 49-78; 1983.
- ESTEVES, António Joaquim. "Religião Popular: Uma Interpretação do "Caso Frei Damião": *Cadernos do C.E.A.S.*, n° 19, p. 48-56; Junho 1972.
- ESTEVES, António Joaquim. "Marginalidade e Religião": *Cadernos do C.E.A.S.*, n° 22, p. 5-17; Dez. 1972.
- ESTEVES, António Joaquim. "A Religião Popular em Portugal": *Cadernos de Ciências Sociais*, Separata n° 4, p. 63-76; Abril 1986.
- F. M. "Um Ensaio de Sociografia Religiosa. Recenseamento da Prática Dominical numa Freguesia de Lisboa": *B.I.P.*, n° 4, p. 19-22; 1961.
- FALCÃO, Manuel Franco. "Aspectos da Situação Moral e Religiosa em Portugal", in AA.VV., *Semana de Estudos Rurais*, Fátima, p. 17-34; 1957.
- FALCÃO, Manuel Franco. "Em Vias de Descristianização as Regiões mais Praticantes de Portugal": *B.I.P.*, n° 2, p. 16-20; 1960.
- FALCÃO, D. Manuel Franco. "A Prática Dominical no Patriarcado de Lisboa em 1955": *Boletim Diocesano Pastoral*, n° 29-30, p. 67-74; Nov.-Dez. 1970.
- FALCÃO, D. Manuel Franco. "Segundo Recenseamento da Prática Dominical": *Boletim Diocesano Pastoral*, p. 15-27; Agosto/Setembro 1973.
- FALCÃO, D. Manuel Franco. "A Reconversão Pastoral do Clero e a Renovação do Seminário": *Notícias de Beja*, p. 1; 27.09.1990.
- FERNANDES, António Teixeira. "A Sacralidade no Universo Simbólico do Exercício do Poder Político": *Arquipélago*, Revista da Universidade dos Açores, n° 2, p. 41-63; 1987.
- FERRAZ, A. "Riscos de Conformismo Sócio-político dos Cristãos. Factos e Documentos": *Brotéria*, n° 99, p. 532-549; 1974.
- FRANÇA, Luís de. "Os Jovens Portugueses Perante a Religião. Caracterização Global": *Análise Social*, vol. XXI (86), p. 247-281; 1985.
- FRANCO, A. de. "Cinquenta Anos de Acção Católica": *Acção Católica do Presente e do Futuro*, Rei dos Livros, p. 49-84; 1984.
- GAMEIRO, Aires. "Sensibilização dos Pais (Adultos) aos Problemas das Crianças e dos Adolescentes": *Lumen*, n° 8-9, p. 309 e ss.; Agosto/Setembro 1979.
- GAMEIRO, Aires. "Família Omnipresente e seus Problemas": *Lumen*, Ano 41, n° 6-7; Junho/Julho 1980.

- GONÇALVES, António Custódio. "Bilan de la Recherche en Sociologie des Religions au Portugal": Comunicação apresentada no Congresso *La Sociologie Européenne des Religions: Thèmes et Méthodes*, Louvain-La-Neuve; 19-21 Out. 1989.
- GRÁCIO, Sérgio. "Classe Social, Trabalho Feminino, Religiosidade e Desorganização Familiar": *Economia e Sociologia*, nº 34, p. 75-106; 1982.
- GUERREIRO, Nuno. "Nos Reinos de Deus": *Visão*, nº 8, p. 55-60; 13-19 Maio 1993.
- HOOGEN, Lisette van den. "Institutos Seculares (Fichas de identificação das Presentes em Portugal)": *Lumen*, nº 44, p. 383-386; 1983.
- JÚDICE, José. "Os Portugueses, esses Pagãos": *Expresso - a Revista*, p. 35-R a 40-R; 15.04.1989.
- LAGES, Mário Ferreira. "Elementos para uma Tipologia Sociológica do Cristianismo Português": *Ora et Labora*, nº 3, p. 200-231; 1965.
- LEITE, António. "Situação Privilegiada da Igreja em Portugal": *Brotéria*, nº 92, p. 202-217; 1971.
- LEITE, António. "Ainda a Pergunta de Lei sobre a Liberdade Religiosa": *Brotéria*, nº 93, p. 58-74; 1971.
- LOPES, Policarpo. "Le Pèlerinage à Fatima: une Expression Mystique du Sacré Populaire": *Social Compass*, vol. 36, nº 2, p. 187-199; 1989.
- LOURO, Henrique da Silva. "Evangelização do Alentejo": *Lumen*, nº 45, p. 43-44; 1984.
- MARTINS, A. "Estudo Sociográfico das Vocações Sacerdotais na Diocese de Vila Real": *Lumen*, p. 3; Junho de 1958.
- MARTINS, António. "L'Analyse Hiérarchique des Attitudes Religieuses": *Archives de Sociologie des Religions*, nº 11, p. 71-91; 1961.
- MARUJO, António. "O País que vai à Missa": *Público*, p. 2 e 3; 23.02.1994.
- MATTOSO, José. "O Milenarismo e o Oculto": *Expresso - a Revista*, p. 12-R; 10.02.1990.
- MEDEIROS, Octávio. "Fenómeno Religioso e Modelo Cibernético": *Humanística e Teologia*, Tomo XI, p. 297-335; Set./Dez. 1985.
- NETO, Vítor. "A Questão Religiosa na 1ª República. A Posição dos Padres Pensionistas": *Revista de História das Ideias*, 9, O Sagrado e o Profano, Homenagem a A. J. S. da Silva Dias, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras, p. 675-731; 1987.
- NOGUEIRA, Eurico. "Meio Século de Vida dos Seminários de Coimbra": *Lumen*; Janeiro 1960.
- OLIVEIRA, C. A. e OLIVEIRA, M. L. "Os Jovens Face à Religião": *A Defesa*, p. 5; 28.11.1984.

- OLIVEIRA, C. A. Martins de. "A Aplicação do Modelo Sistémico à Leitura Sociológica da Paróquia": *Economia e Sociologia*, nº 37, p. 85-118; 1984.
- OLIVEIRA, C. A. Martins de. "Situação Actual do Laicado na Arquidiocese de Évora": *Eborensia* - Revista do I.S.T.E., nº 3/4, Ano II, p. 39-52; 1989.
- OLIVEIRA, José H. Barros. "Ambiente de Vida e Dinâmica Vocacional": *Lumen*, p. 396-405; Dez. 1990.
- PAIS, José Machado. "Família, Sexualidade e Religião": *Análise Social*, vol. XXI (86), p. 345-389; 1985.
- PAQUÉ, R. "Para a História da Igreja em Portugal... Primeira Faculdade da Universidade Católica Portuguesa - A Faculdade de Filosofia em Braga": *Lumen*, nº 31, p. 805-816; 1967.
- PRIMEIRA PÁGINA/NORMA. "67% Acreditam em N^a Sr^a de Fátima": *Notícias de Primeira Página*, p. 25 e 26; 25.02.1989.
- PÚBLICO. "E Você, Acredita nas Aparições?": *Público*, p. 7; 14.05.93.
- QUERIDO, Augusto. "Éléments pour une Sociologie du Conformisme Catholique au Portugal": *Archives de Sociologie des Religions*, IV, nº 7, p. 144-152; Janvier-Juin 1959.
- REIA, Manuel. "O Seminário de Vila Viçosa e o seu Contributo nas Ordenações": *Alvoradas*; Jan.-Março 1960.
- REIS, M. Luísa Braula. "Interrelação entre as Posições Religiosas e a Participação Social dos Jovens: Respostas a um Inquérito". *Análise Social*, vol. XXI (86), p. 314-344; 1985.
- RIBEIRO, Isidro. "A Carta Pastoral dos Bispos da Metrópole": *Brotéria*, nº 96, p. 645-661; 1973.
- RIEGELHAUPT, Joyce F. "O Significado Religioso do Anticlericalismo Popular": *Análise Social*; 1984.
- ROBALO, Mário. "Portugal: o Estado da Igreja": *Expresso - a Revista*; 03.06.1989.
- ROBALO, Mário. "Unidos Contra o Desencanto": *Expresso - Nacional*, A12; 29.05.1993.
- ROCHA, Georgino. "Doutrina Social da Igreja": *Eborensia*, Ano VII, nº 13 e 14, p. 113-135; 1994.
- RODRIGUES, Narciso. "Incidências da Vida Operária na Vida Moral e Religiosa dos Trabalhadores": B.I.P., nº 4, p. 7-13; 1960.
- SANTOS, António J. B. P. dos. "Universitários de Évora Perante a Religião": *Economia e Sociologia*, nº 50, p. 29-42; 1990.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. "Aspectos Sociológicos do Alentejo, Ontem e Hoje. O Clero Arquidiocesano de Évora em 1575": *Brotéria*, nº 83, p. 182-197; 1966.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. "Horizontes da Historiografia Eclesiástica em Portugal. (No Centenário de Fortunato de Almeida)": *Brotéria*, nº 88, p. 626-631; 1969.

- SAÚDE, João Cardoso. "A Igreja e a Promoção Sócio-espiritual nas Zonas Rurais": *Arquivo Coimbrão*, nº 21-22, p. 935-944; 1967.
- SERRADOR, Ana M. "A Festa do Santo Padroeiro numa Comunidade Rural": *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, nº 5, p. 205-241; 1983.
- SILVA, António da. "Evolução Recente da Sociedade Igreja": *Economia e Sociologia*, nº 25/26, p. 33-44; 1979.
- SILVA, Augusto da. "O Sistema Parsoniano": *Economia e Sociologia*, nº 28, p. 41-59; 1980.
- SILVA, Augusto da. "Para uma Leitura Actual das Encíclicas Sociais": *Lumen*, Ano 42, nº 10, p. 363-372; Out. 1981.
- SILVA, Augusto da. "Intercomunhão das Igrejas Locais e Distribuição dos Agentes de Evangelização": *Actas da I Semana Missionária Nacional*, Valadares, Vila Nova de Gaia, p. 26-58; 1982.
- SILVA, Augusto da. "Desafios postos à Igreja em Portugal": *Lumen*, Ano 44, Série II, p. 51-53; Fev. 1983.
- SILVA, Augusto da. "A Família na Arquidiocese de Évora: Ontem e Hoje": Separata do Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora "Igreja Eborense", Edições BIE; 1984.
- SILVA, Augusto da. "Os Sacramentos da Iniciação Cristã na Arquidiocese de Évora": Separata da "Igreja Eborense", nº 9; 1985.
- SILVA, Augusto da. "Planeamento Pastoral e Perspectiva dos Recursos Humanos em Portugal": *Brotéria*, nº 123, p. 187-209; 1986.
- SILVA, Augusto da. "A Paróquia em Mudança. Perspectivas Sociológicas": *Communio*, Ano VII, nº 1, p. 5-17; 1990.
- SILVA, Augusto da. "Continuidade e Inovação na Doutrina Social da Igreja": *Análise Social*, vol. XXVIII, nº 123/124, p. 775-786; 1993.
- SILVA, Augusto da. "Novo Contexto Sócio-Cultural da Evangelização em Portugal, em 1981 - Mudanças Significativas e Factores de Mudança": *Pastoral de Domingo* nº 8, Comissão Nacional para a Pastoral do Domingo, p. 25-71; s.d.
- SILVA, Augusto da e ILHÉU, José Ramalho. "Família e Vocação - A Perspectiva de Jovens Católicos das Dioceses de Beja, Évora e Faro". Évora: *Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora*; 1993/94.
- SILVA, Augusto da e OLIVEIRA, C. A. Martins de. "Delegados aos Congressos dos Partidos e Posição Religiosa": *Economia e Sociologia*, nº 38/39, p. 95-128; 1985.
- SILVA, Augusto da e OLIVEIRA, C. A. Martins de. "Respostas Institucionais às Situações de Pobreza da Sociedade Alentejana": *Jornadas Sócio-Caritativas - Arquidiocese de Évora*, Montemor-o-Novo, p. 2-24; Maio 1988.

SILVA, Augusto da e OLIVEIRA, C. A. Martins de. "O Ministério Presbiteral na Arquidiocese de Évora - Actualidade e Prospectiva": Separata da "*Igreja Eborense*", nº 13; 1989.

SILVA, Augusto da e PATO, Manuel Vaz. "Análise da Sociedade Portuguesa Hoje - A Realidade Sócio-Religiosa": Conferência apresentada no *III Congresso dos Religiosos*; s.d.

SILVA, M. Conceição Tavares da. "Estudos de Sociologia Religiosa em Portugal": *Estudos Sociais e Corporativos*, nº 2/V, p. 101-106; 1963.

SILVA, M. M. "Igreja e Prática; uma Imagem": *Reflexão Cristã*, nº 21, p. 11-15; 1980.

SOARES, Manuela Goucha. 1."A Normalidade do Divórcio". 2. "Histórias da Luta dos Mal-Casados": *Público - Viva*, p. 5; 27.05.1995.

SOUSA, Manuel Luís Abrunhosa. "Análise Sociológica do Catolicismo Português": *Igreja e Missão*, p. 10-29; Nov.-Dez 1974.

TADEU, Marina e ROBALO, Mário. "Avé-Maria": *Expresso - a Revista*, p. 10-R a 13-R; 15.05.1993.

C - BIBLIOGRAFIA SOBRE MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO SOCIAL

Fontes

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral da População e da Habitação (Distritos de Beja e de Setúbal)*. Lisboa: I.N.E.; 1981.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 91. XIII Recenseamento Geral da População. III Recenseamento Geral da Habitação. Região Autónoma dos Açores. Resultados Provisórios*. Lisboa: I.N.E.; 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 91. XIII Recenseamento Geral da População. III Recenseamento Geral da Habitação. Lisboa e Vale do Tejo. Resultados Provisórios*. Lisboa: I.N.E.; 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 91. XIII Recenseamento Geral da População. III Recenseamento Geral da Habitação. Norte. Resultados Provisórios*. Lisboa: I.N.E.; 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 91. XIII Recenseamento Geral da População. III Recenseamento Geral da Habitação. Alentejo. Resultados Provisórios*. Lisboa: I.N.E.; 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 91. XIII Recenseamento Geral da População. III Recenseamento Geral da Habitação. Centro. Resultados Provisórios*. Lisboa: I.N.E.; 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 91. XIII Recenseamento Geral da População. III Recenseamento Geral da Habitação. Região Autónoma da Madeira. Resultados Provisórios*. Lisboa: I.N.E.; 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Estimativas de População Residente por Nuts e Distritos, Segundo o Sexo e por Idades em 31.XII. 1991*. Lisboa: I.N.E. - Gabinete de Estudos Demográficos; 1992.

Livros

ASHER, Herbert B. *Causal Modeling*. Califórnia: Beverly Hills; 1976.

ASSOCIATION POUR LA STATISTIQUE ET SES UTILISATIONS (Ed. cient. Ludovic LEBART). *La Qualité de l'Information dans les Enquêtes*. Paris: DUNOP; 1992.

BENNETT, Spencer e BOWERS, David. *An Introduction to Multivariate Techniques for Social and Behavioural Sciences*. London e Basingstoke: The MacMillan Press; 1976.

BENZÉCRI, J.-P. et al. *L'Analyse des Données* (2 vol.: 1° *La Taxinomie*; 2° *L'Analyse des Correspondances*). Paris: Dunod; 1976.

- BERTIN, Jacques. *La Graphique et le Traitement Graphique de l'Information*. Paris: Flammarion; 1977.
- BLALOCK, Hubert M. *Introduction à la Recherche Sociale*. Paris: Duclot; 1970.
- BLALOCK, Hubert M. *Causal Models in the Social Science*, 2ª ed. Chicago: Aldine Publishing Company; 1972.
- BLALOCK, Hubert M. (Ed.) et al. *Quantitative Sociology- International Perspectives on Mathematical and Statistical Modeling*. New York: Academic Press, Inc.; 1975.
- BLALOCK, Hubert M. *Social Statistics*, 2ª ed. Tokyo: MacGraw-Hill KogaKusha, Ltda.; 1981.
- BLALOCK, Hubert M. *Conceptualization and Measurement in the Social Sciences*. Beverly Hills: Sage Publications; 1982.
- BOUROCHE, J.-M. e BERTIER, P. *L'Analyse des Données*, 1ª ed. Paris: P.U.F.; 1980.
- BRAVO, R. Sierra. *Análisis Estadístico y Modelos Matemáticos - Teoría y Ejercicios*. Madrid: Paraninfo; 1981.
- BRAVO, R. Sierra. *Tesis Doctorales y Trabajos de Investigación Científica*, 2ª ed. rev. Madrid: Paraninfo; 1988.
- BRAVO, R. Sierra. *Dicionário Prático de Estatística*. Madrid: Paraninfo; 1991.
- BRAVO, R. Sierra. *Técnicas de Investigación Social - Teoría Y Ejercicios*, 8ª ed. rev. Madrid: Paraninfo; 1992.
- BRULÉ, Michel. *L'Empire des Sondages - Transparence ou Manipulation?* Paris: Éditions Robert Laffont; 1988.
- BRYMAN, Alan e CRAMER, Duncan. *Análise de Dados em Ciências Sociais - Introdução às Técnicas Utilizando o SPSS*. Oeiras-Lisboa: Celta Editora; 1992.
- CAILLOT, Robert. *L'Enquête - Participation. Méthodologie de l'Aménagement*. Paris: Les Éditions Ouvrières; 1972.
- CARMINES, Edward G. e ZELLER, Richard A. *Reliability and Validity Assessment*, 7ª ed. Beverly Hills/London: Sage Publications; 1985.
- CARRIÓN, Juan Javier Sánchez. *Introducción al Análisis de Datos con SPSS/PC+*. Madrid: Alianza Universidad Textos; 1988.
- CARRIÓN, Juan Javier Sánchez. *Análisis de Tablas de Contingencia e el Uso de los Porcentajes en Ciencias Sociales*. Madrid: C.I.S.; 1989.
- CARRIÓN, Juan Javier Sánchez (Ed.). *Introducción a las Técnicas de Análisis Multivariable*. Madrid: C.I.S.; 1984.
- CARRIÓN, Juan Javier Sánchez e LORIENTE, Mariano Torcal. *Utilidades del SPSS/PC + Versiones 2.0, 3.0 y 4.0*. Madrid: Alianza Editorial; 1992.

- CELEUX, Gilles et al. *Classification Automatique des Données - Environnement Statistique et Informatique*. Paris: Dunod; 1989.
- CHANDON, Jean-Louis e PINSON, Suzanne. *Analyse Typologique - Théories et Applications*. Paris: Masson; 1981.
- CHAZEL, François, BOUDON, Raymond e LAZARSFELD, Paul. *L'Analyse des Processus Sociaux*, 1^a ed. Paris: Mouton & Co.; 1970.
- CHEVRY, Gabriel R. *Pratique des Enquêtes Statistiques*. Paris: P.U.F.; 1962.
- CIBOIS, Philippe. *L'Analyse Factorielle - Analyse en Composantes Principales et Analyse des Correspondances*, 1^a ed. Paris: P.U.F.; 1983.
- CIBOIS, Philippe. *L'Analyse des Données en Sociologie*. Paris: P.U.F.; 1984.
- CIBOIS, Philippe. *L'Analyse Factorielle*, 3^a ed. corr. P.U.F.: Paris; s.d.
- CISIA (Ed.). *SPAD-N, Manuel de Référence*. Paris: CISIA; 1991.
- CORNEJO, José Manuel. *Técnicas de Investigación Social: El Análisis de Correspondencias (Teoría e Práctica)*, 1^a ed. Barcelona: Biblioteca Universitaria de Ciencias Sociales; 1988.
- DAGET, J. *Les Modèles Mathématiques en Ecologie*. Paris: Masson; 1976.
- DAVID, John. *Statistics and Data Analysis in Geology*, 2^a ed. New York: John Wiley & Sons; 1985.
- DEROO, M. e DUSSAIX, A. M. *Pratique et Analyse des Enquêtes par Sondages*. Paris: P. U. F.; 1980.
- DIDAY, E. (Ed.). *Homals & Princals. Some Generalizations of Principal Components Analysis*. Leiden: North-Holland Publishing Company; 1980.
- DOREIAN, Patrick. *Las Matemáticas y el Estudio de las Relaciones Sociales*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives; 1973.
- DROESBEKE, Jean-Jacques, FICHET, Bernard e TASSI, Philippe (Eds.). *Les Sondages*. Paris: Economica; 1987.
- ECO, Humberto. *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença; 1980.
- EVERITH, Brian S. e DUM, Grahan. *Applied Multivariate Data Analysis*. London: Edward Arnolds; 1991.
- FELDEMAN, Daniel S. et al. *StatView II - The Solutions for Data Analysis and Presentation Graphics*. Berkeley, C. A.: Abacus Concepts, Inc.; 1987.
- FELDMAN, Daniel S. et al. *StatView II. StatView SE + Graphics*. Berkeley, C.A.: Abacus Concepts, Inc.; 1987.
- FÉNELON, Jean-Pierre. *Qu'est-ce que l'Analyse des Données?* Paris: Lefonem; 1981.

- FERRANDO, Manuel Garcia. *Introducción a la Estadística en Sociología*, 4ª ed. Madrid: Alianza Universidad Textos; 1992.
- FERRANDO, Manuel Garcia et al. *El Análisis de la Realidad Social - Métodos y Técnicas de Investigación*, 4ª ed. Madrid: Alianza Universidad Textos; 1986.
- GHIGLIONE, R. e MATALON, B. *Les Enquêtes Sociologiques. Théorie et Pratique*. Paris: Armand Colin; 1978.
- GÓMEZ, Félix Calvo. *Técnicas Estadísticas Multivariantes - Con Resolución de Ejercicios Prácticos Mediante los Paquetes Estadísticos SPSS, PROGSTAT e STATVIEW*. Bilbao: Universidad Deusto; 1992.
- GÓMEZ, Félix Calvo e MIGUÉLEZ, Begoña Abad. *Ejercicios Resueltos de Estadística, con Ayuda de Programas de Ordenador, SPSS, PROGSTAT e STATVIEW*. Bilbao: Universidad Deusto; 1993.
- GOODE, W. J. e HATT, P. K. *Métodos em Pesquisa Social*, 4ª ed. S. Paulo: Companhia Editora Nacional; 1972.
- GOURIEROUX, Charles. *Théorie des Sondages*. Paris: Economica; 1981.
- GREENACRE, Michael J. *Theory and Applications of Correspondence Analysis*. London: Academic Press; 1984.
- GROSSBRAS, Jean-Marie. *Méthodes Statistiques des Sondages*. Paris: Economica; 1987.
- GUILLÉN, Mauro F. *Análisis de Regresión Múltiple*. Madrid: C.I.S.; 1992.
- HANUSHEK, Eric A. e JACKSON, John E. *Statistical Methods for Social Scientists*. New York: Academic Press; 1978.
- HENCKEL, Ramon E. *Testes of Significance*. London: Sage Publications, Inc.; 1977.
- HILDBRAND, David K., LAING, James D. e ROSENTHAL, Howard. *Analysis of Ordinal Data*. London: Sage Publications, Inc.; 1977.
- HYMAN, Herbert. *Diseño y Análisis de las Encuestas Sociales*, 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores; 1984.
- IVERSEN, Gudmund R. e NORPOTH, Helmut. *Analysis of Variance*. London: Sage Publications, Inc.; 1976.
- JAMBU, Michel. *Exploration Informatique et Statistique des Données*. Dunod: Paris; 1989.
- JAVEAU, Claude. *L'Enquête par Questionnaire. Manuel à l'Usage du Praticien*. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles; 1971.
- JOHNSON, Richard A. *Applied Multivariate Statistical Analysis*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.; 1982.
- KIM, Jac-On e MUELLER, Charles W. *Factor Analysis - Statistical Methods and Practical Issues*. London: Sage Publications, Inc.; 1978.

- KISH, L. *Survey Sampling*. New York: John Wiley; 1965.
- KORIN, Basil P. *Statistical Concepts for the Social Sciences*. Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers, Inc.; 1975.
- KRUSKAL, Joseph B. e WISH, Myron. *Multidimensional Scaling*. London: Sage Publications, Inc.; 1978.
- LAGARDE. *Initiation à l'Analyse des Données*. Paris: Dunod; 1983.
- LEBART, L., MORINEAU, A., LAMBERT, T. e PLEUVRET, P. *SPAD.N Version 2.5 . Système Portable pour l'Analyse des Données*. Saint-Mandé: C.I.S.I.A.; 1993.
- LEBART, Ludovic, MORINEAU, Alain e FÉNELON, Jean-Pierre. *Traitement des Données Statistiques - Méthodes et Programmes*, 2^a ed. Paris: Dunod; 1979.
- LEBART, Ludovic, MORINEAU, Alain e TABARD, N. *Techniques de la Description Statistique, Méthodes et Logiciels pour l'Analyse des Grands Tableaux*. Paris: Dunod; 1977.
- LEBART, Ludovic, MORINEAU, Alain e WARWICK, Kenneth M. *Multivariate Descriptive Statistical Analysis - Correspondence Analysis and Related Techniques for Large Matrices*. New York: John Wiley & Sons; 1984.
- LEBART, Ludovic e SALEM, André. *Analyse Statistique des Données Textuelles*. Dunot: Paris; 1988.
- LERMAN, I.C. *Classification et Analyse Ordinale des Données*. Paris: Dunod; s.d.
- LEVINE, Mark S. *Canonical Analysis and Factor Comparison*. London: Sage Publications, Inc.; 1977.
- LOPEZ CACHERO, Manuel. *Fundamentos y Métodos de Estadística*, 6^a ed. Madrid: Pirâmide; 1985.
- LUDWIG, John A. e REYNOLDS, James F. *Statistical Ecology - A Primer on Methods and Computing*. New York: John Wiley & Sons; 1984.
- MANN, Peter H. *Métodos de Investigação Sociológica*, 5^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores; s.d.
- MATALON, Benjamin. *Décrire, Expliquer, Prévoir - Démarches Expérimentales et Terrain*. Paris: Armand Colin; 1988.
- MCCOLOUGH, Celeste e ATTA, Loche van. *Estadística para Sociólogos - Iniciación*. Madrid: Ed. Tecnos; 1972.
- MCCUEN, R. H. *Statistical Methods for Enqueers*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.; 1985.
- MEDRANO, Juan Díez. *Métodos de Análisis Causal*. Madrid: C.I.S.; 1992.
- MEYNAUD, H. e DUCLOS, D. *Les Sondages d'Opinion*. Paris: Éditions La Découverte; 1986.

- MORONEY, M. J. *Dos Números aos Factos*. Lisboa: Edições Despertar; s.d.
- MOZAZ, José Maria Diaz. *Teoria e Técnica de la Encuesta Religiosa*. Madrid: Incumable; 1957.
- MUELLER, John H., SCHUESSLER, Karl e COSTNER, Herbert L. *Statistical Reasoning in Sociology*, 3ª ed. Boston: Houghton Mifflin Company; 1977.
- PÁDUA, Jorge de. *Técnicas de Investigación Aplicadas a las Ciencias Sociales*, 1ª ed. México: Fondo de Cultura Económica; 1979.
- PEREIRA, Henrique Garcia e SOUSA, António Jorge de. *Análise de Dados para o Tratamento de Quadros Multidimensionais*; 1986.
- PRESSAT, Roland (Dir.). *Manuel d'Analyse de la Mortalité*. Paris: Organisation Mondiale de la Santé / Institut National D'Études Démographiques; 1985.
- PULIDO, António San Romano. *Estadística y Técnicas de Investigación Social*, 7ª ed. Madrid: Pirâmide; s.d.
- REIS, Elisabeth. *Análise de Clusters: um Método de Classificação sem Preconceitos*, 2ª ed. Lisboa: Giesta-ISCTE (Policopiado); 1992.
- REIS, Elisabeth. *Análise Factorial dos Componentes Principais: um Método de Reduzir sem Perder Informação*, 2ª ed. Lisboa: Giesta - ISCTE (Policopiado); 1993.
- REYNOLDS, Henry T. *Analysis of Nominal Data*. London: Sage Publications, Inc.; 1977.
- REYNOLDS, Henry T. *The Analysis of Cross-Classifications*. New York: The Free Press; 1977.
- RICHARD, Johnson A. *Applied Multivariate Statistical Analysis*. New York: Prentice-Hall; 1982.
- SANTESMASES, José Miguel García. "Análisis Factorial de Correspondencias": in CARRIÓN, Juan Javier Sánchez (Ed.), *Introducción a las Técnicas de Analisis Multivariable*, Madrid, C.I.S., p. 75-105; 1984.
- SARNDAL, C. *Inference Statistique et Analyse des Données sous les Plans d'Echantillonnage Complexes*. Paris: P.U.F.; 1984.
- SCHWEYER, François-Xavier. *Autopsie d'une Manipulation. Analyse de la Production et de l'Interprétation des Sondages Religieux*. Paris: Éditions Fleurus; 1991.
- SNEDECOR, George W. *Métodos Estadísticos*. Mexico: Compañía Editorial Continental; 1984.
- SNEDECOR, George W. e COCHRAN, William G. *Statistical Methods*, 7ª ed. Ames-Iowa: The Iowa State University Press; 1977.
- SPIEGEL, Murray R. *Estatística*. S. Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, Lda.; 1977.
- SPSS (Ed.). *Getting Started with SPSS/PC+*. Chicago: SPSS, Inc.; 1990.

- SPSS (Ed.). *Getting Started with SPSS/PC+ Tables*. Chicago: SPSS, Inc.; 1990.
- SPSS (Ed.). *SPSS/PC + Statistics 4.0*. Chicago: SPSS, Inc.; 1990.
- SPSS (Ed.). *SPSS/PC+ Advanced Statistics 4.0*. Chicago: SPSS, Inc.; 1990.
- STOETZEL, Jean e GIRARD, Alain. *Les Sondages d'Opinion Publique*, 2^a ed. Paris: P.U.F.; 1979.
- THIONET, R. *La Théorie des Sondages*. Paris: INSEE; 1958.
- VIEYRA, Gerardo Quiroz e GARCÍA, Maria de Lourdes Fournier. *SPSS - Enfoque Aplicado*. México: McGraw-Hill; 1988.
- VOLLE, Michel. *Analyse des Données*, 3^a ed. Paris: Economica; 1985.
- WUTHNOW, Robert (Ed.). *The Religious Dimension - New Directions in Quantitative Research*. New York: Academic Press Inc.; 1979.

Artigos

- CARRIÓN, Juan Javier Sánchez. "Técnicas de Análisis de Datos Nominales": *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n° 45, p. 133-155; Enero-Marzo 1989.
- DAWIS, René V. "Scale Construction": *Journal of Counseling Psychology*, vol. 34, n° 4, p. 481- 489; 1987.
- GRUNDBERG, Gérard e SCHWEISGUTH, Etienne. "A Quoi Sert la Sociologie Empirique?": *Révue Française de Sociologie*, vol. XXIV; 1983.
- LORENZI-CIOLDI, Fabio. "L'Analyse Factorielle des Correspondances dans les Sciences Sociales": *Schweizerische Zeitschrift für Soziologie/Révue Suisse de Sociologie*, 2, p. 365-390; 1983.
- SHEPARD, Roger N. "Multidimensional Scaling, Tree-Fitting, and Clustering": *Science*, n° 210, p. 390-398; 1980.
- TINSLEY, Howard E. A. e TINSLEY, Diane S. "Uses of Factor Analysis in Counseling Psychology Research": *Journal of Counseling Psychology*, vol. 14, n° 4, p. 414-424; 1987.

ÍNDICE GERAL

VOLUME 1

I PARTE

INTRODUÇÃO	1
CAP. I - A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA NA ABORDAGEM DA RELIGIÃO	18
1. Contexto sócio-cultural e dificuldades de uma definição sociológica de religião	19
2. O ponto de vista sociológico sobre a religião	24
3. Tipologia das definições sociológicas de religião	27
4. Em busca de uma definição sociológica de religião	42
CAP. II - AS DIMENSÕES OU COMPONENTES DA RELIGIÃO E DA RELIGIOSIDADE	54
1. O conceito de religiosidade	54
2. As dimensões da religião e da religiosidade	57
2.1. As crenças	61
2.2. O Culto	67
2.3. A comunhão ou sociabilidade religiosa	75
2.4. Os valores - código moral	80
3. O percurso individual da vivência religiosa	85
4. Mudança e tradição na religião	89
5. O objecto de estudo da sociologia da religião	91
CAP. III - O PERCURSO DA SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO: TEORIAS E TEMÁTICAS ..	95
1. Contexto sócio-cultural e histórico da criação e evolução da sociologia da religião	96
2. As diversas teorias sociológicas	112
2.1. Os autores clássicos: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber ..	113
2.2. Orientação empírica	129
2.2.1. A corrente funcionalista	129
2.2.2. A corrente sociográfica	136
2.3. Abordagem actual	144
2.3.1. As teses da secularização	146
2.3.2. Religião e religiosidade populares	157
2.3.3. Teorias sociológicas recentes	164
3. Um paradigma sistémico de análise	168
CAP. IV - TRAJECTÓRIA DA SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO EM PORTUGAL	182
1. O período inicial: de 1955 ao Concílio Vaticano II	186
2. Do Concílio Vaticano II até ao fim do Estado Novo	190
3. De 1975 aos nossos dias	193
CAP. V - IDENTIDADE RELIGIOSA E ESTRUTURAS DA IGREJA CATÓLICA	210
I - A IDENTIDADE RELIGIOSA	211
1. A autopoisição religiosa nos censos civis (1940-1991)	213
2. A percentagem de católicos nas estatísticas eclesiais	215
3. A autopoisição religiosa na sondagem	218

II - AS ESTRUTURAS DA IGREJA CATÓLICA	224
1. Organização geográfica	224
2. Recursos humanos	229
2.1. Os Bispos	229
2.2. Os Padres	231
2.3. Os Diáconos Permanentes	244
2.4. Os Religiosos	245
2.5. As Religiosas	246
2.6. Os Institutos Seculares	248
2.7. O Laicado	248
3. Recursos materiais	259
3.1. Centros de Formação e Instrução	259
3.2. Centros de Assistência Social	262
3.3. Meios de Comunicação Social	263
III - A DISTRIBUIÇÃO DO PODER RELIGIOSO	266

VOLUME 2

II PARTE	274
CAP. VI - O CONTEXTO SOCIAL DA RELIGIÃO	275
1. As variáveis do contexto social da religião	275
2. Análise de Correspondências Múltiplas	277
2.1. Resultados globais	278
2.2. Caracterização e definição dos factores	280
2.2.1. Factor 1	280
2.2.2. Factor 2	281
2.2.3. Factor 3	283
2.2.4. Factor 4	284
2.2.5. Factor 5	286
2.2.6. Factor 6	287
2.3. Os planos factoriais	288
2.3.2. Plano 1/3	291
2.3.3. Plano 1/4	292
2.3.4. Plano 1/5	294
2.3.5. Plano 1/6	295
3. Classificação Automática	297
3.1. Escolha da partição	297
3.2. Descrição das categorias sociais	299
3.2.1. Classe 1/6 (aa1a)	299
3.2.2. Classe 2/6 (aa2a)	301
3.2.3. Classe 3/6 (aa3a)	302
3.2.4. Classe 4/6 (aa4a)	303
3.2.5. Classe 5/6 (aa5a)	304
3.2.6. Classe 6/6 (aa6a)	305

CAP. VII - A RELIGIÃO DOS PORTUGUESES	308
1. As variáveis temáticas: conjuntos e subconjuntos	308
2. Análise de correspondências múltiplas	315
2.1. Resultados globais	315
2.2. Definição dos factores	317
2.2.1. Factor 1	317
2.2.2. Factor 2	321
2.2.3. Factor 3	323
2.2.4. Factor 4	326
2.2.5. Os factores 5 a 10	329
2.3. Os planos factoriais	330
2.3.1. Plano 1/2	330
2.3.2. Plano 1/3	339
2.3.3. Plano 1/4	346
3. Classificação automática	360
3.1. Escolha da partição	360
3.2. Descrição das categorias sociais	361
3.2.1. Classe 1/7	362
3.2.2. Classe 2/7	366
3.2.3. Classe 3/7	370
3.2.4. Classe 4/7	373
3.2.5. Classe 5/7	375
3.2.6. Classe 6/7	378
3.2.7. Classe 7/7	380
CAP. VIII - OS ASPECTOS PARCELARES DA RELIGIÃO	385
I - CULTO COLECTIVO	387
1 - Análise de correspondências múltiplas	387
1.1. Definição dos factores	388
1.1.1. Factor 1	388
1.1.2. Factor 2	389
1.1.3. Factor 3	391
1.1.4. Factor 4	392
1.2. Os planos factoriais	392
1.2.1. Plano 1/2	392
1.2.2. Plano 1/3	394
1.2.3. Plano 1/4	395
2. Classificação automática	396
2.1. Categorias ou tipos religiosos de culto colectivo	397
2.1.1. Classe 1/6	398
2.1.2. Classe 2/6	398
2.1.3. Classe 3/6	399
2.1.4. Classe 4/6	400
2.1.5. Classe 5/6	400
2.1.6. Classe 6/6	401
II - CULTO INDIVIDUAL	403
1. Análise de correspondências múltiplas	403
1.1. Definição dos factores	404
1.1.1. Factor 1	404
1.1.2. Factor 2	405
1.1.3. Factor 3	406
1.1.4. Factor 4	406

1.2. Os planos factoriais	407
1.2.1. Plano 1/2	407
1.2.2. Plano 1/3	409
1.2.3. Plano 1/4	410
2. Classificação automática	411
2.1. Categorias ou tipos religiosos do culto individual	412
2.1.1. Classe 1/6	412
2.1.2. Classe 2/6	413
2.1.3. Classe 3/6	414
2.1.4. Classe 4/6	414
2.1.5. Classe 5/6	415
2.1.6. Classe 6/6	415
III - CRENÇAS	418
1. Análise de correspondências múltiplas	418
1.1. Definição dos factores	420
1.1.1. Factor 1	420
1.1.2. Factor 2	422
1.1.3. Factor 3	423
1.1.4. Factor 4	424
1.2. Planos factoriais	426
1.2.1. Plano 1/2	426
1.2.2. Plano 1/3	432
1.2.3. Plano 1/4	437
2. Classificação automática	442
2.1. Categorias ou tipos religiosos de crenças	444
2.1.1. Classe 1/7	444
2.1.2. Classe 2/7	445
2.1.3. Classe 3/7	445
2.1.4. Classe 4/7	446
2.1.5. Classe 5/7	447
2.1.6. Classe 6/7	448
2.1.7. Classe 7/7	448
IV - VALORES MORAIS	451
1. Análise de correspondências múltiplas	451
1.1. Definição dos factores	452
1.1.1. Factor 1	452
1.1.2. Factor 2	454
1.1.3. Factor 3	455
1.1.4. Factor 4	456
1.2. Os planos factoriais	457
1.2.1. Plano 1/2	457
1.2.2. Plano 1/3	462
1.2.3. Plano 1/4	466
2. Classificação automática	470
2.1. Categorias ou tipos religiosos de valores morais	472
2.1.1. Classe 1/6	472
2.1.2. Classe 2/6	472
2.1.3. Classe 3/6	473
2.1.4. Classe 4/6	474
2.1.5. Classe 5/6	475
2.1.6. Classe 6/6	476

V - RELIGIÃO - OBJECTO E FACTOR DE CULTURA	478
1. Análise de correspondências múltiplas	478
1. 1. Definição dos factores	480
1.1.1. Factor 1	480
1.1.2. Factor 2	481
1.1.3. Factor 3	482
1.2. Planos factoriais	483
1.2.1. Plano 1/2	483
1.2.2. Plano 1/3	486
2. Classificação automática	489
2.1. Categorias ou tipos religiosos de religião como valor	490
2.1.1. Classe 1/4	490
2.1.2. Classe 2/4	491
2.1.3. Classe 3/4	492
2.1.4. Classe 4/4	493
 CAP. IX - O CONTEXTO SOCIAL E A RELIGIÃO	495
I - OS FACTORES DO CONTEXTO SOCIAL E A RELIGIÃO	496
1. Caracterização religiosa dos factores sociais	496
1.1. Factor 1 - O ciclo da vida individual e das gerações	496
1.2. Factor 2 - O meio tradicional/rural versus o moderno/urbano	501
1.3. Factor 3 - O isolamento versus a integração social	504
1.4. Factor 4 - A relação homem/mulher	506
1.5. Factor 5 - O estrato social alto versus o médio superior ..	508
1.6. Factor 6 - O estrato médio superior versus o baixo	510
2. Planos factoriais	513
2.1. Plano 1/2	513
2.2. Plano 1/3	528
2.3. Plano 1/4	543
2.4. Plano 1/5	544
2.5. Plano 1/6	545
II - OS TIPOS SOCIAIS DO CONTEXTO E A RELIGIÃO	547
1. A mulher adulta tradicional	547
2. As gerações mais velhas	549
3. O homem adulto tradicional	551
4. O estrato social médio superior	553
5. A elite adulta	555
6. As gerações jovens	556
 CAP. X - A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL	560
I - A RELIGIÃO NO SEU TODO	562
1. Os factores religiosos e o contexto social	562
1.1. Índice de vivência religiosa	562
1.2. Definição/indefinição religiosa	567
1. 3. Sincretismo religioso	568
1.4. Dimensão moral	569
1.5. Dimensão mágica	570
1.6. Motivação moral extraterrena	571
1.7. Neutralidade moral	572
1.8. Dimensão extraterrena da crença religiosa	573
1.9. Tendência para a mudança religiosa	573
1.10. Aculturação religiosa	574

2. Os tipos religiosos e o contexto social	578
2.1. Os católicos convictos	578
2.2. Os católicos modais	579
2.3. Os descomprometidos	579
2.4. Os teístas sem religião vivencial	580
2.5. Os amorfos	580
2.6. Os cépticos	580
2.7. Os ateus e laicos	580
II. CULTO COLECTIVO E CONTEXTO SOCIAL	584
1. Os factores do culto colectivo e o contexto social	584
1.1. Intensidade do culto colectivo	584
1.2. Atitude definida/indefinida sobre o prescrito	586
1.3. Culto colectivo como experiência de vida	587
1.4. Cumprimento do preceito pascal	588
2. Os tipos religiosos do culto colectivo e o contexto social	591
2.1. Os praticantes modais	591
2.2. Os praticantes assíduos	591
2.3. Os praticantes minimalistas	592
2.4. Os praticantes esporádicos	592
2.5. Os não praticantes actuais	593
2.6. Os nunca praticantes	593
III. CULTO INDIVIDUAL E CONTEXTO SOCIAL	596
1. Os factores do culto individual e o contexto social	596
1.1. Índice de relações directas com realidades metaempíricas	596
1.2. Índice de intensidade de relações cristãs	598
1.3. Dimensão comunitária e cristocêntrica	599
1.4. Índice de gratuidade	599
2. Os tipos religiosos do culto individual e o contexto social	602
2.1. Os comunitários	602
2.2. Os marianos	602
2.3. Os cristocêntricos	603
2.4. Os teístas	603
2.5. Os modais	603
2.6. Os desligados	604
IV. CRENÇAS E CONTEXTO SOCIAL	606
1. Os factores das crenças e o contexto social	606
1.1. Cosmovisão cristã/não cristã	606
1.2. Modelo de certeza/dúvida	608
1.3. Índice de dúvida	609
2. Os tipos religiosos de crença e o contexto social	611
2.1. Os crentes convictos	611
2.2. Os crentes sincréticos	611
2.3. Os crentes modais	611
2.4. Os crentes heterodoxos	612
2.5. Os ateus	612
2.6. Os cépticos	612
2.7. Os muito cépticos	613

V. VALORES MORAIS E CONTEXTO SOCIAL	615
1. Os factores da moral e o contexto social	615
1.1. Conformidade com a moral católica	615
1.2. Avaliação moral definida/indefinida	617
1.3. Perspectiva laica da moral	617
1.4. Moral económica	618
2. Os tipos religiosos da moral e o contexto social	621
2.1. Os humanistas laicos	621
2.2. Os egoístas	621
2.3. Os imorais	621
2.4. Os conformistas morais	622
2.5. Os abúlicos	622
2.6. Os conformistas parcelares	622
VI. RELIGIÃO COMO VALOR E CONTEXTO SOCIAL	625
1. Os factores da religião como valor e o contexto social	625
1.1. A religião como valor sentimental - valorização do religioso	625
1.2. A religião como valor intelectual	627
1.3. A religião como valor social	627
2. Os tipos religiosos da religião como valor e o contexto social	630
2.1. Os questionantes	630
2.2. Os festivos	630
2.3. Os identificados	630
2.4. Os periféricos	631

CAP. XI - A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOMINICAL NO BINÓMIO RELIGIÃO E SOCIEDADE

CAP. XI - A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOMINICAL NO BINÓMIO RELIGIÃO E SOCIEDADE	633
1. O efeito da prática dominical e a vivência religiosa	637
1.1. A intensidade da vivência religiosa e os factores do contexto	637
1.2. A intensidade da vivência religiosa e as subculturas regionais	638
1.3. A intensidade da vivência religiosa e os tipos sociais	640
2. O efeito da prática dominical e o culto colectivo	641
2.1. A intensidade do culto colectivo e os factores do contexto	641
2.2. A intensidade do culto colectivo e as subculturas regionais	642
2.3. A intensidade do culto colectivo e os tipos sociais	643
3. O efeito da prática dominical e o culto individual	649
3.1. A intensidade do culto individual e os factores do contexto	649
3.2. A intensidade do culto individual e as subculturas religiosas	650
3.3. A intensidade do culto individual e os tipos sociais	651
4. O efeito da prática dominical sobre as crenças	652
4.1. A intensidade da crença e os factores do contexto	652
4.2. A intensidade da crença e as subculturas religiosas	652
4.3. A intensidade da crença e os tipos sociais	653
5. O efeito da prática dominical e os valores morais	654
5.1. A intensidade do índice de valores morais e os factores do contexto	654
5.2. A intensidade do índice de valores morais e as subculturas religiosas	655
5.3. A intensidade do índice de valores morais e os tipos sociais	656

	781
6. O efeito da prática dominical e a religião como valor	657
6.1. A intensidade da religião como valor e os factores do contexto ...	657
6.2. A intensidade da religião como valor e as subculturas religiosas .	658
6.3. A intensidade da religião como valor e os tipos sociais	659
CONCLUSÕES	663
BIBLIOGRAFIA	724

ÍNDICE DOS QUADROS

VOLUME 1

I PARTE

CAP. V - IDENTIDADE RELIGIOSA E ESTRUTURAS DA IGREJA CATÓLICA	210
Quadro 1 - Autoposicionamento religioso, por região	218
Quadro 2 - Autoposicionamento religioso, por sexo	220
Quadro 3 - Percentagem de população e de padres (seculares e religiosos) e volume de habitantes por padres, nas regiões sócio-religiosas, em 1993	231
Quadro 4 - Diferença, em volume, da população, de padres (seculares e religiosos) e de habitantes por padre, nas regiões sócio-religiosas, entre 1993 e 1962	232
Quadro 5 - Evolução do número de ordenações, mortes e abandonos do clero diocesano (1974-1991)	236
Quadro 6 - Estrutura etária do clero residente nas dioceses, em 1975 e 1991	238
Quadro 7 - Instituições laicais (presenças nas dioceses e nº de publicações)	257
Quadro 8 - Centros de formação e instrução e nº de alunos, por região ..	259
Quadro 9 - Centros de assistência social, por região	262
Quadro 10 - Meios de comunicação social, por região sócio-religiosa ...	265

VOLUME 2

II PARTE	274
CAP. VI - O CONTEXTO SOCIAL DA RELIGIÃO	275
Quadro 11 - Valores próprios, percentagem de inércia e histograma do 'contexto'	278

CAP. VIII - OS ASPECTOS PARCELARES DA RELIGIÃO	385
Quadro 12 - Valores próprios, % de inércia e histograma / 'tema geral' .	316
Quadro 13 - Valores próprios, % de inércia e histograma /culto colectivo	388
Quadro 14 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Culto individual ...	404
Quadro 15 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Crenças	419
Quadro 16 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Valores morais	452
Quadro 17 - Valores próprios, % de inércia e histograma / Religião como valor	479
 CAP. X - A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL	560
Quadro 18 - Índices médios de vivência religiosa por região	566
Quadro 19 - Tipos religiosos e tipos sociais (nº e %)	582
Quadro 20 - Índices médios de culto colectivo por região e tipos social	586
Quadro 21 - Tipos de praticantes culturais e tipos sociais (nº e %)	594
Quadro 22 - Índices médios da intensidade do culto individual, por região e tipo social	597
Quadro 23 - Tipos de culto individual por tipos sociais	605
Quadro 24 - Índices médios da cosmovisão cristã, por região e tipo social	607
Quadro 25 - Tipos de crentes e tipos sociais	614
Quadro 26 - Índices médios de conformidade com a moral católica por região e tipo social	616
Quadro 27 - Tipos morais e tipos sociais	623
Quadro 28 - Índices médios da valorização do religioso, por região e tipo social	626
Quadro 29 - Tipos da religião como valor e tipos sociais (nº e %)	632
 CAP. XI - A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOMINICAL NO BINÓMIO RELIGIÃO E SOCIEDADE	633
Quadro 30 - Índice de vivência religiosa, por regiões e prática dominical	639
Quadro 31 - Índice de vivência religiosa por tipos sociais e prática dominical ..	640
Quadro 32 - Índice de culto colectivo, por regiões e prática dominical	643
Quadro 33 - Índice de culto colectivo, por tipos sociais e prática dominical	644
Quadro 34 - Composição social média da missa dominical, por regiões	646
Quadro 35 - Índice de culto individual, por regiões e prática dominical	650
Quadro 36 - Índice de culto individual, por tipos sociais e prática dominical ..	651
Quadro 37 - Índice de crença, por regiões e prática dominical	653
Quadro 38 - Índice de crença, por regiões e prática dominical	654
Quadro 39 - Índice de valores morais, por regiões e prática dominical	655
Quadro 40 - Índice de valores morais, por tipos sociais e prática dominical ...	657
Quadro 41 - Índice da religião como valor, por regiões e prática dominical ...	659
Quadro 42 - Índice da religião como valor, por tipos sociais e prática dominical	660

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

VOLUME 1

I PARTE

CAP. V - IDENTIDADE RELIGIOSA E ESTRUTURAS DA IGREJA CATÓLICA	210
Gráfico 1 - Evolução do número de sacerdotes diocesanos (1974-1991) .	236
Gráfico 2 - Projecção da estrutura etária do clero residente nas dioceses (1996-2011)	240

VOLUME 2

II PARTE 274

CAP. VI - O CONTEXTO SOCIAL DA RELIGIÃO	275
Gráfico 3 - Plano 1/2 - 'contexto'	290
Gráfico 4 - Plano 1/3 - 'contexto'	291
Gráfico 5 - Plano 1/4 - 'contexto'	293
Gráfico 6 - Plano 1/5 - 'contexto'	294
Gráfico 7 - Plano 1/6 - 'contexto'	295
Gráfico 8 - Dendograma das partições - 'contexto'	298
Gráfico 9 - Tipos sociais	307
CAP. VII - A RELIGIÃO DOS PORTUGUESES	308
Gráfico 13 * - Plano 1/2 - 'Tema' (a)	332
Gráfico 14 - Plano 1/2 - 'Tema' (b)	334
Gráfico 15 - Plano 1/2 - 'Tema' (c)	335
Gráfico 16 - Plano 1/2 - 'Tema' (d)	336
Gráfico 17 - Plano 1/2 - 'Tema' (e)	337
Gráfico 18 - Plano 1/2 - 'Tema' (f)	338
Gráfico 19 - Plano 1/3 - 'Tema' (a)	339
Gráfico 20 - Plano 1/3 - 'Tema' (b)	341
Gráfico 21 - Plano 1/3 - 'Tema' (c)	342
Gráfico 22 - Plano 1/3 - 'Tema' (d)	343
Gráfico 23 - Plano 1/3 - 'Tema' (e)	344
Gráfico 24 - Plano 1/3 - 'Tema' (f)	345
Gráfico 25 - Plano 1/4 - 'Tema' (a)	346
Gráfico 26 - Plano 1/4 - 'Tema' (b)	348
Gráfico 27 - Plano 1/4 - 'Tema' (c)	349
Gráfico 28 - Plano 1/4 - 'Tema' (d)	350
Gráfico 29 - Plano 1/4 - 'Tema' (e)	351
Gráfico 30 - Plano 1/4 - 'Tema' (f)	352

* *Errata*: Embora haja um lapso na numeração dos gráficos, pois passa-se do Gráfico 9 para o Gráfico 13, não ficam em falta os gráficos 10-12.

Gráfico 31 - Plano 1/4 - 'Tema' (g)	353
Gráfico 32 - Plano 1/4 - 'Tema' (h)	354
Gráfico 33 - Dendograma - 'Tema'	361
Gráfico 34 - Composição das classes sócio-religiosa / 'Tema'	382
CAP. VIII - OS ASPECTOS PARCELARES DA RELIGIÃO	385
Gráfico 35 - Plano 1/2 / culto colectivo	393
Gráfico 36 - Plano 1/3 / culto colectivo	394
Gráfico 37 - Plano 1/4 /culto colectivo	395
Gráfico 38 - Dendograma / culto colectivo	397
Gráfico 39 - Composição das classes / culto colectivo	402
Gráfico 40 - Plano 1/2) / Culto individual	408
Gráfico 41 - Plano 1/3 / Culto individual	409
Gráfico 42- Plano 1/4 / Culto individual	410
Gráfico 43 - Dendograma / Culto individual	412
Gráfico 44 - Composição das classes / Culto individual	417
Gráfico 45 - Plano 1/2 (a) - crenças	426
Gráfico 46 - Plano 1/2 (b) - crenças	428
Gráfico 47 - Plano 1/2 (c) - crenças	429
Gráfico 48 - Plano 1/2 (d) - crenças	430
Gráfico 49 - Plano 1/2 (e) - crenças	431
Gráfico 50 - Plano 1/3 (a) - crenças	432
Gráfico 51 - Plano 1/3 (b) - crenças	433
Gráfico 52- Plano 1/3 (c) - crenças	434
Gráfico 53 - Plano 1/3 (d) - crenças	435
Gráfico 54 - Plano 1/3 (e) - crenças	436
Gráfico 55 - Plano 1/4 (a) - crenças	437
Gráfico 56 - Plano 1/4 (b) - crenças	438
Gráfico 57 - Plano 1/4 (c) - crenças	439
Gráfico 58 - Plano 1/4 (d) - crença	440
Gráfico 59 - Plano 1/4 (e) - crenças	441
Gráfico 60 - Dendograma / crenças	443
Gráfico 61 - Composição das classes / crenças	450
Gráfico 62 - Plano 1/2 (a) - valores teste / Valores morais	458
Gráfico 63 - Plano 1/2 (b) - valores teste / Valores morais	459
Gráfico 64 - Plano 1/2 (c) - valores teste / Valores morais	460
Gráfico 65 - Plano 1/2 (d) - valores teste / Valores morais	461
Gráfico 66 - Plano 1/3 (a) - valores teste / Valores morais	462
Gráfico 67 - Plano 1/3 (b) - valores teste / Valores morais	463
Gráfico 68 - Plano 1/3 (c) - valores teste / Valores morais	464
Gráfico 69 - Plano 1/3 (d) - valores teste / Valores morais	465
Gráfico 70 - Plano 1/4 (a) - valores teste / Valores morais	466
Gráfico 71 - Plano 1/4 (b) - valores teste / Valores morais	467
Gráfico 72 - Plano 1/4 (c) - valores teste / Valores morais	468
Gráfico 73- Plano 1/4 (d) - valores teste / Valores morais	469
Gráfico 74 - Dendograma / Valores morais	471
Gráfico 75 - Composição das classes / Valores morais	477
Gráfico 76 - Plano 1/2 (a) / Religião como valor	483
Gráfico 77 - Plano 1/2 (b) / Religião como valor	484
Gráfico 78 - Plano 1/2 (c) / Religião como valor	485
Gráfico 79 - Plano 1/3 (a) / Religião como valor	486
Gráfico 80 - Plano 1/3 (b) / Religião como valor	487

Gráfico 81 - Plano 1/3 (c) / Religião como valor	488
Gráfico 82 - Dendograma / Religião como valor	490
Gráfico 83 - Composição das classes / Religião como valor	494
CAP. IX - O CONTEXTO SOCIAL E A RELIGIÃO	495
Gráfico 84 - Plano 1/2 (a)	515
Gráfico 85 - Plano 1/2 (b)	516
Gráfico 86 - Plano 1/2 (c)	517
Gráfico 87 - Plano 1/2 (d)	518
Gráfico 88 - Plano 1/2 (e)	519
Gráfico 89 - Plano 1/2 (f)	520
Gráfico 90 - Plano 1/2 (g)	521
Gráfico 91 - Plano 1/2 (h)	522
Gráfico 92 - Plano 1/2 (i)	523
Gráfico 93 - Plano 1/2 (j)	524
Gráfico 94 - Plano 1/2 (l)	525
Gráfico 95 - Plano 1/2 (m)	526
Gráfico 96 - Plano 1/2 (n)	527
Gráfico 97 - Plano 1/3 (a)	530
Gráfico 98 - Plano 1/3 (b)	531
Gráfico 99 - Plano 1/3 (c)	532
Gráfico 100 - Plano 1/3 (d)	533
Gráfico 101 - Plano 1/3 (e)	534
Gráfico 102 - Plano 1/3 (f)	535
Gráfico 103 - Plano 1/3 (g)	536
Gráfico 104 - Plano 1/3 (h)	537
Gráfico 105 - Plano 1/3 (i)	538
Gráfico 106 - Plano 1/3 (j)	539
Gráfico 107 - Plano 1/3 (l)	540
Gráfico 108 - Plano 1/3 (m)	541
Gráfico 109 - Plano 1/3 (n)	542
Gráfico 110 - Plano 1/4	543
Gráfico 111 - Plano 1/5	544
Gráfico 112 - Plano 1/6	545
CAP. X - A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL	560
Gráfico 113 - Agrupamento das dioceses segundo os 10 factores religiosos	576
Gráfico 114 - Composição social dos tipos religiosos	583
Gráfico 115 - Agrupamento das dioceses segundo os quatro factores do culto colectivo	589
Gráfico 116 - Composição social dos tipos de culto colectivo	595
Gráfico 117 - Agrupamento das dioceses segundo os 4 factores do culto individual	600
Gráfico 118 - Composição social dos tipos de culto individual	605
Gráfico 119 - Agrupamento das dioceses segundo os 3 factores das crenças	609
Gráfico 120 - Composição social dos tipos de crentes	614
Gráfico 121 - Agrupamento das dioceses segundo os 4 factores da moral	619
Gráfico 122 - Composição social dos tipos morais	624
Gráfico 123 - Agrupamento das dioceses segundo os 3 factores da religião como valor	628
Gráfico 124 - Composição social dos tipos da religião como valor	632

CAP. XI - A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOMINICAL NO BINÓMIO RELIGIÃO E SOCIEDADE	633
Gráfico 125 - Composição social média da missa dominical	645
Gráfico 126 - Percentagem de comungantes, por tipo social	648

ÍNDICE DOS MAPAS

VOLUME 2

II PARTE	274
CAP. X - A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL	560
Mapa 1 - Regiões sócio-religiosas	577
Mapa 2 - Regiões de prática do culto colectivo	590
Mapa 3 - Regiões de culto individual	601
Mapa 4 - Regiões de crenças	610
Mapa 5 - Regiões de valores morais	620
Mapa 6 - Regiões da religião como valor	629
CAP. XI - A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOMINICAL NO BINÓMIO RELIGIÃO E SOCIEDADE	633
Mapa 7 - Regiões segundo a % de comungantes cumpridores do preceito dominical	647

